



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Departamento de Antropologia

Escorts – Uma etnografia com homens brasileiros que fazem trabalho sexual em Portugal

Guilherme Rodrigues Passamani

Doutoramento em Antropologia

Orientador:

Doutor Miguel Vale de Almeida, Professor Catedrático, ISCTE-IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Maio, 2024

Departamento de Antropologia

Escorts – Uma etnografia com homens brasileiros que fazem trabalho sexual em Portugal

Guilherme Rodrigues Passamani

Doutoramento em Antropologia

Orientador:

Doutor Miguel Vale de Almeida, Professor Catedrático,
ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa

Maio, 2024

Departamento de Antropologia

Escorts – Uma etnografia com homens brasileiros que fazem trabalho sexual em Portugal

Guilherme Rodrigues Passamani

Doutoramento em Antropologia

Júri:

Doutora Maria Antónia Pereira de Resende Pedroso de Lima, Professora Associada com Agregação do Departamento de Antropologia do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (Presidente)

Doutora Adriana Gracia Piscitelli, Pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas

Doutora Alexandra Maria da Silva Oliveira, Professora Assistente da Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto

Doutora Maria dos Anjos Maltez Cardeira da Silva, Professora Associada do Departamento de Antropologia da Universidade Nova de Lisboa

Doutor Miguel de Matos Castanheira do Vale de Almeida, Professor Catedrático do Departamento de Antropologia do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

*E há palavras nocturnas palavras gemidos
palavras que nos sobem ilegíveis à boca
palavras diamantes palavras nunca escritas
palavras impossíveis de escrever
por não termos connosco cordas de violinos
nem todo o sangue do mundo nem todo o amplexo do ar
e os braços dos amantes escrevem muito alto
muito além do azul onde oxidados morrem
palavras maternais só sombra só soluço
só espasmos só amor só solidão desfeita*
(You are welcome to Elsinore, Mario Cesariny)

*Tu estás livre e eu estou livre
E há uma noite para passar
Por que não vamos unidos
Por que não vamos ficar
Na aventura dos sentidos*
(Canção do engate, António Variações)

*Era o belo macho, violento e doce,
nascido para ser marginal,
tão nobre de porte que
parecia estar sempre nu...*
(Nossa Senhora das Flores, Jean Genet)

*A meu filho, Valentim.
Meu coração te sente, te espera e te ama!*

Agradecimentos

Esta tese não foi escrita apenas por mim. Houve tantas mãos a colocar esse enredo em pé. A frente de toda gente sempre esteve Exu, o dono das encruzilhadas, o senhor dos caminhos. Ele deu a direção. A ele, meu agradecimento primeiro. Laroyê!

A rosa mais vermelha da Antropologia brasileira é argentina. Agradeço à *loca* que inspirou desde o primeiro movimento desta pesquisa e cujo fantasma ronda todas as páginas. Viva, Néstor Perlongher!

A tese, assim como está, é fruto do meu olhar sobre a pesquisa que levei a cabo. No entanto, ela se constrói a partir da minha interlocução com muitas pessoas. Quero agradecer os mais de 300 homens brasileiros que eu contatei em Portugal. Quero agradecer os que nunca me responderam. Quero agradecer os que responderam uma vez e depois sumiram. Quero agradecer, sobremaneira, os 30 brasileiros que aceitaram estar comigo nessa jornada e me deram condições de realizar a pesquisa. Agradeço os 4 portugueses, frequentadores da “noite gay” de Lisboa, que me situaram no terreno. Além disso, sou muito grato a 4 clientes que me permitiram dividir alguns momentos com eles e abriram uma frente tão bonita na pesquisa. Não poderia, porém, deixar de agradecer especialmente a dois interlocutores, que na tese serão chamados de André e Dagoberto. Eles foram decisivos para o resultado ora apresentado.

Ser orientado por Miguel Vale de Almeida foi uma honra, além de uma responsabilidade. Miguel tem uma importância política destacada em Portugal e uma competência intelectual singular no âmbito da antropologia portuguesa. Não há palavras, neste momento, que sejam capazes de expressar os sentimentos que tenho pelo “senhor doutor meu orientador”. Miguel é sensível e formal, brilhante e discreto na exata medida do fundamental. Um orientador presente. Presente nas reuniões de orientação, presente no texto, presente nas recomendações, presente nos encorajamentos, presente no entusiasmo. Miguel, é inspiração presente. Levo de nossa bonita e breve relação, as melhores lembranças. Muito obrigado!

Agradeço ao júri, Professora Antónia Pedroso de Lima, Professora Adriana Piscitelli, Professora Alexandra Oliveira, Professora Maria Carneira da Silva, Professor Miguel Vale de Almeida, pela leitura atenta, avaliação criteriosa e críticas generosas ao trabalho. Faço um destaque para agradecer especialmente à professora Alexandra Oliveira, que acompanhou a pesquisa ao longo desses quatro anos e cujas valiosas contribuições, espero, ela consiga observar incorporadas ao longo da tese.

Minhas casas nesses anos de Doutorado em Portugal foram o ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa) e a Universidade Nova de Lisboa. Agradeço pelos ensinamentos, por todo o aprendizado e pelo desafio que foi levar a bom termo um processo de ensino-aprendizagem durante a maior catástrofe sanitária do nosso tempo, a pandemia de Covid-19. Agradeço, pois, professoras e professores do ISCTE e da NOVA pelas trocas *online* e *offline* que tivemos. Vocês foram fundamentais para esse resultado. Em tempo, gostava também de agradecer ao Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA).

Foi muito esquisito, e inusitado, cursar um doutorado e, praticamente, não conhecer pessoalmente os colegas. Pois assim foi. Vimo-nos muito pelos ecrãs. Demorou a podermos estar juntos pessoalmente. A todas as colegas e todos os colegas da turma 2020-2021, meu mais sincero agradecimento pelas trocas enriquecedoras. Preciso destacar aquela que foi meu par nesses anos todos, Carolina de Castro Barbosa. Carol foi “pau pra toda obra”. Não imagino esse doutorado sem Carol. Ela foi tão determinante. Ela esteve presente em todos os momentos. Dos mais bonitos e queridos, até discussões, brigas e afastamentos momentâneos. Carol é minha irmã capixaba, a dona das rodas de samba. Carol é alguém de quem sinto diferentes saudades e com quem aprendi a ser mais generoso e sensível diante de uma vida que nem sempre age assim com a gente. Carol tem a doçura, a leveza e a beleza de Oxum. Te amo, meu bem!

A vida fora de nosso país não é fácil, ainda que com alguns pequenos privilégios. O Portugal dos turistas não é o mesmo dos residentes estrangeiros. É fundamental construir redes de afeto. Sobreviver na solidão do desterro é bem pesado. Nesse sentido, amigas e amigos como Fernanda Chaves, Angelita Jardim, Sabrina Alves, Juliana Cruz, João Paulo Costa foram um suporte extraordinário. Eram um pouco do Brasil fora do Brasil. Ricardo Amaral, meu colega de casa e meu amigo, é o português mais sensível e generoso que conheci. Isso, certamente, é resultado do aprendizado com sua família, a quem igualmente agradeço com carinho imenso. Imensa também é minha alegria de ter cruzado com Tiago Barata nas trilhas faiscentes de certa praia da Margem Sul. Tiago é o mais brasileiro entre os portugueses que conheci. A presença dele nessa tese é indelével. Obrigado, querido!

Devo um agradecimento à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde sou professor há 15 anos. Instituição que acreditou em mim e no meu projeto para melhor contribuir com a Antropologia na execução de meu ofício. Um agradecimento especial à Faculdade de Ciências Humanas, a meus colegas de curso e, especialmente, aos amigos Victor Garcia Miranda, Cleverson Rodrigues da Silva e Daniel Estevão Ramos de Miranda Devo um agradecimento detido a Marcelo Victor da Rosa, mais que um colega de trabalho, um amigo que aceitou a

árdua tarefa de ser o primeiro leitor da tese. Marcelo corrigiu, sugeriu, ponderou, opinou. Isso não tem preço e para isso não tenho palavras. Marcelo, muito obrigado!

Agradeço à Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT) que, por meio do Edital Universal 2017, financiou uma parte da presente pesquisa e tornou possível parte do trabalho de campo em Portugal e em Mato Grosso do Sul.

Agradeço ao Núcleo de Estudos Néstor Perlongher (NENP/UFMS), a todas as pesquisadoras e a todos os pesquisadores pelos momentos de aprendizado mútuo, *online* e *offline*. Quero agradecer especialmente a Josafá Barros Camargo Borges pela valiosa contribuição a essa tese, ajudando sobremaneira na sistematização dos dados produzidos em campo.

É sempre um risco listar nominalmente amigos para agradecer. Há gente que fica de fora. A quem ficou de fora, desculpem-me, pois fui traído pela memória. Ainda assim, preciso correr o risco e agradecer a pessoas que foram decisivas em diferentes momentos e por diferentes razões nesse últimos quatro anos. Lídia Rodrigues e Fernanda Cardozo, pela presença sempre. Cristiano Monteiro, por ser um exemplo sofisticado de antropólogo. Alfrânio Pedroso e Henrique Nascimento, por serem presentes de Campo Grande. Marina Brasiliano, Moema Urquiza e Simone Becker, por serem mulheres fortes, generosas e inspiradoras. Esmael Oliveira, por ser exemplo de acadêmico determinado. Débora Mosqueira, por ser meu encontro pantaneiro. Mel Marques e Alfredo Ricardo Lopes, por serem bonitezas sempre de braços abertos na Ilha de Santa Catarina. Diego Fogaça, por ser o meu irmão escolhido a dedo no acaso dos dias.

Bato minha cabeça e posto minhas mãos em agradecimento ao Ilé Oba Agodo Àse Nàgó Kòbì, minha casa de Batuque, minha família de fé, pelas orientações e caminhos, por religar os fios desencapados da minha espiritualidade. Agradeço minha mãe de santo, Larissa de Oxum, e meu avô de santo, Roberto de Xangô, além de meu irmão, Raphael Almeida, por pegar minha mão e me levar para casa. A benção, família!

Agradeço a meu país e ao povo brasileiro. Depois dessa jornada fora de casa, só se confirmou a certeza de que meu lugar é no Brasil junto de minha gente. É tempo de união e reconstrução. Nossa força brota das nossas ausências e das nossas urgências.

Dona Lizete e seu Pedro, meus pais, agradeço pela vida, pela educação, pelas oportunidades, por fazerem de mim uma pessoa honesta e dedicada. Agradeço pelo amor sem limites. Agradeço por terem me escolhido. Agradeço por me fazerem curioso e por colocarem

em mim o gosto pela reinvenção, afinal, já na velhice, vocês se reinventaram e começaram a brincar de viver outra vez. Amo vocês.

Victor Hugo Silva, o encontro bonito em uma noite despretensiosa de segunda-feira de carnaval. Obrigado por ser meu carnaval o ano inteiro, aquele que não terminou na quarta-feira de cinzas. No carnaval das nossas vidas, você é o Arlequim que fez apaixonado esse velho Pierrot.

Agradeço, por fim, ao dono do meu ori, ao criador do mundo, ao senhor do tempo. Meu pai Oxalá, que o seu cajado seja sempre o meu suporte e a segurança de eu estar trilhando o melhor caminho. Êpao, bàbá!

Resumo

A presente tese investiga o trabalho sexual de homens brasileiros em Lisboa/Portugal/Europa. A pesquisa atentou aos fluxos, aos trânsitos, às relações e às performances desses homens envolvidos com os mercados do sexo em contextos transnacionais na condição de *escorts*. A investigação caracteriza-se como multissituada, ainda que tenha Lisboa como base. No entanto, ela foi desenvolvida em 10 países europeus e 5 estados brasileiros entre setembro de 2020 e março de 2023. Para tanto, foi levada a cabo uma revisão sistemática de literatura sobre trabalho sexual realizado por homens, bem como observações de situações, conversas informais e entrevistas semiestruturadas nos diferentes contextos etnográficos. Entre o grande grupo de interlocutores constam 30 *escorts* brasileiros, 4 frequentadores da “noite gay” de Lisboa e 4 clientes de *escorts* brasileiros, acionados a partir de diferentes frentes de entrada no terreno. Alguns resultados da tese são uma discussão metodológica sobre ética, desejo e sexo na pesquisa antropológica; a constituição de um *escort* competitivo nos mercados do sexo; o processo de mobilidade para garantir novos e melhores mercados; a perspectiva dos clientes sobre o “negócio do desejo”; os eventos e substâncias que propiciam ganhos mais relevantes; as doenças que singularizaram a experiência de campo; bem como o retorno ao Brasil e os novos projetos empreendidos pós-*sonho europeu*. Há muito, ainda, por descortinar sobre o trabalho sexual de homens em Portugal. No entanto, agência pode ser uma pista interessante para pensar as particularidades desse nicho das economias sexuais no âmbito de uma economia moral.

Palavras-chave: *escorts*, homens brasileiros, trabalho sexual, masculinidades, sexo comercial, Portugal.

Abstract

The present thesis investigates Brazilian men's sex work in Lisbon/Portugal/Europe. The research focused on the flows, transits, relationships, and performances of these men who are involved with sex markets in transnational contexts as escorts. The investigation is characterized as multi-situated, although it has Lisbon as its base. However, it was developed in 10 European countries and 5 Brazilian states from September of 2020 to March of 2023. For this purpose, a systematic literature review on sexual work performed by men was conducted, as well as observations of situations, informal conversations, and semi-structured interviews in different ethnographic contexts. Among the large group of interlocutors there are 30 Brazilian escorts, 4 frequenters of Lisbon's "gay night" and 4 clients of Brazilian escorts, all of them engaged through different entry points into the fieldwork. Some results of the thesis include a methodological discussion on ethics, desire, and sex in anthropological research; the formation of a competitive escort in sex markets; the mobility process to secure new and better markets; the clients' perspective on the "business of desire"; the events and substances that provide more significant gains; the diseases that marked the field experience; as well as the return to Brazil and the new projects undertaken after the European dream. There is still much to uncover about men's sex work in Portugal. However, agency can be an interesting clue to think about the particularities of this sexual economies' niche into the context of a moral economy.

Keywords: escorts, Brazilian men, sex work, masculinities, commercial sex, Portugal.

Índice

Agradecimento	i
Resumo	v
Abstract	vii
Introdução	1
Capítulo 1. Quando <i>Belchior</i> foi etnógrafo: sobre métodos, técnicas, afetos, desejos e sexo	21
Interlocutores do capítulo	21
1.1. Era uma vez em uma madrugada de inverno	21
1.2. Articulação entre diferentes frentes de investigação	25
1.3. Uma pesquisa atravessada por imponderáveis aterradores	30
1.4. Sobre Antropologia, etnografia e trabalho de campo	33
1.5. <i>Isso vai pra tese?</i>	38
1.6. A Antropologia e o “problema” do sexo	41
1.7. Silêncio e celibato: trabalho de campo e as práticas sexuais	44
1.8. Depois do sexo, problematiza-se o sexo	47
1.9. Sobre ética na pesquisa	51
Capítulo 2. A produção de <i>escorts</i> brasileiros: masculinidades <i>sexotizadas</i>	57
Interlocutores do capítulo	57
2.1. Não se nasce <i>escort</i> , torna-se	61
2.2. Os homens brasileiros nos mercados do sexo em Portugal	65
2.3. A brasilidade <i>safada</i> no trabalho sexual de homens	74
2.4. Elementos constitutivos de um brasileiro <i>escort</i> de <i>luxo</i>	82
2.5. Masculinidades brasileiras legítimas e <i>sexotizadas</i>	91
Capítulo 3. <i>Não se dorme na Europa</i> : mobilidades transnacionais e trabalho sexual	101
Interlocutores do capítulo	101
3.1. Estrangeiros e a vida urbana das cidades: <i>eu sou gringo e brasileiro</i>	107
3.2. As viagens para <i>virar europeu</i>	115
3.3. <i>Não se fica rico em Portugal</i> : as perambulações <i>de praça em praça</i>	120
3.4. <i>Puxar mala</i> rumo a melhores destinos	126
3.5. O antropólogo <i>puxando mala de praça em praça</i>	132

Capítulo 4. <i>Cliente é cliente</i> : problematizações a cerca desse outro do trabalho sexual	143
Interlocutores do capítulo	143
4.1 O(s) cliente(s): sujeitos, perfis, estratégias, negociações	146
4.2 Os <i>clientes fáceis</i> reposicionando o trabalho sexual	159
4.3 Os <i>clientes difíceis</i> : quando o trabalho sexual é <i>muito complicado</i>	167
4.4 Os <i>escorts</i> e o trabalho sexual na perspectiva dos clientes	172
 Capítulo 5. <i>Escorts</i> e a cena <i>chemsex</i> : trabalho, <i>vício</i> e suas articulações	 185
Interlocutores do capítulo	185
5.1 Drogas, cenas, circuitos e festas	189
5.2 <i>Chems, chemsex, slamming</i>	195
5.3 A dinâmica de uma cena de <i>chemsex</i> : <i>escorts, vícios</i> e clientes	204
5.4 Efeitos secundários de uma cena <i>chemsex</i>	211
 Capítulo 6. Sobre pestes e trabalho sexual: Covid-19, <i>varíola dos macacos</i> e hiv/aids	 221
Interlocutores do capítulo	221
6.1 Covid-19 e trabalho sexual: impactos, desafios e estratégias	226
6.2 <i>Monkeypox</i> e trabalho sexual: o surto no “verão da redenção”	238
6.3 <i>Eu tomo PREP</i> : hiv/aids entre deslocamentos e permanências	246
 Capítulo 7. O retorno do <i>sonho europeu</i> : conquistas, frustrações e novos projetos	 261
Interlocutores do capítulo	261
7.1 O <i>sonho europeu</i> e o projeto brasileiro: perambulações etnográficas	262
7.2 Economia moral: o processo de “lavagem” do dinheiro do trabalho sexual	271
7.3 Quando há a frustração do <i>sonho europeu</i>	275
7.4 O sonho da casa própria e outros investimentos	281
7.5 Permanências (im)pertinentes: <i>coisas de gente grande</i>	287
 Conclusões	 303
 Referências Bibliográficas	 313

Introdução

Acabo de voltar da casa de Yuri. Ainda chove e, claro, estou sem o guarda-chuva.. Eu acabei atrasando para encontrar Yuri, o que foi bom. Ele recebeu um cliente de última hora e eu teria esperado bem mais do que eu esperei para entrar. Yuri tem 27 anos¹, é nascido na cidade de Curitiba, no estado do Paraná. Considera-se moreno, tem 1,83m, 70kg e ele diz que seu corpo é magro definido. Possui ensino médio completo (12º Ano), cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele possui título de residência há três anos, embora viva em Portugal desde 2016. Ele já teve residência fixa em Lisboa, mas agora está investindo na carreira internacional, portanto vive de forma itinerante entre os diferentes países. Yuri pretende estabelecer-se em 2023 na Alemanha. Considera-se homossexual. Ele é fluente em inglês e sabe comunicar-se em francês, espanhol, italiano e um pouquinho em alemão. Passava das 21 horas quando cheguei ao prédio de Yuri. Ele está ficando no Príncipe Real. Eu desembarquei do Metro no Rato e fiz uma caminhada de uns 15 minutos na chuva, o que me pareceram duas horas. Na esquina da casa dele está o Finalmente, um espaço LGBT clássico de Lisboa. Lembro de, há muitos anos, ter ido ali, quando estudava em Coimbra e vim a Lisboa. Agora o Finalmente está um pouco diferente. Virou uma espécie de bar/restaurante por conta da pandemia. Quando eu cheguei no prédio de Yuri, mandei uma mensagem. Ele me respondeu: espera mais uns minutos, estou quase gozando. Esse cara demora e ele quer que eu goze. Achei aquilo muito curioso. Qual seria a situação que Yuri estava que conseguia transar e me enviar uma mensagem? Procurei um lugar para me proteger da chuva, apesar de já estar bastante molhado. Tardou uns 15 minutos e saiu um senhor de estatura baixa, na casa dos 50 anos, um típico tiozinho, um homem comum, com seu guarda-chuva. Nos olhamos rapidamente e ele deu aquele sonoro Boa Noite, no melhor sotaque português. Eu respondi com o melhor sotaque português que eu consegui. Entrei no prédio. Yuri me esperava com a porta aberta. Apesar do frio e da chuva, ele estava só de short, pois a calefação ameniza a temperatura mais baixa. Não sei explicar exatamente qual é o cheiro do sexo, mas o quarto dele cheirava a sexo. Também tinha um outro cheiro um pouco mais indigesto. Eu procurei abstrair, mas Yuri me disse: você deve estar sentindo o cheiro, né? Ele sempre faz isso. Mas ele paga bem, daí relevo. Vou dar jeito nisso. Ele usou um aromatizante e amenizou o cheiro ruim. Eu já tinha visto Yuri vestido algumas vezes. Praticamente sem roupa e sem muitas cerimônias, era a primeira vez. Ele foi recolhendo os lençóis, os lenços umedecidos, papel higiênico, enfim. Organizou o quarto. Vestiu uma regata que deixava a mostra os seus músculos nada anabolizados. A regata ficava justa em seu corpo. Sem meias palavras, me disse: vou trocar esse short, tá gozado aqui? Eu já havia percebido, mas em um esforço de descrição etnográfica, outra vez, tentei abstrair. Ele tirou o short na minha frente e notei seu pênis, digamos que quase ereto. Yuri me disse: Viagra faz isso e demora a baixar mesmo. Colocou uma calça de moletom, sem cueca e me falou: você deveria fazer o mesmo, está todo molhado. Eu te empresto uma roupa. Eu não poderia responsabilizar

¹ Todos os nomes dos interlocutores são fictícios. Todas as idades referem-se ao ano de 2020. No começo de cada capítulo será apresentado um sucinto perfil sociológico dos interlocutores com os quais dialogarei naquele capítulo.

o Viagra por certos movimentos involuntários na zona meridional de meu corpo, mesmo assim mudei de roupa ali, fingindo costume, afinal eu estava muito molhado mesmo. Usei uma camiseta e uma calça de moletom, enquanto ele levou minhas roupas para a secadora. Houve, pelo menos na minha percepção, uma tensão erótica e sexual naquele momento. Mas ficou por isso mesmo. To cheio de fome, disse ele. Vamos comer algo? Assenti. Fomos para a cozinha fazer comida, tomar um vinho e conversar sobre a sua história. Conversamos sobre sua carreira internacional, sobre a pandemia, o Brasil, os seus amantes, os seus clientes, enfim, um pouco de tudo. Eu estava especialmente interessado no contexto das praças e das cenas de chemsex, afinal alguns amigos dele me diziam que Yuri ganhava muito dinheiro viajando e indo às festas com drogas (Cadernos de Campo, Lisboa, Portugal, dezembro de 2021).

A tese ora apresentada é uma teia tecida a partir de diferentes observações de situações ao longo de dois anos e meio de trabalho de campo com homens brasileiros que fazem trabalho sexual em Portugal e em outros países da Europa. O antropólogo Max Gluckman afirma que, ao observar e analisar eventos sociais em uma sociedade específica:

As situações sociais constituem uma grande parte da matéria-prima do antropólogo, pois são os eventos que observa. A partir das situações sociais e de suas inter-relações numa sociedade particular, podem-se abstrair a estrutura social, as relações sociais, as instituições, etc. daquela sociedade (Gluckman, 1995, p. 228).

A minha pesquisa fez esse caminho na medida em que seguiu pessoas específicas, atentando para suas relações como matéria-prima para reflexões sobre processos mais amplos. Segundo Gluckman, as situações sociais e suas inter-relações fornecem *insights* fundamentais para entender uma sociedade. Ele o fez a partir de um estudo de caso detalhado, que foi publicado como *Análise de uma situação social na Zululândia Moderna* (1987), ainda nos anos de 1940. Naquela altura, a reflexão de Max Gluckman introduzia uma nova abordagem para o trabalho etnográfico, colocando-o no centro da investigação, a partir da análise detalhada de uma situação social específica – no caso da pesquisa dele, a inauguração de uma ponte.

A perspectiva defendida pelo autor, a partir da Zululândia, era a de que africanos e europeus, naquele contexto, compunham um único campo social, mas divididos em dois grupos raciais. Na divisão racial dava-se a sua unidade estrutural. Foi por meio do estudo de caso detalhado que ele conseguiu perceber a posição das pessoas, atentando para como os grupos se (re)posicionavam em relação a diferentes objetivos e configurações políticas em um contexto sócio-histórico mais amplo.

Para o autor, o fato de zulus e europeus cooperarem na inauguração da ponte sugere que eles constituem conjuntamente uma única “comunidade”, ainda que com modos específicos de comportamento. Apesar de estarem organizados em dois grupos distintos na inauguração da ponte, depreende-se do fato da presença conjunta ali uma união na celebração de um interesse comum. Nas interações entre os dois grandes grupos, há frequentes hostilidades e conflitos. Intragrupos raciais, porém, as relações seriam mais harmoniosas.

A ênfase trazida pelo trabalho de Gluckman, e que vai nortear as investigações da Escola de Manchester, concentra-se na adoção de uma abordagem de estudo microscópico e minucioso das relações sociais. Caracteriza-se, assim, pela observação direta do comportamento dos indivíduos, a execução de suas ações, a análise das interações estabelecidas e a identificação das estratégias empregadas em contextos específicos. O foco nos indivíduos e em suas estratégias implica reconhecer a importância dos agentes individuais na dinâmica social e nas mudanças que ocorrem na sociedade.

A tese que defendo agora é resultado de uma pesquisa etnográfica sobre trabalho sexual e inspira-se nessas reflexões de Max Gluckman. Do ponto de vista do objeto específico de análise, trata-se do trabalho sexual de homens brasileiros na cidade de Lisboa e/ou os seus trânsitos por Portugal e/ou outros países europeus. O problema respondido pela tese é: como se apresentam as particularidades e como operam as estratégias do trabalho sexual de homens brasileiros em Lisboa e/ou em seus trânsitos por Portugal e/ou por outros países europeus? Há outro de caráter mais epistemológico: em que medida o trânsito, através das fronteiras, de sujeitos brasileiros envolvidos no trabalho sexual, amplia o conhecimento sobre gênero e sexualidade, mercados do sexo, fronteiras e mobilidades?

Quero destacar, desde já, que, ao longo da tese, utilizarei a expressão trabalho sexual em detrimento a prostituição. Segundo Alexandra Oliveira (2004), o trabalho sexual é uma noção mais abrangente para compreender o vasto leque de serviços prestados que envolvem o sexo comercial. Além disso, tais atividades são efetivamente compreendidas como trabalho. Nesse sentido, a prostituição, isto é, *grosso modo*, a prática de relações sexuais no âmbito de trocas comerciais, é uma parte do trabalho sexual. Segundo a autora, o trabalho sexual abarca uma gama de serviços ou produtos sexuais comerciais. Esses serviços e produtos incluiriam a prostituição, a pornografia, o *striptease*, as danças eróticas, as chamadas telefônicas eróticas, além de outras atividades ligadas atualmente ao ciberespaço.

Também gostaria de pontuar que não vou utilizar “masculino” junto a “trabalho sexual” e sim as expressões “de homens” ou “por homens”. Não entendo que a dimensão da masculinidade seja restrita a pessoas do sexo biológico assignado como masculino. Tampouco

a compreendo como passível de ser expressa de uma única forma. A masculinidade pode estar presente em corpos não necessariamente reconhecidos como de homens. Em vista disso, utilizarei as expressões: “trabalho sexual exercido por homens” ou “trabalho sexual de homens”. Em meu campo, os homens são cisgêneros. Ainda que haja homens trans nos mercados do sexo, não consegui estabelecer contato com eles a partir de minha rede em campo.

Ao longo da tese, mercados do sexo e economias sexuais serão expressões recorrentes. Segundo Adriana Piscitelli (2016), os mercados do sexo operam como um jogo entre oferta e demanda de sexo e sensualidade. A autora diz que ele “remete ao vasto terreno dos intercâmbios materiais e simbólicos mediante os quais se organiza o social. [...] os mercados do sexo envolvem não apenas intercâmbios caracterizados como ‘comércio’, mas também outras trocas que não são assim concebidas (Piscitelli, 2016, p.4). Por outro lado, as economias sexuais visam contextualizar as interações sexuais e econômicas dentro de um contexto mais amplo de relações sociais, abrangendo diversas formas de trocas sexuais e econômicas, inclusive o casamento (Cabezas, 2009; Cole, 2014; Simmel, 2001). Amalia Cabezas (2009) introduz o conceito de "sexo tático" ao considerar o casamento como parte dessas dinâmicas, destacando a dimensão emocional presente nas interações sexuais e econômicas, caracterizadas por acordos contingentes e temporários que envolvem não apenas prazer, mas também companheirismo e amizade.

Meu interesse reside em aprofundar os debates sobre os homens envolvidos nas economias sexuais transnacionais, especialmente aqueles que trabalham como profissionais do sexo. Enquanto muito foi discutido sobre mulheres (cis e trans) e travestis, sabe-se relativamente pouco sobre os homens que trabalham com sexo, uma realidade compartilhada entre Brasil e Portugal. Para isso, comecei investigando uma rede de homens que se dedicam ao trabalho sexual em Portugal. Além disso, é importante compreender os processos que levam o trabalho sexual, frequentemente considerado degradante e quase abjeto em alguns contextos, a ser uma escolha consciente, e também entender as oportunidades que essa escolha proporciona em um país estrangeiro. Isso implica reconhecer o trabalho sexual como uma atividade dotada de agência e possibilita uma compreensão mais profunda das suas dinâmicas.

Há algo de particular no trânsito de meus interlocutores. Nos primeiros contatos com um interlocutor-base, já percebi que a rede de homens que faz trabalho sexual em Lisboa, e da qual ele faz parte, não é constituída por pessoas que poderiam ser nomeadas estritamente como pobres e em flagrante situação de vulnerabilidade socioeconômica. Ou seja, o trabalho sexual não parece ter sido o último recurso desses homens. A maior parte dos homens com os quais eu estive em contato durante o trabalho de campo, como esse interlocutor-base, é escolarizada,

pertence a uma família minimamente estruturada, com pais e familiares empregados e que lhes garante um lugar estável na estrutura de classes do país. Eles, nesse sentido, fugiriam da associação que poderia vincular trabalho sexual à pobreza, falta de oportunidade, escolarização precária, etc.

Portanto, pensar as particularidades e estratégias desses sujeitos nos mercados do sexo local foi especialmente interessante porque desafiou a pesquisa a olhar para outras variáveis que não essas. Além disso, como dito antes, o trabalho sexual pode estar afinado com uma noção de agência e à possibilidade de acessar outras fronteiras, bem como desloca a pessoa que faz trabalho sexual do lugar de sujeito abjeto ao longo desse processo.

A pesquisa percebeu as relações que aproximam algumas categorias de diferenciação como gênero, sexualidade, classe, raça, nação, geração, estética corporal e escolaridade, a fim de compreender como são tecidas as redes e a agência entre os trabalhadores sexuais e entre trabalhadores sexuais e clientes. É relevante que em tempos de ressurgimento de pânico morais que abarcam as questões de gênero e sexualidade, a ciência invista pesquisa no campo de uma área até hoje ainda percebida a partir de uma série de estigmas, como o trabalho sexual. Se, por um lado, o senso comum o trata como a “profissão mais antiga do mundo”, por outro, dizer, por exemplo, que se é consumidor desse mercado é, no mínimo, desconfortável. Compreender os meandros dos mercados do sexo por meio das mobilidades que aproximam Brasil e Portugal, na especificidade do oferecimento de serviços dos homens que fazem trabalho sexual ajuda a melhor compreender as variações do universo da sexualidade para ampliar as concepções possíveis de trabalho, bem como iniciativas no âmbito do cuidado em termos de saúde sexual.

Essa pesquisa aclarou alguns pressupostos sobre o trânsito de brasileiros envolvidos com o trabalho sexual em contextos transnacionais. Um deles foi o de problematizar esse ramo dos mercados do sexo como um bloco monolítico. O olhar mais apurado, atento e suportado pelas contribuições da etnografia, mostrou as complexidades que envolvem esse trabalho. Complexidades essas que vão desde a apropriação do território nas cidades, demarcando espaços possíveis para o oferecimento dos serviços, até intrincadas relações com os clientes, outros trabalhadores sexuais, passando por violência, drogas, relações familiares ampliadas e a utilização dos mais variados mecanismos tecnológicos que “modernizam” o negócio constituindo novas estratégias para esse ramo da economia do desejo.

Ter acompanhado os interlocutores nos contextos transnacionais de oferta do trabalho sexual tornou possível olhar melhor para questões como a construção do corpo e as performances de gênero desenvolvidas, além de atentar para as vulnerabilidades a que esses sujeitos estão submetidos em vista dos negócios empreendidos. Nesse sentido, um possível

desdobramento da pesquisa, a partir dos sujeitos investigados, pode ser estabelecer estratégias mais eficazes de gestão das políticas públicas para essa população trabalhadora nos cenários transnacionais.

O brasileiro continua a ser um “outro” em Portugal. Essa alteridade é manipulada por portugueses, mas também por brasileiros. O fato de nunca conhecer totalmente este outro pode ser um estimulante do desejo, do prazer e configurar um elemento a mais nas economias sexuais a particularizar os homens brasileiros em função do imaginário criado acerca deles. Contudo, categorias como violência, cuja pertinência é tão comum quando se trata de trabalho sexual de mulheres (cis e trans) e travestis – principalmente da violência dos clientes contra as trabalhadoras sexuais – não foi recorrente no trabalho sexual de homens, em vista das assimetrias de gênero, orientação sexual, ou até mesmo classe e escolarização, inexisterem de forma tão marcada. Isso não quer dizer que nesse *negócio* entre homens não haja discursos de violência ou experiências de violência em meu campo. Há. No entanto, são discursos muito pontuais e, não raro, dizem respeito a outrem que não o sujeito com o qual eu estava em interlocução direta.

Também diferente do que ocorre no trabalho sexual de mulheres (cis e trans) e travestis, o trabalho sexual de homens brasileiros é acionado como um trabalho intermitente, como uma ocupação passageira, como um complemento de ganhos financeiros para a maior parte dos interlocutores. Algo que pode relacionar-se a certo privilégio dos homens em uma sociedade centrada neles. Além disso, o trabalho sexual foi resultado de uma organização mais individual e menos dependente de uma estrutura mais robusta como nos casos de mulheres (cis e trans) e travestis. Não é incomum, no entanto, que os brasileiros também diversifiquem a oferta de produtos comercializados no mercado do sexo, ao envolverem-se com a venda de drogas e outros produtos convencionalmente compreendidos como “ilícitos”.

Do ponto de vista teórico, há algumas filiações que precisam ser destacadas, pois o argumento as terá como norteadoras do fio condutor analítico das narrativas. Boa parte das reflexões da tese são devedoras de Michel Foucault (2016) e toda a sua reflexão sobre poder. Para o autor, o poder não funciona como uma propriedade que alguém tem e outra pessoa não tem. O poder é uma relação, um processo, um feixe de relações dissolvido no todo social. Nesse sentido, não há um centro e muitas forças estão em constante tensão nas relações de poder. Essa noção foi bastante relevante para analisar os meandros do trabalho sexual de homens brasileiros em Lisboa/Portugal/Europa.

Se o poder é descentrado, se ele não é total, nem definitivo, muito interessou problematizar as estratégias de poder estabelecidas pelos sujeitos em contextos desfavoráveis, pois entendi que elas podem ensejar economias de poder, que para Michel Foucault são o “[...] conjunto dos meios operados para fazer funcionar ou para manter um dispositivo de poder. Podemos também falar de estratégia própria às relações de poder na medida em que estas constituem modos de ação sobre a ação possível, eventual, suposta dos outros” (1995, p. 248).

Em diálogo com Foucault, Judith Butler foi interessante para aclarar como o sujeito aparece em constante construção no seio das relações de poder. É com base nessa lógica que a autora informa que ninguém é sujeito, sem antes ter sido assujeitado, ou seja, ter cumprido um processo de subjetivação (Butler, 2003). A noção de sujeito foi bastante explorada nas reflexões que empreendi. Isso explica-se, pois ela pode ser resultado de atos performativos que configuram sentido às experiências de gênero e sexualidade. Tais experiências de gênero podem ser resultantes de relações sociais a produzir um tipo ideal de masculinidade hegemônica, tal como problematiza Miguel Vale de Almeida (1995).

Por que eu digo isso? Porque os atos performativos são atos de linguagem que, mais que descrever, são constituintes de sujeitos nas relações discursivas de saber-poder. Nesse sentido, o mesmo Vale de Almeida sentencia que há uma intensa vigilância sobre as brechas da masculinidade enquanto performatividade. Ainda que vigiadas, há brechas e assim também foi relevante a noção de agência em Butler. Para ela, agência é uma possibilidade de articulação e de resignificação no sentido de “poder fazer”. Nas palavras de Casale e Femenías, “a agência não é assim um ‘atributo’ dos sujeitos, mas sim uma característica performativa de significado político” (2009, p. 24).

Percebo o debate sobre agência conduzindo diferentes momentos da narrativa ao longo da tese. Segundo Sherry Ortner (2007), agência é um jeito de conseguir ler questões complexas que articulam os agentes e as forças sociais. Para ela, pode haver, ou não, intencionalidade na agência; ao mesmo tempo em que há um caráter “mais universal”, a agência é culturalmente demarcada, pois está ligada a um determinado contexto. E, assim, torna-se complicado desatrelar agência de poder. Nesse sentido, a concordar com Butler, agência não é uma “coisa em si”, mas um processo.

Agência pode ser percebida como relações, ora de solidariedade, ora de poder. Em outras situações ela pode ser uma teia de relações de solidariedade e poder ao mesmo tempo, o que determinará quais serão as articulações contextuais nas quais os sujeitos estarão emaranhados. A agência pode ser um elemento importante para ajudar a articular posições estratégicas/possíveis para o nosso estar no mundo. Por um lado, isso se dá como projeto, no

âmbito das relações culturais mais amplas, das quais não conseguimos escapar. Por outro lado, ela dá-se no âmbito das relações de poder nas quais também estamos sempre imersos.

Para pensar a agência dos sujeitos de minha pesquisa e suas estratégias, uma ferramenta potente foi a noção de interseccionalidade, importante contribuição teórica e política do movimento feminista negro. O conceito foi sistematizado por Kimberlé Crenshaw (1991). As interseccionalidades são articulações em torno das categorias raça e gênero que permeiam o social e constituem diferentes lugares sociais aos sujeitos. Algumas vezes, muitas, tais intersecções constituem desigualdade. Em outros casos, como uma versão menos sistêmica e mais construcionista, a diferença é percebida como potência (Brah, 2006; McClintock, 2010).

As interseccionalidades foram importantes na tese que desenvolvi no sentido de aglutinarem outros marcadores sociais da diferença com raça e gênero. Questões de sexualidade, escolarização, nação, geração, estética corporal, entre outros, ajudaram a olhar, com um pouco mais de propriedade, para a complexidade que envolve os sujeitos da pesquisa, bem como as estratégias de agência por eles manipuladas. Foi assim que explorei dimensões outras que não apenas aquelas que são limitadas por noções binárias de oprimidos e opressores, além de ler as diferenças que potencialmente os constituem de forma descolada de desigualdade. E, portanto, as interseccionalidades foram contributo para revelar limites e possibilidades desses supostos.

Quando analisei os deslocamentos dos sujeitos de pesquisa, utilizei os inspiradores trabalhos de Adriana Piscitelli (2001, 2007, 2011). A autora problematiza o trânsito de mulheres brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Suas análises ajudaram a pensar um pouco melhor as minhas questões, ainda que não se tratando especificamente do mesmo grupo de interesse. No entanto, não obstante as formulações de minha pesquisa sejam diferentes, as análises de Piscitelli foram potentes para interrogar gênero, sexualidade, uma racialização da “brasilidade” e uma espécie de “tropicalização” do trabalho sexual.

É importante destacar que a dinâmica das relações entre brasileiros e portugueses é de ordem simbólica, como também mantém estreita relação com o passado colonial. Uma crítica a estas percepções pode ser observada em *O Atlântico pardo: antropologia, pós-colonialismo e o ‘caso lusófono’*, de Miguel Vale de Almeida (2002). O autor problematiza o engessamento de algumas concepções identitárias advindas do colonialismo. Nesse sentido, o pós-colonialismo, ao olhar para estes processos levando em consideração ambiguidades e o multiculturalismo, os percebe como fatos sociais e não como dados identitários inquestionáveis e atemporais.

No caso do estudo de Igor Machado (2008), as interações entre portugueses e brasileiros foram interpretadas por ele como sendo configuradas por processos de exotização, onde a compreensão de estereótipos os caracterizava enquanto *alegres* e, por processos de subordinação ativa, os próprios brasileiros reproduziam certas características esperadas pelos portugueses. Nesta dinâmica, o lugar subalterno ocupado pelos brasileiros era constituído pelo imaginário português que os posicionava em certas categorias, enquanto estes agiam em consonância, acriticamente, com certos estereótipos para obter algum lugar de prestígio, em especial no mercado de trabalho.

A produção de estereótipos de “brasileiros e “brasileiras” em Portugal também aparece na instigante etnografia de Paula Togni (2019). A proximidade das línguas é vista como um sinal positivo para aqueles que não sabem outros idiomas e mantêm certo medo com o contato com nacionalidades “distantes” da brasileira. Além de Portugal estar em uma rota mais abrangente para desenvolvimento de uma série de novas relações.

Por fim, mas não menos importante, um outro ponto significativo na tese foi a questão de raça/racialização. Já se sabe, com Kabengele Munanga (2003), pelo menos, que raça tem sido lida como questão política e sociológica no Brasil, onde o racismo é um constructo muito mais de marca que de origem (DaMatta 1987). Miguel Vale de Almeida (2000) oferece uma contribuição oportuna para pensar raça, cultura e política da identidade a partir do olhar português. Em *Um mar da cor da terra*, ele apresenta pesquisas fruto de diferentes trabalhos de terreno. Vale de Almeida mobiliza raça e cultura como estratégias de pensar as disputas da “diferença e/ou da desigualdade que enformam os processos de construção de identidades e as políticas de representação cultural (2000, p. X)”. Tais processos e disputas conformariam uma espécie de “Atlântico pardo”, cujas nuances matizam as relações (outrora profundamente violentas) entre uns e outros e que consubstanciou uma gente “miscigenada”.

Esses debates acabam por informar que no Brasil a cor ganha uma importância grande nas discussões e definições de raça e, até, quem sabe, de etnia. No Brasil de tantas cores, a cor pode ser compreendida, como adverte Monique Miranda (2010), como o resultado de intrincados níveis de relações sociais a que os sujeitos estão envolvidos. Cor, nesse sentido, é resultado de muita negociação no Brasil (Sansone 2003). Segundo Lilia Schwarcz (2012), cor exprime uma experiência social, que pode ser bastante sofrida para todos aqueles cuja cor não é branca. Assim, cor tem subordinado pessoas não brancas. No entanto, isso pode transformar-se quando em articulação com classe, nação ou geração, entre outros.

Yvonne Maggie (1998) mostra que a categoria *moreno* pode ser uma categoria intermediária para fugir do racismo. Já para Livio Sansone (2003), o termo abriga uma

ambiguidade ao poder abarcar desde pessoas brancas com cabelos mais escuros, até negros cuja tonalidade da pele é mais clara. É interessante pensar, tal como Alan Augusto Moraes Ribeiro (2010), que a ideia de moreno pode ser resultado de um processo cultural/ideológico persistente de branqueamento, que buscaria eliminar a proximidade com a negritude. No limite, eliminar a negritude.

Como afirma Lilia Schwarcz, “raças e cores no Brasil atuam como construções sociais arbitrárias, mas não aleatórias. Representam arranjos diacríticos, relacionais, posicionais (2012, p. 55). Gibran Braga (2015), em seu trabalho sobre homens negros no homoerotismo *online*, diz que há uma ambiguidade em relação a estes sujeitos. Por um lado, uma sobrevalorização resultante da hiperssexualização dos corpos negros, no caso masculinos. Por outro, uma exigência de afastamento da categoria negro, que, em vários contextos, ainda é constituída como de desprestígio social, o que exige ações no sentido de aproximar os sujeitos da categoria moreno. Braga chama esse “enunciado performativo” de “clareamento estratégico” e faz com que negros se classifiquem como “morenos escuros”; “morenos escuros” como “morenos”; “morenos” como “morenos claros”, entre tantas outras variações. O objetivo seria garantir uma sobrevida no flerte *online* e desdobrá-la para o *off-line*.

Quanto ao trabalho sexual realizado por homens, ao esmiuçar a produção brasileira sobre o tema, ainda que exista uma produção nacional em diferentes regiões do país desde os anos de 1980, mais fortemente, as investigações ainda são tímidas e estão longe de estar consolidadas. O trabalho base e paradigmático neste campo é a dissertação de mestrado de Néstor Perlongher, transformada no livro *O negócio do michê* (1987).

O trabalho de Perlongher é basilar e inovador. A sua investigação com os trabalhadores sexuais no centro da cidade de São Paulo, região conhecida como Boca do Lixo, é maior do que os limites de uma pesquisa sobre trabalho sexual masculino, embora seja primoroso nesse aspecto. A etnografia de Perlongher abre possibilidade de discutir gênero, sexualidade e outras categorias de diferenciação, nomeadas por ele como *tensores libidinais*, isto é, foi possível pensar gênero e sexualidade em intersecção com cor/raça, classe, escolarização, região, território, entre outros. Tais abordagens foram possíveis a partir de um contato frequente com os trabalhadores sexuais, possibilitando compreender aqueles sujeitos para além das performances desenvolvidas na rua e, principalmente, tentando compreender os meandros no negócio empreendido entre eles e os clientes.

Ele descreve e analisa as especificidades do contrato estabelecido entre dois homens: o trabalhador sexual e o cliente. É interessante, pois já nos anos de 1980, Néstor Perlongher estava propondo uma análise mais complexa acerca das informações provenientes dos seus sujeitos de pesquisa. Ele não fala em categorias de diferenciação, mas ele diz estar a pensar a partir de “séries”. Essas séries são as categorias analíticas utilizadas pelo antropólogo: idade, classe, gênero. Essas categorias, segundo ele, poderiam ajudar a dimensionar os mecanismos que tornavam o corpo do trabalhador sexual valorizado e desejável diante do cliente. A questão da violência estava presente na observação de Perlongher e, segundo ele, ela poderia ser fruto da promessa de masculinidade sendo vendida no trabalho sexual viril. A violência poderia, ela mesma, ser um elemento desejado, pois atestaria a virilidade do negócio.

Há trabalhos anteriores sobre homossexualidade masculina no Brasil, por exemplo, que tratam, de maneira tangencial, sobre trabalho sexual masculino. Esse é o caso de Barbosa da Silva ([1957] 2005), Carmen Dora Guimarães (2004), João Silvério Trevisan (2000), Peter Fry (1982), Peter Fry e Edward McRae (1985), James Green (2000). Esses trabalhos fazem uma espécie de radiografia da homossexualidade masculina, fundamentalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, em diferentes períodos históricos. Em todos eles, em maior ou menor medida, aparece referência ao trabalho sexual realizado por homens, quase sempre de rua, como que conferindo sentido às relações hierárquicas estabelecidas entre homossexuais e seus parceiros.

De maneira geral, a problemática do trabalho sexual de homens aparecia junto a outras modalidades de trabalho sexual nas investigações acadêmicas, como na de Miguel Ângelo Ribeiro (1997), em que se discute trabalho sexual de mulheres cis, homens e travestis no bairro de Copacabana no Rio de Janeiro. Situação que se transforma um pouco com o trabalho de Ana Isabel Fábregas-Martínez (2000), quando ela pesquisa a identidade masculina entre homens que fazem trabalho sexual em Porto Alegre. No entanto, as iniciativas eram ainda isoladas e significativamente pontuais.

O trabalho *Ô de caso, ô da rua: território e derivas na prostituição masculina de rua em João Pessoa (2007)*, de Wagner de Oliveira Lima, pensa questões como masculinidade, virilidade, estética e tradição a partir da apropriação do espaço urbano, dos territórios de trânsito e deriva dos trabalhadores sexuais no centro da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. É interessante no trabalho do autor, as possíveis rupturas e permanências estabelecidas entre o mundo da rua e do trabalho, associados ali com o trabalho sexual, e o mundo da casa, da família e da tradição.

O nordeste do país apresenta outras reflexões sobre a temática aqui em voga. A pesquisa de Epitácio Nunes de Souza Neto, *Entre boys e frangos: análise das performances de gênero*

dos homens que se prostituem em Recife (2009), procura analisar as vivências dos homens que se envolvem no trabalho sexual no centro da cidade de Recife. O autor desenvolveu uma pesquisa etnográfica composta por observação de situações, conversas informais e entrevistas e mostra como são decisivas as marcas de diferença entre clientes e homens que fazem trabalho sexual, estruturando uma espécie de lógica do desejo.

Na segunda década dos anos 2000, as pesquisas sobre trabalho sexual de homens começam a aparecer em maior medida. José Maurício da Silva (2011), por exemplo, reflete sobre algumas questões sociais e psicológicas que envolvem o trabalho sexual de homens e a relação que é estabelecida com os clientes desse negócio. No entanto, uma novidade trazida pelos novos estudos é o olhar sobre outros espaços que não necessariamente a rua. Cada vez mais, as pesquisas desenvolvidas estruturam-se a partir de saunas e outros lugares como discotecas, clubes de sexo, classificados de jornais, sites e aplicações.

Um trabalho que explora o universo das saunas é o de Victor Hugo de Souza Barreto (2011). Em *“Às vezes eu me sinto uma puta da zona!” – A atividade da prostituição vista por garotos de programa*, o autor reflete sobre sua etnografia desenvolvida com trabalhadores sexuais no Rio de Janeiro, a partir de saunas onde ocorre a atuação desses homens. O olhar de Barreto concentra-se na tentativa de perceber a relevância da sexualidade na construção da subjetividade de seus interlocutores.

Nesse mesmo período foi desenvolvida no Rio de Janeiro uma pesquisa sobre o trabalho sexual de homens na rua (Alves, 2011). O trabalho deu-se na Ilha do Governador e na região da Lapa. Em Belo Horizonte, Alexandre Eustáquio Teixeira (2011) problematizou as questões de emprego, trabalho e profissão a partir de atividade dos garotos de programa na região metropolitana da cidade. Também Reginaldo Guiraldelli e Marisa Fernandes de Souza (2013) pesquisaram o trabalho sexual masculino - em Belo Horizonte – olhando para a experiência desses sujeitos que vivem e sobrevivem em um universo marcado por preconceito, estigma e discriminação. Preocupações correlacionadas apareceram no trabalho de Manoel Antônio Santos (2011) com atenção particular à percepção dessa população quanto à maior ou menor vulnerabilidade a ISTs/aids.

A tese de Maria de Lourdes dos Santos (2013) sobre trabalho sexual de homens no centro de Fortaleza constatou a existência de hierarquias no mercado do sexo organizado a partir de categorias como juventude e masculinidade. O trabalho de Augusto Radde (2014), por sua vez, analisou o discurso do corpo no trabalho sexual masculino. A pesquisa destacou as noções dos

trabalhadores sexuais sobre a necessidade e centralidade da construção de um corpo desejável, bem como a problematização do lugar ocupado por esses sujeitos na cidade de Porto Alegre.²

Em Portugal o trabalho sexual realizado por homens foi pouco investigado até hoje. O trabalho mais antigo a que eu tive acesso foi *Prostituição masculina em Lisboa*, de António Duarte e Hermínio Clemente (1982). O texto tem menos um caráter acadêmico e mais o formato de uma “grande reportagem” jornalística sobre “homens afeminados” e “travestis” que se prostituíam nas imediações do Parque Eduardo VII e Avenida da Liberdade entre finais dos anos de 1970 e princípio dos anos de 1980.

O trabalho sexual de homens em Portugal tem aparecido como parte das investigações sobre o trabalho sexual de mulheres cis e trans. Uma das poucas investigações em que os homens aparecem de forma menos lateral, é a de Alexandra Oliveira (2013) sobre a prostituição de apartamento na cidade de Lisboa. Embora a maior parte da interlocução dela, em torno de 65%, seja com mulheres cis e trans. Ainda há que destacar o recente trabalho de Mariana Rosa Pinto Pereira Melo (2015) sobre o trabalho sexual *indoor* de homens para clientes homens na cidade do Porto e sua região metropolitana. E, por fim, a pesquisa de Henrique Pereira (2008), sobre o trabalho sexual online de homens em Portugal. A escassez de pesquisas com homens no trabalho sexual no país dá pistas de como esse campo ainda pode ser bastante explorado.

Do ponto de vista das questões que envolvem o trabalho sexual de maneira geral, a pesquisa de Francisco Inácio dos Santos Cruz (1841) é considerada a primeira sobre prostituição em Portugal. Ela discutia, basicamente, questões sanitárias em relação às trabalhadoras sexuais da época. O olhar era bastante negativo e moralizante em relação à prostituição. Outro dos livros que poderia chamar de clássico é *Os bons e velhos tempos da prostituição em Portugal*, de Alfredo Amorim Pessoa (1887), onde há um olhar estigmatizante acerca do trabalho sexual de mulheres na segunda metade do século XIX. Mas, sobretudo, há a tentativa de um planeamento histórico-ocidental acerca desse fenômeno. O olhar estigmatizante do autor é recorrente e isso é destacado na edição de 1976, que conta com anotações de Manuel João Gomes. A seu turno, José Machado Pais (1985), em *A prostituição e a Lisboa Boémia do Século XIX aos inícios do Século XX*, traz uma contribuição bastante interessante sobre a história do trabalho sexual de mulheres na cidade de Lisboa, bem como suas relações com outras dimensões da vida social. A ruptura com as visões estigmatizantes e moralistas do século XIX é flagrante.

² Um panorama mais pormenorizado sobre o trabalho sexual realizado por homens no Brasil desde os anos de 1980 foi realizado por Guilherme Passamani, Tatiana Lopes e Marcelo Victor da Rosa (2019).

Destacam-se as contribuições de Isabel do Carmo e Fernanda Fráguas (1982) sobre trabalhadoras sexuais no sistema penitenciário na cidade do Porto; Alexandra Oliveira sobre trabalho sexual feminino na cidade do Porto, seja ele praticado na rua, em apartamentos, casas de alterne ou bordéis ([Manita e Oliveira] 2002, 2004, 2011). Sobre as pesquisas de Alexandra Oliveira há que destacar uma série de questões, tanto no que diz respeito ao compromisso ético com as mulheres que participam das suas pesquisas; bem como a aproximação com o método etnográfico para a realização das investigações. No entanto, foi nos trabalhos de Oliveira que percebi primeiro um posicionamento acadêmico anti-estigmatizante em relação ao trabalho sexual, uma postura política anti-abolicionista e o reconhecimento do trabalho sexual como trabalho tão legítimo como qualquer outro. São trabalhos estimulantes e inspiradores para o que eu gostava de desenvolver.

O livro *Vidas na Raia: prostituição feminina nas regiões de fronteira* (2008), de Manuela Ribeiro *et. al.*, é outra referência relevante do campo, pois produz reflexão sobre o trabalho sexual feminino nas zonas fronteiriças do Norte de Portugal, nas regiões do Minho, Trás-os-Montes e Beira Interior. Na região de Lisboa, temos as investigações de Bernardo Coelho (2009, 2019) sobre mulheres acompanhantes, consideradas de luxo, e cujo trabalho ocorria em apartamentos privados. As pesquisas de Coelho dão uma outra dimensão do trabalho sexual, bem como trazem elementos que complexificam essa teia que envolve trabalho, dinheiro, desejo, prazer, sexo e intimidade.

Há um crescente interesse sobre mulheres trans/travestis, quase sempre brasileiras como alteridade exótica. Tal interesse crescente pode ser comprovado nas pesquisas de Fernanda Belizário (2018) sobre travestis brasileiras no sul da Europa; em Nelson Ramalho (2019) também sobre travestis, focando no processo de “virar travesti”; Francisco Luís (2015) sobre identidades e ambiguidades de travestis brasileiras em Portugal; e Emerson Pessoa (2020) sobre biografias corporais de trabalhadoras do sexo trans e travestis em Lisboa.

Destaco ainda algumas investigações que analisam o trabalho sexual realizado por homens em diferentes países. No contexto europeu, existem diferentes pesquisas referentes aos homens no trabalho sexual. Por vezes focados na sociabilidade e nos deslocamentos de jovens rapazes pelo continente (Ellison, Weitzer, 2017; Mai, 2014; Mai, Russel, 2009), ou nas especificidades do trabalho sexual exercido nas ruas, também na Europa, (Ellison, Weitzer, 2017a; Kaye, 2007). Os estudos, em termos gerais, procuram lançar luz sobre o fenômeno do trabalho sexual em suas configurações socioculturais (Mårdh, Genç, 1995) ou em processos subjetivos destes indivíduos (Earls, David, 1989).

Há uma vasta produção em língua inglesa sobre o trabalho sexual realizado por homens em diferentes países. Dessa diversidade de pesquisa, destacam-se, em termos de volume de produção, países como Austrália, Inglaterra e Estados Unidos (Scott, 2003). Nesses trabalhos pode-se identificar uma espécie de periodização das pesquisas que produzem olhares diferentes sobre o fenômeno trabalho sexual ao longo do Século XX. A partir de Victor Minichiello, John Scott e Denton Callander (2013), bem como David Bimbi (2007), genericamente pode-se estabelecer a seguinte divisão: dos anos de 1940 até os anos de 1970 os homens que faziam trabalho sexual teriam sido encarados pela literatura como um problema social, como delinquentes; em um segundo momento, entre os anos de 1970 e meados da década de 1990, eles foram percebidos como transmissores de doenças, portanto o trabalho sexual passa a ser encarado como um problema de saúde pública; por fim, o terceiro momento, compreendido entre meados dos anos de 1990 até os dias atuais, o trabalho sexual é encarado pela literatura como trabalho e ganha diferentes dimensões de análise, inclusive a internet.

No primeiro momento da periodização, as investigações sobre a interação entre clientes mais velhos e trabalhadores jovens no contexto do trabalho sexual de homens revelaram disparidades não apenas relacionadas à idade, mas também vinculadas a estratos sociais, destacando a predominância de clientes de classes médias e altas em contraste com a juventude dos *hustlers* (trapaceiro, vigarista, mas no contexto dos mercados do sexo, era o jovem que fazia trabalho sexual e estava, quase sempre, na rua), que, muitas vezes, operavam nas ruas, expostos a diversos perigos como tráfico, drogas e violência (Aggleton, Parker, 2015; Bimbi, 2015; Bimbi, Parsons, 2005; Luckenbill, 1985; Smith, Seal, 2007; Whowell, 2010).

Esse fenômeno despertou o interesse de áreas como Psicologia, Assistência Social e Criminologia, que buscaram compreender as motivações e características dos homens envolvidos nesse tipo de atividade. A abordagem predominante desses estudos tendia a patologizar o trabalho sexual de homens, associando-o à homossexualidade (na época patologizada) e caracterizando os *hustlers* como pessoas desajustadas, com histórico de pobreza e baixa escolaridade (Coleman, 1989).

Além disso, a falta de suporte familiar e social, juntamente com a rejeição social, eram fatores identificados como influentes na escolha desse tipo de trabalho. Mesmo com algumas tentativas de reabilitação e inserção em empregos convencionais, a estigmatização persistia, evidenciando a complexidade das dinâmicas sociais e psicológicas envolvidas nessa realidade. Este período histórico revela uma abordagem inicial do tema, destacando a necessidade de compreensão mais ampla e contextualizada das experiências dos homens que trabalham com sexo (Coombs, 1974).

Durante o período de 1970 a 1995, a produção acadêmica sobre o trabalho sexual de homens deslocou-se para uma compreensão mais ampla e contextualizada, afastando-se do foco no indivíduo para analisar os aspectos sociais e coletivos do trabalho sexual. Autores como John Scott (2003), Jan Browne e Victor Minichiello (1996) destacam essa mudança, observando como o trabalho sexual teria passado de uma questão moral para um problema social associado à saúde pública, especialmente durante a epidemia de hiv/aids. A literatura começou a investigar os trabalhadores sexuais como grupos vulneráveis, evidenciando a transição de uma abordagem centrada no indivíduo para uma visão mais abrangente da indústria do trabalho sexual como um todo. Os estudos desse período, como os de Dan Waldorf *et al.* (1990), Christopher Earls e Hélène David (1989), investigaram questões familiares, comportamentais e de saúde entre os homens que fazem trabalho sexual. As pesquisas começaram a identificar esses homens como parte de um grupo específico da sociedade, em contraste com abordagens anteriores que os patologizavam como indivíduos desajustados.

O terceiro momento da periodização dos estudos sobre trabalho sexual realizado por homens estende-se desde meados dos anos de 1990 até os dias atuais. Ele seria caracterizado pelo reconhecimento do trabalho sexual como trabalho, como uma profissão, nomeado por Bimbi (2007) como “o mais novo paradigma” – “o sexo como trabalho”. A incorporação da *internet* como um espaço para o trabalho sexual e seus “sub-lugares” (Bimbi, 2007) ampliaram as formas de interação disponíveis, conforme observado por Trevon Logan (2017) e Richard Tewksbury e David Lapsey (2016, 2017).

Esse momento também testemunhara o aumento da influência das Ciências Sociais, especialmente da Antropologia e da Sociologia, na realização de pesquisas sobre o trabalho sexual de homens. Esse movimento representa uma mudança significativa na compreensão e na abordagem do trabalho sexual realizado por homens, reconhecendo-o como uma prática profissional e complexa, sujeita a diversas dinâmicas sociais e econômicas. A minha tese, pode-se dizer, insere-se a gama de trabalhos que são devedoras desse terceiro e atual momento das reflexões sobre o trabalho sexual exercido por homens ao, politicamente, reconhecê-lo efetivamente como trabalho.

O primeiro capítulo da tese, intitulado *Quando Belchior foi etnógrafo: sobre métodos, técnicas, afetos, desejos e sexo*, é o capítulo de apresentação da pesquisa. Nele conto como se construiu a questão de pesquisa, a aproximação com o tema, a construção das redes e o contato com os primeiros interlocutores-base, a partir de diferentes frentes de investigação. Apresento um

pouco do contexto imponderável que atravessou a pesquisa, especialmente no que diz respeito à pandemia de Covid-19. Além disso, do ponto de vista metodológico, articulo uma reflexão em torno da Antropologia, da etnografia e do trabalho de campo. Não apenas para prestar conta de quais métodos e técnicas foram empregados, senão para pensar como lidar com desejo, prazer e sexo durante o trabalho de campo. Afinal, parece que o sexo ainda representa um problema e reina uma espécie de silêncio disciplinar que teria por mito de origem o antropólogo celibatário e assexuado. Problematizo um pouco esse tema a partir de algumas experiências vividas na pesquisa etnográfica e que penso serem potentes para uma discussão sobre ética na investigação antropológica.

Já no capítulo II, *A produção de escorts brasileiros: masculinidades sexotizadas*, dedico-me a teorizar sobre a categoria *escort* e como ela se constitui no meu contexto de pesquisa. Quer dizer, como a categoria *escort* sobressai em sentido e potência sobre qualquer outra. Para tanto, também foi necessário isolar uma noção de brasileiro e brasilidade que sobressai em campo, mas, principalmente, passa a ser disputada e mais legítima que outras. Afinal: que brasileiro e qual brasilidade passam a ser consumidos nos mercados dos sexo? Outro ponto analisado nesse capítulo é o dedicado à constituição dos homens que fazem trabalho sexual é analisar a categoria *luxo* entre os *escorts* brasileiros. Quais marcas da brasilidade autorizam um brasileiro a ser um *escort de luxo*? Por fim, depois de perceber esses temas em separado, chego ao que denominei de *masculinidades brasileiras legítimas e sexotizadas*, ou seja, uma espécie de marcas de um tipo ideal de brasileiro e brasilidade que conseguiria os melhores clientes, os lugares mais destacados no mercado e, portanto, os maiores lucros perfazendo uma carreira de sucesso.

“*Não se dorme na Europa*”: *mobilidades transnacionais e trabalho sexual* é o terceiro capítulo da tese. Esse é o capítulo dedicado aos trânsitos operados por esses homens. Ali discuto processos migratórios, mobilidades transnacionais, circulação por diferentes países europeus em busca dos melhores destinos para trabalhar. Para tanto, inicio com uma reflexão sobre a condição de estrangeiro nas cidades de destino e dos investimentos necessários para conseguir estabelecer relações que aproximem esses diferentes mundos. Faço uma pequena digressão até os contextos de origem de alguns interlocutores para compreender como foram os primeiros momentos de elaboração das condições para empreender o *sonho europeu*. Nesse capítulo ainda analiso as perambulações europeias dos interlocutores, nomeadas por eles como *fazer praça*, cujo intuito é transitar rumo a destinos lucrativos no âmbito do trabalho sexual. No final, pensei ser relevante seguir os interlocutores nos movimentos empreendidos pelos diferentes países. É nesse sentido que, no último tópico do capítulo, quem passa a *puxar mala* pela Europa é o

próprio antropólogo, na tentativa de compreender as vidas em movimento que atravessam o continente *de praça em praça*.

No capítulo IV, “*Cliente é cliente*”: *problematizações acerca desse outro do trabalho sexual*, investigo essa figura tão central quanto os *escorts* para a concretização do trabalho sexual. Em um primeiro momento, busco apresentar alguns sujeitos clientes com os quais estive em contato, bem como traçar alguns perfis, algumas estratégias e algumas negociações envolvidas na viabilização do “negócio do desejo”. Logo depois, detenho-me nas duas categorias mais lembradas pelos homens que fazem trabalho sexual para se referir aos clientes. Eles os tipificam em clientes *fáceis e difíceis*. Durante boa parte do capítulo, o esforço é o de pensar o que qualificaria, nas diferentes situações, um homem cliente como sendo *fácil* e, por outro lado, quais contextos, performances, hábitos, exigências, faria de um outro homem, um cliente qualificado como *difícil*. Na última parte do capítulo, a ideia foi analisar os homens brasileiros que fazem trabalho sexual e o próprio trabalho sexual, a partir da ótica dos clientes. Quer dizer, o movimento foi deslocar o foco de conversar sobre os clientes com os *escorts*, mas conversar com os clientes sobre os *escorts*, inclusive porque eles têm se tornado personagens muito importantes no que tange às políticas públicas que envolvem o trabalho sexual.

Escorts e a cena chemsex: trabalho, vício e suas articulações é o capítulo V da tese. Nesse capítulo direciono a análise para discutir sobre cenas, circuitos e festas que aproximam sexo e diferentes substâncias ilícitas, as chamadas drogas. Têm se tornado cada vez mais frequente, inclusive do âmbito do trabalho sexual, as *sex party* na modalidade de *chemsex*. Para tanto, entendi ser preciso analisar detidamente as *chems*, ou seja, os químicos da festa de sexo químico. Em vista disso, dedico uma parte do capítulo a apresentar e refletir sobre as principais substâncias que circulam por esses eventos, bem como os efeitos pretendidos. Uma modalidade muito específica de *chemsex* também é destacada no capítulo, mesmo que com participação mais restrita. Trata-se da cena de *slamming*, isto é, o uso de drogas injetáveis durante as relações sexuais. Apresento ainda a dinâmica de uma cena de *chemsex* que envolve homens que fazem trabalho sexual e clientes, mas também sem a presença de clientes, configurando-se como *vício*. No final do capítulo, trato dos possíveis principais efeitos secundários advindos da prática do *chemsex*.

No capítulo VI trato as principais questões atinentes a saúde e doença. *Sobre pestes e trabalho sexual: Covid-19, varíola dos macacos, hiv/aids* é o momento da tese para pensar, por exemplo, de forma mais detida sobre os imponderáveis da pandemia de Covid-19, já que todo o trabalho de campo foi realizado durante o período de emergência sanitária. Portanto, impactos, desafios e estratégias dos interlocutores para seguir trabalhando mesmo em contexto

tão adverso pareceu fundamental de ser analisado. Quando os interlocutores estavam preparados para começar uma nova fase entendida como *pós-pandemia*, eis que um surto de *variola dos macacos*, transmitido pelo vírus *monkeypox* funcionou como um freio para o “verão da redenção”. Dedico um espaço do capítulo para dialogar com a área da saúde sobre as especificidades desse vírus e dessa doença. Por fim, trato de questões atinentes ao hiv/aids, sobretudo a partir de dois eixos analíticos principais: o deslocamento positivo representado pelas profilaxias que garantiam qualidade de vida as pessoas doentes de aids, ou que vivem com hiv, bem como para aqueles que não vivem com o vírus, mas fazem o uso de um método medicamentoso; por outro lado, analiso também permanências negativas como o estigma, a discriminação e o preconceito, cujas profilaxias sócio-culturais parecem ter sido de eficácia mais controversa e menos eficiente.

Por fim, o capítulo VII, intitulado *O retorno do sonho europeu: conquistas, frustrações e novos projetos*, é o fechamento da tese. Ele é resultado do trabalho de campo que realizei no Brasil com interlocutores retornados de Portugal e da Europa em um momento pós-trabalho sexual. Em um primeiro momento, analiso como há um sonho que é europeu, mas um projeto de vida que é brasileiro. As mobilidades transnacionais são com tempo determinado, pois há o retorno no horizonte para a execução do projeto no país de origem. Para entender esse novo momento dos interlocutores, eu fiz campo nos diferentes estados brasileiros para os quais eles voltaram, geralmente em suas cidades de origem. Para compreender um pouco melhor os investimentos, o projeto de vida, bem como as novas realidades observadas em campo, lancei mão de uma reflexão a partir da noção de economia moral, pois entendi que estava em curso um processo de *lavagem moral* do dinheiro do trabalho sexual. Isso se dava de diferentes formas e em diferentes ritmos, mas estava presente em todos os contextos pelos quais eu circulei. Estava presente, inclusive, quando havia a frustração do *sonho europeu* e o sujeito voltava *derrotado*. Na última parte do capítulo procuro mostrar como há permanências (im)pertinentes e que a vida pós-Europa poderia não ser tão nova quanto fora demandada.

As considerações finais encerram a tese. Elas retomam o argumento central e ali faço uma síntese analítica de cada capítulo. Reflito sobre as questões principais que foram postas desde o princípio da pesquisa, sobre a potência do trabalho sexual para interrogar as fronteiras do sexo e do desejo de forma mais ampla na sociedade, bem como a relevância da pesquisa etnográfica em tais empreitadas.

Advirto, no entanto, a quem for ler essa tese, que nas páginas seguintes não encontrarão a verdade categórica sobre o trabalho sexual. Afinal, inspirado por Michel Foucault, o que escrevi é parte de uma grande narrativa e tenho total consciência disso. Essa tese é uma versão do que

entendi sobre o que experimentei etnograficamente entre setembro de 2020 e março de 2023 com alguns homens brasileiros que fazem trabalho sexual em Portugal e em outros países da Europa. Essa versão, essa minha elaboração ficcional, é o jeito que eu conto a história. Aliás, contar histórias me parece a parte mais sensível (e sedutora) do ofício do antropólogo.

Capítulo 1

Quando *Belchior* foi etnógrafo: sobre métodos, técnicas, afetos, desejos e sexo

Interlocutores do Capítulo

André: 30 anos, mais de um 1,8m em um corpo magro, com músculos aparentes. Ele é de Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul. Define-se como moreno escuro. Tem curso superior completo, feito no Brasil, na área de Ciências Humanas. Considera-se gay. Do ponto de vista da documentação consular em Portugal, está regular. Possui título de residência. Em termos de classe social, André diz-se de classe média. Comunica-se em espanhol e precariamente em inglês.

Dagoberto: 34 anos, 1,78m, corpo magro/definido. Ele é de uma cidade do interior de Minas Gerais. Define-se como branco. Completou o ensino médio (12º ano) no Brasil. Ele considera-se homossexual. Do ponto de vista da documentação consular em Portugal, ele está em processo de regularização. Em termos de classe social, Dagoberto considera-se de classe média. Ele comunica-se em inglês e espanhol.

Xande: 28 anos, é nascido em uma cidade do interior das Minas Gerais. Identifica-se como negro, tem 1,76m, 75kg e corpo definido como *malhado*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele mora em Portugal há mais de dez anos. Xande tem um emprego oficial na área de segurança. O trabalho sexual funciona como um *bico*. Xande considera-se homossexual. Ele entende-se como pobre. O interlocutor comunica-se apenas em português.

*Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
Longe o profeta do terror que a Laranja Mecânica anuncia
Amar e mudar as coisas me interessa mais
(Belchior, Alucinação, 1976)*

1.1. Era uma vez em uma madrugada de inverno

Campo Grande é a capital do Estado de Mato Grosso do Sul que, junto a Goiás, Mato Grosso e o Distrito Federal, compõem a Região Centro-Oeste do Brasil. A cidade tem quase um milhão de habitantes. Campo Grande não é uma metrópole brasileira ou mesmo uma “cidade grande”. A força da zona rural, do campo, das lavouras e fazendas é o motor que desenvolve a cidade e imprime o urbano do lugar como “para lá de rural” (Attianesi e Passamani, 2018). Nessa cidade efetivamente é que começa a ganhar contorno a pesquisa que desembocou na tese ora escrita.

Nas madrugadas, depois do final das festas nas boates da cidade, as lanchonetes costumam ficar abarrotadas de jovens que, antes de ir para casa, emendam a comida como uma espécie de

after. Ainda no ano de 2017, meus amigos e eu finalizávamos a noite na região da antiga rodoviária da cidade. Trata-se de um lugar tido como degradado, visto como violento, perigoso e “sujo”. Não por acaso, tal região é conhecida como a “cracolândia campo-grandense”, ou seja, um lugar em que estão presentes usuários de *crack*, outras drogas, vendedores de drogas, pessoas em situação de rua e trabalhadoras sexuais (Kureda, Passamani e Rodrigues, 2021).

Alguns lanches dali eram considerados muitos bons, ainda que a “paisagem urbana” não fosse tão agradável aos olhos de muitos. Boa comida, bom atendimento e preço justo.

Numa dessas madrugadas, lembro que fazia frio. Era inverno. Meados de agosto. Eu estava sozinho em uma mesa. Passava das 4h da manhã de sábado. Estava entretido no celular, quando ouvi uma voz masculina dizer: *professor Passamani, quanto tempo, gaúcho*³! Ergui a cabeça, deixei o celular e percebi que se tratava de André (30 anos), um velho conhecido dos tempos de trabalho de campo na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, nas cidades de Corumbá e Ladário.

Naquela altura, entre os anos de 2012 e 2015, conduzi uma pesquisa sobre o processo de envelhecimento de pessoas LGBT em cidades não consideradas metrópoles, capitais ou grandes centros urbanos. Tal pesquisa, em parte financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), resultou em uma tese de Doutorado em Ciências Sociais, defendida em 2015 na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação da Dra. Guita Debert, e depois publicada em livro pela Papéis Selvagens Edições em 2018, intitulado *Batalha de Confete: envelhecimento, condutas homossexuais e regimes de visibilidade no Pantanal-MS* (Passamani, 2018).

Quando conheci André, em 2013, ele tinha 21 anos. Era um jovem estudante de um curso de Ciências Humanas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no Campus do Pantanal. André se identificava como *moreno escuro*, outras vezes como *pardo*. Hoje ele tem ensino superior completo, considera-se gay e tem um corpo que ele chama de *magro/definido* e se entende atualmente como uma pessoa de *classe média*. Naquele dia, em 2017, ele já estava um pouco mais velho, com 25 anos, parecia mais alto e mais forte. As roupas eram mais “descoladas”, havia qualquer coisa muito diferente do menino que conheci em Corumbá. O corte de cabelo também era mais elaborado que a “cabeça raspada” que ele costumava usar no

³ *Gaúcho* é um dos gentílicos que se referem às pessoas que, como eu, nasceram no Estado do Rio Grande do Sul, o mais meridional do Brasil. *El gaúcho* é uma espécie de homem símbolo de uma região chamada *la pampa*, que cobriria partes do território do atual Uruguai, da atual Argentina e do atual Brasil (no Rio Grande do Sul). O meu sotaque, segundo meus atuais interlocutores, é bastante marcado e fácil de identificar como oriundo da referida região. Assim, no trabalho de campo que realizei na pesquisa anterior, no Pantanal, eu era frequentemente chamado de *gaúcho* em campo. André, interlocutor da atual pesquisa, seguiu me chamando de *gaúcho* ao longo dos anos.

Pantanal. Havia brincos nas orelhas e ele também usava uma corrente e uma pulseira, que pareciam ser de prata, e combinavam com os brincos.

Quase não te reconheci, disse para André. *Você está muito diferente*. Ele prontamente respondeu, com aquele acento corumbaense marcado: *exxxpia, é que agora eu sou europeu*. Aquilo imediatamente despertou a minha curiosidade. Sem pensar disse: *como assim? Me conta tudo!* Fui prestando muita atenção ao que ele falava. Um parêntese. Conheci André como funcionário de um de meus interlocutores na pesquisa do Pantanal. Ele era motorista/*office boy/faz tudo*. Foi assim que o conheci. Segundo Rubens, meu interlocutor de então, André era *inteligente, vivo, curioso e muito competente, tinha iniciativa*. Durante o trabalho de campo daquela pesquisa, desenvolvi uma relação muito próxima com Rubens. A intimidade permitiu-me entender que André era mais que um motorista e *office boy*.

Rubens e André tinham relações sexuais. Mas nenhum deles entendia aquilo como trabalho sexual, ou prostituição. Era um pouco mais complexo, ainda que existissem compensações financeiras para André. Eles compreendiam tal relação como *ajuda, incentivo*, ou mesmo um *bancar* (Passamani, 2015). Segundo Rubens, eles tinham uma *relação*. Aquilo *não era apenas sexo*, me dizia o fazendeiro. O contato entre ambos não se esgotava nas práticas sexuais e desdobrava-se em outras dimensões. Ele me dizia que havia afeto entre ambos e Rubens também socializava suas experiências de mundo, seus conhecimentos com André, que dizia gostar disso, conforme me contou certa vez. Como escrito em outro lugar (Passamani, Efrem Filho, Marques, 2022), o trabalho sexual foi uma realidade experimentada desde muito cedo por André, levado pela tia (dona de uma agência de turismo, mas não apenas isso) para atender alguns turistas em barcos que navegavam pelo Rio Paraguai, Pantanal adentro.

Volto ao *É que agora eu sou europeu*. Essa frase me inquietou. Pedi para ele me contar tudo. Meu lanche com suco de laranja virou uma sequência de cervejas até às 7h da manhã de sábado. Saímos da *Rodô* (apelido da Antiga Rodoviária) e fomos para uma conveniência (uma espécie de pequeno mercado que vende bebidas 24 horas) perto dali. André me contou sobre ter começado a se relacionar sexualmente com homens quando entrou na faculdade e que contou para sua tia. Sua tia, que era mal falada pela família por já ter feito trabalho sexual, tinha conseguido, com a *batalha*, montar uma agência de turismo que, secretamente, ou não tão secretamente assim, seguia envolvida com trabalho sexual como parte dos serviços prestados pela agência. Entre a tia saber que André se envolvia sexualmente com homens e ele ser uma das pessoas chamadas pela tia para atender os turistas, foi um tempo muito curto. André tinha 19 anos.

Na relação com os turistas André aprendia sobre o mundo, conhecia lugares, ficava cada vez mais curioso e determinado a sair de Corumbá. Não lhe incomodava, segundo ele, entender-se gay em Corumbá, mas ter Corumbá como limite. Ele queria mais. Um dia, numa dessas viagens pelo Rio Paraguai, Rubens e André se conhecem. Rubens levou um amigo de São Paulo para navegar. Contrataram a empresa da tia de André. E pediram a possibilidade de ter um “garoto”, pois o amigo de Rubens queria conhecer “um *boy pantaneiro*”. As coisas não saíram exatamente como planejadas. Antes do amigo, Rubens foi quem se encantou com o “garoto”, no caso, André. Embarcados, começara a história de André e Rubens, que chega até minha pesquisa e durara até André *virar europeu*.

André me contou que não tinha interesse em sua faculdade (ele depois mudou para o formato a distância e assim a finalizou), não queria mais namorar com a menina que ele namorava (de fachada) e servia de seu álibi em termos de sexualidade e, principalmente, não queria mais estar em Corumbá. Quando ele fazia pequenas viagens com Rubens, ele entendia que era aquilo que ele queria: outros ares. *Outros tudos*, como ele me disse. Um amigo de Campo Grande deu a ele o *caminho das pedras*, pois já estava em Portugal, em Lisboa, fazendo trabalho sexual. Publicamente o que se sabia é que o amigo era instrutor de capoeira. André dizia: *ele faz sexo, conhece a Europa e ganha em euro*.

André foi fazendo escalas. O voo não foi direto entre Corumbá e Lisboa. Houve escalas em Campo Grande, São Paulo e Rio de Janeiro. Ele achou Campo Grande *muito chata* para o trabalho sexual, *parece um fazendão, não tinha futuro*. Trabalhou com sexo ali pouco tempo e foi fazer o mesmo em São Paulo, onde acabou viciado em cocaína. O vício não permitiu que ele juntasse o dinheiro que ganhava. O dinheiro entrava rápido e foi virando um jeito de financiar o vício. A partir de amigos que fez no trabalho sexual, foi convidado a viver com dois deles no Rio de Janeiro. *O Rio é um paraíso sexual. Todo mudo tá sempre pronto pra foder lá. Mas não gostei. Tinham muitos morenos escuros como eu. Tinham muitos magros definidos. Era concorrência demais*.

Nesse contexto de desmotivação em relação ao trabalho sexual no Rio de Janeiro, foi então que houve o encontro com o amigo de Campo Grande, em um momento de viagem para rever a família. Aliás, para a família, André dizia que estava trabalhando como professor contratado no Rio de Janeiro. Algo parecido já tinha sido dito quando esteve em São Paulo. O amigo de Campo Grande o incentivou e ele foi para Portugal. Preparou a viagem. E embarcou. Quando chegou a Lisboa, ele viveu uns tempos com esse amigo até conseguir se manter sozinho. Formavam parte da “comunidade brasileira” da Charneca de Caparica na Margem Sul.

André que me despertou para a investigação do trabalho sexual em contextos transnacionais. Naquela madrugada, ele me contou sobre a grande quantidade de homens brasileiros que prestavam serviços sexuais em Lisboa e em outras cidades do país. Ele disse o quanto era contrastante o número de brasileiros em relação a pessoas de outras nacionalidades, inclusive portuguesas.

Ali mesmo, ele abriu o seu telefone celular e mostrou-me três *sites* onde esses homens, ele inclusive, se anunciavam. Contou-me também que o trabalho sexual em Portugal, sobretudo em Lisboa, ocorria quase que exclusivamente a partir de plataformas da internet. Algumas plataformas são nacionais e outras estrangeiras. Algumas são gratuitas, outras são pagas. Algumas são mais criteriosas nos anúncios, outras menos burocráticas. Enfim, há uma variedade de *sites*, o que pressupõe uma variedade de perfis de homens que ofertam seus serviços e, por conseguinte, de outros homens que contratem tais serviços.

Aquela conversa da madrugada desdobrou-se em um almoço e em outras conversas no dia seguinte e no outro fim de semana. Saí dos encontros com André cheio de ideias, com muitas suposições, com uma infinidade de dúvidas, enfim, muito curioso. Um campo de possibilidades se abria para mim. Eu estava tendo a oportunidade, pensava, de adentrar uma dimensão dos estudos de gênero e sexualidade que eu tinha muito pouca familiaridade.

1.2. A articulação entre diferentes frentes de investigação

Em um primeiro momento, os pesquisadores associados ao Núcleo de Estudos Néstor Perlongher (NENP-UFMS) Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes, Ighor Rodrigues Avanci, Marcelo Victor da Rosa e eu, por meio do projeto de pesquisa *Prostituição masculina em Campo Grande: gênero e sexualidade em intersecção com outros marcadores sociais de diferença*, organizaram diferentes frentes de trabalho para investigar o fenômeno do trabalho sexual exercido por homens na cidade de Campo Grande.

Ainda no ano de 2017, uma dessas frentes consistiu em um levantamento da literatura brasileira sobre a temática do trabalho sexual exercido por homens desde as pesquisas pioneiras dos anos de 1980 (Passamani, Lopes, Rosa, 2019). Mais de 60 trabalhos foram catalogados nas diferentes regiões do país em distintas áreas do conhecimento. Isso mostra que, ainda que não seja uma temática de muita visibilidade no campo dos estudos de gênero e sexualidade, há um acúmulo de investigações e há interesse sobre o tema, especialmente em áreas como saúde sexual, serviço social, psicologia e antropologia.

Paralelo à revisão da literatura, fomos realizando pesquisas nas saunas da cidade frequentadas por homens com práticas homossexuais, onde havia uma presença (in)visível de homens que faziam trabalho sexual (Passamani, Rosa, Lopes, 2020). Também atentamos para a oferta de serviços sexuais por homens nas ruas de Campo Grande (Passamani, Rosa, Lopes, 2020 a) e nos classificados de um jornal de grande circulação na cidade e no Estado (Lopes, Passamani, Rosa, 2021). Portanto, a equipe do NENP tentou mapear a engrenagem do trabalho sexual de homens em diferentes modalidades. Naquela altura não conseguimos aprofundar a investigação nos *sites* de *chat* da internet, nem nos aplicativos de relacionamento. Tal pesquisa começou a ser desenvolvida por outro pesquisador associado ao NENP, em 2020, Alan Pereira Ribeiro, por conta de sua investigação no mestrado em Antropologia Social da UFMS.

A chegada aos mercados do sexo em contextos transnacionais só ocorreria em 2019, depois das etapas desenvolvidas pela equipe do NENP em contexto mais local. André e outros interlocutores, então, relataram a existência de uma circulação constante de homens brasileiros por Portugal e outros países europeus para exercício do trabalho sexual. Havia, inclusive, a presença de vários homens de Mato Grosso do Sul, que formavam uma espécie de rede naquele contexto.

Diante desse novo momento do campo, as pesquisas do NENP passaram a analisar os *sites* de anúncios de homens que prestavam serviços sexuais em Portugal. Somou-se à equipe o pesquisador Jônatas Stritar Alaman. Alaman dedicou-se exclusivamente a pesquisar um *site* muito popular em Portugal chamado *viphomens.net* em que há uma presença massiva de brasileiros se anunciando como trabalhadores sexuais (Alaman, Passamani, 2021). Em alguns casos, como os *sites* mais populares em Portugal (o nacional *viphomens.net* e o internacional *hunqz.com*) mostram que, mais ou menos, 90% dos homens que se anunciam ali são brasileiros. Essa foi uma outra porta de entrada para a atual pesquisa.

A partir desse movimento, entendi que o grosso do trabalho sexual exercido por homens é divulgado e acontece, de fato, na internet. Mais especificamente falamos de *sites* de anúncios, sejam eles inteiramente dedicados ao trabalho sexual de homens, ou parte de outros *sites*, como jornais eletrônicos. Aliás, há um jornal impresso de grande circulação nacional, que mantém classificados de trabalho sexual e tem bastante oferta⁴. Alguns de meus interlocutores anunciam-se lá. No entanto, os mais populares são os *sites* de anúncios.

Há a necessidade de fazer outro parêntese. Há uma evocação, sobretudo por parte de alguns interlocutores que são clientes dos *escorts* (durante o trabalho de campo, esse foi o nome mais

⁴ Sobre anúncios de trabalho sexual exercido por homens no contexto do Brasil, ver Lopes, Passamani, Rosa (2021) e Saldanha (2010)

comum para se referir aos homens que fazem trabalho sexual)⁵, ou que conhecem e frequentam a noite de Lisboa há muitos anos, sobre o que eles chamam de *prostituição masculina de rua*. Ela teria tido lugar em uma das laterais do Parque Eduardo VII, na alameda próxima aos hotéis e também na Avenida da Liberdade, como consta registrado no livro dos jornalistas António Duarte e Hermínio Clemente (1982), além do jardim do Príncipe Real e na região de Belém, próximo ao Palácio da Presidência da República. As memórias desses interlocutores dão conta de dizer que isso teria tido lugar mesmo antes do 25 de abril de 1974 e durado até o começo dos anos de 2000 (no caso do Parque Eduardo VII). Eles notaram a constante diminuição da oferta desses serviços em público e um movimento rumo à dimensão mais *indoor*.

Há mais ou menos uma década, a movimentação do trabalho sexual exercido por homens tem se dado, de fato, pela internet. Os *sites* de anúncio têm se afirmado, cada vez mais, como os espaços por excelência para o estabelecimento das negociações entre *escorts* e clientes. Há *sites* que são internacionais, mas muito acessados em Portugal, pelo menos dois têm uma destacada relevância: o *rent.men* e o *hunqz.com*. Além disso, há diversos *sites* portugueses. Entre eles, destacam-se o *viphomens.net*, o *classificadosx.net*, o *tgatas.net* (seção homens) e o *rua69.com* (seção *escort*). Esses foram os mais lembrados pelos meus interlocutores durante o trabalho de campo.

O *hunqz.com* é o principal *site* internacional usado em Portugal e aquele com o qual os interlocutores mais trabalham quando viajam por diferentes países da Europa. Esse *site*, inclusive, é a principal ferramenta que conecta clientes estrangeiros, quando estão em Portugal, com os *escorts*. Em vista disso, é que os interlocutores dizem ser o *hunqz.com* aquele *que mais rende*.

O *hunqz.com* é parte da plataforma *Planet Romeo*, criada em 2002 nos Países Baixos. Segundo o que consta no *site*, o objetivo é conectar pessoas LGBT por meio de uma ferramenta *on line* e georreferenciada. Há por volta de 2 milhões de usuários cadastrados e frequentes no *Planet Romeo* ao redor do mundo. A plataforma pode ser acessada gratuitamente por pessoas maiores de 18 anos. Como em muitas plataformas do gênero, não é possível ter acesso ao seu conteúdo completo de forma gratuita, apenas sendo assinante de um perfil *plus*.

Entre os *sites* portugueses, aquele considerado *melhor* pelos interlocutores, a partir de uma conjunção de fatores, seria o *viphomens.net*. Diferente do *hunqz.com*, o *viphomens.net* abrange apenas as principais cidades de Portugal. Segundo o próprio *site*, ele revela-se como um classificado *online* de anúncios de conteúdo erótico. A destinação desse conteúdo seria

⁵ No capítulo II farei uma discussão sobre a categoria *escort*.

exclusiva para adultos, ou seja, pessoas maiores de 18 anos. Os anúncios são compostos por textos criados pelos trabalhadores sexuais, por informações obrigatórias exigidas pelo *site* e por fotografias dos anunciantes. É importante salientar que o *site* não intermedia o contato entre possíveis clientes e anunciantes. Isso se dá fora da plataforma através do e-mail ou telefone divulgados pelo *escort*. No *hunqz.com* há um espaço de *chat* para clientes e *escorts*.

Outra diferença em relação ao *hunqz.com*, é que o *viphomens.net* não tem restrição de conteúdo. Não é necessário pagar ao *site* para ter acesso a tudo que ali está publicado. Quem paga são os anunciantes. Os potenciais clientes, não. Nesse sentido, tudo que está no *site* é tornado público a qualquer pessoa que o acessa. Desde o primeiro clique, até às fotos em relações sexuais ou com ereção. O *viphomens.net* é considerado pelos interlocutores como aquele em que os homens que se anunciam são classificados como *escorts de luxo*⁶ e o *site* seria uma vitrine para clientes com maior poder aquisitivo.

Eles entendem que é melhor gastar mais e anunciar-se em *sites* onde estão clientes com mais dinheiro, a anunciar-se em *sites* mais populares onde haverá muita negociação e as tentativas constantes de baixar os preços. Por isso, os dois *sites* destacados aparecem como aqueles com maior potencial. Um porque atrai mais estrangeiros, seja em Portugal, ou nos países por onde eles circulam. E o outro por ser, entre os *sites* portugueses, o mais caro para anunciar-se.

Friso aqui que não fiz uma pesquisa sobre os *sites* de anúncios. Mas utilizei os *sites* de anúncios como meio para me conectar aos *escorts* brasileiros que trabalhavam em Lisboa e outras cidades de Portugal. Portanto, desde setembro de 2020, ocupei-me de mapear os *sites* portugueses e estrangeiros de anúncios de trabalho sexual de homens. Cheguei a um número aproximado de 300 perfis de homens brasileiros que se anunciavam nas diferentes plataformas. Tentei contato com todos esses perfis. Alguns perfis se repetiam em *sites* diferentes, por isso o número aproximado. Desses contatos, resultaram as primeiras aproximações com o campo. Não obtive um grande sucesso. Muitos perfis não responderam às minhas mensagens seja nos *chats* dos próprios *sites* ou nos aplicativos de mensagem a partir do número de telefone celular divulgado em algumas plataformas.

As causas das recusas são aquelas já conhecidas pelos pesquisadores que estudam o trabalho sexual: a contínua desconfiança e suspeita sobre quem pesquisa o tema e em relação à veracidade do contato para uma pesquisa (Barreto, 2017a; Coelho, 2009). Isso me foi alegado muitas vezes. O receio dos *escorts* de que eu fosse um cliente disfarçado de pesquisador que

⁶ Categoria que será explicada a seguir.

queria, na verdade, um programa a custo zero também foi aventado com frequência. Havia desconfiança de que eu fosse um policial e estivesse investigando *escorts* indocumentados para que posteriormente eles fossem deportados.

Esses diferentes olhares e tensionamentos lembram o nascente debate sobre *lugar de corpo* (Duque, 2020)⁷. Afinal, como pontua Esmael Alves de Oliveira (2023, p.224), “o lugar de corpo nos coloca numa posição de alteridade radical incontornável. Antes mesmo da corporeidade da linguagem fazer-se presente, nosso corpo é o que escapa e antecipa”. Segundo o autor, o corpo escaparia porque pode ser lido de diversas formas em campo e anteciparia porque é produtivo no sentido de diferentes estímulos.

A maioria das respostas negativas, por outro lado, dizia respeito ao desinteresse em participar de uma pesquisa e maior desinteresse ainda por tratar-se de uma pesquisa que não resultaria em ganhos financeiros durante o período que eles estariam comigo. Afinal, no âmbito do trabalho sexual, não há uma jornada específica de trabalho. Pode-se trabalhar a qualquer momento das 24 horas do dia. Estar comigo seria perder dinheiro. Eles não viam qualquer vantagem nisso. Portanto, ainda que eu tenha conseguido manter uma interlocução com as pessoas a partir dos *sites* de anúncios (alguns interlocutores dali ficaram muito próximos a mim), eles não foram a melhor estratégia.

Outra nota é necessária. Logo no primeiro mês do trabalho de campo, no começo de outubro de 2020, um interlocutor acessado a partir do *viphomens.net*, depois de várias conversas e caminhadas pela região da Alameda, falou que a minha investigação poderia interessar a uma ONG portuguesa que trabalhava no combate ao vírus hiv e outras Ists (Infecções Sexualmente Transmissíveis). Procurei as pessoas da ONG, apesentei minha pesquisa e minhas intenções. Tornei-me voluntário durante um ano. Foi uma experiência muito interessante. Tive a oportunidade de conhecer muitos homens de diferentes nacionalidades que faziam trabalho sexual. Com alguns deles, que eram brasileiros, consegui conversar com maior vagar e explicar a minha investigação. Alguns poucos tiveram interesse em me ajudar e consegui travar uma interlocução fora da associação. Esses tornaram-se interlocutores e permanecemos em contato durante toda a pesquisa.

A partir das minhas relações pessoais e de minha circulação pela “noite gay” de Lisboa, isto é, indo a bares, discotecas, saunas, clubes de sexo, consegui conhecer e acionar homens que conhecem e frequentam esse nicho da noite de Lisboa e perceberam a chegada de brasileiros

⁷ Segundo Tiago Duque (2020, p.73), a noção de lugar de corpo diria respeito a quanto “o corpo está dado até quando a fala não está autorizada [...] o corpo está lá, em processo, dizendo algo, ainda que não seja aquilo que diríamos se tivéssemos todo o controle das representações em jogo”.

nos mercados do sexo, bem como consegui contatar clientes de *escorts* brasileiros. Entre frequentadores e conhecedores da “noite gay” da cidade, que não se identificaram para mim como clientes e os clientes propriamente ditos, consegui acessar sete pessoas. Geralmente é complicado conversar com os clientes de *escorts*. Há muito desconhecimento sobre o que pensam os clientes, embora se fale muito sobre os clientes. Afinal, manter-se às sobras, encobertos, sob sigilo parecem ser alguns dos termos mais importantes do contrato firmado entre *escorts* e clientes. Conseguir acessá-los, ainda que em número restrito, foi bastante significativo porque parece abrir um outro campo de possibilidades. Alguns interlocutores foram decisivos nesse movimento que intermediou e facilitou a minha relação com alguns clientes⁸.

Portanto, as redes de interlocutores, embora não sejam exatamente redes no sentido *stricto* do termo, se formaram – basicamente – a partir de cinco frentes: os *sites* de anúncios, André, a ONG, a circulação pela “noite gay de Lisboa” e a minha rede de relações pessoais. Entre *escorts*, clientes e pessoas que conhecem e frequentam a noite de Lisboa constituí um conjunto formado por 38 homens. Desses, 30 são *escorts* brasileiros, 4 são frequentadores/conhecedores da noite de Lisboa e 4 são clientes de *escorts* brasileiros.

Para dar conta desse contato mais próximo com essas pessoas, fiz observações de diferentes situações em Lisboa e outras cidades por onde eles transitam – tanto em Portugal quanto em outros países da Europa. Realizei muitas conversas informais (*on e off line*), algumas gravadas. Foram realizadas, em diferentes momentos do trabalho de campo, entrevistas semiestruturadas gravadas. Elas tiveram o objetivo de aprofundar e registrar alguns temas que julguei mais relevantes dos momentos que tive junto a cada um dos interlocutores. O grosso do meu trabalho de campo não está nas entrevistas gravadas, pois elas representam momentos pontuais e mais “formais” da relação que estabeleci com os interlocutores. Nesse sentido, essa tese se estrutura (mais fortemente) a partir do meu olhar e dos meus registros sobre o que vivi com esses homens entre setembro de 2020 e março de 2023 em muitos lugares de diferentes países em dois continentes.

1.3. Uma pesquisa atravessada por imponderáveis aterradores

Não foi fácil fazer uma pesquisa inteira durante o tempo de emergência sanitária. A pandemia de Covid-19 cobriu todo o período do trabalho de campo. Experimentei em campo os seus

⁸ O capítulo IV da tese discutirá com maior vagar os clientes.

diferentes momentos. Desde os efeitos mais devastadores e as restrições mais pesadas, em vista do enorme número de casos e das mortes em quase descontrolado, como os períodos de confinamento geral, até o levantamento de muitas medidas, a descoberta da vacina e o processo de vacinação. A obrigatoriedade do uso de máscaras em todos os lugares, inclusive em vias públicas, até o dia de poder utilizar os transportes públicos sem máscara. O encerramento de saunas, clubes de sexo, bares e boates, até sua lenta reabertura. O fechamento das academias de musculação e sua reabertura. Fechamento de espaços aéreos, proibição de viagens nacionais e internacionais não essenciais. Enfim, as duas vezes em que fui contaminado pela doença durante o trabalho de campo.

Ainda assim, a minha tese não é uma tese sobre a Covid-19 e trabalho sexual. Embora seja impossível ignorar os efeitos da Covid-19 em todo o trabalho de campo, especialmente a partir das estratégias desenvolvidas pelos homens que foram meus interlocutores para sobreviver à pandemia, pois exerciam um trabalho que exige contato próximo (bem próximo) em tempo de distanciamento social.

Desde que eu entrei no doutoramento em Antropologia, eu estive em campo, realizando os primeiros contatos e estabelecendo as primeiras redes, ainda que muito preliminares. Conforme as oportunidades apareciam, eu mergulhava no trabalho de campo. Foi assim, por conta desses imponderáveis da vida real e de uma possibilidade de manter a minha própria sanidade mental no tempo da pandemia, que o trabalho de campo operou como uma espécie de remédio “anti-monotonia”, ainda que com muitos cuidados, com máscara, com álcool em gel, com distanciamento, ao ar livre, ou de forma *online*.

Quando realizei a última entrevista em Lisboa decidi, diante de todos os dados produzidos, que era hora de parar. Naquele momento, parei de acessar os *sites*, restringi a minha visualização às páginas dos interlocutores nas redes sociais (sobretudo *Twitter* e *Instagram*), bem como os bloqueei (momentaneamente) em aplicativos como *WhatsApp*. Essas foram estratégias para dizer a mim mesmo que o campo tinha terminado e que a partir daquele momento era preciso analisar aquela montanha de dados e começar a escrever. Foram dois anos e meio em campo. Há relações de afeto que foram tecidas com esmero e as quais levarei para a vida. Consegui um pequeno financiamento privado de uma ONG e outro da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul, por meio do Edital Universal 06/2017.

Durante os dois primeiros anos, o trabalho de campo foi realizado em Portugal, sobretudo em Lisboa. No entanto, também circulei por outros países da Europa que eram percebidos por meus interlocutores como os mais rentáveis para a realização do trabalho sexual. Mais rentáveis

no sentido de conseguir maiores ganhos financeiros. Os primeiros meses da pesquisa foram dedicados a uma revisão da literatura sobre trabalho sexual e, mais especificamente, sobre o trabalho sexual de homens em Portugal.

Como dito na introdução, as investigações portuguesas sobre o trabalho sexual exercido por homens em Portugal – sejam brasileiros, portugueses ou de outras nacionalidades – ainda são muito incipientes contando com pouquíssimos trabalhos (Duarte e Clemente, 1982; Pereira, 2008; Oliveira, 2013; Melo, 2015). Foi necessário então pensar tal problemática em diálogo com outros contextos, como por exemplo a produção anglófona, bem mais consolidada, e mesmo a brasileira, como falei antes.

O grande desafio do momento inicial do trabalho de campo, algo que deve nos acometer a quase todos, foi “fidelizar” as pessoas comigo e com a pesquisa. Foi uma tarefa hercúlea fazê-las entender que se tratava de uma investigação, que era uma investigação séria e importante, senão para eles, para mim. Fui mais ou menos bem-sucedido nisso. Investi bastante até poder dizer para mim mesmo que tinha uma rede. A despeito das negativas, que foram inúmeras, e das desconfiças, que nem se falam, alguns meses depois do começo do trabalho de campo (já em 2021), a minha relação com um grupo de homens brasileiros que fazia trabalho sexual em Lisboa começava a ser frequente.

Precisei me desconstruir de um lugar que fui colocado e me coloquei e me reconstruí de outra forma. Para as pessoas do meu campo não havia uma pesquisa em curso, havia a vida delas sendo vivida. Portanto, a versão de um pesquisador em campo não foi omitida, mas diria que foi subsumida por outras *personas* ali mais palatáveis. Era preciso que eu não fosse um intruso. Inúmeras vezes era assim que eu me sentia nas festas, nos encontros, na praia, na sauna, nas boates. Eu não era *escort*. Eu não era cliente. Eu não era a pessoa que alugava os quartos. Eu não era o traficante que fornecia as drogas. Eu era o antropólogo. Eu fazia pesquisa. Isso não foi bem compreendido no começo.

À medida que fui sendo percebido como a pessoa que conhecia os procedimentos para “fazer PREP”, o PB4 no serviço de saúde, o Número do Contribuinte (NIF) e os trâmites com os serviços consulares, fui sendo olhado de uma outra forma e algumas barreiras foram sendo superadas. Além disso, imponderáveis (nos campos afetivo, erótico e sexual) também foram significativos para que conseguisse me aproximar de uma rede de homens. Todas essas foram movimentações que voluntária ou involuntariamente tornaram-me uma pessoa supostamente de confiança. Mas, mais que isso, em alguns casos, tornar-me uma pessoa útil. Penso que foi assim que fui finalmente incorporado ao campo.

A circulação pela Europa, algo frequente entre os *escorts* de minha pesquisa, conforme falarei adiante, também se apresentou como uma necessidade para mim. Foi um pouco caótico, face a ausência de financiamento. Embora não realizada sob as melhores condições, essa etapa do trabalho de campo foi bastante frutífera e foi realizada em três momentos: na Espanha no final de 2020; no verão de 2021 na Bélgica e nos Países Baixos; e durante o primeiro semestre de 2022 na Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Suíça, Áustria, Luxemburgo e Itália.

A circulação por esses 10 países, onde encontrei interlocutores brasileiros anteriormente contatados em Lisboa, rendeu muitas conversas (gravadas ou anotadas) com todos eles. Para além de saber da clientela, dos ganhos, ou das práticas sexuais, foi interessante perceber o cotidiano desses homens em contextos ainda menos familiares a eles e toda a construção de performances “europeias” percebidas como altamente valorizadas em uma espécie de bricolagem com uma brasilidade que se mantivera como fundamental nos mercados do sexo.

Durante o segundo semestre de 2022 e nos primeiros meses de 2023, o trabalho de campo foi realizado no Brasil. Me dediquei a etnografar o cotidiano de seis homens que faziam trabalho sexual em Portugal e na Europa e retornaram ao Brasil. Esses foram alguns daqueles de quem fiquei mais próximo. Com eles estabeleci contatos mais efetivos e, portanto, não tive grandes problemas em encontrá-los no retorno. Estive em campo nos seguintes lugares do Brasil: Corumbá, no Mato Grosso do Sul; Goiânia, Aparecida de Goiânia, Trindade e Anápolis, em Goiás; Palmas, Lagoa da Confusão e Cristalândia, no Tocantins; Salvador, na Bahia; Belo Horizonte, Ipatinga e Governador Valadares, em Minas Gerais.

Durante a itinerância do meu trabalho de campo, me dei conta que os meus trânsitos eram muito parecidos com os trânsitos dos *escorts*. Eles viajavam de cidade em cidade a procura de clientes. Eu viajava de cidade em cidade a procura deles, os *escorts*. Eles ficavam poucos dias, algumas semanas, em cada lugar. Tal como eu. A vida deles também era “puxar malas” pela Europa. Como a minha. Malas que seguiram sendo puxadas no Brasil. Os dias deles eram contabilizados pelo número de clientes atendidos. Ou pelo cliente de tal dia. Era isso que eu fazia também. *Hoje vou encontrar o fulano. Ontem consegui acompanhar o beltrano durante tais momentos.* Notas assim povoam as minhas cadernetas de campo.

1.4. Sobre Antropologia, etnografia e trabalho de campo

A etnografia aparece como uma espécie de cartão de visita que representa a Antropologia. Do ponto de vista epistemológico, a partir de Clifford Geertz (1973), pode-se dizer que a etnografia é o paradigma da Antropologia e propõe um jeito/forma de olhar/interpretar a realidade. Por

outro lado, para Paul Sillitoe (2012), do ponto de vista metodológico, a etnografia está bastante associada à observação participante, isto é, um modo de fazer pesquisa antropológica em que o grupo que está a ser estudado reconhece um papel/função/lugar ao investigador naquele contexto.

Diante do que contei acima, realizei uma pesquisa etnográfica. Foram necessários alguns instrumentos muito recorrentes em pesquisas do gênero: observação de situações entre sujeitos da pesquisa nos contextos em que circulam, a elaboração de um diário de campo, conversas informais e entrevistas semiestruturadas. Porém, acredito que o maior volume de dados produzidos e trabalhados na pesquisa foram resultado da convivência quase cotidiana com alguns interlocutores no decorrer de um longo e intenso trabalho de campo.

A investigação foi desenvolvida majoritariamente em Lisboa, mas também em outras cidades do país, capitais europeias por onde os interlocutores transitaram e que se mostraram potentes para o trabalho, além de cidades brasileiras para onde alguns deles retornaram. O que quero dizer é que o campo da pesquisa foi se ampliando e não esteve circunscrito a um espaço localizado, físico/geográfico. O campo era uma ideia, muitos lugares sociais que delimitarei a partir do que recebia no próprio trabalho em desenvolvimento.

É sempre bom ter em mente que o campo é uma construção dos antropólogos para delimitar o lugar de sua experiência antropológica, tal como nos lembra Andrew Killick (1995). O campo do trabalho etnográfico não se esgota em um espaço geográfico, ainda que haja um espaço de campo. Considero o campo como um mapa mental, como um certo tipo de objetivo, mas muito aberto que vai sendo delimitado à medida que a investigação transcorre. Afinal, como pondera o próprio Killick, se você vai ao campo sabendo tudo que irá encontrar, talvez você não chegue nunca a ele. O lugar quase mítico do campo como terra a ser “descoberta” pelo antropólogo-herói-solitário é pouco rentável quando tiramos isso do papel e mergulhamos na vida cotidiana das outras pessoas. Ainda assim é lugar comum no seio da disciplina que o trabalho de campo é o momento de transformação de um neófito em antropólogo de verdade (Johnson, 1984; Tedlock, 1991).

Ralph Bolton (1995), corrobora a crítica ao campo mítico como *locus* do trabalho antropológico. Segundo ele, no trabalho de campo há o encontro com pessoas cujas vidas nós queremos entender. E, por meio de contatos prolongados e íntimos, temos a possibilidade de *insights* que vão ajudando a construir o conhecimento antropológico. Inclusive, porque o trabalho de campo para os antropólogos não respeita uma jornada de trabalho ordinária, como a de qualquer trabalhador.

Partilhar essa contingência me ajudou a me aproximar e entender um pouco a jornada de trabalho dos *escorts*. Compartilhávamos da mesma dedicação exclusiva. Durante o trabalho de campo, é comum que estejamos vinte e quatro horas por dia à disposição. Para nós, todas as experiências e percepções do período podem transformar-se em dados relevantes para a nossa pesquisa. Digo isso, porque em outras áreas, nas ciências ditas *hard*, por exemplo, talvez, seja possível separar melhor o trabalho da vida pessoal. Para antropólogos, pelo menos durante o trabalho de campo, isso é demasiadamente complicado.

Em síntese, o que quero dizer, influenciado por Janet Carsten (2012), é que compreendo o campo mais como uma metáfora e menos como uma delimitação objetiva, ainda que ratifique a necessidade de ir delimitando o meu espaço de atuação e abrangência. Não obstante essas ponderações, havia Lisboa que eu inegavelmente chamava de “campo”, afinal, em alguns momentos era preciso mostrar a outrem que havia uma base. Tratava-se apenas, no entanto, de uma arbitrariedade didática. Afinal, eu olhava para um campo que transitava pelo país, pelo continente e entre continentes.

Na esteira das recomendações de Telmo Caria (2002) e Roberto DaMatta (2004), é necessário tecer os contornos da pesquisa em um diálogo simbiótico entre teoria e prática. Tal como orientado por Russell H. Bernard (1995), ainda que eu estivesse querendo ouvir histórias para depois contar histórias, foi fundamental elaborar um “roteiro etnográfico” que, de alguma forma, chamava a minha atenção para aspectos que mais me interessavam, de acordo com os objetivos propostos por mim e do rumo que a história tomava a partir do que era contado pelos interlocutores. Portanto, o roteiro preliminar foi sendo alterado. É verdade que as primeiras incursões ao campo e às redes de contato fizeram com que eu olhasse e observasse uma gama ampla de aspectos e situações, mas acredito que ter as principais questões em realce ajudou-me a não dispersar ou perder o foco. Digo isso, pois este roteiro, muito prévio e aberto, não deveria tornar-se um “polícia” do antropólogo. Penso que isso não ocorreu.

Como consegui permanecer um bom tempo em trabalho de campo, isso permitiu que fossem realizadas entrevistas semiestruturadas depois de uma relação mais amadurecida com alguns interlocutores para aprofundar e destacar questões de nosso convívio ao longo do tempo e de pontos que me interessavam entender melhor. Uma preocupação com a entrevista foi que ela não tivesse um caráter jornalístico de pergunta e resposta. Para tentar-me afastar desse possível problema, as reflexões de Andrea Fontana e James Frey (2005) foram fundamentais para clarear a dimensão “semiestruturada” da entrevista. E, assim, possibilitar que ela conseguisse, de fato, efetivar-se e fazer com que antropólogo e interlocutor, mesmo a despeito

da formalidade da gravação, conseguissem travar um diálogo que mais se aproximasse de uma conversa e no qual o antropólogo mais ouvisse e deixasse o interlocutor desenvolver as ideias.

É evidente que não se trata de uma conversa desinteressada, tal como adverte Steinar Kvale (2006), uma vez que o antropólogo é quem estabeleceu o roteiro (ainda que semiestruturado). Ele, o antropólogo, é que escolheu os temas a serem abordados. Isso, porém, não funcionou como um impedimento ao surgimento de outros temas, além de que também não impediu que outros rumos fossem seguidos pelos interlocutores ao longo da conversa. O que quero dizer é que gravei conversas, mais do que fiz entrevistas. Saliento que, atento ao que recomenda Gerald Barreman (2011), garanti o respeito à integridade física, identitária e psicológica de cada um dos interlocutores, além do anonimato das informações fornecidas, inclusive o anonimato da identidade deles durante esses e outros momentos. Voltarei ao tema da ética na sequência.

Em 2022 houve a tradução brasileira do livro *The taste of Ethnographic things: the senses in Anthropology*, de Paul Stoller. O livro foi publicado pela Papéis Selvagens Edições e tem a tradução assinada por Marcelo Moura Mello. O texto de Stoller já é um clássico da Antropologia (publicado pela primeira vez, ainda no final dos anos de 1980 nos Estados Unidos) sobretudo em minha percepção, ao ser analítico e provocativo em termos metodológicos. Na reflexão, a ideia é revestir de protagonismo um lugar aproximado, envolvido, implicado do antropólogo com sua investigação, inclusive no que diz respeito aos sentidos do próprio corpo. Desce-se – e muito – da “Torre de Marfim” e imiscui-se entre os sujeitos do campo para evocar aquilo que seria a vocação mais primária da Antropologia, isto é, a sua dimensão profundamente empírica. Algo que dialoga com a percepção de Néstor Perlongher (1987) sobre nossa área como uma ciência do sutil, analiticamente sensível.

Segundo Marcelo Mello (2022), que também assina a apresentação do livro, “Stoller explora as relações complexas entre percepção, poder e experiência vivida. Tais relações lançam etnógrafos e etnógrafas de campo no âmbito da instabilidade, da incerteza, da fluidez e da sinuosidade do mundo social” (p.11). Em vista disso, é que falei acima que gravei conversas e não entrevistas. Falo isso muito mais pela dinâmica espontânea do meu lugar de escuta e da compreensão que tenho que a Antropologia se faz na etnografia muito além do que a partir da reunião metódica de uma série de técnicas e procedimentos. Ainda que passe por isso. Afinal, todos nós que fazemos pesquisa de campo, em algum momento delimitamos nossos objetivos, selecionamos os interlocutores, construímos nossos roteiros, preenchemos nossos diários de campo, entrevistamos, etc.

No entanto, penso que cada vez mais estamos diante dos imponderáveis e nos colocando em lugares menos estáveis, menos confortáveis em termos metodológicos. Refiro-me a isso não

no sentido de correremos riscos que comprometam a nossa integridade física (embora isso tenha ocorrido com antropólogos e antropólogas cujos registros constam da história da disciplina), mas que, pelo contrário, são desafios que questionam os cânones metodológicos e nos colocam diante de novas perspectivas que possam fazer com que a nossa pesquisa, efetivamente, transforme-se em uma contribuição para as pessoas que colaboram conosco, para com a sociedade que conhecerá os resultados e a própria área, que poderá avançar a partir dos desafios de um antropólogo humano de carne, osso e sangue, que sente e expressa sentimentos.

Afinal de contas, tudo aquilo que produzimos em campo, o que chamamos de dados etnográficos, quase sempre, apenas fazem sentido no interior dos problemas metodológicos que nós criamos. Por isso, de forma muito perspicaz, Michel Foucault, em *Ditos e Escritos III*, já dissera que sempre produzira ficções (2001). O resultado da pesquisa antropológica, registrado nas etnografias, é uma versão. Pode-se discutir o quanto essa versão é mais próxima ou mais afastada de determinado contexto e grupo a partir de uma série de fatores, mas ela nunca deixará de ser uma versão. Duas etnografias ainda que sobre o mesmo grupo, em um mesmo contexto, nunca serão iguais, porque partem de percepções diferentes, uma vez que olhadas a partir de lentes culturais e processos de subjetivação distintos.

Ao conduzir sua pesquisa com os Songai, do Níger, Stoller conta como a mera descrição (ainda que densa) não bastou para a etnografia que empreendera. Segundo ele, foi preciso destacar a “textura intersubjetiva”. Esse caráter que costura as relações humanas que desconsidera fronteiras entre lugares sociais de uns e outros e tece no menor detalhe dos detalhes o fio das trajetórias dos envolvidos. Aproxima vidas díspares. Promove encontros impensados. Isso não se faz a distância. Isso se faz perto, dentro, com.

Levar a sério os sentidos na Antropologia, é o que Paul Stoller considera fundamental para complexificar a observação participante, com envolvimento corporal e sensorial. Isso se conseguiria com envolvimento total no contexto analisado, no tal “mundo do outro”. Algo como o que popularmente torna-se inteligível no Brasil a partir da expressão: *fulano se jogou de corpo e alma*. Assim, o que se promove, durante o trabalho de campo, é uma espécie de fusão entre o eu antropólogo e os interlocutores. Talvez fusão não seja a melhor palavra, mas a que me ocorre para tentar visualizar o que quero dizer. Ser capturado pelo campo é um primeiro passo para começar a sentir o encontro etnográfico, que entra pelos poros e faz com que o antropólogo olhe com outros olhos.

Com olhos que escutam, que sentem, que desejam, que aguçam e refinam outros elementos de percepção, quero contar as histórias que vivi e que tudo não fique frio, hermético, ou que perca a substância da vida-no-mundo, como dissera certa vez Maurice Merleau-Ponty (2013).

Em vista disso, entendo como fundamental tecer uma etnografia que habite as coisas, uma ciência gostosa (com gosto) e sensível (com sentido). Para fazer isso, me proponho contar histórias de interlocutores e minhas, experiências nossas, que possam habitar as coisas do trabalho sexual, dos trânsitos dessas vidas que “puxam malas”.

1.5. Isso vai pra tese?

André chegou ao “cativeiro”⁹. Ele foi o último a chegar. Já bebíamos e petiscávamos. Conversávamos sobre o Brasil. Sobre os infectados por Covid-19 que conhecíamos, sobre o governo Bolsonaro, sobre se haveria as eleições do próximo ano. Eram “bons papos”. Alto e moreno escuro (como ele se identificava), corpo magro, com músculos aparentes, cabelo cortado e um bigode fino, sem barba, André era um tipo muito interessante. Ele estava especialmente bonito naquela noite fria. Ele usava uma capa de gabardine. Por baixo dela, estava todo de preto, com um cachecol cinza, que combinava com a touca. André começara a “ciclar”, ou seja, estava em um período de uso de esteroides anabolizantes. Por isso o achava maior. Ainda brinquei: tá ficando monstrão, meu. “Ficar monstrão”, “grandão”, é como costumam dizer, em tom de incentivo, os pessoais trainers no Brasil, quando seus alunos estão nesse processo que André está. As pessoas foram conversando paralelamente. E a noite no “cativeiro” foi seguindo o fluxo esperado: bebidas, drogas, “pegação”¹⁰. Os casais foram encontrando seus espaços naquele hiper-micro-mundo. André e eu nos jogamos nas almofadas, que ficavam na parte de baixo da armação que tinha a cama do casal. Fomos nos mostrar fotos. Eu mostrava fotos de minha viagem a Madrid, quando encontrei com um brasileiro que era escort e ele havia me colocado em contato. Ele me mostrava fotos de suas viagens ao Brasil e à Espanha. Eu não demorei muito tempo a perguntar: oh, meu, tu não tá bebendo por conta dos anabolizantes. Mas e drogas, parou? Ele me disse: parei nada, só estou controlado. É que hoje eu quero lembrar de tudo. O contexto pedia mais que mostrar fotos. Havia gente transando em cima de nós. Havia gente transando ao nosso lado. O que não víamos, ouvíamos. Foi assim que nos encaramos fixamente. Lembrei do garoto que chegou à mesa do bar no Porto Geral de Corumbá em 2013, lá no Pantanal¹¹. Ele estava diferente. Ainda tinha a cara do mesmo menino, embora já fosse homem. Disse a ele: depois de uma década, bora? Ele segurou minha cintura com um braço e com o outro, o meu pescoço: bora, gaúcho! Eu esperei muito por aquele momento, mas já pensava que ele não iria mais ocorrer, porque realmente nos tornamos muito próximos desde 2017 e tudo parecia bem resolvido daquela forma. Ficamos juntos o resto da noite. Viemos aqui para casa. Dormimos juntos. Na tarde do dia seguinte, André me perguntou, quando ficamos deitados sob um sol tímido

⁹ Apelido de um pequeno T0 (kitchenette) habitado por um casal de brasileiros e frequentado por um grupo de amigos brasileiros em Lisboa.

¹⁰ O termo *pegação* é usado no Brasil para referir-se, segundo Verlan Valle Gaspar Neto (2008), a encontros eróticos e sexuais furtivos, rápidos, anônimos. Primeiramente esse termo difundiu-se entre pessoas LGBT e tinha um tom mais pejorativo. Hoje tem seu uso mais generalizado. Penso que o termo equivalente em Portugal seria “engate”.

¹¹ Essa é uma lembrança do momento que conheci André, quando realizei o trabalho de campo (2012-2015) nas cidades de Corumbá e Ladário na região do Pantanal, no Estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil, região que fica na fronteira do Brasil com a Bolívia e que referi um pouco antes.

nos jardins da Fundação Gulbenkian: Gaúcho, tu tava fazendo trabalho de campo comigo? Isso vai pra tese? Fiquei desconcertado. E logo disse que não, sem segurança. Nós já tínhamos uma relação longa. Relação de afeto, de carinho, de companheirismo, de admiração e etnográfica. Sim, também tinha desejo e tesão. Não consigo medir, algumas horas depois, se o trabalho de campo foi comprometido por termos, finalmente, depois de 10 anos, nos beijado e transado. Quero acreditar que não atrapalhará nem a minha pesquisa, nem a nossa relação de amizade (Cadernos de Campo, fevereiro de 2021, Lisboa).

Na tarde de reabertura do Dark¹², Xande (28 anos) me mandou uma mensagem no WhatsApp e me disse que ele e dois amigos iriam ao bar (de cruising), que fica muito próximo da área central da cidade em um espaço amplo, com vários ambientes. O dresscode exigia estar nu ou apenas de cueca/sunga. Marcamos o nosso encontro no bar às 17h de ontem, domingo. Duas horas depois da hora marcada, eu decidi ir embora. Quando estava vestindo a roupa na área reservada aos armários, eis que chega meu interlocutor e seus acompanhantes. De imediato, meus olhos e os olhos de um dos acompanhantes de meu interlocutor se encontraram e nos encaramos d-e-m-o-r-a-d-a-m-e-n-t-e. O rapaz que olhei e que me olhou, antes mesmo que meu interlocutor me cumprimentasse, dirigiu-se a mim dizendo qualquer coisa próxima a isso: você, com esse cabelo e com esse bigode deve ser o Belchior¹³. É isso? Muito prazer, eu sou Cazuzza¹⁴! Fiquei meio sem reação, mas entrei no clima: Olá, Cazuzza! É um prazer te conhecer. De verdade. Cumprimentei Xande e seu acompanhante, um ficante¹⁵, que eu já conhecia. Meu interlocutor me perguntou se eu já estava indo embora. Quando ia começar a responder que sim, Cazuzza disse: ele estava indo, mas agora vamos fazer um show juntos e ele vai ter que ficar. Não é todo dia que esses encontros ocorrem, não é mesmo, Belchior? Sorri e voltei a tirar a roupa. Era a minha resposta a ele. Cazuzza se chamava Dagoberto (34 anos), seu apelido era Dago. Xande, o meu interlocutor, não estava trabalhando, estava fazendo vício¹⁶, algo bem comum aos domingos dos escorts. Não perguntei se Dago era escort. Talvez devesse. Talvez não quisesse que ele respondesse que sim. Aliás, não falamos sobre trabalho sexual. Para mim estava tudo certo, pois eu estava interessado em etnografar o meu interlocutor fazendo vício no cruising bar. A noite foi muito movimentada, Dago e eu, nos papéis de Belchior e Cazuzza protagonizamos um encontro jamais visto nos palcos

¹² Nome fictício.

¹³ Belchior, cantor brasileiro já falecido. Quando eu estou com o cabelo um pouco grande e sem barba, apenas com bigode, as pessoas costumam me achar parecido com ele. Xande e seus amigos apelidaram-se assim e Dagoberto encarregou-se de me popularizar com esse codinome em campo. Até hoje, entre eles, sou o Belchior.

¹⁴ Cazuzza, cantor brasileiro já falecido. Era, dentro e fora dos palcos, reconhecido como “exagerado”: no talento, na relação com drogas e álcool, no sexo, nas amizades.

¹⁵ Trata-se de uma companhia eventual, não tão esporádica, mas também não exatamente séria.

¹⁶ Segundo Larissa Pelúcio (2009), a categoria *vício* é representativa de um tipo de relação entre travestis e um *homem de verdade*. O *vício*, para a autora, é um elemento das bordas, perigoso, poluidor. O homem que incorpora o lugar do *vício*, ele não é marido e também não é cliente. Ele habita uma zona cinzenta entre a casa e a rua. Em alguns casos, o *vício* pode transformar-se em marido. Muitas vezes, o *vício* já foi cliente. De maneira geral, *fazer vício* é estabelecer um tipo de relação com uma pessoa estranha que deveria ser restrito a pessoas conhecidas. Pelúcio ainda conta que a *travesti viciosa* é aquela que não separa trabalho de afeto, porque se relaciona de forma gratuita com potenciais clientes. Entre os meus interlocutores, quando se *faz vício*, os encontros não envolvem relações comerciais. *Fazer vício* é o oposto de *atender*, que é trabalhar. A esse respeito, ver também Vi Grunvald (2016).

brasileiros. Engatamos. Quando decidimos ir embora, fui convidado a tomar um vinho com Dago em sua casa. Naquele exato momento, lembrei de uma conversa que tive com um português, que conheci ali mesmo no bar do Dark, em outra oportunidade. Ele me disse qualquer coisa como: se um gajo te convida para uns copos, ele quer conhecer-te. Se te convida para um vinho, ele quer foder-te. Fui ao vinho. Afinal, a confirmar-se a sabedoria popular portuguesa, já tínhamos vencido a etapa do vinho, antes do vinho. Passava da meia noite. Dago é um brasileiro das Minas Gerais, tem 34 anos, com ensino superior completo na área de Desenho Industrial e se considera branco e gay. Ele dizia ter um corpo magro/definido. A barba estava “por fazer” e os cabelos avolumavam-se encaracolados. Ele usava roupas largas (calças e um casaco moleton), além de um boné de aba reta enterrado na cabeça. Ele se vestia muito diferente dos escorts que eram meus interlocutores. Isso me causou uma indisfarçável atração. Ele não precisou me dizer que era escort. Ao chegar ao seu quarto percebi isso claramente. Antes de conhecer o quarto de Dago, eu já tinha conhecido outros quartos de escorts. Ele parecia muito tranquilo, já estava mudando de roupa e colocando uma música. Estrategicamente escolheu Belchior – achei bem bom. No entanto, não consegui me conter e perguntei: você é escort? Não, eu não sou, respondeu imediatamente. Mas eu faço escort sim. Você não sabia? O Xande não tinha te contado? Mais um escort na minha conta, pensei. Fiquei muito interessado no “não sou escort”, mas “faço escort”. Isso era potente demais. Ele contou que Xande havia comentado que ele ia gostar de mim por termos muita coisa em comum: papo-cabeça, ser meio maculelê¹⁷ e gostar das mesmas músicas. Dago também achou que eu soubesse que ele fazia escort porque Xande tinha comentado sobre a minha pesquisa. Ele me disse que achou muito da hora. Tivemos momentos muito agradáveis. Foi uma noite/madrugada interessante. Quando já era madrugada pensei em vir para casa. Estava amanhecendo. Verbalizei alguns pensamentos estúpidos sobre o nosso encontro. Lembro quase exatamente das palavras dele me respondendo, não esqueço o tom áspero, fotografei na memória o semblante fechado, que só mudou no final da fala, virando piada e sorrisos: você é um antropólogo. Não seja tosco. Isso ele disse literalmente. Se você tivesse que pagar, aí era cliente e não rola convite para cliente. Aqui foi parecido a isso. Deixa eu dizer, cliente aqui só pagando. Agora aqui é casa, não é trabalho, arrematou. O final também lembro literalmente: domingo é dia de vício. Aproveita que hoje é domingo. Domingo é grátis, Belchior. Acordamos quase 12 horas. Fomos almoçar. Foi então que expliquei as minhas pesquisas anteriores, a minha pesquisa atual, o cuidado/receio com o sexo com interlocutores durante o trabalho de campo. Ele achou tudo muito da hora. Ele usa fartamente essa expressão. Ele me disse: eu quero ser interlocutor. A gente não precisa se afastar. A gente não vai casar. A gente só ficou. Dagoberto se prontificou em ajudar, afinal conhecia muita gente e, segundo ele, adoro circular e você pode circular comigo. Concluiu dizendo que as coisas vão fluindo. A sugestão final foi maravilhosa, pois comparava a nossa relação com a dele e os clientes que o interessavam para além do trabalho.

¹⁷ Segundo Maria Mutti (1978), maculelê é uma dança do folclore da Bahia, cujas origens remontam às ancestralidades africana e indígena. Trata-se de uma simulação de luta com bastões. Supõe-se que sua origem remonte à época colonial do Brasil, nas fazendas de cana-de-açúcar. Já um “boy maculelê” é geralmente um homem jovem, mais “largado”, compondo uma “estética hippie”, quase sempre com cabelos compridos ou bagunçados, trajando calças largas, definitivamente ele não é parte do perfil “padrão” dos homens. Sua masculinidade não se expressa em termos hegemônicos. Diz-se que ele teria gingado, molejo. Agradeço às professoras Bruna Irineu e Débora Mosqueira por me ajudarem a definir o “boy maculelê”. Até reconheço Dago em alguma medida nesse estereótipo, mas eu mesmo não me reconheço nele.

Ele disse algo, mais ou menos, assim: se a gente for ficar mais vezes, a gente separa tudo direitinho. Tipo como eu faço com os clientes e os vícios. Hoje fulano é cliente. Amanhã é o dia do vício. Se a gente acertar antes, isso funciona. E agora, Belchior? (Caderno de Campo, abril de 2021, Lisboa).

1.6. A Antropologia e o “problema” do sexo

Os relatos acima contam, ainda que panoramicamente, as primeiras vezes que me envolvi afetiva, erótica e sexualmente com dois interlocutores durante a realização do trabalho de campo. Neles respondo a pergunta que mais me foi feita ao longo da pesquisa: *você transa/transava/transou com seus interlocutores?* Constantemente respondia que não, pois, de fato, não tinha me envolvido com nenhum deles. Pelo menos, não havia me envolvido nesses termos da curiosidade de conhecidos, amigos e outros contatos de campo.

Tenho percebido que o problema não é fazer sexo. Como Victor Hugo Barreto (2016), penso que um dos pontos a ser enfrentado pode ser componente moral. Vou aqui refletir um pouco sobre ele, ainda que tenha claro que muitas outras questões possam atravessar esse debate. O que está em questão, e espero conseguir aclarar a seguir, é o fato de um pesquisador que investiga sexo, sexualidade, práticas sexuais, trabalho sexual, fazer sexo durante o trabalho de campo, em campo, com alguns interlocutores. E, mais que isso, transformar essa ação em uma questão a ser problematizada metodológica, teórica e cientificamente. Estou ciente, no entanto, que se trata de alterações e equilíbrios complexos no âmbito das relações de poder que são inevitavelmente tecidas. Entendo que muitas dúvidas possam ser geradas em vista de silêncios e tabus em torno do sexo de maneira geral e da relação sexo e trabalho de campo em específico. Essas dúvidas e desconfortos, que podem ser de muitos leitores, também foram minhas durante um tempo. Portanto, as encaro (nesse momento) como potentes analiticamente.

Também penso que é preciso desde já, deixar claro que tais reflexões são possíveis a partir das especificidades do meu campo, que mostra uma proximidade marcante em termos de classe, gênero, sexualidade, nacionalidade, escolarização entre o antropólogo e os seus interlocutores e que, portanto, não generalizo a todos os diferentes e complexos contextos que envolvem as diferentes nuances do trabalho sexual.

A Antropologia, como se sabe, nutre um grande interesse pelo sexo desde os seus primórdios. Publicamente, sabemos que esse interesse tem sido quase sempre pelo sexo dos “outros”, dos “nativos”, dos “selvagens”. Pouco ou nada sabemos sobre a intimidade erótica e os desejos sexuais de antropólogas e antropólogos durante a realização de suas pesquisas de campo. Segundo Moises Lino e Silva (2014), é possível que tais silêncios tenham sido

estratégicos para que a área fosse “levada mais a sério” e para que a disciplina conseguisse consolidar a sua institucionalização.

Houve, de fato, como adverte Dom Kulick (1995), um “silêncio disciplinar”, que, no entanto, há alguns anos, ainda que timidamente, começou a ser quebrado, é bem verdade. Em grande medida, segundo ele, essa marca da disciplina pode passar pela forma como ela se constituía como ciência, isto é, a Antropologia nasceu registrando e analisando (pretensamente) de forma objetiva os hábitos, os costumes, as relações, enfim, a vida dos outros. A biografia e a posição do antropólogo no contexto analisado aparentemente nada interessava, pois pensava-se nele como uma figura “neutra”. Além disso, como lembra Mary Louise Pratt (1986), era manifesto certo desdém disciplinar com narrativas pessoais.

Para Andrew Lyons e Harriete Lyons (2004), há muitas pistas do “passado sexual mais explícito” da Antropologia. Não é um acaso que Bronislaw Malinowski, um de nossos totens disciplinares, tenha publicado, logo depois de sua obra mais consagrada, um livro intitulado *A vida sexual dos selvagens* (1929). Na mesma linha, não parece outro acaso que, um ano antes, a festejada antropóloga estadunidense, Margaret Mead tenha dado o *start* de sua carreira analisando questões que envolviam experiências sexuais de meninas em Samoa, que foram publicadas em *Coming of Age in Samoa: A Psychological Study of Primitive Youth for Western Civilization* (1928). Quer dizer, há quase um século, nossa disciplina interessa-se muito por sexo. Em vista disso, o sexo estaria longe de ser um tabu na Antropologia. Como dito acima, o sexo “deles”.

O evento paradigmático que começou a permitir aos etnógrafos que se sentissem autorizados a falar sobre sua subjetividade erótica, paixões e práticas sexuais em campo, durante a realização de suas pesquisas, foi a publicação póstuma de *A diary in the strict sense of the term* (1967), de Malinowski. Entende-se, ao ler os diários, que o antropólogo reprimiu ao máximo do seu possível os seus pensamentos e desejos sexuais. A sexualidade em campo era tudo, menos bem resolvida para ele. Havia conflitos de todas as ordens. Luiz Fernando Rojo (2005) diz que Malinowski, em seus diários, deixa transparecer uma “pessoa privada atormentada por paixões e preconceitos”.

Caso cedesse a seus sentidos e desejos, Malinowski, como adverte Kate Altorck (1995) percebia que podia afetar sua máscara de *cientista neutro*. É sempre bom lembrar que ele foi educado em uma tradição católica polonesa, que teve formação acadêmica em matemática e física, privilegiando os fundamentos da lógica e da razão em sobreposição aos fundamentos da emoção e da paixão. Além disso, mantinha uma relação monogâmica com a esposa que ficara

na Europa. Quer dizer, havia um cruzamento de muitas variáveis pessoais e científicas que perturbavam o antropólogo quando confrontado com seus “instintos”.

A emergência de uma antropologia reflexiva nos anos de 1970 e a virada hermenêutica dos anos de 1980 foram outros movimentos que começaram a permitir uma reflexão sobre colocar o antropólogo em cena e pensar sobre ele, sobre a dimensão colaborativa da pesquisa antropológica, bem como começar a questionar a autoridade intocável do antropólogo e o lugar quase mitificado da “objetividade antropológica”. Afinal essa “objetividade neutra”, como pondera Kate Altork (1995), servira de escudo que acabava por impedir-nos de sermos “tocados” pelo campo, ou como prefere Wagner Xavier Camargo (2016), a relação clássica era *asséptica*. Continuava muito importante contar sobre o outro, no entanto prestando mais atenção em nós nesse processo de produção dos dados.

A iniciativa de reflexão sobre a subjetividade erótica dos pesquisadores de campo no âmago da disciplina teve em Paul Rabinow (1977), com *Reflections on Fieldwork in Morocco*, um dos primeiros momentos em que os antropólogos contam alguns encontros sexuais durante o trabalho de campo. A primeira antropóloga a fazê-lo foi Manda Cesara (1982), pseudônimo de Karla O. Poewe, que, em *Reflections of a Woman Anthropologist: No Hiding Place*, narra suas experiências sexuais durante o trabalho de campo em África, entre os Lenda.

Há de se destacar as coletâneas *Self, Sex and Gender in Cross-Cultural Fieldwork*, organizada por Tony Larry Whitehead e Mary Ellen Conaway (1986), *Gendered Fields: Women, Men and Ethnography*, organizada por Pat Caplan (1993) e *Taboo: Sex, Identity and Erotic Subjectivity in Anthropological Fieldwork*, organizada por Dom Kulick e Margaret Willson (1995). Em todas elas, questões afetivas, eróticas e sexuais são problematizadas a partir das experiências de etnógrafos e etnógrafas em diferentes *loci* de pesquisa. Amor, sexo, violência sexual, maternidade, medo, prazer, todas essas dimensões são analisadas em contextos culturais mais próximos ou muito distantes dos etnógrafos. Foi flagrante, no entanto, a maior participação de mulheres (lésbicas e heterossexuais) e homens gays diante de homens heterossexuais. Parece que o pacto antropológico de silêncio sobre afeto, erotismo e sexo em campo é marcado por gênero e orientação sexual.

Ainda é preciso um destaque que não se pode ignorar. Uma reflexão sobre o tabu do sexo de antropólogos e antropólogas em campo pode ter sido influenciada pela circulação da obra de Michel Foucault (2017) sobre a história da sexualidade no chamado ocidente. A compreensão de que o sexo não era um impulso trans-histórico, transcultural e natural, mas uma construção cultural com uma história e em disputa foi muito importante para que se pudesse problematizar as relações com ele e a partir dele (Kulick, 1995).

1.7. Silêncio e celibato: trabalho de campo e as práticas sexuais

Nunca me vi impelido, por pesquisar o tema que pesquiso, a fazer sexo com *escorts*. Não costumo ser cliente de *escorts*. Não se trata aqui de realizar minhas fantasias a partir de qualquer subterfúgio. Durante o trabalho de campo nunca realizei um programa, por exemplo. Além disso, ter sexo ou pagar por sexo em pesquisas sobre o tema, não me parece que consiga garantir o acesso privilegiado a informações. Isso é garantido com a intimidade que se constrói com o campo a partir de uma miríade de fatores. Talvez seja possível dizer que o sexo possa ser mais um entre tantos. Mas não tenho elementos para afirmar que é um fator privilegiado. Em vista disso, o que chamarei aqui de *dates etnográficos* não me constroem do ponto de vista ético, mas podem ser teórica e metodologicamente fundamentais para pensar, mais uma vez, sobre a ética na pesquisa etnográfica e problematizar o “mito do antropólogo assexuado”¹⁸.

Kate Altork (1995), quando realizou pesquisa de campo com bombeiros brigadistas no interior dos Estados Unidos, conta sobre sua atração pelos bombeiros e as relações advindas, bem como a preocupação em como transcrever isso etnograficamente. Isso lhe causava insegurança em vista do medo das críticas, de não ser levada a sério e ter sua pesquisa comprometida, bem como sua carreira maculada. A autora diz que a alternativa a isso tem sido uma costureira “névoa de anestesia sensorial” por parte de antropólogos em seus processos criativos.

A questão que parece manifesta nas reflexões de Altork, e com a qual também me deparei, é: qual o grande receio em relação ao sexo em campo? Contaminação? Transformar-se em “nativo”? Perder a capacidade de pensar antropologicamente? Ser percebido como um explorador? Extrativismo intelectual? Ora, mas todos nós que estamos em trabalho de campo, não estamos sujeitos a esses “problemas” a partir dos diferentes eventos a que nos permitimos participar? Parece que os encontros sexuais em campo comprometeriam a “parcialidade” do antropólogo, o deixariam em condição mais vulnerável, supostamente perdendo o controle de sua pesquisa. No fundo, o que parece em jogo é a suposta perda de autoridade investida na condição de pesquisador (Gearing, 1995; Newton 1993).

Isso é um tanto descabido, afinal nós fazemos quase tudo com nossos interlocutores, como lembra Kulick (1995). A Antropologia estuda todas as dimensões da vida social, permeada

¹⁸ Segundo Roseli Buffon, o mito do antropólogo assexuado constitui-se quando “o antropólogo, ao vestir a máscara de pesquisador, se transforma em uma nova entidade, adquirindo o poder de afastar, na interação com seus informantes, o nocivo elemento da sexualidade” (2018, p. 66).

pelas relações entre antropólogo e interlocutores. Questiona-se Victor Hugo Barreto (2017a) por que silenciar sobre afeto, erotismo e sexo entre esses personagens? Nós passamos longos períodos (meses e até anos em campo) compartilhando o cotidiano com as pessoas. Isso envolve comer junto, dormir, passear, viajar, dividir alegrias e tristezas. Dividir angústia de violências sofridas. Comemorar pequenas vitórias. Participa-se de rituais os mais variados. Em alguns casos tratam-nos como “da família”. Em outros, somos alçados à categoria de “amigos íntimos”, “de confiança”. Há inúmeros casos em que acaba a pesquisa de campo e alguns interlocutores continuam a relação fraterna desenvolvida com o antropólogo durante o trabalho de campo (Dubish, 1995; Rojo, 2005).

Não compreendo, também, que devêssemos passar a fazer “desabafos biográficos”, pois seria um tanto narcísico. Entretanto, penso que, do ponto de vista metodológico, relatos desse tipo poderiam mostrar outras facetas da construção das relações em campo e de como os dados foram produzidos. Sabe-se que isso pouco aparece em publicações variadas, não obstante seja tema popular nas rodas de conversa em mesas de bar, nos corredores de eventos, em momentos de lazer junto a antropólogas e antropólogos (Rojo, 2005; Braz, 2007; Camargo, 2016), na “Antropologia da fofoca”.

A questão não é de fofocar sobre quem faz e quem não faz sexo em campo. Os lugares do antropólogo e dos interlocutores são historicamente desiguais. A desconstrução e encurtamento dessas distâncias são alguns dos grandes desafios de nosso ofício. Portanto, está para além de saber se quem fez sexo em campo e o fato de falar que fez o torna mais fiel ao campo. Ou se quem não transa, ou transa e não comenta, é mais fiel à Antropologia. Não se trata de uma disputa por confissões, que até poderia ser cara a detetives. Isso interessa à “Antropologia da fofoca”, mas tem pouco efeito prático. O importante seria, ao colocar a subjetividade erótica do antropólogo sob análise, fazer com que isso fosse alçado a um procedimento epistemologicamente produtivo para a nossa área em termos metodológicos, ainda que rompa “com a conduta ideal do antropólogo-cientista” (Lopes, 2022, p.4).

Digo isso, a partir de uma observação de Clifford Geertz:

A característica mais marcante do trabalho de campo antropológico como forma de conduta é que ele não permite qualquer separação significativa das esferas ocupacional e extra-ocupacional da vida. Ao contrário, ele obriga a essa fusão. Devemos encontrar amigos entre os informantes e informantes entre os amigos (Geertz, 2001, p.45).

No entanto, a despeito dessa perspectiva, tem-se insistido, ao longo da história da disciplina, em uma rígida separação em âmbitos que envolvem a dimensão sexual da vida de antropólogos

em sua relação com os outrora “nativos”. Nas palavras de Luiz Fernando Rojo (2005), é preciso problematizar o “bom tom” do escrutínio severo entre aqueles interlocutores que não podem ser amantes, muito embora haja a necessidade que sejam amigos, e os possíveis amantes que não devem ser interlocutores. Caso isso não ocorra, isto é, o questionamento desse *status quo*, persistirá essa difícil equação que aparta as esferas *ocupacional* e *extra-ocupacional* durante a pesquisa etnográfica.

Ao longo do trabalho de campo, houve diversos momentos de sedução em relação aos interlocutores. Flertes dos mais variados¹⁹. Minha sexualidade, meu *lugar de corpo* (Duque, 2020; Oliveira, 2022), meu afeto, eu por inteiro, sempre esteve/estive na “mesa de negociações”. Esses sentimentos e essas percepções eram dados sendo produzidos (Camargo, 2016), pois como pondera Moises Lino e Silva (2014, p.19) “esses corpos não são sexualmente inertes durante a pesquisa”. Assim, nunca fui assexuado em campo. Não passei incólume. Algumas vezes fui objeto de curiosidade, outras de desconfiança, quem sabe de repulsa, e, em outras ainda, de desejo²⁰.

Como dito acima, porque há também uma especificidade gay que deveria ser destacada. Ainda que atravessados por muitas diferenças, há partilhas de códigos e sensibilidades comuns ou próximas entre um antropólogo gay e interlocutores majoritariamente gays e eu posso ter sido lido como alguém com que valeria ter certas intimidades afetivas, eróticas e sexuais. Mas não só isso, entendo que nossas posições de classe (muito próximas) também foram fundamentais para criar um ambiente próximo e confortável entre nós. Penso que tais particularidades podem colocar as questões de poder, desigualdade, hierarquia das relações empreendidas entre nós em um outro plano. Além disso, éramos brasileiros na experiência de estar fora do país de origem. Tudo isso precisa ser levado em consideração²¹.

John Wengle (1988), a partir de uma pesquisa com viés psicanalítico, com antropólogos que realizaram trabalho de campo, conta que os etnógrafos, em sua grande maioria,

¹⁹ Sobre flerte em campo ver Camilo Braz (2010); Wagner Camargo (2016); Victor Hugo Barreto (2016), Daniel Kerry dos Santos (2016), Dardo Lorenzo Bornia Junior (2018), Antonio Pilão (2012), entre muitos outros.

²⁰ Sasho A. Lambevski (1999), em sua “etnografia experiencial” em uma “cena gay” na capital da Macedônia, onde ocorriam engates entre macedônios e albaneses, questiona o suposto “desencarne sexual” do antropólogo ao entrar em campo, sobretudo em campos que dizem respeito a práticas sexuais. Para ele, não parece que o envolvimento sexual seja uma “obrigação” etnográfica, mas, em determinados contextos, pode apresentar-se como um instrumento rentável em vista da circunstância do campo.

²¹ Penso que esta pode ser uma diferença significativa em relação a outros campos onde há assimetrias muito claras em termos de gênero e orientação sexual, por exemplo. Nesses casos, por exemplo, *dates etnográficos* podem ser lugar de violência, desconforto, armadilhas. Em vista disso, como já adiantei, não pretendo que a minha experiência seja generalizada de maneira indiscriminada. Ela funcionou no meu presente etnográfico dado aquele contexto.

permaneciam celibatários em campo. Entre outras razões, por questões éticas. Isso, claro, gerava desassossegos (no mínimo), pois boa parte das pessoas que ia a campo era de jovens com uma vida sexual ativa e em seus momentos de descobertas profundas e experimentações variadas. Mais que de repente, eram tomados por um celibato compulsório.

Peter Wade (1993) diz que a comunidade antropológica compreendia o sexo com os “nativos” como impróprio e antiético, embora não formalizasse essa impressão. No entanto, ela fora absorvida atemporal e generalizadamente. Como lembra Luiz Fernando Rojo (2005), a ordem “não faça” era “velha conhecida” de todos nós. Quando começou os seus contatos com a Antropologia, ainda nos anos de 1960, Esther Newton (1993) concluía que ou o sexo com os “nativos” não existia ou era impróprio, pois reinava um silêncio sepulcral sobre o tema. Em vista disso, “sempre o campo fora regido pelo silêncio do celibato ou pela vigilância da sexualidade” (Camargo, 2016, p. 207).

Seria muito potente que pesquisadores e pesquisadoras de outras áreas da Antropologia – que também têm envolvimento do mesmo tipo e não são cobrados a confissões como nós somos porque eles/elas não “mexem com sexo” – começassem a contar como lidaram quando foram atravessados por tais situações e como esses atravessamentos ajudaram, complicaram ou foram indiferentes à realização de suas pesquisas. Ganharíamos todos e desconstruiríamos um dos maiores mitos da disciplina: o do “antropólogo assexuado”.

1.8. Depois do sexo, problematiza-se o sexo

André já era meu interlocutor quando nos envolvemos e Dagoberto tornou-se depois de nosso primeiro encontro. É inegável que André abriu muitas portas para mim depois de nossa aproximação íntima, não que já não o tivesse feito antes. Fez e muito. O trabalho de campo começara pelas mãos de André. Então o que mudou com o sexo? Nossa intimidade se tornou maior, nós ficamos mais próximos ainda, nossa comunicação passou a ser mais frequente e comecei a sistematicamente receber convites para estar com ele em eventos variados. Antes de nosso *date etnográfico*, era sempre minha a iniciativa de contatar André e sugerir encontros para as diferentes atividades. Além disso, ele passou a me falar mais sobre seus clientes e, inclusive, intermediou o contato com um deles para que eu pudesse conhecê-lo, conversar e, quase no final do trabalho de campo, fazer uma entrevista gravada.

Com Dagoberto a questão foi diferente, mas as portas de um outro grupo de interlocutores também foram abertas. A minha dúvida é se tais portas não poderiam ter sido abertas sem o nosso contato íntimo. Dagoberto e eu nunca estivemos em uma situação de *escort* e cliente, ou

algo que o valha. Para ele, parecia claro, que éramos amigos e que algumas vezes fazíamos sexo. Aliás, logo depois da nossa primeira noite juntos, foi isso que ele rapidamente elaborou, como eu contei acima.

A intimidade com Dagoberto não foi premeditada para que ele se transformasse em um elemento mediador com uma rede de interlocutores. Agora, a partir desse envolvimento uma nova frente de pesquisa foi estabelecida e esse tema precisou estar em questão. Dagoberto me ajudou de muitas formas na minha circulação pela noite, nos *after party*, nas *chemsex*. Ele foi um interlocutor importante a me conduzir a alguns territórios que são muito dos *brothers*. Outros interlocutores fizeram igual, mas com eles não tive envolvimento românticos ou sexuais. Não me parece que tenhamos colocado o sexo como elemento de barganha para a realização da pesquisa. Por isso questiono-me sobre as possíveis facilidades que pesquisadores poderiam conseguir somente mediante práticas sexuais em campo com interlocutores.

No caso de Evelyn Blackwood (1995) ter um relacionamento amoroso com uma outra mulher nas aldeias da Indonésia foi fundamental para lhe recuperar um sentido de identidade e apaziguá-la em termos de angústia e solidão. Isso a fez questionar as noções de distanciamento, de observadora, porque, ao mesmo tempo que era uma *outsider*, a relação com sua amante a ia tornando *insider* de uma forma muito particular. Miguel Vale de Almeida percebe que esses diferentes lugares ocupados pelo antropólogo o fazem uma espécie de “agente híbrido” (2004). Talvez algo um pouco parecido tenha acontecido comigo, em se tratando das relações com André e Dago. Nossos *romances* prolongaram-se durante o ano de 2021, mas tiveram fim e já éramos “apenas bons amigos” na etapa brasileira do trabalho de campo em 2022 e 2023.

André e Dagoberto me apresentaram a muitos *escorts* e falavam com entusiasmo sobre a minha pesquisa. Frequentei a casa deles em Lisboa, e em outras cidades por onde eles circularam. No Brasil, voltei a Corumbá (MS) para encontrar André. Com André e Dago, tive sexo frequente, tive algum sexo e não tive qualquer sexo. Como ocorrera com Dubish (1995) e Bolton (1995), o fim dos relacionamentos eróticos e sexuais não colocou fim às relações afetivas e fraternais desenvolvidas.

Não consigo reduzir toda essa maquinaria ao simples fato de que eles queriam transar comigo e que eu queria bisbilhotar a vida deles. Afinal, eu também queria transar com eles. Em determinado momento, ninguém mais queria transar e seguimos nos relacionando, pois havia outras camadas²² que me parecem que foram a seiva da etnografia. É sempre bom lembrar,

²² Quando menciono camadas aqui, as estou pensando a partir do conceito de arqueologia de Michel Foucault (1994, 2004). Segundo ele, a arqueologia permite explorar diferentes camadas de discursos que são produzidos pelos sujeitos. Tais discursos produzidos não são homogêneos, nem lineares. Eles podem ser superficiais, mas

como sentenciar Vi Grunvald que o “empreendimento antropológico é um encontro afetivo, um devir-nativo: não é uma transformação em nativo, mas um deixar-se afetar pelas mesmas forças que o afetam” (2016, p.155).

A experiência etnográfica é um processo de experimentação de si mesmo com os outros, percebendo que somos diferentes, construindo pontes de contato, aproximando. Ou como sugere Donna Haraway (1988), a partir de nossa experiência subjetiva vamos encontrando um terreno comum. Caso contrário, se o campo, no meu caso, tivesse sido tornado possível mediante as negociações de ordem meramente sexual, o apagamento dessa dimensão deveria sacramentar a impossibilidade da sequência do trabalho de campo. Não foi isso que ocorreu, porque o sexo não foi um instrumento metodológico de produção de dados em campo, mas um acontecimento imponderável durante o trabalho de campo. O sexo em si não foi a coisa. Mas a relação desdobrada dele, o seu “efeito secundário” (muito benéfico, avalio) foi ganhar confiança, intimidade, avançar no campo e tornar-me conhecido nas redes por onde eles circulavam.

Os homens brasileiros que fazem trabalho sexual, que se tornaram meus interlocutores a partir do contato que estabeleci com André e Dago, pensaram muitas coisas a nosso respeito e compartilharam algumas delas comigo. Para muitos deles, nós tínhamos um *caso*, para outros éramos namorados. Alguns deles pensaram que eu fora um cliente que virou *vício*. A todos esses comentários, eu respondi de forma honesta sobre o que senti pelos dois interlocutores e sobre o que eu tinha entendido que eles sentiram comigo. Situações a que eu estaria suscetível dentro ou fora do campo. Isso inclusive, me dava condições de refletir também sobre as outras situações de flerte e sedução que eu não levei a diante e que não prosperaram.

Andrew Holleran (1988) diz que entre homens gays, o sexo operaria como um meio para a conquista da intimidade e não o seu contrário, como parece mais ordinário na vida social. Talvez essa não devesse ser encarada como uma máxima para a generalidade dos homens gays. Afinal existem muitas categorias de articulação que interseccionam as experiências de homens gays e os constituem como sujeitos muito diferentes entre si. Feita essa ponderação, penso que no campo que eu transitei e na minha rede de relações, essa ponderação poderia se aplicar.

também mais profundos. A arqueologia escava, de forma vertical, essas camadas, que são em si, descontínuas dos discursos. O intuito é revelar conceitos e práticas que foram marginalizados historicamente e moldaram sujeitos, objetos e relações. O próprio Foucault mostra que a arqueologia é essencialmente uma análise do discurso na forma de arquivo, entendendo o arquivo como o conjunto de condições históricas que possibilitam a emergência dos enunciados como eventos singulares. O arquivo é o sistema que determina o que pode ser dito, isto é, a lei por trás dos enunciados.

É por isso que entendo que é preciso falar sobre o sexo como vetor de intimidade. Afinal, a quem interessa o afeto, o erotismo e o sexo nesse lugar sacralizado, distanciado, intocável, impenetrável? Um lugar tão protegido. A nós antropólogos? Por quê? Em que isso nos ajuda? Segundo Ralph Bolton (1995), o segredo sobre o sexo corrobora a manutenção de uma percepção dele como “sujo”, “degradante” e “imoral”. Esse pacto de silêncio é um pilar do que o autor chama de “hipocrisia sexual” dentro e fora da Antropologia. Em contrapartida, para Bolton, falar sobre o sexo “sujo”, “deplorável” e “perigoso” é uma estratégia potente para desmistificar o fenômeno e mais, é um antídoto contra todos aqueles que precisam manter seus segredos sexuais, caso contrário tornar-se-iam capitulantes diante de seus desejos e, portanto, “falíveis”.

E se passássemos a compreender o sexo e a intimidade erótica em um outro lugar? Menos sagrado. Menos intocável. Menos inviolável. Mais humano. Mais terreno. Mais entre nós. Não sei se isso tem a ver com práticas homossexuais, com erotismo e afeto entre dois homens, ou sobre o sexo ser a dádiva em circulação no contexto em que estive. Talvez seja tudo isso junto. Mas parece evidente que o sexo é um domínio se não o mais proeminente, um de forte significado simbólico na suposta “cultura gay” que observei em campo e que compartilhei com eles.

Muitas amizades entre homens gays começam pela cama. Muitos amigos gays, no mais das vezes, antes de amigos foram parceiros sexuais. Depois disso é que acabam por se tornar pessoas do círculo afetivo para além da dimensão sexual. Exatamente como aconteceu comigo, André e Dagoberto. Ao conversar com homens gays de diferentes gerações (faço isso há mais de 20 anos por conta de minha vida particular e por conta de meu trabalho), percebo que essa é uma recorrência, reservadas as devidas proporções.

Na impossibilidade de poder existir com tranquilidade e em segurança na vida pública, sobretudo por falta de referência, pela ignorância e pela violência, as gerações de homens homossexuais até a minha (penso eu) tiveram no seu círculo de relações o envolvimento com o sexo, o cuidado e o aprendizado mútuo. Éramos amigos, amantes, “professores” e “alunos” uns dos outros. Porque nada disso (ou pouco disso) havia fora dos nossos pequenos-mundos. Pouco ou nada havia na família. Pouco ou nada havia na escola. Pouco ou nada havia na rua. Pouco ou nada para além de violências das mais diversas ordens²³.

²³ Entendo a crítica que Camilo Braz (2010) e Victor Hugo Barreto (2017a) fazem a Ralph Bolton no aspecto de o autor pensar o sexo como elemento determinante da socialização entre homens gays. No entanto, não estou completamente de acordo com eles. Não sei dizer se o sexo é determinante, mas tem alguma centralidade nesse processo e, sobretudo, na constituição de intimidade entre essa população. Isso aparece com muita força nas pesquisas que conduzi. Por outro lado, em desacordo com Bolton e concordando com os dois antropólogos, não

Talvez isso seja incompreensível a muitas pessoas heterossexuais que porventura lerão essa tese, afinal a heterossexualidade constitui-se como norma social e as referências à heterossexualidade começam desde tenra idade. Os empreendimentos para a sociabilidade heterossexual e para o aprendizado à heterossexualidade estão em toda parte. É possível, no entanto, que algumas pessoas heterossexuais não percebam que a sociedade, ou o que o valha, é organizada a partir de empreendimentos heterossexualizados e estímulos heterossexualizantes.

A sociabilidade de algumas parcelas de homens gays, pelo menos até a minha geração, tem uma relação umbilical (inegável) com o sexo, seja nas ruas escuras, nos becos e vielas, nos parques, nos terrenos baldios, nos banheiros públicos, nos *dark rooms* dos *inferninhos*, nas saunas e clubes de sexo, nos *chats* telefônicos, nos *chats* de internet. Enfim, nos mais diversos locais de “pegação”. A socialização como homens gays (a minha inclusive) se deu nesses lugares (extra)ordinários. A nossa percepção da vida em comunidade foi construída (também) muito fortemente pelo sexo. O sexo passou a ser algo do cotidiano. Ele estava ali, literalmente, ao alcance das nossas mãos. Humanizado, devasso, perverso, pedagógico, didático, corriqueiro, cotidiano, elementar.

1.9. Sobre ética na pesquisa

Segundo, Roque de Barros Laraia (1998), não se envolver sexualmente com “informantes”, respeitá-los, defender os interesses deles, bem como atuar como mediador de seus interesses, além de estar comprometido com a verdade científica eram regras (não escritas) que compunham um suposto código de ética da Antropologia. Todos deveriam seguir. O contexto, naquela altura, era completamente diferente, sobretudo em se tratando de Etnologia Indígena no começo da segunda metade do século XX. O olhar para a alteridade era outro e a forma de lidar com essas intrincadas relações também²⁴. Laraia não sabe como teve acesso a esses fundamentos, mas concluiu que podiam não estar escritos e poderiam ser o resultado do aprendizado diante de antropólogos mais velhos ou mais experientes.

entendo o “sexo com nativos” como uma necessidade metodológica para produzir dados mais “fundamentais”, ou para um conhecimento genuíno das questões de campo.

²⁴ No *Código de Ética do Antropólogo e da Antropóloga*, criado na Gestão 1986/1988 da *Associação Brasileira de Antropologia* e alterado na Gestão 2011/2012 da mesma associação, não há qualquer recomendação, proibição ou algo que o valha relacionado à prática sexual durante o trabalho de campo, ou relações sexuais entre pesquisadores e interlocutores. Há, outrossim, no Item 3 das *Responsabilidades de Antropólogos e Antropólogas* a vaga recomendação de “Realizar o trabalho dentro dos cânones de objetividade e rigor inerentes à prática científica”, o que abre margem para diversas interpretações. Mais informações <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>, acesso em 28 de março de 2023.

Eu me relacionei com os dois *escorts* porque eles eram homens que me interessavam e eram gays como eu. Tampouco compreendo que nossos *dates etnográficos* ocorreram porque eles eram interlocutores, mas que sim, ocorreram no contexto da pesquisa, porque eram indissociáveis da minha própria vida naquele momento. O fato de meus *lances* (ou *romances*) serem com *escorts* foi uma surpresa embaraçosa, mas gratificante, do trabalho de campo, na contingência da realização da pesquisa etnográfica. Wagner Xavier Camargo os chamaria de “casos afetivos acidentais” (2016). Agora, se o contexto fosse outro e nossas vidas, igualmente, tivessem se cruzado, seria muito possível que tivesse me interessado por eles, porque eles são pessoas interessantes para mim.

Embora o segredo seja um vértice importante no trabalho sexual, há muitos ruídos e quase nada fica em segredo. Não seriam os nossos *dates etnográficos* que ficariam. Rapidamente alguns interlocutores próximos souberam dos *acontecimentos*. A *rádio das putas* (nome dado por eles a esse eficiente meio alternativo de comunicação entre *escorts*) não perde em nada para a “Antropologia da fofoca”. Inclusive André e Dagoberto souberam um do outro. Nunca por mim, mas porque as redes emaranham-se e a *rádio das putas* tem grande audiência em Lisboa.

Em alguns momentos, os comentários exigiram que eu interviesse, explicasse, contextualizasse e reafirmasse a seriedade do trabalho, posta em dúvida por meio de um aparente escambo: informação X sexo. Aliás, como lembra Barreto (2017b), isso inclusive não é nada novo na história da disciplina, já que muito comum em projetos de etnógrafos clássicos como Malinowski e Evans-Pritchard, refiro-me à troca, não ao seu conteúdo.

Quando estive em contexto sexual, para além dos *dates etnográficos* com André e Dago, a minha presença, como a das outras pessoas, supunha que cumprisse certos protocolos. Lembro aqui a pesquisa de Natânia Lopes (2022) em que analisou experiência e posição na prostituição de luxo com mulheres. Naquele contexto, para inserir-se em campo, meio que exigia-se participar de algumas trocas de forma orgânica e esse foi um dos diferentes engajamentos do trabalho de campo da autora. Ela poderia nem fazer sexo com ninguém, como em meu caso (não era uma obrigação), mas ela/eu deveria estar predisposta/o a fazer caso *desse jeito*²⁵. Em meu caso específico, falo aqui do contexto das *sex party*, das *chemsex*, dos *cruising bar*, da sauna e da praia. Oportunamente detalharei sobre isso.

Do ponto de vista ético, a minha relação com os interlocutores sempre foi pautada pelo meu compromisso com a integridade deles, com o resguardo da intimidade deles e de suas

²⁵ Francisco Gleidson Vieira dos Santos (2019) estudou a estilística de orgias (sexo grupal) *bareback* em São Paulo. Em alguns contextos para a permissão da presença do antropólogo, era exigida a sua efetiva participação. A observação direta ou a condição de *voyer*, não eram suficientes.

identidades. Não entendo que a ética na pesquisa tenha sido falseada a partir das relações sexuais que tive com alguns deles, principalmente porque o problema nisso tudo, se é que há, reside em uma compreensão moral muito particular sobre o lugar do sexo na sociedade, nas relações e entre as pessoas.

Se como consta em uma longa tradição filosófica, a ética seria uma espécie de exercício reflexivo sobre modos de ser, valores de uma sociedade, enfim, costumes que levariam à constituição de princípios mais gerais cujo objetivo seria instituir a melhor forma de viver e conviver em sociedade (Valls, 2008), pode-se depreender daí que ela seria relativa, e em constante mudança, a depender dos contextos, dos momentos históricos, da cultura de determinada época (Rachels e Rachels, 2013).

Os princípios éticos, conforme Dejalma Cremonese (2019), respeitariam a alteridade do outro, o reconhecendo como sujeito e passível de todo e qualquer cuidado, sem aliená-lo, ou negá-lo. Em vista disso é que penso que o problema com o sexo é de ordem moral. Afinal, se a ética instituiria determinadas normas em relação a certos “cuidados” para uma “boa vida” em sociedade, a moral mobilizaria os preceitos e atitudes, um *fazer* para alcançar determinado fim. Nesse sentido, tendo em vista as ideias de André Comte-Sponville (2002), a moral seria um conjunto de fatores que obrigaria ou proibiria um indivíduo a realizar determinadas ações levando em conta não os seus interesses, senão o da sociedade, dos outros, com os quais estaria em relação.

O envolvimento sexual que tive com André e Dagoberto sempre foi consensual, sem haver qualquer tipo de coação de parte a parte. Nossos encontros foram baseados em atração erótica mútua. Havia reciprocidade nos contatos (Camargo, 2016). Isso se estende a todas as outras relações que desenvolvi em campo. Com ou sem sexo.

No que diz respeito a dinheiro. Se eu tivesse recebido financiamento para a realização do trabalho de campo, certamente pagaria pelas entrevistas, sobretudo porque tempo no trabalho sexual, literalmente é dinheiro²⁶. Felizmente, meus interlocutores foram bastante generosos e se dispuseram a colaborar comigo mesmo sem subsídios financeiros compensatórios. Destaco, ainda, que algumas vezes, em diferentes espaços sociais, como eles tinham bem mais dinheiro que eu, eles é que pagavam bebidas, comidas e ingressos para mim.

Em termos de possíveis danos físicos, pessoais e psicológicos, na esteira de Ralph Bolton (1995), Elizabeth Allgeier e Albert Richard Allgeier (1991) e Patricia Marshall (1991), em vista de ter uma série de anotações que detalhavam muito a vida dos interlocutores, inclusive em

²⁶ Victor Hugo Barreto (2017b) reflete sobre a questão do pagamento aos interlocutores. Segundo ele, o que estaria sendo pago seria o tempo deles dispensado ao antropólogo e não as informações fornecidas.

relação a algumas atividades tidas como ilícitas, muitas informações e características de alguns deles foram sutilmente alteradas. Os nomes, por óbvio, mesmo aqueles utilizados nos *sites*, que já eram pseudônimos, foram igualmente alterados a fim de que fosse ainda mais difícil a identificação dos mesmos. Em vista disso, não acredito que haja riscos flagrantes a nenhum interlocutor. No entanto, penso que conhecer mais sobre o contexto do trabalho sexual realizado por homens pode resultar em benefícios idealmente no que diz respeito a políticas públicas em saúde sexual, no campo da redução de danos em relação ao uso de drogas, maior segurança no exercício dessa atividade e incremento em termos de proteção para sujeitos migrantes.

Algumas palavras são necessárias sobre termo de consentimento livre e esclarecido, o popular consentimento informado. Esse foi o “calcanhar de Aquiles”. Nunca recebi qualquer tipo de formulário assinado por nenhum dos interlocutores aceitando participar da pesquisa. Aliás, da maior parte deles nem sei o nome civil. De uns poucos, com os quais mantive relações muito próximas, inclusive realizando trabalho de campo em seus retornos ao Brasil, soube os nomes civis e outras informações mais íntimas, como atinentes à família e trabalho. Isso não ocorreu com os demais. Portanto, um termo que expusesse essas informações, nunca existiu. Tal suposta necessidade da pesquisa – sempre aventada nas primeiras conversas informais individuais com as pessoas – era peremptoriamente negada por eles.

Qual foi o ponto de acordo, então, em nossas negociações? No começo das entrevistas mais formais, quando as mesmas foram gravadas, perguntava se eles autorizavam a gravação e a utilização dos dados ali produzidos para a tese e outras publicações dela derivadas, mediante o resguardo da privacidade e da identidade de cada um, fazendo as adaptações necessárias para que nem eles, nem pessoas próximas fossem identificadas. Afinal, como lembra Roque Laraia (1998), nossos interlocutores têm direito à privacidade e ganhar confiança em campo significa estabelecer um *acordo de honra*. Era assim que, por um lado, eles me davam informação e confiança; por outro, eu oferecia a minha discrição. Caso houvesse a autorização, a gravação continuava. Caso não houvesse a autorização, continuávamos a conversa de maneira informal e eu fazia anotações²⁷.

Tenho desconfiança que a intimidade romântica e sexual com dois interlocutores poderá ser aquilo que venha a chamar mais a atenção em detrimento a todo o resto. Não precisaria ser assim. Mas dada à excepcionalidade não me surpreenderá que assim o seja. É curioso porque os dois interlocutores representam uma pequena fração diante de uma rede com mais 36

²⁷ Houve uma pessoa que não autorizou a gravação, porque não se sentia confortável em ter a sua voz gravada por mim.

interlocutores com os quais não tive nem romance, nem sexo. Com todos eles tive diferentes graus de intimidade que foram suficientes para produzir os dados que colocam em pé essa tese.

Assim, é possível que alguns leitores pensem os meus *dates etnográficos* como desvios ou tropeços. Quem sabe falhas. Relações antiéticas. Talvez eu mesmo tenha vindo a questionar isso. No entanto, penso que é mais potente olhar para os *dates etnográficos* não como um desvio no sentido de distorção, mas quem sabe como potência criativa (Camargo, 2016). Outrossim, sugiro a meus pares que aprofundem – como fizeram algumas autoras e alguns autores que eu mostrei antes – os movimentos de retirar dos diários de campo, ou do fundo das memórias impublicáveis, certas questões afetivas, eróticas e sexuais e que as problematizem didática e metodologicamente como eu fiz.

Entendo que esse deslocamento seria pedagógico para nossa profissão quando operado a partir de pesquisas sobre os mais diversos temas – e não apenas sobre gênero e sexualidade. A provocação para a continuidade de *sair do armário* em relação a seus afetos, desejos e prazeres durante o trabalho de campo pode ser relevante para uma análise mais efetiva e completa do encontro etnográfico entre um/a antropólogo/a de carne e osso – que tem sentimentos e não se furta de os expressar – e seus/as interlocutores/as.

Tal como preconizado por Rojo (2005), a ação de incorporar a sexualidade do antropólogo em sua análise, quando isso foi relevante para o trabalho de campo, não implica, por óbvio, “em transformar o tabu em uma prescrição” (Rojo, 2005, p. 50). A questão parece que reside na construção de um olhar menos atormentado pelo peso moralista caso tenha havido encontros dessa natureza. Portanto, mais que ter ou não ter esses envolvimento, o ponto é torná-los ou não visíveis à luz de problematizações analíticas quando eles tenham ocorrido.

Dessa forma, como já advertia Gearing (1995), numa reflexão tão atual ainda que já passadas quase três décadas, o caminho para uma Antropologia relevante no presente e no futuro, deveria passar por começarmos a escrever as etnografias de outra forma e, mais que isso, fazer pesquisas com lentes mais generosas e que fossem capazes de corrigir a miopia da disciplina, uma vez que nem etnógrafos, nem o campo são instituições neutras na Antropologia (Willson, 1995). Isso levaria a potencializar, e não a lamentar, a natureza artificial, inventiva e criativa da etnografia (Malighetti, 2004).

Penso que somente quando houver o entendimento de que os pesquisadores têm uma sexualidade que não fica em suspenso durante o trabalho etnográfico – já que, como pondera Luiz Felipe Zago, “levamos para o campo todo sexo, todo gênero, toda sexualidade e todo o desejo que nos constitui” (2015, p. 158) –, mas que está a mercê dos movimentos e das seduções do campo, é que poderão ser produzidos instrumentos mais efetivos para pensar de maneira

umbilical essas questões. Não sei se é um fato que estamos todos nus em campo, só sei que algumas roupas que temos usado para nos vestir de antropólogos²⁸, ao longo da história da disciplina, parecem extremamente não recomendadas e não nos cabem mais. Para dizer o mínimo.

²⁸ Expressão utilizada pelo antropólogo Camilo Braz (2010), que realizou pesquisa em clubes de sexo entre homens na cidade de São Paulo na primeira década dos anos de 2000. Segundo ele, o fato de estar despido de roupas nos referidos ambientes, mas não nu a ponto de um envolvimento sexual *stricto ali*, garantia-lhe (quem sabe) estar “vestido de antropólogo” em campo.

Capítulo 2

A produção de *escorts* brasileiros: masculinidades *sexotizadas*²⁹

Interlocutores no capítulo

Andrade: 35 anos, é nascido na cidade de São Paulo. Considera-se *pardo*. *Mas às vezes eu sou moreno, às vezes eu sou branco. Depende.* Ele tem 1,77m, 70kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino médio cursado no Brasil (o equivalente à conclusão do 12º ano em Portugal). Ele está na Europa há cinco anos. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele está movimentando os papéis para pleitear a cidadania portuguesa. A profissão oficial do interlocutor é cabeleireiro. Ele considera-se de classe média. O trabalho sexual funcionaria como um *desenrasque* durante a pandemia de Covid-19. Andrade considera-se *gay*. Ele não fala nenhuma língua estrangeira.

Beto: 30 anos, é nascido em São Paulo capital. Considera-se *moreno* ou *pardo*. Ele tem 1,80m, 73kg e corpo definido como *malhadinho*. Possui ensino superior (o que equivalente à licenciatura em Portugal) na área de Ciências Sociais e Humanas cursado no Brasil. Ele está na Europa há oito anos, passou pouco tempo em Portugal e hoje vive na Alemanha. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele está prestes a receber a residência alemã. O interlocutor tem uma profissão oficial para além do trabalho sexual, que funcionaria como um extra. Beto considera-se *bicha*. Ele fala inglês, alemão, espanhol e um pouco de francês.

Dagoberto: 34 anos, 1,78m, corpo magro/definido. Ele é de uma cidade do interior de Minas Gerais. Define-se como branco. Completou o ensino médio (12º ano) no Brasil. Ele considera-se homossexual. Do ponto de vista da documentação consular em Portugal, ele está em processo de regularização. Ele não tem uma profissão oficial. Mas já fez um pouco de tudo. Em termos de classe social, Dagoberto considera-se de classe média. Ele comunica-se em inglês e espanhol.

Dinho: 23 anos, é nascido em Recife, Pernambuco. Considera-se *moreno*. Ele tem 1,70m, 68kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino fundamental incompleto cursado no Brasil. Ele está na Europa há sete anos. Veio para Portugal acompanhar sua mãe, que faz trabalho sexual. Sua residência era em Lisboa, mas na metade de 2021 mudou-se para Barcelona, onde permanecia até o momento final da pesquisa. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular, ele tem cidadania portuguesa. Sua profissão é o trabalho sexual e considera-se de classe média-alta. Dinho assume-se *bissexual*. Ele não é fluente em nenhuma língua estrangeira, mas diz *virar-se em espanhol*.

Diogo: 31 anos, é nascido no interior do estado de São Paulo. Considera-se branco, tem 1,70m, 70kg e corpo definido como *malhado*. Possui superior completo e algumas pós-graduações, todos os cursos feitos no Brasil. Diogo chegou à Europa por Portugal, mas hoje vive na Espanha, onde está em situação irregular devido à demora nos trâmites burocráticos em função da pandemia. Ele chegou a Portugal no verão de 2020. Ele pretende regularizar-se e estabelecer-se na Espanha. Diogo considera-se *gay*. Ele é fluente em inglês, espanhol, francês. Fala um pouco de italiano e alemão. Teve carreira no mercado financeiro na América do Sul, mas ao

²⁹ A dimensão *sexotizada* das masculinidades brasileiras no trabalho sexual diz respeito à intersecção entre sexualização e exotização na constituição das referidas masculinidades desses homens no âmbito dos mercados do sexo no contexto analisado. Aprofundarei a questão no decorrer do capítulo.

tentar a vida na Europa *deu tudo errado* e o trabalho sexual foi a forma rápida de tentar fazer dinheiro. Seu padrão de vida deteriorou-se e tornou-se pobre.

Gonçalo é português e tem 42 anos. Considera-se gay e branco, de estatura mediana e magro. Possui ensino médio completo. Considera-se de classe média. Atualmente é cabeleireiro. Conheci Gonçalo em uma sauna de Lisboa. Ele é cliente de *escorts* brasileiros.

Lauro: 35 anos, é de Goiânia, Goiás. Considera-se negro ou pardo, tem 1,83m, 80kg e corpo definido como *parrudo*. Possui superior completo na área de Ciências Sociais Aplicadas. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular. Espera conseguir regularizar-se para poder sair de Portugal. Lauro vive em Portugal desde 2019. Ele considera-se gay e comunica-se apenas em português.

Manel é português e tem 45 anos. Considera-se gay. Já viveu fora de Portugal, na França e na Suíça. Possui ensino superior incompleto, na área das ciências humanas. Considera-se de classe média. Atualmente é assessor financeiro. Considera-se branco, baixo e com *barriguinha*. Ele é cliente de *escorts* brasileiros.

Marcos Torres: 32 anos, é nascido no interior de Mato Grosso. Considera-se branco, tem 1,78m, 75kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino médio completo. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, ainda é irregular, mas está organizando os documentos para a “manifestação de interesse”. Marcos Torres vive em Portugal desde 2020. Ele tem um emprego oficial *part time* em um café. O interlocutor considera-se gay. Ele comunica-se apenas em português.

Matheuzinho: 24 anos, é nascido na cidade de Ipatinga, interior das Minas Gerais. Considera-se pardo, tem 1,81m, 75kg e corpo definido como *magro*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular, mas diz estar tentando regularizar-se: *já entreguei a papelada para a advogada*, contou. Matheuzinho chegou a Portugal com a pandemia de Covid-19, em março de 2020. Ele considera-se gay. Entende-se como *pobre, trabalhador* e só se comunica em português.

Nando: 33 anos, é nascido em São Paulo. Considera-se moreno, tem 1,83m, 75kg e corpo definido como *definido*. Possui ensino médio completo. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele tem título de residência há quatro anos. Nando tem uma casa fixa em Lisboa, mas passa a maior parte do ano viajando pela Europa a trabalho. Considera-se de classe média. Em termos de orientação sexual, identifica-se como gay. Ele fala inglês fluente e um pouco de espanhol.

Nuno é português e tem 62 anos. Considera-se gay. Já viveu fora de Portugal em diferentes momentos da vida para trabalhar e estudar. Possui ensino superior completo na área das Ciências Sociais Humanas. Considera-se de classe média. Ele é funcionário público. Considera-se branco, alto e magro. Conheci Nuno a partir de minhas redes de relações pessoais logo que cheguei a Portugal em 2020. Ele é frequentador da “noite gay” de Lisboa.

Otto: 31 anos, é nascido em Goiânia, Goiás, mas mudou-se para o interior muito jovem. Viveu em Anápolis, Pirenópolis, até regressar para Aparecida de Goiânia, cidade conturbada à capital. Considera-se *branco*. Ele tem 1,75m, 72kg e corpo definido como *barbie*, ou seja, muito musculoso. Possui ensino superior na área de Ciências Agrárias cursado no Brasil. Ele está na Europa há sete anos. Sua residência fixa é em Lisboa, mas ele passa boa parte do ano viajando

a Europa a trabalho. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular. Sua profissão é o trabalho sexual e considera-se de classe média-alta. Otto diz-se *gay*. Ele fala inglês.

Raí: 43 anos, é nascido no interior da Bahia. Considera-se moreno, tem 1,87m, 83kg e corpo definido como *normal, mas já fui malhado*. Possui ensino superior completo na área de Turismo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele vive na Europa desde 2001. Atualmente sua residência fixa é em Lisboa, mas moro muitos anos em Londres. Raí considera-se *gay*. Ele é fluente em inglês e espanhol. O interlocutor diz pertencer às classes médias e hoje identifica-se como massoterapeuta. O trabalho sexual é um complemento de seu trabalho oficial.

Ramiro: 35 anos, é de Goiânia, Goiás. Considera-se pardo, tem 1,72m, 70kg e corpo definido como *malhadinho*. Possui ensino médio incompleto, cursado e não finalizado, no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular. Ele vive em Lisboa desde 2019 com o companheiro, que também *faz escort*. Ramiro diz que pertence às classes médias e sempre trabalhou como empresário do ramo de estética e salão de beleza no Brasil. Em termos de orientação sexual, identifica-se como *gay*. Ele tem um filho adotivo, que ainda vive no Brasil com seus familiares. Ele fala um inglês que classifica como *básico*.

Robinho: 25 anos, e é baiano de Salvador. Considera-se negro, tem 1,80m, 78kg e corpo definido como *malhadinho*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele vive em Portugal desde 2017. Não costuma viajar pela Europa. Suas viagens são apenas por Portugal. Robinho se diz de classe média e identifica-se como *gay*. Ele se comunica apenas em português.

Roy: 39 anos, é nascido em uma cidade de Goiás. Considera-se moreno, tem 1,90m, 87kg e corpo definido como *normal*. Seu diferencial, segundo ele, não é beleza, mas é ter um pênis de *24cm e grosso. É o meu trunfo*. Possui ensino superior completo, na área de Engenharia, curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele possui título de residência há 4 anos. Roy vive em Portugal desde 2015. Ele mora em um apartamento alugado onde trabalha e também aluga um quarto para outra pessoa trabalhar. Roy considera-se bissexual. Ele não é fluente em nenhuma outra língua estrangeira, mas consegue se comunicar, *precariamente*, em inglês e *um pouco melhor* em espanhol.

Valentim: 36 anos, é nascido em uma cidade de Mato Grosso. Considera-se branco, tem 1,70m, 70kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino médio completo. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele já possui cidadania portuguesa, pois vive em Portugal desde 2013. Ele mora em um apartamento alugado, junto a seu namorado, e onde também trabalha. Valentim considera-se *gay*. Ele comunica-se em inglês, espanhol, francês e alemão.

Vasco é português e tem 50 anos. Considera-se bissexual. Nasceu no interior do país, na região norte e vive em Lisboa há 15 anos. Possui ensino médio completo. Considera-se de classe média-baixa. Atualmente trabalha em uma barbearia. Considera-se branco, alto e magro. Conheci Vasco no bar de um clube de *cruising*. Ele é cliente de *escorts* brasileiros.

Xande: 28 anos, é nascido em uma cidade do interior das Minas Gerais. Identifica-se como negro, tem 1,76m, 75kg e corpo definido como *malhado*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele mora em Portugal há mais de dez anos. Xande tem um emprego oficial na área de segurança.

O trabalho sexual funciona como um *bico*. Xande considera-se homossexual. Ele entende-se como pobre. O interlocutor comunica-se apenas em português.

Yuri: 27 anos, é nascido em Curitiba, Paraná. Considera-se moreno, tem 1,83m, 70kg e corpo definido como *magro, definido*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele possui título de residência há três anos, embora viva em Portugal desde 2016. Ele já teve residência fixa em Lisboa, mas agora está investindo na carreira internacional, portanto vive de forma itinerante entre os diferentes países. Ele pretende estabelecer-se em 2023 na Alemanha. Yuri considera-se homossexual. Ele é fluente em inglês e sabe comunicar-se em francês, espanhol, italiano e um *pouquinho* em alemão.

Zeca: 31 anos, é do Rio de Janeiro. Considera-se mestiço, tem 1,83, 79kg e corpo *magro definido*. Possui ensino superior na área de Ciências da Saúde. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular. Ele vive no país desde 2020. Considera-se de classe média, pensando a partir de sua realidade brasileira. Zeca considera-se gay. Ele comunica-se apenas em português.

Beto contou que o cliente não sabia tocar piano, mas tinha um lindo piano de cauda na sala da casa. Um objeto de decoração. Ricos têm essas excentricidades, me disse ele. Beto até comentara que sabia tocar piano, que havia aprendido na igreja. O alemão fez pouco caso ou não entendeu. Ele parecia mais interessado nas habilidades erótico-sexuais de Beto. Após transarem, ele, o alemão, foi ao banho, enquanto Beto descansava no sofá. O brasileiro teve a ideia de tocar piano. Foi. Começou por Imagine, de John Lennon. Seguiu com algumas brasilidades que passeavam do erudito ao popular. Beto estava nu. Seu corpo, que estava bronzeado (Pardo? Moreno? Negro? Latino?), era longo e fino, talvez diria Caio Fernando Abreu³⁰. Magro e definido, ele o declarava. Cabelos bem cortados, barba de dois dias. Era uma bonita cena. Havia um contraste entre a cor de Beto e a cor do piano. Opostos. Complementares. O alemão saiu do banho abasbacado. Impressionado. Celebrando. Logo perguntou a Beto como sabia tocar piano. Beto detalhou a história contada quando chegara à casa do cliente e que recebera pouca importância. Dali para frente, houve menos sexo, menos drogas e mais música. O convívio que deveria durar duas horas, durou toda a noite. Beto, que ganharia 350 euros, levou para casa 800. Fez um desconto ao cliente, afinal passou algumas horas tocando piano, algo que não fazia há anos. Eu sempre achei que era mais que sexo. O caso de Beto é muito exemplar. Ele compõe uma personagem muito particular, ele sabe se expressar bem em alemão, em inglês e em espanhol. Ele sabe falar de cultura gay pop, de política internacional, ou de teoria sociológica na mesma proporção. Conhece funk e Maria Bethânia. Conhece sobre a economia de diferentes países e a produção de cidadezinhas do interior da República Tcheca. Eu acho que isso faz toda uma diferença. Isso deixa os clientes muito curiosos, impressionados. Beto tem um corpo muito desejado no mercado, claro que sim. Ele está completamente dentro do estereótipo. Mas há algo mais. Ele é um ponto fora da curva³¹. Um boy desses na sala da casa, tocando

³⁰ Jornalista e escritor brasileiro falecido nos anos de 1990 em decorrência de complicações do hiv/aids. Notabilizou-se pela escrita de contos. Dentre suas obras, uma das mais aclamadas, é o livro *Morangos Mofados*.

³¹ Expressão muito utilizada no Brasil para referir-se a algo ou alguém que é uma exceção.

piano, nu, alguém não abriria a carteira e pediria para ficar a noite toda? Ele sabe jogar com isso. Da história de pobreza no interior do Brasil, considera-se a mistura de uma mãe indígena e de um pai caboclo. A realidade de pobreza colocara essa família, como tantas, na mira das igrejas evangélicas neopentecostais. Muito pobres, mas dentro da igreja. Muito pobres e, talvez por isso, dentro da igreja. Na igreja conheceu a suposta ira de Deus com os homossexuais e com as depravações morais, mas também conheceu os instrumentos musicais. Na escola conheceu o preconceito com os pobres e com os negros, mas também a generosidade de professores que lhe apresentaram o mundo, a língua inglesa e um computador velho onde lia Harry Potter (em inglês). Direto do planeta fome, esse menino encardidinho³², como era chamado, precisou fazer das dores, da pobreza e dos abusos páginas viradas, sempre tirando o máximo do mínimo. Essa parece ter sido a chave para chegar onde chegou, apesar de tudo. Há mais que sexo nos escorts. Claro que há. Há muito devir. Apesar de fora da curva, Beto me lembra alguns interlocutores, tanto pela ênfase na superação, quanto no estratégico jogo para se mostrar um brasileiro de luxo nesse mercado (Cadernos de Campo. Berlim, junho de 2022).

2.1. Não se nasce *escort*, torna-se

Quando conheci Beto, ainda no Brasil, eu cursava pós-graduação e ele graduação, eu não fazia qualquer ideia que ele operasse no trabalho sexual. Ele já operava. Havia todo um histórico familiar religioso que se tornara incompatível com sua homossexualidade. Isso resultou em sua expulsão da casa paterna e o “acolhimento” pelo trabalho sexual. Houve muitos reveses. Mas Beto chegara à Europa. Aqui ficara. Aqui casou. Aqui trabalha e tenta afastar-se do trabalho sexual, cada vez mais eventual, como eu pude perceber.

Cheguei até a versão de Beto que presta serviços sexuais, por meio de uma rede de relações pessoais constituída por amigos brasileiros que vivem na Alemanha. Ainda que já o conhecesse do Brasil, não o conhecia como *escort*. Beto torna-se alguém muito importante na minha reflexão porque eu penso que ele, assim como outros poucos, consegue encarnar o tal *escort* de maneira exemplar. Essa categoria me era completamente alheia antes do trabalho de campo e, à medida que a pesquisa foi sendo desenvolvida, eu a fui tateando até torná-la inteligível para mim. Também entendo que Beto flerta muito com a noção de *escort de luxo* em vista de sua constituição como sujeito, seja pelo corpo, seja pelo intelecto e por outros atributos valorizados nos mercados do sexo.

É preciso dizer que no âmbito do trabalho sexual transnacional, a categoria *escort* é a mais popular para definir a atividade exercida por esses homens. A palavra *escort* em tradução livre a partir da língua inglesa significa acompanhante. Algumas vezes ela funciona como um jogo

³² Forma tão pejorativa e racista, quanto recorrente e popular no Brasil, para referir-se a uma pessoa que teria a cor da pele classificada como parda por órgãos oficiais brasileiros.

entre diferentes identidades. Em outras ocasiões, ela estabelece um tipo de prática, uma ação, um fazer, como Dagoberto (34 anos) me contara quando nos conhecemos e eu referi no capítulo anterior. É possível, a partir do que observei em campo *ser, estar* ou *fazer escort*. Depende do contexto e também do lugar que o trabalho sexual ocupa na vida de cada um dos sujeitos.

Essa suposta tensão entre identidade e prática já aparecera na obra clássica de Néstor Perlongher sobre a “prostituição viril” em São Paulo nos anos de 1980. Naquela altura, o antropólogo argentino percebia duas acepções para referir-se aos michês. Em uma delas, *michê* estava relacionado a um fazer, a uma ação, a uma atividade desempenhada por alguém. A expressão indicativa era *fazer michê*. Na outra versão de *michê*, ele incorporava esse fazer e deixava de *fazer michê* e tornava-se *michê*. Tinha vez, nesse caso, “uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação diante do cliente” (Perlongher, 1987, p. 17).

Em meu trabalho de campo, quando visto como profissão, talvez seja mais confortável dizer-se *escort*. Quando ele é um *bico*, um *plus*, um trabalho eventual, uma complementação de renda, pode ser mais confortável dizer que *se faz escort*. Algo como ser trabalhador sexual, onde há a imputação de uma identidade; ou ser uma pessoa que faz trabalho sexual. Na segunda acepção há um lugar maior para o exercício do trabalho em condição mais eventual.

O contexto da pandemia fez com que alguns interlocutores, que tinham outras profissões, começassem a fazer trabalho sexual em vista de terem perdido o emprego, ou estiveram diante da redução dos rendimentos. Esse foi o caso de Andrade (35 anos), um interlocutor que conheci por meio de André (30 anos), que vive numa cidade do interior no norte de Portugal. Ele se viu impelido ao trabalho sexual face à pandemia. Sempre que Andrade ia a Lisboa, acabávamos por nos encontrar. Ele costumava trabalhar ali durante alguns períodos. Sobre trabalho sexual como profissão, ele conta:

Não é a minha profissão. Eu não trabalho diretamente com isso. Eu tenho a minha profissão, eu sou cabeleireiro. Eu estou a trabalhar como escort há seis meses. Oficialmente. Então assim, desde que começou tudo isso aqui, esta questão mesmo do Covid, o meu trabalho ficou difícil, perdi meu salão, perdi meu contrato. E como estou cá sozinho. Eu to nessa por enquanto. Por um tempo. Até as coisas melhorarem.

Parece que no caso do interlocutor o fato do trabalho sexual ser transitório e dele ter uma profissão oficial, fariam com que ele não se visse como *escort*, com se não fosse trabalhador sexual, mas estivesse fazendo trabalho sexual e atuando como *escort* de maneira eventual. Algo

diferente foi contado por outros interlocutores que se compreendem como *escorts* e o trabalho sexual é encarado como a profissão oficial. Otto (31 anos), um dos interlocutores que Dagoberto me apresentou e com o qual costumava viajar e fazer longas festas, conta que:

A minha vida de escort começou porque eu gosto do trabalho. Eu gosto do sexo. Não foi porque eu fiquei no desemprego, ou porque eu fiquei sem dinheiro na vida. Eu sou um profissional mesmo. E não gosto quando as pessoas falam pra mim: 'o que você faz além disso'? Não, é o meu trabalho.

Algo na mesma linha era muito presente nas conversas que tive em diversas ocasiões com Dinho (23 anos), o interlocutor que me apresentou a ONG em que fiz voluntariado e que depois, vim a descobrir, era próximo de Andrade, com quem viaja pelo interior de Portugal. Dinho transitou comigo por algumas *quebradas* do Cacém e da Amadora, momentos em que estive com ele e com seu grupo de amigos. Enquanto alguns brasileiros afirmavam querer trabalhos “mais oficiais”, Dinho era enfático:

Minha profissão é escort. É assim: eu, por falta de estudo, teria um emprego pra ganhar muito pouco. Por influências de um familiar que também faz parte dessa área, decidi entrar nessa vida de escort mais porque esse familiar se dava muito bem nessa profissão. E eu no início não achei que era coisa pra mim, mas depois fui vendo e tal, e gostei da área e fiquei até agora.

Penso que esses três exemplos mostram a variação na percepção do ser/estar/fazer *escort* e, além disso, destacam como a categoria pode se apresentar ligeiramente menos fixa e mais fluida em relação a *garoto de programa*, *michê* e *boy* mais comuns no Brasil. No Brasil, a palavra *escort* para referir-se a um homem que faz trabalho sexual é muito recente e bastante residual. A categoria *escort* aparece como contingente, contextual, performática. Ele (*escort*) se anuncia como tal em contextos nos quais esta operação constitui-se como rentável. A depender dos *scripts* necessários (Gagnon, 2006), esses homens acionam determinadas condutas que aproximam prática e sentido, não necessariamente conformando uma identidade na percepção mais estrita do termo (Hall, 2006).

Beto, o interlocutor que compõe a cena que abre o capítulo, é exemplar de como a categoria *escort* pode ter uma série de variações. Ao longo da pesquisa, durante o trabalho de campo, consegui observar que o termo *escort* opera certo processo de “neutralização” de compreensões pejorativas naturalizadas sobre trabalho sexual. Refiro-me a termos como *prostituto* em Portugal ou *men sex work*, ou *men street sex work* em alguns países europeus. *Escort* comporia uma gramática estética mais “neutra”, “limpa”, “higienizada”, inclusive para referir-se a homens que prestam serviços de acompanhamento em diferentes espaços sociais. Com ou sem

fins sexuais. É possível que haja um paralelo com a expressão *gigolô*, usada para referir-se aos acompanhantes de mulheres no último quartel do século XX em Portugal e no Brasil.

Parece que não se está apenas diante de uma simples eleição entre palavras. Tratar-se-ia de uma tentativa de descolamento de categorias mais estigmatizantes associadas aos homens que fazem trabalho sexual. *Escort*, então, produziria condições de um sujeito mais *clean*, sofisticado, cosmopolita que prestaria um serviço mais “qualificado”, “caro”, de “luxo”. Mirar-se-ia em um público que não é afeito à contratação de *men sex work*, ou *men street sex work*, mas de acompanhantes.

Os *escorts* em contextos transnacionais não costumam trabalhar nas ruas, nas saunas, nos clubes de sexo. Os espaços priorizados são casas, hotéis e motéis. Saunas, clubes de sexo e *cruising bar* aparecem como espaços de lazer, de *fazer vício*, conforme contei um pouco no primeiro capítulo. Os sites de acompanhantes na internet, ou outras mídias digitais é que permitem a interação com potenciais clientes.

Um *escort de luxo*, segundo dados de campo, chegaria a faturar, pelo menos, entre €3.000 a €5.000 por mês. É comum ouvi-los falar em valores muito superiores a esses, especialmente antes da pandemia de Covid-19, algo que chegaria à casa dos €10.000. No entanto, quanto mais distante de uma realidade como *escort de luxo*, os ganhos seriam paulatinamente menores. Houve vários *escorts* que relataram ganhos mensais entre €1.000 e € 2.000.

O *escort* potencial seria uma *desidentidade*, uma performance. José Esteban Muñoz (1999) compreende *desidentificação* como um processo que constitui estratégias entre sujeitos que se percebem minoritários diante de uma cultura hegemônica; portanto, constituem, de forma tática, possibilidades subversivas de existência por meio de resistência. Mas *desidentificação* é mais que resistência. No mais das vezes, a *desidentificação* performa a norma, a hegemonia, de forma crítica e/ou irônica, é o que o autor chama de um *trabalhar com e contra* as hegemonias. Muñoz mostra como a *desidentificação* pode ser um potente instrumento performático de sujeitos em constantes trânsitos. Esse ponto é que entendo ser uma ponte para a *desidentidade escort*. A todo momento esses sujeitos estão negociando com a normatividade e com as expectativas identitárias.

As articulações em torno das categorias cor/raça, gênero, sexualidade, estética corporal, escolarização, nação, geração, são elementos decisivos para que ocupem um lugar um pouco melhor como homens que fazem trabalho sexual e permite que negociem suas posições de sujeito nos jogos do desejo. No caso dos *escorts*, isso poderia permitir que eles conseguissem, em determinados contextos, escapar pelas brechas do poder que só conseguiam prever para quem se envolvesse com o trabalho sexual um lugar de subalternidade e estigmatização.

Quando os *escorts* transitam por diferentes contextos, a mobilidade embaralha estas categorias todas e informa sobre diferentes potências no campo do desejo erótico. Por exemplo, nas economias sexuais em Portugal, há uma preferência por homens brasileiros de determinada cor/raça em relação aos europeus. Portanto, cor/raça e nação (região) já seriam marcadores que se destacariam. Junto a eles, há escolarização, geração, estética corporal e gênero. Homens brasileiros, escolarizados e mais jovens, com corpos lidos como atraentes e com uma performance viril são mais requisitados. Isso pode ser comprovado pelos perfis dos *escorts* em alguns sites de acompanhantes que são mais populares no mercado português. As plataformas hunqz.com, ou viphomens.net, que destaquei no capítulo anterior, são bons exemplos disso.

Dessa forma, a categoria *escort* escapa de paradoxos já clássicos no que diz respeito ao trabalho sexual. Assim, essa *desidentidade* possibilita leituras diferentes de agência, demonstrando os arranjos contextuais que os sujeitos constituem na expectativa de tornar suas experiências mais interessantes e viáveis. É no bojo dessas disputas que “brasileiro”, “brasilidade” e “masculinidades brasileiras” constituem-se como potências no âmbito do trabalho sexual em Lisboa/Portugal/Europa.

2.2. Os homens brasileiros nos mercados do sexo em Portugal

Houve diferentes momentos de imigração brasileira para Portugal³³. Esse processo não terminou. Há, dessa forma, muitas pessoas do Brasil em Portugal, centenas de milhares, conforme apontam a Casa do Brasil de Lisboa (2004), João Peixoto e Alexandra Figueiredo (2006), Maria Boas (2006), José Carlos Marques e Pedro Góis (2015), entre outros. Em vista disso, diante de outros contingentes populacionais no país, há uma desproporção em relação aos brasileiros. De fato, estamos por toda parte e na chamada “cultura da noite” e, mais especificamente, na “noite gay”, ou “noite LGBT”, tal visibilidade é flagrante em Lisboa e outras cidades portuguesas.

Restaurantes, bares, boates, saunas, clubes de sexo, *cruising bar*, em todos esses ambientes, os brasileiros não passam despercebidos. Essa presença massiva faz com que se constitua um estereótipo brasileiro nesses contextos (Machado, 2009). Esse estereótipo que identifica tal sujeito pode se aplicar a dimensões que envolvem e que não envolvem transações comerciais no campo do desejo e do prazer.

Segundo Nuno (62 anos), um interlocutor português *habitué* da “noite gay” lisboeta, me disse que a

³³ O tema das mobilidades transnacionais será tratado no Capítulo III.

A presença de uma categoria identitária chamada “o brasileiro” dentro do mundo gay passa a existir, eu diria, a partir dos finais dos anos 90. A qual não é a toa, nem de perto nem de longe, comercial. Mas que se sobrepõe muito ao comercial. Isto é, tu deixas de ter a visibilidade do comercial português. Ele desaparece de certa maneira. Eu acho que ele desaparece por transformações sociais, acho que ele desaparece porque o mercado é tomado pelos brasileiros, acho que desaparece porque parte dos comerciais portugueses, eles próprios, imigram e vão para outros sítios.

A presença massiva de brasileiros no trabalho sexual em Portugal, como adverte Nuno, é apenas um campo em que o grande número de imigrantes no país pode ser percebido. Essa visibilidade invisibilizaria os homens portugueses que fazem trabalho sexual e teria provocado, quem sabe no escopo de outras razões, um movimento emigratório dos portugueses para exercer esse trabalho em outros países.

Há muitas razões elencadas por diferentes interlocutores para uma suposta preferência pelos homens brasileiros nos mercados do sexo em Lisboa. Gonçalo (42 anos), um português, que é cliente de *escorts* brasileiros, e que conheci no *Dark* (o clube de *cruising*), contava que tal protagonismo dever-se-ia ao fato de os brasileiros serem *muito soltos, tropicais*. Isso estaria diretamente relacionado ao *clima quente, de calor o ano todo*. Portanto, o comportamento de um brasileiro genérico estaria relacionado à natureza do país.

Tiago Cantalice (2009), que estudou os homens chamados de *caça-gringas* na Praia de Pipa, no Rio Grande do Norte, advertia que era muito recorrente em seu campo uma espécie de *paralelo* entre uma suposta *brasilidade* e o *clima tropical* do país por parte das turistas. Segundo Cantalice, era “como se o homem fosse mero produto do seu meio e, por se tratar de um país subdesenvolvido, estaria muito mais atrelado aos mandos e desmandos da natureza” (2009, p.168).

Poder-se-ia dizer que haveria uma verdade parcial nessa percepção, conforme Donna Goldstein (2003), que atribuiria uma “carnavalização do desejo” no Brasil à exuberância das paisagens e materializaria na forma desconstruída como as pessoas se relacionariam com ela e entre si. As praias seriam um exemplo. A questão que parece sobressair é a permanência de uma imposição que foi colonial e construída a partir da Europa. Segundo Octávio Sacramento e Fernando Bessa Ribeiro, “os nativos coloniais eram idealizados como uma espécie de antítese moral do que seria o perfil civilizacional europeu” (2014, p. 218).

Sacramento e Ribeiro lembram que, desde o século XVI, quando chegaram ao Brasil os primeiros jesuítas, imagens do país como “lugar sensual”, “carnal” e “cheio de pecados” eram muito comuns. O Brasil fora fartamente sexualizado a partir do olhar dos forasteiros. Ele

passara a ser retratado como um lugar de “bestiais costumes”, em que reinava o “vício da carne” e o “espírito da fornicção”. Ali, nessa “terra perdida em vícios”, as “mulheres nuas não se negam aos homens”. Não haveria “nada igual em todo o mundo”. Eram, dessa ordem, os relatos de Manoel da Nóbrega, José de Anchieta e António Blázquez, por exemplo (Sacramento, Ribeiro, 2014).

Em vista desses antecedentes históricos, não é difícil compreender que interlocutores como Roy (39 anos) acreditem que *brasileiro rima com sexo*. Isso estaria no sangue brasileiro. E que isso seria um atributo que faria com que os brasileiros fossem *muito bem-vindos no mundo*. Generalizando e falando de uma suposta brasilidade, ele dizia que *somos apetitosos sexuais pro mundo inteiro. Nós temos uma química sexual. Por que não aproveitar isso?* Quando questionado sobre as possíveis razões dessa compreensão, Roy, como outros interlocutores, faz referência *ao fato do Brasil ser um país tropical e a algo que está no nosso sangue. A gente já nasce com um sangue quente. Enfim, a gente sabe fazer a coisa. A gente sabe explorar melhor, a gente conduz o sexo melhor. E nós somos mais procurados*.

Para historiadores como Ronaldo Vainfas (1988, 1997), as razões poderiam ser outras. Não é possível desconsiderar as especificidades culturais dos grupos indígenas em relação aos europeus nos tratos e cuidados com o corpo e a sexualidade. Além disso, ainda lembram Sacramento e Ribeiro (2014), a visão cristã de mundo, e sua gestão de culpa, pecado e sexualidade, não fazia qualquer sentido entre os autóctones brasileiros. Isso foi criminosamente agenciado pelos colonizadores e o decorrer da história é de conhecimento amplo e irrestrito. Afinal, olhado desde o ângulo das mulheres ou de pessoas em dissidências sexuais e de gênero, talvez o “paraíso erótico”, nas análises de Júlio Simões (2016, p. 3), tenha se transformado também no “inferno do sexismo, do machismo, da homofobia e da transfobia”.

Esse imaginário em torno do brasileiro, também é referido por Zeca (31 anos), um interlocutor que conheci a partir de um dos sites de acompanhantes. Ele costumava fazer referência ao *sex appeal* do brasileiro como o elemento diferenciador que faria com que, no âmbito do trabalho sexual, eles fossem muito procurados. Esse *sex appeal*, para o interlocutor, se manifestava tendo *mais pegada, pelo sotaque, enfim, sendo mais safado*. A casa de Zeca era um ponto de encontro de alguns *escorts*. Ali conheci Marcos Torres (32 anos), que também concordava com o amigo. Ele, no entanto, acreditava que os brasileiros eram os mais procurados porque *fodem melhor* em vista de terem *uma essência a mais no sexo*. Ele assim me contou uma vez:

Eu reparo isso. Eu não sei se é uma coisa de química, de corpo, eu não sei se o brasileiro é mais quente. É o que os clientes falam. Falam que adoram os brasileiros. Não sei te dizer. Mas é uma essência a mais. O sexo, aquele momento ele é diferente. É uma coisa muito louca. Os brasileiros adoram foder, deve ser porque os brasileiros fodem mesmo com vontade.

De maneira geral, a preferência aos brasileiros encaixa-se em um estereótipo que sexualiza, naturaliza e exotiza as pessoas do Brasil, as racializando. Afinal, como afirma Kamala Kempadoo (2004), a exotização constrói-se a partir de um romantismo e atração pela diferença racial, étnica ou cultural. Talvez por isso, os brasileiros sejam rotulados *como tudo puta*, como lembra Marcos Torres. Ou, como afirma Dinho os brasileiros seriam *mais safados que os portugueses. Safadeza porque são muito mais picantes na cama e tal. Os portugueses são como se fossem bloqueados*. Há uma atualização, por parte dos interlocutores, das diferenças construídas historicamente entre os “contidos” e “civilizados” europeus e os “devassos” e “animalizados” colonizados.

Júlio Simões marca, de forma indelével, como foi construída uma imaginação sobre o Brasil como um país onde a relação com o corpo e o sexo seria muito positiva, muito lúdica, muito desinibida. Segundo o antropólogo, trata-se de uma fantasia masculina em relação às mulheres brasileiras que, a partir dessa distorção da realidade, seriam “exóticas, atraentes e sexualmente dispostas e disponíveis (2016, p. 2)”. Portanto, foram as mulheres (quase sempre não brancas) as primeiras a experimentar esse lugar de a sexualizada, a objetificada, a animalizada. Um produto do racismo que, como pondera Grada Kilomba (2019), constrói a diferença a partir do branco como norma e da naturalização da inferioridade dos outros não brancos. A essas pessoas é negado ou dificultado historicamente o acesso ao poder político, social, cultural e econômico.

Igor Machado (2009), em pesquisas com brasileiros na cidade do Porto, mostra como há uma associação dos brasileiros ao que ele chama de “mercado da alegria”, isso é, toda uma gama de serviços que envolve o atendimento ao público, em vista de uma suposta percepção de alegria, simpatia, cordialidade no trato dos brasileiros com as pessoas de forma geral. A partir dessa lógica, os brasileiros saberiam atender ao público com desenvoltura e desinibição, performances que lhes seriam próprias e garantiriam uma colocação no mercado face pessoas de outras nacionalidades “mais contidas”. Ramiro (35 anos), um de meus interlocutores, amigo de Roy, corrobora a ideia de Machado ao compreender que *o brasileiro é mais cativante, comunicativo, mais curioso. Então, ele acaba fazendo coisas melhor e classificado como o melhor de sexo, o melhor de cama, o melhor de lábia*.

Esse processo de exotização de uma suposta brasilidade se estabelecerá a partir da reificação de estereótipos (Padilla, 2007a). Por um lado, os portugueses os atribuem. Por outro, os brasileiros, por meio de diversas performances, estrategicamente os incorporam ou submetem-se sistematicamente a eles (Machado, 2009). A esse respeito é bem interessante uma das conversas que tive com Vasco (50 anos), um cliente português. Suas palavras reiteram o estereótipo do brasileiro alegre, despreocupado e imediatista:

Os brasileiros vivem a vida hoje. Nós portugueses somos mais estressados. Tu perguntas a um português: olá, tá tudo bem? Nenhum português te responde: “sim, está tudo ótimo”. Como os brasileiros. O português pode estar tudo ótimo, mas te responde: “ah, vai indo”. “Ah, podia estar melhor”. “Olha, cá ando”. Nunca te diz: “sim, está bem”. “Sim, está ótimo”. Então, perguntas a um português: “és feliz?” A resposta dele é não. E um brasileiro, tu chegas ao pé de um brasileiro, e dizes assim: “tá tudo bem?” “Tu és contente?” “És feliz?” Ele diz: “to ótimo”. A vida corre sob rodas. E na volta dorme num colchão, vê televisão no telemóvel. Isso pro português é uma doença.

Tratar-se-ia de uma oposição entre a tristeza portuguesa e a alegria brasileira. Um incômodo diante da vida *versus* uma aceitação da mesma. São estereótipos. No entanto, o próprio imigrante ao “aceitar” esse lugar a ele associado passaria a afiançar uma autenticidade brasileira a partir da imagem exotizada, que é uma ficção. Segundo Beatriz Padilla (2007a), é como se os brasileiros em Portugal constituíssem um pertencimento étnico próprio. Portanto, uma das características dessa “etnia brasileira” em Portugal seria a simpatia, algo como um atributo inerente e quase genético. Padilla chama esse processo de “eticização do brasileiro”.

Ela conta que em pesquisa realizada nos primeiros anos do século XXI, essa etnicização da brasilidade em Portugal associava os homens brasileiros a “preguiçosos” e “malandros” e as mulheres a “calorosas”, “exuberantes” e “fáceis” (2007). Da associação entre a calorosa e a exuberante à trabalhadora sexual, foi um deslocamento muito rápido, especialmente facilitado pelas recorrentes reportagens dos meios de comunicação noticiando a detenção de mulheres brasileiras que faziam trabalho sexual em Portugal. Portanto, a associação mulher brasileira = trabalhadora sexual reforçava-se em vista da suposta acentuada sensualidade (Gomes, 2013). Na virada do século, essa imagem foi assim difundida, segundo Bela Feldman-Bianco (2001) e Igor Machado (1999), a partir das telenovelas brasileiras, muito populares em Portugal, que já se encarregavam, mesmo no Brasil, de erotizar os corpos das mulheres, brancas e não brancas.

O interlocutor Lauro (35 anos) diz que *a gente sempre foi muito sexualizado e que o brasileiro tem esta relação com o sexo um pouco menos provinciana*. Lauro conta que tem um

cliente americano, eu acho que a única coisa que o agrada em mim é eu ser brasileiro. As pessoas fetichizam muito isso. O mundo tem muito tesão em brasileiro. É muito visível. Parece que há aqui uma torção. Parece haver aqui um uso estratégico dessa brasilidade genérica como elemento que propicia algum grau de agência no âmbito do trabalho sexual exercido por homens.

Penso que seja importante destacar aqui os pressupostos apresentados por Avtar Brah (2006) para a pensar a diferença. Segundo a antropóloga, é preciso problematizar as diferenças como estanques e em oposição. Ela reflete, à partida, a partir dos debates feministas. Brah advoga em favor de pensar a diferença como categoria analítica. Enquanto categoria analítica, Brah a percebe como fluída e contingente.

Na ótica da antropóloga, nem toda a diferença – a depender dos contextos de interação e das relações de poder dispendidas – resultaria em desigualdade. A diferença como desigualdade não existiria *a priori*, mas poderia ser produzida durante um processo de hierarquização das diferenciações. Ela assim explica:

O conceito de diferença, então, se refere à variedade de maneiras como discursos específicos da diferença são constituídos, contestados, reproduzidos e ressignificados. [...] a diferença não é sempre um marcador de hierarquia e opressão. Portanto, é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política (Brah, 2006, p. 374).

A experiência dos sujeitos torna-se um elemento fundamental para pensar o contexto de produção das diferenças e como elas serão manejadas ou não para resultar em desigualdade. Os lugares sociais ocupados pelos sujeitos, como ele são agenciados, como são tencionadas as relações estabelecidas, isso é que determinará, nessa perspectiva, se uma diferença será ou não sinônimo de desigualdade. A mim esses *insights* resultam potentes para refletir sobre as diferentes categorias de articulação que produzem os sujeitos brasileiros como mais desejados no campo do trabalho sexual no contexto transnacional. Nesse sentido, a diferença como categoria analítica, pode questionar noções apriorísticas no âmbito das relações de poder que negavam agência a sujeitos apenas percebidos como subalternizados por um ou outro eixo de diferença. Segundo Brah, é preciso ter em mente que:

A questão não é privilegiar o nível macro ou micro de análise, mas como articular discursos e práticas que se inscrevem nas relações sociais, posições de sujeitos e subjetividades. O problema interessante então é como os níveis micro e macro são inerentes às inscrições acima. Como a diferença designa o “outro”? Quem define a diferença? Quais são as normas presumidas a partir das quais um grupo é marcado como diferente? Qual é a natureza das

atribuições que são levadas em conta para caracterizar um grupo como diferente? Como as fronteiras da diferença são constituídas, mantidas ou dissipadas? Como são os vários grupos representados em diferentes discursos da diferença? A diferença diferencia lateral ou hierarquicamente? Questões como essas levantam uma problemática mais geral sobre a diferença como categoria analítica (Idem., p.359).

Deslocar o eixo de análise parece ser o convite da autora e a invocação teórico-metodológica que ela nos provoca. Ao olhar a diferença, do ponto de vista analítico, é produtivo que se faça para além dos grupos, dos sujeitos e dos contextos assim designados, mas, quem sabe, dando um passo além e produzindo um pequeno giro metodológico para tentar entender de onde partem e como são produzidas essas noções. Quais historicidades as constituem. É dessa forma que me pareceu salutar dialogar, a partir dessa perspectiva analítica da diferença, com Ulrike Schaper, Magdalena Beljan, Pascal Eitler, Christopher Ewing e Benno Gammerl (2018), a partir do uso do conceito de *sexotic* para pensar a constituição desse *brasileiro* no campo do trabalho sexual a partir da intersecção entre sexualização e exotização.

Segundo os autores, a dimensão da exotização acaba por basear-se em questões atinentes à dimensão sexual da vida de determinadas pessoas. Nesse sentido, a sexualização torna essas pessoas exotizadas, atraentes e desejáveis. A intersecção entre esses processos, que são independentes, mas aqui lidos como interdependentes, constituem o que os autores chamam de *fetichismo sexual*. Se em algum momento, o fetiche pode ser percebido clinicamente como uma perversão ou uma parafilia, no texto em tela não é esse o caso. Aqui afere-se o sentido de fantasia sexual, estimulação do desejo, excitação sexual. No caso trazido pelos autores, a interpretação apresentada pode ser por pessoas de uma determinada cor, de um determinado lugar, com um determinado jeito.

É interessante como o *sexotic* conjuga relações polivalentes entre lugares, pessoas, objetos e práticas no sentido de produzir fascinação e desejo sem perder, pelo contrário, mantendo a marca da diferença. Diferença esta que, inclusive, pode ser expressa por medo e perigo, pois também estimulantes do fascínio e do desejo. Penso que o *sexotic* explica didaticamente os lugares ocupados pelos brasileiros no campo do trabalho sexual em Portugal.

Ocorre que nessa relação entre homens – homens *escorts* e homens clientes - ganha luz uma série de diferenças. Afinal, nem todos os homens brasileiros e, da mesma forma, nem todos os homens brasileiros que fazem trabalho sexual em Portugal, constituem-se a partir de todos os estereótipos associados ao *sexotic*, ainda que muitos consigam neles se enquadrar com diferentes graus de engenhosidade. Portanto, um “jeito de brasileiro” *sexotic*, mais que um dado

objetivo da natureza, é uma marca (quase sempre) atribuída, ela mesma construída por meio da permanência dos estereótipos.

Ainda com base em Schaper, Beljan, Eitler, Ewing e Gammerl (2018), se a constituição do *sexotic* é um rótulo, em minha investigação, esse “jeito de brasileiro”, quando falamos de trabalho sexual, poderia dizer respeito a um *script* e a uma estética associados a esses *escorts*. As categorias que articulam o *sexotic* podem ser as mais variadas como ponto de partida para a *sexotização*. Há diversas possibilidades de desdobramento. A violência, a discriminação, a idealização, a fascinação são algumas delas. Afinal, a *sexotização* cria uma imagem positiva de si e marca o outro como diferente ou, no limite, como inferior.

A relação com o outro *sexotizado* é ambígua. Há desejo. Mas há repulsa. O caso dos brasileiros em Portugal pode ser sintomático. Há desejo. Mas há uma xenofobia persistente. É possível pensar também, por exemplo, que há uma hiperssexualização dos corpos negros, ao mesmo tempo que há um imenso racismo. Nos contextos coloniais em África havia um profundo fascínio por aquelas pessoas “diferentes”, acompanhado das violências mais diversas. No entanto, eu penso que os brasileiros conseguem explorar a potência do desejo e da fascinação em detrimento da potencial repulsa e discriminação.

Em uma conversa com Nuno, ele diz que essa exotização dos brasileiros em Portugal passaria pelo:

culto ao corpo, o tratamento do corpo, da musculação, da cultura da praia, das ideias associadas ao carnaval, da libertinagem. Tudo isso alimentado pela pornografia. Se tu pegas nisso que já funciona em qualquer parte do mundo, essa marca brasileira, que é de certa maneira, também não só da exotização exterior, mas também é um produto endógeno brasileiro. O próprio Brasil, de forma ambígua, cria isso, cria essa marca. Isso vem duma história que a gente já sabe. Que é feita de fora, mas é feita de dentro também. É um caso de encontro feliz, ou infeliz, entre aquilo que está a ser a representação do Norte perante o sul e a representação que o Sul está a oferecer ao norte.

Há muitas camadas nessa conversa com Nuno. Há colonização do ser e do saber condicionando experiências locais. Há a sexualização articulada com raça, gênero e região, aquilo que Anne McClintock, oportunamente, chamou de *pornotrópicos* (2010). E a construção de espaços desejanter, que estão na mira das indústrias do sexo e desse ramo específico do turismo. O produto endógeno de que fala Nuno pode ser um combo de tudo isso aliado a uma preocupação do Estado em “vender a imagem de tropical exótico e de nação mestiça para fim de turismo e solidificação da identidade nacional” (Machado, 2009, p. 211).

Esses ingredientes fariam germinar, além-fronteiras, a exuberância da sensualidade e da sexualidade brasileiras. No entanto, era necessária uma figura emblemática. Eis então a centralidade da mulata³⁴, a mulher brasileira por excelência. Imagem erótica vendida como patrimônio nacional. A “mulata brasileira tipo exportação” é uma ressignificação das mulheres, outrora escravizadas, em que se esvazia a carga simbólica violenta e cheia de atrocidades para transformá-la em representante da sensualidade exuberante do país.

No entanto, como lembra Kempadoo (2004, p. 38), “desde a escravatura, a mulata corporiza o símbolo da prostituta”. É como se a mulata sensual, pronta para o sexo, fosse “o produto” sobre o qual o país tem excelência. Portanto, o sexo e a sexualidade seriam os carros-chefes do Brasil, isto é, há questões de narrativas nacionais que são incorporadas pelas pessoas. Isso primeiro teria ganho visibilidade com as mulheres, que incorporam esse outro como fetiche, exótico, subordinado. Ao que tudo indica em meu campo, aplica-se de forma parecida aos homens no trabalho sexual. Pois, da mulata brasileira, para o homem brasileiro no trabalho sexual, o *moreno brasileiro*, o *bofe*, o *malandro*, o *safado*, o *escort quente*, *XXL* operou-se um deslocamento “quase natural”.

Esse imaginário povoaria expectativas com pessoas do Brasil no sexo casual, nos encontros afetivos, nos projetos matrimoniais e no trabalho sexual. É interessante o entendimento de que os homens brasileiros que fazem trabalho sexual seriam capazes de proporcionar mais que sexo aos clientes. Além da compreensão de que o que se buscaria no trabalho sexual não seria necessariamente o sexo, pelo menos o sexo *mainstream*, ordinário. Mais que isso, segundo o entendimento de alguns clientes, as pessoas do Brasil nesse campo ofereceriam um *sexo com caldo brasileiro*. Como me disse um *escort* baiano, também recorrendo a analogias gastronômicas, o seu *atendimento* seria *trabalhado no axé e temperado com dendê*.

O que eu tenho observado em campo e na literatura é que se produz o estereótipo do brasileiro *safado*, *malicioso*, *bagaceiro*, *viril*, *malandro*, sempre disponível ao sexo como norma. O brasileiro seria esse outro agora próximo e muito presente. Como outro, pode ser razão de alguma repulsa – haja vista a permanência de diversas facetas da colonialidade em Portugal em relação aos brasileiros – e/ou muito desejo, já que a presença hegemônica de brasileiros nos anúncios como *escorts* denuncia que há um mercado que os demanda. Esses dois polos, desejo e repulsa, movimentam as maquinarias desejantes. O desejo opera ali, naquelas zonas fronteiriças.

³⁴ Mariza Corrêa (1996) faz uma discussão profunda e instigante sobre a categoria mulata.

Segundo Roberto DaMatta (1984, 1997) e Richard Parker (1991), a mulata, a praia, o samba, e o carnaval, não necessariamente nessa ordem, constituiriam a expressão melhor acabada do mundo como “excesso de prazeres”. Em vista disso, a questão que precisa ser enfrentada diz respeito às economias do desejo, como mostrarei a seguir. O que compõe a *safadeza* brasileira? Quais são esses corpos desejados que manifestariam sensualidade e sexualidade tão diferenciadas? Quais promessas são guardadas sob os corpos brasileiros? Quais performances de linguagem serão potentes nas transas? O que é demandado em termos de masculinidades, por exemplo?

2.3. A brasilidade *safada* no trabalho sexual de homens

Valentim (36 anos) é enfático ao dizer que *qualquer brasileiro sempre vai ter cliente, mas há brasileiros mais requisitados*. Um brasileiro *branco* e sem *gingado* é visto como *gringo*. *Por que gringos pagariam para ficar com gringos? Entre gringos, eles ficam de graça*, conclui o interlocutor. Se a lógica de Valentim estiver correta, o *brasileiro branco* e sem *gingado* precisaria de muito mais investimento para provar uma brasilidade caso sua masculinidade brasileira não fosse lida como aquela legítima porque *sexotizada*.

Isso passaria por uma “erotização cromática dos corpos” (Sacramento e Ribeiro, 2014, p. 250), no sentido de tornar presente uma memória da herança *mestiça* de uma suposta “brasilidade típica” que seria responsável pela produção de uma “sexualidade exuberante e *sui generis*” (Blanchette e Silva, 2012), porque quente e ativa. Do ponto de vista dos clientes, um deles, Manel (45 anos), certa vez, quando estávamos conversando no bar de uma festa em que havia muitos brasileiros que faziam trabalho sexual, ele me disse que o *brasileiro típico* estava muito associado a

uma pessoa de corpo musculado, bonita. Cultura, a maior parte das pessoas não têm muita. Falas em ler, encolhem-te os ombros. Falas num assunto mais intelectual, não mostram interesse. Não é que isso considera a pessoa burra, mas pode tornar a pessoa desinteressante. É um povo quente. É um povo que sabe fazer sexo.

Nas palavras do interlocutor já se materializa o estereótipo de alguém *sem cultura*, mas *bonito*, *quente* e *sexual*. Esses elementos são reiterados por outros clientes e aparecem nas falas de muitos interlocutores que fazem trabalho sexual. Tais elementos não são novidade, pelo contrário, são permanências das relações coloniais, por meio da colonialidade do poder, do saber, do sentir e do desejar. Como mostrei acima, alguns *escorts* entenderam este lugar a eles associados e agenciam outras possibilidades. Por vezes, reiterando o estereótipo quando isso

parece vantajoso; por vezes, afastando-se do estereótipo para adequar-se a novas expectativas em relação aos brasileiros.

No entanto, há diferentes estratégias de visibilizar-se como brasileiro no trabalho sexual em Portugal. Alguns *escorts* investem numa *coisa mais bruta, mais direta, bem safado mesmo*, conforme disse Yuri (27 anos). Há clientes que buscam isso. Então, *a gente usa palavrão pra falar do pau, pra falar do cliente, pra dizer que é brasileiro de verdade. Que sabe fazer a coisa e dominar mesmo*. Esses seriam os “machos-alfa” do trabalho sexual. *Muito tesudos, muito pauzudos, muito comedores* e, quase todos, *muito malhados*. Eles reiteram um estereótipo tido como clássico entre os homens no trabalho sexual. Sim, há clientes para eles. Mas, conforme me contou um interlocutor com esse perfil, ele acaba por atrair clientes que não consegue fidelizar, pois o cliente parece ter a intenção de experimentar todos dessa “espécie”. O mercado não o surpreenderia porque era isso mesmo que ele estava buscando.

O que se percebe aqui, já à partida, é que há uma expectativa em relação a performance e estética corporal quando se busca um *escort* brasileiro. Xande (28 anos), um dos interlocutores que conheci por meio de Dagoberto, sempre fazia questão de dizer que a performance bruta do brasileiro era o que garantia o mercado. Ele dizia que *a forma, o sexo com brasileiro é diferente do sexo com o europeu. O povo quer contratar um escort brasileiro porque sabe que vai ter muita putaria³⁵, muita safadeza. A mente é totalmente aberta, o sexo é mais gostoso, não tem tabu, não tem nada disso*.

Matheuzinho (24 anos) é amigo de Xande. Quando estávamos na praia, ele olhava os homens e dizia: *os brasileiros aqui são muito procurados porque nós somos muito safados na cama, muito liberados, a gente não tem muitas “nove horas”*. Corroborando um pouco essa ideia, Gonçalo, o cliente português, dizia que tal questão se deve ao fato dos brasileiros *verbalmente serem mais liberais, também mais safados, encaram mais a personagem*. Gonçalo está em acordo com a ideia de que há uma *persona* brasileira no âmbito do trabalho sexual que atenderia a expectativas dos clientes sobre uma suposta “brasilidade típica”.

Há um elemento muito importante que é a cor da pele. Constantemente, quando se fala em brasileiro no trabalho sexual em Lisboa ou em outras cidades de Portugal, é muito provável que a referência seja uma pessoa com tom de pele não branco. O brasileiro torna-se uma gradação cromática entre o preto (africano) e o branco (europeu). Essa cor de brasileiro pode ser tornada inteligível a partir das categorias *moreno*, certamente a mais popular, e *mulato*, menos

³⁵ Segundo Victor Hugo Barreto (2017c), a categoria *putaria* pode abarcar práticas, pessoas, espaços, performances, intensidades, ou o próprio movimento durante eventos associados ao sexo. *Putaria* também pode querer dizer *safadeza*. Em contextos não sexuais, o termo pode referir-se à bagunça e desordem.

frequente. Referências a mestiços e pardos foram poucas em campo. Essa questão não se esgota na cor da pele, ela se articula a uma série de outras categorias. No começo desse item, Valentim fala de branco e rapidamente associa a cor de pele branca à falta de gingado, por exemplo.

Sacramento e Ribeiro (2014) diriam tratar-se de uma “morenidade” que seria mais ideológica que fenotípica. Porque há um gradiente extenso em que cabem muitas morenidades. Isso é corroborado por Blanchette e Silva (2012) quando afirmam existir uma visão ideológica sobre uma brasilidade típica que articula gênero e nação. O antropólogo Gibran Braga (2015) estudou homoerotismo online. Naquele contexto de pesquisa, havia uma ambiguidade em relação a homens negros. Ele percebera uma hiperssexualização daqueles corpos, mas também estratégias e tentativas de distanciamento da categoria negro. Em muitos contextos brasileiros, negro ainda é empregado como uma categoria acusatória e reverbera em desprestígio social. Braga mostra que haveria o investimento em um “clareamento estratégico” mobilizado por movimentos que discursivamente transformavam negros em “morenos escuros”, “morenos escuros” em “morenos”, “morenos” em “morenos claros” (Lopes, Passamani, Rosa, 2022).

Adriana Piscitelli (2007), ao pesquisar a inserção de mulheres brasileiras nos mercados transnacionais do sexo, conclui que no Brasil haveria a percepção de uma “feminilidade nacional, intensamente sexualizada e marcada pela ‘cor’ (p.18)”. Tal questão estaria vinculada às imagens da mulata e da negra, historicamente construídas no país a partir do sistema colonial e da escravidão. Essa percepção difunde-se externamente e esse sujeito exótico é desejado e demandado no campo do trabalho sexual, mas não só nele.

Piscitelli, no entanto, pondera que a questão parece ser um pouco mais complexa. A cor de pele da mulata, morena ou negra, seriam insuficientes para explicar completamente a brasilidade. Ainda que a brasilidade desejada no exterior passasse por ela. A erotização dessas mulheres no âmbito transnacional pressupõe “uma nacionalidade atravessada por gênero que é racializada e sexualizada, mas não necessariamente associada às ‘cores’ de pele escura” (Piscitelli, 2007, p.18). Isso se aplicaria a mulheres brasileiras de maneira geral, envolvidas ou não com o trabalho sexual³⁶. Portanto, adverte Piscitelli, é preciso compreender os vínculos entre exotismo e erotismo por meio das convenções contextuais que constituem as interações entre os diferentes sujeitos em relação.

³⁶ Susana Maia (2007) pesquisa brasileiras de camadas médias que são dançarinas em New Jersey. Elas possuem nível superior completo e não são mulatas, morenas ou negras. E são desejadas e exotizadas como brasileiras. Luciana Pontes (2004) fala da “mulher fatal” representada pelas domésticas brasileiras em Portugal. Elas são pertencentes às camadas populares e são mulheres brancas. Sua brasilidade é igualmente desejada e exotizada.

No caso da minha pesquisa, houve uma predominância de homens morenos evocados e evocando certo signo de brasilidade. Anunciar-se como morenos constituía, na visão deles, vantagens no âmbito do trabalho sexual. O moreno brasileiro seria fruto das tantas misturas possíveis das gentes que deram vida ao Brasil. Essa afirmação foi ouvida muitas vezes em campo. Sacramento e Ribeiro (2014) dizem que a figura história da mulata teria sido aquela que incorporou de forma mais “perfeita” o “mito das três raças”, ainda que haja outros elementos a explicar a questão. O fato é que desassociar-se do branco como cor de pele, mas também do preto, foi algo muito recorrente durante a pesquisa de campo. Se havia interlocutores negros a nomearem-se como morenos, havia os brancos que faziam bronzeamento artificial para *serem morenos e mais brasileiros*. A brasilidade era efetivamente construída, seja pela linguagem ou por outros artifícios.

Mariza Corrêa (1996) mostrou como a mulata, em função de sua cor de pele, teria tido a sua história associada ao sexo. A autora afirmava que “as tonalidades correspondiam também a atitudes, ou comportamentos, esperados de uma ‘mistura’ não só de cores como de disposições inatas, herdadas” (1996, p. 42). Como mostrei antes, haveria na gênese da mulata a percepção de uma sexualidade desregrada.

Kabengele Munanga (2004) entende a imprecisão como a melhor definição para os brasileiros “miscigenados”. Lilia Shwarcz (2013), em vista disso, diria que esses “nem pretos nem brancos” acabaram por destacar e intensificar a morenidade como o traço característico de uma expressão de brasilidade. É também importante lembrar que afastar-se da categoria negro pode ser uma tentativa de driblar o racismo ainda tão vigente nas sociedades brasileira e portuguesa. Portanto, moreno, numa hipotética escala crômica, estaria ocupando um lugar, em tese, menos desconfortável em relação ao negro. Sobre o termo preto, a tentativa de afastamento é mais flagrante ainda. Há uma carga pejorativa muito grande associada ao termo preto, conforme Alan Ribeiro (2010).

A antropóloga Paula Togni (2011) estudou mobilidade, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal. Ela esteve especificamente envolvida com a “comunidade brasileira” do Cacém (área metropolitana de Lisboa). Na pesquisa de Togni, “preto” foi uma categoria muito presente em campo e sempre de forma pejorativa. A categoria estava associada a pessoas africanas ou à descendência de pessoas africanas que viviam em Portugal. O “pacto narcísico da branquitude” (Bento, 2022) acaba por interferir nas autoidentificações. O moreno seria esse polo intermediário, que habitaria essa zona cinzenta entre o preto e o branco na tentativa de agregar valor a uma “diferença” que poderia ser potencialmente desejável.

Em vista de tudo isso, há no Brasil uma diferença entre cor e cor da pele. É sutil. Mas decisiva. Não são a mesma coisa. Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2011, p. 266) diz que “na nossa classificação, a textura do cabelo e o formato de nariz e lábios, além de traços culturais, são elementos importantes na definição de cor”. Cor da pele é mais um elemento que constituiria a cor de uma pessoa no Brasil. A cor do moreno tem determinada textura, determinado formato, determinados traços e por fim determinada tonalidade de pele. Para Alan Ribeiro (2010), o moreno seria o desfecho de um processo cultural/ideológico ininterrupto de branqueamento. A intenção seria, efetivamente, eliminar a negritude e todo e qualquer sinal a ela associado. Para o autor, no entanto, ainda que haja muitas imprecisões para definir o moreno de forma categórica, mesmo que ele seja quase tudo em termos de um gradiente cromático, há algo que o moreno não é e não será de forma alguma. O moreno nunca é branco. Há, porém, agência:

[...] o moreno escapa pelas brechas das dicotomias estabelecidas para o negro e o branco. O moreno cria ao seu redor, no campo da prostituição, um imaginário muito particular. Polivalente, porque multifacetado. Trata-se de uma encruzilhada onde se encontram muitas potências desejantes. Ora, associadas àquilo que o senso comum naturaliza como próprio de corpos negros. Pois há negritude no moreno. Ora, incorpora, por meio de uma tonalidade mais clara da pele, um distanciamento –quem sabe visto como necessário por outro grupo de clientes – da negritude (Lopes, Passamani, Rosa, 2022, p. 50).

Esses elementos aparecem em vários momentos de conversas durante o trabalho de campo no sentido de tentar perceber quem é o brasileiro mais acionado nesse imaginário. Roy, por exemplo, não percebe que haja problemas no trabalho sexual em relação à cor da pele. E refere-se a brasileiro como *mulato*, que seria diferente do *preto africano*. *O mulato brasileiro a gente vê que não é aquele preto azulão. Tem ali uma mistura*, conta o interlocutor. Algo muito próximo é acionado por Nando (33 anos), amigo de Yuri e um dos *escorts* que circula bastante pela Europa. Ele entende que *ser moreno é um plus, digamos, no quesito Europa. E acredito que seja um plus pela coisa do desejo latino, do sexo latino. A cor de pele morena e o perfil que é vendido: homem brasileiro do sexo bom e tudo mais*. Tal como Valentim, ele também acredita que *não adianta um brasileiro branco, com cara de europeu. Pode ser brasileiro, mas não é aquela imagem indígena, latina, morena que é vendida*.

Os interlocutores têm feito eco a brasileiro como um tipo *sexotic*. Isso também aparece na fala dos clientes que reconhecem o moreno como o “autêntico brasileiro”. Manel, em todas as conversas que tivemos, quando referia-se a africanos os nomeava como *os pretos*. Ainda que a

cor da pele fosse mais clara que a de alguns brasileiros que ele via no bar. Aos brasileiros, referia-se sempre como *os brasileiros*, ou *aquele moreno*. O que é consensual, no entanto, é que esse brasileiro genérico não é branco. Inclusive porque, como refere Manel, *quando a gente pensa em um brasileiro, não pensa em alguém de olhos claros. Não pensa em alguém de cabelo louro. Pensa em alguém de cabelo escuro, ou castanho, pele escura, pele mais bronzada*.

Andrade e Dinho, que fazem muita circulação interna em Portugal, dão ênfase à *mistura de raças* que teria feito o brasileiro *tão diferente de todo o resto*, mas, ao mesmo tempo, muito fácil de identificar como nem branco nem preto. Como diz Andrade: *brasileiro é brasileiro, tem cor de brasileiro, essa minha aqui, oxe*. Dinho, a seu turno, enfatiza que há uma preferência pelas pessoas *morenas, não negro, nem branco*. *Na profissão, aqui, é assim. Gostam da pessoa morena. Pessoa morena é brasileiro. Normalmente branco é português, a maioria é português. E quando ele é preto, é africano, cabo-verdiano, angolano. Morenos, só nós*.

Isso sempre me intrigou muito e eu sempre conversava com Dagoberto a questão da cor da pele foi muito presente no trabalho de campo. Dago também percebia isso e ele tinha algumas estratégias. Por exemplo, quando ele deixava o cabelo crescer, o cabelo começava a ficar encaracolado e escuro. Dagoberto passaria facilmente por branco no Brasil. Em Portugal e nas viagens pela Europa ele se anuncia como moreno. Ele joga alguns filtros nas fotos de divulgação na internet e faz bronzamento artificial. Sobre o cabelo, que é a resposta que ele entende mais imediata, ele assim conta:

Eu tenho reparado que com o cabelo cacheado, eu tenho chamado muito atenção. Mais atenção de quando eu não estava usando ele natural assim. Porque quando eles veem o cabelo cacheado, eles já veem que você é de fora. Porque, comumente, nesses países mais nórdicos, eles não têm o cabelo escuro, cacheado. Então você é diferente.

Na avaliação de Dagoberto, o *escort* que teria condições de trabalhar mais e melhor na Europa seria aquele que apresentasse elementos que o diferenciasssem do comum, do ordinário. Ele torna relevante a cor da pele e outros sinais fenotípicos diacríticos de uma suposta identidade que não seria reconhecida como próxima pelos potenciais clientes. *Escorts negros e morenos, na avaliação dele, trabalhariam muito melhor que os loiros. Afinal, o moreno é diferente. Eles buscam aquilo que eles não têm geralmente*.

Beto, com quem tive mais encontros fora de Lisboa, em Berlim, não cansava de repetir como a cor da sua pele e o seu fenótipo de maneira geral eram parte importante da constituição de uma rede de clientes fidelizados:

Eu tenho um corpo não branco, que já é um corpo mistificado completamente com a ideia da sexualidade. Eu sou o estereótipo do brasileiro. Seja no nome. Seja na vida. Seja em tudo. Minha mãe é índia. Meu pai é caboclo. A hora que eu falo Brasil, “ah, é óbvio”. Então, nesse aspecto, a minha vida, a minha história, é a realização do fetiche e da erotização deles. Eu tiro proveito disso sim. Porque as pessoas aqui não têm isso que eu tenho.

Beto e outros interlocutores contam sobre o estereótipo fenotípico, mas também sobre a expectativa simbólica em termos eróticos e sexuais em relação ao brasileiro. Isso passa pela sua indisfarçável *sexotização*. O que eu vejo como potente é o uso que os *escorts* fazem disso. Porque se o *sexotic* poderia ser uma categoria que reconheceria uma depreciação do outro objetificado, parece que aqui ele é torcido e usado estrategicamente. Se *brasileiro* é desejado pelo mundo, então o construir-se como tal, ou seja, como se imagina esse brasileiro, é fundamental na disputa por mercado e na expectativa de conseguir lucrar com isso.

Por outro lado, mas talvez colocando mais elementos a essa brasilidade e agregando questões a serem problematizadas, Roy diz que *não existe preferência de cor*, mas que *a pessoa de cor preta já tem sinônimo de ser pauzudo*. Então, *pode ser um branco, mas sendo pauzudo vai trabalhar super bem. O preto, pode ser preto bonito, se tiver pauzinho pequeno, não vai trabalhar nada. Ou seja, não é cor, é tamanho do pau mesmo*. Durante o trabalho de campo, Roy sempre insistiu nisso. É bom destacar, como já fiz anteriormente, Roy não é branco. Ele considera-se pardo. Mas assevera que esse não é o elemento decisivo. Para ele é decisivo ter 24 cm de pênis. Isso faria a diferença entre ser requisitado e sempre ter muito trabalho e não ser requisitado e não ter muito trabalho. Para o interlocutor o fato dele ser brasileiro e de ser não branco, em uma suposta escala de interesse, viriam depois de ser *pauzudo*. Ele assim conta:

Não adianta ter uma carinha linda e um membro pequeno. Pinto pequeno aqui é uma tragédia. Como dizem os portugueses: “é uma desgraça”. Você não para de trabalhar se tiver pau grande. É isso que me faz ter sucesso. Eu tenho percepção daquilo que eu sou e daquilo que o mundo apresenta como uma pessoa bonita. Então eu tenho consciência de que eu não estou dentre aqueles que são bonitos. Mas eu tenho um pau enorme e isso me dá estabilidade, faz eu ganhar uma grana que aqueles lindos, maravilhosos, aqueles deuses gregos não ganham. Eu tenho colegas aqui que são deuses gregos, mas têm o pau pequeno e não trabalham nada. Quer dizer, carinha bonita não é sinônimo de sucesso nesse trabalho. É pau grande. Esse é o segredo do sucesso.

O tamanho do pênis, de fato, foi algo recorrente durante o trabalho de campo. Nos sites de anúncio, por exemplo, todos os interlocutores que consideravam ter um pênis grande, ou XXL como era mais comum em campo, publicavam fotos em ângulos que os valorizassem ainda

mais. Roy, inclusive, diferente de muitos interlocutores, não mudava nunca os seus anúncios. Durante todo o trabalho de campo, as fotos, o texto e a informação de que ele era “recém-chegado” do Brasil permaneceram inalterados no único site em que ele se anuncia. Segundo ele, nada ali interessava além do fato dele ser *pauzudo* e *ativo*. Essas seriam as informações básicas. Na percepção dele não interessava a nacionalidade, nem o copo, nem a idade, nem a cor, mas o *pau*.

Esse é um ponto a destacar. Esperava-se dos brasileiros esse *pau*. Esse *pau* era esperado como parte do corpo de brasileiros que não eram brancos, portanto havia uma justaposição de pré-requisitos. Pode ser que justaposto de uma forma absolutamente naturalizada e que tais sutilezas pudessem passar despercebidas. Como lembra Osmundo Pinho (2004), ao referir-se aos homens negros, o “ser negro” estaria aprisionado ao “corpo negro”, isto é, uma determinada projeção de expectativa de um outro, no caso os brancos. O corpo do homem negro fora “genitalizado dimorficamente como pênis, símbolo falocrático do *plus* de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco” (Pinho, 2004, p. 67).

O que o antropólogo associa diretamente aos homens negros, pode-se perceber na associação que se faz aos brasileiros no trabalho sexual e que fora apontado por Roy e outros interlocutores. John Stuart Hall (2016) adverte a centralidade do estereótipo na sedimentação desses imaginários, pois ele “reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença” (p. 191). Essa fantasia intervém na representação e materializa-se em um fetichismo sobre determinadas cores, raças, sujeitos, etnias, comportamentos. É o caso dos homens brasileiros de meu campo que são morenos e aos quais é esperado/exigido/expectável que tenham um pênis XXL. Penso que o moreno brasileiro desata o nó górdio da contradição entre o desejo pelo pênis XXL (esperado nos corpos de homens negros) e ausência de uma negritude “repelente” (pessoas pretas/negras). Tem pênis XXL, mas não é negro/preto.

Diogo (31 anos), no entanto, ao referir-se ao tamanho do pênis, diz que *esta é uma visão, é uma forma de propaganda falsa. Pelo fato haver tanta promoção assim, quando você não se promove assim, parece que você não tem visibilidade*. Há muitas estratégias em termos de manipulação das imagens para que o pênis pareça maior e assim chame mais atenção. Em vista disso, Diogo me contou que não era incomum que os clientes pedissem vídeos curtos do pênis ereto para que conferissem a efetividade da propaganda. Portanto, parece que há importância do pênis compondo o combo de uma brasilidade *sexotizada*. Uma vez Marcos Torres disse que *os brasileiros com pinto grande ganham mais dinheiro e olha que uns gajos são bem feios. Um corpo bonito, óbvio, sempre vai ter mais procura. Mas aqui em Portugal é pinto grande*.

A esse respeito, Ramiro também corrobora a necessidade do pênis avantajado. Segundo ele, *quando eles olham a foto do pau, eles ligam. “Nossa, que pau gostoso. Nossa, quantos centímetros? Qual a largura?” Eles ficam muito focados no pau.* Robinho (25 anos), na mesma linha diz que *se for malhado, com cara de modelo e um pinto pequeno, daí vai fazer sucesso como passivo.*

Essa performance mais ora *bruta*, ora *safada* dos brasileiros, que seria composta por uma série de elementos que envolveria linguagem, estética corporal e uma especial atenção à cor da pele e ao pênis, ela tem um nicho de mercado. É muito requisitada. No entanto, há outros *escorts* que investem em um perfil “menos bruto”. Esses homens podem ou não ser *muito malhados, muito tesudos, muito pauzudos, muito comedores*, mas não entregam tal informação por completo em um primeiro momento. Eles preferem investir em algo que chamam de *cultura, respeito, sedução, lábia*, o que os caracterizaria como *bons amantes, acompanhantes, namoradinhos*. Há muita clientela para esse tipo *escort*, pois há clientes que querem estar em espaços públicos com esses homens, tais como restaurantes, bares, clubes, festas e não buscam, para tais momentos, como me contou Yuri, *alguém que destoe* tanto deles em termos de *cultura*. Não raro esses *escorts* brasileiros conseguem inserir-se na categoria *luxo*.

2.4. Elementos constitutivos de um brasileiro *escort de luxo*

Esses *escorts* acionam outras tecnologias para as suas performances. Elas vão além de manejos linguísticos e de uma hipertrofização excessiva do corpo. Eles lançam mão de outra maquinaria percebida como fundamental para fidelizar clientes. Yuri, assim conta:

tem um que é pra conversar, jantar e sair junto. Ele fala mimos. Fazer mimos. Ele só quer mimosinhos, carinhos, festinhas. Ficar junto, abraçado. Me chamam muito pra ir jantar. Me chamam muito pra ir jantar com eles na casa deles, mas assim, a companhia, mas depois acaba rolando o restante.

Esses *escorts*, tidos por eles como *inteligentes, de luxo, com cultura*, são menos comuns. Eles geralmente conseguem ter clientes fixos, afinal capitalizam-se a partir de outras frentes. Yuri, assim fala sobre o luxo em termos da construção de uma imagem de si:

[...] um escort de luxo é lindo, bonito e tem um corpo atlético, um corpo definido, malhado. O pinto também. O luxo, por exemplo, se essa pessoa tem tudo, tem um cabelo maravilhoso. Ter todos os dentes alinhados. Cabelo. O corpo definido. É fundamental saber conversar sobre tudo. E saber falar em diferentes línguas. Os caras piram. Sem isso, não entra pra luxo.

O que eu tenho percebido, por meio das redes que estabeleci, é que se trata de um mercado cheio de clivagens. Há homens de diferentes tipos e que prestam diferentes serviços a clientes que são igualmente bastante diversos entre si. No entanto, Roy diz que *se é pra ser puta, vamos ser uma puta de luxo e vamos ganhar dinheiro. Agora, ser puta pobre e de pobre é uma merda*. Portanto, nesse jogo de espelhos das performances, há todo um meandro de negociações variadas. É preciso acertar na sedução como elemento de captura do cliente potencial.

Bernardo Coelho (2009), em sua pesquisa com prostitutas acompanhantes em Portugal, percebera que havia uma hierarquia entre a puta, a prostituta e a acompanhante. Mais que conceitos distintos, há aí lugares sociais diferentes sendo construídos. Interessa-me aqui, porque flerta com a ideia de luxo, a noção de acompanhante. Há nessa figura um caráter mais oculto da atividade, o serviço prestado vai além da realização de sexo; os atendimentos geralmente são em locais privados, as acompanhantes nunca estão nas ruas. O valor do serviço é mais elevado. Elas têm disponibilidade de atender em seu próprio apartamento e podem acompanhar os clientes em ocasiões sociais diversas. Geralmente são mulheres jovens, consideradas bonitas, com um corpo seguindo os padrões hegemônicos de beleza.

Já Renato Caio Silva Santos (2021), que investigou prostituição entre garotos de programa de luxo no Brasil, diz que “boys que divulgam seus trabalhos pela internet e possuem seus próprios locais para o atendimento de clientes, como apartamentos e flats, são chamados de boys de luxo ou garotos de programa de luxo” (Santos, 2021, p. 67). Santos ainda mostra que o luxo está para além dos corpos malhados e dos locais privados e discretos para o atendimento. O luxo está associado à forma do marketing feito na internet sobre esses sujeitos e suas possibilidades.

É por meio dessa construção de si que esses corpos passariam a ser percebidos com de “alto padrão”. Como conclui o autor, “a dimensão imaginária constitui uma parte essencial da marca de luxo e sua personalidade deve ter legitimidade” (Idem, p. 69). Esse *boy de luxo* também é visto como acompanhante, tal como as mulheres investigadas por Coelho. Ele deve reunir condições para acompanhar clientes em eventos e viagens por exemplo. É preciso mais que um corpo. É preciso falar línguas, ter um repertório variado em termos de conhecimentos gerais ou formação educacional superior, outra vez são acionados os diferentes capitais de que falei antes. Tais questões foram recorrentes em meu campo.

Em minha investigação, o brasileiro deveria reunir a maior parte das características supramencionadas para auferir bons lucros e as mais generosas fatias do mercado. No entanto, fidelizar clientes e acessar bons clientes exigiria, conforme Beto, *alguém com um pouco mais de tempero*. Esse tempero a que ele faz alusão, especialmente em seus trânsitos pela Alemanha,

são possibilitados pela *inteligência*, que tornaria *tudo mais atraente*, ainda que o contexto não deixe de ser o de *um mercado que você tá ali pra foder*. O que quero dizer é que a *inteligência* na constituição do luxo é um fator muito importante porque ela vai criando outras estratégias de conquista e manutenção dos clientes. Os serviços prestados tornam-se mais variados e qualificados, mas é preciso ter *a primeira parte de atração, que é o primeiro design, que é o corpo. Se você não tiver, não vai pra frente*. Beto dá o exemplo das fotos e do perfil que publicava no começo da carreira e as estratégias que possibilitaram uma nova vaga em seus atendimentos:

Eu comecei em 2020 botando foto só das partes do corpo. Postava foto de pau duro, fotos da bunda. Só fotos assim. Até o momento que eu falei: 'tá ridículo'. E eu comecei a tirar fotos sensuais. Não mostrando o rosto inteiro, mas mostrando dobras, mostrando outras partes do corpo. Começou a explodir mensagem de oferta pra mim. Porque aí você deixa claro que você sabe lidar com a sensualidade. Na hora que eu entendi isso, que eu mudei o meu perfil, eu botei em quatro línguas, eu botei um texto de Guimarães Rosa e umas fotos que são completamente bem trabalhadas, aí a pessoa vinha falar comigo no privado.

Beto entendeu que se apenas fosse um *escort para foda*, precisaria estar sempre à *caça* de novos clientes, o que é desgastante e incerto. Para fidelizar clientes, percebeu que precisava jogar com a sensualidade e captar aquilo que era buscado para além da causa imediata: fazer sexo. Jogar com a imaginação do cliente, surpreendê-lo, oferecer companhia *qualificada*, no caso dele e de outros, tornou possível acessar outro *nível* de cliente. Ele se anunciava como alguém que teria a capacidade de *desestressar* o cliente depois de ter uma semana pesada de trabalho; conversar na língua do cliente; conversar sobre temas variados: pintura, passando por música e chegando à política.

Abro esse capítulo com Beto nu ao piano e o cliente abasbacado o observando. Se a *inteligência torna tudo mais atraente*, como dissera o interlocutor, esse combo ficaria mais completo, pois o tempero brasileiro é o que daria base ao atendimento, que pode render algumas horas e vários euros a mais. Beto diz: *eu consigo fechar o estereótipo. Eu consigo fazer parte do fetiche, mas eu não paro aí. Eu tenho um além. Na profissão, isso é luxo.*

Roy, o rapaz do autoproclamado *pau enorme*, e que sempre repetia que não estava dentro de um dito padrão de beleza expectável aos *escorts*, apostava suas fichas em seu pênis, na sua performance “ativa e dominadora” nos atendimentos, bem como nos procedimentos cirúrgicos/estéticos para manter-se na categoria *luxo*.

O corpo atlético é muito importante. Eu nunca fiz academia, eu nunca malhei, eu nunca fiz nada. Eu tenho um corpo natural. Eu sinto que eu preciso fazer lipo. Eu vou fazer uma lipoescultura lá na Colômbia. É aonde tem um doutor entre os melhores do mundo. Ele faz lipoescultura que aquilo que meus colegas ganham se sacrificando na academia – eu vou ganhar através de silicone. Peito, vai travar meu abdômen todo com silicone, vai me dar um pouquinho mais de coxa e vai colocar silicone nas minhas panturrilhas pra aumenta-las. E rosto eu vou fazer em Minas Gerais. Pra poder rejuvenescer com harmonização fácil. Os dentes, vou fazer as facetas todas.

Roy está buscando, por meio das intervenções, manter-se na categoria luxo, retardando seu envelhecimento – já que está próximo aos 40 anos, o que foi visto em campo como uma idade quase limite para a profissão – e angariar rapidamente o que eu vou chamar aqui de *capital corporal*. Eu entendi que para Roy o *capital corporal* seria um item importante na manutenção de clientes. Pierre Bourdieu (2001) problematizou a noção de capital a partir de três dimensões: econômica, social e cultural. Naquela altura, ele estava tentando entender as diferenças no âmbito da educação escolar. O sociólogo percebera a insuficiência do capital econômico (fatores de produção e conjunto de bens) para explicar a associação entre nível socioeconômico e bons resultados escolares.

Ele propôs que o capital social adquiriria uma relevância significativa no processo, pois ele se constituiria a partir das redes de relações estabelecidas e da quantidade e qualidade dos recursos materiais e simbólicos disponíveis e que circulariam pelas redes nas quais as determinadas pessoas participavam. Segundo Bourdieu, a dimensão do capital social seria pedagógica e incorporada por meio de um *habitus* comum.

O autor também ponderou sobre uma outra dimensão do capital, que chamara de capital cultural. O capital cultural pode ser incorporado, objetivado ou institucionalizado. Ele é incorporado quando há a assimilação e inculcação de disposições duráveis. Conhecimento de línguas, gostos, aumento, complexificação e diversificação do repertório em termos de saberes distintos são alguns exemplos. O capital cultural é objetivado na forma de bens culturais. No entanto, não basta conhecê-los, ou adquiri-los, é preciso compreendê-los, a fim de incorporar seus significados. Por fim, o capital cultural é institucionalizado na forma de títulos acadêmicos (Bourdieu, 2001).

Essa rápida digressão a sintetizar a consagrada teorização de Bourdieu sobre os capitais me parece necessária para entender as estratégias de diferentes *escorts* que foram meus interlocutores no sentido de produzirem-se como mais interessantes nos mercados do sexo por onde circulam a partir da constituição de um *capital corporal*. Na pesquisa de Isadora Lins França (2012) sobre diferentes espaços de consumo no âmbito do mercado LGBT na cidade de

São Paulo, ela depara-se em campo com a categoria êmica *capital sexual* que passava, no *meio gay*, por diferentes dimensões, entre elas a construção de um *corpão* malhado, produzido por horas de exercícios nas academias e outros artifícios fármacos. Além de disso, conta a antropóloga:

A necessidade do *corpão* é tão urgente e imediata quanto o são as negociações nesse mercado afetivo/sexual. A comparação [...] com uma espécie de bolsa de valores ou com ter *dinheiro no banco* ou *um capital sexual* soa exata. Entretanto, o corpo não é o único atributo a ser considerado e, se é tão importante quanto *dinheiro no banco* e *capital sexual*, não é possível menosprezar os efeitos trazidos pelo dinheiro no banco e pelo capital em si – econômico ou cultural – na organização das parcerias (França, 2012, p. 99. Grifos no original).

Na pesquisa de França o *capital sexual* é resultado de um emaranhado de fatores que dialogam com as dimensões econômica, social e cultural apresentada na tese dos capitais de Bourdieu. Além disso, deixa claro como o corpo em si não basta, afinal o desejo é um complexo de estímulos que passa por diferentes âmbitos. Na minha pesquisa, sobretudo a partir das falas de Roy e outros interlocutores, eu percebo que há um detido investimento na constituição de um *capital corporal* e que ele parece bastante significativo.

Falo isso em vista da questão geracional, eles são interlocutores que naquele contexto figuram como mais velhos. Claro, Roy entendia que mesmo sem um *capital corporal* muito qualificado no mercado, ainda lhe sobravam o pênis e a brasilidade, que ele conseguia manejar a fim de manter os clientes em uma carreira de relativo sucesso. Ainda assim, a estratégia de aquisição de um *capital corporal* desejado por meio dessa série de próteses o tornaria competitivo a partir de outros lugares dentro de um mercado cada vez mais restrito, sobretudo durante a pandemia de Covid-19.

Ramiro, tal como Roy, aposta nas intervenções estéticas para manter-se na categoria luxo. Diz fazer isso por ser *extremamente, absurdamente, tudo mente que você pensar de vaidoso*. Ele constantemente faz sobrancelha, aplica botox, altera as facetas dos dentes. Ele já fez harmonização facial duas vezes e uma lipoaspiração. Aliás, quando nos falamos em 2022, ele estava indo ao Brasil onde faria a segunda cirurgia do tipo. Ramiro cuida semanalmente do cabelo. Ele foi cabeleireiro durante 15 anos no Brasil, em Goiânia, e essa era sua rotina lá. Com a mudança para Portugal ele direcionou essa atuação para o trabalho sexual, mas manteve e aprimorou alguns hábitos, segundo ele, devido à concorrência dos *novinhos* (homens muito jovens), pois ele chegara ao trabalho sexual depois dos 30 anos, logo seu investimento deveria

ser muito mais pesado para agregar valor ao seu *capital corporal*. Tal como Roy, Ramiro diz que *malhar não é muito a minha praia, então eu tento os métodos mais fáceis*. Ele assim conta:

Eu tive bastante medo ao entrar na profissão. Porque, assim, eu já sou vovô, né. Não sou garotão. Na verdade, é um pouco de insegurança. Porque eu era um pouco gordinho. Tinha o lance da idade, os cabelos brancos, a barba ficando branca. E você concorre com um garotão de 18 anos, garotão de 19anos, 20 anos, todos bombados, malhados. Mas, eu tenho uma coisa que poucos têm: pau grande.

Parece até contraditório que Roy e Ramiro, dois interlocutores que destacam bastante o *pau enorme*, sejam aqueles que se submetam a procedimentos que os aproximem do padrão. Talvez apenas o *pau* não baste. Ou haja homens-padrão com *paus enormes*, o que os faria descer alguns degraus nas “escadas desejanter”. Isso aparece em muitos contatos de campo, digo, o investimento em uma imagem sedutora de si, isto é um *capital corporal* inflacionado. Construir-se como “bonito” é fundamental nesses degraus mais altos das “escadas desejanter”.

Yuri faz uma aposta alta naquilo que ele considera *a primeira coisa que eles* (clientes) *vão ver*, que não seria o preço, mas a imagem do *escort*. O primeiro sinal de interesse será despertado a partir da primeira foto vista no site de anúncios. Se os clientes se interessarem por ela, abrirão o perfil, olharão as outras fotos e começarão uma negociação. Por isso, *é preciso ser lindo*, conforme afirma o interlocutor. E completa: *a gente tem que ser mais bonito e parecer mais inteligente que o próximo. Que os próximos perfis*.

As estratégias dos interlocutores lembram alguns dados trazidos pela pesquisa de Isadora Lins França (2012). Ao travar interlocução com frequentadores da famosa boate (“gay”) The Week em São Paulo, considerada uma boate de luxo, que recebia pessoas de alto poder aquisitivo, a antropóloga percebeu como o corpo era um elemento central naquele espaço de sociabilidade. Ela assim conta:

Segundo um entrevistado, só é possível ter os músculos desejados se a pessoa enfrentar uma *rotina espartana de esportista* ou tiver uma *genética africana abençoada*. O corpo desejado para si e para os outros – é sabidamente produzido a partir de substâncias artificiais, o que não é em nada depreciativo (França, 2012, p.94).

Como discuti acima, há a associação de corpos negros a uma natureza que justificaria músculos acentuados e certa potência. Isso se oporia ao corpo das pessoas brancas, incapazes de alcançar tais definições. Apesar dessas limitações, é que se recorria a diferentes estratégias artificiais, farmacológicas ou cirúrgicas, como meus interlocutores contaram antes, porque a *rotina espartana de esportista* parecia inviável em vista do tempo necessário despendido no caso deles

versus o tempo do trabalho sexual. Aliás, o interlocutor de França ainda completa dizendo *que quem cresce natural é planta*, referindo-se à construção dos corpos hiperbólicos.

Eis um bom exemplo de um sujeito na era farmacopornográfica. Esse neologismo cunhado por Paul Preciado identifica “os processos de governo biomolecular (fármaco) e semiótico-técnico (pornô) da subjetividade sexual, dos quais a pílula e a Playboy são dois resultados paradigmáticos” (2018, p. 36). O autor mostra como há um deslocamento significativo nos processos de subjetivação e não se trata mais de tentar revelar o que a natureza oculta, mas de tentar explicar, por meio da cultura, como o corpo enquanto artefato, torna-se naturalizado. Portanto, a força orgásmica (*Potentia Gaudendi*), diz Preciado, é impulsionada por uma série de estímulos biotecnológicos, fármacos e pornocomunicacionais, cujo objetivo é potencializar a excitação. O interessante é que isso não se dá a partir da coisa em si, mas de uma projeção do desejo a partir da mediação de símbolos pornotópicos (Preciado, 2010a).

A pornotopia consiste em uma “heterotopia sexual própria do capitalismo tardio das sociedades de superconsumo da Guerra Fria” (Preciado, 2010a, p. 128). Seu ponto de virada, enquanto heterotopia³⁷, é possibilitar o estabelecimento de relações entre espaço, sexualidade, prazer e tecnologia. Essas tecnologias podem ser audiovisuais e/ou bioquímicas. Como resultado desse processo, há um deslocamento que altera as convenções de gênero e sexualidade e produz a subjetividade sexual a partir dessa nova maquinaria.

Quer dizer: não se deseja mais o corpo do *escort*, mas uma ideia, um projeto, que é visibilizado por meio das tecnologias, no caso as imagens veiculadas em fotos nos sites de anúncios, ou mesmo todos os diferentes meios de publicidade pornográfica. Essa beleza não precisa estar necessariamente em corpos malhados, hiperbolizados por meio de fármacos e outras próteses, mas precisa, em alguma medida atender a expectativa de determinado grupo de clientes potenciais. Yuri conta que *muitos clientes que vêm comigo, eles falam que eles não gostam daquele corpo malhado. Eles falam que parece que alguém entrou numa forminha e saiu dali igual. Por isso me construo desse jeito. Meus clientes gostam de andar com um cara que podia ser filho ou sobrinho deles.*

Para Raí (43 anos), os *escorts de luxo* são os *caras tcham*. Os *caras tcham* seriam aqueles que ganhariam mais dinheiro e teriam os melhores clientes. O *tcham* desses *caras* tem a ver com a brasilidade, com o conhecimento de outras línguas para além do português e espanhol, que seriam *coisas básicas*, passaria pelo corpo e pelo *pinto* especificamente, mas não se

³⁷ Heterotopia em Michel Foucault (2009) é um conceito que está em oposição à utopia (ausência de lugar) e eutopia (bom lugar). A heterotopia indica um “outro lugar”. Segundo o autor, trata-se de “um lugar real onde se justapõem diferentes espaços incompatíveis (2009, p. 28-29 [tradução livre]).

esgotaria ali, porque seria fundamental um tempero, ele também faz referência a tempero. *O tempero é a cultura, é a inteligência, é o jogo de cintura, a malemolência, a pegada. Sem isso, sem tcham. Pode até ter corpão e pauzão. Mas sem tcham, fica tudo azedo.* Dagoberto, me contava sempre sobre ser *escort de luxo* e os desafios enfrentados:

O escort é bonito e saudável. O cara tem um pau muito bom, sabe falar outros idiomas, fala três, quatro idiomas diferentes. O cara é um escort top de linha. Pega um cara que tem vinte e três centímetros de pau, é bonito, está lá com seus vinte e cinco aninhos, na flor da idade, fala inglês, francês, espanhol, alemão. O cara ganha o cliente na conversa e faz menos sexo. Você ganha um cliente na conversa. Porque conversando com o cliente e deixando ele a vontade, entrando no mundo dele, ele compartilha coisas da vida dele. Ele se torna um cliente fixo e volta mais vezes.

A necessidade da formação intelectual é recorrente como parte dos atributos de um *escort* que quer entrar na categoria *luxo*. Ela está acompanhada de questões estéticas e geracionais. Dago mostra como ganha destaque o *saber conversar* como alternativa a sexo quase ininterrupto. A capacidade de *levar na conversa*, da *lábria brasileira*, pode ser uma possibilidade para aqueles sujeitos que *não são tão bonitos assim*, que não têm *aquele corpão*, ou não seriam tão bem-dotados, mas se destacam em termos de conhecimentos gerais e domínio de diferentes idiomas. É interessante perceber como há diferentes gradações e possibilidades de se inserir em um mercado cheio de clivagens. Há padrões, mas eles não são engessados, há fissuras, há brechas.

Corroborando essa percepção, Xande assim reage quando perguntei sobre algumas características que não poderiam faltar ao brasileiro *escort de luxo*:

O brasileiro se cuida muito, é limpo. O brasileiro é muito vaidoso, muito perfumado, muito cheiroso. Então quando nos contratam, vem com esse protocolo todo: limpinho, cheiroso, bem-dotados, corpão. O português gosta de umas pirocadas, gosta de uma safadeza, gosta de tudo isso. Agora, se você não tiver corpo, não for bem-dotado, não for nada, não sabe inglês, meu filho, você tá lascado. No fim de tudo, a verdade é que quanto mais corpo você tiver, quanto mais dotado você for, quanto mais apresentado você for, quanto mais bonito você for, quanto mais imagem você tiver, quanto mais você souber conversar, você vai conseguir trabalhar melhor.

Xande sintetiza aquilo que seria básico para manter-se como um *escort de luxo* e competitivo no mercado. Como tenho insistido, a partir dos dados produzidos em campo, há uma espécie de bricolagem entre questões físicas e estéticas com conhecimento e experiência. Parece que o mimetismo entre essas duas dimensões, do corpo e do espírito, faria com que esses brasileiros acessassem pessoas mais ricas e qualificadas no sentido de promoção de um atendimento mais

caro. Inclusive porque essas credenciais, materiais e imateriais, que elas constroem para si seriam as senhas para acessar o mundo desses outros clientes (Santos, 2021).

Como lembra Marcos Torres e Robinho, as vestimentas do *escort de luxo* também precisam chamar a atenção. Não há possibilidade de se vestir com roupas compradas em qualquer lugar, porque eles não vão frequentar qualquer lugar. As roupas devem estar à altura dos espaços sofisticados em que serão levados pelos clientes.³⁸ Isso vale, inclusive para a casa de alguns clientes que, muitas vezes, são mais sofisticadas que muitos espaços públicos. Afinal, as roupas de grife são o uniforme de trabalho do *escort de luxo*. Morar bem é outra credencial do *escort de luxo*. Acrescente-se a isso, a necessidade de residir em um bom apartamento. Bons apartamentos, apartamentos apresentados, bem decorados, recebem clientes mais bem situados economicamente. Lembro de um comentário de Matheuzinho, quando no verão, voltávamos em um ônibus lotado no final de domingo da Praia da 19, na Costa da Caparica:

Belchior, saca só: pra você estar me pagando como escort de luxo, eu tenho que estar te proporcionando informações no mínimo iguais as que você tem. Não posso estar lá embaixo. Essa diferença é broxante nas conversas. Na cama, eles não se importam. É o que eles buscam. Mas ali, fica feio demais.

Trata-se, a partir de Matheuzinho, de um jogo operado entre os limites do público e do privado e de uma encarnação de personagens compatíveis com essas dimensões e com a possibilidade de constantes trânsitos entre elas. O que resta claro a partir da relação que desenvolvi com os interlocutores ao longo do trabalho de campo é que há um emaranhado de qualificadores na constituição de um brasileiro como *escort de luxo* em Portugal. Aliás, não necessariamente esse lugar precisa ser ocupado por brasileiros. No entanto, é inegável as vantagens percebidas pelos brasileiros no referido mercado, uma vez que há uma proximidade cultural entre Portugal e o Brasil estabelecida por meio do processo colonial, que se desdobra até nossos dias. No restante da Europa, talvez valha o brasileiro *sexotic* em si; em Portugal, esse *sexotic* carregaria um algo a mais. Esse algo a mais são as indelévels marcas luso-tropicais, chagas não curadas, dos séculos de colonização. O que quero dizer é que se pode pensar em diferentes expressões de masculinidades esperadas/desejadas/necessárias para homens brasileiros que fazem trabalho sexual em Lisboa/Portugal/Europa e é preciso levar em consideração não apenas o contexto presente, mas o histórico das relações, bem como as convergências e divergências culturais.

³⁸ A roupa como um poderoso artefato da cultura material aparece na reflexão de Daniel Miller (2013). No que diz respeito a relevância da roupa, de suas marcas e de seus impactos entre diferentes grupos de homens gays, isso foi documentado por Isadora Lins França (2012). No campo da chamada prostituição de luxo tal questão também aparece. Bernardo Coelho (2009) reflete sobre isso entre mulheres no contexto português e Renato Caio Silva Santos (2021), entre homens no contexto brasileiro.

2.5. Masculinidades brasileiras legítimas e *sexotizadas*

O trabalho de campo mostrou que a associação da brasilidade a uma sexualidade à flor da pele está muito presente no trabalho sexual exercido por homens brasileiros em Lisboa/Portugal/Europa. A partir de outro campo de pesquisa, Igor Machado (2009) chama de *identidade-para-o-mercado* o imaginário, generalista e vazio, que associa indiscriminadamente, a brasilidade à malandragem, à hipersexualidade e à alegria. A forma como essa *identidade-para-o-mercado* é agenciada pelos brasileiros em Portugal é que configura o que o autor chama de *jogo da centralidade*, isto é, as diferentes táticas e estratégias utilizadas pelos brasileiros para tornarem-se *mais abrasilizados* quanto for possível diante das expectativas portuguesas em relação a uma suposta brasilidade legítima.

Eu diria que esse movimento no sentido de legitimar-se como brasileiro diante de certa noção de brasilidade pode ser compreendido a partir da noção de performatividade de gênero de Judith Butler (2002). Segundo a autora,

A performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como uma prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia (Butler, 2001:154).

Advém dessa definição a compreensão da performatividade como um ato do poder reiterado do discurso. Nesse sentido, trata-se mais de reiterar e repetir as normas que constituem os sujeitos e menos de uma fabricação radical delas. A persistência dessas repetições e reiterações, que impelem e sustentam, acabam por se naturalizar nos corpos (Colling, Arruda e Nonato, 2019).

As ações repetidas incessantemente a partir de determinada expectativa constroem noções de brasileiro e brasilidade como se fossem o brasileiro e a brasilidade verdadeiros, autênticos, originais. A partir da repetição, tal expectativa é naturalizada e, por meio de performances que a confirmam, elas são reatualizadas histórica e culturalmente nos discursos (Borba, 2014).

É dessa forma que o cliente Manel, reitera as expectativas e o imaginário em torno do homem brasileiro e do homem brasileiro que faz trabalho sexual. Manel percebe que está marcada no brasileiro a

ideia é que é muito bom na cama. Tem uma coisa grande, como o público LGBT português gosta. Mais de 60, 70% do público, das pessoas brasileiras, são ativas e XXL. O brasileiro é atrevido. Tem aquele sex appeal. Sabem convencer a pessoa, com palavrinhas mansas. A maneira de rir, as

expressões. Isso seduz os portugueses, porque não temos isso (Manel, 45 anos).

O cliente lança mão de generalizações sobre os portugueses e sobre os brasileiros. A partir delas parece ficar mais fácil colocar cada um no seu lugar nos mercados do sexo e explicar como cada qual consegue alcançar seus objetivos. No entanto, o que parece, de fato, advir da percepção de Manel é que se está diante de performances de brasilidade e de ser brasileiro. Quando falo em performance, também em acordo com Butler (2001, 2002), estou me referindo a atos limitados que são produto de uma vontade, de um esforço, de uma escolha, de uma eleição do sujeito que a realiza.³⁹ Para Pablo Navarro (2012), a performance, então, é um aspecto ou momento da performatividade (e não o seu limite). Ou, como prefere Rodrigo Borba (2014), uma teatralização de experiências individuais e coletivas.

O uso de performance para pensar teatralização e atuação poderia, em alguma medida, levar à compreensão (apressada) de que há um quê de funcionalismo na teoria de Butler, uma vez que os sujeitos não fariam nada mais que representar papéis já existentes. No caso da minha pesquisa, os homens brasileiros atuarem como os “brasileiros imaginados”. Karla Bessa (1998), no entanto, é bastante assertiva ao dizer que “a teatralidade não está na representação, mas na ficção (desnaturalização) de toda e qualquer identidade desempenhada” (Bessa, 1998, p.8). Nesse sentido, a performance é teatralizada não porque os homens brasileiros investem o mais possível em elementos para *passar por* (Duque, 2019) “brasileiros originais”, mas porque o “brasileiro original” é, em si, uma ficção.

Desde os anos de 1980, pelo menos, há um crescente nos estudos sobre masculinidades (Kimmel, 1998; Messerschmidt, 1997; Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995; Machado, 1998; Medrado, 1997; Bento, 1998). Conforme mostra Daniel Attianesi (2019), na atualidade, há uma diversidade de autores e olhares sobre as masculinidades. Não consigo desassociar masculinidades de performance.

Em algum momento desses estudos, a noção de masculinidade hegemônica proposta por Raewyn Connell (1987, 1995) foi muito significativa. Para a autora, esse modelo aplicar-se-ia a um homem branco, de orientação heterossexual, pertencente às camadas médias, com um bom emprego, uma pessoa de sucesso. Além dessas, outras características foram salientadas,

³⁹ Judith Butler faz uma diferenciação clara entre performance e performatividade, a partir da experiência *drag queen*. Ela recebeu uma série de críticas por isso, em vista de em alguns casos ser muito difícil demarcar com precisão os limites de uma e outra nessas experiências, uma vez que há uma série de atravessamentos. Assim, parece impossível fazer tal distinção no campo das artes, por exemplo. Justamente porque a performatividade se referiria ao próprio fazer da performance. Haveria, segundo os críticos, uma indissociabilidade entre obras e vidas das artistas. Para saber mais sobre esse debate, valem muito as reflexões de Colling, Arruda, Nonato (2019), Colling (2021), Josette Féral (2015).

por exemplo, por Michael Kimmel (1998): ser saudável, atlético, ocidental, cristão, etc. Havia, portanto, uma empreitada bastante difícil de realizar, haja vista a quase impossibilidade de atingir o modelo ideal. A masculinidade hegemônica seria uma espécie de maratona sem linha de chegada. Uma ficção performática que, por meio do discurso reiterado, criaria um horizonte de expectativas sobre os homens em dado contexto de relações.

Segundo Marcos Nascimento (2014, p. 216), “esse ideal representa, em última instância, o lugar de distinção que a masculinidade como projeto social pretende ter”. Esse conceito, de uma masculinidade hegemônica universal, foi bastante contestado e criticado. É muito difícil sustentar essa performatividade, pois há instabilidade nas performances. Ainda que Connell falasse também em masculinidades no plural, a dimensão hegemônica fragilizava o conceito, a ponto dela mesma o problematizar anos mais tarde (2005). Em consonância a essa reflexão, é muito oportuna a crítica de Christine Beasley (2008), ao perceber que, talvez, mesmo a dimensão supostamente hegemônica da masculinidade pressupõe variações que são contextuais. Beasley afirma que “a masculinidade hegemônica até mesmo em nível local, pode ser vista como hierarquizada e plural” (2008, p. 98).

Em vista disso, é que compreendo as masculinidades, em acordo com Miguel Vale de Almeida (1996), como “metáforas de poder e de capacidade de ação”, portanto constituídas a partir de um caráter móvel, contingente, como performances. Masculinidades hegemônicas e subordinadas seriam constituídas a partir das relações estabelecidas em determinado contexto e não estabelecidas de forma universal e invariante. Ainda que haja um modelo central, conforme afirma Vale de Almeida, esse modelo é construído a partir de um consenso e contexto vividos, disputados. Trata-se de um fenômeno discursivo e o discurso entendido aqui como prática, como um campo de disputa entre valores morais (Vale de Almeida, 1995).

Paul Preciado, ao pensar as masculinidades, a partir da noção de agência, propõe o conceito de plasticidade (2010b) para compreender essas expressões. Segundo ele, a plasticidade compõe um jogo que está além de sua dimensão social quando exige a presença de um outro ou de tantos outros quantos forem necessários. Ele a entende presente nessa dimensão do “diverso do mesmo”. Preciado ainda adverte que o desejo e o prazer, além das formas de o produzir (desejo) e de o obter (prazer) são plásticas, variam, exigem regulação. Caso não fossem, se pertencessem a uma dimensão essencial, determinada, invariante, não haveria a necessidade de regulação, pois já estariam postos, estariam dados. E aí ele adverte: “cada indivíduo é uma instância de vigilância suprema de sua própria plasticidade” (2010b, p.1).

Benedito Medrado e Jorge Lyra (2014, p.63), a esse respeito, percebem uma “plasticidade de modos de jogar gênero”, portanto, em concordância com Miguel Vale de Almeida (1996),

quando esse diz que as masculinidades são parte de um sistema de produção de diferenças. Essa plasticidade que se constitui a partir de contextos de diferença mostra como não há uma expressão pronta e acabada que possa ser percebida como “a masculinidade”.

Dessa forma, ainda que noções de masculinidades estejam implícitas em todas as relações sociais que os meus interlocutores estabelecem, é preciso ter claro que há diferentes performances para construir-se como brasileiro. Mais que isso, a própria noção de brasilidade, quando associada aos homens que fazem trabalho sexual, também se organiza a partir de diferentes performances a depender dos contextos nos quais as relações estão em curso. *Brasileiro* no trabalho sexual é uma dimensão plástica, performática, de certo signo de masculinidade. Haveria brasileiros que seriam legitimados como mais brasileiros que outros. Nessas diversas camadas de brasilidade, há muita plasticidade envolvendo marcas de diferença que produzem masculinidades em ação.

Eu tenho percebido que há uma flagrante idealização do *escort* brasileiro, o que corresponderia a dimensões legitimadas e *sexotizadas* no campo das masculinidades. Tais dimensões são completamente instáveis, construídas e reconstruídas nas flutuações dos mercados do sexo. Mas, antes disso, há uma idealização do ser brasileiro. Há uma idealização do Brasil como país tropical, do calor, das praias, das poucas roupas, da exuberância e do cuidado com o corpo, do corpo bronzeado, moreno, “da cor do pecado”, das danças sensualizadas, de um jeito menos preocupado em relação ao futuro ou mais *desencanado* em termos de problemas cotidianos. Segundo Deborah Cameron e Don Kulick (2003), esses códigos de significação subjazem (possibilitam ou restringem) determinadas performances. A medida que são repetidos *ad eternum* naturalizam tais características como próprias de determinados sujeitos e lugares, no caso em análise, dos brasileiros.

Por outro lado, esse combo associando essas generalizações a aspectos “menos positivos” como corrupção, crime, golpe, perigo, pobreza, malandragem, completaria uma brasilidade *sexotizada*. Dessa forma, as masculinidades brasileiras legítimas no trabalho sexual seriam as masculinidades *sexotizadas*. Se essas masculinidades brasileiras têm muitos elementos performativos, porque resultantes de uma estilística repetida no corpo sem um original (Butler, 2015), parece-me, no entanto, que há sim uma associação imediata, inteligível, quando se fala em *escort* brasileiro. Haveria alguns elementos fundamentais para que ele seja lido como brasileiro e assim consiga ter condições para negociar um lugar melhor no mercado e, para além disso, melhores condições de lucrar nessa negociação empreendida.

Essas *masculinidades brasileiras legítimas e sexotizadas* fugiriam aos paradoxos “brasileiro bruto”, por um lado, ou “brasileiro sensível e refinado”. As *masculinidades*

brasileiras legítimas e sexotizadas consistiriam em um *escort* que sabe falar diferentes línguas e sabe conversar sobre diferentes assuntos, o que configuraria certa erudição. Isso articulado com uma *safadeza e malandragem (o jeito)* em um corpo magro/definido, bem-dotado e moreno. Do ponto de vista da performatividade, esse seria o original. No entanto, como mostra Butler, “o original nada mais é do que uma paródia da ideia do natural e do original” (2003, p. 57), ou seja, “uma imitação persistente que passa como real” (Idem, p. 8).

Como diria André, *esse aí é o topo da cadeia alimentar, esse faz o que quiser, ele tem o cliente que quiser, ele cobra quanto quiser. Tem cliente pra ele sempre. Cliente fixo. Esse tem carreira internacional bombando. Mas esse aí é raridade. Quando aparece, todos caem em cima.* Portanto, esse seria entre as *masculinidades brasileiras legítimas e sexotizadas*, o arquétipo. Atendendo a estes requisitos, pode-se dizer que o *moreno – safado – bem-dotado – corpo padrão – discreto – bilíngue/poliglota/culto* seria o sujeito com a maior possibilidade de obter uma clientela fixa, qualificada e com *status* social elevado. Para esse sujeito, segundo meus contatos em campo, não faltaria trabalho e *trabalho bom*.

É preciso saber dosar as performances da cama com as performances fora da cama, onde geralmente se consegue mais dinheiro. É preciso ser *safado*, explorar os músculos demoradamente criados em sessões de academia e ciclos de anabolizantes. É preciso usar o pênis, que orgulhosamente confere a alguns a fama do brasileiro *pauzudo*. Mas, como demonstrei, o sexo é só uma parte do trabalho sexual. Muitos clientes buscam *escorts* justamente porque a “carta de serviços” dos *escorts* seria mais variada. É essa carta variada – que sim, pode acabar em uma noite de sexo com o *malandro* brasileiro – que os clientes parecem buscar de forma mais recorrente. O *malandro* brasileiro está ali, mas ele não *queima a largada, ele é a cereja do bolo, no bom da festa, ele aparece*, conclui Yuri. Um sexo *safado e malandro* garante cliente. Claro que garante. Mas uma bela conversa acrescida a um sexo *safado e malandro*, uma performance social que surpreenda o cliente com um sexo bem ao estilo do estereótipo *sexotic* pode contribuir para que esse cliente comece a se fidelizar ao *escort*.

Se esse sujeito seria o protagonista no mercado e os *escorts* que não se enquadram nas *masculinidades brasileiras legítimas sexotizadas*? Esse antagonista seriam homens *brancos–nada safados–não dotados – corpos não padrão – afeminados – lusofalantes/com repertório cultural mais restrito*. Eles também têm clientes. Talvez não tenham os melhores clientes, talvez não tenham tantos clientes, mas há clientes para eles, pois como disseram alguns interlocutores, eles são *brasileiros* e isso é *meio caminho andado*. A questão é como esse brasileiro vai performar nessa ficção. Todos são brasileiros, mas no imaginário dos *gringos* há brasileiros mais brasileiros que outros. Sim, haverá desvantagem dos “menos brasileiros” em

relação aos “brasileiros originais”, mas há, também, significativa vantagem diante de homens de outras nacionalidades ainda que você não seja *o pica das galáxias*, como conclui Maurício, afinal, *somos brasileiros*.

Esse imaginário sobre as masculinidades brasileiras é parte de um processo cristalizado a partir da experiência colonial (Quijano, 1992). O desejo *sexotic*, na e pela diferença, faz todo o sentido aí. Portugal não é mais um império colonial poderoso. No entanto, a memória colonial parece renascer nas relações cotidianas. Não seria diferente com os brasileiros no âmbito do trabalho sexual. É preciso marcar claramente as diferentes posições ocupadas por uns e outros. É preciso hierarquizar os processos. E, aparentemente, ali, naqueles instantes, os portugueses parecem, outra vez, recuperar o prestígio perdido a partir da decadência do império. As permanências são ressignificadas e os brasileiros conseguem ter mais controle sobre os processos e agenciar o “negócio do desejo”, ainda que sob um imaginário de permanências coloniais, a partir de outras bases.

Pode-se dizer que há muito de luso-tropicalismo (Vale de Almeida, 2000) nessas relações. As bases do luso-tropicalismo foram lançadas por Gilberto Freyre (1940) no livro *O mundo que o português criou*. E aprofundadas em *Aventura e Rotina* (1953a) e *Um brasileiro em terras portuguesas* (1953b). Gilberto Freyre entendia que a colonização portuguesa era um exemplo de processo bem-sucedido. Segundo Adriano de Freixo (2015), isso se devera ao suposto alto grau de adaptabilidade dos portugueses aos trópicos, bem como por constituírem-se como “intermediários” entre os trópicos e a Europa (Castelo, 2011).

Para Cláudia Castelo (1999), já em *Casa Grande e Senzala* (2002), Freyre afirmara que haveria uma ausência de orgulho racial nos portugueses, uma versatilidade e pragmatismo, além de um caráter contemporizador e predisposto à miscigenação. Aliás, segundo ele, a miscigenação seria o símbolo decisivo que atestaria uma vocação à “democratização racial” (Freyre, 1940). Essas teses não passaram incólumes. Houve muitas críticas. Alfredo Margarido (2000), por exemplo, afirmava que o luso-tropicalismo atualizava o passado idílico, a crença no destino imperial, a vocação atlântica, ou seja, ele era uma ideologia que dava sentido à existência nacional. Tratava-se de um saudosismo do império perdido, ao mesmo tempo que se esquecia do processo de invasão, da violência perpetrada e de todos os seus desdobramentos.

Segundo Miguel Vale de Almeida (2000), o luso-tropicalismo destacaria uma suposta disposição portuguesa para colonização híbrida e escravocrata nos trópicos. Tal disposição seria explicada pela condição de Portugal como um “povo indefinido” entre Europa e África (Castelo, 1999). Equilibrando antagonismos, os portugueses foram misturando-se, por meio da colonização, com africanos e indígenas e produzindo uma “raça mestiça” que serviria de

atestado de um processo colonial “menos violento”, “mais brando” porque misturado. O luso-tropicalismo cria no imaginário social um esquecimento histórico dos efeitos negativos do colonialismo português.

Nesse ponto, é importante lembrar que, conforme Rafael Leme, (2011), nos anos de 1950, houve uma série de pressões a Portugal face a ditadura que estava em curso no país. Isso funcionava no sentido de reivindicação pela descolonização a partir de diversos países. No entanto, foi esse o momento em que o Estado Novo se apropria do luso-tropicalismo. Isso se fez a tal ponto que ele se transformou numa espécie de “ideologia oficial” colonialista portuguesa. A propaganda salazarista propagou as máximas do luso tropicalismo de forma eficaz, interna e externamente, a ponto de que, inclusive, lideranças envolvidas com a luta anticolonial acabassem por assimilá-lo. Em vista disso, Leme concluiu que o luso tropicalismo forneceu ao salazarismo subsídios científicos que o justificassem como uma ideologia.

Talvez o mais complicado seja a naturalização da vocação à miscigenação, como asseveram Cláudia Castelo (1999), Valentim Alexandre (1999), Alfredo Margarido (2000) e Alberto Schneider (2013). Segundo eles, a imagem construída sobre si enquanto uma nação tolerante, fraterna, plástica e ecumênica que construíra uma integração harmoniosa, escondia violência, racismo, preconceitos e enorme tensão social. Como mostrado Charles Boxer (1967), a miscigenação foi alcançada de forma violenta e desigual, por meio de estupros, encarceramento, escravização, ou seja, estratégia muito distante de uma sociedade harmoniosa e plurirracial.

Esse emaranhado de construções ideológicas que dá substância ao luso-tropicalismo atualiza-se e pode ser lido como parte da composição do olhar *sexotic* que constitui a base que ajudaria a compreender o sucesso dos homens brasileiros no trabalho sexual. É como se os *escorts* incorporassem aqueles homens colonizados, só que com um verniz metropolitano e, assim, “iluminados” pela cultura do colonizador, os homens colonizados não tivessem perdido a essência enquanto outro, que afastaria pela diferença, mas atrairia, também pela diferença e pelo potencial prazer daí advindo. Esses sujeitos mestiços despertavam (e despertam) – para além do desprezo das gentes metropolitanas – um profundo fascínio e um profundo desejo nessas mesmas gentes.

Entre as permanências luso-tropicalistas temos o rechaço e a atração em relação aos brasileiros em Portugal. Essa seria uma potencial diferença entre a demanda pelo trabalho sexual de homens brasileiros em Portugal e outros países da Europa, pois tal especificidade colonial existiria apenas entre luso-brasileiros. Esse movimento paradoxal produz desejo e é constitutivo das *masculinidades brasileiras legítimas e sextizadas* no campo do trabalho

sexual. É possível que isso seja desdobramento de processos mais amplos que esteja nas bases de uma brasilidade de modo geral. São permanências que não restam inalteradas, pelo contrário, são atualizadas à luz de novas relações, mas ainda devedoras do imaginário do lusotropicalismo e sua ode à mestiçagem, um traço muito característico das relações entre Portugal e Brasil. Diferença que causa ojeriza e prazer, que amedronta e instiga. Quase ao mesmo tempo.

É o *sexotic* que constitui a base desse olhar que pode ajudar a compreender o sucesso dos homens brasileiros no trabalho sexual no mercado português. É como se os *escorts* incorporassem aqueles homens colonizados, só que com um verniz metropolitano e, assim, “iluminados” pela Europa, os homens colonizados não tivessem perdido a essência enquanto outro, que afastaria pela diferença, mas atrairia, também pela diferença e pelo potencial prazer daí advindo. Quando escrevo essas linhas, lembro de André na antiga rodoviária de Campo Grande me dizendo que estava diferente porque *agora era europeu*. Esses sujeitos mestiços, como André, despertavam (e despertam) – para além do desprezo por ser marcadamente outro naquele contexto – um profundo fascínio e um profundo desejo por ser marcadamente outro naquele contexto.

No entanto, o trabalho sexual desses homens pode dar pistas de um movimento que opera em contrafluxo. Os *escorts*, segundo o que eu proponho aqui, usam estrategicamente o imaginário europeu *sexotic* sobre quem é o brasileiro e como age esse “brasileiro original” e, mesmo descrentes de um “brasileiro original”, tentam aproximar-se o mais possível desse modelo a fim de conseguir vantagens diante dos sujeitos, outrora, colonizadores, hoje os *gringos*, os clientes, os europeus. Há *identidade-para-o-mercado*. Há *jogo da centralidade*. Há performances. Há performatividade.

Gayatri Spivak (2010), Diana Fuss (1989) e Avtar Brah (2011) problematizam estratégias de movimentos feministas na constituição de identidades políticas. Nesse processo, segundo Brah, “los grupos dominados a menudo apelarán a los vínculos de experiencia cultural común para movilizar a sus colectivos” (Brah, 2011, p.155). Ao fazer isso os grupos podem estar acionando e destacando uma diferença essencial. Esse movimento, que é tático, que é consciente, é chamado pelas autoras de “essencialismo estratégico”.

Eu penso que algo semelhante passa no trabalho sexual quando os brasileiros, muitas vezes, muito diferentes do brasileiro *sexotic*, incorporam alguns desses valores e desses traços a fim de serem reconhecidos como brasileiros e consigam galgar os espaços compreendidos como mais valorizados no seio do *negócio*. As autoras pensavam isso a partir de uma lógica de reivindicar direitos desde uma posição de sujeitos genéricos dominados. No caso de meus interlocutores, seria incorporando um imaginário fartamente presente por meio da

colonialidade.

Em vista disso, é presente o uso estratégico da brasilidade por meio das *masculinidades brasileiras legítimas e sexotizadas*. Percebo diferentes performances nos *escorts* para se aproximar de uma performatividade expressa no devir de uma “brasilidade típica”. Eles a contornam, quando necessário, com um “verniz cultural Europeu”. Quer dizer, quando é preciso ser *safado, malandro, puto*, performam assim. Quando a demanda é por um *escort* que fala línguas, sóbrio, apto a conversar sobre assuntos variados, assim também performam. A brasilidade, que está na base do desejo *sexotic*, ela é performada, dependendo das situações e das demandas contextuais. Isso é um uso tático (Certeau, 1998) das expectativas *sexotizadas*.

Os *escorts* encarnam personagens. Produzem paródias, isto é, “imitações que deslocam efetivamente o significado do original, imitam o próprio mito da originalidade” (Butler, 2015, p.238). Aliás, esses homens promovem uma dupla paródia: primeiro como brasileiro em Lisboa/Portugal/Europa e depois como *escort* brasileiro ali. O que cimta isso é a maior ou menor aproximação aos atos performativos que tornam legítimas, porque *sexotizadas*, essas masculinidades brasileiras. A *malandragem*, a *safadeza*, o *axé*, o *borogodó*, o *tempero* seriam essa *qualquer coisa a mais* que *encantaria o mundo* e que só eles teriam.

Capítulo 3

Não se dorme na Europa: mobilidades transnacionais e trabalho sexual

Interlocutores do capítulo

André: 30 anos, mais de um 1,8m em um corpo magro, com músculos aparentes. Ele é de Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul. Define-se como moreno escuro. Tem curso superior completo, feito no Brasil, na área de Ciências Humanas. Considera-se gay. Do ponto de vista da documentação consular em Portugal, está regular. Possui título de residência. Em termos de classe social, André diz-se de classe média. Comunica-se em espanhol e precariamente em inglês.

Beto: 30 anos, é nascido em São Paulo capital. Considera-se *moreno* ou *pardo*. Ele tem 1,80m, 73kg e corpo definido como *malhadinho*. Possui ensino superior (o que equivalente à licenciatura em Portugal) na área de Ciências Sociais e Humanas cursado no Brasil. Ele está na Europa há oito anos, passou pouco tempo em Portugal e hoje vive na Alemanha. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele está prestes a receber a residência alemã. O interlocutor tem uma profissão oficial para além do trabalho sexual, que funcionaria como um extra. Beto considera-se *bicha*. Ele fala inglês, alemão, espanhol e um pouco de francês.

Dagoberto: 34 anos, 1,78m, corpo magro/definido. Ele é de uma cidade do interior de Minas Gerais. Define-se como branco. Completou o ensino médio (12º ano) no Brasil. Ele considera-se homossexual. Do ponto de vista da documentação consular em Portugal, ele está em processo de regularização. Ele não tem uma profissão oficial. Mas já fez um pouco de tudo. Em termos de classe social, Dagoberto considera-se de classe média. Ele comunica-se em inglês e espanhol.

Dinho: 23 anos, é nascido em Recife, Pernambuco. Considera-se *moreno*. Ele tem 1,70m, 68kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino fundamental incompleto cursado no Brasil. Ele está na Europa há sete anos. Veio para Portugal acompanhar sua mãe, que faz trabalho sexual. Sua residência era em Lisboa, mas na metade de 2021 mudou-se para Barcelona, onde permanecia até o momento final da pesquisa. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular, ele tem cidadania portuguesa. Sua profissão é o trabalho sexual e considera-se de classe média-alta. Dinho assume-se *bissexual*. Ele não é fluente em nenhuma língua estrangeira, mas diz *virar-se em espanhol*.

Diogo: 31 anos, é nascido no interior do estado de São Paulo. Considera-se branco, tem 1,70m, 70kg e corpo definido como *malhado*. Possui superior completo e algumas pós-graduações, todos os cursos feitos no Brasil. Digo chegou à Europa por Portugal, mas hoje vive na Espanha, onde está em situação irregular devido à demora nos trâmites burocráticos em função da pandemia. Ele chegou a Portugal no verão de 2020. Ele pretende regularizar-se e estabelecer-se na Espanha. Diogo considera-se gay. Ele é fluente em inglês, espanhol, francês. Fala um pouco de italiano e alemão. Teve carreira no mercado financeiro na América do Sul, mas ao tentar a vida na Europa *deu tudo errado* e o trabalho sexual foi a forma rápida de tentar fazer dinheiro. Seu padrão de vida deteriorou-se e tornou-se pobre.

Lauro: 35 anos, é de Goiânia, Goiás. Considera-se negro ou pardo, tem 1,83m, 80kg e corpo definido como *parrudo*. Possui superior completo na área de Ciências Sociais Aplicadas. Curso

realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular. Espera conseguir regularizar-se para poder sair de Portugal. Lauro vive em Portugal desde 2019. Ele considera-se gay e comunica-se apenas em português.

Marcos Torres: 32 anos, é nascido no interior de Mato Grosso. Considera-se branco, tem 1,78m, 75kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino médio completo. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, ainda é irregular, mas está organizando os documentos para a “manifestação de interesse”. Marcos Torres vive em Portugal desde 2020. Ele tem um emprego oficial *part time* em um café. O interlocutor considera-se gay. Ele comunica-se apenas em português.

Matheuzinho: 24 anos, é nascido na cidade de Ipatinga, interior das Minas Gerais. Considera-se pardo, tem 1,81m, 75kg e corpo definido como *magro*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular, mas diz estar tentando regularizar-se: *já entreguei a papelada para a advogada*, contou. Matheuzinho chegou a Portugal com a pandemia de Covid-19, em março de 2020. Ele considera-se gay. Entende-se como *pobre, trabalhador* e só se comunica em português.

Nando: 33 anos, é nascido em São Paulo. Considera-se moreno, tem 1,83m, 75kg e corpo definido como *definido*. Possui ensino médio completo. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele tem título de residência há quatro anos. Nando tem uma casa fixa em Lisboa, mas passa a maior parte do ano viajando pela Europa a trabalho. Considera-se de classe média. Em termos de orientação sexual, identifica-se como gay. Ele fala inglês fluente e um pouco de espanhol.

Nuno é português e tem 62 anos. Considera-se gay. Já viveu fora de Portugal em diferentes momentos da vida para trabalhar e estudar. Possui ensino superior completo na área das Ciências Sociais Humanas. Considera-se de classe média. Ele é funcionário público. Considera-se branco, alto e magro. Conheci Nuno a partir de minhas redes de relações pessoais logo que cheguei a Portugal em 2020. Ele é frequentador da “noite gay” de Lisboa.

Otto: 31 anos, é nascido em Goiânia, Goiás, mas mudou-se para o interior muito jovem. Viveu em Anápolis, Pirenópolis, até regressar para Aparecida de Goiânia, cidade conturbada à capital. Considera-se *branco*. Ele tem 1,75m, 72kg e corpo definido como *barbie*, ou seja, muito musculoso. Possui ensino superior na área de Ciências Agrárias cursado no Brasil. Ele está na Europa há sete anos. Sua residência fixa é em Lisboa, mas ele passa boa parte do ano viajando a Europa a trabalho. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular. Sua profissão é o trabalho sexual e considera-se de classe média-alta. Otto diz-se *gay*. Ele fala inglês.

Renato Araguaia: 35 anos, ele é do interior do estado do Tocantins. Considera-se branco e com um corpo dito como *normal*. Ele tem 1,75m, 78kg. Possui curso superior completo, realizado no Brasil na área de Publicidade e Propaganda. Sua documentação consular em Portugal está irregular. Sua mãe tem cidadania portuguesa e ele está em processo. Considera-se gay, de classe média e se comunica em inglês e espanhol.

Robinho: 25 anos, e é baiano de Salvador. Considera-se negro, tem 1,80m, 78kg e corpo definido como *malhadinho*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele vive em Portugal desde 2017. Não costuma viajar pela Europa. Suas viagens são apenas por Portugal. Robinho se diz de classe média e identifica-se como gay. Ele se comunica apenas em português.

Roy: 39 anos, é nascido em uma cidade de Goiás. Considera-se moreno, tem 1,90m, 87kg e corpo definido como *normal*. Seu diferencial, segundo ele, não é beleza, mas é ter um pênis de *24cm e grosso. É o meu trunfo*. Possui ensino superior completo, na área de Engenharia, curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele possui título de residência há 4 anos. Roy vive em Portugal desde 2015. Ele mora em um apartamento alugado onde trabalha e também aluga um quarto para outra pessoa trabalhar. Roy considera-se bissexual. Ele não é fluente em nenhuma outra língua estrangeira, mas consegue se comunicar, *precariamente*, em inglês e *um pouco melhor* em espanhol.

Xande: 28 anos, é nascido em uma cidade do interior das Minas Gerais. Identifica-se como negro, tem 1,76m, 75kg e corpo definido como *malhado*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele mora em Portugal há mais de dez anos. Xande tem um emprego oficial na área de segurança. O trabalho sexual funciona como um *bico*. Xande considera-se homossexual. Ele entende-se como pobre. O interlocutor comunica-se apenas em português.

Yuri: 27 anos, é nascido em Curitiba, Paraná. Considera-se moreno, tem 1,83m, 70kg e corpo definido como *magro, definido*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele possui título de residência há três anos, embora viva em Portugal desde 2016. Ele já teve residência fixa em Lisboa, mas agora está investindo na carreira internacional, portanto vive de forma itinerante entre os diferentes países. Ele pretende estabelecer-se em 2023 na Alemanha. Yuri considera-se homossexual. Ele é fluente em inglês e sabe comunicar-se em francês, espanhol, italiano e um *pouquinho* em alemão.

Zuca Da Leste: 22 anos, é de São Paulo capital, da região do Campo Limpo, zona leste da cidade. 1,70m, 60kg, branco, com um corpo magro, ora definido, ora bem magro, ora levemente malhado. Completou o ensino médio (12º ano) e falava apenas português. Considerava-se gay. Com os clientes, ele preferia performar como “mano da periferia”.

Quando cheguei a Lisboa, em setembro de 2020, Zuca Da Leste (22 anos) foi uma das primeiras pessoas que eu contatei. Ele tinha anúncios no *Hunqz* e no *VipHomens*. Depois também o encontrei no *Instagram* e no *Twitter*. Na primeira rede social ele tinha mais de 15 mil seguidores e, na segunda, quase 150 mil. Anunciava-se no *Twitter* como *pornstar*, acompanhante, com vídeos exclusivos e lista *vip* para maiores de 18 anos. No *Instagram*, em sua biografia, ele não fazia alusão a conteúdo sexual, apenas informava seu signo, sua nacionalidade e os países que já visitara. Nos *sites* de acompanhantes ele era mais “ousado” nas informações de seu perfil e nas fotos de divulgação. O interlocutor também tinha perfis nos aplicativos de encontros *Grindr* e *Scruff*.

Zuca Da Leste é de São Paulo capital, da região do Campo Limpo, zona leste da cidade, tinha 22 anos em 2020, 1,70m, branco, com um corpo magro, ora definido, ora bem magro, ora

levemente malhado. Completou o 12º ano⁴⁰ e falava apenas português. Considerava-se gay. Com os clientes, ele preferia performar como “mano da periferia”.

Zuca e Da Leste podem ser lidas como categorias de desprestígio social. *Zuca* por ser uma forma pejorativa de se referir a brasileiros em Portugal, uma abreviação de “brazuca”; e *Da Leste* como uma referência à Zona Leste da cidade de São Paulo que, dependendo da região específica na zona, pode estar naturalizada no senso comum como um lugar pobre, perigoso e violento. Essas duas categorias aqui tornam-se potentes em termos eróticos e sexuais. Com os amigos metamorfoseava-se em “gay moderno” em termos de estilo e repertório cultural. Com amigos, pelo que mostrava em seus *stories* do *Instagram*, apresentava-se bastante afeminado, o que é muito diferente do “mano da periferia” que encarnava para os clientes. *Não se dorme na Europa e O golpe tá aí, cai quem quer*, eram bordões repetidos por ele à exaustão.

Eu tentei falar com *Zuca Da Leste* desde os meus primeiros dias em Lisboa. Nunca tive sucesso. Ainda que tenhamos trocado telefones, a conversa nunca evoluiu. Desde o primeiro momento, eu expliquei sobre a minha pesquisa de doutorado que discutia o trabalho sexual de homens brasileiros na Europa. Isso fora razão de desconfiança, conforme me contou quando nos encontramos.

Zuca Da Leste estava em Lisboa com um namorado, que também atuava como *escort* e também era brasileiro. Eles vieram juntos com este intuito e sem muita programação. Para as famílias, no Brasil, a informação oficial fora que trabalhariam em uma clínica de estética de uma amiga brasileira que já estava estabelecida em Lisboa. Isso nunca ocorreu. O namorado de *Zuca Da Leste* era tão jovem quanto ele e um homem negro, tatuado, que partilhava na *internet* uma produção de si que enfatizava sua constituição como *negro, favelado, macho e metedor*, palavras que costumavam aparecer em seus diferentes perfis. Categorias que ali reverberavam como estimulantes do desejo, verdadeiros tensores libidinais, como teorizara Néstor Perlongher (1987) a partir do contexto da prostituição viril na cidade de São Paulo nos anos de 1980.

Pelas redes sociais, eu consegui *seguir* *Zuca Da Leste*. Ali ele contava sobre seus relacionamentos. Sobre o final dos relacionamentos, sobre as novas conquistas. Acompanhei as suas viagens por Portugal e pela Europa, seus atendimentos, as inúmeras festas em que participava. Roupas, corte de cabelo, bebedeiras, o uso de maconha. Tudo era compartilhado com os seguidores, bem como a produção de conteúdo sexual. Essa parte era divulgada em vídeos de poucos segundos no *Twitter* a fim de que os interessados o acessassem, mediante pagamento, no *OnlyFans*.

⁴⁰ O equivalente à finalização do Ensino Médio no Brasil.

Chama a atenção o número de amigos e *escorts* que apareciam junto a Zuca Da Leste. Todos brasileiros. A maior parte deles eram homens jovens e morenos. De maneira geral, esses vídeos ou *lives* que os *escorts* faziam com Zuca Da Leste ocorriam em quartos ou salas de casas. Havia quase sempre uma música eletrônica ao fundo. Eles dançavam em uma penumbra, numa pista improvisada. Apareciam de sungas ou cuecas, fazendo movimentos eróticos. Alguns desses momentos ocorreram durante o auge da pandemia no final de 2020 até meados de 2021.

Certa vez, logo depois de uma das *lives* de Zuca Da Leste, nós conversamos no *direct* do *Instagram*. Na conversa, ele disse quealaria o quanto eu quisesse, caso eu pagasse sua passagem de Paris para Lisboa. Eu achei aquilo estranho, porque ele dizia que não tinha dinheiro. No entanto, ele demonstrava “nas redes” que estava trabalhando muito em Paris. Lembro que pesquisei os valores da passagem, pois estava disposto a tanto, mas não cabia no meu orçamento naquele momento. Ele ficou bastante incomodado com minha negativa e não conversamos por meses.

Zuca Da Leste perambulava muito. Aqui em Lisboa, quando comecei a segui-lo, ele vivia perto de mim, na Alameda. Depois de sua separação, foi viver em Moscavide. De lá, ele foi viajar e passou temporadas na Bélgica (Antuérpia e Bruxelas) e depois França (Lyon e Paris), até retornar para Lisboa, passando a viver outra vez em Arroios, na região da rua Morais Soares. Desde então, permanecera em um trânsito entre Lisboa e o Algarve, pois era verão de 2021. Era comum os *escorts* deslocarem-se para as praias do Algarve em busca dos turistas do norte da Europa, sobretudo os ingleses que chegavam aos milhares⁴¹.

Em um de nossos últimos contatos no *direct* do *Instagram*, eu, mais uma vez, pedi para conversar com ele. Fazia quase 10 meses de nosso primeiro contato. Ele disse que ia pensar, mas que não estava bem e que quando melhorasse me chamaria para *um rolê*. No último contato, ele disse estar a caminho do Algarve, era quase final de julho. Ele não estava com vontade de ir para lá. Eu estava estranhando que não havia atualizações em suas redes sociais. Ele, inclusive, me pediu para ficar uns dias em minha casa na volta do Algarve. Algo completamente aleatório. Para minha surpresa, passou o final de semana e na terça-feira, no final de julho, ele me escreveu algumas mensagens seguidas no *direct* do *Instagram*. Algo que não havia ocorrido até então. As mensagens começavam assim:

⁴¹ Pensar o Algarve como destino de turismo sexual é muito interessante, especialmente porque é uma região que está localizada no continente europeu. Digo que isso é interessante porque, quase sempre, os destinos de turismo sexual figuram em regiões da América Latina, da África e da Ásia. Problematizar o turismo sexual de europeus na própria Europa pode trazer uma série de novas questões a essa temática, ainda que analisando regiões mais pobres no continente, como o Algarve em Portugal. Nesse sentido, vale a pena conferir a reflexão de João Filipe Marques e Milene Lança (2016) sobre esse ponto.

Mano to precisando muito de uma ajuda. Mano eu na vdd to meio sem nada literalmente nada. Ultimamente tudo dando errado. To com depressao e tals. Ate q decidi volta pro brasil. Comprei a passagem pra sábado. Na vdd n tenho nem onde fica

A amiga que, em tese, emprestaria o apartamento para ele ficar, não emprestou. Os amigos do Bairro Alto não teriam como acolhê-lo. Ele dizia não ter dinheiro nem para comer. Não tinha onde dormir e não tinha o dinheiro para pagar o exame PCR que era necessário, naquela altura, para embarcar ao Brasil;

Mano me ajuda a fazer esse teste. Eu te pago. Posso transa ctgo e nao cobro. Sei la. Eu to nun estado q eu simplesmente nao tenho forca pra me levanta. Vou ta la no ap deitado. Qualquer coisa q voce conseguir ja me ajuda muito. Pq o bendito teste e 100€. Me manda mensagem.

Eu acionei minha rede de relações e, por meio de uma ONG, consegui os recursos necessários para ele fazer o PCR. Tampouco aceitei a oferta de sexo em troca da viabilização do exame para ele. O rapaz estava sem teto. Tudo muito estranho. Sem pensar muito, conversei com meus colegas de casa e decidi que ele ficaria comigo durante uma noite e na manhã do dia seguinte ele seguiria para algum lugar. Eu disse a ele que poderia ir para minha casa e até o dia seguinte. Mas a condição que eu impunha é que ele me contasse exatamente o que estava ocorrendo. Eu imaginava que ele estava sem muitas opções e aceitou:

Chegando ai so vou me deita um pouquinho e da uma descansadinha. Pois estou de pe des das 08:00. Viajei. Cheio de problemas. Minha cara ta pessima pois ja chorei. Meu cabelo entao nem se fale. Mano eu to sem palavras pra te agradece. To com fome. Me leva no Mc. Zerado de grana. No uber. 15 min. Ja ja chego

Em nenhum momento pensei em eventuais riscos que a estadia dele em minha casa pudesse acarretar a mim e a meus colegas de casa. Esses riscos existiam. Mas até então eu não sabia. No dia 28 de julho de 2021, dez meses depois de nossa primeira conversa, acabei conhecendo pessoalmente Zuca Da Leste. Eram circunstâncias completamente diferentes das quais fizeram eu me interessar pela história dele. Lá atrás, vi nas redes um *escort* muito bonito, *malhadinho*, muito jovem, cheio de *marra*, viajando pela Europa, posando de *star*, enfim, alguém que imaginei ter alcançado o *sonho europeu* e o *sucesso* na profissão.

Definitivamente não era a mesma pessoa que subia as escadas em direção ao meu apartamento. Era tudo diferente. O corpo estava extremamente magro, pálido, havia marcas no

rosto (de olheira e espinhas), cabelo completamente sem corte e desgredado. Ele era muito mais baixo do que aparentava nos vídeos. A pele era outra. As roupas pareciam sujas e envelhecidas. Ele estava com um aspecto que poderia facilmente aludir a uma pessoa doente. Foi indisfarçável a minha surpresa. Ele notou e disse: *Mano to sem filtro. Preciso dormi*. Ele apertou minha mão e simplesmente caiu na cama e só acordou quando o chamei para irmos à lanchonete.

A pessoa que entrou em minha casa era muito diferente daquela das redes sociais. O Brasil aparecia como um porto seguro diante do mar de reveses de Portugal e dos trânsitos pela Europa. Ele falava em dívidas com amigos a quem pedira dinheiro emprestado e não tinha como pagar. Havia dívidas com a *praça* em que morava. Disso ele falava com medo. Segundo ele, o dono da *praça* não era de brincadeira. Tratava-se de um brasileiro *violento*. Falou em dívidas com traficante. Nesse momento, pensei: *fiz merda trazendo esse garoto para cá*. O PCR deu negativo. O acompanhei até o aeroporto. Permanecemos juntos até a hora de sua entrada para a sala de embarque.

3.1. Estrangeiros e a vida urbana das cidades: *eu sou gringo e brasileiro*

Ao longo desse capítulo, a inspiração dessa cena com Zuca Da Leste será indelével. No entanto, a partir dela, gostaria de refletir sobre as ondas migratórias de brasileiros para Portugal sem qualquer preparação, sobre as viagens improvisadas, o *sonho europeu*, a circulação pela Europa, as dinâmicas do mercado sexual. O imaginário de um Portugal que é expectável desde o Brasil. Uma realidade de Portugal que é encontrada quando estão aqui. Zuca Da Leste parece ter funcionado como um disparador para análises sobre questões mais amplas em termos de mobilidade, processos migratórios e contextos transnacionais.

Esse fio condutor leva-me a diferentes eixos, mas dois que parecem potentes a noção de estrangeiro, que articularia o ser/estar em uma nova cidade/país e as relações daí advindas; bem como o trânsito por Portugal e pela Europa para a realização do trabalho sexual *de praça em praça*. Dentre algumas questões que acabam por ser suscitadas, interrogo-me a cerca de como a condição estrangeiro e o fato de transitar de forma muito particular pelo país e o continente pode informar sobre sonhos e realização.

Georg Simmel (1990), no começo do Século XX, compreendia o estrangeiro, a partir das experiências dos judeus, desde a errância e a libertação em relação a um espaço. O estrangeiro seria aquele sujeito que não estaria “preso”, “fixo” a um determinado ponto. Ele não é apenas um viajante. É diferente. Ele não está sempre de passagem, ele chega e fica, quem sabe muito

tempo, estabelece vínculos, cria relações. No entanto, a característica central desse sujeito, seria a de que ele não é daquele lugar, embora esteja naquele lugar. Trata-se de uma figura ambígua: próxima e distante. Mantém algumas de suas características de origem, mas agrega outras a partir das relações que vai desenvolvendo onde chegara. Portanto, a liberdade seria o valor por excelência do estrangeiro. No final das contas, essa seria a sua grande vantagem. Talvez, eu diria depois de cumprido os anos de trabalho de campo. A conferir.

O contexto propício para a atuação do estrangeiro seria a cidade. Pode-se dizer que o estrangeiro, não necessariamente internacional, mas aquele que chega a um lugar que não é o seu de origem, ajuda a produzir uma outra dinâmica no local onde chega. Esse processo, então, seria um fator determinante para fazer com que a cidade, geralmente grande, metropolitana, constituísse um novo modo de vida caracterizado a partir destas diferentes relações entre grupos e pessoas muito diferentes entre si. Seria esse “espírito”, esse *mana*, que daria às cidades a aura de urbanas.

Os primeiros estudos da Escola Sociológica de Chicago apresentam a cidade como um grande laboratório para o cientista social (Park, 1973). Influenciada pelos trabalhos de Èmile Durkheim e Georg Simmel, Chicago representou um novo passo para pensar a problemática da alteridade no cenário urbano contemporâneo (Hannerz, 1980). A cidade de Chicago era uma espécie de oásis no final do século XIX e princípios do século XX no trajeto de “conquista do oeste”. Às margens do gigante lago Michigan, ela ocupa uma posição estratégica que lhe tornou atrativa a uma multiplicidade de pessoas originárias de diferentes lugares dos Estados Unidos e do mundo. Isso fez com que ela explodisse demograficamente na virada do século. Não por acaso, esse fator faz com que muitas disciplinas comecem a olhar a cidade como um “problema” científico e tentem desvendar seus “enigmas” (Wirth, 1973).

Robert Park foi uma das figuras mais proeminentes da primeira geração de Chicago. Park e seus alunos, ainda que tentando olhar a cidade segundo uma visão positivista, por meio da noção de “ecologia urbana”, começavam a problematizar a vida cidadina, suas particularidades, seus sujeitos, suas relações, enfim a dinâmica ali operante a partir da novidade representada pelo grande contingente de estrangeiros (Becker, 1996).

Para Robert Park (1973), a noção de ecologia urbana empreendida nas pesquisas em Chicago compreendia a cidade a partir das lógicas de organização e desorganização social. Buscava-se, porque orientados por uma visão das “ciências duras”, o equilíbrio social, próprio das áreas naturais. Ou seja, por tal lógica: as cidades nascem, crescem e se desenvolvem espontaneamente.

Foi assim que Chicago, essa cidade receptora de tantos estrangeiros, viu a necessidade de construir estratégias de convívio entre as diferenças. Esse processo nem sempre foi amigável. A ecologia urbana via este imbróglcio a partir da noção de “ciclo de relações étnicas”. Eles acompanhavam, mais ou menos, os diferentes momentos do “ciclo vital”. Os diferentes grupos étnicos, muitas vezes estrangeiros, competiriam e entrariam em conflito desde uma relação não exatamente desejada.

O desdobramento seria a adaptação e, por fim, a assimilação. Essa teoria assimilacionista mostrava que o momento final seria a “americanização” dos estrangeiros. Portanto, a integração do estrangeiro se daria a partir de uma ética do ser americano. Há diferenças entre quem chega e quem é do lugar. Algumas diferenças permanecem, mas o que os ligaria seria o que os “faz” americanos, ou seja, as articulações a partir de saberes comuns.

Quem desorganizaria, digamos assim, a vida da cidade, mas, ao mesmo tempo, seria quem garantiria o “salto” para torná-la urbana seriam justamente os estrangeiros que chegaram aos milhares, mudando a “cara” de Chicago e despertando a ciência social para as complexidades da vida citadina dando um passo fundamental para a estruturação de um novo campo de análise e, quem sabe, disciplinar.

É oportuno problematizar um pouco esse urbano que nascia em Chicago. Segundo Jean Rémy e Liliane Voyé (1994), a ideia de urbanização é devedora de um elemento que se torna central a organizar o espaço e a sociedade. Esse elemento é a mobilidade. A mobilidade é caracterizada como a ação de transitar, o movimento, os fluxos que permitem contatos e relações entre diferentes sujeitos em diferentes contextos. Para os autores, a urbanização é entendida “como um processo que integra a mobilidade espacial na vida cotidiana” (Idem, p.13).

Rémy e Voyé agregam alguma complexidade à percepção da Escola de Chicago, que, por meio da noção de morfologia sociodemográfica, caracterizava o modo de vida urbano a partir de volume, densidade e heterogeneidade (Silvano, 2017). Essa complexidade agregada, que se apresenta como um fator crucial, é justamente a mobilidade. É como se os elementos apontados pelos “pais fundadores” em Chicago precisassem de um componente que colocaria aquelas características a funcionar.

O que daria dinâmica à morfologia sociodemográfica seria a mobilidade. Ela seria o eixo que produziria o salto para um contexto tornar-se urbano. Essa mobilidade fora garantida, sobretudo, pelos estrangeiros que chegavam a Chicago. Tais fenômenos foram observados em outras cidades do mundo. A chegada dos estrangeiros muda, de forma temporária ou mais duradora, as relações desenvolvidas na vida citadina.

Em meu terreno de pesquisa, os estrangeiros de que falo são homens brasileiros. Esses homens brasileiros estão em Lisboa e em outras cidades de Portugal para atuar nos mercados do sexo como *escorts*. De alguma forma, eles desassossegam os modelos “tradicionais” de organização desse espaço e, por meio de diferentes estratégias, criam novas possibilidades e tramas para as trocas afetivas, eróticas e sexuais. Aqui, o ser estrangeiro desses brasileiros no mercado sexual é um instrumento da própria profissão. Trata-se, além de uma origem nacional, por óbvio, de um componente simbólico do “produto” que é comercializado.

No caso de meus interlocutores, estrangeiros em Portugal, a projeção de um futuro promissor com as viagens e também a partir do envolvimento com o trabalho sexual pode ser analisada a partir do que Gilberto Velho (1994) definiu como *projetos* em um *campo de possibilidades*. A construção de um projeto de vida a partir de determinadas ambições, desejos e necessidades é concomitantemente disputada por outros projetos construídos individualmente ou em grupos.

Compreendendo projeto, tal como Velho, como uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas” (Idem, p. 40). Isso não implica uma liberdade incondicional do sujeito frente aos obstáculos sociais e culturais impostos a ele. A partir do desenho de um projeto de vida, dentro de um campo de possibilidades, temos o delineamento de uma *carreira* inserida em relações de poder e conflitos interpessoais e intragrúpicos, onde a mutabilidade destes mesmos projetos é inevitável (DeLuca; Rocha-De-Oliveira; Chiesa, 2016, p. 472).

A constituição de um projeto de vida é delimitada a partir de um leque de possibilidades disposto em relações intrínsecas aos contextos nos quais os sujeitos estavam inseridos. O trabalho sexual, após suas primeiras experiências, se apresenta como opção viável e, principalmente, mais rentável frente a outras ocupações. Isto é, as tensões envolvendo os projetos de outros grupos, como de suas famílias e de amigos, singularizam suas experiências (Koury, 2015, p. 34). E, nestes casos, dentro de uma gama, o trabalho sexual se torna opção.

Quando íamos a caminho da lanchonete, próximo à Praça de Londres, no Areeiro, Zuca Da Leste me contava que, entre seus amigos, a vontade de ir para a Europa era como realizar *um sonho*. É muito possível que no imaginário popular brasileiro – talvez ocorra o mesmo em outros lugares do mundo – haja naturalizada uma ideia de que, ao chegar à Europa, realiza-se instantaneamente o *sonho europeu*, com a solução de tudo aquilo que os imigrantes considerariam como *problemas* nos contextos de origem, bem como teriam instrumentos mais eficazes para uma ascensão social mais rápida em um possível retorno ao Brasil.

Se as fronteiras da União Europeia seduzem pela suposta facilidade de mobilidade (na prática não é bem assim), há uma série de outras fronteiras que servem, efetivamente, como

impedimentos para a realização dos sonhos. As fronteiras, para além de espaços físicos e demarcações geográficas, segundo Jonathan Xavier Inda (2011), não devem ser compreendidas apenas nos limites de zonas de criminalização e policiamento, mas precisa estar muito clara a sua dimensão como lugar político. Aliás, como Inda destaca, há uma produção por parte do Estado da categoria “imigrante ilegal” no sentido de despersonalizar o sujeito, o criminalizando.

Isso é especialmente significativo, pois alguns interlocutores que conseguem transitar pela Europa se apressam em dizer *eu posso andar por todo lado, pois eu tenho residência*. Uma referência a ter conseguido os documentos necessários para a obtenção da Autorização de Residência em Portugal, ou seja, ter a regularização de sua situação para permanência no país e poder circular pela União Europeia. Segundo o Alto Comissariado para Migrações (ACM-PT), a autorização de residência *é um documento, emitido sob a forma de um título de residência, que permite aos cidadãos estrangeiros residir em Portugal durante um certo período de tempo ou por tempo indeterminado*⁴².

Esse título de residência segue o padrão do modelo utilizado nos diferentes países da União Europeia. Ele autoriza estrangeiros a residir em território nacional, no caso aqui, o território português. Tal documento é o único aceito, sob efeitos legais, para validar a permanência do estrangeiro no país. Ele substitui todos os demais documentos. O processo é iniciado pela manifestação de interesse de residência em Portugal que, se aprovada, dará a autorização de residência, emitindo-se o título de residência (temporário ou permanente). A manifestação de interesse de residência em Portugal é um processo em que se solicita a autorização para residir no país. Esse processo, a partir da Lei 23/2007, dispensa a necessidade de visto consular para entrada no país. Esse trâmite deve ser apresentado junto ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) mais próximo da residência do interessado.

Segundo o SEF⁴³, a documentação necessária para a manifestação de interesse inclui o Número de Identificação Fiscal (NIF), o Número de Identificação na Segurança Social (NISS), comprovantes de meios de subsistência (contracheques ou extratos bancários portugueses), comprovante de residência português, certidão de antecedentes criminais do país de origem (e do país de residência, se já estiver há mais de 12 meses fora do país de origem), passaporte válido e comprovante de renda ou de atividade exercida (contrato de trabalho ou algo que o valha)⁴⁴.

⁴² Para mais detalhes, ver : <https://www.acm.gov.pt/zh/-/o-que-e-uma-autorizacao-de-residencia>. Acesso em 18/07/2023.

⁴³ Para mais detalhes, ver <https://www.sef.pt/pt/Pages/homepage.aspx>, acesso em 18/07/2023.

⁴⁴ Em 15 de agosto de 2022, a Assembleia da República Portuguesa aprovou a Lei n.18/2022, que altera o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional português. Portanto, o

Talvez esse seja o mais complexo dos primeiros *périplos* para os brasileiros que restam indocumentados a partir do vencimento do visto de turista. Não raro, há enorme dificuldade em conseguir reunir toda essa documentação. Mesmo depois de toda ela reunida e com a manifestação de interesse submetida, há um longo e moroso trâmite até o resultado, que pode ser negativo em vista de alguma inconsistência. No entanto, de posse do comprovante da submissão da manifestação, muitos *escorts* já começam a viajar pela Europa. Há outros, porém, que aguardam a aprovação da autorização para circular pelo espaço *Schengen* com mais segurança.

Aliás, algumas palavras são importantes sobre o *espaço Schengen*. Ele é resultado do Acordo de Schengen, fundamental para a integração regional na União Europeia. Ele foi assinado, pela primeira vez, em 1985 na localidade de Schengen em Luxemburgo e firmado por Alemanha, França, Luxemburgo, Bélgica e Países Baixos. Desde então, foi revisto e ampliado em termos de números de países signatários e efeitos. De modo geral, o acordo previa a livre circulação com supressão dos controles das fronteiras internas, a cooperação policial entre os Estados-membros, a instauração do Sistema de Informação Schengen (SIS) e o Sistema de Informação sobre os Vistos (VIS), conforme Fernando José Ludwig (2019). Hoje ele alcança países que compõem a União Europeia e outros que não fazem parte do bloco. Portanto, os deslocamentos entre os países signatários do acordo, desde então, são classificados como viagens domésticas, o que permite uma maior mobilidade e um outro olhar sobre as fronteiras (Ludwig, 2019 e Grassi, 2006).

Para além da questão documental, há outros elementos que fazem com que as perambulações dos interlocutores sejam interditas. No caso do trabalho sexual, por exemplo, ele é, em regra, um trabalho de um “outro” na Europa. Um outro latino-americano. Um outro africano. Um outro do chamado Leste Europeu. Tal assertiva ajuda a complexificar a noção de fronteira.

Por outro lado, o título de residência português ou o passaporte europeu (para aqueles que já conseguiram a cidadania portuguesa ou italiana, casos que apareceram em meu campo) pode *abrir fronteiras* e alargar horizontes. Como falei antes, fronteira é menos um lugar geográfico e mais um processo, um imaginário em disputa, visto que a dimensão da cultura é bastante

processo que eu mostrei acima, vigorou em boa parte do meu trabalho de campo, mas foi alterado quando eu o estava encerrando. A nova lei prevê em seu Artigo 52 condições especiais de concessão de vistos a cidadãos nacionais de Estados membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Frisa-se, ente outras, a dispensa de parecer prévio do SEF. Além disso, no Artigo 57 da referida lei, foi instituído o visto para pessoas a procura de trabalho, uma modalidade até então inexistente. Para mais detalhes sobre a Lei n.18/2022, acessar <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/18-2022-200268064>

perspicaz ao erguer alguns muros onde poderiam existir pontes. Nos detalhes surgem as barreiras que talvez os passaportes não consigam vencer.

Para Nina Schiller, Linda Bash e Cristina Blanc (1995), a forma mais hegemônica de pensar os processos migratórios, ignorava uma rede central para esses eventos que são as conexões que as pessoas mantêm com os seus países de origem. Os laços, os vínculos, as relações não são desfeitos durante a viagem. Eles transformam-se. Eles são ressignificados. Eles são mantidos. No caso de meus interlocutores, isso é muito presente. No Brasil está a família e estão amigos que cuidam dos investimentos fruto do trabalho sexual em Lisboa/Portugal/Europa. *Caso dê tudo errado e a gente fique falido mesmo, temos o Brasil pra voltar*, repetia Yuri (27 anos).

Além do vínculo afetivo que não se rompe, os laços são reafirmados todos os meses a partir das remessas de dinheiro. Afinal, conforme Schiller, Bash e Blanc (1995) relatam, o dinheiro mandado todo mês, os laços familiares, os amigos, os projetos políticos tudo isso está no país de origem. A Europa é a forma de tornar mais viáveis os projetos. No começo da tese, quando apresentei André, meu principal interlocutor, ele disse que estava diferente porque agora *era europeu*. Ainda que haja certo orgulho indisfarçável nessa afirmação a partir de uma série de códigos e, quem sabe, documentos que oficializem tal lugar social, isso me parecia mais um uso estratégico para obter vantagens.

Schiller, Bash e Blanc (1995) contam que não há uma ruptura durante a experiência migratória com o mundo social e simbólico de origem das pessoas que migram. Elas continuam a se pensar como pessoas no mundo a partir destas constelações simbólicas de seus países de origem. É inimaginável o apagamento do “ser brasileiro” para os homens brasileiros no mercado sexual, afinal a brasilidade, como mostrei no capítulo anterior, seria o “carro-chefe” do *negócio* ali empreendido.

A experiência de viver em um mundo social, político ou econômico, que não é o de seu país de origem, mas recorrendo a elementos de seus países de origem é fundamental. Portanto, abastecer-se de códigos que remetam ao Brasil, ou de viagens anuais ao Brasil são algumas dessas estratégias. Zuca Da Leste me disse: *eu preciso ser gringo na rua e zuca na cama*. É preciso cumprir os protocolos europeus para tentar ter os mínimos contratemplos cotidianos, burocráticos e judiciais, mas no trabalho sexual é preciso ser *zuca* porque assim é demandado. Ser *zuca* é potente na profissão. Mais potente que ser *gringo*, mais potente que ser *tuga*⁴⁵.

⁴⁵ Forma sintética de “portuga”, um jeito de se referir aos portugueses, sobretudo por brasileiros. Algumas vezes essa é uma referência pejorativa, que faria frente a *zuca*.

Percebi ao longo do trabalho de campo, que o projeto de construção do futuro das pessoas passa por circulações transnacionais que são econômicas, amorosas, afetivas. Há fluxo de pessoas, de coisas, de símbolos, de relações. Há trânsito de ideias. As pessoas acabam por se construir nos fluxos. Portanto, a perspectiva transnacional dá conta dos processos sociais que constituem os sujeitos de formas muito mais dinâmicas, integradas e complexas. O que há hoje são instrumentos que permitem olhar com outras lentes essas variações. Atentar para tempos e espaços construídos nos fluxos e nos trânsitos.

O transnacionalismo, conforme Schiller, Bash e Blanc (1995), começa a ser usado pelos economistas para dar conta dos trânsitos da economia global. Não são apenas as pessoas que são transnacionais, mas os bens, as coisas. Há um projeto transnacional para o mundo. Assim, toda a vida contemporânea seria um projeto transnacional. Haveria uma circulação de identidades que seria transnacional. O espaço perderia a centralidade no transnacionalismo. Não necessariamente precisaria ocorrer um deslocamento espacial. Mas haveria um deslocamento cultural, haveria um projeto transnacional que seria desterritorializado.

No que diz respeito aos processos migratórios que envolvem Portugal e o Brasil, é preciso não perder de vista tudo o que foi estabelecido a partir do sistema colonial com a invasão e exploração do Brasil por Portugal a partir do final do Século XV. Jorge Malheiros (2007, p.16) fala em um “longo período da moderna emigração transatlântica portuguesa, que vai de meados do século XIX até finais dos anos 50 do século XX”. Por outro lado, é preciso lembrar que a imigração brasileira para Portugal sempre foi mais tímida e pontual.

Esse movimento começa a tomar corpo e levantar-se como uma vaga migratória apenas a partir de meados dos anos de 1980. A democracia fora conquistada em Portugal e em meados dos anos de 1970 e o país passara a integrar a União Europeia na década seguinte. Aquele período de pouco mais de uma década compreendido entre o 25 de abril de 1974 e o ano de 1986 produziu muitas transformações no país e o “modernizara”, digamos assim. Após isso, o país de emigração foi transformando-se em um país de imigração.

Aquilo que se convencionou chamar de *primeira vaga* de imigração brasileira para Portugal (meados dos anos de 1980), na verdade, inaugurou um movimento migratório que operou em contrafluxo ao que se acompanhou nos séculos anteriores entre os dois países, ou seja, uma maciça movimentação de portugueses em direção ao Brasil. Malheiros conta que naquele momento se tratava de um “movimento limitado e incluía alguns profissionais qualificados [dentistas, peritos de marketing, informáticos, etc.] (Idem, p.16)”. No final dos anos de 1990, teria havido uma chamada *segunda vaga* que se caracterizou como um fluxo mais robusto.

Naquele novo movimento, a qualificação dos profissionais era mais baixa e eles foram fazer trabalhos de menores complexidades, eram os chamados *imigrantes laborais*.

É preciso lembrar que no ano de 1985 houve a derrocada da ditadura civil-militar no Brasil com a posse do primeiro presidente civil depois de 21 anos de governos militares. Começava a chamada “Nova República”. O país estava bastante debilitado economicamente. Tal situação perdurou durante toda a década de 1980, até meados dos anos de 1990 com a criação do Plano Real em 1994, e posterior eleição de Fernando Henrique Cardoso para presidir o país. Jorge Malheiros constata que:

a sucessão de crises económicas experimentadas pelo Brasil, nos anos 80 e 90, limitaram as oportunidades do mercado de trabalho e de mobilidade social, contribuindo para criar a pressão emigratória que levou os brasileiros, não apenas para Portugal, mas também para outros países como o Japão, a Itália ou os EUA⁴⁶. Factores como a insegurança dos cidadãos ou a instabilidade dos mercados financeiros, associada a taxas de inflação muito elevadas em largos períodos dos anos 90, também contribuíram para incentivar o desejo de partida de muitos brasileiros, sobretudo de classe média e mesmo média-alta⁴⁷ (2007, p. 16)

Essa situação vai se alterando na segunda década dos anos de 1990 e a partir do começo dos anos de 2000, quando foram assinados acordos bilaterais entre Portugal e o Brasil e a situação econômica brasileira assiste a uma sensível melhora. Logo após a posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2003, alguns acordos que foram assinados provocaram mudanças na situação de brasileiros em Portugal e de portugueses no Brasil.

Entre esses acordos, o que ganhou maior visibilidade foi o chamado *Acordo Lula*. Ele é decorrente do Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre Portugal e o Brasil, assinado a 22 de abril de 2003, em Porto Seguro (BA). O *Acordo Lula* foi um instrumento que permitiu, pela primeira vez, por meio de um tratado ou acordo internacional, um processo de legalização extraordinário, pois tinha abrangência para um grupo específico de imigrantes⁴⁸.

3.2. As viagens para *virar europeu*

Em 1967, Michel Foucault (1984) proferiu uma conferência em que problematizava espaço e lugar a partir das noções de utopia e heterotopia. As utopias seriam aqueles espaços que não

⁴⁶ A esse respeito, ver Lucia Bógus (1995).

⁴⁷ A esse respeito, ver Pinho (2007).

⁴⁸ Para entender os detalhes do *Acordo Lula*, ver Beatriz Padilla (2007b); Simone Frangella (2013); Casa do Brasil Lisboa (2004).

têm lugar real. Enquanto que as heterotopias, segundo ele, seriam utopias realizadas. Na percepção de Filomena Silvano (2017), seriam “espaços em que os outros espaços existentes no interior da cultura a que pertencem são representados, contestados e invertidos” (p. 91).

Os interlocutores dessa pesquisa, homens brasileiros envolvidos no trabalho sexual em Lisboa/Portugal/Europa são percebidos como estrangeiros no lugar que chegam. Ser estrangeiro não se resume aqui a um passaporte emitido por outro país, mas a todo um “espírito” que marca diferenças. Esses sujeitos jogam com essas marcas (como mostrei no Capítulo II) e as potencializam como um estimulante libidinal para a efetivação das negociações em torno do mercado do desejo sexual. Compreendo que o trânsito dos *escorts* rumo a lugares que viabilizem os sonhos e conquistas pode ser uma heterotopia contemporânea no sentido proposto por Foucault. Por que digo isso?

Os *escorts* transitam e perambulam rumo a uma Europa imaginada. Não é a Europa dos cartões postais, ainda que passem por ela e fotografem nela, o que interessa é o dinheiro e outros capitais que por ela circulam. São esses elementos que viabilizam sonhos e aumentam repertórios. Assim, eles não são apenas estrangeiros saindo de um lugar e indo para outro. Embora façam isso.

A Europa dos *escorts* parece constituída por lugares fora dos lugares, mas localizáveis, tal como um dos pré-requisitos para as heterotopia na leitura foucaultiana. Os lugares por onde *escorts* perambulam, mesmo muito diferentes entre si, são espaços onde o desvio da norma, a fantasia e a ilusão constituem aquele lugar. Os *escorts* constroem múltiplas Europas que cabem nos seus projetos cambaleantes para realizar seus sonhos. Um lugar que existe no espaço, que existe fisicamente, mas monta-se e desmonta-se a cada viagem, a cada entrada e saída de um cliente diferente. A Europa dos *escorts*, durante suas atuações, pode ser o que o desejo e o dinheiro do cliente quiser, desde que acordado previamente com eles.

Foucault chamou de heterotopia do desvio, aqueles lugares que abrigariam comportamentos não esperados ou desejados pela moral vigente em diferentes sociedades. No que que era conhecido como “sociedades primitivas”, tais lugares eram percebidos como *heterotopias de crise*. Entre os diferentes princípios associados às heterotopias, a noção de corte temporal cronológico é muito interessante. Nos espaços heterotópicos é como se uma espécie de *kairós* (um tempo especial e imaginado, fechado em si mesmo) se sobrepusesse ao *cronos* (geral e ordinário). Durante este período, naquele lugar, vigora a ilusão, a fantasia, que logo depois da porta da rua não tem condições viáveis de existir. Tal princípio parece adequar-se ao que os interlocutores de minha pesquisa experimentam no trabalho sexual. Chegam a uma Europa real, diferente de uma Europa imaginada e se movem por Europas possíveis. Deslocam-

se a um lugar heterotópico pelos instantes que o negócio do desejo permitir manter.

Há um elemento comum a todos os homens brasileiros que são interlocutores dessa pesquisa. Nenhum deles chegou a Portugal com um trabalho prévio proposto a partir do Brasil. Nenhum deles veio a Portugal em função de estudos. Eles chegaram a Portugal como turistas. Vencido o período regular dessa modalidade de visto, eles ficaram irregulares em termos de questões consulares. Diferentes estratégias foram adotadas. Desde viagens para fora do *espaço Schengen* até casamentos arranjados, passando por contratos de trabalho *fake* e trabalhos precários na restauração ou nas obras (Machado, 2009).

Há, no entanto, outro traço bastante comum e muito comentado durante o trabalho de campo. De maneira geral, os interlocutores passaram por inúmeros momentos de *perrengue*. O *perrengue*, do ponto de vista êmico, é um conjunto de dificuldades de diversas e intensas ordens. Há *perrengues* mais comuns como a dificuldade em conseguir alugar uma casa para morar, mesmo quando o processo é informal burlando as Finanças Públicas e sem contrato de aluguel.

Há dificuldades em conseguir os primeiros *papéis*. Isso é especialmente problemático para quem está com a documentação irregular. Adicione-se a isso o desconhecimento da burocracia e a pouca disposição de alguns servidores públicos em fornecer as informações com paciência. Por outro lado, há o isolamento e a solidão, que também são elementos constantes nos primeiros tempos e podem tornar o processo de adaptação mais custoso. Ainda que Portugal tenha centenas de milhares de brasileiros, as redes de afeto e apoio são tecidas com o passar do tempo. À partida, há poucas pessoas a quem recorrer e com quem contar.

É preciso lembrar outra recorrência em termos de construção da “vida na Europa”. O processo que resultara em estabelecer-se em Portugal foi caracterizado pelo *improviso*. Marcos Torres (32 anos), como contei antes, é do interior do estado de Mato Grosso. Ele é bailarino profissional. Já trabalhou em diversas companhias em seu estado. Teve seus próprios *studios*, mas sonhava em viver na Europa e dançar em uma grande companhia. Sua história é repleta de *perrengues*.

Ainda pequeno foi descoberto pela dona de uma companhia de *ballet* em sua cidade. Como bom aluno, ganhara bolsa de estudos, participou de diversos festivais, ganhou prêmios e foi dançar na Argentina. Chegou sem dinheiro e esperando receber a bolsa prometida. Viveu momentos de extrema dificuldade, sem a referida bolsa e passando a ser “empregado” da companhia. O tempo na Argentina foi traumático. Até que conseguiu juntar poucos recursos e contar com a ajuda de um ex-professor do Mato Grosso para voltar a sua cidade no Brasil.

Ele ainda tinha o sonho de ir para os Estados Unidos ou para a Europa. As tentativas de viagem aos Estados Unidos foram frustradas e ele nunca conseguiu o visto, nas três vezes que tentou. Para a Europa foi mais fácil. Havia um amigo da sua cidade, que estava na Espanha, trabalhando como *escort*. Esse amigo conheceu um bailarino francês e fez contatos que pareciam apontar para que Marcos Torres pudesse realizar o sonho de dançar na Europa.

Ele contraiu empréstimos para pagar a passagem e para conseguir se manter nos dois primeiros meses. Os reveses estavam longe de terminar. Assim que Marcos Torres chegara à Espanha, como turista, o mundo fora acometido pela pandemia de Covid-19. Com dificuldades em relação à língua, ele não se adaptou à Espanha. A companhia francesa não contratou ninguém, pelo contrário, demitiu até o bailarino que o amigo brasileiro na Espanha fizera servir de ponte. Foi quando decidiu vir para Portugal *tentar a vida no improviso*. O trabalho sexual não estava no seu radar. Começou trabalhando *part time* em um café. Ganhava pouco mais de meio salário mínimo. Além disso, complementava a renda trabalhando em uma loja de cosméticos, próximo a estação de metro de Odivelas. Ganhava ali 20 euros por dia trabalhado. Tentava ao máximo casar esse emprego com folgas ou com o turno inverso do trabalho no café.

Adepto dos aplicativos de *pegação*, ao participar de *sex parties* nas madrugadas dos finais de semana, era recorrentemente elogiado por suas *performances* e por sua *brasilidade*. Foi então que seu amigo *escort*, que morava na Espanha, e estava em Lisboa, o sugeriu *cair na vida*. Ele relutou, mas cedeu. Ganhou em um dia o dinheiro que ganhava durante o mês no café. Abandonou a loja de cosméticos. Com o ordenado do café, onde havia a promessa de contrato de trabalho (que nunca assinou), ele reunia recursos para pagar as dívidas contraídas no Brasil. Com o dinheiro do trabalho sexual, ele vivia em Lisboa. Sua ideia continuava sendo dançar *ballet* e viver disso.

Outro exemplo de *improviso* é Matheuzinho (24 anos). Ele é um dos poucos interlocutores que já fazia trabalho sexual no Brasil. Matheuzinho é do interior das Minas Gerais e fez *programas* em Belo Horizonte, Vitória e Rio de Janeiro. Ele diz ter entendido muito cedo que gostava de *homens, de sexo e de sexo com homens*. Expulso de um lar evangélico neopentecostal, quando tinha 17 anos, precisou fazer uma série de *bicos* para sobreviver.

No chamado *mundo da noite*, ele dizia que seu corpo jovem e torneado, logo começou a chamar a atenção das *mariconas*, como ele se referia aos clientes mais velhos. Foi assim que ele começou a transacionar sexo com homens pelas ruas do centro de Belo Horizonte. Foi no Rio de Janeiro que conheceu o namorado que o levara para a Europa. Ambos trabalhavam com sexo. O futuro namorado viajara primeiro para *tentar a vida* em Portugal.

No começo de 2020 Matheuzinho chegou a Portugal, era o começo da pandemia de Covid-19. Inicialmente o namorado e ele moraram no Porto. Ele ficaria os três meses como turista e depois conseguiria um trabalho na restauração. Essa era a promessa. A questão é que o namoro foi *ladeira abaixo*, os supostos empregos não apareceram e Matheuzinho voltou ao trabalho sexual. Primeiro no Porto, depois em Lisboa e uma série de reveses fizeram com que suas expectativas com o sonho europeu fossem constantemente frustradas. Nesse meio tempo, Matheuzinho via-se cada vez mais cansado. Perdia peso. Resolveu ir ao médico. Lá descobriu-se infectado pelo vírus HIV. Não tinha amigos. Não tinha com quem contar. Precisava trabalhar. O projeto era juntar dinheiro e voltar ao Brasil.

Lauro (35 anos) trabalhou durante dez anos em uma rede atacadista do ramo de alimentos em Goiânia, sua cidade natal. Nunca cresceu no setor, segundo ele, por ser homossexual e por *não levar desaforo para casa*. Acabou fazendo um acordo e foi demitido. Esse momento coincidiu com sua aprovação em um concurso de uma autarquia brasileira do setor aeroviário. Ali ele trabalhou outros dez anos. Durante esse tempo cursou ensino superior da área das Ciências Sociais Aplicadas. Em todo esse percurso nunca fez trabalho sexual. A ideia de deixar o Brasil começou a ser gestada junto ao golpe parlamentar que *derrubou* a Presidenta Dilma Rousseff e toda a polarização política que culminou com a eleição de Jair Bolsonaro. Assim, no começo de 2019, ele saiu da empresa no Plano de Demissão Incentivada, o que lhe rendeu algum dinheiro.

A polarização política dividiu completamente sua família. Ele não via horizontes. Foi então que contatou uma antiga colega de faculdade que estava atuando como gerente de uma rede de cosméticos em Lisboa. As conversas avançaram. Ele vendeu seu carro e retirou suas economias do banco. Transformou os valores em 10 mil euros e viajou para Portugal como turista. Assim que obteve o contrato de trabalho, ingressou com a manifestação de residência para regularizar sua situação consular.

O emprego, no entanto, foi uma experiência muito ruim. A relação com uma portuguesa que era sua chefe imediata era péssima. Ele diz ter sofrido assédio e xenofobia, sem nunca efetivar qualquer denúncia, pois dizia precisava do contrato e do salário para manter-se no país. A vida em Portugal, não era nada perto do que imaginava. Ainda que tivesse segurança e tranquilidade. A crise com a chefia portuguesa se aprofundou e ele perdeu o emprego. Foi nesse momento que ele foi morar em uma *praça*.

Lauro tinha uma amiga trans brasileira, que vivia com outro rapaz brasileiro em um apartamento. Eles disponibilizaram uma vaga na casa deles para Lauro. Todos naquele apartamento faziam trabalho sexual. Lauro ainda insistia em tentar um emprego formal. Fazer

sexo era algo que lhe agradava muito. Ganhar dinheiro fazendo sexo era algo que não passava por sua cabeça. Eis que chegou a pandemia. Suas economias estavam acabando. Seus colegas de casa insistiram para que ele fizesse um anúncio e começasse a ganhar dinheiro com o trabalho sexual. Ele assim o fez. O dinheiro começou a entrar, mas a situação não lhe agradava. Ele precisava de um contrato de trabalho. Mas não havia possibilidade naquele momento, uma vez que o desemprego só aumentava.

Quem poderia dizer, olhando os maços de dinheiro Roy (39 anos), que ele chegara a Lisboa, 5 anos antes, falido, que ele fez trabalho sexual nas alamedas do Parque Eduardo VII e chegou a dormir na rua? Numa de nossas conversas, ele disse que era um empresário da construção civil na cidade de Goiânia, no estado do Goiás. No entanto, a crise política que começou a avassalar o Brasil a partir de 2013 e que se intensificou com o golpe que destituiu a Presidenta Dilma fez com que os investimentos minguassem. Em 2016 ele *quebrou* e estava com dívidas impagáveis. Foi então que Roy encontrou um amigo do interior de Goiás, que morava na Europa, e estava passando férias em Goiânia. O amigo de Roy fazia trabalho sexual em diferentes países. Sua base era Londres. Vivia na Europa há mais de 10 anos. Segundo Roy, *ele estava rico e saiu do Brasil pobre*.

O trabalho sexual nunca fora algo que lhe passara pela cabeça, afinal logo que saiu da faculdade já montara a empresa em sociedade com dois amigos e os negócios foram dando muito certo, até o começo da crise social, política e econômica do Brasil. Esse amigo mostrou-lhe o *caminho* do trabalho sexual. Roy entre as poucas opções que tinha, escolheu essa. Ele também embarcou para Portugal como turista. No começo o dinheiro ganho foi gasto em drogas, noitadas, roupas. *Era muita farra, eu deslumbrei*. Foram dois meses de loucura. Até que recorreu, outra vez ao amigo de Londres, que investiu nele, no primeiro apartamento que morou e em seu potencial advindo do *pênis XXL*.

Ele concentrou-se no trabalho, nos anúncios, fez algumas viagens, mas decidiu estabelecer-se em Lisboa e fidelizar os clientes ali. Começou um negócio que deu muito lucro. Comprou um contrato de trabalho *fake*, no mesmo *esquema* de outros interlocutores. Tornou-se uma referência para pessoas que chegavam do Brasil para fazer trabalho sexual. Ainda que tenha conseguido *vencer* e se *organizar*, passou por *perrengues* e muito *improviso* até estabelecer-se e chegar próximo do que percebia como seu *objetivo final*.

3.3. Não se fica rico em Portugal: as perambulações de praça em praça

Marc Augé (1992), ao fazer uma crítica a um noção de “lugar antropológico”, propõe o conceito

de não-lugar. O não-lugar é uma alternativa à percepção antropológica de lugar como sendo um território que teria a capacidade de conferir uma espécie de identidade coletiva a um determinado conjunto de pessoas. O não-lugar, para Augé, seria incapaz de conferir identidade para quem quer que fosse, pois trata-se de um espaço por onde as pessoas passam. É uma dimensão de trânsito.

A noção de não-lugar pode ser rentável para refletir sobre a perambulação de homens brasileiros para fazer trabalho sexual pela Europa. Se a Europa imaginada é diferente da Europa vivida. Se ela é transformada em um lugar social habitado por fantasias e ilusões, podemos dizer que as pessoas no exercício desse trabalho estão sempre a passar de um lugar a outro rumo a concretização do sonho que seria, quem sabe, o estabelecimento em algum lugar.

O *escort* e o cliente são esses sujeitos do não-lugar do trabalho sexual, sujeitos em trânsito. Ao acordar um negócio, transformam qualquer lugar em um não-lugar por um período determinado. Por exemplo, o quarto do trabalho sexual, ainda que seja, muitas vezes, o mesmo espaço físico que o *escort* dorme não é, definitivamente, o mesmo lugar. Para o cliente, pensar esta diferença é bem mais simples, pois ele, o cliente, ali é um viajante, um sujeito em trânsito, que, quando dá a sua hora, arruma-se e desloca-se de volta para o “seu lugar”. Augé mostra como a noção de não-lugar está bastante associada à uma ideia permanente de lugar, até porque estes trânsitos são simbólicos e podem ser interpretados como percepções:

Na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares emaranham-se, interpenetram-se. A possibilidade do não-lugar nunca está ausente seja de que lugar for. O regresso ao lugar é o recurso de quem frequenta os não-lugares[...] (Augé, 1992, p.90).

Se os não-lugares não conferem identidade, não são espaços de permanência, se são próprios para passar, para cruzar, para estar e logo partir, isso ajuda a perceber a relação entre *escorts*, viagens e clientes. O desejo, a fantasia, a ilusão, a tensão libidinal é uma experiência de instantes. O que se impõe é o cotidiano, os lugares. Os não-lugares seriam estas brechas, fugas desejanças, possíveis nos contornos da norma.

Portugal talvez seja o melhor exemplo de um não-lugar no âmbito do trabalho sexual realizado por homens brasileiros. Quando ainda estavam no Brasil, boa parte dos interlocutores não tinha muita clareza sobre *a vida em Portugal*, que não figura entre os países mais ricos da Europa e conta com um dos ordenados mínimos mais baixos do continente, atualmente no valor de €820. Em vista disso, ao se deparar com tal realidade, não exatamente aquela imaginada no Brasil, ainda que com pontos positivos como maior segurança, maior poder de compra do

salário mínimo, um serviço de saúde pública considerado satisfatório, além de acordos bilaterais que beneficiam os cidadãos do Brasil, muitos *escorts* brasileiros ficam decepcionados e percebem que o *sonho europeu* estará mais distante que o imaginado. Na opinião de Nando (33 anos)

Portugal não é rota de sexo pra ninguém. Especialmente pra meninos. Não se ganha bem aqui. Não tem clientela. Só fica aqui quem não tem documento e que não fala inglês. Quanto mais idiomas você fala, muito mais propostas, muito mais chances de fechar trabalhos você tem.

Para Nando, há razões objetivas para a permanência em Portugal: documentação e idioma. Portugal funcionaria, na maioria das vezes, como a possibilidade de entrada mais “fácil” na Europa para os brasileiros. O tempo de permanência em Portugal seria aquele necessário para obter a regularização em termos de *papéis* paralelo ao aprendizado precário de um outro idioma, especialmente, o inglês.

O país é visto por diferentes interlocutores como ótimo para morar, mas péssimo para trabalhar. Lauro, diz que a segurança é uma vantagem de Portugal. Isso aliado à qualidade de vida que consegue ter. Segundo ele, *eu me sinto muito seguro pra tudo. Então, eu me sinto muito à vontade aqui. Uma coisa que eu não desfrutava no Brasil. Aqui tem uma tranquilidade boa.* Além da suposta segurança, tranquilidade e qualidade de vida apontadas pelo interlocutor, a língua fora decisiva: *eu sou uma pessoa que fala bastante. Não me comunicar seria bem difícil. Então, a língua. Pra depois tentar outro país. Eu quero tentar um país de língua inglesa pra ficar fluente no inglês.*

Dagoberto (34 anos) conta que não se trata dos *escorts* fazerem a opção por Portugal, mas dentro do leque disponível na Europa é o lugar possível, *mais fácil*. Ele aciona a regularização e a linguagem como elementos decisivos: *a questão do idioma é mais fácil. Porque a gente sabe que lá no Brasil as pessoas não aprendem porra de idioma nenhum. Então, o brasileiro sai do Brasil, vem pra Europa, mas quando o cara chega aqui ele não consegue desenvolver.*

Essa é uma condição que não diz respeito apenas às pessoas envolvidas com o trabalho sexual. Há uma massa de brasileiros que não sabe falar outros idiomas e que está irregular em termos de documentação em Portugal. Essas pessoas compõem basicamente dois nichos de trabalho: a restauração (cafés, bares e restaurantes) e o setor de limpeza. Geralmente a esses sujeitos são pagos baixos salários e eles são contratados informalmente. Algumas vezes há uma

formalização precária por meio de *Recibos Verdes*⁴⁹ e a promessa de um contrato de trabalho no futuro, que seria efetivado mediante bons desempenhos dos trabalhadores. Yuri (27 anos) conta que para se regularizar em termos de documentos passou pelo seguinte processo e revelou outras estratégias:

Trabalhei no café três meses. Daí eu saí de lá depois que eu peguei a documentação. Aí a última renovação eu fiz online e nem precisou muita coisa. Então, aí hoje em dia eu pago a documentação. Eu sou contratado. Só que eu pago para uma contabilista me registrar. Eu pago todos os gastos que eu tenho da minha parte, mais da parte patronal e mais para ela fazer o bagulho também. É um trabalho fake. Eu não trabalho. Eu tenho registro. Eu tenho holerite⁵⁰. Um empregado dela. Se as Finanças precisarem, eu tenho (Yuri).

Yuri repetia constantemente o seu desgosto em ter que estar em Portugal. Por isso sua insistência na *carreira internacional*. A principal razão para entrar no país foi a facilidade do visto. Em Portugal ele entrou como turista, com dinheiro e reserva de hotel. Depois de vencido o tempo de turista, buscou o emprego na tentativa de conseguir *Recibos Verdes* ou contrato de trabalho para regularizar-se. Ocorre que a jornada de trabalho e os baixos salários eram nada sedutores. O trabalho sexual apresentou-se como mais lucrativo e os ganhos pareciam (e confirmaram-se) mais rápidos. No entanto, não há condições de regularização. Em vista disso, os *contratos fake* aparecem como opções para a obtenção dos documentos de residência, conforme mostrei antes.

Os bons clientes em Portugal, aqueles que pagam bem, são poucos e têm uma ampla oferta de serviços ao seu dispor. Logo, há preços que são mais baixos e há um poder de compra da clientela que não é tão destacado. Assim, é preciso lançar mão de muitas estratégias para manter-se competitivo. Reconhecer-se e ser reconhecido como investido de performances associadas às *masculinidades brasileiras legítimas e sexotizadas* torna-se fundamental.

No entanto, há muitas pessoas com essas características nos mercados do sexo em Portugal. Conforme Yuri, *se eu ficar só em Lisboa, eu perco tudo que eu tenho*. Durante a pandemia esse cenário revelou-se ainda mais catastrófico, pois houve um aumento perceptível de homens prestando esses serviços a uma mesma clientela portuguesa. Além disso, o incremento ao

⁴⁹ *Recibo Verde* em Portugal é uma forma de emissão de fatura de diferentes serviços quando feita por um prestador independente. Isto é, quando não há um vínculo empregatício entre o trabalhador e a empresa. Esse tipo de relação é muito comum com trabalhadores do setor de serviços, especialmente imigrantes nos primeiros tempos em Portugal. Segundo a Autoridade Tributária e Aduaneira de Portugal, o *Recibo Verde* recebe esse nome, pois quando o sistema era manual, e não informatizado, esse documento era preenchido a partir de um papel verde. O sistema mudou, mas o nome ficou. Para mais detalhes, ver <https://www.portaldasfinancas.gov.pt/at/html/index.html>, acesso em 18/07/2023.

⁵⁰ Contracheque

mercado garantido pelos turistas estrangeiros não foi percebido haja vista a proibição de viagens não essenciais, como as viagens a turismo.

Em situações normais, conforme lembra Otto (31 anos), as viagens internacionais por países europeus apresentam-se a uma parte deles como uma alternativa para conseguir quantias mais generosas de dinheiro. Ele conta que *o viajar para nós é por causa do valor. O que Paris paga para mim uma hora, 150 euros, ou eu cobro 150 e me deixa 200, Lisboa, os portugueses, as pessoas daqui, oferecem 50, 70. Eu to em Lisboa por causa do turista. O meu foco não é no cliente português. É no estrangeiro que está aqui, no turista.* De fato, antes da pandemia havia uma efervescência de turistas estrangeiros em Portugal. Segundo a Organização Mundial do Turismo (2020), a previsão de turistas para Portugal em 2020, era da casa de mais de 18 milhões de pessoas. Essa possibilidade, foi drasticamente alterada pela pandemia de Covid-19, que resultou em mais de 80% de cancelamento de reservas no setor hoteleiro, conforme o Instituto Nacional de Estatística de Portugal (2020).

Transitar para ser *novidade* em diferentes lugares parece ser uma exigência do mercado. Com ou sem pandemia. O perambular pela Europa possibilita fazer novas redes, *ganhar dinheiro e depois voltar pra casa.*

Sempre passo mais tempo viajando. Aqui é mais para estar em casa. Descansando. Junto com amigos. Aqui tenho alguma raiz, afinal, da Europa, aqui é onde é mais barato viver. O clima é bem bom. A comida, nem se fala. Agora, claro, lá fora tem um lance que falta muito aqui: dinheiro. Por isso eu trabalho lá e vivo aqui (Yuri).

Esse movimento é conhecido como *fazer praça*. Entre as pessoas envolvidas com o trabalho sexual em contexto transnacional, a *praça* é o local onde se desenvolve o trabalho sexual. Normalmente não é um espaço público. Mas como aquela, a *praça* no trabalho sexual também é um lugar por onde se passa e no qual não se costuma permanecer por muito tempo. Trata-se de uma ressignificação do conceito e refere-se a uma casa ou a um apartamento. O termo ganha diferentes sentidos quando acompanhado de alguns verbos: *fazer praça*, por exemplo, será o ato de deslocar-se de um lugar para outro no intuito de obter mais clientes por ser uma *novidade* onde se acaba de chegar. Esses trânsitos podem ser dentro do país ou entre países. Portanto, é o ato de viajar de cidade em cidade para trabalhar mais.

Uma vez, em conversa com Nuno (62 anos), um de meus interlocutores que frequentam a “noite gay” de Lisboa, quando falávamos sobre *escorts* que *faziam praça*, ele me disse que esse termo *praça* também era o termo usado para designar o local onde antigamente os proletários agrícolas no Alentejo iam para serem contratados para trabalho ocasional pelos latifundiários.

Percebi que, também nesse caso, o *fazer praça* estava associado à mobilidade e a certa itinerância em associação com a realização de trabalhos sazonais.

No livro *Vidas na raia: prostituição feminina em regiões de fronteira* (2008), Manuela Ribeiro *et. al.* dizem que *plaza* (termo castelhano) refere-se a períodos previamente fixados, na maioria dos clubes espanhóis que recebe mulheres para o trabalho sexual, para uma estadia com duração de 15 dias em média. Essa mobilidade, naquele contexto, era uma forma de camuflar a situação irregular das imigrantes, mas também pode ser uma forma de ter sempre *novidade* no mercado sexual local. Na linguagem popular, o termo foi generalizado para definir espaço de trabalho sexual temporário.

Roy explica as complexas imbricações dos mercados do sexo em Portugal. Segundo ele,

a maioria dos nossos colegas não têm uma estabilidade de cliente num lugar. Eles vêm, ficam aqui um tempo. Enquanto ele está trabalhando bem, ele está aqui. Porque ele é novidade. Aonde ele chega ele vai estar trabalhando porque ele é novidade. Então, se chega um colega meu pauzudo, embora eu tenha mais tempo e tenha uma clientela fixa, por ele ser novidade, ele vai trabalhar mais que eu. Mas ele vai trabalhar pouco tempo. Quando diminui o trabalho pra ele, ele vai pra outro lugar. Aí ele fica rodando Portugal. Como Portugal é um país muito pequeno, a maioria dos nossos colegas fica viajando pelos países da Europa. Vai pra um, vai pro outro, vai fazer praça. E ali ele vai ganhando a grana. Diminui um trabalho, vai pro outro. Eu fiz também. Só que eu quis fazer na contramão do que todos estavam fazendo. Eu quis garantir uma estabilidade de cliente aqui em Lisboa. Eu comecei a me dedicar pra ganhar esse público fixo e ser pauzudo foi o diferencial (Roy).

Na percepção apresentada por Roy existiriam, pelo menos, duas possibilidades mais concretas de obter algum sucesso no âmbito do trabalho sexual. Ou você se dedicaria às *praças*, que na visão dele faria com que o *escort* ganhasse *mais dinheiro* em relação a permanecer em apenas um lugar e ficar *caçando clientes*. Roy diz que essa opção tem a desvantagem de ficar *igual um nômade: vai pra ali, vai pra lá, corre aqui, acabou aqui, vai lá*. O interlocutor entende que nas cidades onde se faz *praça* também há saturação e que o *ritmo frenético* de trabalho, se existir, vai ser apenas enquanto o *escort* for percebido como *novidade*. A alternativa à vida *de praça em praça* seria dedicar-se a apenas um lugar e ganhar estabilidade a partir de seu diferencial em termos de *capital sexual*. A explicação do interlocutor é simples: *o meu cliente tem tesão sempre, não é só quando o novato pauzudo vem aqui. O meu cliente tem tesão todos os dias. E ele sabe que aquele não está. Então ele procura quem? Aquele que está aqui. E quem está sempre? Eu.*

Ainda a respeito das *praças*, é preciso reiterar que se trata de um tipo de aluguel bastante informal, por isso mais facilitado. No entanto, trata-se de um tipo de contrato informal que,

dada a fragilidade do vínculo, torna-se bem mais caro e pago antecipadamente. Robinho (25 anos) me contou que normalmente aluga-se o quarto por semana. Em Portugal o custo semanal de um quarto de *praça* costuma variar entre €150 e €200 com as despesas incluídas. Não são comuns *praças* apenas de homens. É mais comum *praças* apenas de mulheres cis ou trans, ou *praças* mistas entre mulheres trans e homens cis.

Roy aluga mais de 25 apartamentos que transformou em *praças*. A quase totalidade é voltada para receber mulheres cis. Em apenas dois apartamentos há homens. Todas as pessoas que vivem em suas *praças* são brasileiras. Segundo o interlocutor, todo o seu *negócio* com as *praças* é feito *dentro da lei*. *Se você aluga uma casa e faz qualquer tipo de exploração sexual, isso é crime, cafetinagem. Estou fora disso. Eu alugo os apartamentos e subloco os quartos para meninas trabalharem*, conta o interlocutor. Ele apressa-se a dizer isso, pois a exploração sexual é crime pela lei portuguesa. Roy diz não ganhar nada com o trabalho exercido pelas suas locatárias, apenas com o aluguel do quarto.

Roy tem uma clientela fixa que *paga muito bem* pelos serviços advindos de seu autoproclamado *pau enorme* e conseguiu construir essa rede de aluguéis que não apenas *se paga, mas dá bastante lucro*. Ele me contou que todo esse empreendimento (o seu trabalho sexual e o aluguel dos quartos) o transformou no *rei do camarote* do trabalho sexual em Lisboa e lhe permite um ganho líquido de 1000 euros por dia. Ele administra algo em torno de 100 quartos na cidade. Ele aparentemente tem muito sucesso no empreendimento.

3.4. Puxar mala rumo a melhores destinos

Não se dorme na Europa foi o bordão que mais ouvi em campo. Trata-se de parte de uma fala de 30 segundos de *Suzzety* – uma travesti brasileira que vive na Itália – e viralizou nas redes sociais em 2017. O bordão se popularizou depois de ser remixado pelo grupo *Bibas From Vizcaya*. *Suzzety* fala em *agir* e na necessidade de se movimentar para *fazer acontecer a vida na Europa*. A Europa aparece como triunfo, como conquista. Para os interlocutores que viajam constantemente entre diferentes países para atender clientes fixos e conquistar novos clientes, *não se dorme na Europa* faz todo o sentido.

Ao longo do trabalho de campo, os interlocutores circularam muito. Ficavam temporadas viajando. Os períodos variavam entre um mínimo de quinze dias e um máximo de dois meses. Depois voltavam a Portugal, onde havia uma casa mais fixa, para descansar, fazer acompanhamento médico, procedimentos estéticos, bem como resolver questões legais. Essa perambulação dos interlocutores “puxando malas” pela Europa se assemelha, em alguma

medida, com a mobilidade sazonal de outros trabalhadores envolvidos com a agricultura, geralmente em épocas de plantio e/ou colheita.

O trabalho de Giovana Pereira (2015) aborda a migração “temporariamente permanente” de piauienses para o interior paulista em “longos invernos” para trabalhar na colheita da laranja e outros frutos cítricos. Há casos muito diversos, mas que seguem uma mesma lógica: os imigrantes do sul da Ásia que trabalham nas plantações de frutos vermelhos no Alentejo, por exemplo, ou os trabalhadores nordestinos que atuam na colheita da uva no Rio Grande do Sul.

Os casos clássicos, como mostraram Gilberto Velho (1989) e Teresa Caldeira (2006), são de brasileiros do Nordeste que migraram para o sudeste e foram decisivos no processo de “modernização” do Rio de Janeiro e São Paulo, atuando na construção civil. Em comum com as pessoas que fazem trabalho sexual de meu campo, há um deslocamento (quase sempre) de regiões mais pobres do país ou do mundo em direção a lugares mais ricos na expectativa de “melhorar de vida” e retornar à origem, ou investir no lugar de origem.

Afinal, nas cidades de origem estão os vínculos afetivos e os projetos de futuro. Em comum, todos eles vivem de forma itinerante, *puxando malas*, e com certo grau de *improviso*. Viajam, mas a trabalho. Yuri, que tem uma agenda intensa de viagens, comenta:

As minhas viagens é tudo trabalho. Eu não vou viajar de férias. Sempre compensa viajar. Trabalha e dá um close lá fora. Come comida diferente, nossa. Atualiza o feed. E ganha mais do que se estivesse aqui [Portugal] (Yuri).

Os países percebidos por eles como aqueles que pagam mais e que têm melhores clientes, porque mais assíduos e porque barganham menos, são Suíça, Luxemburgo, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Países Baixos, Áustria, França, Itália e Espanha. Em todos esses países, diferentes *escorts* têm clientes fixos e as viagens são previamente acertadas com os clientes. Podem aparecer clientes novos, pois os anúncios no *Hunqz* estão sempre atualizados. Em vista disso, é muito difícil que eles embarquem para uma viagem que vai cobrir dois ou três países sem contatos com clientes fixos em todos eles. A grande maioria dos clientes fixos que reside fora de Portugal foi contatada pela primeira vez quando esses homens estiveram aqui, geralmente a trabalho ou nas férias.

Itália eu já fui lá três vezes. Fui em Veneza. Fui pra Roma três vezes também. A Itália, as vezes que fui lá, foi pra ficar sempre com o mesmo cliente. Eu ficava uma semana com ele, aí eu voltava. As Ilhas Canárias, que eu também já fui lá duas vezes, foi igual. Fui pra Praga, República Tcheca. Antes de viajar já se joga lá pelo Hunqz. Já coloca a localização para lá. E já começa

a fazer a agenda. Agendas abertas. Por mais difícil que fosse, sempre voltei para cá com muito mais grana do que eu faria aqui (Yuri).

Yuri conheceu o cliente italiano no verão anterior à pandemia. Eles se encontraram em Lisboa e depois viajaram ao Algarve. Quando o cliente voltou para a Itália, os contatos permaneceram via redes sociais e aplicativos de mensagem. A relação entre eles teve sequência em viagens que o *escort* fez para a Itália e outros países, sempre pagas pelo cliente. Quando viaja a outros lugares a trabalho e que não tem um cliente a sua espera, a estratégia é lançar mão das ferramentas georreferenciadas. O *hunqz* oferece essa facilidade e ele se anuncia no destino, antes mesmo da viagem. O interesse de Dinho (23 anos) é por França, Inglaterra e Holanda, onde haveria *mais dinheiro* e gente *menos mão de vaca*.

Nando, que tem uma *carreira internacional bombando*, costuma fazer com frequência um mesmo circuito de trabalho: Países Baixos, Luxemburgo, Bélgica, Suíça, Alemanha e Inglaterra. Não necessariamente nessa ordem. Estariam nesses lugares os clientes mais fixos e ali ele diz conseguir lucros que fazem valer a movimentação. Sobre a Alemanha, por exemplo, onde está seu amigo Beto (30 anos), ele diz: *na Alemanha tem muita grana. Aqui em Portugal não tem grana. Então, se eu quero carreira, se eu quero uma vida de luxo, é lá fora. De certeza.*

No entanto, nos intervalos entre as viagens de trabalho, ele costuma voltar para descansar em Lisboa, onde está a sua *casa*. Durante as viagens, ele opta por hospedar-se em hotéis, ou locar AirB&B, dependendo da cidade e dos preços cobrados. A casa de amigos é também uma opção, quando há condições de trabalhar nela. Ele detalha um pouco a operação desse processo:

Eu mantenho minha casa em Lisboa. Eu preciso ter um lugar para ter as minhas coisas. O meu documento é aqui. É preciso, eu gosto de saber que eu tenho um lugar para voltar. Eu conheço pessoas que viajam com duas malas, uma mala e uma mochila, e é feliz. Eu não consigo ter esse tipo de vida. Chega uma hora que eu quero voltar para minha casa. E socializar com os meus amigos. Saber que as minhas coisas estão num guarda-roupas. Que os meus documentos estão guardados. Não consigo me limitar a uma mala. O máximo que eu consegui ficar fora foram 4 ou 5 semanas (Nando).

Nando figura entre uma parte dos interlocutores que consegue se comunicar em idiomas diferentes, pois fala espanhol, inglês e *arranha* francês. Isso lhe permite transitar por contextos mais alargados e negociar com clientes mais variados. Tal situação faz com que ele consiga viajar mais e, em vista disso, passar mais tempo *fora de casa*, isto é, longe de Lisboa/Portugal. No entanto, a situação de boa parte dos interlocutores, sobretudo aqueles recém-chegados à Europa, é um pouco diferente, A maior parte desses interlocutores não fala, *com segurança*, como dizem, outros idiomas. Eu sempre os interrogava sobre isso. Xande me explicava assim:

Querido, elas [os escorts] são rápidas. Hoje em dia, é tudo no Google Tradutor. Não precisa de falar muita coisa. Só escrever num papel o valor e o tempo. Tem uma foto, escreve no papel e está já. Fala aquele inglês do puteiro, bota no papel o preço que cobra e já está ótimo. Inglês do puteiro é o básico que toda prostituta deve saber (Xande, 28 anos).

A estratégia do Google Tradutor foi muito presente em meu campo. Não só ele, mas outros aplicativos de tradução instantânea inseridos no *Grindr* e no *Hunqz* que viabilizavam as conversas e negociações. Era assim, por exemplo que Zuca Da Leste transitava por outros países. Aliás, ele me contara da enorme vontade de ir à Suíça, mas do enorme receio, pois, se por um lado o trabalho sexual *paga bem* lá (um atendimento na Suíça pagaria €300; em Portugal, em torno de €60), também haveria muita fiscalização, já que o exercício do trabalho sexual é uma profissão regular e paga imposto.

A atuação do Estado em termos de fiscalização do trabalho sexual não agiria no sentido da proibição de seu exercício, mas como forma de controle de que seu exercício estivesse em dia com as obrigações fiscais. Não pagar imposto no exercício dessa atividade laboral é agir na clandestinidade. Uma alternativa que alguns *escorts* encontravam, nos primeiros tempos, era não criar vínculo residencial e mudar constantemente de alojamento. Por exemplo, fazer reservas curtas em AirB&B, algo como mudar de local a cada dois dias. Os *escorts* que encontrei na Suíça agiam na clandestinidade, pois não pagavam os impostos devidos pelo exercício da profissão.

Há um receio, que me parece comum a todos eles, que é do desconhecimento da língua do país. É, também por isso, que as viagens costumam ser em duplas ou trios. Geralmente um dos *escorts* conhece um pouco a língua, ou a hospedagem é em alguma *praça* que alguém fala a língua local. As viagens com amigos são vantajosas, especialmente quando algum dos amigos fala inglês ou conhece a língua local, pois não obriga os *escorts* a inserirem-se em uma *praça* daquele lugar, mas podem criar, momentaneamente, uma *praça* deles em que os preços serão os cobrados pelo *site* de aluguéis e não os superfaturados pelo dono ou dona da *praça* pré-existente.

Eu fui entendendo que as viagens ocorriam a partir de uma rede de clientes já contatada a partir de Portugal, mas também a partir de uma rede criada entre os próprios *escorts*. Tratava-se de pessoas que estavam em *turnê internacional*, rodando a Europa, e informando onde *dava mais dinheiro e tinha futuro*; ou pessoas que escolheram/conseguiram se estabelecer em algum país que parecia mais rentável em relação a Portugal. Essas redes permitiam que eles circulassem, encontrassem *conhecidos* nas *praças* onde chegavam, criassem novas *praças* com

os amigos em viagem, ou tivessem *pessoas de confiança* que os guiassem nos primeiros tempos no novo lugar a fim de uma melhor adaptação.

Essas pessoas *locais* teriam certa experiência na dinâmica da vida do lugar, o que poderia facilitar um pouco a atuação do recém-chegado. Em outros casos, as redes se formavam a partir da dinâmica do processo de trabalho e durante a própria perambulação. Em situações menos comuns, elas também se formavam na dinâmica das relações amorosas dos próprios *escorts* que acabavam envolvendo-se uns com os outros.

Essas redes transnacionais dos *escorts* também informam sobre um circuito que pode ser mais lucrativo e vantajoso para que seja seguido, informam sobre rotas que não devem ser seguidas, pois *não dão dinheiro*, ou são *perigosas*. Dago dizia com certa frequência: *Leste Europeu é mais pobre que aqui, não precisa ir. Verão: é sul e praia. Algarve, ou Espanha, Ibiza, Formentera. Você fala inglês, vai para a Itália.*

Renato Araguaia (35 anos) fala que sua permanência na região de Lisboa diz respeito menos às possibilidades de trabalho e mais às questões familiares, já que sua mãe (que tem cidadania portuguesa), reside parte do ano ali. Para o exercício do trabalho sexual ele prefere a Itália e a Alemanha, onde diz trabalhar muito bem com ganhos substancialmente mais significativos que em Portugal.

Aqui que é só encheção de saco, que eles querem saber se você vai virar de cabeça pra baixo por 10, 20 euros. E pergunta se pode gozar duas vezes ainda por 10 euros. Então, são por essas e muitas outras que eu não consigo me fixar nesse país [Portugal], nem gostar e querer estar aqui. Minha ligação aqui é minha mãe. Só.

Sua experiência com o mercado português faz eco a muitas reclamações presentes nas conversas com os diferentes interlocutores ao longo do trabalho de campo. As reiteradas tentativas de barganha por parte dos clientes portugueses, o baixo preço pago pelos atendimentos, bem como as altas exigências foram questões recorrentes. O que parece claro é que os *escorts*, se não tiveram uma preparação adequada para planejar a viagem do Brasil para a Europa, quando chegam à Europa começam a entender como é a dinâmica do processo aqui e passam a ser estratégicos na organização dos trânsitos que operarão no e pelo continente. Fazem contas, avaliam ônus e bônus. Desenvolvem habilidades no planejamento das *turnês*. Muito diferente do *improviso* que caracterizara a vinda para a Europa.

Há um investimento na circulação como forma de efetivar um trabalho mais rentável. Opta-se pelo deslocamento como regra. Esses interlocutores mantêm os vínculos com o Brasil. Alguns mantêm um casa fixa em Lisboa. A forma de trabalho é que se organiza viajando por

diferentes países da Europa. Ao me deparar com essa realidade desse grupo de interlocutores, logo a relacionei com a noção de *entre-lugar* proposta por Homi Bhabha (1998). O autor questiona a rigidez das identidades fixas, acabadas, fechadas em si mesmas. Como alternativa, ele propõe pensar identidade nas fronteiras de diferentes realidades e sujeitas a diferentes estímulos que estariam em permanente disputa.

A noção de entre-lugar se constituiria justamente a partir de um pensamento liminar, construído nessas fronteiras, quem sabe entre o familiar e o estranho, o nacional e o estrangeiro, a casa e a rua, o próximo e o distante. O entre-lugar ocupa o *devir*, não se aloca nos extremos e elabora sentido a processos produzidos a partir de diferenças culturais que são articuladas por meio de estratégias de subjetivação.

Essas questões todas parecem mostrar que ora Portugal, ora Europa funcionariam como entre-lugares para alguns desses *escorts*. Quando Portugal é uma espécie de entre-lugar, o Brasil seria a referência fixa para onde todo o movimento empreendido em Lisboa e outras cidades reverberaria. As relações em Portugal seriam fronteiriças, algo como um meio, mas as referências estariam dadas em outras bases. Se a Europa funcionaria como uma espécie de entre-lugar, Portugal e o Brasil, ainda que em diferentes escalas, poderiam aparecer como referências de lugar. Não um lugar geográfico, material, físico, mas uma alternativa segura e algo mais duradouro. A Europa, nesse caso, seria o lugar do trânsito, do deslocamento, da mobilidade, da itinerância.

Penso em entre-lugar, ao perceber a circulação *de praça em praça*, seja por Portugal, seja pela Europa porque entendo que os meus interlocutores, tal como teorizado por Bhabha, constroem estratégias de agência ao se (re)posicionarem nas relações de poder que estabelecem ao transitar por um determinado circuito do trabalho sexual em uma condição de alguma “vantagem” diante de outras modalidades de prestação desses serviços. Não entendo que haja muitas possibilidades para eles deixarem de estar em um entre-lugar, porque parece que se constituem *escorts* justamente ali, nessas fronteiras, nesse espaço liminar. Espaço esse que também é produtivo, híbrido, ou como prefere Bhabha, como o próprio local da cultura. Quer dizer, o local da cultura é o entre-lugar dos hibridismos. Penso que os sujeitos de minha pesquisa, em um périplo *de praça em praça* personificam isso.

Aliás, isso parece produtivo no contexto da minha pesquisa porque os entre-lugares são justamente próprios para a emergência das mais variadas formas de negociação. Negociação de existência e, quem sabe, a negociação para a realização dos sonhos. São nos entre-lugares, nessas territorialidades transitórias que vão se organizando nexos comuns a partir de individualidades diferentes caracterizadas a partir de intersubjetividades insurgentes. Cria-se

uma “solidariedade aflitiva” entre esses sujeitos no sentido de uma “invenção criativa” (Bhabha, 1998, p.29).

Há certo *glamour* em pensar essa perambulação continental. Uma coisa um pouco *mambembe*⁵¹. Ora aqui, ora ali. A dimensão marginal, estranha, deslizante e desestabilizada do entre-lugar parece que fica subsumida pelas constantes atualizações do *feed* nas redes sociais. Eu entendi a circulação pela Europa era uma parte central no exercício do trabalho sexual de alguns interlocutores. Boa parte do tempo deles de Europa era sem um paradeiro fixo. Nesse sentido, eu fui percebendo, à medida que o trabalho de campo transcorria, que eu precisava perambular com aqueles *escorts* que estavam *fazendo praça* fora de Portugal. Foi assim, tecendo redes de contato, que eu consegui viajar pelos dez países europeus que os interlocutores apontaram como os mais rentáveis para o exercício do trabalho sexual de homens brasileiros na Europa.

3.5. O antropólogo *puxando mala de praça em praça*

Minha empreitada *de praça em praça* começou em dezembro de 2020, cobriu uma parte do verão de 2021 e foi intensificada nos primeiros seis meses de 2022. No inverno de 2020, a partir dos contatos com um amigo de André (30 anos), que chegara há alguns meses a Madri, decidi começar o que chamei de *périplo de praça em praça*. Meu contato em Madri era Diogo (31 anos). Ele é paulista e trabalhara algum tempo no mercado financeiro no Brasil e em outros países da América Latina. Um cansaço do trabalho, uma curiosidade com a Europa e a vontade de *mudar radicalmente de vida* o fizeram embarcar rumo ao *sonho europeu*.

Nos encontramos no bairro de Malasaña, uma região vibrante e, cada vez mais *LGBTfriendly* da cidade e em nossas perambulações pelo “circuito gay” da *movida madrileña*, Diogo fazia incessantes reclamações de *ter que ter ido parar* no trabalho sexual. No entanto, como todo o seu dinheiro era proveniente do trabalho sexual, era isso que lhe permitia circular por Madri e começar a desfrutar a cidade. Sua clientela era composta, basicamente, por homens com mais de 55 anos, todos espanhóis e que lhe pagavam em torno de €150 a hora.

⁵¹ Mambembe é um termo que geralmente é usado para descrever algo que é improvisado, de qualidade inferior, malfeito ou que carece de recursos adequados. Pode ser usado para caracterizar uma produção teatral de baixa qualidade, uma solução temporária ou mal planejada para um problema, ou qualquer coisa que pareça amadora ou precária. É amplamente utilizada no Brasil para descrever algo que é feito de maneira tosca, rudimentar ou improvisada.

No verão de 2021, segui interlocutores na Bélgica e nos Países Baixos, nas cidades de Antuérpia e Bruxelas na Bélgica e Rotterdam e Amsterdam nos Países Baixos. Nando, Yuri e eu ficamos quase 20 dias juntos nas quatro cidades. Antuérpia e Rotterdam pareciam ser estratégicas, pois seriam polos regionais e cidades portuárias. Por elas passariam muitas pessoas. Além disso, elas eram o meio do caminho entre Bruxelas e Amsterdam. Nando tinha um cliente fixo em Antuérpia e Yuri em Haia, muito próximo a Rotterdam. As duas cidades eram *de negócio* e atrativas do ponto de vista populacional, com ótima qualidade de vida e, segundo eles, ricas. Alguns clientes que eles angariavam eram de lugares menores no em torno delas. Em Antuérpia e Rotterdam eles tinham menos tempo livre, pois a clientela era mais frequente, seja local ou vinda de cidades vizinhas.

Em Bruxelas o ritmo também era acelerado e demandava programas mais longos. Na cidade havia um público muito específico: alto empresariado belga ou estrangeiro e pessoas ligadas à diplomacia em razão da cidade ser capital da União Européia. Esses dois públicos, com alto poder aquisitivo, fariam com que o preço dos programas fosse inflacionado em vista, também, das exigências que a clientela fazia, tanto em termos de fantasias sexuais, como de acompanhamentos em diferentes eventos sociais. Em Amsterdam era mais lazer que trabalho. O ritmo de trabalho era menor. Eles atendiam um cliente, ou dois por dia. Evitavam programas de noite inteira. Os 5 dias que passamos na cidade foram mais de passeio e menos de trabalho para eles.

Em 2022 encontrei com Yuri em Paris. Ele resolvera se estabelecer numa cidade próxima, Beauvais, a cerca de 60 km da capital francesa. Distante uma hora e dez minutos de trem. Na cidade há um aeroporto de empresas *lowcost* e uma fábrica da Massey Ferguson, com mais de 1600 funcionários. Os preços são sensivelmente mais baixos que em Paris e ele consegue ir e voltar a Paris rapidamente, a baixo custo.

Estar baseado, durante aquela temporada, em Beauvais era estratégico porque ele conseguia atender seus clientes fixos em um espaço privado e individual, que era discreto, além de conseguir clientes de cidades menores, que contatava via *Hunqz* ou *Grindr*. O entretenimento era em Paris, onde costumava passar os finais de semana. Eu o acompanhei em um desses. Yuri, na noite parisiense, procurava o que ele chama de *underground gay*. Ele caracterizava isso como festas que permitiam e pessoas que se permitiam transgredir.

Eu o acompanhei em uma festa em uma capela abandonada. A festa começava com o público vestido e acabava com quase todo mundo nu. Não havia naquele contexto de lazer, qualquer indicação de trabalho no radar de Yuri. O circuito de entretenimento em Paris também previa engate nos Jardins des Tuilleries em frente ao Museu do Louvre, onde também ocorria

o que ele chamava de *baixa prostituição*, que é como ele nomeia o trabalho sexual de rua feito ali. Sua perambulação de *day off* costumava completar-se na sauna. Yuri via a sauna como um ambiente de sociabilidade. Na sauna, ele me contou que *nós* éramos diferentes, que os franceses *não saberiam de cara de onde nós éramos. Aqui é diferente de Portugal. Aqui não somos fetiche. Fetiche aqui é senegalês, é argelino, é árabe. A gente é diferente. Mas quando a gente diz que é brasileiro, eles adoram.*

Depois dessa temporada com Yuri, reencontrei Nando em Londres em maio. Entre alguns interlocutores de minha pesquisa, Londres aparece como o destino a ser conquistado, *a cidade*. A maior parte deles ambiciona conseguir trabalhar ali, onde se ganharia *muito mais dinheiro*. Os clientes costumam ter, pelo menos, 50 anos, são em sua grande maioria ingleses e pagam em torno de £250 para encontros de uma hora.

Ele diz que as avaliações dos clientes nos *sites*, sempre evidenciam a sua brasilidade e que isso seria vantajoso como propaganda. *Escorts* de outras nacionalidades, na visão dele, não contariam com avaliações que evidenciassem a sua nacionalidade. Talvez em outro contexto, isso pudesse ser lido como xenofobia, mas penso que a chave tem mais a ver com a forma como estou lendo a *sexotização* e o uso que esses brasileiros fazem de certo imaginário sobre a brasilidade nesse nicho dos mercados do sexo, conforme tratei no capítulo anterior.

Os dias em Londres foram de muitas fotografias em pontos turísticos quando ele não estava trabalhando. Eu fui alçado à condição de fotógrafo de Nando. Fotografar em pontos turísticos, em cafés, bares e restaurantes, era tão importante quanto uma noite de muita *putaria* nas saunas e bares. Ter boas fotos era garantia de atualizações constantes do *feed* das redes sociais. Fotos de diferentes momentos em Londres mostraria *que você tem bala na agulha*, repetia ele. *É uma cartada certa*.

Nessa etnografia *de praça em praça*, durante o verão de 2022, em Barcelona, encontrei com Otto. Nós passaríamos um período juntos em Barcelona e Viena, onde ele encontraria o seu namorado, um ativista palestino na diáspora. Barcelona já estava muito quente e cheia de turistas. Otto costumava passar longas temporadas do verão em Barcelona e região, pois o mercado ficava muito aquecido. Os pontos turísticos de Barcelona eram procurados por meu interlocutor para fotografar. Tal como ocorrera em minhas experiências anteriores. Eles precisam fotografar em lugares conhecidos das diferentes cidades. Isso parecia ser um capital importante no trabalho sexual dos *escorts*. Além disso, Otto queria muito expor seu corpo malhado (pela hipertrofia dos exercícios e pelos esteróides anabolizantes) na Barceloneta, e em Marbella, a praia nudista e “gay”. Assim o fizemos.

Em função do namorado e de dois clientes fixos que tem em Viena, Otto faz viagens mensais à cidade. Um dos clientes é de uma cidade do interior da Áustria, próximo a Viena e vai a Viena especialmente para estar com o *escort*. Naim, o namorado, tem 27 anos, é palestino da cidade de Rafah, ao sul da Faixa de Gaza, na fronteira com o Egito. Ele é gay, palestino, muçulmano praticante, na diáspora e ativista político. Saiu da Palestina aos 20 anos e nunca mais retornou. Seus dois irmãos mais velhos foram assassinados no conflito com Israel. Ele não quis ficar para morrer. Seu pai já é falecido. Quando fala em sua mãe, chora. Ela segue em Gaza e encarregou-se de cuidar a sogra e a sua própria mãe, ou seja, as avós de Naim. Ele fala regularmente com a mãe. Ele viveu em diferentes países da Europa e se estabeleceu na Áustria, onde se inseriu em um grupo ativista palestino e conseguiu formar-se em Informática. Naim foi cliente de Otto. Apaixonaram-se e começaram a namorar há pouco mais de um ano.

Eu também estive em Berlim, naquele verão de 2022. Lá reencontrei Beto. Naquele verão Beto me “apresentou” Berlim a partir de um circuito de drogas e *sex parties*. Ele me disse que tinha tirado uma semana de férias: *tirei uma semana sabática para o fervo com você*. Beto tem um trabalho oficial em uma companhia financeira, onde opera no setor de recrutamento, mas sempre tem um cliente ou outro no trabalho sexual que ajudam a lhe garantir uma situação confortável em Berlim. Os clientes de Beto, com frequência, são empresários de fora de Berlim que estão na cidade fazendo negócios e o conhecem pelos *sites* de anúncios. Beto está baseado em Berlim e pretende construir sua vida na Alemanha.

Aqui tem festa todo dia, qualquer hora. Você aguenta? Foi assim que ele me recepcionou quando cheguei a sua casa no bairro *hipster e alternativo* de Kreuzberg. Havia uma variedade de drogas na casa de Beto, à livre escolha. *São anos no mercado*, dizia ele. Nas festas que fomos, Beto estava acompanhado de um grupo de amigos brasileiros e com eles formamos uma turma. Ele repetia que o trabalho sexual em Berlim era diferente daquele que ele exercera em outras cidades da Europa e mesmo no Brasil. *Em Berlim, sem pagar, as pessoas já fazem de tudo*. Não haveria limites para o sexo e prazer em Berlim. Portanto, a tônica ali era *realizar as fantasias mais bizarras dos clientes*. Geralmente, essas fantasias envolviam escatologia e violência física. Às vezes uma combinação entre ambas que beirava o perigo. A dor quase sempre fazia parte desses momentos. *Testar limites*, dizia ele. *Claro que isso não custa o mesmo que ir ali comer um cu, gozar e ir embora. Custa mais, custa bem mais. E eu tenho me especializado nisso*.

Abro um breve parêntesis aqui para dizer que na fala de Beto há uma articulação entre sexualidade, erotismo, violência e gênero, tal como pensada por Maria Filomena Gregori (2014) ao refletir sobre os “limites da sexualidade”, quando problematiza a relação entre prazer e

perigo. Na perspectiva de Gregori esses limites indicariam “a ampliação ou restrição de normatividades sexuais e, em particular, na expansão de maior tolerância ou não daquilo que é considerado abusivo e o que passa a ser qualificado como normal” (2014, p. 51).

Eu também estive em Luxemburgo, na cidade do Luxemburgo. Lá eu reencontrei Nando e passaria com ele uns dias na cidade e depois iríamos para a Suíça. Na Suíça a ideia era passar uns dias em Zurique e na sequência ir a Genebra. Nessas três cidades, Nando já tinha acertado encontros com clientes. Eu cheguei a Luxemburgo no dia 21 de junho de 2022. Nando também chegou nesse dia. A cidade estava repleta de gente. Na noite de 22 de junho começam as celebrações do Dia Nacional do Luxemburgo, que se comemora ao 23 de junho, data estabelecida como aniversário do Grã-Duque de Luxemburgo.

Pessoas de diferentes partes do pequeno país reúnem-se na capital. Por isso, segundo Nando, era estratégico estar ali naquele momento. Hotéis e pousadas, além de alojamentos locais ficavam lotados. Na oportunidade Nando atendeu três clientes que moravam no interior e dois da cidade do Luxemburgo mesmo. Luxemburgo é um país rico e paga um dos maiores ordenados mínimos do mundo. É o maior da região do Euro.

Outra questão interessante de *fazer praça* em Luxemburgo é a clientela. Nando comentava que as pessoas do interior eram *riquíssimas*. Eram fazendeiros. Isso contrastava com os seus clientes da capital. Na capital, basicamente, ele atendia pessoas ligadas à diplomacia da União Europeia. Algo que se parecia um pouco com o que eu observara em Bruxelas. Clientes diplomatas, embaixadores, ou gente ligada a esse *staff*.

Luxemburgo atrai essa alta burocracia da diplomacia europeia, pois há na cidade uma sede do Parlamento Europeu, escritórios do Conselho da União Europeia, da Comissão Europeia. Luxemburgo sedia o Tribunal de Justiça da União Europeia e o Tribunal de Contas Europeu. Logo, cada estado-membro tem um contingente significativo de seus nacionais trabalhando nesses órgãos, sem contar que tais instituições atraem pessoas de diferentes partes do mundo. *Esses homens engravatados que trabalham e circulam pela sede da União Europeia aqui em Luxemburgo executam os seus afazeres, mas também têm interesse em sentir prazer, querem transar e têm dinheiro. Aqui é estratégico. É tudo caríssimo, inclusive transar comigo.*

De Luxemburgo, Nando e eu fomos para Zurique. Nossa circulação basicamente foi por bares em que havia brasileiros. Os dias em Zurique foram passeando pela cidade e encontrando os amigos de Nando à noite. Todos eles faziam trabalho sexual e atendiam os clientes em casa. Mas tinha que ser tudo muito discreto, pois eles burlavam as leis locais. Ainda que não tivessem tido problemas com a polícia, esse era um receio constante. Segundo Nando, um programa em Zurique custaria, facilmente CHF300 (Francos Suíços), quase €300. Ele pouco trabalhou ali,

atendeu apenas a um cliente fixo. Eu percebi que sua ida a Zurique tinha um caráter de maior contato com os amigos brasileiros que ele passava mais tempo sem ver.

Em Genebra havia apenas dois programas confirmados. Nando costumava dizer que em Genebra ele era *especialista em Nações Unidas*, pois sua clientela era quase que exclusivamente de pessoas ligadas a corpos diplomáticos que trabalhavam na ONU. Afinal, como se sabe há muitos organismos da ONU sediados na cidade. Estão ali, por exemplo, A Organização Internacional do Trabalho, a Organização Mundial de Saúde, a Organização Mundial do Comércio, a Organização Internacional das Migrações, o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, o Escritório do Alto Comissariado para os Refugiados, o Escritório do Alto Comissariado para os Direitos Humanos, além do Conselho dos Direitos Humanos, entre outras tantas instituições.

Em Genebra não tivemos condições de perambular pelo “circuito gay”. Tínhamos apenas 3 dias na cidade e Nando, que teria apenas 2 clientes, acabou atendendo 5. Com um deles passou a noite e diz ter conseguido CHF1200. Fizemos muitas fotos. Ele dizia que ter fotos na Suíça era *um traço de distinção* no trabalho sexual. Ele falava a mesma coisa em relação a Londres. Quem vai à Suíça e à Inglaterra é como que conseguir chancelar-se como vitorioso no trabalho sexual, é uma espécie de *carimbo* de que sua *carreira internacional* é uma *carreira de sucesso*. Não apenas pelos ganhos, que são mais significativos, mas porque você conseguiu driblar as barreiras policiais e linguísticas. *Além de bom no que faz, você também mostra que é esperto. Belchior, não se dorme na Europa!*

A última parte de meu campo de *praça em praça* foi na Itália. A *praça* que Renato Araguaia faria em Roma não dera certo e ele foi para Veneza, que *estava fervendo de turista*, segundo me informou. No dia seguinte, quando cheguei a Veneza, ele passou o dia inteiro ocupado, pois estava acompanhando um cliente fixo de Pádua, cidade vizinha. Ele costuma encontrar esse cliente com frequência, mas nunca em Pádua, sempre em Veneza.

Nos vimos apenas em meu terceiro dia na Itália. Seus clientes em Itália são homens com mais de 50 anos, quase sempre italianos ou croatas, dada a proximidade geográfica com o país vizinho. Nos acompanhamentos que faz em Veneza, ganha €900. Ele diz que isso compensa, pois ali não usa drogas com os clientes, não precisa ficar acordado toda madrugada. As exigências são diferentes. Em nossa perambulação por Veneza, Renato Araguaia tornou manifesta uma questão que estava latente para mim.

A mobilidade não é apenas dos *escorts* a procura dos clientes. Mas esse é um movimento de mão dupla. Os clientes também transitam a procura de *escorts*. Boa parte dos clientes de Araguaia em Veneza, ainda que sejam italianos, não são venezianos. Eles, quase sempre são de

idades menores do em torno ou mesmo da Croácia. Fora isso, também são turistas que estão na cidade.

De Veneza fomos a Milão. No dia de nossa chegada apenas combinamos de nos encontrar para jantar e *dar uma voltinha pela cidade. Em termos de turismo, aqui é fraco. Aqui é moda, é glamour, é dinheiro.* Havia uma questão muito particular no trabalho sexual em Milão, segundo Renato Araguaia. Ali o público era constituído, majoritariamente, por homens assumidamente gays.

Entre esses homens, outra vez, a grande maioria estava envolvida com o mundo da moda. Eles eram ligeiramente mais jovens que os seus demais clientes em Itália. Poucos eram turistas, ainda que muitos fossem estrangeiros, que trabalhassem nas diversas empresas ligados ao setor da moda. *Aqui é só book rosa. No nosso caso, book azul,* dizia ele. Outra questão que Renato Araguaia aciona para mostrar como Milão opera de forma diferente e compensa é o fato de, às vezes, cobrar um pouco mais barato (em torno de €150), mas ganhar roupas e sapatos de grife, convites VIP para festas *badaladas, segunda fila em desfile de moda,* além de *network.* *Isso compensa muito mais. Você chega em Lisboa na estica, na grife, na pinta. As gay ficam loucas comigo.*

Algumas páginas antes, dialoguei com Jean Rémy e Liliane Voyé (1994) sobre como o processo de urbanização é atravessado e constituído por uma noção de mobilidade. Retomo a ideia de mobilidade, atrás apresentada, para pensar, a partir de Arjun Appadurai (1997), sobre *ethnoscape*. Esse neologismo problematiza um lugar-comum da antropologia – representado pelo encontro entre um antropólogo em movimento e um “nativo” “estático”. Appadurai defende que antropólogo e “nativo” estão em movimento e pertencem a lugares. O movimento não cessa para ambos e os lugares estão em permanente constituição. Penso que a noção de *ethnoscape* é bastante representativa das andanças que fiz pela Europa seguindo os interlocutores que perambulavam de *praça em praça.*

Ethnoscape pode ser uma alternativa interessante para refletir sobre a mobilidade deles e também a minha atrás deles, sobre os fluxos que eles empreendem por Portugal e pela Europa, pois, segundo Appadurai:

Por “ethnoscape”, eu entendo a paisagem de pessoas que constroem os mundos mutáveis em que vivem (turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores estrangeiros e outros grupos e indivíduos móveis). [...] porque cada vez mais pessoas e grupos se relacionam com a realidade de terem de se mover ou com a fantasia de quererem mover-se (Appadurai, 1997, p. 33-34).

Appadurai investe em desconstruir a ideia de um “nativo” associado a um lugar, que, de alguma forma, foi a maneira clássica que a Antropologia organizou uma leitura da cultura e do social. *Ethnoscape*, desse modo, desterritorializa os sujeitos contemporâneos a partir de um olhar atento aos fluxos e ao trânsito destas relações que se desenvolvem numa espécie de *devir* permanente, tal como fazem os interlocutores produzindo mundos possíveis a partir das *temporadas de praça e praça*.

A partir desse devir permanente, é que há, na percepção de Appadurai, a possibilidade de interpretar a fronteira como uma zona de contato e não de afastamento entre as diferenças. Porque não se está mais olhando para sujeitos e espaços estáticos, mas para *algo poroso e deslizante*, como diria Filomena Silvano (2017). A fronteira não deixa de existir. Mas, no caso de meus interlocutores, entendo, que eles experimentam diferentes *ethnoscapes*.

Habitam moradias temporárias, seja em *guest houses*, *hosteles*, alojamentos locais, *AirB&B*, ou as *praças* de trabalho, como reportei antes. Estão em diferentes cidades de diferentes países em curtos espaços de tempo. Em todos estes espaços físicos constituem lugares em que o que chama a atenção, é uma sensação de “recém-chegado” ou de “prestes a partir”. Nesse período em que perambulei atrás deles por dez países, quando os encontrava em suas “casas”, eu tinha a impressão de que eles ou estavam chegando, ou estavam partindo. Malas desarrumadas, roupas soltas, espaços impessoais. Tudo me lembrava mobilidade. Parece que havia uma tentativa de gerar exatamente uma desconexão do sujeito com o lugar, uma espécie de desidentificação. Havia ali qualquer coisa que não associava, à partida, o sujeito ao lugar.

Conversando com alguns desses interlocutores, acabo por perceber que isso pode ser, inclusive, acionado de maneira consciente. Alguns deles me contaram que era preciso mostrar aos clientes que eles eram *novidades* na cidade. Por isso, também, muitas “fotografias turísticas”. Ser *novidade*, *recém-chegado*, ou em *curta temporada* no lugar, como falei antes, é um estimulante para que o cliente queira ser o primeiro a ter com o *escort*, antes dos demais. Ou o contrário, aproveitar esse homem antes que ele parta para outras *praças*. Para tanto, o máximo de informações disponíveis que remonte à mobilidade, a trânsito, a malas sendo arrumadas, ou desarrumadas, pode ser, também, uma estratégia que corrobora uma outra dimensão do negócio do desejo.

Esse capítulo percorreu alguns lugares que parecem significativos no exercício do trabalho sexual de homens brasileiros em Lisboa/Portugal/Europa. Desde a cena que abre o capítulo, as

minhas tratativas para conseguir conversar com Zuca Da Lesta, sua recorrente negativa, nosso encontro e tudo que fora desdobrado dali, até o último dia de conversa com Renato Araguaia em Milão, quando quem *puxava mala* era o antropólogo, houve a possibilidade de refletir sobre trânsito e mobilidade a partir de eventos distintos.

Penso que a noção de estrangeiro é produtiva para perceber como os sujeitos da minha pesquisa vão tateando os caminhos que os trazem à Europa. A noção de estrangeiro entre os clássicos da Sociologia era vista como aplicada àqueles forasteiros que, de alguma forma, sofriam os impactos do contato entre diferentes culturas e que deveriam adaptar-se e assimilar a cultura onde chegavam. Os *escorts* com quem convive se debatem frente a isso. Na leitura clássica, apesar das agruras de ser estrangeiro, eles carregavam uma suposta vantagem: a liberdade. Uma espécie de “estrangeiridade” deveria ser superada a partir da “assimilação”. No entanto, a manutenção de algumas diferenças era fundamental para estruturar as relações. Talvez isso continue a aplicar-se, sobretudo em se tratando dos mercados do sexo. No caso de meus interlocutores, ser estrangeiro funciona também como uma marca que precisa ser mantida e reinventada, pois é uma parte importante do negócio do desejo que lhes confere alguma vantagem em um cenário completamente povoado por adversidades.

Atentar aos trânsitos *de praça em praça* a partir das noções de *heterotopia*, *não-lugar* e *ethnoscape*, mais do que ser conclusivo, antes essas percepções são *insights* que pareceram adequados e rentáveis. Em relação a isso, é manifesta a potência de pensar a construção social dos lugares a partir das experiências dos sujeitos em suas relações mais micro e, depois, com o seu em torno mais alargado. Um outro olhar sobre o espaço público e as relações com o espaço público nas cidades, bem como a possibilidade de transitar por diferentes países ganhando dinheiro e repertório.

Quero destacar ainda os eventos que envolvem a “preparação” das viagens desde os contextos de origem no Brasil, caracterizadas, em geral, pelo *improviso*; a chegada e estabelecimento em Portugal, quase sempre, atravessados por *perrengues* de todos os níveis; a compreensão da realidade portuguesa e o entendimento de que realizar o *sonho europeu* seria uma tarefa um pouco mais complexa e exigiria passos mais ousados no *trottoir*; a circulação pela *Europa rica*, *fazendo praça e puxando mala*, como forma de alcançar os objetivos.

Por fim, um depoimento muito pessoal. A produção dos dados em campo se deu de forma itinerante, como o campo exigia, afinal assim ele construíra-se. Foi um ritmo acelerado, sobretudo pensando a partir das viagens que eu tive que fazer. A mala que eu *puxava* estava sempre sendo arrumada e desarrumada simbólica e concretamente. A rotina de avião, trem e ônibus foi a tônica. Caminhadas. Longas caminhadas diárias. Noites muito mal dormidas. Uma

rotina que certamente eu não daria conta por muito mais tempo, mas que me pareceu fundamental para me aproximar de alguns interlocutores e experimentar, ainda que com muitas ressalvas, aquele *trottoir* estilizado *de praça em praça*.

Capítulo 4

Cliente é cliente: problematizações a cerca desse outro do trabalho sexual

Interlocutores do capítulo

Andrade: 35 anos, é nascido na cidade de São Paulo. Considera-se *pardo*. *Mas às vezes eu sou moreno, às vezes eu sou branco. Depende.* Ele tem 1,77m, 70kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino médio cursado no Brasil (o equivalente à conclusão do 12º ano em Portugal). Ele está na Europa há cinco anos. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele está movimentando os papéis para pleitear a cidadania portuguesa. A profissão oficial do interlocutor é cabeleireiro. Ele considera-se de classe média. O trabalho sexual funcionara como um *desenrasque* durante a pandemia de Covid-19. Andrade considera-se *gay*. Ele não fala nenhuma língua estrangeira.

Beto: 30 anos, é nascido em São Paulo capital. Considera-se *moreno* ou *pardo*. Ele tem 1,80m, 73kg e corpo definido como *malhadinho*. Possui ensino superior (o que equivalente à licenciatura em Portugal) na área de Ciências Sociais e Humanas cursado no Brasil. Ele está na Europa há oito anos, passou pouco tempo em Portugal e hoje vive na Alemanha. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele está prestes a receber a residência alemã. O interlocutor tem uma profissão oficial para além do trabalho sexual, que funcionaria como um extra. Beto considera-se *bicha*. Ele fala inglês, alemão, espanhol e um pouco de francês.

Dagoberto: 34 anos, 1,78m, corpo magro/definido. Ele é de uma cidade do interior de Minas Gerais. Define-se como branco. Completou o ensino médio (12º ano) no Brasil. Ele considera-se homossexual. Do ponto de vista da documentação consular em Portugal, ele está em processo de regularização. Ele não tem uma profissão oficial. Mas já fez um pouco de tudo. Em termos de classe social, Dagoberto considera-se de classe média. Ele comunica-se em inglês e espanhol.

Dinho: 23 anos, é nascido em Recife, Pernambuco. Considera-se *moreno*. Ele tem 1,70m, 68kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino fundamental incompleto cursado no Brasil. Ele está na Europa há sete anos. Veio para Portugal acompanhar sua mãe, que faz trabalho sexual. Sua residência era em Lisboa, mas na metade de 2021 mudou-se para Barcelona, onde permanecia até o momento final da pesquisa. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular, ele tem cidadania portuguesa. Sua profissão é o trabalho sexual e considera-se de classe média-alta. Dinho assume-se *bissexual*. Ele não é fluente em nenhuma língua estrangeira, mas diz *virar-se em espanhol*.

Gonçalo é português e tem 42 anos. Considera-se *gay* e branco, de estatura mediana e magro. Possui ensino médio completo. Considera-se de classe média. Atualmente é cabeleireiro. Conheci Gonçalo em uma sauna de Lisboa. Ele é cliente de *escorts* brasileiros.

Joseph é estrangeiro. Ele está na casa dos 60 anos, é branco, alto e magro, de classe média alta, com ensino superior completo na área de Comércio Exterior, tem pós-graduação. Ele é casado com uma mulher, que integra o corpo diplomático do país de origem deles em outro continente. Ele tem filhos que vivem em países diferentes. Joseph é político, tendo atuado no Parlamento Europeu. Um político conservador. Joseph é cliente de *escorts* brasileiros.

Lauro: 35 anos, é de Goiânia, Goiás. Considera-se negro ou pardo, tem 1,83m, 80kg e corpo definido como *parrudo*. Possui superior completo na área de Ciências Sociais Aplicadas. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular. Espera conseguir regularizar-se para poder sair de Portugal. Lauro vive em Portugal desde 2019. Ele considera-se gay e comunica-se apenas em português.

Manel é português e tem 45 anos. Considera-se gay. Já viveu fora de Portugal, na França e na Suíça. Possui ensino superior incompleto, na área das ciências humanas. Considera-se de classe média. Atualmente é assessor financeiro. Considera-se branco, baixo e com *barriguinha*. Ele é cliente de *escorts* brasileiros.

Marcos Torres: 32 anos, é nascido no interior de Mato Grosso. Considera-se branco, tem 1,78m, 75kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino médio completo. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, ainda é irregular, mas está organizando os documentos para a “manifestação de interesse”. Marcos Torres vive em Portugal desde 2020. Ele tem um emprego oficial *part time* em um café. O interlocutor considera-se gay. Ele comunica-se apenas em português.

Matheuzinho: 24 anos, é nascido na cidade de Ipatinga, interior das Minas Gerais. Considera-se pardo, tem 1,81m, 75kg e corpo definido como *magro*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular, mas diz estar tentando regularizar-se: *já entreguei a papelada para a advogada*, contou. Matheuzinho chegou a Portugal com a pandemia de Covid-19, em março de 2020. Ele considera-se gay. Entende-se como *pobre, trabalhador* e só se comunica em português.

Otto: 31 anos, é nascido em Goiânia, Goiás, mas mudou-se para o interior muito jovem. Viveu em Anápolis, Pirenópolis, até regressar para Aparecida de Goiânia, cidade conturbada à capital. Considera-se *branco*. Ele tem 1,75m, 72kg e corpo definido como *barbie*, ou seja, muito musculoso. Possui ensino superior na área de Ciências Agrárias cursado no Brasil. Ele está na Europa há sete anos. Sua residência fixa é em Lisboa, mas ele passa boa parte do ano viajando a Europa a trabalho. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular. Sua profissão é o trabalho sexual e considera-se de classe média-alta. Otto diz-se *gay*. Ele fala inglês.

Renato Araguaia: 35 anos, ele é do interior do estado do Tocantins. Considera-se branco e com um corpo dito como *normal*. Ele tem 1,75m, 78kg. Possui curso superior completo, realizado no Brasil na área de Publicidade e Propaganda. Sua documentação consular em Portugal está irregular. Sua mãe tem cidadania portuguesa e ele está em processo. Considera-se gay, de classe média e se comunica em inglês e espanhol.

Robinho: 25 anos, e é baiano de Salvador. Considera-se negro, tem 1,80m, 78kg e corpo definido como *malhadinho*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele vive em Portugal desde 2017. Não costuma viajar pela Europa. Suas viagens são apenas por Portugal. Robinho se diz de classe média e identifica-se como gay. Ele se comunica apenas em português.

Vasco é português e tem 50 anos. Considera-se bissexual. Nasceu no interior do país, na região norte e vive em Lisboa há 15 anos. Possui ensino médio completo. Considera-se de classe média-baixa. Atualmente trabalha em uma barbearia. Considera-se branco, alto e magro. Conheci Vasco no bar de um clube de *cruising*. Ele é cliente de *escorts* brasileiros.

Yuri: 27 anos, é nascido em Curitiba, Paraná. Considera-se moreno, tem 1,83m, 70kg e corpo definido como *magro, definido*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele possui título de residência há três anos, embora viva em Portugal desde 2016. Ele já teve residência fixa em Lisboa, mas agora está investindo na carreira internacional, portanto vive de forma itinerante entre os diferentes países. Ele pretende estabelecer-se em 2023 na Alemanha. Yuri considera-se homossexual. Ele é fluente em inglês e sabe comunicar-se em francês, espanhol, italiano e um *pouquinho* em alemão.

Zeca: 31 anos, é do Rio de Janeiro. Considera-se mestiço, tem 1,83, 79kg e corpo *magro definido*. Possui ensino superior na área de Ciências da Saúde. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular. Ele vive no país desde 2020. Considera-se de classe média, pensando a partir de sua realidade brasileira. Zeca considera-se gay. Ele comunica-se apenas em português.

Zuca Da Leste: 22 anos, é de São Paulo capital, da região do Campo Limpo, zona leste da cidade. 1,70m, 60kg, branco, com um corpo magro, ora definido, ora bem magro, ora levemente malhado. Completou o ensino médio (12º ano) e falava apenas português. Considerava-se gay. Com os clientes, ele preferia performar como “mano da periferia”.

Meu primeiro encontro com Joseph (60anos) foi ontem. Marcos Torres (32 anos), depois de dois meses, finalmente me passou o contato dele. Joseph é seu cliente, estrangeiro, e vive em Lisboa há dois anos. Foram muitas idas e vindas para conseguir esse contato. Até áudios explicando a minha pesquisa eu precisei enviar para ele a fim de que ele acreditasse que a pesquisa era, de fato, uma pesquisa. Foi um verdadeiro périplo. Foi interessante, mas um pouco sombrio.

Marcos Torres ficou grato a mim porque eu o ajudei com sua regularização documental. Preenchi formulários da Segurança Social, intermediei suas tratativas para submissão do processo para obtenção dos benefícios do Acordo de Porto Seguro. O acompanhei ao Consulado do Brasil em Lisboa para conseguir as certidões necessárias, bem como mobilizei uma rede que indicou os caminhos para que ele conseguisse fazer o uso regular da PREP, sem precisar recorrer a atravessadores.

Penso que tudo isso fez com que ele confiasse em mim e, ao mesmo tempo, ficasse grato e quisesse retribuir tais ajudas. Para mim, era menos ajuda e mais trabalho de campo. Depois dessa maior proximidade, eu comecei a sugerir que ele me apresentasse algum cliente. Eu queria olhar a questão também a partir do ponto de vista deles. Foi nesse contexto que ele começou a falar sobre mim e sobre a minha pesquisa para Joseph.

Joseph está na casa dos 60 anos, é branco, de classe média alta, com ensino superior completo na área de Comércio Exterior, tem pós-graduação. Ele é casado com uma mulher, que integra o corpo diplomático do país de origem deles em outro continente. Ele tem filhos que vivem em países diferentes. Joseph é político, tendo atuado no Parlamento Europeu. Um político conservador. Sua saída de seu país foi motivada por alguns escândalos envolvendo fortes indícios de corrupção. Portugal é uma espécie de exílio para ele. Além de, ironicamente, ser o seu autoproclamado paraíso para o encontro com os homens sem tantas restrições: afinal ele é um desconhecido aqui e está longe da família. Tudo com ele é muito cauteloso, mas sente-se mais livre, ainda que com uma vida mais modesta.

Marcos Torres me alertara sobre Joseph: você não dá brecha pra ele, ele é bem atrevido. Fiquei com essa informação na cabeça. Fui à casa de Joseph ontem, terça-feira, 20h, verão desse 2021 que promete ser o último da pandemia. Joseph vive em uma casa de fachada antiga próxima a uma importante avenida de Lisboa. O espaço interno é completamente diferente, todo moderno, reformado. Havia requinte, sofisticação e nada de exageros. Havia uma mesa posta para o jantar, havia velas, havia Tom Jobim e Vinícius de Moraes cantando para me receber. Tudo indicava que a cena estava preparada para um date. Foi engraçado. Havia fotos de Joseph com a esposa e os filhos. Havia fotos dele com políticos de seu país. Uma, em especial, me chamou a atenção, pois ele estava com um político muito conhecido. Ele me perguntou se eu o conhecia. Eu disse que sim. Ele passou a contar histórias dos dois.

Ainda que houvesse a promessa do fim da pandemia, vivíamos sob os auspícios da peste. Joseph era negacionista em relação à pandemia de Covid-19, às vacinas, às políticas sociais. Foi muito complicado ouvir tantas questões que ele falava com aparente propriedade, mas que eram basicamente um gradiente de fake news. Ora ele falava essas teorias falaciosas, ora me cortejava. Eu tentava, de toda forma, centrar nosso encontro em meu interesse de pesquisa. Quando eu fazia isso, ele teorizava sobre autores da Antropologia e me questionava sobre alguns deles. Isso foi muito curioso. Os primeiros momentos foram então de flerte e exame. Depois de um tempo, conseguimos conversar sobre a pesquisa. Havia um vinho de seu país. Havia outras bebidas. Ele preparara uma comida típica à base de tomates e peixes.

Como sobremesa, além de café e doces, ele me mostrou uma sofisticada seleção de drogas, que ele colocou a minha disposição e escolha para uso. Eu gentilmente agradei e declinei. Ele dispunha as drogas em um aparador do corredor em gavetas diferentes. Essas duas gavetas tinham chaves. Até as drogas eram armazenadas de forma elegante. Fiquei pensando como aquele cenário poderia ser atraente aos escorts. Além disso, como era atraente ouvir as histórias de Joseph, quando ele não escolhia suas pautas conservadoras e negacionistas. Ele falava com propriedade de diferentes países do mundo. Conversava sobre música e literatura. Sobre turismo, sobre florestas. Pareciam duas pessoas diferentes, pois sem qualquer cerimônia ele enveredava para as fake news e para um xenofobia em relação aos imigrantes que chegavam ao seu país de origem.

Sobre os homens brasileiros, pelo que mostrou em nosso encontro, era quase só elogio e desejo. Vez ou outra deixava escapar um comentário com tom racista, classista e xenófobo imediatamente seguido por um pedido de desculpas. Ao sair da casa dele, no caminho até o metro, pensei no quão multifacetado pode ser o perfil dos clientes. Fiquei pensando na complexidade desse universo e em como ele ainda era tão invisível para mim e indecifrável para tanta gente. Pensei na vida dupla, meticulosamente organizada. Pensava em personas públicas e privadas com todas as suas manifestas contradições. Pensava como os escorts lidavam com a circulação por esses mundos outros. Foi uma noite, mas vai durar dias (Cadernos de Campo, Lisboa, agosto de 2021).

4.1. O(s) cliente(s): sujeitos, perfis, estratégias e negociações

Os clientes são decisivos para a existência, continuidade e estratificação dos mercados do sexo. Essa indústria, essa economia, esses mercados não existiriam sem os clientes. Ao longo do capítulo, a minha ideia é olhar esses sujeitos a partir de um operador metodológico de análise mobilizado por Michel Foucault (2010), que é a problematização. Foucault diz que a história do pensamento deveria buscar soluções para dificuldades e obstáculos a partir da formulação de um problema geral. Essa reflexão teria por finalidade encontrar soluções práticas para as questões apresentadas. Segundo ele:

É a problematização que corresponde a essas dificuldades, mas fazendo delas uma coisa totalmente diferente do que simplesmente traduzi-las ou manifestá-las; ela elabora para suas propostas as condições nas quais possíveis respostas podem ser dadas; define os elementos que constituirão aquilo que as diferentes soluções se esforçam para responder. Essa elaboração de um dado em questão, essa transformação de um conjunto de complicações e dificuldades em problemas para os quais as diversas soluções tentarão trazer uma resposta é o que constitui o ponto de problematização e o trabalho específico do pensamento (Foucault, 2010, p. 233).

Portanto, tendo a problematização como esse referente em termos de operador metodológico de análise, para começar essa reflexão, é importante levar em consideração o que Jan Browne e Victor Minichiello (1996) concluem a partir de uma revisão crítica sobre a literatura que envolve o exercício do trabalho sexual de homens. Browne e Minichiello dizem que os clientes são o maior grupo de pessoas envolvido na chamada indústria do sexo. Esse quantitativo seria bastante diverso e composto por homens casados, viúvos, homens solteiros, homens divorciados, homens bissexuais, heterossexuais e homossexuais (Minichiello *et.al.*, 1999). Eles tenderiam a ser predominantemente pertencentes às classes médias e as clientes mulheres apareciam de maneira muito residual⁵².

A esse respeito, Zeca (31 anos), meu interlocutor, costumava repetir à exaustão que *não tem cliente ideal. Tem cliente de todo tipo. Eu não costumo escolher cliente. Falo que, quem escolhe cliente, morre de fome*. Eu pensava nessas palavras volta e meia durante o trabalho de campo. Uma parte de meus interlocutores a reiterava. De fato, percebi que não havia um cliente ideal. Afinal, como eles diziam, *cliente é cliente*.

Essa variedade em termos de clientes aparece na literatura sobre trabalho sexual de homens com clientes homens, ainda que nos primeiros trabalhos de Néstor Perlongher (1985), por exemplo, houvesse uma figuração do cliente como um homem homossexual, afeminado ou não,

⁵² Para aprofundar esse tema, ver Victor Minichiello, Denton Callander e John Scott (2013) e Richard Pieper (1979), que realizou pesquisa sobre *escorts* e clientes na década de 1970 na cidade de Hamburgo, Alemanha.

com mais de trinta anos, que se relacionaria com homens heterossexuais, mais jovens, mais pobres e menos brancos.

Esse contexto foi se complexificando⁵³. Ocorre que também percebi que havia uma preferência por clientes e, também, a escolha por determinados “perfis” de clientes. Nem sempre a preferência por determinado cliente se desdobrava em poder escolhê-lo, afinal os graus de agência, ainda que existam, têm um teto e esse teto é dependente de condições contextuais que se mostraram, pelo menos durante o período do meu campo, como contingentes.

O “enorme desconhecimento” que existe sobre os homens que são clientes do trabalho sexual pode ser explorado a partir da literatura existente e destacando as lacunas do conhecimento atual sobre esse grupo e tentando entender por que esse desconhecimento persiste e como ele afeta a forma como a sociedade lida com o trabalho sexual. Haveria, então, uma pertinência prática e política para estudar os clientes. Um melhor entendimento desses clientes pode informar a formulação de políticas públicas mais eficazes relacionadas ao trabalho sexual, pois políticas baseadas em evidências são mais propensas a abordar as necessidades flagrantes dos envolvidos e têm condições de reduzir eventuais riscos para todos os atores do “negócio do desejo”.

Conhecer quem são os clientes homens, suas histórias de vida e as razões que os levam ao trabalho sexual é fundamental, pois trata-se de um grupo ainda estigmatizado e clandestino. Esse conhecimento afastar-se-ia de abordagens naturalizantes (que normalizam o trabalho sexual como parte inevitável da sociedade) e criminalizantes (que tratam o trabalho sexual e seus atores como criminosos). Uma análise mais aprofundada de clientes homens pode contribuir para a construção de políticas mais nuançadas e humanas em relação ao trabalho sexual, evitando estigmatização e criminalização.

Humanizar o cliente é, ao mesmo tempo, desmistificá-lo e descriminalizá-lo. Afinal, desde trabalhos mais antigos sobre homens que fazem trabalho sexual e seus clientes (Caukins e Coombs, 1976; Perkins e Bennett, 1985) e mesmo em publicações já dos 2000 (Scott, 2005), esses sujeitos envolvidos no negócio do desejo, que se realiza por meio de uma transação comercial, são estigmatizados, quando não criminalizados. *Escorts* e clientes parece que, em determinado imaginário, continuavam a ser perigosos e ameaçadores de certa ordem social. No

⁵³ José Maurício da Silva (2011) classifica os clientes de homens que fazem trabalho sexual como heterossexuais no anonimato para preservar a família e a profissão, com forte apelo homoerótico; homossexuais na solidão; homossexuais casados com outro homem que buscam os michês para realização de fantasias sexuais. Como pretendo apresentar nas páginas seguintes, o grande grupo formado por clientes extrapola essas classificações que figuram como limitantes.

entanto, já no final da segunda década dos 2000 parece que começam a emergir visões mais diversas sobre esses sujeitos, talvez motivadas por complexificação e diversificação nas análises sobre o tema (Horswill e Weitzer, 2018; Scott, 2020).

Renato Araguaia me dizia que havia um imaginário que o cliente seria um velho, decrepito, passivo, feio e rico. Esse tipo existiria, *é um clássico*, repetia ele. Mas há muitos outros clientes. Segundo Renato Araguaia, *não tem tipo. É ativo, é passivo e é versátil. No mundo inteiro. Brasil, aqui, Estados Unidos. A questão da idade, por exemplo, é questão do lugar*. Segundo a experiência do interlocutor, em Portugal havia clientes mais velhos, algo completamente compatível com a realidade do país, que tem uma longevidade destacada em sua população (Pereira, 2021). Araguaia, que já trabalhou como *escort* nos Estados Unidos, diz que naquele país o perfil que mais o procurava era de homens jovens. Algo que se assemelhava ao contexto brasileiro.

Eu ouvi de interlocutores que alguns clientes eram homens mais velhos, mais *endinheirados* que teriam *desistido do mundo gay, desistiram de namorar, desistiram de casar, desistiram do amor e somente procuram momentos de prazer quando eles querem e quantas vezes lhes apetece*. Interessante que, especialmente essa fala, me foi dita por um cliente, Gonçalo, que está com mais de 40 anos, mas que diz não se tratar da sua realidade, mas da de amigos próximos. A impressão passada pelo interlocutor é que haveria um etarismo que atravessaria o desejo e o afeto de homens gays e um excludente advindo desse cruzamento que colocaria tais sujeitos à margem nos projetos matrimoniais, afetivos e sexuais, precisando recorrer ao trabalho sexual⁵⁴.

Beto (30 anos), meu interlocutor que vive na Alemanha, costuma atender *homens de negócios, gerentes, empresários*. Na quase totalidade, a clientela do interlocutor é formada por homens brancos⁵⁵, *mas branco mesmo, caucasiano*, diz ele. Segundo Beto, esses sujeitos teriam uma vida de *workaholic*, eles seriam de Berlim ou estariam na cidade em viagens de negócios. Compreendiam uma faixa etária os 40 e os 60 anos, perfil que se aproxima daquele identificado na investigação de Richard Hilman *et.al.* (1990) com clientes de *escorts* em Londres.

Mariana Melo observou a mesma faixa etária em pesquisa realizada com homens que fazem trabalho sexual na cidade do Porto em Portugal. A clientela tinha em torno de 40 anos. Eram

⁵⁴ Eu escrevi sobre questões que passam por esse tema, quando investiguei o processo de envelhecimento de pessoas LGBT na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul (Passamani, 2018)

⁵⁵ É muito interessante o processo de evitação aos clientes negros por homens que fazem trabalho sexual nas saunas de São Paulo. Tal questão é analisada nas pesquisas de Élcio Nogueira dos Santos (2012) e Élcio Nogueira dos Santos e Pedro Paulo Pereira (2016), em que há a problematização da intersecção entre cor/raça, classe e performances de gênero naqueles espaços e no âmbito na transação sexual comercial.

homens casados e que tinha práticas homossexuais encobertas. No caso dos clientes de Beto, essa clientela seria constituída por *homens muito sozinhos*, o que seria uma espécie de perfil do homem gay alemão (ou não declaradamente gay, mas que se relacionaria com outros homens) de meia-idade e bem-sucedido. Portanto, esses homens *muitos sozinhos* buscavam companhia para ir a restaurantes, ir a festas de empresas, viagens de fim de semana, enfim, a companhia de alguém que *tenha a capacidade de se portar junto com eles nesses lugares*. Portanto, como observara Manoel Santos (2011), em sua pesquisa em São Paulo, nem sempre o sexo é o elemento primordial buscado, algumas vezes o que é decisivo para a contratação do *escort* pelo cliente é a capacidade de conseguir fazer/ser companhia.

Destaco o caso de Beto porque foi, entre os meus interlocutores, aquele que percebi um perfil mais fechado. Fechado tanto em termos de segmento laboral (ramo empresarial), como constituição de cor/raça e faixa etária. Em grande medida, isso acontecia também por iniciativa de Beto. Ele tinha intenção de atrair esse público e dizia ter as credenciais para tanto. A partir do acesso às mídias sociais e outras ferramentas tecnológicas, ele acessa fotos e perfis dos clientes nos sites de anúncios de *escorts*⁵⁶. O *Hunqz*, por exemplo, tem esse espaço e garante essas possibilidades. Beto, para manter a conversa com o cliente, disponibiliza muitas fotos suas, mas também diz exigir fotos do cliente para perceber se haveria o mínimo de conexão entre eles.

As mídias digitais permitem atrair clientes com mais recursos econômicos e clientes mais sofisticados (Bernstein, 2007; Sanders, 2008; Coelho, 2019). Tais clientes segundo a literatura, e as conversas que tive com Beto (30 anos), pertenceriam, pelo menos, às classes médias e teriam maiores conhecimentos tecnológicos, e, em vista disso, estariam dispostos a pagar mais pelos serviços sexuais prestados. Portanto, acessar esses homens traria uma série de vantagens financeiras, mas também de outras ordens, como maior segurança, por exemplo (Sanders, 2005).

As conversas com Beto sobre os clientes me levaram a perceber que não apenas o perfil do *escort* é importante no processo de negociação do encontro, mas também o perfil do cliente nas plataformas em que isso é possível. Afinal, conforme Fernanda Belizário (2018), anúncios *bem elaborados* chamariam bons clientes, conforme ela observara em sua pesquisa sobre travestis brasileiras que fazem trabalho sexual no sul da Europa. Penso que clientes com *perfis completos*

⁵⁶ David Bimbi e Jeffrey Parsons (2005), ao investigarem um portal de serviços *online* de *escorts* em Nova York mostram que os próprios *escorts*, tal como me contara Beto, podem ser mais seletivos sobre seus clientes, o que lhes permitiria acessar pessoas às quais poderiam cobrar valores mais elevados pelos serviços prestados, além de ter um controle um pouco maior sobre o seus horários de trabalhos.

chamariam também a atenção dos *escorts*. Isso é interessante, conforme pontua Argento (2016), pois permite às pessoas que fazem trabalho sexual a negociação por meio de *chamadas de vídeo* com os clientes; investigar o perfil dos clientes; além de pactuar os desdobramentos do encontro presencial.

Perfis de clientes no *Hunqz* sem foto de perfil, com poucas informações, ou seja, um *perfil pobre, incompleto*, os *escorts* costumam interpretar como um perfil pertencente a uma pessoa que *não tem muita grana, não tem muito tempo e só tá procurando uma foda rápida. É batata*⁵⁷, *é sempre isso*, dizia Zeca. No entanto, Beto me mostrava modelos de perfis de *bons clientes*. Tais perfis costumavam ser completos, descritivos, intuitivos, com fotografia de apresentação. *Aí você já tem uma outra pegada. É alguém que tá procurando algo mais elevado*, concluía ele.

Eu achei isso revelador porque trata-se de uma sedução e uma negociação antes mesmo que os sujeitos troquem qualquer contato. A forma como se disponibiliza o perfil nas plataformas já seleciona o tipo de cliente que o sujeito potencialmente é, mas também o tipo de *escort* que se é e o público que supostamente se quer atingir. Não estou com isso minimizando aspectos mais clássicos desse segmento dos mercados do sexo, como a diferença de idade, por exemplo, uma vez que as relações intergeracionais foram uma tônica em minha pesquisa. Eu não tive, por exemplo, entre os interlocutores clientes, ninguém mais jovem que os interlocutores *escorts*. Não estou desconsiderando isso, estou apenas querendo refletir acerca de outros atravessamentos que podem ajudar a complexificar a questão que se naturaliza como a balizadora para todo esse empreendimento.

Reitero que idade do cliente, ainda que se reconheça uma variação em termos de clientela, é um ponto muito significativo e que sempre aparecia em nossas conversas, quando eu inadvertidamente ainda insistia na constituição de um perfil de cliente. O interessante é que a noção de *pessoa mais velha* é aplicada a um homem por volta dos 50 anos. *Mais velho* também é atravessado por alguma depauperação corporal. No entanto, *pessoa mais velha* positiva-se quando se associa a ela maior poder aquisitivo e conhecimento de mundo. Há uma política compensatória na constituição dessa *pessoa mais velha*. Ela poderia potencialmente não ser constituída apenas por características depreciativas. Algumas interlocutoras de Manoela Ribeiro *et.al.* (2008) que fazem trabalho sexual diziam preferir os homens mais velhos, sobretudo por razões econômicas, uma vez que os entendiam *mais ricos e mais generosos* nos

⁵⁷ Expressão popular brasileira que significa “é certo”, “sem dúvida”.

pagamentos. Meu interlocutor Lauro (35 anos) costuma preferir os clientes mais velhos, mas por outras razões:

Eu tenho um cliente, que é um fixo, ele é muito velhinho. A fala é dificultosa. Bem curvadinho. Anda lento. Essa pessoa, ele goza. Eu acho muito engraçado. Eu acho um barato. O sexo com ele não é um problema pra mim, com ele eu não uso Viagra. Ele tem mais de 70 anos e é um barato ficar com ele. É gostoso. É uma pessoa inteligente. Ele é médico. É uma pessoa que viajou bastante. É uma pessoa que me trata super mega hiper bem. Depilado, higiênico⁵⁸.

Lauro mostra como há elementos que têm o potencial de fazer com que a relação entre *escort* e cliente não seja apenas mecânica. Ele apresenta outras facetas de uma relação intergeracional, que podem aguçar o desejo dos envolvidos na transação afetivo-sexual-comercial. O fato de não precisar usar estimulante sexual em uma relação intergeracional mostra que não necessariamente os homens mais velhos seriam desinteressantes *per si* ao *escort* e que as variações do repertório desses sujeitos podem ser elas mesmas estimulantes no negócio. O interlocutor, no entanto, faz questão de frisar que o caso do cliente em destaque representaria uma exceção no universo dos clientes. Inclusive por tratar-se de um *cliente fixo*, que são mais raros em Portugal. Aliás, conforme mostra Ronald Weitzer (1990), os clientes *mais velhos* costumam buscar por *escorts mais fixos*.

Yuri (27 anos), interlocutor que encontrei em diferentes lugares da Europa, na mesma toada de Lauro, diz não ter problema com *pessoas mais velhas*, inclusive diz que não prefere os *novinhos*. Segundo ele, se o cliente tiver *19, 20 anos, eu já fico meio...não sei. Não tenho vontade mais*. Ele me contava que eram raros os clientes muito jovens, mas que eles apareciam. Yuri revelou algo curioso, para conseguir atender clientes muito jovens, ele precisava utilizar um estimulante sexual.

No entanto, como ele se anunciava como *twink*⁵⁹, a maioria dos clientes que ele acabava atraindo era de pessoas de meia idade ou um pouco mais velhas. Nas pesquisas de Cristiano

⁵⁸ Os *escorts* brasileiros que foram meus interlocutores entendiam a higiene associada ao hábito de tomar mais de um banho diário, ao uso de desodorante e perfume regularmente. Além disso, os pelos corporais deveriam estar aparados, ou depilados completamente. Isso também faria parte do que eles entendiam como uma pessoa higiênica. O cuidado com os dentes e o hálito eram sempre referidos como primordiais em uma pessoa higiênica. Andar com roupas limpas também compunha essa gramática. No que diz respeito à higiene para o sexo, envolveria "fazer a chuca" regularmente. "Fazer a chuca" é uma gíria muito popular no Brasil. Trata-se da realização de uma lavagem anal, tecnicamente chamada de enema. Essa lavagem envolve a introdução de água ou outro líquido no ânus para limpar a área interna do reto e do colo retirando quaisquer resquícios de fezes. Em vista dessas particularidades, a noção de higiene ou pessoa higiênica, pode variar entre esse grupo muito específico de brasileiros e, quem sabe, os seus clientes portugueses e de outras nacionalidades.

⁵⁹ *Twink* é uma forma abreviada da palavra *twinkie*. Na língua inglesa é uma expressão utilizada por pessoas LGBT para se referir a homens muito jovens, adolescentes ou homens já adultos que pareçam ou são reconhecidos como

Hamann, Adolfo Pizzinato, Kátia Rocha e Inês Hennigen (2020) sobre trabalho sexual de homens em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, a busca dos clientes por homens jovens não estaria tão associada ao corpo esbelto – que seria próprio da juventude – mas porque esses *escorts* jovens não teriam sido, ainda, “contaminados” pelos “malefícios da prostituição”, ou seja: drogas, criminalidade e violência.

Robinho (25 anos) também conta histórias sobre seus clientes *mais velhos*, afinal eles representariam a maior parte dos seus ganhos mensais:

Eu sou muito paciente com meus clientes. E a maioria dos meus clientes são velhos e casados. Então, adoram. Porque eu converso, trato bem, faço de conta que eu sou o namoradinho. E eles gostam. Eu tenho clientes que vêm com aquele negócio de xixi. Segurando aquilo. Você olha na rua e não diz. Já viu aqueles velhinhos sentados na praça? São eles.

Para além dessa questão geracional, bastante matizada, parece que uma característica desse segmento dos mercados do sexo são as relações rápidas, impessoais, sem qualquer intimidade que extrapole o ato sexual. Porém, alguns interlocutores mostram como é possível *ganhar os clientes* com performances que operam na contramão dessa lógica. A lógica do sexo casual, sem compromisso, o chamado *fast foda*, ainda parece ocupar um lugar de destaque nessas economias.

Esse ponto é importante e os *escorts* já *sacam* o cliente no processo de negociação do atendimento. Essa expertise é algo que vai se construindo à medida que se mergulha no universo do trabalho sexual. Dagoberto (34 anos), por exemplo, contava que já na negociação era possível desvendar as reais intenções dos cliente: realizar um programa pagando preço justo, ou se masturbar enquanto conversa com o *escort*. Segundo Dago, o cliente que entra em contato e é objetivo, perguntando sobre preços, horários, local e disponibilidade, sem barganhar redução de valores ou muitos detalhes sobre o corpo e a performance do *escort*, seria o cliente que realmente estaria interessado na concretização do encontro. A conversa se desenrolaria nesses termos:

A pessoa que tem costume de contratar escort manda mensagem pra você e diz assim: “olá, bom dia. Vim pelo anúncio no VipHomens.” Aí você fala: “ok, eu atendo no Príncipe Real. Se for aqui no meu sítio eu cobro setenta euros. Caso seja com deslocação eu cobro cem euros mais o Uber. No sexo eu curto ser ativo e preliminares podem acontecer. Não tem problema”. Ele já me fala: “tem horário disponível pra 3:00 horas?” “Tem.” “Tranquilo então, pode deixar marcado pra mim às 03:00”. Esse é o cliente que quer. As vezes ele fala uma coisa aqui ou outra: “curti muito as suas fotos. Tem um

como jovens e adolescentes. De maneira geral, os *twinks* são magros, sem pelos corporais, levemente malhados e não apresentam rugas ou outras “marcas de idade”.

pau bonito, você é muito bonito. Então vamos marcar pra tal hora.” Ou “amanhã por volta do meio-dia.” Eu costumo dizer: “me confirma com uma hora de antecedência se você vem ou não vem.” É assim que funciona.

Dagoberto mostra que há uma clareza na negociação do cliente que está efetivamente interessado em marcar um encontro. Segundo Bernardo Coelho (2019), ao tratar sobre o trabalho sexual realizado por mulheres, no âmbito da negociação haveria uma natureza clara e delimitada do encontro, onde todos “jogariam o jogo”, cada qual em sua posição. Por outro lado, quem não quer essa concretização, ou tem por objetivo masturbar-se gratuitamente ouvindo ou lendo o que o *escort* escreve, geralmente fica insistindo, pedindo mais informações, fotografias de diferentes partes do corpo, sobretudo do pênis, e negociando a redução do valor do encontro sexual.

O cara que fica: “não tem mais foto do teu pau?” “Sim, tenho”. Ai eu mando no Twitter. “Não tem como você mandar em vídeo? Tem vídeo fodendo? Manda vídeo seu fodendo pra eu ver”. É o cliente idiota. Que do outro lado está lá, batendo punhetinha e pedindo coisa. Tem cara que liga porque ele gosta de ver o boy, ver se o boy é bonito, pra mostrar o pau, pra ver se o pau é aquilo que está lá. E mais nada. Só perda de tempo.

Na convivência mais próxima com Dagoberto, eu fui entendendo que talvez a forma como você se anuncia nas diferentes plataformas pode ser a porta de entrada para tipos específicos de clientes. Lauro, por exemplo, fazia anúncios com uma série de restrições, seja de práticas, de horários, de locais, com obrigatoriedade do uso de preservativo, sem maquiar fotos, ou informações inverídicas sobre si. Além disso, ele construía um anúncio bastante *clean*, com uma linguagem muito bem articulada e sem a utilização de *palavrões*. Ele dizia que essas estratégias atraíam um público mais específico constituída por homens bem mais velhos, que tinham muita preocupação com segurança, discrição e que atentavam para práticas sexuais protegidas.

Por outro lado, Dagoberto era bem mais escrachado e expressões como *eu vou pegar você; eu vou te foder gostoso; vou gozar na tua cara; vai aguentar meu pauzão?*, entre muitas outras, eram recorrentes nas diferentes plataformas. Essa estratégia de se comunicar é atraente a determinada fração dos mercados do sexo, que, em tese, busca pelos serviços dos *escorts* quando está com muito desejo por aquela prática sexual. Logo, tais expressões, entre outras, podem ser bastante estimulantes. No entanto, Dago, depois de experiências negativas, disse que:

eu não faço isso mais. Isso chama atenção de cliente porco, que curte masoquismo, que curte apanhar, curte bater, drogado. Só atrai gente assim. O cliente que hoje em dia eu invisto e quero ter aqui no meu quarto é o cliente que é casado, que se preocupa com a própria imagem, com o próprio rabo. O cliente que já é gay, que já é do meio, que frequenta essas putarias todas, ele está se fodendo pra isso.

Portanto, clientes fixos e casados em relações heterossexuais seriam os mais buscados, pois não trariam, idealmente, muitos problemas para os *escorts*. Na pesquisa de Lira Dolabella (2015) sobre trabalho sexual de mulheres e casas de alterne em Portugal, os clientes classificados como *mais velhos* (aqueles que tinham mais de 45 anos) costumavam ser os *clientes fixos*⁶⁰ naquele contexto, ali chamados de *habituais*⁶¹.

Seria preciso fazer uma publicidade que atraísse esse público e não as pessoas percebidas como indesejadas ou *clientes difíceis*. Esses clientes mais difíceis, seja em vista das práticas buscadas, ou do estilo de vida, seriam aqueles percebidos por Dago como *idiotas*. Os idiotas tratariam o *escort* como *mercadoria*.

A estratégia de Dagoberto, quando se encontrava com esse tipo de cliente, era tornar a relação o mais mecânica possível e cronometrá-la: *eu já venho com meu relógio aqui: “agora são sete horas, nós temos uma hora pra nos divertir”*. *E eu faço de tudo pra ele vazar e ir embora. Agora, se ele me tratar como um ser humano, eu fico até mais de uma hora, ofereço umas coisas do barzinho. Faço coisas pra poder agradecer*. O mesmo ocorre com Otto (31 anos), que procura oferecer um algo mais aos bons clientes: *o cliente não vem aqui na minha casa, transa e vai embora. Não. Depois do trabalho, eu tiro um tempo. Eu vejo se ele precisa conversar, eu converso e acabo conhecendo a vida dele um pouco mais*.

Ocorre que alguns clientes *idiotas*, que tratam os *escorts* como *mercadoria*, são aqueles que tem mais dinheiro. De maneira geral, os clientes que têm dinheiro não são os portugueses, considerados pelos *escorts* como mais pobres. A esse respeito, Zeca considerava Portugal e os clientes portugueses *muito injustos com os escorts*. Ele justificava essa percepção a partir da compreensão que os clientes portugueses não teriam *nenhum pinga de respeito em relação a trabalho sexual*. Ainda na opinião de Zeca, *aqui você dá o seu preço. Você acha que o preço que você está passando é o que é justo. E aí os tuga vem querendo baixar valor, sempre. Puta que pariu. Eles estão desrespeitando o meu trabalho*.

Em vista disso, o interlocutor entendia que os mercados do sexo – pelo menos no caso dos homens – em Portugal estariam *muitos anos luz atrás de outros países*. Quando questionei atrás

⁶⁰ Sobre *clientes fixos* de homens que fazem trabalho sexual, ver Daniel Kerry dos Santos (2016).

⁶¹ As interlocutoras de Dolabella (2015) dividiam os clientes em três grandes grupos a partir da faixa etária: jovens, com menos de 35 anos; maduros, entre 35 e 45 anos; e velhos, com mais de 45 anos.

de quais países Portugal estaria, Holanda, Suíça, Alemanha e Inglaterra foram imediatamente citados. Zeca dizia que nesses lugares o preço dado pelo *escort* era respeitado pelo cliente, sem a necessidade de barganhar. *Essa negociação mesquinha é coisa de tuga*, indignava-se ele.

No entanto, alguns portugueses, muito raros, *têm muita grana*, como me conta Dinho (23 anos). Esses passam a *se achar* e julgam poder dispor do *escort* como *gato e sapato*. Em grande medida, esse grupo de clientes portugueses, que é *endinheirado*, paga mais porque contrata os *escorts* por longas horas a fim de que em paralelo aos encontros sexuais haja o consumo de drogas. Na maior parte das vezes, os *escorts* são obrigados pelos clientes a consumir drogas junto deles, caso contrário são preteridos e novos *escorts* são contratados.

Portanto, *arrancar* mais dinheiro de português estaria associado a longas jornadas de sexo e drogas, além de submeter-se a algum desrespeito e, não raro, sofrer xenofobia. Outra possibilidade de *arrancar grana* dos clientes portugueses, apresentada por Matheuzinho, seria desdobrada do fato do interlocutor os perceber como *muito apegados*. Ele me dizia que *quando eles pegam confiança dentro do quarto, que você dá essa liberdade deles terem essa confiança em você, eles se entregam total. Eles se entregam como uma mocinha. Aí você pinta e borda. Aí você tira grana*. A importância da lábria do *escort* também foi identificada na pesquisa de Daniel Kerry dos Santos (2016) com homens que fazem trabalho sexual em saunas de diferentes capitais brasileiras.

Por outro lado, na contramão da excepcionalidade que é encontrar um português com *grana* e decente, ingleses, holandês, alemães e suíços figurariam entre os clientes mais desejados porque (ainda que com diferentes graus de educação e respeito) seriam generosos nos pagamentos. Com ou sem drogas. Se houver empatia de parte a parte, há grandes chances de um primeiro encontro se desdobrar em outros mais. Esses novos encontros, essas redes que vão se estabelecendo, podem ocorrer em diferentes lugares de Portugal ou da Europa.

Aliás, boa parte da circulação dos *escorts* pela Europa começou a se estabelecer a partir dos primeiros contatos com turistas estrangeiros em Portugal. Paul Mathews (1987), no final dos anos de 1980, conduziu uma pesquisa sobre trabalho sexual realizado por homens em Manila, nas Filipinas. Naquela altura, ele identificou que, basicamente, os clientes dos *billyboys* – contingente de homens muito jovens, alguns menores de idade, que poderiam ser compreendidos como os *escorts* locais – eram turistas provenientes de países ricos e industrializados.

Dinho, no contexto de minha pesquisa, conta que foi com um cliente desse tipo (turistas, estrangeiro), que teria se tornado seu amigo, com quem ele contara nos momentos mais complicados da pandemia:

Quanto mais eles gostam de ti, não é mais só programa. Eles querem ser teus amigos. E eles te pagam as coisas. E isso é legal. Porque eles sabem que as vezes tu precisa de uma roupa e eles vão lá e compram pra ti. Eu tenho um cliente que pagou meu cartão de crédito que estava estourado. Pagou antes de ontem e disse que vai depositar uma grana na minha conta. Um valor super bom porque eu to trabalhando mal, mas esse cliente assim vai me ajudar bastante.

A pandemia foi um momento extraordinário. O trabalho sexual foi bastante afetado em vista do distanciamento social.⁶² Parece claro que ele não foi cancelado. Ele seguiu ocorrendo, mas com muitas restrições e com uma diminuição acentuada, o que impactara os ganhos dos *escorts*. Em vista disso, esse tipo de cliente mais *amigo* e que, para além de pagar os programas, ele também *ajuda*, foi fundamental para aqueles *escorts* que dispunham dessas “cartas na manga”. A noção de *ajuda* no campo do trabalho sexual foi amplamente explorada por Adriana Piscitelli (2008) em suas pesquisas com mulheres que faziam trabalho sexual em Fortaleza, no Ceará. Segundo a autora,

Ajuda é uma noção amplamente difundida nas classes baixas e médias baixas do Brasil. Ela remete a contribuições econômicas que, embora consideradas relevantes, não constituem a principal fonte de recursos para a subsistência (Gregg, 2006). No marco de relacionamentos sexuais e afetivos, a ajuda é frequentemente trocada por sexo, não necessariamente dissociado de afeto. Essas relações que, nas leituras locais, não são vistas como prostituição, têm conotações de sexo transacional (transactional sex) (Hunter, 2002). E se o programa evoca um contrato de serviços, a ajuda, inserta em uma tradição de intercâmbios hierárquicos, remete a noções de amparo, cuidado e afeto que se expressam em termos de contribuição para a sobrevivência econômica (Piscitelli, 2008, p.08)

Adriana Piscitelli aborda a complexa intersecção entre *ajuda*, relacionamentos sexuais e afetivos, e trocas econômicas em contextos socioeconômicos específicos no Brasil. De início, ela destaca a prevalência da ideia de *ajuda* em classes sociais baixas e médias baixas no país. Isso sugere uma base cultural onde a assistência mútua é valorizada e possivelmente necessária devido a restrições econômicas.

A *ajuda* refere-se a contribuições econômicas que, embora importantes, não são a principal fonte de subsistência. Isso sugere que, dentro desses grupos, as pessoas estão dispostas a oferecer apoio financeiro, mesmo que isso não seja suficiente para a sobrevivência total. Há, como mostra Piscitelli, interligação entre *ajuda* e relacionamentos sexuais e afetivos.

⁶² Esse tema será abordado com maior vagar no capítulo VI.

Esse suposto aduz que, em alguns contextos, a *ajuda* é trocada por sexo, mas essa troca não é necessariamente desprovida de afeto. Isso destaca a complexidade das relações nessas comunidades. Essas relações não são vistas como trabalho sexual, mas têm conotações de “sexo transacional”. Isso pode indicar que a troca de *ajuda* por sexo é percebida de maneira diferente, possivelmente menos estigmatizada do que o trabalho sexual convencional.

A menção feita por Piscitelli a um “contrato de serviços” sugere que essa troca de *ajuda* e sexo pode ser vista como um tipo de acordo ou contrato. Além disso, a referência a “intercâmbios hierárquicos” sugere que essas relações podem ocorrer em um contexto de desigualdade social. A autora ressalta que a *ajuda* é percebida como uma forma de amparo, cuidado e afeto. Isso indica que, apesar da troca econômica, as relações podem envolver elementos emocionais e afetivos.

A *ajuda*, como elemento que contribui para a sobrevivência econômica, para além do efetivo exercício do trabalho sexual, como mostrei na relação de Dinho com seu cliente durante a pandemia, também esteve presente com Yuri, aquele interlocutor que costumava passar mais tempo viajando e precisou permanecer mais tempo em Portugal. Ele também foi *ajudado* por um cliente desse tipo. Segundo ele,

Felizmente eu tenho um médico que vem toda semana. Ele vem três vezes por semana. Ele é um cliente que me salva. Ele salva muito a minha semana. Ele não tem um bom hálito. Apesar do mau hálito, ele rende um bom dinheiro. Compensações. Concessões. Tudo na vida é equilíbrio. Equilíbrio, meu bem.

Yuri era um dos interlocutores mais espirituosos. Lembro perfeitamente do momento em que ele falava com entusiasmo desse médico e de como o dinheiro semanal do cliente praticamente o mantinha naqueles períodos mais críticos da pandemia. No entanto, imediatamente, falava do hálito do cliente. Mudava a entonação, fechava o semblante, entristecia-se. Acabava em gargalhadas e dizendo que se sacrificava ao trocar dinheiro por mau hálito.

A relação que se estabelece entre *escort* e cliente é mais complexa que o clichê e que aquilo que está no imaginário popular. Há muitas variações tanto entre *escorts* e suas intenções quanto entre clientes e seus desejos. Sim, de um lado há oferta de sexo. Sim, de outro lado há oferta de dinheiro. Mas, como mostrei acima, parece ser muito mais que sexo e dinheiro, o que na perspectiva de Oliveira (2013) se configuraria como um espectro mais amplo do que apenas a compra e venda de serviços sexuais, afinal como lembra Epiácio Neto (2009), entre quatro

paredes são pessoas comuns⁶³ que conversam e se relacionam de diferentes formas, para além das conotações sexuais. Exige-se mais, oferece-se mais, troca-se mais.

4.2. Os *clientes fáceis* reposicionando o trabalho sexual

Os *escorts* classificam os clientes em dois grandes grupos: *os fáceis* e *os difíceis*. Em cada um desses grupos há diferentes elementos que qualificariam um cliente como *fácil* e outro como *difícil*. Ou o mesmo cliente em determinado contexto como *fácil* e em outro como *difícil*. Isso pode variar desde atributos como estética corporal, geração, nível socioeconômico, até formas de se relacionar com o *escort*, com as drogas, com o próprio dinheiro. *Fáceis* e *difíceis* são categorias êmicas utilizadas pelos interlocutores para classificar os clientes. Os sujeitos, na visão deles, tornam-se *fáceis* ou *difíceis* à medida que incorporam determinados atributos que eles, *escorts*, qualificam ora como positivos, ora como negativos.

O que eu percebo é que não seriam necessariamente os clientes que seriam *fáceis* ou *difíceis*, mas os atendimentos a partir de determinadas marcas que os clientes apresentavam e os *escorts* destacavam em vista de terem maior afinidade ou maior estranhamento em relação a elas. Portanto, ao longo do capítulo, quando eu falar em *clientes fáceis* e *clientes difíceis*, estarei apenas me valendo didaticamente de expressões do campo, mas tentando enfatizar as marcas de diferença salientadas e não os sujeitos como um todo, homogeneizado a partir dessas diferenças, justamente porque percebo fissuras e brechas, conforme mostrarei a seguir.

Em algumas pesquisas, os clientes *fáceis* são chamados de *mais agradáveis* (Melo, 2015), *bons*⁶⁴ (Hamann, Pizzinato, Rocha, Hennigen, 2020), *mais tranquilos* (Piscitelli, 2008), *bem apessoados, com corpos interessantes* (Barreto, 2017a), *os figurão mão aberta* (Neto, 2009) e que podem *proporcionar prazer sexual* (Oliveira, 2011). Sem dúvida, uma definição interessante de *cliente fácil* foi dada por Victor Minichiello (1996). Para ele, um *cliente fácil* assemelhar-se-ia ao processo de descascar um fruta madura em comparação a uma fruta verde. A fruta madura permite que se faça menos força com a faca, pois ela deslisa. Já a fruta verde, exigiria força para conseguir o mesmo efeito, sem contar que o gosto ainda seria amargo.

Em primeiro lugar, os clientes considerados *fáceis* são os *clientes do dia*. Ainda que eles *deixem* menos dinheiro para os *escorts*, porque ficam menos tempo, eles *dariam menos trabalho*. No caso dos *escorts* de minha pesquisa, eles não estenderiam os encontros por

⁶³ O esforço empírico e teórico de pensar clientes e trabalhadores sexuais como “pessoas comuns” aparece em diversas pesquisas internacionais, dentre as quais Tuulia Law (2020) sobre os homens nas indústrias do sexo no Canadá e Chris Bruckert e Tuulia Law (2013) em mesmo contexto.

⁶⁴ Tratar-se-ia de uma combinação entre um cliente fixo e uma pessoa agradável (Hamann, Pizzinato, Rocha, Hennigen, 2020).

períodos superiores a duas horas. Esse período de duas horas já seria uma situação extraordinária entre os *clientes do dia*. O comum era um atendimento de menos de uma hora, as chamadas *rapidinhas*, *escapadinhas*, isto é, encontros rápidos em intervalos da jornada diária de trabalho (Silva, 2011).

Victor Minichiello *et.al.* (1999) mostram como a segmentação do mercado é grande em termos de *escorts* e clientes. No que diz respeito aos clientes de homens que trabalham na rua, eles costumam buscar as já nomeadas *rapidinhas*, enquanto os *escorts* que atendem por *sites* e agências têm clientes que buscariam relações mais demoradas e elaboradas

Esses clientes *fáceis*, *do dia*, em grande medida, são homens casados em relacionamentos heterossexuais. Isso também é visto como uma facilidade pelos *escorts*. Esses homens não teriam muito tempo para barganhar preços e não ficariam *enchendo o saco* dos *escorts*, pois eles teriam uma família e precisariam, em alguma medida, preservá-la.

Algo semelhante fora percebido Minichiello (1996). Segundo o autor, os clientes de *escorts*, que eram homens casados, precisavam administrar seus encontros, a fim de evitar que o consumo de sexo comercial se tornasse uma ameaça ao seu estilo de vida. Sem contar que os clientes casados, também seriam mais *fáceis*, pois muitos deles trabalhavam melhor o fato de o sexo ser realizado com preservativo, sobretudo entre aqueles que ainda teriam uma vida sexual ativa com as esposas (Silva, 2011; Pinel, 2003).

Também são considerados clientes *fáceis* aqueles que atrairiam o *escort*, ou seja, aquele homem que aguçaria o desejo do *escort*, quando esse não estivesse trabalhando, o que Minichiello (1996) chamara na Austrália de *heaven trade*, pois personificaria o negócio perfeito ao ser um cliente, portanto pagaria, mas também era um homem que lhe interessava em termos eróticos.

Normando Viana (2010), em suas pesquisas com homens que fazem trabalho sexual no Recife, identificou que o cliente capaz de “despertar tesão” no *escort* eram os chamados *caras presença*, que, quase sempre, eram mais jovens, magros, de pele clara e com corpos malhados. Esses clientes, ainda que *fáceis*, eram percebidos como *perigosos*, uma vez que seria possível que o *escort* viesse a se apaixonar por eles e, dessa forma, cruzar a linha que divide trabalho de *vício*, como falei anteriormente.

Há relatos na pesquisa de Élcio Nogueira dos Santos (2012) de homens que fazem trabalho sexual nas saunas de São Paulo que se apaixonavam pelos clientes que lhes *tratavam bem*, com *regalias* e presentes. No caso de meus interlocutores, ainda que o cliente fosse atraente aos seus desejos, eles contavam que *faziam de tudo* para não demonstrar que estavam muito à vontade e completamente atraídos pelos clientes.

Clientes mais jovens, com corpos mais próximos a um padrão expectável de beleza também seriam considerados *fáceis* de atender por um número grande de interlocutores. Na verdade, mais que ser jovem e ter um *corpo bonito*, o cliente precisaria compor o estereótipo que o homem que opera como *escort* viesse a se interessar mesmo fora do contexto do trabalho. Segundo Andrade (35 anos),

seria o cliente que vai te dar tesão, é aquele cliente que é fácil de atender. Os fáceis são aqueles clientes que supostamente tem um tipo físico, uma forma física, a forma física que vai acabar te atraindo. Mas é um trabalho. Trabalho é trabalho. Eu falo por mim. Então é um trabalho. Tem que ser profissional.

Esse elemento da atração era considerado como *meio caminho andado*. Portanto, um cliente *fácil* é um cliente atraente em termos de idade e estética corporal. Independente da idade ou da estética corporal, com tanto que case com o desejo do *escort*. De maneira geral, isso acha espaço em homens mais jovens, com corpos magros, definidos ou malhados. Esses clientes seriam considerados *raros*, ou *raríssimos*.

Segundo Robinho, *a maioria dos clientes por quem a gente se apaixona, são os clientes que pagam bem. Ai, por isso que a gente gosta. Ai daí quando a gente gosta, e ele percebe, ele não quer pagar mais. Ai, pronto. É horrível*. Ainda que não fosse regra, esses clientes apaixonantes, por isso *fáceis* (ainda que *perigosos*), seriam aqueles bastante generosos nos pagamentos, mas – e sobretudo – seriam aqueles que *tratavam bem* o *escort*. Seriam os clientes que também se esforçavam para que aquela transação entre sexo e dinheiro fosse mais que isso (Neto, 2009; Santos 2016).

Os clientes que conseguiram transformam o *negócio* em um *date*, leve, sem afobações e que surpreendesse o *escort*, esses os *ganhariam*. Ouvi muito em campo o fato positivo de não ser tratado como *mercadoria*, ainda que o trabalho fosse articulado a partir do uso tarifado do corpo para fins sexuais (Pocahy, 2012). Segundo Victor Hugo Barreto (2017a), o homem que faz trabalho sexual não se coloca no lugar de uma *mercadoria* e também não perceberia o cliente como um comprador de sexo.

O que o autor observara fora a existência de um investimento em momentos de satisfação pessoal e prazer, ou seja, algo mais complexo do que trocar sexo por dinheiro (Barreto, 2017a). Portanto, conseguir esquematizar o encontro de tal forma que a transação financeira fosse menos relevante diante do flerte e da sedução, parecia ser decisivo para considerar o cliente *fácil* e desenrolar o trabalho de forma menos complicada. Marcos Torres conta uma cena com um cliente de meia idade, português, que trabalha como *chef* de cozinha na Suíça. A cena

exemplifica um pouco esse movimento dos clientes, mas também dos *escorts*, ressignificando os *dates* e observando a linha tênue que separa trabalho de *vício*:

Era pra ser pago, tudo perfeito. Aí ele falou bem assim: 'eu tenho uma surpresa para ti. Vamos jantar'. Quando eu entrei no restaurante, finíssimo o restaurante. Quando eu cheguei tinha uma mesa enorme com um prato enorme. Encheu de ostras, porque eu tinha comentado com ele que tinha vontade de comer ostras. E ele, como é chefe de cozinha, lá na Suíça, entende disso tudo, me explicou e me ensinou como comer. Eu achei maravilhoso. Adorei. Eu já tava pensando em não cobrar dele. A gente se via todo dia pela web cam. Ele veio pra passar o final de ano com os pais. Aí, pronto, fomos pro hotel. Eu já tinha dito pra ele que eu não iria cobrar. 'Eu não quero que você seja um cliente. Eu vou ficar com você porque eu quero'. Ele sorriu. Só que no outro dia cedo, ele disse bem assim pra mim: 'antes de te ires embora, quanto é que te devo'? Eu falei: 'você não me deve nada, eu falei que não era cliente. Eu falei que eu ia ficar porque eu queria'. E era meu aniversário no outro dia. Aí ele foi e me deu 200 euros. 'Toma, fica pra comprares um presente de aniversário'. Colocou no meu bolso.

Há mais que sexo e dinheiro compondo a cena contada por Marcos Torres. Parece claro que há uma circulação de afeto e desejo (Piscitelli, 2011). Ocorre que essa circulação, como a própria natureza do movimento pressupõe, não é algo que sai daqui e vai para ali, mas opera em mão dupla a partir dos estímulos dados por ambos sujeitos da relação. Eles não estão em igualdade de condições, mas eles operam dentro de suas contradições para tornar o *date* aprazível.

A seu turno, os clientes *fáceis* também seriam aqueles que demandariam mais que sexo, ou melhor, menos sexo em face a acompanhamentos. Acompanhamentos em festas, outros eventos sociais, jantares, passeios, viagens. Segundo Kerry dos Santos (2016), esses clientes costumam *bancar* tudo para o *escort*, além do pagamento do *programa*. Alguns desses clientes eram homens mais velhos, quase sempre sozinhos, gays (mas discretos), com uma ótima condição financeira e com uma condição de destaque em sua área de atuação laboral. Eram clientes igualmente muito desejados, mas raros.

Por que tais clientes eram considerados *fáceis*, ainda que em alguma medida fugissem do que seria o cliente atraente ao *escort*? Porque esse envolvimento mais prolongado dos acompanhamentos pagaria mais dinheiro e exigiria a realização de menos sexo. Em uma viagem de uma semana, por exemplo, pode-se ganhar alguns milhares de euros, mas não se ficaria fazendo sexo uma semana ininterrupta. Nesses momentos seria possível conhecer lugares e contextos diferentes, o que agregaria em termos de conhecimentos gerais para o *escort* e isso poderia ser usado para seduzir novos clientes.

Kerwin Kayne (2008) conduziu, nos Estados Unidos, uma pesquisa procurando identificar as diversas configurações que o trabalho sexual exercido por homens assumiu, desde a era

vitoriana, a partir do que fora escrito sobre ele em diferentes momentos históricos. O interessante da revisão feita por Kayne é que em diferentes momentos, ele mostra relatos de que os homens que faziam trabalho sexual, ao encontrar-se na companhia de homens de classes médias ou da aristocracia, viam oportunidades de aprender, para além de fazer sexo. Aprendiam boas maneiras. Aprendiam sobre elegância, sobre gostos que poderiam permitir, quem sabe, lhes dar mais repertório para tentar ascender em termos de mobilidade social (Hirschfeld, 2000; Minton, 2002)

Esses clientes fáceis contam precisariam ser alguém com “cara de quem tem dinheiro”, ou como assevera Schucman (2014), alguém que deixa transparecer uma hierarquia estética em relação ao *escort*. Essas questões ajudam a mostrar que o cliente é avaliado pelo *escort*. Epitácio Neto (2009), pesquisando o trabalho sexual de homens no Recife, conta que eles avaliavam o corpo dos clientes, a roupa dos clientes e os adereços dos clientes, só depois disso é que precificavam o *programa*. Quanto mais avaliado como *sofisticado* o cliente, *mais caro e fácil* poderia ser o *programa*⁶⁵. Portanto, esses detalhes também compõem o cliente *fácil*. Marcos Torres, por exemplo, conta suas experiências com um cliente francês. Em seu acordo, ele não ganha dinheiro, mas ganha as viagens com todas as despesas cobertas⁶⁶. Esse já seria o seu pagamento:

O francês agora vai ser fixo. Ele vai me dar uma quantia por mês. Fizemos um acordo. Ah, ele vai me dar uma viagem de presente pra Paris. Eu vou pra Paris com ele. Na verdade, ele me convidou e tudo. Ele tem uma casa numa ilha na França. Uma casa de praia. Então, é pra ficar uma semana. Cinco dias nessa casa de praia. E ficar uns dias em Paris. Ai ele falou bem assim: que paga tudo pra mim, passagem ida e volta, tudo, todas as despesas, que só não me pagaria valores a mais. Eu falei: ‘não, perfeito, tá tudo bem’.

No caso de Marcos Torres, se há um investimento por parte do cliente em proporcionar a viagem e a cobertura de todas as despesas, o cliente também negocia com o *escort* a necessidade de não pagar pelo acompanhamento. Daniel Kerry dos Santos (2016) mostra que essa é uma prática recorrente entre clientes estrangeiros que contratam *escorts*. Segundo o pesquisador, o cliente que contrata *escort* costuma ter mais dinheiro, inclusive porque ele demandaria mais que sexo. A função *escort*, para Kerry dos Santos, pressuporia uma companhia

⁶⁵ Na pesquisa de Neto (2009), os *escorts*, naquele contexto chamados de michês, trabalhavam nas ruas e os clientes circulavam de carro. O modelo do carro do cliente também impactava o preço do *programa*. A *cara* do cliente definiria o preço do encontro entre eles.

⁶⁶ Segundo Victor Hugo Barreto (2011), nas diferentes modalidades de exercício do trabalho sexual, há diferentes contratos que regem as transações. Esses contratos costumam ser verbais e quase sempre são cumpridos por ambas as partes. Quando há descumprimento, além do interdito da relação, costumam haver traumas de diferentes graus.

mais prolongada, sendo assim, viajar e conhecer lugares seria parte dessa atividade que se desdobraria em uma maior proximidade entre cliente e *escort*.

O *escort*, no caso de Marcos Torres, poderia escolher declinar a viagem, pois não ganharia um dinheiro que poderia estar recebendo se estivesse trabalhando na sua cidade base ou nas turnês pela Europa. No entanto, Marcos Torres pondera que a viagem pode ser um momento de construir ainda mais afinidade com o cliente e assim fidelizá-lo, sem contar os ganhos colaterais: viagem a Paris e a uma ilha francesa com todas as despesas pagas e conhecimento de mundo. O interlocutor parece entender que há ganhos substanciais para o seu repertório, mesmo que as trocas envolvidas não resultem em dinheiro vivo em sua conta.

Ainda tentando tecer a colcha de retalhos que fazem um *cliente fácil*, faz-se importante dizer que aqueles que não usam drogas são vistos como *clientes fáceis*, porque o uso de drogas percebidas como *mais pesadas* – excetuando-se a maconha, em meu campo não considerada droga e bastante usada – com os clientes durante o trabalho poderia levar a alterações incontroláveis ali e efeitos secundários nos dias subsequentes, o que prejudicaria a jornada de trabalho. Viciar-se também era um receio.

No entanto, há outras facetas que precisam ser problematizadas sobre essas substâncias, que eu falarei a seguir, já que elas foram elementos muito presentes no campo. Também vale destacar que clientes cujas fantasias sexuais não extrapolavam algo que os *escorts* consideravam realizável em termos de performance, eram classificados como *clientes fáceis*. Conseguir adaptar-se às demandas do cliente (Melo, 2015), ou “agradar o cliente” (Oliveira, 2013), sem muito esforço era próprio de *clientes fáceis*, Clientes que estivessem com a higiene corporal em dia eram considerados *clientes fáceis* de atender⁶⁷.

Por fim, esse conjunto de elementos poderia ganhar sentido no tipo considerado mais fácil e seguro de atender, que é o *cliente fixo*. Essa categoria *cliente fixo* aparece em pesquisas brasileiras sobre o trabalho sexual de homens. Nas investigações de Élcio Nogueira dos Santos (2012) e Élcio Nogueira dos Santos e Pedro Paulo Pereira (2016), o *cliente fixo* seria aquele com quem o *boy* “namoraria” na sauna, seria um cliente com mais dinheiro, que teria estudado mais, que teria arrumado um bom trabalho e, portanto, saberia mais sobre temas diversos.

Já na pesquisa de Maria de Lourdes Santos (2013), também com homens que fazem trabalho sexual, só que na cidade de Fortaleza, os *clientes fixos* seriam os *clientes exclusivos*, aqueles que garantiriam pensão e ajuda de custo ao chamado *boy*. Eles *pagariam bem*. A relação

⁶⁷ Na pesquisa de Mariana Melo (2015), havia reclamação constante dos *escorts* sobre a falta de higiene dos clientes na cidade do Porto, Portugal.

desenvolvida seria de cumplicidade. Além de haver nas relações com *clientes fixos* melhores condições de trabalho, que seriam garantidas a partir da maior intimidade produzida.

Robinho fala que a maioria de seus clientes é fidelizada. Conseguir fidelizar um cliente passaria por *tratar bem*. Esse cliente *fácil*, que é *bem-tratado* e, por conseguinte, faz o mesmo com o *escort*, é *tratado no luxo*, conforme conta Epitácio Neto (2009). Parte do *tratar bem*, diria respeito a *não se preocupar com tempo do atendimento*. Outros elementos da fidelização de clientes no trabalho sexual diriam respeito à realização das fantasias dos clientes, bem como ao processo de ganhar a confiança dos clientes, ou mesmo oferecer diferenciais como massagens, sem cobrança extra. A *brasilidade*, não se pode esquecer, operaria como um marcador importante na fidelização (Pessoa, 2020).

Para Robinho, *se você receber um cliente, e despachar ele rápido, chega e goza em 5 minutos, ele vai embora e não vai querer voltar depois*. Na contramão dessa prática que ele diz ser muito comum entre seus colegas, ele conta que *se você pegar este mesmo cliente, tratar, ver que ele tá quase gozando, você parar, depois de gozar tentar de novo, e fizer ele gozar, você fideliza ele. E você ainda conversa. Ganha ele*. Em grande medida, seria muito difícil compor um *cliente fixo* que não tivesse algumas das características apontadas a cima. O *cliente fixo* é muito buscado porque ele seria *certo*. Ser *certo* passa irrevogavelmente pelos pontos trabalhados acima. Por vezes, se ganha menos dinheiro com o *cliente fixo*, mas ganha-se *sempre* com o *cliente fixo*. É o *cliente fixo* que permite alguma previsibilidade orçamentária ao *escort*.

Entre os *clientes fixos* com maior poder aquisitivo podem existir os chamados *casamentos por temporada*. Otto é o meu interlocutor que costuma aventurar-se por essa modalidade de relacionamento com os clientes. O primeiro passo para se conseguir efetivar um *casamento por temporada* é o cliente tornar-se *fixo*. Esse processo é o momento oportuno para que *escort* e cliente se conheçam melhor. É o momento do *namoro*⁶⁸. Otto *lança a isca* nessa etapa da relação. Ele conta um pouco da sua história e diz que tem a possibilidade de passar temporadas *casado* com o cliente, inclusive vivendo na casa dele caso seja de interesse do cliente. Ele aproveita e conta experiências anteriores já vividas nesse formato:

Nesses quatro anos, eu já vivi com quatro pessoas. Sempre por temporadas. Eu vivi aqui em Lisboa, na Ilha da Madeira e em Vila Real, Trás-Os-Montes, no norte de Portugal. E são histórias, que mesmo depois que encerram os casamentos, e eu desejo retornar e ter a minha vida novamente, eu me torno amigo das pessoas. Tem 5 meses que eu to vivendo nesse apartamento sozinho, porque eu acabei de viver um ano e meio com uma pessoa de 72 anos, um empresário, português, que me conheceu, e depois de 3 meses que

⁶⁸ A questão dos afetos dos *escorts*, especialmente namoros, casamentos, foram temas pouco ou nada explorados na tese porque eles não apareceram nas narrativas, ou apareceram muito pontualmente.

ele me conheceu, a esposa dele faleceu. Então, ele me fez a proposta de ir viver com ele por seis meses. Eu tinha o meu quarto separado. Com ele eu mantive os meus trabalhos de escort em hotel. Eu tinha muita liberdade. É tudo muito bem conversado. Exemplo: se eu vou viver com o João, eu sei das minhas obrigações com ele, mas eu tenho também a minha vida normal. As minhas viagens pro Brasil. É tipo uma companhia mesmo. Tudo acertado verbalmente. É tudo bem conversado mesmo.

Os *casamentos por temporada* de que fala Otto são possibilidades de ganhar um dinheiro fixo mensal, além de ter pagas as despesas de sua casa, para dedicar-se apenas a um cliente. Aliás, situações um pouco semelhantes a essas, no contexto australiano, foram classificadas como próprias de clientes chamados de *sugar daddies* por Jan Browne e Victor Minichiello (1996), que costumavam “sustentar” temporariamente algum *escort*.

No caso desse *casamento* contado por Otto, ele ainda podia atender eventualmente outros clientes em hotéis, mas essa não é a regra. A regra dos relacionamentos anteriores que ele viveu nesse formato tinha um caráter de maior exclusividade. Geralmente essas modalidades de encontro afetivo, erótico e sexual, são viabilizadas por *escorts* que estariam um pouco cansados da vida *de praça em praça* e por clientes com maior poder aquisitivo, com uma idade um pouco mais avançada e que seriam sozinhos ou estariam experimentando uma vida sozinha recentemente.

Não há qualquer tipo de formalização do *casamento*. Trata-se, antes, de um acordo verbal entre os dois sujeitos e que se efetiva mediante o pagamento antecipado de uma parcela do primeiro mês que, quase sempre, gira ao redor de 50% do valor devido. Esses valores variam muito. Mas, em tese, eles estariam na casa dos 3000 euros mensais mais as despesas fixas do *escort* na casa dele além das passagens para uma viagem de ida e volta ao Brasil.

Os *casamentos por temporada* só se efetivam com clientes tidos como *fáceis*, pois trata-se de uma convivência diária durante seis meses ou mais. Há muita intimidade envolvida para que se leve a cabo uma relação com um cliente tido como *difícil*. Em outros tempos, talvez o *escort* que estivesse inserido na modalidade de *casamento por temporada* fosse qualificado como um *bancado* ou um *gigolô*. No entanto, a percepção de Otto não é essa, para ele o que está em questão é um outro formato de acompanhamento, uma modalidade muito particular de exercício do trabalho sexual.

Em um esforço de síntese, pode-se dizer que os *clientes fáceis* seriam *clientes do dia*, casados em relacionamentos heterossexuais, higiênicos e não usuários de drogas. Além disso, em termos etários e de estética corporal seriam atraentes ao *escort*. Também seria uma característica atribuída ao *cliente fácil*, o fato dele ser generoso nos pagamentos, o que pressuporia que ele poderia ser uma classe social mais elevada, transparecendo assimetrias

econômicas (Dolabella, 2015) e, mais que pagar bem, ele trataria bem o *escort* o que ajuda a dar ao *programa* um caráter menos impessoal. O *cliente fácil* mais típico seria o *cliente fixo*, aquele que consegue dar ao trabalho sexual, tão contingente, certo caráter de previsibilidade.

4.3. Os *clientes difíceis*: quando o trabalho sexual é muito complicado

Ainda que sejam os mais desejados, os *clientes fáceis* são os menos comuns. Mais recorrentes são os *clientes difíceis*. Quando um cliente entra em contato com o *escort* depois das dez horas da noite, muito provavelmente ele é um cliente *difícil*. Em grande medida, os *clientes difíceis* são *clientes da noite* e, sobretudo, *da madrugada*. No caso de meus interlocutores, é muito raro um *cliente difícil* ser um cliente diurno. Há duas características muito presentes nos *clientes difíceis*: o uso recorrente de drogas (Luís, 2015) e a busca pela realização de fantasias sexuais consideradas extravagantes pelos *escorts* (Santos, 2016). O interlocutor Otto conta que esses dois pontos exigem uma dinâmica mais demorada que apenas uma hora de atendimento, uma vez que é necessária uma preparação para a sua consumação. Além disso, drogas e essas fantasias sexuais, que eles chamam de *fetiches*, andam muito juntos.

Os *clientes difíceis* são facilmente vistos como *indesejados*, quase sempre porque estão muito alcoolizados, ou sob efeito de drogas, além de violentos, tal como reportam Reginaldo Guiraldelli e Mariza Fernandes de Souza (2013) em pesquisas com homens que fazem trabalho sexual em Belo Horizonte. Em pesquisa com público semelhante, no Rio de Janeiro, Alan Alves (2011) identifica esse tipo de clientes como *desprezíveis* e o objetivo dos *escorts* seria conseguir o dinheiro com *a maior facilidade possível e livrar-se deles*.

É importante dizer que os *clientes difíceis* costumam ser homens solteiros e com um poder aquisitivo elevado, o que não necessariamente os fará generosos nos pagamentos ao *escorts*. Muitos deles, inclusive, são classificados como *mariconas mão de vaca*, pois fazem as mais diversas tentativas para baixar o preço dos *programas*. Alexandre Eustáquio Teixeira (2011), que fez pesquisa com homens que fazem trabalho sexual em Belo Horizonte, referia-se aos clientes que pechincham os valores dos *programas*, tentando pagar abaixo do valor de mercado, como *clientes pé-de-cachorro*. Dagoberto, por exemplo, me contava de *sex parties* com clientes que tentavam humilhar e desmerecer ele e outros *escorts* contratados. Tais situações, segundo Dago, eram mais comuns com homens ricos e alguns famosos que tratavam os *escorts* como *objetos* e ainda barganhavam para pagar menos.

Ele é muito rico. Porém, como te falo, como ele tem muito dinheiro, ele acha assim: 'ninguém pode contra mim porque eu tenho muito dinheiro'. Agora, se as pessoas sabem que ele é gay ou não, isso eu já não sei. Mas os gays do

meio sabem que ele é gay. É o que falo pra você, eu só não fiquei com tanta raiva dele porque quando o cara estava usando chems⁶⁹ e pode dar paranoia. Ele fica muito alterado. O fato dele ter me tratado mal aquela noite pode ser paranoia. O outro escort meu amigo ficou puto da vida e já soltou ameaça: 'toma cuidado, se eu trombar você na rua, eu vou estourar sua cara'. Ficou cagando de medo. O que ele fez? Pagou o menino. Queimou o filme dele. Porque quanto mais pessoas ele tratar mal, mais ele vai ficar sem escort pra contratar.

Situações como essa contada por Dago costumam ser comuns entre alguns *escorts*. Eles contavam que os clientes ricos tinham muitas *taras* realizadas em *sex parties* com mais de três *escorts* e com o uso de diferentes tipos de drogas. Em grande medida, esses clientes eram *da madrugada, esnobes e difíceis* e não eram apenas *arrogantes*, mas também *perdiam o controle da situação*. Victor Minichiello (1996) identifica tais clientes como *indesejáveis*, pois seriam tudo em demasia: românticos, sujos, violentos, desrespeitáveis, grosseiros, velhos e com um estética corporal nada atraente. No entanto, esses *clientes difíceis* costumavam ser influentes em diferentes campos da vida social, seja no esporte, na música, na política ou nos negócios⁷⁰. Zuca Da Leste (22 anos) me repetiu algumas vezes: *em casa de clientes milionários, sempre tem muitos escorts e muitas drogas*. Yuri também conta de problemas que teve com o mesmo cliente apontado por Dago:

Tive que ameaçar. Peguei todas as provas que eu tinha dele. Peguei e mandei pra ele. E falei: 'olha, se você não pagar hoje, eu vou expor'. Eu não ia ser o primeiro a fazer isso. Ai ele fez a transferência pra mim. Ele mora num palacete. O carro dele é uma nave espacial. Não sei por que eles fazem isso.

No caso desse *cliente difícil*, a ameaça resolveu o problema e o pagamento foi feito. Isso não aconteceu com um outro cliente de Yuri, que também é uma figura pública e que ele atendeu algumas vezes. Esse lhe tratava como *mercadoria*, era esnobe, mas como tinha muito dinheiro costumava *pagar bem os programas*. Certa vez ele não pagou e aí Yuri precisou agir:

Inclusive tem uma figura pública que uma vez não sei por que o gajo não quis pagar. Ai depois, passou uns dias, eu mandei mensagem pra ele. Ele falou: 'eu não vou te pagar'. Eu falei assim: 'tudo bem'. Fui até o carro dele. Peguei uma pedra e escrevi 'viado' no carro dele. Era um carro de luxo. Eu sabia onde ele ia. Eu já tinha saído com ele. Eu já andei naquele carro. Tá, ficou

⁶⁹ *Chems* é uma gíria que se refere a substâncias químicas usadas de maneira recreativa, muitas vezes associadas a drogas sintéticas ou compostos químicos psicoativos. No capítulo V *chems* e *chemsex* serão abordados com maior vagar.

⁷⁰ Os clientes *indesejáveis*, segundo Browne e Minichiello (1996a), seriam aqueles homens que o *escort* preferia não ter que atender por razões variadas que envolvem desde aspectos físicos, higiene corporal, questões geracionais, visão de mundo, origem étnica, ou identidades culturais.

lá, enorme, 'viado'. Ele é da imprensa. Ele fez isso porque cheira muita cocaína. E tava louco.

Portanto, conforme mostram alguns interlocutores, o fato de o cliente ser rico, famoso, *poderoso*, não garante que ele será um *cliente fácil*. Pelo contrário, justamente por ver-se nesse lugar de destaque na sociedade, talvez ele acredite que possa dispor dos *escorts* sem necessariamente cumprir os combinados. Algo como se fosse uma vantagem para o *escort* estar com ele, mesmo sem pagamento. Isso, inclusive, desmereceria a condição de trabalho dos próprios *escorts*, fragilizando ainda mais tais condições de trabalho. Victor Minichiello *et.al* (1999) diziam que uma estratégia dos *escorts* de sua pesquisa para evitar não receber dos clientes considerados *difíceis*, era fazer com o que o pagamento fosse realizado antes do *programa*, assim situações como as descritas por meus interlocutores seriam evitadas⁷¹. Segundo Daniel Kerry dos Santos (2016), os clientes *difíceis*, considerados em seu campo como clientes *problemas*, seriam homens desrespeitosos, que objetificavam os *escorts* e, em vista de estarem pagando consideráveis quantias em dinheiro, não respeitavam os limites que eles mesmos tinham acordado com os *escorts* antes do *programa*.

Do ponto de vista de atração ao *escort*, os *clientes difíceis* seriam clientes não atraentes em termos de beleza, faixa etária, estética corporal. Esse combo de desinteresse, conforme ouvi em campo, faria com que muitos *escorts* sentissem *nojo* dos clientes – algo também relevante na pesquisa de Kerry dos Santos (2016) – e precisassem recorrer a estimulantes sexuais para que efetivar o ato sexual.

A questão do uso de estimulante sexual não estaria relacionada ao fato de transar com um homem, afinal não se falou em campo da incompatibilidade entre orientações sexuais; mas devia-se ao fato de que aquele determinado cliente era desinteressante àquele determinado *escort*. Lily Cheng, Leendert de Die e Eefje de Kroom (2013), ao pesquisarem o trabalho sexual de homens nos Países Baixos, contavam que os *escorts* recorriam a diferentes truques, imaginação, medicamentos, ou drogas ilícitas no intuito de que algumas dessas estratégias funcionassem como estimulantes sexual para a realização do programa com o *cliente difícil*.

Na pesquisa de Maria de Lourdes Santos (2013), em Fortaleza, com homens que fazem trabalho sexual, os clientes *difíceis* eram *indesejáveis* porque geralmente eram maus pagadores, violentos e sujeitos. Um caso desse tipo me foi contado por Zuca Da Leste:

⁷¹ John Scott (2005) conta casos de *escorts* na Austrália que tiveram que usar de ameaças ou violência física com clientes que se recusaram a pagar pelo serviço depois de prestado. Ainda que esses casos não fossem a regra, elas aconteciam eventualmente, tal como em meu campo conforme relatado pelos interlocutores.

Eu sinto nojo deles. A maior parte deles é insuportável. Eu quase sempre uso Viagra, pois não sinto qualquer desejo. Depois de maconha, o que eu mais uso é Viagra para poder encarar os clientes. Só encaro assim.

Muitos *clientes difíceis* são clientes eventuais, quer dizer, são clientes de um *encontro só* (Davies e Simpson, 1990). Eles encontram os *escorts* a partir de aplicativos de relacionamento, ou mesmo dos *sites* de anúncios, mas não ficam, não se consegue manter um vínculo depois do primeiro encontro, talvez por serem desinteressantes ao *escort*, ou por incompatibilidades surgidas durante o encontro, ou ainda porque o que se buscava era exatamente o sexo casual. A acusação dos *escorts* é que muitos desses *clientes difíceis*, que são eventuais, costumam ser *esnobes* e os tratam como *mercadoria*, como um meio para *gozar e ir embora*.

Quando estive com Beto em Berlim, ele me contava de alguns clientes que ele considerava *difíceis*. Para ele, *o pior cliente é aquele que chega já perguntando o tamanho do seu pau. Ou se ele pode mijar dentro de você. Ou essa galera que diz, 'posso fazer de você meu escravo?'* Beto me disse que com esses homens ele não transa, a menos que o momento fosse periclitante em termos de falta de dinheiro. *Vai se foder! Não vou ser escravo de ninguém. Não vou ser submisso a ninguém. Não vai mijar dentro de mim. E se forçar, eu viro bicho em dois segundos.*

As fantasias dos clientes são as mais variadas possíveis. Um cliente belga de Yuri tinha fetiche com sapato. A excitação desse cliente era lambe o sapato do *escort*, beijar o sapato, limpar o sapato com a língua. Segundo Yuri, *o fetiche dele é este. Então, eu fico sentadinho enquanto ele beija e limpa o meu sapato. Depois eu vou embora. Ele se masturba e paga 200 euros.*

Os chamados *fetiches* também aparecem nos relatos de Zuca Da Leste. Tais cenas envolveriam *apanhar, lambe sujeira da rua nos calçados, ser mijados, cagados*, conta o interlocutor. Tal como ocorrera na pesquisa de Santos (2016), Zuca Da Leste observou que esse contexto mais particular, especialmente no que diz respeito à dimensão mais *scat*⁷² apareceria entre clientes que usam *muitas drogas* e demandariam essas práticas não convencionais.

Geralmente esses atendimentos não convencionais pagam mais em termos de dinheiro e, muitas vezes, nem ocorre sexo. Ele conta que *em muitos desses encontros eu nem chego a tirar a roupa, mas tenho que ficar atendendo as taras do freguês*. Essas situações eram *difíceis* de ser *encaradas*, conforme me falava Dagoberto, porque elas *dariam muito trabalho* e exigiam

⁷² A prática sexual conhecida como *scat* envolve a excitação sexual ou a estimulação a partir de fezes ou excrementos humanos. Isso pode incluir atos como defecar em alguém, usar fezes como parte da atividade sexual ou consumir fezes de alguma forma durante o sexo.

um *esforço físico e emocional muito grande*. Segundo ele, *não compensaria tal desgaste*, embora resultasse em uma quantia de dinheiro que ele poderia conseguir apenas se fizesse muitas horas de sexo com outros tipos de clientes. Portanto, o dinheiro conseguido com as *taras* dos clientes era *mais rápido*, mas substancialmente *mais difícil*.

Voltando ao tema das drogas como uma marca do *cliente difícil e da madrugada*. Robinho conta que a maior parte dos clientes que o procura é de *drogados*. Ele falava que em Lisboa a *maioria dos clientes são tudo de colocação*. *Estar colocado* é uma gíria comum entre pessoas LGBT para referir-se a estar sob efeitos de substâncias psicotrópicas. Os clientes que usam drogas contratam os *escorts*, supunha-se, para uma relação sexual, mas a maior parte das vezes, como conta Robinho, é para acompanhá-los no uso de drogas, ainda que o *escort* não use ou não queira usar naquele momento: *só que aí a gente dá o truque, né. Eu finjo que uso, quando eu não uso*.

Portanto, como mostraram Garret Prestage *et.al.* (2014), no contexto da Austrália, havia uma associação entre *sex party*, sexo grupal e uso de drogas no exercício do trabalho sexual a partir do que era demandado pelos clientes. Esses eventos não eram incomuns, tampouco localizados. Otto corrobora a centralidade das drogas entre os *clientes difíceis*. No entanto ele reconhece o quanto as chamadas *overnights* pagam bem mais que os clientes eventuais de *programas* de uma hora.

As *overnights* são bancadas por pessoas que têm dinheiro. São poucos os portugueses que contratam para *overnights* e *sex party*, a maior parte dos clientes de *overnights*, *sex party*, *chemsex* é composta por estrangeiros. Segundo Otto, com o avançar da madrugada a *sex party* vai se transformando em um *Big Brother: parece um Big Brother porque você é eliminado da festa, você é dispensado, a partir do momento que o cliente vê que você não está interagindo com as drogas*. Na tese de Kerry dos Santos (2016), “cheirar” junto, beber junto, até ficar entorpecido, seria uma demanda constante de clientes considerados *difíceis*.

Por fim, é muito *difícil* aquele cliente que vira *vício*. Isto é, aquele cliente por quem o *escort* se apaixona, mesmo que não seja generoso nos pagamentos, ou que não o trate bem, mas mesmo assim ele se apaixona. Isso se agrava, sobretudo em uma cidade como Lisboa, onde o mercado de clientes é restrito e eles acabam por se conhecer. *Fazer vício* – transar sem cobrar – porque *houve uma química*, por conta da *pegada* do cliente, pode resultar numa *reação em cadeia* e outros clientes não quererem pagar, afinal o *escort faz de graça* para determinado sujeito, por que não fazer para os demais⁷³? Segundo Marcos Torres, funcionaria assim:

⁷³ Nas pesquisas de Sari Van der Poel (1992) e David Bimbi (2015) sobre homens que fazem trabalho sexual, é recorrente a atenção com aqueles clientes pelos quais o *escort* pode eventualmente se apaixonar. Isso poderia

O vício pode ser um problema pra profissão. Como aqui é muito pequeno, o escort fica falado. O vício vai contar pros outros. 'Ah, esse aí eu comi de graça'. 'Ah, esse aí me comeu de graça'. Então, depois, os outros vai questionar. 'Ah, nas sex parties fode de graça com todo mundo, por que que não pode foder comigo'?

Portanto, segundo refere o interlocutor, perceber o cliente que vira *vício* como alguém *difícil* não diz respeito ao fato de interessar-se por ele ou de ter com ele sem cobrar, transitando de uma relação de trabalho para uma relação de afeto⁷⁴. Marcos Torres deixa claro que esse tipo de cliente se torna *difícil* a partir do momento que a suposta relação entre eles se torna conhecida a outros clientes que poderiam, eventualmente, requerer o mesmo estatuto, ou seja, realizar *programas* com ele de forma gratuita. É justamente essa tentação que faz do potencial *vício* um *cliente difícil* e por isso tais modalidades de encontros devem ser evitadas.

Não há um modelo de *cliente difícil* que reúna todas as características aqui trabalhadas, sobretudo porque tais características que o definiria ainda que repetidas à exaustão por diferentes *escorts*, requerem qualquer coisa de prudência, pois diferentes características podem funcionar em diferentes contextos e em determinadas relações. É raro um *cliente difícil* ser um *cliente fixo*, na maioria dos casos eles são eventuais, barganham o preço dos encontros e, mesmo com dinheiro, fingem-se pobres. Em termos de faixa etária e estética corporal, ainda que muito diferentes entre si, guardam em comum o fato de não serem atraentes ao *escorts*.

4.4. Os escorts e o trabalho sexual na perspectiva dos clientes

Gonçalo (42 anos), Vasco (50 anos), Manel (45 anos) e Joseph (60 anos)⁷⁵ foram os quatro clientes que eu consegui travar uma interlocução um pouco mais duradoura durante o trabalho de campo. Nos encontramos em diferentes momentos dos anos de 2021 e 2022. No começo do capítulo, conto meu primeiro contato com Joseph. Gonçalo, Vasco e Manel os apresentei no Capítulo II. Trata-se de um grupo de três interlocutores portugueses e um estrangeiro, mas que vive em Portugal. Durante o trabalho de campo em que circulei, *de praça em praça*, por diferentes países da Europa acabei não conseguindo me aproximar de clientes dos meus interlocutores porque a pesquisa ficou muito centrada nos *escorts* e em seus momentos de *folga*. A aproximação com os clientes com os quais dialogarei aqui foi possibilitada pela

significar a perda do controle da negociação, bem como distrair-se e colocar a transação comercial a perder, além de abrir margens para que o cliente tentasse pagar menos, ou mesmo, não pagar, caso percebesse o interesse do *escort* nele.

⁷⁴ Sobre cliente virar *vício* de *escort*, ver a pesquisa de Daniel Kerry dos Santos (2016).

⁷⁵ As entrevistas com os quatro clientes não foram gravadas, pois eu não recebi essa permissão. Elas são fruto das anotações que fiz ao longo das nossas conversas.

intermediação de André, Dagoberto e Marcos Torres. Nossa interlocução foi travada basicamente em Lisboa e região metropolitana.

Dagoberto me apresentou Gonçalo em uma sauna de Lisboa, antes de um grupo de clientes e *escorts* partirem para um *after* em uma casa na Margem Sul onde aconteceria uma *chemsex*. Vasco e Manel me foram apresentados por André, em diferentes momentos, em um mesmo bar de *cruising* de Lisboa. Joseph, como contei no começo desse capítulo, contatei através de Marcos Torres que fez a intermediação. Ele foi o único, dentre os quatro, cujo primeiro contato foi fora da *noite gay*.

Gonçalo, dos clientes que eu contatei, é o que mais circula pelo chamado *mundo gay* da noite lisboeta. Ele é assíduo frequentador de discotecas, saunas e *cruising bar*, além da Praia da 19 no verão. Ele tem uma turma de amigos cujas idades giram em torno da sua. Eles são presenças constantes nesses espaços (Santos, 2012; Santos e Pereira, 2016). Gonçalo e os amigos usam diferentes tipos de drogas em suas perambulações pela noite nos equipamentos de entretenimento que frequentam. Gonçalo tem amigos brasileiros, dentre os quais, alguns *escorts*. Dagoberto, que me apresentou Gonçalo, é um desses. Inicialmente eles tiveram relações sexuais comerciais e depois acabaram construindo uma amizade.

Vasco é uma personagem daquelas que costuma repetir-se nas saunas pelo mundo a fora. Aquele homem de meia idade, com cabelos grisalhos, algumas rugas. Ele costuma ter experiências sexuais eventuais com homens, quase sempre *escorts* ou frequentadores das saunas, mas conta ter tido relacionamentos mais fixos com mulheres. André atende Vasco com certa frequência. Vasco procura incorporar uma masculinidade hegemônica a partir de valores da heteronormatividade. Faz muito sentido a relação que ele e André estabelecem. Ambos substancialmente heteronormativos. Eles se encontram nesse exercício de tal expressão das masculinidades. Vasco não costuma frequentar discotecas LGBT, ou outros equipamentos para além das saunas. Drogas e *sex parties* estão fora de seu radar.

Manel é amigo de Vasco e também cliente de André. Manel, no entanto, além das saunas também frequenta o *cruising bar* onde nos conhecemos e dois famosos espaços de engate da cidade de Lisboa. Aliás, foi Manel que me apresentou um desses lugares, que fica literalmente embaixo de uma das grandes pontes da cidade. Manel e Vasco se conheceram na sauna, anos atrás, e ficaram amigos. Eles tiveram um rápido envolvimento, mas o tipo de relação aventada por Manel soava incompatível para Vasco, que queria apenas casos eventuais com homens. As drogas e as *sex parties* já estariam no radar de Manel, ao contrário de Vasco, ainda que ele tenha procurado se afastar delas porque está em busca de um relacionamento sério, que envolveria a constituição de uma família, o que em sua concepção seria incompatível com *chemsex*.

Joseph não circula pela *noite gay* de Lisboa. Seus encontros com os *escorts* ou são em sua casa, ou em restaurantes e bares que tenham pouco ou nenhum relacionamento com a população LGBT. Como eu disse, Joseph é casado com uma mulher, que vive em outro continente e é pai de filhos que igualmente residem em outros lugares. As drogas para Joseph funcionam mais como uma forma de seduzir os *escorts*, do que como um prazer seu. Ele destaca que usa, *apenas e socialmente*, cocaína, tal como fora esmiuçado na instigante etnografia de Gilberto Velho (1998) com um grupo de pessoas que poderia estar associado a uma origem de classe semelhante à de Joseph. Gosto desse eufemismo para referir-se ao consumo da substância. Todas as demais drogas seriam para os *gajos*, *os zucas*.

A relação de Gonçalo com os *escorts* passa pelo uso de drogas, pelas *sex parties* e *chemsex*. Ele poderia participar e ou organizar esses eventos sem *escorts*, mas como me dizia sempre: *escorts são tempero na festa. Eles agregam muitas coisas interessantes. Eles são sedutores. Eles são jovens. Eles são bonitos. Eles precisam de dinheiro e de drogas.* Eu estive com Gonçalo em contextos onde ele se envolveu com homens que não são *escorts*.

Como diria Alexandra Oliveira (2013), há diferentes razões para a contratação de serviços sexuais de um *escort*. Portanto, e penso que a fala dele conta isso, o fato de contratar *escorts* não diz respeito a não ser competitivo entre os homens que lhe interessam, mas talvez a outras dimensões do mundo do desejo que passam justamente pelo fato de estar com aqueles homens porque dispõem de elementos que faltam a eles: dinheiro e drogas. A partir de então, começaria uma espécie de jogo de sedução que ele qualifica como *fatal e complexo*. Circulam por esses jogos noções de juventude, estética corporal, drogas, sexo grupal, pessoas conhecidas, dinheiro, pessoas desconhecidas, desejo, prazer, fantasias.

Afinal, os clientes buscam prazer e discrição, conforme Laura Calasans Silva (2011), a partir de sua pesquisa sobre trabalho sexual na orla de Atalaia em Sergipe. *Quando acaba o convívio – conta Gonçalo –, quando acabam as chems, eu pago e agradeço. A verdade é que é prático, é barato, é honesto. Eu teria muito menos dinheiro se fosse casado ou namorasse. Escorts são um investimento menos caro e mais prático.* Gonçalo se aproxima um pouco dos clientes das mulheres que fazem trabalho sexual em Espanha e foram interlocutoras de Adriana Piscitelli. Para alguns daqueles homens, a contratação de serviços sexuais remetia a novas experiências e parte de uma prática de lazer (Piscitelli, 2013).

Vasco talvez veja a questão um pouco diferente. Ele claramente tem problemas com seus 50 anos. *Eu já estou velho. Namorei quando puto. Depois não mais. O ponto de situação é que isso não está mais planejado. Passou.* O que eu percebo é que a contratação de *escorts* por parte de Vasco está muito associada ao fato de julgar-se menos competitivo no “mercado da

sedução”, no engate. No *Dark*, o lugar em que nos conhecemos, ele costumava ficar próximo ao bar ou nas partes mais escuras, onde ocorriam as orgias.

Ainda que com apenas 50 anos, ele julgava que o seu tempo tinha passado, por isso contratava *escorts*. *Eu sei que não atraio um gajo musculado de vinte e tal anos. Esses são os que me atraem. Ora bem, a esses eu pago. E é assim.* Vasco trabalhava muito para conseguir dinheiro e poder pagar os homens que lhe atraem. Seu receio era ver-se impossibilitado de ter com esses homens e ficar apenas masturbando-se na frente do computador, nos bares de *cruising* ou nas zonas de engate: *preciso estar com saúde e poder trabalhar, estar ativo. Se a vida me der a volta, vou ficar a masturbar-me a ver porno ou a ver outros foderem no Dark. Isso é horrível. Quero engatar. Engato com escorts.*

Manel me contava que sua predileção era por zonas de engate. Ele conhecia todas as zonas de engate da cidade. Foi com ele que conheci algumas bastante recônditas. A circulação de *escorts* pelas zonas de engate era muito restrita. Eu mesmo percebi uma ou duas vezes apenas. Por conta disso, para conseguir relacionar-se de forma mais confortável com *escorts*, Manel era adepto das *sex parties* e desenvolvera nos últimos anos, um gosto especial pelo *chemsex*, que estaria “virando moda” em Lisboa. Ele nunca conseguiu contratar muitos *escorts* para um mesmo evento. Mas ele reunia três ou quatro amigos nas madrugadas de sexta-feira para sábado e contratava um ou dois *escorts*. Como havia drogas, ele dizia que costumava haver desconto por parte do *escort*.

No entanto, em nosso último encontro em março de 2023, Manel me dissera que *já não estou mais a fazer chems, nem mesmo sex party. Não te contei, mas fui infetado pelo monkeypox. Isso deu-me a volta. Foi muito chato. Todos fomos infetados. Faz três meses que não chamo escorts para convívios. Quero namorar e, a ver, ora bem, ter uma família.* Escorts são um espetáculo. Essa euforia é um espetáculo. É fora da rotina. Ficamos fora. É ótimo. Mas o meu corpo dá sinais de cansaço.

A seu turno, Joseph, o mais velho dentre os clientes que eu contactei, tinha muito claro que os *escorts* eram o seu acesso possível ao sexo com homens. *Eu só tenho sexo com homens que são escorts. Eu não ando por aí. Tu nunca me viste na noite.* Ele procura resguardar sua vida privada e conta que tal situação já era assim em seu país de origem. Naquela altura, ele tinha mais dificuldades para levar a cabo a sua “vida dupla” face à carreira política.

Em Portugal, esses encontros ganham outros contornos, mais leves, ainda que igualmente reservados. Publicamente ele é um homem heterossexual, casado e pai de família (Pinel, 2003; Silva, 2011, Santos, 2013). Na intimidade é que esse outro Joseph aparece. *Sinto-me mais à*

vontade em Lisboa. Tenho amigos menos armariados, mas eu prezo ainda por isso. Em Lisboa vivo um pouco mais livre e aventuro-me mais. É possível. Sou comum. Desconhecido.

A contratação de *escorts* por Joseph é parte de um esquema que ele associa à sua geração. *Quando eu era jovem era fundamental casar com uma mulher e ter filhos. Não era como hoje. A homossexualidade era sufocada no casamento e apenas possível em casos obscuros com escorts ou em zonas de cruising. Os escorts sempre me pareceram mais seguros. Mais desafiadores. Era possível criar tantas histórias. Fabuloso. Atenção, Guilherme. Isso sempre foi muito comum entre homens casados da minha geração. Muito. Era também a forma de manter o casamento.*

Mas e por que a escolha pelos *escorts* brasileiros? No capítulo II, quando falei sobre a constituição dos *escorts* e as *masculinidades brasileiras sexotizadas*, muitas marcações mostravam as particularidades que fariam os brasileiros competitivos no mercado. Cor, performance, estética corporal, *safadeza*, *malandragem*, *lábria*, foram algumas dessas características destacadas, inclusive pelos clientes. Gonçalo falava sempre:

Eu evito engatar com português. Detesto. Já sei exatamente o que vai acontecer. Fodo com português desde puto. Quero carne nova, como vocês dizem. Queres que eu pague um escort português? Primeiro, não pago. Com português eu fodo grátis. Depois, onde há escorts portuguesas? Certamente não em Portugal. Cá há os brasileiros. Eles são os donos. Não há variedade de nacionalidade. Há variedade entre os brasileiros. Toda a gente sabe disso. Além disso, verdade seja dita, o brasileiro topa tudo no sexo. Não há limite. Não cansam. Gostam de drogas. Conhecem os melhores dealers, quando mesmo não são eles.

Para além das questões que trabalhei detidamente no capítulo II, os clientes parecem que olham o ponto da situação a partir de elementos mais práticos. O primeiro deles é aquilo que já aparecera em campo na fala de alguns interlocutores *escorts*: *gringos não pagam pra foder com gringos*. Aqui Gonçalo reitera isso a dizer que não pagaria para se relacionar sexualmente com um homem português, afinal esse não seria *novidade*, além de haver todas as condições de transar sem precisar pagar.

Daniel Kerry dos Santos (2016) percebe essa questão em sua pesquisa nas “saunas gays” de capitais brasileiras. Naqueles contextos, o autor mostra como seria fundamental *ser carne nova no pedaço*. Isso aplica-se a *escorts*, mas também a clientes, como forma de uma negociação mais vantajosa. No caso de Gonçalo, a rejeição a portuguesas diria respeito a haver muitos homens gays portuguesas disponíveis para sexo gratuito, mas que não seriam *carne nova no pedaço*, para usar uma expressão presente no campo de Kerry dos Santos.

Por outro lado, Gonçalo destaca a ausência, nos mercados locais do sexo, de *escorts* portugueses que, talvez corroborando a lógica de que “santo de casa não faz milagre”, apostem na migração para o exercício do trabalho sexual. Por fim, destaca a massiva presença de brasileiros nesse ramo das economias sexuais. Se a presença hegemônica é de brasileiros, se há uma fama que associa brasileiros a uma sexualidade *poderosa*, por que não os contratar?

Eu percebi, na ótica do interlocutor, que a contratação de *escorts* brasileiros estaria menos associada a uma especificidade extraordinária dos brasileiros nos mercados do sexo, e mais uma facilidade de acesso a esses sujeitos nesse mesmo mercado. O brasileiro sendo o sujeito mais presente no mercado, outras supostas vantagens aparecem e apenas justificam ainda mais a opção pela contratação desse *escort*. A seu turno, Vasco completava:

A questão é simples. Porque é o que há. Ah, porque os brasileiros são um espetáculo. Ah, os brasileiros fodem assim. Eles são isso. Ah, a pila⁷⁶ dos brasileiros. Ah, os brasileiros musculados. Ah, os brasileiros safados. Ah, os morenos brasileiros. Minha gente, tudo isso é verdade? A maior parte das vezes sim. Mas a competição não existe. Quem ameaça os escorts brasileiros na prostituição? Ninguém. Africanos? Não. Os gajos do Leste? Quase nada. São raros. Os portugueses? Nunca. Um gay português não vai pagar um escort português. Qual o grande atrativo de ser escort? É ser novidade, ser o desconhecido. Tem qualquer coisa de mistério. Qual o mistério dos portugueses para os portugueses? Zero. Os brasileiros são muito bons nisso, é verdade. Mas também é verdade que eles competem com eles mesmos.

Vasco insiste em elementos trazidos por Gonçalo. Para ele, parte da função estratégica do ser *escort* residiria no ser *novidade*. A *novidade* aqui pode ser lida como a fuga da rotina, um flerte com o diferente, com o desconhecido. É o extraordinário, o que Mariana Melo (2015) chamou de “diferença em relação ao habitual”. Emerson Pessoa (2020) e Francisco Luís (2015) chamam a atenção para a centralidade da *novidade* como elemento capaz de *capturar* clientes. Tem uma dimensão de certa ruptura, mesmo quando se exige que o extraordinário do *escort* seja justamente performar o cotidiano, o comum, mas, como paródia, aquilo já se mostra por si só como diferente.

É algo mais ou menos como o corriqueiro transformar-se em um tensor libidinal. Este lugar do surpreendente não existiria quando a relação fosse operada por dois portugueses, por isso o trabalho sexual de *escorts* portugueses seria quase interdito na visão do interlocutor. É próprio do brasileiro o trabalho sexual?

Não me parece essa a aposta do interlocutor. No entanto, ele percebe uma falta de concorrência diante de outras nacionalidades no contexto lisboeta e português. Todavia, não

⁷⁶ Nome popular de pênis em Portugal.

deixa de reconhecer como os brasileiros, mesmo hegemônicos no mercado, desempenham essa função com extraordinária maestria. Na mesma pesquisa de Melo (2015) corpos musculados, um bom dote, masculinidade, juventude e higiene aparecem como elementos fundamentais buscados pelos clientes. Parece que os brasileiros conseguem entregar todo esse combo de forma mais recorrente que outros concorrentes no mercado. Manel conta que:

Faz mais de 25 anos que eu frequento a noite gay de Lisboa. Fui ter a todos os lugares. Eu sempre percebi muitos brasileiros pela noite. Em grande número, em grupos de amigos. A chamar a atenção de toda a gente. O brasileiro é um personagem da noite gay de Lisboa e revolucionou a nossa noite e a nossa sexualidade. Posso afirmar com certeza. Eu fiz sexo com muitos mais brasileiros que portugueses. A maior parte deles comerciais. É diferente. É diferente foder com brasileiro. Foder com português é tudo esperado. Nada foge ao convencional. Ora bem, é possível que eu esteja a foder com maus portugueses, ou eu mesmo sou um deles. Mas a verdade é que foder com brasileiro é sempre muito melhor. Não é só o corpo moreno e musculado. É o jeito de fazer. É o jeito de tar connosco. Parece aventura, uma magia. Talvez tu não percebas porque tu és brasileiro e isso seja comum a vocês. Mas a nós, vale cada euro investido.

Manel retoma uma discussão que eu fiz em capítulos anteriores. Há muitos *escorts* brasileiros em Lisboa e em Portugal. Isso os demais clientes também disseram. Mas ele lembra algo que não se pode perder de vista: há muitos brasileiros em Portugal. Envolvidos ou não com o trabalho sexual. Há muitos brasileiros em todos os âmbitos da vida social portuguesa. E, de fato, há um tensionamento nesses campos de atuação. Há aprendizados, há competições, há aproximações, há distanciamentos, há xenofobia, há desejo. O que não se pode perder de vista é como a presença brasileira, por exemplo na noite, e mais especificamente na “noite gay”, transforma e imprime marcas indeléveis naquele contexto. Ao marcar, diferencia. Ao marcar, singulariza. Ao marcar, transforma.

Há muitos brasileiros no trabalho sexual, mas há também na restauração, nas obras, nos serviços em geral, nas universidades. Em toda parte. Penso que essa relativização feita por Manel é importante porque localiza o trabalho sexual como mais uma frente ocupada por brasileiros nesse processo de mobilidade transnacional entre Brasil e Portugal. Claro, não é apenas isso. O interlocutor mesmo aponta elementos comuns aos outros clientes, mas não se deve perder de vista que o brasileiro *escort* em Portugal está no âmago de um contingente mais amplo que é o de brasileiros em Portugal.

Manel, por fim, chama a atenção de que essas diferenças e sutilezas, que fazem valer a pena o investimento de cada euro no convívio com os *escorts* brasileiros, podem passar despercebidas a mim, que também sou brasileiro e que, supostamente, teria isso naturalizado

e, por isso, não teria condições de encarar o brasileiro como um outro. A minha familiaridade, afinal, eu também era um deles, me impedisse de conseguir medir com a precisão meticulosa que ele e outros *gringos* faziam e valoravam em uma espécie de “hierarquia do prazer”.

A seu turno Joseph, explicou a contratação de *escorts* brasileiros de uma forma um pouco diferente em relação aos outros três clientes.

Ah uma questão importante: eu não sou português. Para mim, não há essa relação colonial com vocês. Eu não quero reviver a tragédia colonial na cama. Eu gosto dos brasileiros primeiro pelo que se fala do Brasil e das pessoas do Brasil no mundo. O sexo brasileiro é um produto mundial. Todas as pessoas sabem disso em qualquer lugar. Sexualidade e sensualidade. Portanto, esses homens me chamam atenção. E aqui em Lisboa, bem, aqui é muito fácil acessar brasileiros. Eu achei que aqui havia apenas escorts brasileiros. Escort e homem gay brasileiro são quase como sinônimos aqui. Para mim é isso, a junção de uma fama internacional com a facilidade de acesso. Ora, há muito mais. Há um talento brasileiro na hora do sexo, no convívio todo. São galanteadores. Isso é fundamental para mim e faz com que eu sempre os procure.

Não parece um acaso Joseph começar a sua fala marcando o fato de não ser português. A reflexão dele passa por esse lado. Ele identifica que o encontro entre português e brasileiro no trabalho sexual remontaria às tensões coloniais, como permanências da colonialidade e bem mal resolvidas pelo luso-tropicalismo. Portanto, Joseph tenta mostrar que, ao ser estrangeiro, ele assenta seus interesses nos *escorts* brasileiros sobre outros pilares que não os da relação colonial mais estrita que gerou tantos traumas entre portugueses e brasileiras. Traumas e desejos. Eu penso que ele faz esse movimento no sentido de distensionar a equação linear que compreende o trabalho sexual como exótico. Ele o trata como mais ordinário.

Ele endossa, entretanto, a generalização sobre a “sexualidade brasileira” e a “sexualidade dos brasileiros”, mas aponta como questão imediata para os convívios com homens do Brasil a facilidade de acesso a esses sujeitos nos mercados do sexo de Lisboa a ponto de tratar como sinônimos *escort* e homem gay brasileiro. Fama internacional, facilidade de acesso e capacidade de gestão dos convívios seriam os três elementos que dariam vantagem os *escorts* brasileiros nesse ramo de negócio, segundo a linha de raciocínio apresentada por Joseph.

Foi interessante essa investida de Joseph, pois durante o trabalho de campo, eu procurava introduzir algumas conversas a fim de problematizar a noção de exploração e trabalho sexual. Ela pouco apareceu entre os *escorts* e só apareceu entre os clientes quando eu fui bastante explícito. De maneira peremptória, *escorts* e clientes não se consideravam nem explorados nem exploradores de uns e outros.

Se há países que criminalizam o trabalho sexual, há países que criminalizam a exploração do trabalho sexual, o lenocínio, como é o caso de Portugal (Oliveira, 2011), e outros que chegam a criminalizar os clientes do trabalho sexual que, segundo Fernanda Belizário (2018), constituem uma forma de neoabolicionismo e tem como modelo a Suécia onde essa legislação passou a vigorar em 1998. Em Portugal, mesmo a criminalizar a exploração do trabalho sexual, na visão de Alexandra Oliveira (2011), ainda há um vazio legal, pois se por um lado não há a criminalização nem das pessoas que fazem trabalho sexual, nem de seus clientes; por outro, também não há a regulamentação dessa ocupação.

Gonçalo, a esse respeito dizia:

Eu encaro os escorts como trabalhadores. Prestam-me um serviço. Como cliente, eu quero sempre pagar menos. Mas eu quero pagar menos em toda a parte. Isto não ocorre apenas na prostituição. Ora, isso para dizer-te que eu negoceio com o escort. Mas não penso que isso seja exploração. Sempre pago o que foi acordado. Procuro fazer do convívio um momento amigável. Ainda que o gajo esteja a prestar-me um serviço, estou a tar com uma pessoa. Mesmo com as porcarias na cabeça, ética em primeiro lugar. E eles estão a faturar. Tás a ver. Ele ganha dinheiro. Eu ganho prazer. O dinheiro é uma forma de prazer para ele. Ele tar comigo é o meu prazer.

O interlocutor relativiza a hierarquia dada a partir da compreensão do trabalho sexual como trabalho. Ignora, no entanto, que a própria noção de trabalho pressuporia uma troca desigual. No entanto, diz que barganha o serviço porque barganharia o valor cobrado por qualquer serviço, sexual ou não. Na percepção de Gonçalo, isso seria diferente de explorar, porque, segundo o que eu entendi de seu argumento, ele não desumanizaria o outro, algo que seria tácito no processo de exploração em sua concepção.

John Scott *et.al.* (2005), no contexto da Austrália, no que diz respeito à exploração no âmbito do trabalho sexual de homens, aferem que a entrada nesse nicho das economias sexuais quando fruto de uma escolha racional, visando ganhos financeiros, seria tão digno quanto qualquer outra área dos mundos do trabalho. Seus interlocutores se compreendiam como trabalhadores como quaisquer outros, sujeitos às mesmas forças socioeconômicas, mas, claro, muito mais frágeis em termos de proteção social e legislação trabalhista.

Adam Wilcox e Kriss Christmann (2006), ao investigar o trabalho sexual de homens no interior da Inglaterra, perceberam que o trabalho sexual em si e a inserção desses homens nesse mercado não seriam marcados necessariamente por opressão e exploração. Existem, na percepção dos investigadores, diferentes relações que são estabelecidas entre clientes e *escorts*

que ensejam graus variados de agência, escolha, quem sabe vitimização ou exploração, mas que essas últimas não seriam a tônica da relação no contexto analisado.

Por outro lado, Gonçalo, de acordo com Monto (2000) e Oliveira (2004), acaba por perceber o sexo como mais um, entre tantos, produtos de consumo e não como uma relação de intimidade. Além do mais, o serviço prestado seria pago e o que seria pago é o que, finalmente, teria sido acordado entre ambos. Para além do preço acordado, transitariam pelo *negócio* diferentes prazeres, o que serviria para também compor o argumento de Gonçalo de que o trabalho sexual figuraria para além da exploração.

Vasco olha a questão por um outro ângulo igualmente interessante e que permite diferentes problematizações. Segundo o interlocutor:

Atenção, ele [o escort] é que é jovem, ele é que é bonito, ele é que é atraente, ele é que tem corpo musculado, ele é que é forte. Percebes? Olha para mim. Ok? Agora pensa no André. Percebes a diferença? Ele pode facilmente dominar-me. É só querer. O que eu tenho de vantagem? Dinheiro. Ah, bem, isso é verdade. Como posso explorá-lo? Estou a contratar o serviço que ele está a oferecer. Moralmente posso questionar a razão dele estar a oferecer esse serviço e a falta de oportunidades que possivelmente o levaram a tal. Mas isto é uma condenação moral. Se eu percebo – e percebo – a prostituição como trabalho, respeito o trabalho dele. E se eu tiver as condições que ele impõe para tar comigo, eu vou tar com ele. Eu conheço-me.

Parece-me que Vasco associa dominação e exploração por meio de “vantagens” físicas, quando se sabe que a exploração é um processo polivalente e multifacetado. A noção de exploração aparece na pesquisa de Adriana Piscitelli (2013) com brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Segundo a antropóloga, “a ideia de exploração era puramente econômica, jamais sexual. Algumas consideravam exploração qualquer percentual de retenção de dinheiro, enquanto outras associavam essa ideia exclusivamente às retenções excessivas, ao abuso em termos financeiros” (p. 147). Na pesquisa de Piscitelli, a suposta exploração não ocorria na relação entre a mulher que azia trabalho sexual e o cliente, mas entre ela e quem intermediava ou tornava possível o exercício de seu trabalho.

No entanto, no caso de meu interlocutor, compreendo a argumentação pretendida por ele, que é mostrar como os elementos que são socialmente valorizados em termos de beleza e juventude, que chamam a atenção das pessoas, de maneira geral, remontariam ao *escort*. O homem *mais velho* e “menos competitivo”, que seria o cliente, portanto estaria numa condição contextual mais vulnerável. Essa suposta vulnerabilidade o colocaria em um lugar de menos condições para explorar o *escort*, seja fisicamente ou em qualquer outro âmbito. Porque ele

dependeria do *escort* para a efetivação do convívio. Há um querer do *escort*. O elemento com o qual ele ainda poderia jogar seria o dinheiro.

Para explorar por meio do dinheiro, ele teria que pagar muito abaixo do pedido e o *escort* submeter-se a tal; ou não pagar, mas arcar com consequências que poderiam girar em torno de violência física ou danos materiais, como mostrei acima; ou ainda pagar um terceiro, um *chulo*⁷⁷ quem sabe, que exploraria o *escort* ao cobrar um valor pela intermediação e realização do convívio e repassaria apenas uma parte do montante ao *escort*. Aliás, essa retenção de parte dos ganhos das pessoas que fazem trabalho sexual é muito comum na exploração do trabalho de mulheres, conforme mostrei a partir de Adriana Piscitelli (2013). As brasileiras que trabalhavam na Espanha tinham a metade de seus ganhos retidos pelos proprietários das casas, bares, clubes ou ruas em que trabalhavam.

Segundo Vasco, isso outra vez estaria fora do radar porque o *escort* teria condições físicas de impor-se frente o cliente. A parte essas variações, a convivência com Vasco fez-me perceber o quanto ele preza por manter alguns *escorts* mais fixos a sua disposição. E o faz por meio do que ele chama de um *bom tratamento*. O *bom tratamento* envolveria pagar o que é cobrado, uma relação de respeito e proporcionar alguns mimos, como presentes a esses *escorts*. Acima foi destacado que os clientes fixos eram aqueles considerados mais *fáceis* e os mais almejados pelos *escorts*. Por outro lado, há os *escorts* mais fixos, que são buscados pelos clientes. Ter *escorts* fixos seria garantia de construção de alguma confiança, alguma intimidade e até algum afeto (Weitzer, 1990).

Manel, a seu turno, abre outra frente de argumento sobre exploração.

Há gajos que tentam explorar. Vai de ti estares atento. Há clientes que querem explorar. Atenção, isso é uma verdade. Somos pessoas que querem vantagens. Esse é o ponto da situação. Mas Lisboa é uma cidade pequena. Cá é uma aldeia, a maior de Portugal, mas é uma aldeia. Achas que há muitos escorts, mas não há. É uma malta pequena. Os clientes somos menos ainda. Muitos são casados. Têm família. Se os escorts fizerem algo fora do normal, ou os clientes, toda gente vai saber. O que quero dizer-te é que somos cúmplices. Estamos na mesma merda. Para eles terem o nosso dinheiro e para termos os corpos deles, temos que ser cúmplices. Ponto final.

Manel associa o fato de Lisboa ser supostamente uma “aldeia” e, portanto, *escorts* e clientes formarem grupos restritos e que poderiam facilmente se conhecer, como um elemento que

⁷⁷ Segundo Alexandra Oliveira, “o proxeneta (chulo ou azeiteiro, no calão), aquele/a (ou aqueles) que explora(m) a prostituição com fim lucrativo, é o único cuja actividade é criminalizada em Portugal. Contudo, apesar da criminalização, são poucos os casos que chegam aos tribunais. Tradicionalmente, o chulo era o protector das mulheres que se prostituíam, mas depois passou a ser apenas o explorador” (Oliveira, 2004, p.93).

garantiria certa “harmonia social” que não permitiria a exploração de uns por outros, mesmo com uma suposta “essência” das pessoas por auferir vantagens nas relações. A metáfora da “aldeia” pode estar a referir-se à pequenez dos meios sociais em que eles circulam, uma espécie de bolha “pequeno-burguesa” e gay. O fato de, nesse contexto de “aldeia”, *escorts* e clientes dependerem uns dos outros, garantiria a chamada *cumplicidade* que faria com que a exploração fosse algo impensado, pois poderia comprometer em série esse ramo do *negócio* do desejo⁷⁸.

⁷⁸ As conversas com Joseph nunca desenvolveram quando eu tentava falar sobre exploração no âmbito do trabalho sexual. Seu silêncio e o desvio do assunto foram os elementos substanciais mais recorrentes.

Capítulo 5

Escorts e a cena chemsex: trabalho, vício e suas articulações

Interlocutores do capítulo

André: 30 anos, mais de um 1,8m em um corpo magro, com músculos aparentes. Ele é de Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul. Define-se como moreno escuro. Tem curso superior completo, feito no Brasil, na área de Ciências Humanas. Considera-se gay. Do ponto de vista da documentação consular em Portugal, está regular. Possui título de residência. Em termos de classe social, André diz-se de classe média. Comunica-se em espanhol e precariamente em inglês.

Beto: 30 anos, é nascido em São Paulo capital. Considera-se *moreno* ou *pardo*. Ele tem 1,80m, 73kg e corpo definido como *malhadinho*. Possui ensino superior (o que equivalente à licenciatura em Portugal) na área de Ciências Sociais e Humanas cursado no Brasil. Ele está na Europa há oito anos, passou pouco tempo em Portugal e hoje vive na Alemanha. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele está prestes a receber a residência alemã. O interlocutor tem uma profissão oficial para além do trabalho sexual, que funcionaria como um extra. Beto considera-se *bicha*. Ele fala inglês, alemão, espanhol e um pouco de francês.

Dagoberto: 34 anos, 1,78m, corpo magro/definido. Ele é de uma cidade do interior de Minas Gerais. Define-se como branco. Completou o ensino médio (12º ano) no Brasil. Ele considera-se homossexual. Do ponto de vista da documentação consular em Portugal, ele está em processo de regularização. Ele não tem uma profissão oficial. Mas já fez um pouco de tudo. Em termos de classe social, Dagoberto considera-se de classe média. Ele comunica-se em inglês e espanhol.

Dinho: 23 anos, é nascido em Recife, Pernambuco. Considera-se *moreno*. Ele tem 1,70m, 68kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino fundamental incompleto cursado no Brasil. Ele está na Europa há sete anos. Veio para Portugal acompanhar sua mãe, que faz trabalho sexual. Sua residência era em Lisboa, mas na metade de 2021 mudou-se para Barcelona, onde permanecia até o momento final da pesquisa. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular, ele tem cidadania portuguesa. Sua profissão é o trabalho sexual e considera-se de classe média-alta. Dinho assume-se *bissexual*. Ele não é fluente em nenhuma língua estrangeira, mas diz *virar-se em espanhol*.

Gonçalo é português e tem 42 anos. Considera-se gay e branco, de estatura mediana e magro. Possui ensino médio completo. Considera-se de classe média. Atualmente é cabeleireiro. Conheci Gonçalo em uma sauna de Lisboa. Ele é cliente de *escorts* brasileiros.

Lauro: 35 anos, é de Goiânia, Goiás. Considera-se negro ou pardo, tem 1,83m, 80kg e corpo definido como *parrudo*. Possui superior completo na área de Ciências Sociais Aplicadas. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular. Espera conseguir regularizar-se para poder sair de Portugal. Lauro vive em Portugal desde 2019. Ele considera-se gay e comunica-se penas em português.

Marcos Torres: 32 anos, é nascido no interior de Mato Grosso. Considera-se branco, tem 1,78m, 75kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino médio completo. Curso realizado no

Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, ainda é irregular, mas está organizando os documentos para a “manifestação de interesse”. Marcos Torres vive em Portugal desde 2020. Ele tem um emprego oficial *part time* em um café. O interlocutor considera-se gay. Ele comunica-se apenas em português.

Matheuzinho: 24 anos, é nascido na cidade de Ipatinga, interior das Minas Gerais. Considera-se pardo, tem 1,81m, 75kg e corpo definido como *magro*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular, mas diz estar tentando regularizar-se: *já entreguei a papelada para a advogada*, contou. Matheuzinho chegou a Portugal com a pandemia de Covid-19, em março de 2020. Ele considera-se gay. Entende-se como *pobre, trabalhador* e só se comunica em português.

Nando: 33 anos, é nascido em São Paulo. Considera-se moreno, tem 1,83m, 75kg e corpo definido como *definido*. Possui ensino médio completo. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele tem título de residência há quatro anos. Nando tem uma casa fixa em Lisboa, mas passa a maior parte do ano viajando pela Europa a trabalho. Considera-se de classe média. Em termos de orientação sexual, identifica-se como gay. Ele fala inglês fluente e um pouco de espanhol.

Raí: 43 anos, é nascido no interior da Bahia. Considera-se moreno, tem 1,87m, 83kg e corpo definido como *normal, mas já fui malhado*. Possui ensino superior completo na área de Turismo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele vive na Europa desde 2001. Atualmente sua residência fixa é em Lisboa, mas moro muitos anos em Londres. Raí considera-se gay. Ele é fluente em inglês e espanhol. O interlocutor diz pertencer às classes médias e hoje identifica-se como massoterapeuta. O trabalho sexual é um complemento de seu trabalho oficial.

Renato Araguaia: 35 anos, ele é do interior do estado do Tocantins. Considera-se branco e com um corpo dito como *normal*. Ele tem 1,75m, 78kg. Possui curso superior completo, realizado no Brasil na área de Publicidade e Propaganda. Sua documentação consular em Portugal está irregular. Sua mãe tem cidadania portuguesa e ele está em processo. Considera-se gay, de classe média e se comunica em inglês e espanhol.

Roy: 39 anos, é nascido em uma cidade de Goiás. Considera-se moreno, tem 1,90m, 87kg e corpo definido como *normal*. Seu diferencial, segundo ele, não é beleza, mas é ter um pênis de *24cm e grosso. É o meu trunfo*. Possui ensino superior completo, na área de Engenharia, curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele possui título de residência há 4 anos. Roy vive em Portugal desde 2015. Ele mora em um apartamento alugado onde trabalha e também aluga um quarto para outra pessoa trabalhar. Roy considera-se bissexual. Ele não é fluente em nenhuma outra língua estrangeira, mas consegue se comunicar, *precariamente*, em inglês e *um pouco melhor* em espanhol.

Xande: 28 anos, é nascido em uma cidade do interior das Minas Gerais. Identifica-se como negro, tem 1,76m, 75kg e corpo definido como *malhado*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele mora em Portugal há mais de dez anos. Xande tem um emprego oficial na área de segurança. O trabalho sexual funciona como um *bico*. Xande considera-se homossexual. Ele entende-se como pobre. O interlocutor comunica-se apenas em português.

Yuri: 27 anos, é nascido em Curitiba, Paraná. Considera-se moreno, tem 1,83m, 70kg e corpo definido como *magro, definido*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação

em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele possui título de residência há três anos, embora viva em Portugal desde 2016. Ele já teve residência fixa em Lisboa, mas agora está investindo na carreira internacional, portanto vive de forma itinerante entre os diferentes países. Ele pretende estabelecer-se em 2023 na Alemanha. Yuri considera-se homossexual. Ele é fluente em inglês e sabe comunicar-se em francês, espanhol, italiano e um *pouquinho* em alemão.

Zeca: 31 anos, é do Rio de Janeiro. Considera-se mestiço, tem 1,83, 79kg e corpo *magro definido*. Possui ensino superior na área de Ciências da Saúde. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular. Ele vive no país desde 2020. Considera-se de classe média, pensando a partir de sua realidade brasileira. Zeca considera-se gay. Ele comunica-se apenas em português.

Zuca Da Leste: 22 anos, é de São Paulo capital, da região do Campo Limpo, zona leste da cidade. 1,70m, 60kg, branco, com um corpo magro, ora definido, ora bem magro, ora levemente malhado. Completou o ensino médio (12º ano) e falava apenas português. Considerava-se gay. Com os clientes, ele preferia performar como “mano da periferia”.

Estava com amigas em um boteco no Cais do Sodré, região de bares aqui de Lisboa, em uma roda de samba junto à “comunidade brasileira”. Recebi uma mensagem de André (30 anos) dizendo que haveria uma sex party em Montijo, na casa de um amigo brasileiro, e que haveria escorts. Ele perguntou se eu tinha interesse em ir. Haveria, segundo André, muita putaria e drogas. Cada um levaria as drogas que quisesse e na festa elas seriam compartilhadas. No entanto, não haveria clientes. Vamos fazer vício, ele confirmava. Eu deveria levar cerveja e poppers. Perguntei se eu poderia “só” fazer pesquisa. Foi então que André me contestou: então você vai fazer o quê lá, pesquisa? Eu disse: sim. Achei que o convite era para isso e não pra transar com geral e me detonar. Quero conhecer, mas não queria CONHECER. Ele visualizou a mensagem e não respondeu, coisa que sempre fazia quando era contrariado. Demorou um pouco e recebi sua mensagem: vou falar com o cara e já te digo. Depois de dez minutos, ele respondeu dizendo: ok, você vai ser enfermeiro e garçom. Você sabe injetar? Primeiros socorros? Eu estava ficando preocupado e disse: meu, tu tá me chamando pra uma festa ou pra uma guerra? Ele disse: festa que acaba como uma guerra, todo mundo meio morto. Respondi: André, não vou injetar nada em ninguém. Ele retrucou: porra, gaúcho, tu dificulta tudo. Então assim, cuida das bebidas, cuida de quem tombar, cuida pra não trocarem os copos. Você é a pessoa para isso, ok? Respondi: ah, isso eu faço de boa. Ele concluiu com uma provocação básica: se pintar tesão e vontade de foder, deixa rolar, professor, kkkkkkk. Ri. Abandonei as meninas, disse que tinha surgido um trabalho de campo na Margem Sul e que precisava comprar umas coisas antes de ir. Pedi desculpas a elas, ao samba e fui. Fui até o Dark, o clube de sexo, pois sabia que vendiam poppers lá. Comprei dois. Comprei cerveja no indiano que ficava na esquina do bar. Voltei ao Cais do Sodré e apanhei um barco até Montijo. Já passava das 22 horas. De lá, apanhei um Uber até o endereço. André já estava na festa. Havia outros conhecidos: Yuri (27 anos), Lauro (35 anos), Nando (33 anos) e Dinho (23 anos). Eu não sabia que eles se conheciam. Penso que a pessoa que conhecia todos eles, era o dono da casa, um brasileiro mais velho, Rodolfo, que não era escort e aparentava ter uns 50 anos. Eu lembro de já ter visto Rodolfo quando estava com Dagoberto (34 anos) na praia. Rodolfo era muito popular entre certo grupo de brasileiros que se estabeleceu em

diferentes regiões da Margem Sul. Ele já estava em Portugal há mais de 15 anos. Ele demonstrou zero interesse em minha pesquisa. Fortes rumores dos meninos insinuavam que Rodolfo teria sido escort e aberto portas para uma geração. Não consegui avançar nesse tema, pois ele não permitira. Hoje ele trabalha em uma empresa de aviação. A casa de Rodolfo ficava em uma região com poucas casas, havia terrenos baldios na vizinhança. A casa não era muito grande, mas tinha dois andares e um quintal. Havia poucos móveis, muito espaço. Improvisou-se na sala uma espécie de pista de discoteca. Havia música de balada o tempo todo. Havia uns petiscos em uns pratos na mesa próxima à cozinha, que era estilo americana, e muitas bebidas em outra mesa junto a copos e gelo. Chamou a atenção a quantidade de água e suco. Imediatamente eu pensei: vai ter G (GHB). Coloquei a cerveja no freezer, onde havia vinhos e outras cervejas. Mas era pouca bebida alcoólica em relação a água e suco. Eu estava curioso em relação a estar em uma sex party. Nunca estivera antes. Tudo me interessava. Eu tinha receio de ficar nervoso, envergonhado ou mesmo que a minha presença fosse desconfortável aos participantes. Houve um estranhamento. Mas André e Nando me ajudaram a ficar mais confortável. Eu senti um desconforto parecido com o de ir a uma praia de nudismo pela primeira vez. A sex party na casa de Rodolfo, nesse verão de 2021, exigia zero roupa, ou apenas uma sunga/cueca. A maior parte das pessoas estava nua, inclusive André. Em algum momento da noite, eu contei 14 pessoas na sex party. Os meus conhecidos eram as pessoas que citei. Tinha um rapaz argentino, lindíssimo; um cubano, que eu via na academia e jamais imaginava que era escort – e era –, além de um cara de Angola, famosinho entre eles por ter uma “carreira de sucesso” no trabalho sexual e sobre o qual Roy (39 anos) sempre comentava. Esses foram os homens que chamaram a minha atenção. André, com quem eu dividia algumas das minhas impúblicáveis impressões, me disse: você gostou do angolano, do argentino e do cubano, acertei? Eu não falei nada, mas sorri e mandei ele sair de perto. O gaúcho pensa que me engana, ele saiu falando para Dinho. Eu notei uma tentativa dos meninos me deixarem a vontade, do jeito deles, de forma descontraída. Quando cheguei, Lauro disse entre sorrisos: é hoje que vamos botar o professor na roda, é isso, produção? Exatamente, Belchior vai cantar em microfones internacionais, inclusive, disse Yuri. A carreira vai literalmente bombar. Bombar, sacaram? Eu ria. Eles me sacaneavam todo tempo. A festa nem tinha começado e já estava nesse nível. Houve muita pegação. Rodolfo, o dono da casa, foi quem “abriu os trabalhos”. Ele foi passando por todos os escorts. As pessoas bebiam e se pegavam. Foi aí que a festa começou a esquentar e eu notei que iam para quartos e lugares mais reservados. Outros dançavam. Eles começaram a chegar em mim me avisando que em tantos minutos iriam tomar G outra vez. Eu logo pensei em pegar um caderno e fazer uma tabela. Fiz isso no telefone celular. Fulano tal hora. Beltrano tal hora. Ciclano tal hora. E colocava o despertador. Isso funcionou, mas eles também tinham essa noção. Esses meninos não bebiam álcool, apenas água e suco, e ficavam sempre com seus copos ou na mão, ou ao seu fácil alcance. As pessoas se paqueravam muito e, porque já se conheciam, sabiam quem pegava quem e com quem podiam se pegar coletivamente. Comecei a ver o movimento mais frequente de chems. Poppers, de fato, era uma presença mais visível. Os vidrinhos se multiplicavam. Começaram a aparecer os cachimbinhos para o uso de Tina. Havia os vidrinhos com G. Também vi um pó sendo cheirado, que perguntei se era cocaína e me disseram que era bloom. Ah, teve maconha também. Aliás, apenas uma pessoa usou maconha, Lauro. Ele era reconhecido e reconhecia-se como maconheiro. Na minha primeira sex party teve sexo na sala, entre casais, entre grupos, nos quartos, na área externa, nas escadas. As pessoas iam e voltavam peladas, dançavam

peladas, conversavam peladas, muitos deles estavam excitados e tudo era “muito normal”. Eles não ficavam toda hora transando, nem toda hora usando drogas, nem bebendo. Era tudo meio que intercalado. Houve chemsex na sex party. Havia horas que sumiam algumas pessoas. André me disse que três caras que sumiram por um bom tempo, tinham ido se injetar. Também teve slamming. Cuida os braços deles, me dizia André. Ele me contou que o rapaz cubano era quem injetava. Ele tem experiência com injeção de anabol. À medida que as pessoas usavam mais drogas, eu notava que o clima erótico e sexual parecia mudar. Por vezes parecia que se fazia menos sexo; por vezes parecia que a coisa ficava mais frenética. Eu senti, no entanto, que o clima da festa parece que ia pesando. Não sei se se fazia menos sexo, afinal algumas drogas possibilitavam justamente o oposto, mas havia qualquer coisa que deixava tudo diferente. Isso pode ser apenas um preconceito meu, mas eu fui ficando muito exausto, pesado. Não percebi ninguém passando mal, tendo algum efeito mais grave em função do uso de substâncias. As pessoas ficaram mais soltas, isso era visível. A festa durou toda a madrugada e prolongou-se pelo outro dia. Antes de apagar completamente, às 09h da manhã de sábado, me despedi de quem estava acordado e voltei a Lisboa. Foi assim que estreei em uma sex party, que teve chemsex e slamming (Caderno de Campo, Lisboa, agosto de 2021).

5.1. Drogas, cenas, circuitos e festas

O trecho acima, de um de meus cadernos de campo, conta sobre o primeira *sex party* que eu participei durante a pesquisa. Esse evento, organizado em torno de sexo e drogas, não era um acontecimento isolado. É possível que ele fosse parte da cena *chemsex* de Lisboa, presente no interior de um circuito de sociabilidade gay ou de homens bissexuais, ou ainda HSH (homens que fazem sexo com homens), que envolvia diferentes modalidades de festas. Penso que antes de esmiuçar o *chemsex*, temática desse capítulo, é necessário apresentar alguns conceitos que eu manejarei ao abordar analiticamente esse evento ao longo das próximas páginas.

“Drogas” tem sido uma palavra recorrente na tese. Nesse capítulo em específico, isso tende a se acentuar. No entanto, há uma naturalização sobre esse termo “drogas”, que parece não haver a necessidade de uma problematização, pois ele já restaria amplamente compreendido no senso comum. No entanto, como todo conceito, ele tem uma história. Segundo Osvaldo Fernandez, estudioso da área, “o conceito unificado estigmatizante de ‘drogas’ se originou nos EUA na virada do século XX até a I Guerra Mundial. Foi difundido mundialmente e ampliado pelos tratados internacionais, segundo uma agenda em torno do ‘paradigma da toxicomania’ e de um regime proibicionista” (2007, p.52).

O paradigma da toxicomania e o regime proibicionista foram estratégias eficientes de diferentes países no processo de criminalização dos usuários e de patologização dos consumidores regulares das diferentes substâncias (Romani, 1999). Portanto, são os esforços

sociais em torno de associar à droga elementos patológicos e criminosos que teriam construído no imaginário do senso comum essas diferentes substâncias (químicas, sintéticas ou naturais) que, segundo Fernandez, “possuem a capacidade de alterar os estados de consciência [...] como ‘más’, ruins, danosas” (Idem, p.52).

Eduardo Viana Vargas (2001) entende que o vocábulo droga é polissêmico. Trata-se de uma noção complexa que pode designar desde substâncias materiais até juízos de valor. Inclusive pode fazer isso simultaneamente. Para Vargas, portanto, dependendo da circunstância, justamente em face das fronteiras frouxas, drogas podem ser “remédios, alimentos, cosméticos, tóxicos, ou venenos” (2001, p. 39). Ainda segundo ele, “a restrição do(s) sentido(s) do vocábulo resultam da aplicação de critérios ‘clínicos’ que têm por fundamento esquematismos simbólicos em torno do que consideramos definir o ‘humano’” (Idem, p.39). O autor ainda recorreu a definição dicionarizada do termo:

De acordo com o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, o popular “Aurélio”, “droga” significa, como substantivo feminino, “1) qualquer substância ou ingrediente que se usa em farmácia, em tinturaria, etc.; 2) medicamento; 3) produto oficial (farmacêutico), de origem animal ou vegetal, no estado em que se encontra no comércio; 4) medicamento ou substância entorpecente, alucinógena, excitante, etc. (como, p. ex., a maconha, a cocaína), ingeridos, em geral com o fito de alterar transitoriamente a personalidade [...]; 5) *Fig.* coisa de pouco valor; 6) coisa enfadonha, desagradável”; e, como substantivo masculino, é também usado popularmente no Brasil, sobretudo no nordeste, como um dos muitos nomes do “inominável”, sendo “diabo” o sétimo sentido que se empresta ao vocábulo “droga” (Vargas, 2001, p. 71).

Para Vargas, a forma mais alargada de compreender droga, que abarcaria a polissemia que falei antes, teria tido suas primeiras ocorrências por volta do século XIV. Do ponto de vista da restrição clínica do termo, a historicidade é mais recente e dataria do final do século XIX. Cada qual dessas perspectivas depende dos movimentos operados nos contextos em que eles estavam sendo manejados (Vargas, 2001).

Os trabalhos de grande impacto internacional, além de reconhecido pioneirismo e que influenciaram sobremaneira a área, foram os de Howard Becker (1966, 1977). A partir de um grupo de músicos usuários de maconha, Becker, já nos anos de 1950, por meio do estudo das drogas, dá importante contribuição para a teoria do desvio na Escola de Chicago. Na Escola de Chicago, é bom lembrar, Robert Park (1967), no começo do século XX, conceitua região moral, que ganhou diferentes proporções em distintos ramos das Ciências Sociais, e servira de influência indelével para o trabalho de Becker. Becker, por sua vez, mostra como o uso de

drogas é social e culturalmente condicionado e como a relação dos usuários de drogas com uma suposta cultura hegemônica é, quase sempre, de conflito.

As drogas ilícitas consumidas por prazer, segundo Becker (1966, 1977,) exigem certo aprendizado social constante a partir de observação, contato e relação cotidiana com usuários mais experientes. Esse processo é de criação de vínculos que são, inclusive, afetivos. A produção de efeitos subjetivos está para além de uma dimensão meramente farmacológica em relação a essas substâncias. Becker, a partir do grupo estudado, diz que uma “cultura da droga” é produzida a partir de uma gestão de diferentes sensações que envolvem crenças individuais e coletivas, mas também aspectos fisiológicos, ideias e a dimensão psíquica. Becker compreende que há uma cultura (quem sabe subcultura) que se estabelece a partir do consumo dessas substâncias.

Essa chamada “cultura da droga” seria constituída a partir de uma acumulação de conhecimento sobre as substâncias ilícitas compartilhadas. As práticas seriam aprendidas a partir da troca de experiência entre os diferentes usuários. Esses elementos, essa interação, essa partilha em torno desse centro comum produziria uma socialização entre os sujeitos e orientaria uma espécie de experiência comum. Essa experiência, inclusive, diria respeito a controles sobre o consumo por parte de pessoas do próprio grupo. Esse ponto, que poderia ser visto como meramente interventivo, seria interpretado como determinante para que a experiência com a droga fosse positiva e que fossem evitadas as tão comuns *bad trips* e overdoses. Portanto, como lembra Becker, há regras e valores no âmbito da “cultura da droga”, ainda que essas regras e valores fossem estabelecidos, no mais da vezes, informalmente.

Na antropologia brasileira, o primeiro “estudo sobre drogas” foi a tese de Gilberto Velho, defendida na Universidade de São Paulo em 1975 e publicada em 1998. *Nobres e Anjos: um estudo sobre tóxicos e hierarquias* tornou-se um clássico da área e é muito mais que um estudo sobre drogas. A partir de uma rede entre diferentes sujeitos de camadas médias da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, Velho analisa, durante o começo dos anos de 1970, a sociabilidade que se organizou em torno do consumo de maconha e, em menor medida, cocaína, durante a ditadura militar brasileira.

Sua abordagem foi inovadora, pois rompera com o paradigma do estigma associado às drogas. Ele problematizou o tema a partir de estilos de vida, buscando perceber como os chamados tóxicos – e a sociabilidade ao seu redor – poderiam informar sobre contextos de época, partilhas culturais e políticas, quer dizer, o lugar dos tóxicos no curso da vida dessas pessoas. Um dos achados de Gilberto Velho foi perceber que as drogas criam fronteiras sociais, dado o estigma a elas associado.

No entanto, por se tratar de pessoas de camadas médias e com possibilidades de muitos trânsitos sociais, talvez esses sujeitos conseguissem elaborar estratégias para desviar desses estigmas. Em vista disso, não seria possível caracterizá-los, por conta do consumo de drogas, como uma subcultura dada sua heterogeneidade e a droga ser apenas uma parte da composição do estilo de vida desses sujeitos e não o elemento determinante.

Aliás, Gilberto Velho critica o conceito de subcultura – quem sabe rompendo com as manifestas influências da Escola de Chicago em suas pesquisas – por entender que ele seria uma “tentativa de congelar ou cristalizar certos comportamentos em torno de variáveis específicas, estabelecendo fronteiras absolutas” (1998, p.18). O elemento comum, entre seus interlocutores, era o compartilhamento do uso da substância e o compartilhamento do sentimento de realização de uma atividade ilegal e que, portanto, exigia o estabelecimento de estratégias clandestinas para a viabilização do uso, mas isso não operava nem de forma rígida e, muito menos, de forma absoluta.

A *sex party* que fui na casa de Rodolfo, a convite de André, pode ser caracterizada como uma mistura de *vício*⁷⁹ e *cena chemsex*. Penso que são importantes algumas palavras sobre a noção de ‘cena’, que não me parece algo dado ou autorreferente. O antropólogo Gibran Braga (2018) fez uma vasta revisão sobre a noção de cena em sua pesquisa de doutorado. Segundo ele, esse debate começa a ganhar força a partir do lançamento da coletânea *Subcultures*, na década de 1970, nos Estados Unidos, organizada por Ken Gelder (2005). Para Braga, estariam reunidos ali desde os textos fundadores dessa temática, passando por referências à Escola de Chicago e suas noções de desvio e delinquência, até a década de 1960 e os diferentes grupos sócio-culturais percebidos como subculturais para além da noção de desvio.

John Irwin ([1970] 2005) percebera que as cenas são “mundos sociais” com perspectivas compartilhadas por seus membros e onde haveria um “pluralismo subcultural”. Quando Irwin lança *Scenes* (1977), ele defende que as cenas não sugerem tanta permanência e coesão, mas que seriam “mundos sociais” mais contingentes. Essa perspectiva está muito em diálogo com a noção mais contemporânea que sustenta o conceito de cena e foi proposta por Will Straw (1991) a partir da seara musical.

⁷⁹ Tenho feito uma abordagem de *vício* no âmbito dessa tese como uma modalidade de relacionamento dos *escorts* com outros homens quando não há trocas financeiras envolvidas nas atividades eróticas e sexuais. No entanto, como lembra Osvaldo Fernandez, também há uma polissemia em torno desse termo. Para Fernandez, no começo do século XX, no Brasil, “o termo ‘vício’ era empregado como eufemismo de contato sexual ilícito, fora do casamento ou da temperança, mas estendia-se também a outros comportamentos referentes à vida boêmia, como frequentar cabarés e bordéis, jogar, fumar, beber, a exacerbação dos sentidos e das paixões, comportamentos associados a territórios vinculados ao prazer sexual. Entre os vícios também se incluía o consumo abusivo de narcóticos [...]” (2007, p. 71).

Para Straw, a cena musical seria constituída como um espaço cultural em que diferentes práticas musicais coexistiriam e interagiriam. Nesse contexto haveria diversos processos de diferenciação oriundos de e constituintes de influências diversas. Gibran Braga (2018) entende que a cena, na perspectiva de Straw, daria unidade a práticas diversas, isso incidiria em novas e momentâneas formas de coletividade e conectividade, em que diferenças sociais particulares poderiam ser articuladas. A cena, a partir dessa noção, poderia ser extrapolada da dimensão musical e aplicada a diferentes “mundos sociais”.⁸⁰

O trabalho pioneiro no Brasil, em que aparece a noção de cena, é o de Helena Abramo (1994) sobre o que ela chama de “cenas juvenis”. Nele, ela problematiza *punks* e *darks* no “espetáculo urbano”. Ela utiliza a noção de cena para refletir sobre subculturas espetaculares, ou seja, ela analisa os grupos pesquisados aproximando cena de espetáculo, atuação, encenação. Algo que vai ser teorizado de forma diferente, por exemplo, por Fernanda Eugênio Machado (2006), a partir de sua pesquisa sobre circuitos de lazer de jovens cariocas de camadas médias. A cena ali teria a função de conectar “lugares, eventos e pessoas não-contíguos [...], zona de intensidade” (p.16).

No contexto da pesquisa de Machado – a “cena moderna carioca” constituída em torno da música eletrônica, de drogas sintéticas e de uma moda que implodiria as fronteiras de gênero –, o conceito de cena pode ser tanto um lugar físico/geográfico, como simbólico de compartilhamento de valores, imaginários e sensações. A cena teria sua dinâmica, seus frequentadores, sua dimensão e os seus códigos, ainda que não ditos e, muitas vezes, não explícitos. Eles dar-se-iam a conhecer porque a cena não é lugar de estranhos. A cena é o lugar dos “entendidos”, dos “chegados”. Portanto, as *sex parties*, o *chemsex* ou o *slamming*, que pretendo analisar a seguir, funcionam para mim, teoricamente, como cenas com dinâmicas próprias, itinerantes, mas momentaneamente circunscritas e de conhecimento dos seus frequentadores.

O antropólogo José Guilherme Magnani (2005) nota algumas aproximações entre os conceitos de circuito e cena. Para Magnani, o circuito diria respeito a equipamentos, instituições e eventos concretos. Já a cena seria constituída por um conjunto de comportamentos de consumo e gostos, bem como pelo universo de significados que envolveria valores e regras. O antropólogo sugere que os diferentes sujeitos poderiam frequentar um mesmo circuito, mas pertencer a cenas diferentes no interior desse circuito.

⁸⁰ Regina Facchini (2011), por exemplo, usou a categoria cena para refletir sobre as “minas do rock” em São Paulo, a partir da articulação de diferentes gostos e constituição de estilos de vida.

É interessante como Magnani (2002, 2005) desloca o eixo de análise para a produção dos espaços mediante a ação dos agentes. Ele tenta, por meio da noção de circuito, se desvencilhar de ideias mais amarradas presentes em conceitos como “tribos urbanas” (Maffesoli, 1987), “neotribos” (Bennett, 1999) ou “culturas juvenis” (Feixa, 2004). Ainda que fossem os comportamentos dos jovens dos grandes centros urbanos que permanecessem no seu radar de interesse, ele privilegiara a inserção na paisagem urbana. O propósito era desvendar por onde esses sujeitos circulavam. Interessava pensar quais eram os pontos de encontro que eles estabeleciam. Quais eram as supostas ocasiões de conflito? Quem eram os parceiros e quais trocas eram possíveis ao estabelecerem determinadas relações? Os circuitos sugerem movimento, perambulação, trânsito e fluxo não apenas de jovens urbanos, mas de produção de sentido na metrópole em constante transformação.

Por último, penso que esses eventos de *chemsex*, no âmbito das *sex parties*, podem ser percebidos em um espectro mais amplo que são as festas. Desde os trabalhos de Emile Durkheim, a nossa área tem olhado para as festas⁸¹. Durkheim percebera, quando estudou a temática da religião, que havia traços comuns entre rituais religiosos e festas. Para ele, as festas “sempre tem por efeito aproximar os indivíduos, por em movimento as massas, e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso” (2003, p.417). Ainda segundo o sociólogo, há, tanto nos rituais religiosos, quanto nas festas, manifestações comuns, tais como “gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças” (Idem, p.418).

Na pesquisa de Gibran Braga (2018) sobre festas em São Paulo e Berlim, o antropólogo foca nas políticas do corpo e do prazer. A cena analisada por ele era de música eletrônica *underground* com um público de sexualidades diversas. Braga identificou que tais contextos eram organizados em torno da dança, da música, do consumo de drogas lícitas e ilícitas e de uma socialização que tendia a sexualizar-se. Ele percebera essa modalidade de festas que analisou era organizadas em torno da cultura do prazer, do êxtase e da liberdade. Segundo Braga, o uso coletivo de drogas contribuía para um conseqüente relaxamento em termos de barreiras sociais. Algo muito semelhante eu consegui observar em diferentes momentos do trabalho de campo com os *escorts* que participam de diferentes festas de sexo, quase sempre com a presença de drogas.

⁸¹ Rita Amaral (1998) fez uma importante revisão das teorias sobre festas na Antropologia. De maneira geral, pode-se dizer que a autora encontrou dois eixos que articulariam as reflexões sobre as festas. Por um lado, foram flagrantes as iniciativas que percebiam as festas como elementos de desconstrução de valores sociais; por outro lado, as festas também foram vistas como centrais para a manutenção de determinados valores.

5.2. Chems, chemsex, slamming

A cena na casa de Rodolfo era uma festa de *vício*, pois não havia clientes e eles estavam interagindo entre si e com amigos. Não havia clientes e não havia a mediação do dinheiro como disparador dos encontros. Por outro lado, ela também era uma cena *chemsex*, pois havia a presença de muitos *chems* (drogas químicas) antes, durante e depois do sexo. Eu entendo, inclusive, que as drogas poderiam ser o elemento aglutinador daquele encontro que também tinha sexo, mas que era, fundamentalmente, um lugar seguro para o uso compartilhado e recreativo de drogas em contexto sexual. Em sua experiência com *sex party*, Yuri, que estava presente na casa de Rodolfo, contava sobre esses eventos da seguinte forma:

É uma festinha. Eu já fui em várias. A gente chega, por exemplo, às vezes é em motel, ou em hotel. Hoje em dia não mais, né, por conta da pandemia. Mas, às vezes, é nas casas dos clientes também. Eles chamam 5, 6 pessoas, conforme vai entrando. Escorts, amigos do cliente. Chamam droga. Porque é sempre pra usar droga. Aí começa a trazer as coisas. Um traz G. Outro traz bloom. Outro traz poppers. E assim vai. E aí começa. Mas assim, primeiro começa conversando. Socializando e usando droga. E depois começa. É vestido ainda primeiro. Depois o cliente começa a beijar. Se pegar, se beijar. A tirar a roupa e já vai. O cliente tem acesso a todos os escorts. Ele tá pagando. Ele pega até os amigos. Às vezes, ele tem ali um preferidinho. Que é tipo namoradinho dele. Mas ele vai com todos, entendeu? Ele gasta, brincando, uns 2 mil, tranquilamente, numa noite.

As cenas de *chemsex* têm se tornado uma dimensão importante de um complexo circuito em que esses homens que são *escorts* perambulam por Lisboa e outras cidades. Esses eventos têm ganho centralidade tanto como parte do exercício do trabalho sexual, ou como *vício* em momentos de lazer. Não entendo que as festas com sexo e drogas sejam uma particularidade das pessoas que fazem trabalho sexual. Penso que elas estão ganhando espaço dentre as estratégias de lazer, entretenimento e prazer de homens gays, bissexuais ou HSH, independente da presença de trabalho sexual (Sewell *et.al.*, 2019)⁸².

Em primeiro lugar, é preciso dizer, em concordância com Osvaldo Fernandez (2007), que “o consumo de drogas não se restringe a uma expressão de psicopatologia individual ou a práticas desviantes e marginais” (p.26). O uso de diferentes substâncias consideradas, em determinados momentos, ilícitas também pode dizer respeito a práticas rituais, compor padrões

⁸² No levantamento que fiz sobre a literatura que aborda o *chemsex*, percebi a centralidade da área da saúde no tema, bem como a pouca ou nenhuma relação dessas pesquisas com o trabalho sexual. No levantamento feito, há uma exceção: a investigação conduzida por Rayner Kay Jin Tan *et. al.* (2018) em Singapura. Nele, os autores problematizam, por meio de uma pesquisa qualitativa, a prática do *chemsex* no país entre HSH e suas implicações diante das severas leis punitivas locais.

específicos, condutas e normas de diferentes sociedades. O que o autor chama de “drogas permitidas”, como álcool por exemplo, muitas vezes serve como elemento de reforço social, criação de vínculos e afetos. Segundo Gibran Braga (2018),

[...] as drogas exerceram um papel fundamental em cenas que envolvem sociabilidade noturna em torno da pista de dança, desde os movimentos ingleses dos *mods*, na década de 1950, e o fenômeno do *Northern Soul* na década seguinte, passando pela *disco* nova-iorquina nos Anos 70, e a *house* de Chicago dos 80. Na Inglaterra, a chegada do ecstasy esteve no centro do que foi chamado de *Second Summer of Love*, ocupando o lugar que foi do LSD no primeiro “verão do amor”. Em Berlim e São Paulo, a década de 1990 marcou a euforia em torno da chegada do *techno* e do ecstasy, lançando as bases para as cenas contemporâneas [...] (Braga, 2018, p.251)

Adam Bourne *et. al.* (2015), que realizaram pesquisas com homens gays e outros HSH em três bairros no Sul de Londres, a partir da segunda década dos 2000, para tentar perceber melhor o fenômeno do *chemsex*, segundo dados epidemiológicos de 2013, concluíram que homens gays e bissexuais tinham 3 vezes mais possibilidades de usar drogas que homens heterossexuais de perfis semelhantes. Em alguma medida, esses resultados poderiam ser explicados a partir do chamado “estresse de minoria”, uma suposta condição compartilhada por esses sujeitos e alheia às pessoas heterossexuais.

Outra possibilidade, trazida pela investigação dos autores, e já presente no trabalho de Ilan Mayer (1995), era desdobrada de uma sociabilidade de bares e clubes noturnos onde álcool e outras drogas (lícitas e ilícitas) circulam com frequência, visibilidade e facilidade.⁸³ O que parece ser interessante refletir é que a associação entre diferentes tipos de drogas não é nova e nem obedece a uma delimitação de orientação sexual. David Stuart e Johannes Weymann (2015) mostram que há uma histórica relação entre ecstasy e cocaína com o mundo da noite e, também, mas não exclusivamente, com a sociabilidade gay. Eles dizem que essas drogas circulavam fartamente no Reino Unido nas décadas de 1980 e 1990. Mas o que Bourne *et.al.* (2015) concluem é que parecia não ser uma associação intencional para determinado fim, o que já seria próprio do *chemsex* e já teria se disseminado no âmbito do trabalho sexual, conforme alguns interlocutores relataram. Diferente do contexto oitentista, os momentos de festa, drogas e sexo, são intencionalmente aproximados no *chemsex* a partir das drogas.

⁸³ É interessante como a maior parte das pesquisas que falam sobre *chemsex* não abordam o álcool como uma droga presente nessa modalidade de prática sexual, talvez pelo seu caráter lícito e sua ampla circulação social normalizada. No entanto, quando a pesquisa de Thiago Torres *et. al.* (2020), realizada no Rio de Janeiro, sobre *chemsex*, insere o álcool no grupo das substâncias do *chemsex*, o índice de pessoas que já teriam feito sexo sob efeito de drogas chega à casa dos 64% da amostra.

Em pesquisa com homens gays de Nova Iorque, cujas entrevistas foram realizadas entre 2000 e 2001, Adam Green (2003, p. 442) conclui que:

To the extent that club drug use among gay men is not a manifestation of characteristics essential to homosexuals, but instead, an outgrowth of institutional configurations, one may expect to find similar patterns of substance use wherever anonymous sexual sociality is an institutionalized feature of social life⁸⁴.

O autor percebera que o uso de drogas estava mais associado ao “mundo da noite”, das festas e tinha o objetivo de facilitar o desempenho e competição sexual, bem como construir um senso de comunidade, muito mais do que circunscrito a uma essencialidade em termos de orientação sexual. No entanto, entre as chamadas minorias sexuais, os altos índices de consumo de álcool e outras drogas poderia funcionar como um agente anestésico contra a ansiedade, a depressão e o deslocamento social provocados pela condição de minoria sexual (Bradford e Ryan, 1987; Fifeld *et al.*, 1975; Lohrenz *et al.*, 1978; McKirnan e Peterson 1989; Morales e Graves 1983; Nardi, 1982; Noell e Ochs 2001; Remafedi, 1987; Rotheram-Borus *et al.*, 1991; Stall e Wiley, 1988).

Peter Weatherburn *et.al.* (2017) esclarecem que as drogas permitiam às pessoas terem o sexo que desejavam. Determinadas substâncias têm condições de aumentar a libido, a confiança, a desinibição e a resistência. Algumas drogas aumentam as sensações físicas, intensificam as percepções e facilitam a “aventura sexual”. Ainda que tais questões sejam bastante exploradas entre homens gays e outros HSH, ou no âmbito do trabalho sexual, esses efeitos podem estar presentes entre quaisquer pessoas que usem tais substâncias. No entanto, o seu uso mais frequente tem sido identificado a partir de pesquisas com esses grupos específicos, em vista da suposta maior vulnerabilidade à infecção ao HIV e diferentes ISTs já que as investigações têm sido realizadas no âmbito da área da saúde.

Por outro lado, interlocutores como Beto (30 anos), contam que haveria uma associação bastante presente entre o uso de substâncias e o trabalho sexual:

Eu não acho que hoje em dia tenha muita prostituição sem drogas. Tá sempre envolvida. Foram poucos casos que eu tive aqui que o cliente não era muito de tá na droga. Mas eu digo que uns 80% é uma galera que já tem uma dependência na droga. Bem forte.

⁸⁴ Na medida em que o uso de drogas recreativas entre homens gays não é uma manifestação de características essenciais aos homossexuais, mas sim um resultado das configurações institucionais, pode-se esperar encontrar padrões semelhantes de consumo de substâncias onde a sociabilidade sexual anônima é uma característica institucionalizada da vida social (Tradução nossa).

O *chemsex* tem sido um termo utilizado para referir-se ao uso recreativo de substâncias químicas, algumas delas ilícitas, durante atividades sexuais, ou seja, trata-se da combinação intencional de atividade sexual e consumo de drogas (Weatherburn *et.al.*, 2017). Janey Sewell *et.al.* (2019) perceberam que havia algumas regularidades entre homens que faziam sexo com homens e utilizavam redes sociais específicas para organizar os encontros, além de também utilizar substâncias específicas em contextos sexualizados. Pela mesma rede social, segundo Sewell *et.al.* (2018), o *Grindr*, esses homens conseguem os parceiros para o sexo, bem como os *chems*. Os aplicativos georreferenciados de encontros sexuais facilitariam a promoção da associação entre sexo e drogas (Jin Tan *et.al.*, 2018).

Festas desse tipo foram chamadas de *party and play (PNP)* nos Estados Unidos (Bourne *et.al.*, 2015) e *intensive sex partying* na Austrália (Hurley e Presage, 2009). Em uma das primeiras pesquisas brasileiras sobre *chemsex*, essa prática foi definida por Artur Queiroz *et.al.* (2019) como um tipo de comportamento sexual coletivo que associa intencionalmente atividade sexual e uso de substâncias psicoativas.

O nome *chemsex* populariza-se na Inglaterra. Trata-se de uma associação entre as palavras *chemical* e *sex* (Sousa *et.al.*, 2023). Adam Bourne *et.al.* (2015), que realizaram entrevistas com 30 homens gays de 21 a 53 anos e residentes em Londres, identificaram *chemsex* como um termo coloquial usado por homens gays (ou HSH) em algumas partes do Reino Unido para descrever o uso de substâncias psicoativas durante o sexo. O *chemsex* tem-se mostrado um fenômeno complexo que envolve o uso de três substâncias principais: metanfetaminas, GHB e mefedrona (Sewell *et.al.*, 2019).

Segundo Bourne *et.al.* (2015), essas drogas seriam relativamente novas na “cena gay” londrina/europeia (com frequência muito pontual) no começo dos 2000, ainda que já circulassem nos Estados Unidos (onde as sintéticas seriam produzidas). As chamadas “drogas de balada” (*club drugs*), conforme Peter Keogh *et. al.* (2009), ecstasy, cocaína e MDMA já circulavam há muitos anos nos espaços de sociabilidade noturna de diferentes países europeus.

Weatherburn *et.al.* (2017), entre os anos de 1990 e o começo dos anos de 2000, mostraram que as drogas ilícitas mais consumidas por HSH de Londres foram *cannabis* (um depressor) e três estimulantes: anfetamina (*speed*), metileno-dioximetanfetamina (MDMA ou ecstasy) e cocaína. David Stuart (2013) lembra que em 2005 as drogas mais consumidas entre os gays londrinos eram a cocaína e o ecstasy. Na segunda década dos anos de 2000, ocorreu o aparecimento de dois novos estimulantes: metil-meta-catinona (*mefedrona*) e metanfetamina cristal (*tina*). Nesse mesmo período, houve o consumo em larga monta de um outro depressor,

o ácido gama-hidroxibutírico (GHB)⁸⁵, algumas vezes mais consumido na forma de ácido gama-butil-lactona (GBL)⁸⁶.

Ketamina, ecstasy e cocaína (Weatherburn *et.al.*, 2017) podem estar presentes nas cenas de *chemsex*, mas *Tina*, mefedrona e GHB seriam os principais, cujo objetivo seria intensificar a experiência sexual. A maior circulação de mefedrona, GHB e metanfetaminas no mercado marca o surgimento da cena de *chemsex*, isto é, a configuração de um uso e poliuso de drogas no contexto do sexo grupal (Daskalopoulou *et.al.*, 2014). Segundo alguns pesquisadores, antes dos 2000 praticamente não havia metanfetaminas na Europa, ou o seu consumo era muito residual. As metanfetaminas, produzidas nos Estados Unidos, chegam à Europa e, especificamente a Portugal, com preços bastante elevados. Por exemplo, 1 grama de metanfetamina pode custar 100 euros em Lisboa e não daria para o uso de mais de 3 pessoas.⁸⁷

As metanfetaminas em meu campo eram chamadas de *Tina*. Metanfetaminas são substâncias químicas sintéticas que agem no sistema nervoso central. Elas agem como estimulantes e pertencem à família das anfetaminas (Bourne *et.al.*, 2015). Geralmente ela aparecia em campo como um pó cristalino branco ou azul, ou em formato de cristais maiores. Por conta de serem cristais, também são chamadas de *Crystal*, *Crystal meth* ou *Ice*.

Em campo observei a *Tina* ser fumada em um cachimbo de vidro, ser cheirada e também a vi ser injetada. Gonçalo, aquele cliente que era assíduo frequentador e organizador de festas de *chemsex*, contava que havia quem usasse *Tina* por via anal, dissolvida em água e injetada por meio de uma seringa sem agulha. Meus interlocutores, que eram usuários de *Tina*, o faziam porque a entendiam como um estimulante e esperavam resultados como euforia, felicidade, bem-estar e mais energia. Eles a utilizavam quando não queriam dormir e esperavam com isso prolongar a atividade sexual por muitas horas. Eles relatam sessões sexuais com *Tina* que ultrapassavam 24 horas, com diferentes participantes em diferentes lugares. Segundo Adam Green (2003), as metanfetaminas impediriam a distração no sexo e maximizavam a intensidade

⁸⁵ Segundo o antropólogo Gibran Braga (2018, p.150), “na maioria dos casos, o líquido que se consome é na verdade o GBL (Ácido Gama Butil-Lactona). O GBL se transforma em GHB em nosso organismo. Como a legislação contra o GHB é mais rígida, é mais comum que se encontrar nos clubes o GBL. No entanto, as pessoas se referem indiscriminadamente aos dois como GHB, ou apenas ‘G’ (pronuncia-se *dji*, como no inglês)”. Dessa forma, toda vez que aparecer GHB aqui na tese, é muito provável que meus interlocutores estivessem se referindo ao GBL. No entanto, faço a opção de me referir, em consonância com eles e com parte da literatura, a GHB, mesmo tendo esclarecido a existência das duas substâncias.

⁸⁶ Segundo David Stuart e Johannes Weymann (2015), até 2008 a mefedrona e o GBL eram amplamente disponíveis no Reino Unido, eles eram comprados legalmente. Em 2009 e 2010 tornaram-se ilegais respectivamente.

⁸⁷ Esse movimento operado entre as chamadas *club drugs* (cocaína e ecstasy) para o *chemsex* (metanfetamina, GHB e mefedrona), que apresenta a continuidade do uso de certas substâncias, bem como a utilização de substâncias novas, foi identificado numa revisão de literatura sobre o *chemsex* no Reino Unido. A revisão mostra como o movimento se intensificou a partir dos anos de 2010 (Edmundson *et. al.*, 2018).

do prazer. Ou como confirmam Margherita Bracchi *et.al.* (2015), a *Tina* aumentaria a energia e elevaria o humor, a confiança e a libido.

No entanto, o ácido gama-hidroxibutírico (GHB), ou *G*, *Gisele*, *ecstasy líquido*, era o mais popular, aliás, segundo Maxwell, Shahmanesh e Gafos (2019), no levantamento de literatura sobre *chemsex*, essa era a substância que aparecia com maior recorrência nos trabalhos. *G* era uma presença constante, comercializado em frascos de 30 ml e uma pipeta, ao preço médio de 30 euros. Um frasco atenderia três pessoas em uma noite/madrugada. Eu diria que fora um clássico no meu trabalho de campo. *Uma chemsex precisa de G, sem G não tem chemsex*, repetia Zuca Da Leste (22 anos). O GHB é, tal como as metanfetaminas, uma substância química. Ele, inclusive, pode ser encontrado no corpo humano, mas em pequenas quantidades. Outrossim, o GHB tem sido produzido sinteticamente e os efeitos desejados eram basicamente associados à euforia, aumento da libido, da desinibição, da excitação (Brennan e Van Hout, 2014)

Dinho me dizia que com *G tu fica muito carinhoso, sente muito mais as coisas, é muito mais alegre. E isso até me fez ter clientes frequentes porque eles adoraram minha forma de ser. Só que não sabiam que eu estava usando.* Dinho costumava fazer o uso frequente de *G* para os seus atendimentos aos clientes. Ele estava, segundo conta, sempre sob efeito da substância: *porque tu fica feliz, cara. Pra tu já ficar num estado legal já consideravelmente, é 1 ml, 1,5ml.* O *ficar feliz e num estado legal* referidos por Dinho, é o que Bracchi *et.al* (2015) perceberam, na pesquisa realizada, como euforia, aumento do relaxamento e maior predisposição a relações sexuais. Segundo Gibran Braga, a partir das cenas de Berlim, “o GHB (ou GBL) contribui ainda para uma atmosfera extremamente sexual nas festas – a droga produz um aumento impressionante na libido de quem a consome” (2018, p.252).

Em doses elevadas, ele pode ser um potente sedativo. Esse sedativo no Brasil é utilizado no golpe conhecido como “boa noite, cinderela”. *G* era consumido de forma líquida, em pequenas doses que variavam entre 1ml e 1,5ml dissolvidos em água ou suco, jamais em álcool, em intervalos de uma hora (Bourne *et.al.*, 2015). Durante a realização de parte de sua pesquisa em Berlim, Gibran Braga (2018) percebera o aumento do golpe “boa noite, cinderela” com *G* na cena que ele circulara. Eu mesmo testemunhei pessoas passando muito mal após ingestão de doses que fugiam a essas regulações. Durante o trabalho de campo, comentou-se sobre um óbito

em Lisboa, de um assíduo frequentador da “noite gay” da cidade, que teria sido vitimado por uma overdose de G⁸⁸. Marcos Torres contava que:

Nas sex parties, você vai ver os despertador tocar todo tempo, que é hora de tomar G. Que é de uma em uma hora. Tudo controlado, porque se não controla, as pessoas dá um troço, fica louca, se bate nas paredes. Cai no chão e fica super agressiva. Mas a pessoa toma o G e fica louca pra fuder e é uma fudelança do caralho.

A outra das substâncias químicas sintéticas que formaria a “trindade clássica” do *chemsex* é a mefedrona, cujo nome químico é 4-metilmecatina ou 4-MMC (Bracchi *et.al.*, 2015). Em campo, ela também era chamada de *bloom*, ou cocaína sintética, um pó branco, ou um cristal amarelado pequeno, menor que os cristais de metanfetaminas, cujo grama custa por volta de 40 euros. É um estimulante do sistema nervoso central (Bourne *et.al.*, 2015). Pertence ao grupo das catinonas, um outro ramo da família das anfetaminas.

Essa substância psicoativa geralmente era cheirada e os meus interlocutores que faziam o seu uso a compreendiam como uma droga que daria mais euforia, os deixaria mais empáticos, desinibidos, o que Bracchi *et.al.* (2015) classificavam como intensificação das experiências sensoriais, ainda que fosse profundamente entorpecente, pois, como relatam os autores, como os efeitos são de curta duração torna-se necessário o uso frequente para manter a *vibe* desejada. O aumento da energia e o sentido de alerta também foram descritos como efeitos esperados e sentidos após o uso de mefedrona, afinal o *bloom* operava como um estimulante (Kurtz, 2005). Sobre o *bloom*, Yuri contava:

O bloom vai aflorar mais o teu desejo sexual. E se você enxerga alguém, por mais feio que ele seja, você vai enxergar o príncipe encantado, a pessoa mais linda do mundo. Nossa, vai ter um prazer elevado, assim, num nível que você não tem sem aquilo. Você sente ali um prazer que você jamais iria sentir com ele. Você vai estar: ‘nossa, é o melhor sexo do mundo’. Mas isso é ilusão.

Se não tem droga, não tem festa. Acabou a droga, acabou a festa. Era assim que Zuca Da Leste falava sobre *sex party* e *chemsex*. O interlocutor associava *sex party* a *chemsex*. A seu turno, Nando dizia *nunca vi uma festa sem drogas*. Parece que a razão da primeira seria a existência da segunda. Como uma modalidade de *sex party*, o *chemsex* é uma atividade grupal. Ainda que existam casais que utilizem substâncias apenas entre a dupla, as festas geralmente comportam

⁸⁸ Segundo Adam Bourne *et.al.* (2015), por conta da necessidade do uso muito cuidadoso, as overdoses de GHB são as mais comuns, afinal a diferença entre uma *good vibe* e uma *bad trip* pode ser de apenas 0,5ml e caso não se respeite o intervalo de tempo recomendado entre uma dose e outra.

mais pessoas. *Uma sex party não é uma transa de caszinho. Uma chemsex é uma putaria generalizada com drogas. Simples*, me disse André.

Segundo Sewell *et.al.* (2019), a opção pela ingestão de substâncias combinadas seria melhorar e prolongar as relações sexuais, ou seja, afetar positivamente os encontros sexuais (Maxwell, Shahmanesh, Gafos, 2019). Peter Weatherburn *et. al.* (2017) caracterizam, a partir da investigação levada a cabo em Londres, essa *putaria generalizada* dita por André, como a associação entre sexo grupal, drogas, sexo sem camisinha e longas sessões sexuais. Esse parece um bom resumo do que seria uma cena de *chemsex*. Sem esquecer uma noção de que o *chemsex* torna-se parte da “recreação sexual” (Stuart, 2013) de homens gays, bissexuais e HSH.

Bracchi *et.al.* (2015) lembram que se faz necessária a utilização de estimulantes sexuais junto com essas substâncias, pois é comum haver dificuldade de ereção. Um dos medicamentos mais comuns utilizados pelos interlocutores, mesmo sem prescrição especializada, é o *Sildenafil*, o princípio ativo do *Viagra*. De tão comum no *chemsex*, o *Viagra* seria uma quarta droga. Acompanhado pelo *poppers* (Bracchi *et.al.*, 2015) que comporia o *quinteto fantástico*, como dizia Dagoberto.

Conforme Perry Halkitis e Kelly Green (2017), o uso do *Viagra* em combinação com as chamadas “drogas de balada” era muito comum entre jovens nova-iorquinos que participaram da pesquisa conduzida por eles. Os autores perceberam que quando houve o surgimento de outras drogas em contexto de festas sexuais e de troca sexual, o *Viagra* continuou uma presença recorrente. É interessante lembrar que o *Sildenafil*, como princípio ativo, foi introduzido em 1998 pela indústria farmacêutica para tratar homens que sofriam de disfunção erétil (Lue, 2000). O seu uso, entre homens gays e HSH, bem como sua enorme popularização no trabalho sexual, ocorre de forma supostamente recreativa e independente de necessidades e prescrições clínicas.⁸⁹

Esse *quinteto fantástico* de substâncias combinadas daria vida ao *chemsex*. Mas há uma parte considerada pelos interlocutores como *mais sombria* dessas festas que seria capaz de *turbinar* ainda mais esses momentos. Trata-se do *slamming*, que seria uma especificação do *chemsex* em uma *sex party*. É um grupo dentro de um grupo. Segundo Bourne *et. al.* (2015), trata-se do uso de drogas injetáveis em contexto sexual. Os autores mostram que as metanfetaminas e mefedrona, que são geralmente fumadas e aspirada respectivamente, no *slamming* elas são as substâncias prioritariamente injetadas.

⁸⁹ Entre os efeitos secundários do uso excessivo e indiscriminado de *Viagra*, segundo um estudo recente, está a possibilidade da perda da visão. <https://site.cff.org.br/noticia/Noticias-gerais/18/10/2023/uso-excessivo-de-viagra-pode-levar-a-perda-de-visao-segundo-estudo>

O *slamming* é considerado uma prática mais perigosa porque implica conhecimento mais específico e exigiria saberes mais específicos que apenas cheirar cocaína, por exemplo. Ela implicaria um conhecimento de como é que se encontra uma veia e como se deve proceder a partir daí. É preciso saber aplicar a injeção e saber como se consome a substância sem ficar com abscessos nos braços, sem ficar com marcas, sem ficar com cicatrizes, ou sem fissuras retais no caso de injeção sem agulha pelo ânus (Bourne *et.al.*, 2015).

Meus interlocutores, alguns praticantes de *slamming*, consideram essa prática mais perigosa porque poderiam infectar-se com mais facilidade, sobretudo ao partilhar uma seringa contaminada por Hepatite C, por exemplo, ao fazer a utilização já drogados e um pouco inconscientes. Além disso, o imaginário popular associa drogas injetáveis a substâncias mais perigosas, mais viciantes, pois de mais rápida adicção.

Há todo um estigma à volta da injeção e do *slamming*. Havia em meu grupo de interlocutores, alguns inclusive praticantes de *chemsex*, que se sentiam extremamente desconfortáveis com pessoas que faziam *slamming* nas *sex parties*. Eu observei em alguns momentos, que alguns interlocutores que faziam *slamming*, nem comentavam com outras pessoas, ou mesmo faziam escondido nos banheiros⁹⁰. Na festa de Rodolfo, essa prática foi feita de forma reservada, mas havia conhecimento dos presentes sobre a sua ocorrência ali.

Eram muito raras as festas em que todas as pessoas eram praticantes de *slamming*. Eu mesmo nunca participei de momentos assim. O mais comum em meu campo era um grupo pequeno de três pessoas, quatro no máximo, fazerem. Geralmente há uma pessoa, em festas desse tipo, que se torna aquele que vai injetar as drogas em todos os praticantes. Bourne *et.al.* (2015) dizem que o injetor costuma ser alguém visto pelo grupo como experiente e que faria o uso cuidadoso de seringas e agulhas. É expectável que essa pessoa tenha alguns conhecimentos de primeiros socorros e de enfermagem.

Em outros momentos, pode ser qualquer pessoa com alguma habilidade ou destemor, como Zuca Da Leste que foi contratado para injetar em uma festa e nunca tinha feito isso antes. Para alguns de meus interlocutores, o ideal seria que cada pessoa soubesse injetar-se a si mesma, pois não dependeria de terceiros e teria muito mais controle sobre as substâncias que estariam entrando em seu sangue, evitando surpresas indesejadas.

É interessante ouvir os comentários sobre os efeitos pretendidos com a injeção das substâncias. *Quero algo imediato. Intensidade. É tipo uma chapada.* Esses comentários fazem

⁹⁰ Osvaldo Fernandez (2007) diz que entre os seus entrevistados, consumidores de cocaína, o banheiro foi identificado, tanto em eventos públicos, como privados, como o espaço físico mais recorrente para a utilização dessa substância.

muito sentido, pois o efeito tende a ser mais forte e rápido, ainda que seja menos duradouro, ou seja, haveria um clímax de menor duração. Isso ocorre pois não há um intermediário que filtra a substância. Ela é injetada diretamente na corrente sanguínea. Xande (28 anos) contava que seus amigos comentavam que *o efeito é rápido, ele fica todo elétrico, todo maravilhoso e consegue ficar com qualquer cliente*. Por exemplo, quando a cocaína é cheirada, ela não entra diretamente na corrente sanguínea, parte da substância fica nas vias aéreas e vai sendo absorvida de forma um pouco mais lenta. Esse processo faz com que a substância que é cheirada chegue de forma mais lenta à corrente sanguínea, resultando um clímax de efeito mais duradouro.

Eu presenciei algumas situações que envolveram *slamming* com diferentes interlocutores com os quais eu estabeleci diferentes graus de intimidade. No entanto, eu nunca tinha visto Dagoberto injetar-se. Ao conversarmos a respeito, ele falava que sentia uma mistura de vergonha e prazer. Em nossa conversa, eu compreendi que ele qualificava o *slamming* como uma soma de vergonhas, apesar de dizer sentir *um prazer inexplicável na hora*. Isso fora observado, por exemplo, na pesquisa de Bourne *et.al.* (2015) como HSH londrinos. Havia sentimento de vergonha pós-*chemsex* e *slamming*, inclusive havia vergonha de falar a respeito, além de uma permanente preocupação em serem “descobertos” por pessoas “de fora” sobre suas atividades sexuais influenciadas por drogas, sobretudo como pontua David Stuart (2015), em relação a uma percepção de julgamento de outrem sobre tais práticas⁹¹.

5.3. A dinâmica de uma cena de *chemsex*: *escorts*, *vícios* e *clientes*

Gonçalo (42 anos), um cliente, era parte da cena *chemsex* de Lisboa e sabia bem como inserir os *escorts* naquele circuito. Ele me explicara a dinâmica do *chemsex*:

Podem ser dois passivos que estão a usar drogas e até estão a divertir-se um com o outro, mas estão à procura de uma pessoa mais ativa. Podem ser dois ativos que estão à procura de uma pessoa mais passiva. Podem ser pessoas só versáteis. Quer dizer, nunca há, propriamente, assim, uma regra muito específica de quem é que pode estar nas festas ou deixar de estar. É assim, infelizmente, ainda há pressão de ter os corpos de ginásio, de ter os corpos perfeitos, musculados. E isso é geralmente muito procurado pela comunidade gay.

Na maior parte das cenas de *chemsex* que consegui participar durante o trabalho de campo, não observei uma *putaria* tão generalizada como me dissera André, e nem a preponderância de

⁹¹ Sobre o sentimento de vergonha entre praticantes de *chemsex*, é interessante a reflexão de Rayner Kay Jin Tan *et. al.* (2018), a partir de uma pesquisa realizada com HSH em Singapura.

corpos musculados, como chama a atenção Gonçalo. Observei a presença de pessoas mais musculadas, mais *bear*, com muitos pelos, sem pelos corporais, gente na casa dos 50 anos, outras pessoas eram muito jovens, com pouco mais de 20 anos. E, tal como nas saunas, nos clubes de sexo, ou mesmo nas zonas de engate, ainda que todas essas pessoas dividissem o mesmo espaço, elas não necessariamente se encontravam sexualmente.

Bourne *et.al* (2015) reiteram que a cena *chemsex* constitui-se como uma atividade sexual em grupo, onde haveria sexo com vários homens em série. Essa atividade caracterizar-se-ia por ser mais “aventureira” e sob efeito de drogas. Tal como tenho apresentado no capítulo, isso era ponto pacífico e compreendido para mim, sobretudo a partir da literatura. No entanto, o que eu percebi em campo, fora que os encontros mais comuns eram nos momentos de utilização de drogas. Isso sim me pareceu bem mais generalizado e democrático, diferente dos momentos sexuais, em que eu percebi que as hierarquias presentes em outros territórios do desejo se reproduziam ali.

Gonçalo me disse qualquer coisa nesse sentido:

Não há uma obrigatoriedade de toda gente se dar bem com toda gente e toda gente foder com toda gente. Há uma mistura de corpos e há uma mistura de identidades, mas não há uma obrigatoriedade de interagir com as pessoas. As pessoas geralmente estão em salas e podem estar em pares, ou podem estar em quartos separados, depende muito da dinâmica.

Essa não obrigatoriedade de encontros coletivos em simultâneo ficou muito clara para mim. Além disso, conversando com Lauro sobre as *sex parties*, pude perceber como há uma variedade de pessoas envolvidas nos eventos. Isso implica, como falei, que não haja apenas *escorts* e clientes, mas pessoas de fora, como no caso da festa de Rodolfo em que eu e outros participantes não éramos nem *escorts*, nem clientes. Lauro conta que a dinâmica das festas seguia, mais ou menos, o seguinte ritual:

Eles transam no meio de todo mundo, mas, assim, tudo é muito fluido. Sabe? Uma hora tá transando, uma hora tá bebendo, uma hora tá cheirando. Uma hora tem dois, uma hora tem três, uma hora tem quatro. Outra hora tem todo mundo. Não é uma coisa só o tempo todo. As pessoas saem, bebem, cheiram, conversam. Fumam em outro espaço. Voltam pro quarto. E vão ficando.

A cena de *chemsex* em Lisboa, segundo os interlocutores (*escorts* e não *escorts*), ainda é recente e bastante restrita. Ela se organiza, basicamente, por meio do *Grindr*. Ela se amplia com a presença de turistas. Os interlocutores evocam Londres, Berlim e Amsterdam como as capitais que teriam uma cena de *chemsex* bastante forte. Quando eu estive em Berlim, com Beto, ele me

contara que algumas festas são organizadas a partir de diferentes *sites*, como alguns de pessoas que buscam sexo *bareback*, aliás, segundo Marina Daskalopoulou *et.al.* (2014), o *chemsex* estaria diretamente relacionado ao não uso de preservativo.

Steven Maxwell, Maryam Shahmanesh e Mitzy Gafos (2019) fizeram uma revisão de literatura sobre *chemsex* e o não uso de preservativo foi uma recorrência flagrante. Nando me mostrara, em Londres, um grupo secreto no *WhatsApp* e outro no *Telegram* utilizados por *escorts*, amigos e alguns clientes que se reuniam para a prática de *chemsex*. Um amigo de Nando nos mostrou o *site Mewe*. Nessa rede social, há subgrupos e nesses subgrupos existem *chats*. Nos *chats* é possível enviar *links* para reuniões de *Zoom* onde as pessoas estão fazendo *chemsex* em diferentes lugares do mundo ao mesmo tempo.

O que eu percebi na cena de *chemsex* na casa de Rodolfo, é que aquelas pessoas que lá estavam já se conheciam há algum tempo e já tinham alguma intimidade. Depois da festa, conversando sobre a festa, Lauro me disse que, para além dos encontros nas redes sociais e nos aplicativos de relacionamento, tudo funciona muito no *boca a boca* a partir de indicação de amigos. Costuma-se convidar uma pessoa para participar. Se der tudo certo com essa participação, ela é convidada outra vez e sugere-se que leve um amigo e assim vai-se construindo uma rede. Tal como fazemos com nossas redes a partir da técnica da bola de neve. Portanto, geralmente, quando se encontram pessoas que se tornam interessantes para a cena de *chemsex*, essas pessoas costumam ficar em contato para uma frequência maior de festas, pois já teria uma espécie de núcleo que vai agregando outros sujeitos.

Gonçalo costuma comentar que *Lisboa é minúscula e os praticantes de chemsex não são assim tantos*. Os turistas não apenas ampliam a cena, configurando-se como pessoas novas, mas também trazem *chems* e dinheiro para investir em outros *chems* e adequam-se ao contexto local, que é o contexto de partilha das substâncias. Quando eu insistia com meus interlocutores para tentar visualizar a cena lisboeta de *chemsex*, eles me falavam que seria algo em torno de poucas centenas de pessoas.

Em um grupo tão restrito seria recorrente que as pessoas conhecessem umas as outras. Há sempre pessoas em comum circulando em diferentes *sex parties* e, por outro lado, é muito raro ir a uma festa e não conhecer ninguém. Gonçalo repetia algumas expressões comuns no *métier* do *chemsex*: *ah, eu já fodi com essa pessoa; ah, eu conheço esta pessoa; ah, esta pessoa roubou-me 40 euros na noite X; ah, esta pessoa vai às festas só pra cheirar as drogas e não fode, portanto, cuidado com esta pessoa*. Portanto, não seria nada difícil conhecer as pessoas e saber quem elas são, ou por contato direto ou por informações de segunda mão.

Parece que a grande diferença que existiria nessas festas com drogas e sexo seria a participação ou não dos clientes. Com ou sem clientes, segundo Bourne *et.al.* (2015) as festas de *chemsex* costumavam ocorrer em casas particulares⁹², ou clubes de sexo e saunas. As festas com clientes seriam organizadas, quase sempre, na casa dos clientes ou em hotéis/motéis. Os clientes é que bancariam tudo: deslocamentos dos *escorts*, os próprios *escorts*, bebidas e *chems*. Quando elas não ocorriam na casa deles, mas eram organizadas por eles, eles pagariam também o local alugado.

Cada cidade guardaria uma dinâmica específica na organização da festa e que acaba caracterizando o contexto local. Na experiência de Nando com a cena de *chemsex* em Londres, era bastante comum que os clientes ou as pessoas mais velhas organizassem as festas e pagassem tudo, inclusive pelo sexo com os *escorts*. Trata-se de um clássico no trabalho sexual: homem mais velho, com mais dinheiro seduzindo homem mais jovem e com menos dinheiro. Além disso, essa seria a forma desses homens mais velhos acessarem os corpos em tese mais desejados.

Nando me disse que o cliente que busca *sex party* ou *chemsex* não paga necessariamente um valor mais elevado pelos programas. O preço do programa não varia, a menos que seja um estrangeiro, que já pagaria mais por ser estrangeiro. O que acontece é que o cliente de *sex party* e *chemsex* vai ficar mais tempo com o *escort* e, *como é um dinheiro que corre por hora*, então ele paga mais. O interlocutor Dinho diz que entre os seus clientes que seriam mais *mão aberta* no contexto de *chemsex*, estariam os ingleses e os holandeses: *são os que mais pagam porque estão consumindo ali, enquanto estão tendo sexo*.

Para Renato Araguaia (35 anos), um cliente que estivesse usando drogas e contratasse *escort* para uma *sex party*, ele estaria buscando parcerias para o *chemsex*. Ele acabaria pagando mais no computo geral, mas sem pagar mais pelo programa em si.

Um cliente na Tina, no G, no bloom, ele só vai ficar com a gente se a gente usar junto. Então, não dá muito pra não usar. Se eu falar: 'não, não vou usar', ele não vai ficar comigo. Não é que eles pagam a mais. A gente consegue deles cobrar por tempo. Mais tempo. Então, por exemplo, um cliente, o valor que eu to cobrando aqui é 100 euros no meu apartamento e 150 fora. Se eu for na casa dele, e ele tá usando e aí eu uso com ele, aí ao invés de eu sair com 150, eu posso sair com 1000, 1500. A depender da quantidade de tempo que eu ficar lá e que eu conseguir ver até quanto ele pode me pagar. Isso é raro, mas acontece.

⁹² Quando os *chemsex* ocorrem em casas particulares, isso lembra um pouco a reflexão de Osvaldo Fernandez (2007) sobre os consumidores caseiros, suas estratégias e práticas na gestão do uso das substâncias. Com a diferença de que o que fora observado por Fernandez não tinha qualquer vínculo com a prática de sexo e a utilização de drogas. Lá a questão central restringia-se à sociabilidade em torno da droga.

A seu turno, Roy agia um pouco diferente. Ele entendia que a relação com as drogas no âmbito do trabalho sexual exigia *muito cuidado*. Segundo ele, isso era devido ao fato de que teria *droga todos os dias*. Afinal, o interlocutor contava que *todos os dias tem clientes com droga oferecendo. E eles adoram quando a gente usa com eles*. Tal como Dagoberto, Roy concorda que há uma parcela significativa de clientes que só contrataria *escorts* que praticam *chemsex*. Ele admite que: *tem cliente que oferece um rio de dinheiro pra eu me drogar. Você curte chems? Eu quero você na mesma onda*. Como resposta, Roy dizia que pedia valores bem acima do que cobraria por um programa sem drogas. O cliente, já *colocado*, costumava aceitar pagar mais. Roy dizia: *aí eu meto um valor que é bem mais alto, ele adora que eu fique colocado junto com ele, que eu viajo junto com ele*.

As festas sem clientes são as festas de *vício*, tais como a que participei na casa de Rodolfo. Dinho justificava as festas de *vício* da seguinte forma:

a gente faz o nosso vício, né. Porque a gente não é robô. A gente chama um no contato do outro e fala: 'e aí, brother, tá a fim de uma brincadeira hoje? Também sou do negócio. A gente tá querendo'. Pronto. E faz os esquemas.

Segundo Dagoberto, as festas de sexo por *vício* com outros *escorts* podem ser ruins, pois nunca é só sexo. É sexo e muitos *chems*, com a diferença negativa que *não entra nada de euro*. Segundo ele, seriam *orgias que duram alguns dias* e que resultam em *outros dias sem trabalho*. Mas Dagoberto me disse que *sex party* entre *escorts* é um jeito de sentir-se *patrão de si mesmo*. Uma estratégia utilizada pelos clientes é contratar *escorts* e depois interagir com usuários do *Grindr* e seduzi-los para as *sex party* anunciando que há *escorts* e *chems*. Dagoberto mostrava um pouco a dinâmica operada por alguns clientes:

Ele chama dois, três escorts bonitos, que ele acha que é legal. Pega e manda droga, ele só gosta de convidar os drogados, os escorts que usam droga porque eles vão. Porque ele faz aquela propaganda: está rolando um chems friendly. Alguma coisa assim. Aí os escorts que é drogadinho, Zé Droguinha, pega e vai. Não vai pra transar, vai pra usar droga. Ele chama uns três escorts bonitinhos. O cliente, um safado, sem vergonha, pega a imagem dos escorts e fala no Grindr: sexo em grupo now. Estou com três rapazes aqui agora, quer vir? Mando o uber. Os caras do Grindr veem três escorts gostosos, pauzudos e chems, e pensa: opa, vou! Chega mais seis caras ali. Só que não é escort, é gente do Grindr que foi por causa da droga e porque a maricona contratou três escorts.

Segundo Zuca Da Leste, *as drogas nunca acabam quando tem brasileiro na jogada*. Ele sugere que o brasileiro não seria, efetivamente, o traficante, mas aquele que *tem as drogas ali* ou os

contatos firmeza para conseguir, caso elas terminem: se tem brasileiro na jogada, tem droga. A droga não termina nunca. Parece que brota. A esse respeito, Dinho dizia que em alguns contextos as substâncias eram levadas pelo próprio cliente.

Os clientes não tinham acesso aos *chems* e recorriam aos contatos do *escort*, já no momento da negociação do atendimento. Quando o *escort* ficava responsável por fazer esse *corre*, isso envolveria um custo extra. Os *chems* nunca custarão o valor cobrado pelos *dealers*. Há um acréscimo por parte do *escort*. Beto, por exemplo dizia que *dá pra eu pegar a droga. Só que se eu tiver que pegar a droga pro cliente, eu já deixo claro que eu cobro mais. Pelo deslocamento e pelo estresse. Tem uma comissão obviamente. É uma forma dele ter alguma vantagem, haja visto que teve que correr algum risco para efetivar a transação.*

Matheuzinho (24 anos) me deu algumas informações sobre isso. Ele dizia que quando acabavam os *chems* levados pelo cliente, o *escort* era acionado para que fosse conseguido mais. Isso acontece de duas formas: o *escort* teria um contato e pediria para que a entrega fosse feita onde eles estivessem; ou *escort* iria buscar com o *dealer*. A segunda opção envolveria o pagamento extra, o que ele chama de *taxa de risco: eu preciso sair, fazer contato, me deslocar, então eu tiro o valor pra eu buscar, eu cobro pra ir buscar, eu pago e nesse meio eu tiro uma vantagem. Eu me arrisquei, não foi ele.* Marcos Torres também conta um pouco sobre essa dinâmica entre os brasileiros para *conseguir a droga: a maioria dos escorts, os mais velhos, são dealer. Vendem drogas. Ganham grana se prostituindo e vendendo drogas. E tem muitos brasileiros que são.*

As *sex parties* na modalidade *chemsex*, com ou sem brasileiros, não pararam durante a pandemia – pelo contrário, como contam alguns interlocutores, intensificaram-se – e teriam sido fundamentais para garantir algum orçamento a muitos *escorts*. Eu estive próximo de alguns *escorts* durante esse período, pois eles precisaram ficar em Lisboa, afinal não conseguiam viajar para fora de Portugal, já que as viagens não essenciais estavam proibidas. Eram recorrentes os comentários que eles faziam sobre as *chemsex clandestinas*. Seja com clientes, ou apenas com *escorts*, ou com *escorts* e amigos. O *cativeiro* mesmo, aquele T0 que comentei no primeiro capítulo, realizara muitas festas clandestinas. Todas com drogas e algumas com sexo.

Sousa *et.al.* (2023), a partir de pesquisa realizada pela *internet* com homens gays, bissexuais e HSH de Brasil e Portugal mostram como houve uma prevalência elevada de *chemsex* nos dois países durante a pandemia, sobretudo nos momentos de *lockdown*. Era uma espécie de resposta desses grupos específicos ao fechamento geral do chamado *modo da noite* e consequente inexistência de espaços de sociabilidade.

Um estudo que comparou a prevalência desse fenômeno no Brasil durante a pandemia de COVID-19, combinando para isso uma série de drogas, teve prevalência geral de 38,9%. Países europeus com os quais o Brasil possui grande relação comercial e de imigrantes, como Portugal, também registram carência de estudos envolvendo o *chemsex* em HSH, embora um estudo de 2021 aponte uma prevalência geral de 20,2%, também no contexto da COVID-19 (Sousa, *et.al.*, 2023, p.3).

Sousa *et.al.* (2020) mostram como houve dificuldade e resistência desse público específico em cumprir o distanciamento social e, por isso, o aumento de *chemsex*. Percebi o mesmo em campo, pois os eventos privados eram comuns e meu próprio trabalho de campo, ainda que tenha sofrido adaptações, ocorreu fortemente nesses momentos. Quando fiz uma entrevista mais formal com Dagoberto, ele me disse: *eu fui a festas de sexo no auge da pandemia. Não minto. Eu fui. Não aguentei ficar só na punheta. Não tinha cliente. Você sabe que eu fui. Não posso te mentir. Era um grupo pequeno, amigos que também estavam confinados, eu fui.* Segundo Dago, ele teria ido a poucas festas, mas teria recebido muitos convites, muitas fotos e vídeos de divulgação de várias *sex parties*, que estariam acontecendo na cidade. Nas palavras de Sousa *et.al.* (2020, p. 9), “parece evidente que a busca pelo prazer se mostrou mais relevante diante das medidas de proteção ao Covid-19 propostas, o que coloca os HSH mais expostos”.

Durante o período de distanciamento social da Covid-19, foi realizada uma pesquisa com 1301 HSH, com idade média de 30 anos. Essa pesquisa, conduzida por Jeremias Salomão Chone *et. al.* (2021), investigou fatores associados ao *chemsex* entre HSH portugueses. A pesquisa foi *online*, com informações autorrelatadas, e identificou que 20% dos entrevistados tinham praticado *chemsex* durante a emergência sanitária, um número considerado alto pelos investigadores. A organização do *chemsex*, entre os portugueses, durante a Covid-19, também se dera maioritariamente a partir de aplicativos de encontros.

Essas festas não eram, contava Dagoberto, festas de *escorts*, mas festas de homens gays e que alguns homens que participavam trabalhavam como *escorts*. Muitos participantes eram conhecidos de *balada*, da sauna, da praia. Como o circuito frequentado por eles estava fechado, eles improvisaram. Informações muito parecidas foram dadas por Renato Araguaia. Inclusive, em uma dessas festas, Renato Araguaia chegara junto com Dagoberto e eles diziam estar *virados*, pois era uma noite de sábado e ambos tinham iniciado o circuito de festa na noite de sexta-feira. Araguaia conta:

Eu to aqui em Portugal, to aqui em Lisboa, não tem cliente, tudo fechado. To preso nessa cidade. Tenho que achar um jeito, então é sex party, é chemsex. Eu rodo a noite toda. Vou a umas 4 sex parties de sexta a domingo. É o que

tem. Não tem nada pra fazer nessa Lisboa. Então, eu compro 1 grama de Tina. Por exemplo, eu com 1 grama de Tina fico 4 ou 5 dias com aquilo. Mais G e deu.

Renato Araguaia e outros interlocutores, entre *escorts* e clientes, confirmam que durante a pandemia houve um aumento e uma intensificação das festas de *chemsex*, pois todos os sítios estavam fechados. O fechamento do mercado do entretenimento se dera em função dos períodos de confinamento e das exigências de distanciamento social por conta da emergência sanitária da Covid-19. No entanto, as pessoas continuavam querendo ter umas com as outras e as estratégias. No caso de minha pesquisa, foram as *sex parties* privadas e clandestinas nas casas de *amigos de confiança*. A festa na casa de Rodolfo foi um desses exemplos.

5.4. Efeitos secundários de uma cena *chemsex*

Segundo a literatura da área, o *chemsex* seria uma prática recente, ainda que a relação entre o uso de drogas, sexo e festas seja antiga. No entanto, o formato adotado pelo *chemsex* seria novo. Entre os países onde há maior volume de publicação sobre o tema estão Estados Unidos, Inglaterra e Austrália⁹³. O sistema de saúde da Inglaterra (*Public Health England*) tornou o *chemsex* uma área-chave de seu foco no intuito de melhorar a saúde e o bem-estar de homens que fazem sexo com homens, buscando desenvolver as melhores práticas em termos de serviços de apoio especializados (Sewell *et.al.*, 2019).

Há muitas razões para a popularização do *chemsex*, apesar de seus efeitos secundários. Segundo Artur Queiroz *et. al.* (2019), conseguir reunir a capacidade necessária para alcançar um sexo desejado, “turbinado”, mais excitante, confiante, resistente, considerado melhor, mais intenso, desinibido, “aventureiro”, é o que intencionam muitos praticantes dessa modalidade de sociabilidade sexual. Esses efeitos, como mostram os autores, são alcançados a partir da reunião de substâncias psicoativas que compõem a “trindade” ou “quinteto” do *chemsex*, a depender do contexto.

Esses efeitos buscados são um dos lados da moeda, que garante experimentações variadas, vigor, resistência e exibição de modalidades hegemônicas das masculinidades, algo ainda muito buscado e valorizado no “mundo gay”. Isso garantiria, inclusive, entre homens mais velhos, um efeito revigorante, especialmente em encontros sexuais intergeracionais, como é o caso de

⁹³ Segundo Sewell *et.al.* (2018), foram realizadas pesquisas semelhantes, com coortes HSH e praticantes de *chemsex* na Austrália e nos Estados Unidos com resultados semelhantes aos alcançados no contexto da Inglaterra. Os resultados apontam que há um aumento do percentual de HSH que estão implicados na prática de *chemsex* em períodos mais recentes. Esses homens, não raro, pertencem a um mesmo perfil sociológico: homens, brancos, economicamente estáveis, empregados, escolarizados, por volta dos 30 anos.

escorts e clientes. Portanto, haveria esse lado *mágico, fantástico, maravilhoso, incrível, sedutor* do *chemsex*, como comentavam muitos interlocutores. Eis uma das faces dessa complexa trama.

A outra parece não ser exatamente tão *maravilhosa e sedutora*. Zuca Da Leste diz que um dos efeitos secundários do *chemsex* poderia ser os *escorts* acabarem dependentes das substâncias e terem como resultado do exercício do trabalho sexual o pagamento não mais em dinheiro, mas em *chems*. Zuca Da Leste comenta sobre o caso de um *escort* amigo seu, que hoje vive na Alemanha, procurar um cliente a oferecer-se em troca de *chems*. Nando também dizia conhecer *escorts* que trabalhavam *a troco de droga, pra sustentar o vício*. Segundo ele, esses *escorts* se ofereciam dizendo algo como: *se tiver chems, eu vou, não precisa me pagar*.

Matheuzinho foi um dos poucos interlocutores que admitiu ter-se viciado a partir das festas de *chemsex*. A maior parte dos clientes do interlocutor o contratava para *chemsex*. Eram acompanhamentos em hotel, viagens, ou na casa do próprio cliente. *Foi aonde eu conheci a Tina, foi em atendimento. Ganhei curiosidade, fui me afundando, afundando, fiquei muito perdido nessa merda*, ele conta. Matheuzinho diz, porém, que não haveria uma obrigação para a utilização da substância, mas que as propostas para o sexo acompanhado de drogas costumavam ser mais sedutoras e mais vantajosas em termos financeiros. O interlocutor completa:

Quando você cai nessa vida, eu não vou falar que você necessariamente tem uma obrigação de estar envolvido com drogas, mas eu vou te falar que tudo é o mesmo pacote. Dentro da bolsa da prostituição vem tudo. Vem acompanhamento de droga, vem acompanhamento de partilha de seringas, de agulha, de tudo. Vem um pacote, ali você vai escolher o que você quer e o que você não quer. O que você vai deixar eles fazerem e o que você não vai deixar. Eu cedi demais.

David Stuart (2015), tal como reporta Matheuzinho, aponta para um uso cada vez “mais caótico” de drogas no *chemsex*, o que pode levar, com aponta o pesquisador, a comportamentos sexuais extremos. A partir de uma *sex party* com *chemsex*, poderia ocorrer desde *um sexo maravilhoso*, como diriam alguns interlocutores, como poderia não acontecer sexo. Em algumas situações, pode chegar a polícia. Em situações mais extremas, podem ocorrer óbitos em *chemsex*. Nos Estados Unidos e em Londres, os casos de óbitos eram mais comuns. Portanto, há uma gama variada de situações: das mais prazerosas às mais perigosas. Em função do uso excessivo de drogas, pode haver violência, violações, sexo não consentido, danos corporais graves, infecções bacterianas, etc. Todas essas situações, que apareceram em nossas conversas, na perspectiva de Bourne *et.al.* (2015) são geradoras de danos à saúde física e mental.

Segundo Sewell *et.al.* (2019), constatou-se que o *chemsex* não seria um fenômeno restrito aos grandes centros urbanos e que estaria a disseminar-se pelas pequenas cidades e, inclusive, pelo mundo rural. Além disso, os autores perceberam que havia uma recorrência maior dessa prática entre homens que fazem sexo com outros homens e que foram diagnosticados como HIV+, quase todos já indetectáveis. A partir dessa *coorte*, percebeu-se que havia possíveis problemas de duas ordens.

Por um lado, implicações à saúde ao associar diferentes práticas consideradas de alto risco (Green, 2003), como o sexo sem preservativo com inúmeros parceiros eventuais em sequência, além de modalidades de sexo, como *fisting*, que exigiriam preparações e habilidades não compatíveis com um contexto de alteração de consciência provocado pelo poliuso de drogas⁹⁴.

Por outro lado, pode haver implicações éticas e diferentes formas de violência, em vista das dificuldades de consentimento para a realização de certas práticas sexuais no contexto das drogas. Torna-se complicado negociar o sexo em momentos de flagrante alteração de consciência, especialmente em face a situações de sexo grupal (Green, 2003; Sewell *et.al.*, 2019).

Gonçalo, assim me contou:

Eu já vi tudo. Já vi tudo que dá pra ver. Tudo. Tudo que dá pra ver. Merda, cagar, é muito comum. É assim, não é muito comum numa escala, num espectro inteiro de sexualidade, mas é mais comum dentro das festas de chemsex. Não das festas de chemsex, mas de algumas pessoas especificamente interessadas nesse sentido. Há troca de sangue. Há pessoas que injetam sangue umas das outras. Há comportamentos mesmo desviantes que são extremos.

Há festas em que a regra é não haver regras. Há festas em que isso é sempre negociado antes. O que costuma acontecer é quando se encontra uma pessoa ou um grupo de pessoas para *sex party* com *chemsex*, *todas as cartas já estariam na mesa* e todos os combinados já teriam sido feitos. Essa seria a regra, inclusive de que a festa não teria regra. Não haveria, em tese, como me contaram os interlocutores, espaço para grandes surpresas durante o *chemsex*. Isso em tese. Dessa forma, o clima da festa e os limites de uns e outros, já seriam conhecidos durante o período de negociação da participação no evento: *tudo foi combinado antes, no Grindr. Geralmente, as pessoas quando falam no Grindr, umas com as outras, já tiram, mais ou menos, o profile umas das outras*, comenta Gonçalo.

⁹⁴ O *fisting*, essa modalidade de relação ano-branquial, segundo Adam Bourne *et.al.* (2015) é uma prática que se torna mais comum na cena *chemsex*. Ela é acompanhada de outra performance que é um determinado homem ser penetrado por vários homens em rápida sucessão. As drogas incidiriam nesses sujeitos facilitando essas e outras práticas sexuais.

Algo muito interessante diz respeito aos métodos preventivos a infecções sexualmente transmissíveis. Eu falarei isso em um momento posterior na tese, mas adianto aqui que vi muito pouca camisinha durante o trabalho de campo nas *sex parties*, nas saunas, nos clubes de sexo. Especialmente nas cenas de *chemsex*, elas eram muito residuais, apenas para não afirmar categoricamente que elas não estavam presentes. Eu perguntei sobre isso a Gonçalo, que me disse que *a pessoa que faz bareback, das duas uma: ou já tá indetetável ao VIH ou fazes PREP. Ou então não queres saber. Tens estas três hipóteses. Ou quarta: tens o fetiche de ser infectado por HIV. Também tem isso.*

Na *coorte* inglesa acompanhada por Sewell *et. al.* (2018), três anos depois do primeiro estudo realizado, eles identificaram o declínio da incidência de HIV. Nesse estudo também foi identificado que houve um aumento de pessoas utilizando a terapia antirretroviral (TARV) entre as pessoas infectadas, bem como de pessoas utilizando a profilaxia pré-exposição ao HIV (PREP). O preservativo, tal como eu observara nas *sex parties*, continuava residual. Segundo a pesquisa de Sewell *et.al.*, a combinação dessas intervenções é que poderia ser a responsável pelos números mais positivos, mesmo em contextos de alto risco de transmissão de HIV, o que não se aplica a outras ISTs, que se tornam foco dos profissionais da saúde, face sua disseminação e mais difícil controle.

Hamish Mohammed *et. al.* (2016), a partir de uma pesquisa com usuários de centros de saúde em Londres, identificaram uma relação entre o aumento da prática do *chemsex* entre HSH com surtos de ISTs advindos de comportamentos sexuais de risco. David Stuart (2015) chama a atenção para o fato de que o risco à infecção pelo HIV é o que teria garantido ao *chemsex* um lugar na agenda do sistema de saúde, apesar de vários outros desdobramentos considerados graves a partir dessa prática.

Nos contextos sexuais que eu estive presente, ninguém foi obrigado a fazer sexo sem preservativo, mas nunca notei a negociação em relação ao uso do preservativo. O que notei com muita frequência foram anúncios de: *eu uso PREP*. Dava-me a impressão de que a PREP funcionaria como “uma camisinha do nosso tempo”, com a diferença de que a sua proteção atua apenas em relação ao HIV e não às demais infecções. Entretanto, parecia-me que o receio, se é que havia algum, era em relação ao HIV e quando essa frase era dita, ela era imediatamente compreendida e aceita como verdadeira. Funcionava como um atestado de segurança, sem qualquer comprovação, em relação à prática desprotegida⁹⁵.

⁹⁵ No levantamento da literatura sobre *chemsex* realizado por Maxwell, Shahmanesh e Gafos (2019), sobretudo em trabalhos mais recentes, a PREP aparecia com grande frequência e era acionada como um dispositivo fundamental para as festas de sexo onde o uso do preservativo era menos frequente. O mais comum era não usar

Teoricamente falando, as pessoas poderiam se afastar de qualquer situação que fosse desconfortável para elas. No entanto, como em muitas circunstâncias as pessoas estão alteradas, esse movimento torna-se impossível de ser realizado. Matheuzinho me contou que isso aconteceu com ele em um *chemsex*:

Isso já me aconteceu. Já me aconteceu. Tive uma lesão séria no meu corpo. Eu não consegui me afastar de um cara numa sex party. Eu estava muito louco. Acabou que eu fui violentado. Ele meteu uns troços no meu cu. Eu não pedi e nem estava esperando aquilo. Ficou feio. Sangrou e doeu muito nos outros dias. E isso acontece por causa da droga. Eu estava tão fora que não me dei conta do que ele estava fazendo.

Essas e outras situações de abuso eram recorrentes em nossas conversas, ainda que elas quase sempre acontecessem com terceiras pessoas. Matheuzinho foi o único que admitiu que isso acontecera com ele. Em outra situação, Xande me falou de uma vez que houve uma troca de seringas feita propositalmente para drogarem um amigo de um *escort* em uma *chemsex*. Teria sido injetado o triplo da quantidade de droga devida e assim vários homens transaram com ele desacordado. Um flagrante caso de crime de estupro.

A tal negociação que meus interlocutores disseram que ocorria antes das festas, parece que, de forma recorrente, era ressignificada à medida que o grau de drogadição de algumas pessoas ficava mais elevado. O que aparecia como discurso frequente é que nas cenas de *chemsex*, em qualquer situação sexual, os sujeitos envolvidos sempre dispunham de poder de negociação. Durante esses momentos, como dizia Otto (31 anos), o *escort* deveria apresentar suas condições: *eu só transo com camisinha, ou sem camisinha se eu já conhecer a pessoa. O meu limite é merda, ou mijo. Não consigo transar com mais de duas pessoas ao mesmo tempo. Você nunca chega na sex party no escuro. Se tudo isso falhar, você pode chegar lá, não gostar e ir embora.*

Era um consenso, entre os interlocutores, que um fim de semana de *chemsex*, em uma ou várias *sex parties*, deveria resultar em *muito dinheiro*, pois os três próximos dias depois de finalizada a cena seriam de recuperação e de impossibilidade de trabalho. Aliás, Bourne *et.al.* (2015) chamam a atenção para o impacto negativo do *chemsex* no trabalho regular das pessoas, provocando abstinência, falta de concentração e diminuição da capacidade cognitiva. Portanto, o *chemsex* deveria compensar financeiramente. Em vista disso, sobre o impacto do *chemsex* no trabalho sexual dos interlocutores, Yuri me dizia que:

camisinha e dizer-se usuário de PREP. Nessas circunstâncias, é importante lembrar, a proteção da PREP limita-se ao HIV, enquanto a abrangência do preservativo é maior e mais diversa em termos de ISTs.

Se eu usar drogas, eu sei que os dois próximos dias eu não vou estar bem o suficiente. Então, eu, no mínimo, tenho que fazer grana ali pra quatro dias. Se tipo, ai, eu faço 150 por dia, então eu sei que eu vou ter que fazer ali 600 ou 700 euros ali pra compensar. Pra poder ficar deitado os 4 próximos dias.

Eles me contavam que os efeitos secundários eram horríveis. A ressaca persistia por alguns dias. Isso se deve a motivos variados, afinal trata-se de um coquetel de substâncias utilizado de forma reiterada. Se considerarmos apenas o uso de mefedrona, a ressaca já vai ser pesada porque o cérebro disparou em função de uma enorme quantidade de dopamina e serotonina. Parar de usar a substância vai provocar uma desaceleração brusca. Trata-se de uma ressaca, uma *bad trip*, parecida com o *day after* do uso de cocaína. Especialmente o dia seguinte será de profundo desânimo. Isso pode se agravar com as dores musculares provocadas pelo GHB.

É importante não esquecer que é comum que as pessoas não tenham se alimentado ou quando se alimentam o fazem de forma inadequada nos últimos dois ou três dias de festa, sem contar que igualmente pouco ou nada dormiram. Há, então, uma exaustão física, psicológica e também moral. Em relação a não dormir e não se alimentar, ainda que houvesse comida nas festas, eu sempre percebia que elas sobravam quase intactas. O mesmo vale para dormir. Geralmente quem dormia, era quem *apagava* em função do GHB.

Percebi, em alguns momentos, sobretudo ao conversar com André e Dagoberto, que havia questões emocionais envolvidas nesse emaranhado que articulava dinheiro, *sex party* e *chemsex*. Eu notava que eles pareciam não gostar daquelas situações, mas viam que eles compensavam financeiramente. Isso fazia com eles parecessem sentir muita culpa depois de praticarem *chemsex*, a tal vergonha que falei antes em relação a Dago também praticar *slamming*. Eu compreendia que parte da ressaca deles, também poderia ser mais pesada pois tinha esse componente emocional.

Nos dois anos e meio de trabalho de campo que realizei no âmbito do trabalho sexual de homens, eu nunca vi ninguém morrer em função de uma overdose durante uma cena de *chemsex*. Entretanto, o efeito secundário mais grave a partir desse tipo de *sex party* é a morte (Green, 2003). Costuma ser mais comum pessoas morrerem de overdose de GHB, pois basta uma diferença de 0,5ml.

A overdose pode provocar a parada cardíaca ou pode fazer com que a pessoa durma profundamente, vomite e se engasgue com o próprio vômito dormindo, uma depressão respiratória ou asfixia enquanto inconsciente. Bourne *et.al.* (2015) ainda relatam sobre frequentes perdas de controle dos intestinos e bexiga, dores cuja intensidade levam a

hospitalizações. Renato Araguaia contou de um cliente que não morreu, mas que teria *apagado* em sua cama:

Nos Estados Unidos já teve cliente que apagou na minha cama, de G. Mas isso é normal. Quem toma G sabe que uma hora ou outra sempre alguém vai desmaiar. É uma dosagem a mais. Tipo, tomou fora do tempo, que é uma hora, ele tomou e deu 45 minutos e ele tomou outra, esquece, ele vai apagar. Foi isso que aconteceu. O cliente ficou apagado 4 horas na minha cama.

Sobre o mesmo que fora dito por Araguaia, só que no contexto português, Yuri contava que *chega uma hora que a pessoa tomba. A pessoa desmaia. Acontece alguma coisa.* Ele lembrava o seu próprio caso, quando *tombou* na primeira cena de *chemsex* que participou junto a outras cinco pessoas. Segundo ele, quando chegou a comida, ele teria começado a ter um enjoo. Ainda que tivesse fome, e tinha, ficara tão enjoado de ver aquela comida que começou a passar mal. *Eu senti e não conseguia ficar em pé. Eu não tinha mais forças. Ai me levaram embaixo do chuveiro. Me jogaram lá. E aí me colocaram sentado lá. Depois o cliente tombou junto comigo. Deitaram ele e ele desmaiou lá.*

No contexto das festas de São Paulo e Berlim, Gibran Braga (2018) mostrara a centralidade da existência de uma pessoa que cuidasse de quem estava passando mal em função da ingestão excessiva de drogas. Essa pessoa encarregava-se de dar algum suporte possível no contexto à pessoa que estava com problemas. Na festa na casa de Rodolfo, essa pessoa encarregada de um primeiro socorro, caso necessário, fui eu. Braga conta ainda que há diversos riscos nas festas onde há o consumo de drogas ilícitas. O primeiro desses riscos, segundo ele, seria o excesso de drogas e, quem sabe, o desconhecimento e descontrole em relação aos seus efeitos (Braga, 2018).

Eu testemunhei, em uma sauna de Lisboa, uma cena parecida à relatada por Yuri. Havia um rapaz tendo convulsões e sendo levado rapidamente, por dois amigos, Zeca (31 anos) e Raí (43 anos), que são meus interlocutores, para baixo de um chuveiro gelado. Segundo meus interlocutores, se ele não fosse amparado e banhado, as convulsões poderiam intensificar e o cérebro poderia não aguentar o levando possivelmente a morte ou a sequelas graves. Tudo isso para dizer que seria muito fácil morrer de uma overdose de GHB.

Gibran Braga (2018) diz que os clubes de Berlim, onde fez parte de sua pesquisa, tentavam de toda forma evitar o ingresso de *G*, justamente pelo seu risco potencial, caso mal administrada. Marcos Torres me disse que antes de ser levado para baixo do chuveiro gelado, o rapaz que referi há pouco, *se batia na parede, se jogava no chão, tremia todo, muito louco.* Em função disso, é que me foi dada como missão importante na festa de Rodolfo controlar os

horários em que cada pessoa usava *G*, a fim de que fossem respeitados os intervalos de uma hora, a dissolução em água ou suco, bem como a dosagem recomendada para que se evitasse situações que poderiam ter consequências fatais.

Beto me contou que não usava *G* de forma alguma, pois uma vez, segundo ele, teria quase morrido. Como ele tem graves problemas renais, disse que passava muito mal após usar a droga. Outro limite que Beto se impõe é com *Tina*. Suas restrições com o *Crystal Meth* resultam do fato de que seu companheiro teria começado a usar e viciou-se, o que ele caracteriza como *entrou mais fundo que o fundo*. O companheiro de Beto teria sido o *primeiro a cair*. *E eu fui depois, pra tentar ajudar, você acaba usando pra ajudar. Destruiu muita coisa na minha vida. Mas agora estamos melhor e sem usar*.

Em vista disso, Beto diz que não faz nada que envolva *Tina*, que não conhece *dealers* de *Tina*, que não frequenta *sex party* que haverá *chemsex* de *Tina*. Por ser uma droga muito comum em Berlim, ele diz perder vários trabalhos por não negociar em relação a isso, mas considera que isso é importante, pois ele e seu companheiro passaram por muitas dificuldades em função do vício em *Crystal*, tendo parado em clínicas de desintoxicação.

Beto e outros interlocutores me contavam que, em determinados momentos, começaram a perceber que era enfadonho fazer sexo sem estar sob o efeito de substâncias psicoativas. Isso tanto quando estavam fazendo trabalho sexual, nas festas de *vício* ou em flertes particulares. Ymke J. Evers *et.al.* (2020), ao conduzirem uma pesquisa sobre praticantes de *chemsex* nos Países Baixos, ouviram de muitos participantes da pesquisa que o sexo seria mais divertido quando eles faziam o uso de drogas. Havia, entre os sujeitos da pesquisa, uma maior satisfação com o sexo, ainda que uma menor satisfação com a vida depois de passados os efeitos buscados e sob os efeitos secundários nos dias subsequentes. Os autores entenderam que havia, entre os praticantes de *chemsex*, consciência em relação aos riscos de infecções sexualmente transmissíveis, em vista das práticas estabelecidas, mas eles demonstravam alguma inabilidade para gerenciá-los.

Tal como nas pesquisas de Weatherburn *et. al.* (2017), nas conversas com interlocutores mais assíduos no *chemsex*, o sexo sóbrio, algumas vezes chamado de *baunilha*, era dito que se tornava pouco ou nada atraente. Havia, entre alguns deles, a normalização do *chemsex* como algo ordinário. Por outro lado, tal como os autores, eu também percebera o lugar central de desejos, prazeres e excessos. Se, por um lado, era possível pensar o *chemsex* como transgressor; por outro, ele poderia ser lido como libertação. Libertação de inseguranças e ansiedades em um espaço supostamente controlado, durante um tempo supostamente determinado.

A cena *chemsex*, que eu mostrei ao longo do capítulo, a partir da experiência de meus interlocutores, pode ocupar diferentes universos de significado. Em linhas gerais, tentando simplificar uma gama de possibilidades, ela pode ser um momento de trabalho e também pode ser lugar de *vício*. A presença ou não de clientes determinará as fronteiras de um ou outro desses momentos. Uma questão chama bastante atenção e me parece um marco para reflexões sobre essa modalidade de sexo coletivo entre homens gays, bissexuais e outros HSH. Se, tanto a cena quanto o circuito de homens gays, bissexuais e HSH – como se constatou a partir da literatura – costuma promover uma associação entre drogas, sexo, festa, noite, amigos, a partir do *chemsex* é possível perceber que se dá um passo além.

O passo além dado pelo *chemsex* diz respeito à intencionalidade. Eu entendi que as drogas ocupam um lugar central nessa cena. Muito mais que o sexo. A noite, as festas, a reunião dos amigos articulam-se para que se possa fazer o uso coletivo, compartilhado, quem sabe mais seguro, das drogas. Mesmo quando se pensa o *chemsex* no âmbito do trabalho sexual, os relatos dos interlocutores também vão nesse sentido. Os clientes, na visão dos *escorts*, os contratariam, sobretudo, para o acompanhamento durante o uso de drogas. A socialização, é um desdobramento disso, mas a droga seria o elemento que funcionaria como amálgama que uniria todos esses pontos.

Como mostrei antes, o *chemsex* não está atrelado ao trabalho sexual. Aliás, boa parte da literatura nem chega a mencionar qualquer tipo de relação nesse sentido. Portanto, penso que a associação que aparece em meu campo, tem mais a ver com o fato de que as pessoas envolvidas sejam homens gays, bissexuais e HSH, do que com o envolvimento de trocas financeiras para disparar esse tipo de encontros. Digo isso porque o *chemsex* pode ser um tipo de prática sexual que qualquer pessoa pode levar a cabo.

Qualquer pessoa pode fazer sexo e usar drogas, desde que se proponha a isso. No entanto, as pesquisas indicam uma recorrência maior dessa cena entre os grupos que destaquei acima justamente pelas preocupações que envolvem maior vulnerabilidade à infecção por HIV e outras ISTs dentre esse conjunto de sujeitos. O trabalho sexual realizado por homens me parece um *plus* nessa reflexão. Mas outra vez eu gostaria de frisar, há um caráter de intencionalidade na cena. As pessoas usam drogas para *turbinar* o sexo e usam os *chems* que agiriam no sentido de promover aquilo que entendem ser decisivo em termos de qualidade, tempo, quantidade, enfim, algo que não seria alcançado de forma sóbria.

Por fim, é preciso dizer algumas palavras sobre aspectos que me pareceram mais sensíveis. Se o *chemsex* pode ser uma dimensão subversiva ao romper padrões e barreiras morais, potencialmente demonstrando agência desses sujeitos naquele circuito restrito, não é possível negligenciar sobre violências, abusos e riscos envolvidos que fizeram essa cena ter ganho espaço no radar da saúde pública, sobretudo na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Austrália. Sem esquecer de Alemanha e Países Baixos, outros centros de *chemsex*.

Sabe-se que surtos de ISTs, violações, sexo não consentido, overdoses, podem ocorrer (e ocorrem) em qualquer grupo social. Aliás, as mulheres heterossexuais são as grandes vítimas de violações e diferentes tipos de agressões por homens heterossexuais que, quase sempre, ao promover essas ações violentas não estão sob efeito de qualquer tipo de droga. No entanto, houve relatos de interlocutores sobre surtos de ISTs, violações, sexo não consentido, overdoses e morte. Esses relatos mostram a tensão entre prazer e perigo, quem sabe do prazer pelo perigo, e documentam como é tênue essa linha que demarca os “limites da sexualidade” (Gregori, 2016), bem como a fragilidade dos acordos então estabelecidos entre homens gays, bissexuais e HSH (*escorts* ou não). Além disso, à medida que essas situações, que parecem ser minoritárias nesse tipo de prática, ganham visibilidade há um enorme potencial de estigmatização e desumanização de parte de uma população que já costuma ser alvo desse tipo de sentimento.

Há muitos interditos em relação às drogas de maneira geral. Há muitos interditos em relação ao sexo entre homens. Há muitos interditos em relação ao sexo comercial. Já há tantos interditos pensando essas diferenças isoladamente. Parece muito mais complicado entender-se como um homem que faz sexo com outros homens, que usa drogas, que usa drogas injetáveis, que faz sexo sem preservativo com inúmeros homens em uma mesma noite e que faz sexo por dinheiro. Há aqui muitas intersecções entre práticas que isoladas já reverberam em desprestígio social e que articuladas podem potencializar abjeção. A preocupação de diferentes categorias profissionais em relação ao *chemsex* poderia incidir na redução de danos, no maior conhecimento em relação a seus desdobramentos, bem como no alargamento da humanização de vidas vivíveis a partir de práticas que não sejam necessariamente as hegemônicas para a busca do prazer sexual.

Capítulo 6

Sobre pestes e trabalho sexual: Covid-19, *variola dos macacos* e hiv/aids

Interlocutores do capítulo

Andrade: 35 anos, é nascido na cidade de São Paulo. Considera-se *pardo*. *Mas às vezes eu sou moreno, às vezes eu sou branco. Depende.* Ele tem 1,77m, 70kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino médio cursado no Brasil (o equivalente à conclusão do 12º ano em Portugal). Ele está na Europa há cinco anos. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele está movimentando os papéis para pleitear a cidadania portuguesa. A profissão oficial do interlocutor é cabeleireiro. Ele considera-se de classe média. O trabalho sexual funcionara como um *desenrasque* durante a pandemia de Covid-19. Andrade considera-se *gay*. Ele não fala nenhuma língua estrangeira.

André: 30 anos, mais de um 1,8m em um corpo magro, com músculos aparentes. Ele é de Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul. Define-se como moreno escuro. Tem curso superior completo, feito no Brasil, na área de Ciências Humanas. Considera-se *gay*. Do ponto de vista da documentação consular em Portugal, está regular. Possui título de residência. Em termos de classe social, André diz-se de classe média. Comunica-se em espanhol e precariamente em inglês.

Dagoberto: 34 anos, 1,78m, corpo magro/definido. Ele é de uma cidade do interior de Minas Gerais. Define-se como branco. Completou o ensino médio (12º ano) no Brasil. Ele considera-se homossexual. Do ponto de vista da documentação consular em Portugal, ele está em processo de regularização. Ele não tem uma profissão oficial. Mas já fez um pouco de tudo. Em termos de classe social, Dagoberto considera-se de classe média. Ele comunica-se em inglês e espanhol.

Diogo: 31 anos, é nascido no interior do estado de São Paulo. Considera-se branco, tem 1,70m, 70kg e corpo definido como *malhado*. Possui superior completo e algumas pós-graduações, todos os cursos feitos no Brasil. Digo chegou à Europa por Portugal, mas hoje vive na Espanha, onde está em situação irregular devido à demora nos trâmites burocráticos em função da pandemia. Ele chegou a Portugal no verão de 2020. Ele pretende regularizar-se e estabelecer-se na Espanha. Diogo considera-se *gay*. Ele é fluente em inglês, espanhol, francês. Fala um pouco de italiano e alemão. Teve carreira no mercado financeiro na América do Sul, mas ao tentar a vida na Europa *deu tudo errado* e o trabalho sexual foi a forma rápida de tentar fazer dinheiro. Seu padrão de vida deteriorou-se e tornou-se pobre.

Gonçalo é português e tem 42 anos. Considera-se *gay* e branco, de estatura mediana e magro. Possui ensino médio completo. Considera-se de classe média. Atualmente é cabeleireiro. Conheci Gonçalo em uma sauna de Lisboa. Ele é cliente de *escorts* brasileiros.

Manel é português e tem 45 anos. Considera-se *gay*. Já viveu fora de Portugal, na França e na Suíça. Possui ensino superior incompleto, na área das ciências humanas. Considera-se de classe média. Atualmente é assessor financeiro. Considera-se branco, baixo e com *barriguinha*. Ele é cliente de *escorts* brasileiros.

Marcos Torres: 32 anos, é nascido no interior de Mato Grosso. Considera-se branco, tem 1,78m, 75kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino médio completo. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, ainda é irregular, mas está organizando os documentos para a “manifestação de interesse”. Marcos Torres vive em Portugal desde 2020. Ele tem um emprego oficial *part time* em um café. O interlocutor considera-se gay. Ele comunica-se apenas em português.

Matheuzinho: 24 anos, é nascido na cidade de Ipatinga, interior das Minas Gerais. Considera-se pardo, tem 1,81m, 75kg e corpo definido como *magro*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular, mas diz estar tentando regularizar-se: *já entreguei a papelada para a advogada*, contou. Matheuzinho chegou a Portugal com a pandemia de Covid-19, em março de 2020. Ele considera-se gay. Entende-se como *pobre, trabalhador* e só se comunica em português.

Nando: 33 anos, é nascido em São Paulo. Considera-se moreno, tem 1,83m, 75kg e corpo definido como *definido*. Possui ensino médio completo. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele tem título de residência há quatro anos. Nando tem uma casa fixa em Lisboa, mas passa a maior parte do ano viajando pela Europa a trabalho. Considera-se de classe média. Em termos de orientação sexual, identifica-se como gay. Ele fala inglês fluente e um pouco de espanhol.

Raí: 43 anos, é nascido no interior da Bahia. Considera-se moreno, tem 1,87m, 83kg e corpo definido como *normal, mas já fui malhado*. Possui ensino superior completo na área de Turismo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele vive na Europa desde 2001. Atualmente sua residência fixa é em Lisboa, mas moro muitos anos em Londres. Raí considera-se gay. Ele é fluente em inglês e espanhol. O interlocutor diz pertencer às classes médias e hoje identifica-se como massoterapeuta. O trabalho sexual é um complemento de seu trabalho oficial.

Robinho: 25 anos, e é baiano de Salvador. Considera-se negro, tem 1,80m, 78kg e corpo definido como *malhadinho*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele vive em Portugal desde 2017. Não costuma viajar pela Europa. Suas viagens são apenas por Portugal. Robinho se diz de classe média e identifica-se como gay. Ele se comunica apenas em português.

Roy: 39 anos, é nascido em uma cidade de Goiás. Considera-se moreno, tem 1,90m, 87kg e corpo definido como *normal*. Seu diferencial, segundo ele, não é beleza, mas é ter um pênis de *24cm e grosso. É o meu trunfo*. Possui ensino superior completo, na área de Engenharia, curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele possui título de residência há 4 anos. Roy vive em Portugal desde 2015. Ele mora em um apartamento alugado onde trabalha e também aluga um quarto para outra pessoa trabalhar. Roy considera-se bissexual. Ele não é fluente em nenhuma outra língua estrangeira, mas consegue se comunicar, *precariamente*, em inglês e *um pouco melhor* em espanhol.

Valentim: 36 anos, é nascido em uma cidade de Mato Grosso. Considera-se branco, tem 1,70m, 70kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino médio completo. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele já possui cidadania portuguesa, pois vive em Portugal desde 2013. Ele mora em um apartamento alugado, junto a seu namorado, e onde também trabalha. Valentim considera-se gay. Ele comunica-se em inglês, espanhol, francês e alemão.

Vasco é português e tem 50 anos. Considera-se bissexual. Nasceu no interior do país, na região norte e vive em Lisboa há 15 anos. Possui ensino médio completo. Considera-se de classe média-baixa. Atualmente trabalha em uma barbearia. Considera-se branco, alto e magro. Conheci Vasco no bar de um clube de *cruising*. Ele é cliente de *escorts* brasileiros.

Xande: 28 anos, é nascido em uma cidade do interior das Minas Gerais. Identifica-se como negro, tem 1,76m, 75kg e corpo definido como *malhado*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele mora em Portugal há mais de dez anos. Xande tem um emprego oficial na área de segurança. O trabalho sexual funciona como um *bico*. Xande considera-se homossexual. Ele entende-se como pobre. O interlocutor comunica-se apenas em português.

Yuri: 27 anos, é nascido em Curitiba, Paraná. Considera-se moreno, tem 1,83m, 70kg e corpo definido como *magro, definido*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele possui título de residência há três anos, embora viva em Portugal desde 2016. Ele já teve residência fixa em Lisboa, mas agora está investindo na carreira internacional, portanto vive de forma itinerante entre os diferentes países. Ele pretende estabelecer-se em 2023 na Alemanha. Yuri considera-se homossexual. Ele é fluente em inglês e sabe comunicar-se em francês, espanhol, italiano e um *pouquinho* em alemão.

Zeca: 31 anos, é do Rio de Janeiro. Considera-se mestiço, tem 1,83, 79kg e corpo *magro definido*. Possui ensino superior na área de Ciências da Saúde. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular. Ele vive no país desde 2020. Considera-se de classe média, pensando a partir de sua realidade brasileira. Zeca considera-se gay. Ele comunica-se apenas em português.

O relógio marcava 22h17 quando o telefone tocou. Dagoberto (34 anos) me ligava. Eu nem sabia que ele já tinha voltado de Londres. Queria tê-lo visto lá, mas a gente se desencontrou por alguns dias. Ele foi fazer praça e hospedou-se na casa de Nando (33anos), com quem eu passei alguns dias na cidade quando estive em trabalho de campo. Achei que Dagoberto ficaria até junho em Londres, mas ainda é maio e ele já voltou a Lisboa. Lembro que o retorno dele ao Brasil é só em julho. Quando atendi, Dagoberto disse apenas: vem aqui em casa, Belchior! Peguei a merda. Vem de máscara e luva. Eu juro que não entendi e pedi pra ele me explicar qual merda. Logo pensei em Covid, mas já está tudo “tão normal” em relação a isso e ele estava vacinado, não entendi por que o nervosismo. Depois pensei que fosse HIV, mas ele tomava PREP. Qual merda? Eu perguntei. Variola dos macacos, to horrível. Eu já tinha ouvido falar alguma coisa na televisão e havia notícias de um surto em Madrid e outro em Londres. Claro, Dago estava chegando de Londres. Ele poderia ter se exposto lá. Eu não sabia nada a respeito. Comecei a me vestir e fui em direção ao Metro. Fiquei nervoso. Levei a minha caixa de luvas e levei máscara. Ninguém mais está usando luvas e máscara. Aquilo ainda era lá da Covid que eu tive na volta do Brasil. Durante o percurso, fui lendo sobre o que era o monkeypox, transmissão, coisas do tipo. As notícias falavam de transmissão entre homens que faziam sexo com homens e eu logo pensei que era mais uma IST. Mas também se falava no toque, no uso de roupas, toalhas, enfim. Eu achei que estaria em risco ao encontrar Dagoberto. Confesso que pensei isso. E percebi que ele já sabia disso ao me mandar ir de luva e

máscara. Foi muito estranho quando nos encontramos. Não nos abraçamos, não nos beijamos como fazíamos sempre. Ficamos distantes. Não sentei na sua cama, nem na poltrona ao lado dela, como eu fazia todas as vezes que ia à casa dele. Ele me pediu para ficar em pé. Fechou a porta e chorava. Olha isso, olha isso, olha aqui. Eu to horrível. Foi tirando a roupa e ficou completamente nu. Havia bolhas pequenas no rosto, duas no queixo, uma no pescoço perto da orelha esquerda. Ele mostrou umas pequenas bolhas na barriga, na virilha. Na base do pênis havia cinco. Uma especialmente grande e feia. Ele me disse que aquilo foi aparecendo nos últimos dias e que ele foi ficando apavorado. Não quis falar para ninguém, mas não aguentava mais. Foi aí que resolveu me telefonar e pediu para eu, por favor, não falar nada a ninguém. Eu não sabia o que fazer. Fiquei com pena dele e fiquei preocupado comigo. As duas coisas ao mesmo tempo. Entrei em contato com um amigo de uma associação comunitária: pedi mais informações e recomendações de o que fazer. Ele pediu fotos. Fotografei todas as feridas de Dago. Mandei tudo. Ele confirmou que tudo indicava que era monkeypox e disse para Dago ir ao hospital amanhã cedo. Eu disse que iria com ele. Combinamos de nos encontrar na saída do Metro Intendente. Eu não quis dormir na casa dele, fiquei com receio de me infectar. Mas não dei a entender. Acho que fui convincente dizendo que tinha deixado tudo bagunçado em casa e precisava, pelo menos, voltar para fechar as janelas. Ele disse que achava mais seguro eu dormir em casa. Amanhã cedinho a gente se encontrará. Ele repetia sem parar: foi em Londres, foi no Masmorra⁹⁶ e Nando tá assim também. Foi lá. Que merda. Ele chorava como criança. To podre, não posso trabalhar, tudo horrível. As palavras do Dago não saem da minha cabeça. Logo agora que o verão deve ser muito mais aberto, chegou essa nova peste. Amanhã o médico deve dizer melhor (Cadernos de Campo, Lisboa, maio de 2022).

A peste, como conceito ou metáfora, tem uma longa história que remete à antiguidade e ao texto bíblico. Albert Camus (2019) utiliza a metáfora da peste para refletir sobre a condição humana durante a Segunda Guerra Mundial, momento em que a França estava ocupada pelos nazistas. Do ponto de vista histórico, o romance de Camus ajuda a compreender a peste a partir de uma perspectiva biológica, mas também seus efeitos sociais e existenciais. Em contexto contemporâneo, Paul Farmer (2004) analisa como as epidemias, diferentes tipos de pestes, estão umbilicalmente associadas às desigualdades socioeconômicas. A peste, muitas vezes, serve como uma metáfora para crises existenciais e sociais e elas podem revelar aspectos fundamentais das pessoas.

De forma geral, entendi que, associado a esses eventos, havia a presença constante da ideia de risco. O conceito de risco pode ser abordado de diferentes maneiras, dependendo do contexto em que é aplicado. Segundo Peter L. Bernstein (1998), o risco é uma medida da incerteza associada a um evento futuro que pode resultar em efeitos negativos. Envolve a avaliação da probabilidade de ocorrência de um evento indesejado e das potenciais consequências adversas

⁹⁶ Nome fictício de um famoso clube de sexo nas proximidades do Regent's Park.

associadas a esse evento. Em muitos casos, o risco é expresso como a combinação da probabilidade de ocorrência e do impacto das consequências (Lash, Szerszynski, Wynne, 1998).

Na área da saúde, ele refere-se à probabilidade de um dano à saúde ocorrer em relação a uma exposição específica, como a utilização de determinado medicamento, a exposição a agentes ambientais ou comportamentos. Para Jonathan Mann (1996), a avaliação de risco na saúde busca identificar e quantificar esses riscos para orientar políticas de saúde, intervenções e tomada de decisões clínicas. Já nas ciências humanas, por exemplo, o conceito pode se relacionar com a incerteza associada a escolhas, comportamentos e experiências humanas, como lembra Anthony Giddens (2002).

O risco pode estar ligado a fatores sociais, culturais e econômicos que afetam comunidades e indivíduos, influenciando a vulnerabilidade a eventos adversos, tal como proposto nas análises de Mary Douglas e Aaron Wildavsky (2012) e Ulrich Beck (2011). A gestão do risco envolve estratégias para reduzir, mitigar ou lidar com as ameaças identificadas, no sentido de promover o que se entenderia por segurança, saúde e bem-estar.

Quando Michel Foucault (2017) analisou o biopoder, o autor destacou as epidemias, incluindo as pestes, como momentos sensíveis de exercício do poder. Foucault mostrou como a gestão das pestes, ao longo da história, funcionou como uma estratégia de controle social, enfatizando como enfermidades podem ser manipuladas como ferramentas de poder. As problematizações de Michel Foucault (2010) sobre o cuidado de si e dos outros são muito oportunas para pensar os pontos que aqui serão destacados. Trata-se de uma abordagem que se concentra na articulação entre o cuidado de si e as relações sociais. Foucault sugere que, na tradição filosófica grega e romana, o cuidado de si era uma prática ética essencial que envolvia a reflexão sobre a própria vida, a atenção ao corpo, a busca da sabedoria e a autotransformação. Ele se configurava não apenas como uma preocupação do próprio indivíduo, mas estaria relacionado ao desenvolvimento de uma ética que contribuía para a formação do sujeito moral.

As práticas de cuidado de si não ocorrem em um vácuo isolado, mas estão intrinsecamente ligadas às dinâmicas sociais e aos sistemas de poder. Foucault (2005) sugere que as normas sociais e as expectativas são internalizadas pelos indivíduos como parte do processo de socialização. As normas culturais e sociais podem ser utilizadas como instrumentos de controle social, moldando a conduta dos indivíduos de acordo com as expectativas da sociedade. Isso pode incluir práticas relacionadas à saúde, higiene, modos de vestir-se e outras formas de conformidade com padrões culturalmente definidos.

Foucault (2014) introduz o conceito de dispositivo de poder para descrever as instituições, práticas e discursos que exercem poder sobre os indivíduos. O cuidado de si é influenciado por esses dispositivos que tensionam as percepções sobre o que é considerado ético, saudável ou aceitável. Assim, o cuidado de si está ligado à biopolítica, que envolve o governo da vida e da conduta das populações (Foucault, 2008). O autocuidado é uma forma de governo de si mesmo, onde as pessoas são incentivadas a adotar práticas que contribuam para a saúde e a produtividade, muitas vezes em consonância com objetivos sociais e políticos mais amplos. Isso não apenas reflete as normas sociais, mas também contribui para a formação do sujeito ético. A internalização dessas práticas cria sujeitos que se autogovernam de acordo com as normas estabelecidas, complexificando assim várias camadas de relações de poder.

Quero refletir, ao longo do capítulo, sobre três pestes com as quais me deparei durante a realização do trabalho de campo sob a espreita, por um lado, da noção de risco e, por outro, da perspectiva do cuidado de si.

6.1. Covid-19 e trabalho sexual: impactos, desafios e estratégias

A cena que abre esse capítulo relata o primeiro caso de *monkeypox* que tive contato em campo. Ele foi a *bala de prata* que ninguém esperava no final da primavera e começo do verão de 2022. Digo isso porque as pessoas já estavam exaustas de dois anos de pandemia de Covid-19 e se vivia a expectativa de um verão pós-pandemia, já que boa parte da população estava com o ciclo vacinal completo e os casos arrefeciam vertiginosamente. No entanto, é preciso lembrar que essa pesquisa foi diretamente impactada pela Covid-19.

Como falei antes, o trabalho de campo que constitui essa tese foi realizado inteiramente no período de emergência sanitária em função da pandemia. Entretanto, não pretendi escrever uma tese sobre trabalho sexual e pandemia. Ocorre que, claro, ela atravessou a investigação e produziu alterações significativas no exercício do trabalho sexual, senão para todos, para boa parte dos interlocutores.

Não é possível perder de vista que a pandemia produziu novas configurações de usos dos espaços domésticos, como lembra Heitor Frúgoli Júnior (2020). Além disso, há efeitos imediatos da pandemia na vida urbana, acentuando crises e desigualdades, fazendo com que cada saída à rua já se transformasse em uma aventura, como conta o antropólogo. O confinamento doméstico e o isolamento do espaço público foram marcas da Covid-19. Aliás,

houve um processo compulsório de familiarização com termos como quarentena, distanciamento social, isolamento social e *lockdown*⁹⁷.

Mayra Antonelli-Ponti *et. al.* (2020) contam que o primeiro caso identificado de SARS-COV2, o vírus causador da Covid-19, foi identificado na China, na cidade Wuhan, ainda no final de 2019. Nos primeiros meses de 2020 ele espalhou-se por diferentes países. Até 29 de fevereiro de 2020, havia apenas um caso notificado no Brasil. Em 2 de março de 2020 foi confirmado o primeiro caso em Portugal. A situação crescente de casos no mundo fez com que a Organização Mundial da Saúde declarasse a Covid-19 como uma epidemia em 11 de março de 2020. No dia seguinte, 12 de março, Portugal já contava com 59 casos confirmados e a primeira morte ocorreu no dia 16 de março.

No Brasil, distanciamento, isolamento e quarentena contaram com adesões muito diferentes e discursos desencontrados de autoridades políticas e sanitárias, o que fez com que as taxas de sucesso do combate ao vírus fossem pequenas e o número de casos e mortes, muito elevados. O presidente da república, à época, Jair Bolsonaro, foi uma das pessoas que mais disseminou informações equivocadas sobre a pandemia e insistiu em descumprir publicamente as regras de contenção do vírus. Antonelli-Ponti *et. al.* lembram que em Portugal as autoridades políticas de diferentes espectros ideológicos falavam a mesma língua no que dizia respeito às medidas de combate ao vírus. Eles assim sintetizam o histórico das primeiras medidas do governo português:

As medidas de confinamento e restrição de deslocação culminaram com o fecho das escolas a 12 de março e o cancelamento de ligações e encerramento da fronteira terrestre com Espanha. [...]As medidas de prevenção incidiram sobre a suspensão de visitas a hospitais, lares e estabelecimentos prisionais da região e o encerramento das escolas e os estabelecimentos de lazer e culturais, no distrito do Porto, que depois se estenderam ao resto do país. Estas decisões foram apoiadas em dados de vulnerabilidade e dificuldade de controlo de surtos em idosos e populações vulneráveis. Em 18 de março, quando havia dois óbitos e 637 casos de Covid-19, foi decretado em Portugal o primeiro Estado de Emergência por 15 dias. O mesmo foi renovado por mais dois períodos [...]. O país instituiu medidas de teletrabalho e teleescola, entre outras, como adiamentos no pagamento de impostos, proibição de celebrações religiosas e eventos que implicassem concentração de pessoas, proibição de deslocações para fora do concelho de residência, no período da Páscoa, e o encerramento de todos os aeroportos no mesmo período a voos de passageiros.

⁹⁷ Segundo Frúgoli Júnior (2020, p. 483 e 484), a quarentena, no contexto da Covid-19, disse respeito a um período de 15 dias que pessoas não doentes, mas possivelmente expostas ao vírus, ficavam recolhidas em casa. O *distanciamento social* foi um conjunto de medidas que visava evitar a propagação do vírus, restrição de contatos e quando esse fosse inevitável, que as pessoas estivessem a, pelo menos, 1,5 a 2 m de distância e usando máscaras de proteção; o *isolamento social* remete em geral a permanecer em casa, de forma voluntária ou involuntária estado ou não doente; o *lockdown* é o confinamento, que remete a um bloqueio sanitário promovido pelo Estado, com o controle explícito da circulação. As exceções são as atividades essenciais.

As penas de prisão por crimes menos graves tiveram um perdão parcial, com libertação antecipada, com o objetivo de evitar propagação do vírus nos estabelecimentos prisionais e assistiu-se à regularização de emigrantes para que pudessem ter acesso ao Serviço Nacional de Saúde (Antonelli-Ponti *et. al.*, 2020, p. 244).

Com a aprovação do primeiro Estado de Emergência, Portugal viu-se diante de um primeiro confinamento geral. Segundo Ana M. Belchior *et. al.* (2022), tal situação decorreu até o final de abril, quando começou um primeiro plano de desconfinamento, pois a situação estava relativamente controlada. A segunda onda da pandemia teve início no final do verão de 2020 com o aumento dos casos. Em novembro daquele ano, foi declarado outra vez Estado de Emergência. Após a época de Natal os números de mortes e contágios atingiram altos índices em meados de janeiro de 2021. A resposta do governo foi a restrição de circulação e um novo confinamento geral. Belchior *et. al.* (2022), assim contam:

Após o final da segunda vaga, e com o avançar do processo de vacinação, Portugal manteve um baixo número de novos casos entre março e junho de 2021. Seguiu-se, em junho e julho, um novo aumento das infecções, o que levou à adoção de novas medidas governamentais de contenção da expansão do vírus. A 29 de julho, António Costa anunciou um novo plano de desconfinamento, desta vez indexado à taxa de vacinação. Com o avançar do programa de vacinação, foi anunciado para outubro o fim de quase todas as restrições. No entanto, com o aumento dos casos nos meses que se seguiram, foram implementadas algumas novas medidas. Entre estas constavam a obrigatoriedade de apresentação de um teste negativo à entrada de alguns estabelecimentos, bem como medidas especiais para a passagem de ano e para o início de 2022. O surgimento de uma nova variante do coronavírus no final de 2022, com menor impacto na saúde pública, levou ao aligeirar das medidas tomadas pelo governo e a um progressivo retomar do regular funcionamento da sociedade (Belchior *et. al.*, 2022, p. 223).

A partir desse contexto, notei três cenários mais recorrentes nas conversas com os interlocutores. Aqueles *escorts* que costumavam viajar em temporadas internacionais, trabalhando *de praça em praça* parecem ter sido os mais abalados, pois não havia condições de viajar e eles precisaram permanecer em Lisboa. Os *escorts* que tinham *clientes fixos* e casados, ou clientes flutuantes que eram turistas, foram igualmente abalados, pois esses clientes praticamente desapareceram. Os turistas não podiam viajar. Os clientes casados, na maior parte dos casos, tiveram seu regime de trabalho alterado para o *home office* e não havia a justificativa de reuniões ou horas-extras para chegar mais tarde em casa e, assim, encontrar com os *escorts*. Por fim, os clientes solteiros, os clientes de *sex party* e *chemsex* não desapareceram e garantiram a manutenção do mercado em funcionamento. Há quem diga, em campo, que essa modalidade de prestação de serviço aumentou vertiginosamente.

O primeiro grupo de *escorts* impactado pela pandemia foi aquele que costumava viajar e passar longas temporadas trabalhando fora de Portugal. Aliás, não apenas as viagens a trabalho foram impactadas, as viagens de lazer, as férias, as idas ao Brasil, tudo isso ficou cancelado, por não serem consideradas viagens essenciais. André (30 anos), que penso poder localizar nesse grupo, me disse que *antes o trabalho era uma coisa e depois começou a ser outra. Havia muito mais procura antes da pandemia. Durante a pandemia foi complicado.*

A dimensão complicada trazida pela pandemia tinha a ver com a escassez de clientes, com o aumento de pessoas trabalhando como *escorts* e os poucos clientes que havia, conforme conta André, *queriam desconto. Eles falavam que tudo estava muito mal, que a pandemia fez eles sofrerem impacto no bolso.* Sobre permanecer em Lisboa, o interlocutor assim comentou:

Eu não viajei, eu estive sempre aqui. Durante a pandemia o meu projeto foi ficar fechado em casa esperando que passasse. Que as coisas voltassem a abrir e que eu pudesse viajar. As fronteiras estavam fechadas. Ninguém podia viajar. A Europa toda estava em confinamento. Os gringos confinados não iriam sair do confinamento.

Ainda que reconhecesse a impossibilidade de viajar e que tenha permanecido em Lisboa, fazendo poucos programas e ganhando muito menos, precisando gastar suas reservas, isso não significou que André não circulou pela cidade. Segundo ele, o primeiro confinamento, iniciado em março de 2020, teria sido *um momento terrível. Eu estava sozinho em casa. Fechado entre aspas. Mas com pouco trabalho. Pouco cliente.* O confinamento como um momento difícil também foi percebido por Marcos Torres (32 anos) dizendo que *emocionalmente foi péssimo. Tive que procurar ajuda. Consegui fazer consultas com psiquiatra. Tive que tomar remédio. A minha cabeça não aguentou. Só uma terapia com psicólogo não dava. Tive que tomar remédio.*

Houve, segundo Alexandre Branco-Pereira (2021), algo como uma “síndrome da cabana”, ou seja, um medo quase irracional de sair de casa e de conviver com outras pessoas. Segundo o autor, despertou em muitas pessoas um caráter ansiogênico a partir do isolamento em decorrência da pandemia. Tratou-se, nas palavras de Octavio Bonet (2021), da constituição de uma “sociedade do espanto”⁹⁸ organizada a partir de uma nova subjetividade e de “novos feridos”. Afinal, na percepção de Bonet, não sabíamos como viver em uma pandemia, não

⁹⁸ Segundo Bonet, “la sociedad del espanto que proponho [...] se inscribe en una serie de transformaciones que tendían su inicio en la *sociedad de la disciplina* propuesta por Foucault. [...] Posteriormente, Deleuze (1992) argumenta que esta sociedad modular de la disciplina estaría siendo reemplazada por la *sociedad del control*. [...] Una tercera transformación es propuesta por Byung-Chul Han (2015) en el libro *La sociedad del cansancio*; ésta es una sociedad enfocada en el desempeño y en la productividad, y con eso genera depresivos y fracasados; individuos agotados por tener que ser ellos mismos, que ‘ya no pueden más poder’” (2021, p158).

sabíamos como lidar com uma quarentena, não sabíamos como conviver com a proximidade diária da morte.

Sufrimento, ansiedade e incertezas, segundo Jean Segata (2020), foram sensações experimentadas pelas pessoas durante a pandemia de Covid-19. Segata *et. al.* (2021) compreendem o período da pandemia como um cenário de exceção e de incertezas que produziu um evento múltiplo e desigual, o que os autores chamaram de “evento crítico” em alusão ao conceito trabalhado por Veena Das (1995) a partir de François Furet. Sobre a utilização do conceito de evento crítico para pensar a pandemia, os autores destacam “o caráter aberto dos ‘acontecimentos’ e a sua capacidade de se projetar para o futuro; as disputas e apropriações de seus significados por parte de instituições e atores sociais; e sua maneira mais ou menos visível e silenciosa de afetar o presente e moldar futuras expectativas [...]” (2021, p.9).

Sandra Godinho *et.al.* (2022), ao compreenderem que os efeitos da Covid-19 afetavam a saúde física, o bem-estar subjetivo, a satisfação com a vida, as relações pessoais, que provocavam depressão, ansiedade, estresse, medo e acentuavam desigualdades econômico-sociais, propõem tal contexto como o de uma percepção generalizada de risco e sugerem que a pandemia⁹⁹ tenha se transformado em uma sindemia.

Este conceito integra as noções de pandemia com a de sinergia, reportando-se à forma como a crise sanitária interage e contagia outros subsistemas sociais, acentuando assimetrias prévias e gerando novos problemas [...]. Por estas razões, devemos considerar a COVID-19 uma sindemia e não apenas uma pandemia. Não se trata apenas de um jogo de palavras. Uma perspectiva sindémica implica abandonar uma visão puramente epidemiológica, focada no risco de transmissão, a favor de uma visão das pessoas em contexto social. Só assim é possível abordar a presente crise de saúde pública de forma inclusiva e representativa da realidade que vivemos nas suas diversas dimensões. Só assim se abrem caminhos para encontrar soluções de sistema (Godinho *et. al.* 2022, p. 112).

O chamado “novo normal” que estaria em disputa, fruto de um modo como a doença afetou as relações sociais e provocou uma nova forma de estabelecer relações, segundo Lis Furlani Blanco (2021), coaduna a ideia de sindemia proposta por Godinho *et.al.* Jean Segata *et. al.* (2021) nos lembram que o novo normal será sempre escrito a partir de geografias desiguais. Além disso, Segata (2020) mostra como tais geografias expõem estruturas de sofrimento,

⁹⁹ Segundo Jean Segata *et. al.* (2021, p. 8), “na linguagem epidemiológica, a irrupção situada de uma infecção entre determinadas populações ou porções geográficas é indicativo de um surto. Se a ocorrência se sustenta e também se avoluma e se espalha, ela caracteriza uma epidemia. Mas quando a escalada se mantém crescente e desordenada dificultando a circunscrição do evento, o caracterizamos como pandemia”.

injustiças e desigualdades que fazem sobressair as mazelas de grande parte da população do planeta.

A leitura de Blanco (2021) mostra que há processos de coprodução de subjetividades entre saúde, doença, ciência, política, economia e cultura. Na melhor leitura foucaultina de uma sociedade disciplinar, ou deleuziana de controle, a autora mostra como vírus e sociedade produzem o fenômeno da doença que desnuda muitas camadas de vulnerabilidades em sujeitos específicos com marcas específicas de diferenças e que têm condições de reagir de formas absolutamente distintas a esses imponderáveis. Nesse ínterim, é que João Biehl (2021) compreende a necessidade de repensar o nosso legado disciplinar que produziu vulnerabilidades estruturais que permitiram a propagação desigual do vírus, aliás, conforme enfatiza o autor, que produziram uma “racialização do vírus”.¹⁰⁰

É nesse sentido, entendendo a Covid-19 de forma mais ampla, como uma sindemia, que Andrade (35 anos), *escort* que trabalhava no norte de Portugal, contou que se aproximou do trabalho sexual justamente porque perdeu seu emprego formal. Ou seja, a pandemia afetara de forma transversal diferentes âmbitos da vida social, bem para além da saúde especificamente. Andrade teria visto no exercício do trabalho sexual uma possibilidade de *fazer dinheiro rápido*, porém o aumento da concorrência e a desvalorização do preço pago pelo trabalho teriam afetado a sua qualidade de vida:

Desde que começou tudo isso aqui, esta questão do Covid, o meu trabalho ficou difícil, perdi meu salão, perdi meu contrato. E como estou sozinho, é como se tivesse achado o caminho mais rápido pra ganhar dinheiro. Esta questão do Covid atrapalhou. Antes havia mais procura. Mas com o Covid, os cuidados, diminuiu muito.

Desemprego e isolamento foram fatores lembrados com frequência pelos interlocutores e, algumas vezes, determinantes para o ingresso no trabalho sexual, pois, por mais impessoal que fossem os contatos, o trabalho sexual exigia algum contato em momentos de distanciamento social. Judith Butler (2020) constatou que o isolamento exigido pela pandemia mostrou como as pessoas são interdependentes. Segundo Butler, “el virus por sí solo no discrimina, pero los humanos seguramente lo hacemos, modelados como estamos por los poderes entrelazados del nacionalismo, el racismo, la xenofobia y el capitalismo” (2020, p.62).

As desigualdades sociais e econômicas asseguraram que o vírus, tido como de potencial indiscriminado de infecção, acabasse por infectar e vulnerabilizar ainda mais os sujeitos mais

¹⁰⁰ Ver Taniele Rui *et. al.* (2021) para conhecer algumas iniciativas empreendidas pelas Ciências Sociais de reflexão sobre a Covid-19 e seus desdobramentos.

vulnerabilizados. Nesse sentido, como conta Valentim (36 anos), a *pandemia foi um grande impacto. Porque as pessoas tinham medo. E o trabalho desceu muito.* Ainda assim, quem vivia do trabalho sexual, ou tinha um emprego formal e o perdeu, precisava arriscar-se para seguir tendo algum tipo de ganho. Mesmo que o trabalho fosse precário, com os preços pagos sendo abaixo do mercado e sob condições flagrantemente desfavoráveis.

Dagoberto reportava o apavoramento das pessoas no começo da pandemia. Apavoramento de algumas, indiferença de outras. Segundo ele, *eu, por exemplo, não alarmei. Não fiquei com medo. Eu lembrei que eu tinha uma reserva em dinheiro, até boa, e falei: 'se eu passar por alguma dificuldade, eu vou pegar o dinheiro dessa reserva'.* A tranquilidade inicial foi se alterando à medida que a pandemia não passava e começava a fase das “*vacas magras*”, *que foram as quarentenas.* Durante os momentos que não se podia viajar, que havia confinamento, e a reserva dele começou a diminuir, ele diz que se preocupou. Dago conta que sua *sorte* teria sido, *durante todo esse tempo, fidelizar clientes.*

Medo e redução dos ganhos também foi uma recorrência para uma segundo grupo de *escorts*, que era aquele composto pelos interlocutores que tinham *clientes fixos*, casados e turistas estrangeiros. Portanto, o problema da pandemia naquele contexto não dizia respeito tanto a seus efeitos práticos em termos de saúde na vida deles, mas dos efeitos secundários em termos econômicos. Yuri (27 anos), que costuma viajar com frequência, e também tinha alguns *clientes fixos* em Lisboa, conta que

Eu fiquei com muito medo porque eu não sabia o que que ia acontecer. Eu acabei achando um advogado, professor de universidade. Ele é escritor de vários livros. Foi bom pra mim, porque ele conseguiu me ajudar. Mesmo ficando só com ele, eu já conseguia fechar muito bem o mês. Ele foi o que me salvou em 2020. Porque na pandemia baixou, baixou, baixou. De clientes novos, por exemplo. Eu vejo por isso. Tinha mês que eu só tive um cliente novo. Quem eu recebia aqui em casa eram poucos e habituais.

Yuri argumenta que seus ganhos teriam sido garantidos, ainda que em menor monta, pela manutenção de um cliente habitual, já que em termos de novos clientes o quantitativo foi nulo e as viagens teriam deixado de ocorrer. A restrição em termos de novos clientes, também foi lembrada por Matheuzinho (24 anos): *os clientes ficaram muito restritos, eles tinham medo.* Além do medo de alguns clientes, que os fazia não procurar os *escorts*, outro interlocutor, Marcos Torres, ratifica a dificuldade de criação de postos de trabalho e o aumento do desemprego, tal como lembrado por Andrade.

Nuno Monteiro e Carlos Jalali (2022), em trabalho que se propôs analisar os impactos da pandemia em Portugal dois anos depois, constataram que as marcas deixadas foram indeléveis, tanto privadas como públicas. Houve a falência econômica de muitas empresas, o aumento das desigualdades e consequente empobrecimento e desemprego. A pandemia não criou as desigualdades sociais, mas ela teria acentuado, especialmente no que diz respeito as formas como se enfrentou aquele período.

No que tange a meus interlocutores de pesquisa, essa situação trazia um outro agravante. Além da falta de dinheiro, não ter um emprego formal complicava a situação consular, pois ter um contrato de trabalho era um pré-requisito para “dar entrada nos papéis”. Marcos Torres conta: *não encontrei forma nenhuma de me movimentar financeiramente pra conseguir pagar aluguel, pagar um quarto, alguma coisa que fosse, comida, nada. Não havia. E não tive apoio do governo. Nada, nada. Zero.*

Ele ainda reflete que o trabalho sexual em si não era mais suficiente, dada a enorme concorrência durante a pandemia. Segundo o *escort*, *só o serviço sexual já não chamava mais a atenção dos clientes*. Foi então que ele precisou de um *diferencial*. O seu diferencial foi aprender massagens. Essa diversificação de oferta no trabalho funcionara como *um algo a mais e poder competir com quem já está no mercado*. No entanto, frisa Marcos Torres, os clientes diminuíram, mas *não deixaram de vir. Davam um jeito. Já atendi um senhor de máscara. Ele chegou e pediu para proteger-me. Nem cheguei a tocar nele. Foi um sexo muito estranho.*

Os tempos pandêmicos produziram deslocamentos em termos de garantir a continuidade de uma vida sexual ativa. Se as palavras de ordem para uma vida social sanitariamente segura eram as da necessidade de distanciamento e confinamento, as leis do desejo, do prazer e do tesão parecem ter sido as de produzir formas de resistência e adaptação para a sua continuidade. Desejo, prazer e tesão parecem não ter sido tão obedientes às imposições sanitárias. Fora preciso reinventar e reinventar-se, ainda que isso parecesse, em alguns formatos, *um sexo muito estranho*.

Vasco (50 anos), um dos *habitué* da “noite gay” de Lisboa, disse que era tudo *bué triste*¹⁰¹. *Tens o Bairro Alto com zero malta*. Ele contou um pouco sobre os empreendimentos de lazer e entretenimento direcionados às pessoas LGBT e que estariam fechados:

Eu frequentava muito saunas. Agora estão fechadas devido ao Covid. As discotecas, os bares de cruising, de engate, os quartos escuros, tudo fechado. Trumps, que eu nunca fui; a Construction, com dois pisos. Com três pisos e último piso era um quarto escuro. Agora tudo fechado por causa do Covid.

¹⁰¹ Expressão portuguesa que significa “muito triste”.

Tens o Finalmente, no Príncipe Real. Tá a funcionar. Eles alteraram. Meteram mesas. Com um número x de pessoas. É mais um convívio. Agora estão todas nas aplicações. É o Grindr. O Hornet. O Badoo. Gay Romeo.

Ele reflete sobre um ponto muito importante para as pessoas, que são os espaços e momentos de sociabilidade. Esses espaços e momentos são especialmente significativos para as pessoas LGBT, conforme já pontuei em alguns momentos anteriores aqui na tese. Ainda que as *sex parties* não sejam uma instituição de homens gays, elas são muito significativas para parte dessa população. Ainda que o uso de álcool e outras drogas em momentos de sociabilidade não sejam particularidades de pessoas LGBT, esses processos são significativos para uma parcela dessa população, pois foram essas substâncias em contextos de sociabilidade noturna que ajudaram a tornar vivíveis essas vidas minorizadas e subalternizadas.

Sendo assim, o encerramento temporário dos empreendimentos da noite, encerra também parte significativa da produção de sentido para a vida dessas pessoas. André, com quem convivi muito proximamente nos períodos mais restritos da pandemia e com quem circulei por algumas festas clandestinas em momentos de emergência sanitária e proibição de encontros desse tipo, argumenta no seguinte sentido:

A gente se drogou mais. Porque estávamos fechados em casa e não havia nada pra fazer. Nada pra fazer. Acabou que usamos droga uns com os outros para, sei lá, pra se divertir, passar o tempo. As sex party aumentaram. Porque já que não dava pra sair, porque tudo estava fechado, a gente fazia as festas em casa.

O *cativeiro* foi um dos lugares que costumava receber essas festas clandestinas e privadas. Corria-se riscos, isso parecia evidente. Ainda que as testagens fossem constantes. Mas corria-se riscos justamente porque parecia faltar um elemento fundamental de produção de sentido na vida desses sujeitos, e nem estou falando do trabalho sexual que estava muito prejudicado. Faltava a sociabilidade da noite. Faltavam os encontros. Faltavam as perambulações entre os diferentes sítios, pelas discotecas, pelos bares, pelas saunas, pelos clubes de sexo, pelas zonas de engate.

Como dizia Gonçalo (42 anos), o cliente que organizava *chemsex*: *não tens nada. Pra onde é que tu vais? Vais pra casa das outras pessoas. É assim, eu acho que há muita gente que não percebe a importância da noite.* A noite funcionaria para alguns de meus interlocutores como uma espécie de “local sagrado”, como uma instituição. Portanto, simplesmente deixar de ter isso, sem colocar nada no lugar, certamente causara um descompasso. É preciso encontrar uma

substituição, *ou então as pessoas vão andarem doidas. Nós somos animais sociais*, repetia Gonçalo. Foi assim, nesse contexto, inclusive porque estive presente em muitas, que eu percebi que durante a pandemia as festas privadas seguiam acontecendo e aumentaram. Os convites para o *cativeiro*, por exemplo, tornaram-se frequentes.

Dagoberto me contou, logo que nos conhecemos, que a pandemia e as festas privadas foram que o aproximaram do *chemsex*:

Eu não usava drogas naquela época. Eu tava começando. Eu tava começando a entrar. Eu tava começando a ter clientes que usavam. Mas eu comecei a ter esse contato, eu comecei a usar um pouco mais foi nas festinhas de sexo. E as festinhas de sexo, elas aumentaram muito foi na pandemia. Durante a pandemia foi que aumentou a frequência de uso. Muito, muito mais.

Dagoberto não me pareceu ter uma postura negacionista em relação à pandemia, mas ele relativizava seus efeitos e negligenciava alguns cuidados, orgulhando-se de sua condição saudável. Isso apenas mudou quando uma tia dele ficou muito doente e quase morreu, mesmo sem ter qualquer comorbidade. Ele conta que durante a pandemia *eu não tive covid. Você acredita? Eu galinhei e galinhei e os testes todos negativos. Tava fazendo praça em pleno Covid e quarentena também, você acredita?* Dagoberto aqui se refere ao verão de 2020, quando alguns países levantaram algumas restrições e houve a possibilidade de circular pelo continente, o que gerou uma rápida segunda onda, que foi bem mais letal que a primeira, tendo como piores desdobramentos a situação de janeiro de 2021 com os registros mais altos no número de casos confirmados e mortes registradas, conforme pontuei antes.

Um terceiro grupo de interlocutores impactado pela pandemia foi o dos *escorts* que atendiam pessoas em *chemsex* e *clientes fixos*, que viviam em Lisboa. Eles tiveram uma outra percepção sobre a crise sanitária. Para eles, os efeitos não foram devastadores e alguns contam que, inclusive, a situação melhorou. Entre esses interlocutores, está Roy (39 anos). Ele assim contava:

Antes da pandemia minha meta, todos os dias, sempre foram mil euros. Depois, na primeira onda, eu pensei que ia cair, foi só a aumentar. A meta era mil antes da pandemia, depois da primeira onda da pandemia, subiu pra mil e duzentos diária.

É bom lembrar que nessa meta diária de Roy estão incluídos os valores recebidos pelo aluguel dos quartos de outras pessoas que fazem trabalho sexual. Ela não se refere apenas ao exercício de Roy como *escort*. Mas o que chama a atenção é que houve uma elevação da meta,

o que sugere que a procura pelo trabalho sexual aumentou, não apenas para ele, mas para o conjunto de pessoas que faz trabalho sexual e aluga os quartos dos imóveis dele.

Nando, foi outro interlocutor que disse não poder reclamar do trabalho sexual durante a pandemia de Covid-19. Ele começou a trabalhar em fevereiro de 2020 e logo viera a pandemia, portanto, não teria como comparar com antes, pois antes não atuava como *escort*: *não me afetou em nada porque acho que o mínimo que eu consiga faturar já é um faturamento. Eu meio que comecei no olho do furacão. Viajei, trabalhei, não contrai Covid. Dois anos, mais de sete países*. Nando teria ficado em Lisboa, sem poder viajar, entre março de 2020 e junho do mesmo ano. As suas viagens teriam começado em julho ou agosto daquele ano. Elas teriam se intensificado em setembro de 2020. Primeiro as viagens teriam sido para o interior de Portugal e depois para outros países. Em 2021, houve outra vez um cenário de restrições que o impediu de viajar.

Também na esteira dos *escorts* que identificam o período da pandemia como mais lucrativo, face o tipo de cliente e de serviço solicitados, quase sempre associado às drogas, Robinho (25 anos) diz que *quando eu ganhei mais dinheiro e mais trabalhei foi na pandemia. Os clientes vinham até mim. Era mais fácil. Não sei. Teve gente que falou que era ruim, mas pra mim foi bom*. O tempo da pandemia ficava muito confuso. Eles conseguiam identificar com facilidade quando ela começara, mas não sabiam determinar muito bem quando é que trabalhavam mais, quando trabalharam menos, quando melhorou.

Portanto, trabalhar mais na pandemia pode ter diferentes significados que não exatamente trabalhar bem durante todos os períodos da pandemia, pois essas memórias podem ir se sobrepondo e dando um caráter homogêneo a tempos tão diferentes. Em relação ao aumento da procura por parte de clientes drogados, Zeca (31 anos) conta que *houve mais procura de gente mais carente e drogada. Com todo mundo se isolando, não tem ninguém. Aí eles chamam alguém pra ficar perto deles*. Isso se relaciona efetivamente com o aumento das festas clandestinas e das cenas de *chemsex* que falei antes.

Ouvi muitas histórias sobre o primeiro confinamento. Não estive em campo naquele momento, afinal eu chegara a Portugal em setembro de 2020, com a abertura que os interlocutores reportaram aqui. Passei por um confinamento com eles, com aberturas e fechamentos, que causaram diferentes impactos. No entanto, é interessante lembrar o quanto foi recorrente nas falas dos interlocutores o fato de que enquanto não havia vacina, persistia o medo, mas também persistia a exposição, seja por conta do trabalho, seja por conta da diversão *para não pirar*.

Eles tinham medo de chegar à casa dos clientes, ou dos clientes chegarem à casa deles sem qualquer informação sobre a saúde de um e outro em relação à doença. Foram muitas as referências a atendimentos realizados com máscaras tentando reduzir os riscos. Alguns relatos também lembravam de que quando se chegava à casa dos clientes, havia um teste rápido à porta os esperando.

A restrição de deslocação pela cidade foi outro problema. A circulação de pessoas, em alguns momentos da pandemia, era permitida apenas até a meia noite. O grosso dos atendimentos de uma parcela específica da clientela, os clientes tidos como *difíceis* do *chemsex*, ocorreria quase sempre depois desse horário. Esses eventos, em que eles podiam ganhar mais dinheiro e compensar a defasagem de outros tipos de clientes, viu-se seriamente prejudicado durante a pandemia por conta das restrições para transitar pela cidade, mas continuou sendo aquele que garantia os lucros mais significativos.

Paul Preciado (2020), ao analisar os primeiros impactos da crise desencadeada pela pandemia de Covid-19, evocando Michel Foucault, retoma a ideia de que o corpo vivo é o objeto central de toda política (Foucault, 2016, 2008). Tal como já percebera Foucault, Preciado assevera, em relação à Covid-19, que não haveria política que não fosse antes de qualquer coisa uma política dos corpos. Inclusive porque corpo aqui, na lógica dos autores, não é apenas um organismo biológico dado de antemão sobre o qual o poder atuará. Preciado lembra que a tarefa da política é fabricar um corpo, treiná-lo, adestrá-lo, vigiá-lo, controlá-lo. A pandemia encarregou-se disso.

Algumas pessoas ansiavam por isso: regras, controle, vigilância, cuidado a fim de preservar uma vida à custa da entrega da gestão dessa vida aos poderes quase divinos da ciência. Essa vigilância deixa de dirigir-se apenas ao sujeito em sua individualidade e precisa encarregar-se de gerir as populações (Foucault, 2008a). Em vista disso a gestão da pandemia foi uma forma biopolítica de controle do corpo social. Mas que, mesmo assim, tinha brechas, tinha escapes, por onde extrapolavam os meus interlocutores, por exemplo. Paul Preciado, assim comenta sobre as técnicas estabelecidas no tratamento da pandemia:

La gestión política de la Covid-19 como forma de administración de la vida y de la muerte dibuja los contornos de una nueva subjetividad. Lo que se habrá inventado después de la crisis es una nueva utopía de la comunidad inmune y una nueva forma de control del cuerpo. [...]Uno de los desplazamientos centrales de las técnicas biopolíticas farmacopornográficas que caracterizan la crisis de la Covid-19 es que el domicilio personal – y no las instituciones tradicionales de encierro y normalización (hospital, fábrica, prisión, colegio) – aparece ahora como el nuevo centro de producción, consumo y control biopolítico (Preciado, 2020, p.179).

Enganaram-se alguns de meus interlocutores quando pensaram que a crise da Covid-19 seria a única que os confinaria em casa, em um novo exercício de controle biopolítico para salvar populações. Foram dois longos anos. Em verdade, não exatamente assim, pois tal gestão e controle eram constantemente postos a prova em recorrentes transgressões das recomendações sanitárias a fim de tornar possíveis a realização do trabalho sexual e *os pequenos prazeres que tornam a vida possível apesar de tanta morte*, como lembrava André. Esses corpos – individuais, mas também sociais – esperaram mais de dois anos pelo levantamento total das restrições para que finalmente pudessem aproveitar aquele verão de 2022, que idealmente seria o “verão da redenção”. Os interlocutores precisaram esperar um pouco além do que imaginavam para poder aproveitar o pós-pandemia. Ainda que em uma dimensão mais restrita e com efeitos menos devastadores, havia uma outra peste no caminho de alguns deles.

6.2. Monkeypox e trabalho sexual: o surto no “verão da redenção”

Quando meus interlocutores pareciam “livres” da Covid-19, já com três ou quatro doses de vacina, circulando sem máscaras, Lisboa recomeçando a receber turistas de diferentes lugares e 2022 prometendo ter o verão da “redenção”, eis que uma nova peste “dava as caras” e parecia os atingir como alvos preferenciais, bem como as pessoas com quem prioritariamente eles se relacionavam.

O vírus *monkeypox*, causador da chamada *variola dos macacos*, teve um surto no continente Europeu a partir de abril/maio de 2022, tudo indica que com epicentros na Espanha e na Inglaterra. Aliás, segundo Thomas Ward *et. al.* (2022), o primeiro caso detectado desse surto fora identificado na Inglaterra em 06 de maio de 2022. Tratava-se de um homem com menos de 40 anos, branco, autodeclarado homossexual e que teria tido relações sexuais desprotegidas com diferentes parceiros casuais nos últimos 21 dias, além de um histórico de viagem para a Nigéria.

Naquele momento, os casos notificados davam conta de uma maciça infecção de homens que faziam sexo com outros homens na casa dos 30 anos e frequentadores de espaços de sociabilidade sexual como saunas, clubes de sexo, ou mesmo cenas privadas de *chemsex*. Esse perfil repetiu-se nos diferentes países, fora das regiões endêmicas, onde houve a identificação de muitos casos em 2022 (Martínez, *et. al.*, 2022; Caria *et. al.*, 2022; Brasil *et. al.*, 2022; Gould, 2022; Ward *et. al.* 2022; Duque *et. al.* 2022; Kluge e Ammon, 2022; Amer *et.al*, 2022; Mileto *et. al.*, 2022).

Segundo Davide Mileto *et.al.* (2022), a *variola dos macacos* é uma zoonose cujo vírus MPX (*monkeypox*) pertence à família dos *orthopoxvirus*. Trata-se de uma doença endêmica nas florestas tropicais da África Central e África Ocidental. Esse vírus, segundo os autores, teria sido identificado pela primeira vez em 1958 na Dinamarca, em macacos que chegavam dessas regiões do continente africano. No entanto, é muito provável que os macacos sejam apenas hospedeiros intermediários do vírus e não os naturais, que, segundo apurado pelos autores, seriam roedores e pequenos mamíferos. Mileto *et.al.* ainda relatam que o primeiro caso humano foi identificado em uma criança da República Democrática do Congo em 1970. Desde então, há surtos esporádicos em diferentes regiões do planeta. Em 2003, houve um surto nos Estados Unidos a partir de roedores infectados que chegaram ao país direto de Gana. Até 2021, entre todos esses surtos esporádicos, foram identificados apenas 48 casos em pessoas fora da África (Mileto *et.al.*, 2022).

Larissa Bigaran *et. al.* (2022) relatam que os primeiros casos identificados no Reino Unido, em maio de 2022, que teriam inaugurado o mais recente surto da doença, carregavam algumas particularidades. Esses casos mais recentes pareciam não estar relacionados com viagens à África (com exceção do primeiro) e nem com o contato com os animais que seriam possíveis transmissores do vírus. Além disso, o surto parecia estar atingindo uma população específica, conforme mostrado antes. Houve, nos primeiros meses subsequentes, a disseminação pelas seguintes regiões da Europa: Reino Unido, Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha, Bélgica, Áustria, Dinamarca, Eslovênia, Suécia e Tcheca. Pessoas de outras regiões do mundo foram alvo de infecção já nos primeiros meses: Canadá, Estados Unidos, Austrália e Israel.

Quando estive em trabalho de campo em Londres, no mês de maio de 2022, já se comentava sobre um surto de *variola dos macacos* em Madri, mas, entre meus interlocutores, ignorava-se a informação de que os primeiros casos notificados, naquele mesmo maio, teriam ocorrido alguns dias antes ali mesmo em Londres. Yuri e Nando comentavam que uma das saunas mais famosas de Madrid havia sido fechada devido a um significativo número de casos de homens infectados terem relatado que lá estiveram. Mas nós não demos maior importância a isso. Eu mesmo frequentei o local algumas vezes com Diogo (31 anos), meu interlocutor que vive em Madrid, quando fizera trabalho de campo na capital espanhola com ele. Naquela altura em que frequentei a sauna com Diogo, mais de um ano antes, não se falava em *monkeypox*.

Quando soube do surto em Madrid e do fechamento da sauna, entrei em contato com Diogo. O fechamento da sauna ocorrera em 20 de maio de 2020, depois de serem identificados dezenas de casos entre homens com menos de 40 anos, que tinham um histórico de sexo com outros homens e frequentado a sauna nos últimos 21 dias. Essa sauna era um empreendimento grande

e frequentado por pessoas de várias idades, com predominância de jovens, e turistas de diferentes países do mundo. Na altura do surto de *monkeypox*, Diogo estava em viagem de trabalho a Grécia e disse que havia certa apreensão lá, sobretudo por parte de alguns *escorts* brasileiros que estiveram na *feira das Canárias*. Em uma das mensagens que trocamos, ele me disse:

Meus amigos de Madrid estão muito nervosos. Eles foram nas Canárias naquela festa de Maspalomas. Coisa grande mesmo. Deve ter sido lá que pegaram. Sabe como é uma festa cheia de gays, todo mundo se pegando e se esfregando. Aqui na Grécia se sabe pouca coisa. Um cliente que comentou, mas não é uma preocupação.

Segundo Jesús Iñigo Martínez *et. al.* (2022), os primeiros casos de *monkeypox* registrados em Madrid ocorreram dia 17 de maio de 2022, alguns dias depois do encerramento da *Gay Pride Maspalomas* (realizado de 5 a 15 de maio de 2022), uma mega festa majoritariamente frequentada por homens gays, que teve lugar na Ilha Gran Canária. Em comum, esses primeiros diagnosticados na Espanha, conforme Fatma Amer *et. al.* (2022), tinham participado da festa, não tinham ido à África, nem mantido contato com animais. Todos eles tinham menos de 40 anos e se identificavam como gays.

A questão era que o verão de 2022, que prometia ser o da “redenção” via-se constrangido por uma nova peste. Diogo mesmo já estava aproveitando para viajar e trabalhar com um *cliente fixo*, espanhol, em férias na Grécia. Na opinião de Han Kluge e Andrea Ammon (2022), haveria uma probabilidade alta de ocorrer a transmissão do vírus no verão, pois, depois das fases mais agudas da pandemia de Covid-19, o verão europeu de 2022 contaria com muitos festivais e grandes festas em um circuito que cobria diferentes países do continente. Conforme os autores pontuaram, tais aglomerações seriam convidativas para contatos “pele a pele” se *esfregando*, o que poderia aumentar a transmissibilidade, fazendo do *monkeypox* um vírus transfronteiriço.

Ainda que fosse “velha conhecida” dos profissionais da saúde, pouco se sabia sobre a *variola dos macacos* em meu campo. Dagoberto, cuja cena abre esse capítulo, ficou muito nervoso ao perceber-se infectado pelo vírus. Eu mesmo a desconhecia completamente. Meus interlocutores e eu precisamos aprender sobre, porque nos dava a impressão de que o processo de contágio era iminente e parecia não precisar fazer sexo para tanto e, mais que isso, não adiantava usar preservativo. Isso acabamos entendendo melhor passado algum tempo.

A *variola dos macacos* não figurava como uma infecção sexualmente transmissível, o que gerava mais controvérsia ainda, pois o vírus estava sendo transmitido quase em sua totalidade entre homens que faziam sexo com outros homens. Nas regiões endêmicas da África essa é uma

doença conhecida há décadas e cuja transmissão não se relaciona a contatos sexuais. Além disso, ela parecia estar controlada e praticamente erradicada em países fora da África. Inclusive, é conhecida a eficácia da vacina contra a varíola nos casos de *varíola dos macacos*.

Em boa parte do mundo, na Europa por exemplo, a vacina contra a varíola foi tão eficaz que erradicou a doença no começo dos anos de 1980. Em vista da erradicação, não houve mais a vacinação. Portanto, pessoas com mais de 40 anos hoje possivelmente estejam mais protegidas (Amer *et. al.*, 2022). Em algum momento, no começo do mais recente surto, houve a circulação de boatos de que seria uma nova epidemia a ser desencadeada por homens homossexuais, ou por homens que fazem sexo com homens, justamente por ser essa a população mais atingida pelo atual surto, o que nunca houvera ocorrido em surtos anteriores. Em meu campo, isso apareceu instantaneamente. Quando falei com Yuri a esse respeito, ele estava muito incomodado:

É outra aids. Todo mundo só fala nisso. Muito azar. Meus amigos estão todos se infectando. Eu vou ser o próximo? Ficam com muitas feridas. Tudo bem feio. Não dá pra sair. Ninguém tá trabalhando. Muita febre. Muito calafrio. O pior é a ferida. Aquilo é horrível. O meu amigo de Londres disse que depois passa e nem fica cicatriz. Mas o amigo do Nando ficou com cicatriz no pau. O durante é que é péssimo. Sério, é uma porcaria isso tudo. Outra vez vão dizer que é coisa dos gays. Mas pode ser de qualquer um.

Yuri mostrava-se preocupado com os efeitos da doença. Efeitos físicos, como as possíveis marcas deixadas no corpo, mas também preocupado com os efeitos morais que associariam outra vez uma doença aos homens homossexuais. Como profilaxia à doença, outra vez o isolamento social era recomendado. Os efeitos, até àquele momento, ainda eram pouco claros aos doentes. Diante desse cenário – que parecia começar a apontar homens gays, homens bissexuais e homens que fazem sexo com outros homens como vetores da *varíola dos macacos*, por conta de suas práticas sexuais – Kluge e Ammon (2022), Martínez *et.al.* (2022), em suas pesquisas, esforçam-se para deixar claro que a transmissão de *monkeypox* não tem qualquer relação com orientação sexual ou identidade de gênero e que, portanto, não se trata de uma doença de pessoas LGBT ou transmitida por pessoas LGBT, sobretudo homens gays, bissexuais ou homens que fazem sexo com homens.

O que Amer *et.al.* (2022) e Thomas Ward *et.al.* (2022) percebem nos contextos da Espanha e do Reino Unido, respectivamente, é que redes sociais e sexuais intensas, tais como aglomerações em grandes eventos, como a *Gay Pride* nas Canárias, cenas de *chemsex*, ou uma sauna podem se transformar em ambientes propícios para a transmissão, uma vez da quase inevitabilidade dos contatos próximos. Além disso, basta uma pessoa infectada para transmitir

a outras tantas, dado o fácil contágio. No entanto, parece que bem diferente do hiv/aids – para a tranquilidade de Yuri – o *monkeypox* aparentemente fora controlado nos meses subsequentes.

Até o declínio dos casos, as informações foram muito desconexas. No entanto, conforme Mileto *et. al.* (2022), a transmissão ocorreria majoritariamente através de gotículas de saliva, contato direto com as lesões cutâneas ou com fômites, isto é, superfícies por onde o vírus circulou e ficou. A transmissão sexual do *monkeypox* nunca foi demonstrada em pesquisas. No atual surto, entretanto, em vista do alto número de relatos em diferentes países, de lesões da região perianal e genital, em homens gays, bissexuais ou que fazem sexo com outros homens, supôs-se que a atividade sexual tenha contribuído para a transmissão do vírus.

É importante frisar, à luz das contribuições de Amer *et. al.* (2022) e Brasil *et. al.* (2022) que parece não ser por meio dos fluídos sexuais, mas do contato prolongado e próximo com as secreções eliminadas pelas lesões, nos movimentos das peles em fricção facilitados pelos atos sexuais, que ocorreria a transmissão. Para Kluge e Ammon (2022), a identificação de mais casos de homens com esse perfil, também se deve ao fato de que essa população já está mais habituada a rapidamente procurar os serviços de saúde, pois costuma frequentar esses espaços em função de cuidados com sua saúde sexual. Dagoberto conta:

Belchior, isso é muito doido. Porque saca só. Eu fui no Masmorra lá em Londres. Eu fiz horrores. Você conhece lá, né? Tá ligado naquele corredor que tem as entradas para a prisão? Aquilo tava cheio de homem. Peguei muita gente. Aquela salinha no final tava lotada. Todo mundo transava com todo mundo. Nada de camisinha. No pelo mesmo. Loucura? Loucura. Corri risco? Corri risco. Eu procurei? Procurei e me ferrei. Mas e o Nando que tava em casa, que não foi, não fez nada e só transou com um fixo, que é hetero, casado e eles só transam com camisinha? Eu passei pro Nando, certo. Mas nós não transamos. O cliente dele se infectou também. E a mulher do cliente. Isso está acabando com tudo. Tipo, não é pior que a Covid, porque não mata. Mas é feio e parece que é só a gente. É muito doido. Não é preciso transar pra passar e não adianta meter camisinha. Passa igual. Até cair as cascas das feridas é a treva.

O *monkeypox* atravessou alguns interlocutores de meu campo. Tive interlocutores infectados e os impactos foram imediatos. Penso que os efeitos psicológicos foram mais graves que os efeitos físicos. A doença não vitimou nenhum deles, embora casos isolados de mortes tenham sido divulgados pela mídia. Para se ter uma ideia, até outubro de 2022, o vírus teria sido identificado em mais de 100 países, com mais de 70.000 casos confirmados e levando 29 pessoas a óbito (Pascon, *et.al.*, 2022; Gould, 2022). Essa situação levou a Organização Mundial

da Saúde a declarar Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional em 23 de julho de 2022 (Brasil *et. al.* 2022).

A conversa que tive com Dagoberto, o primeiro interlocutor que me contou que estava infectado pelo *monkeypox*, foi marcada pela incompreensão frente ao surto, pois ele parecia inexplicável. Ao mesmo tempo que atingia majoritariamente homens gays, jovens, com parceiros eventuais e relações sexuais sequenciais e desprotegidas, também atingia pessoas que não tiveram esse tipo de prática, mas apenas contatos próximos (não sexuais) com pessoas que depois descobriram-se doentes. Desconhecer a temporalidade de manifestação da doença, bem como seu efeitos mais primários, fazia com que a exposição à infecção e a transmissão fossem absolutamente involuntárias.

Sobre a temporalidade e os efeitos do vírus, em 1984, conforme apurado por Mileto *et. al.* (2022), a Organização Mundial da Saúde afirmava que em humanos haveria um intervalo que poderia variar de 7 a 23 dias para o começo dos sintomas a partir do contato com o vírus. Em termos de tratamento, era recomendado o isolamento domiciliar a partir da confirmação da infecção e o tratamento dos sintomas. Portanto, pomadas para as feridas, remédios para controlar febre e outros sintomas eram prescritos pelos médicos.

No período de 3 a 4 semanas a maior parte das pessoas estava totalmente recuperada e praticamente sem qualquer sequela Brasil *et.al.* (2022). Em meu campo houve algo nesse sentido. Algumas cicatrizes foram relatadas por alguns interlocutores, sobretudo na região genital. Eram cicatrizes como as de catapora, ou sífilis, conforme me contara Nando, Dagoberto e Yuri, todos infectados. Aliás, eles não apenas me contaram como me mostraram as diferentes etapas das erupções cutâneas ora por fotografias, ora presencialmente.

Do ponto de vista dos sinais clínicos, tal como apresentados pela literatura (Idris e Adesola, 2023), meus interlocutores reclamaram de febre, cefaleia, calafrios, suor excessivo, mal-estar e erupções cutâneas. Alguns deles também identificaram linfadenopatia inguinal. Eles identificaram que os sintomas começaram pela febre intensa e calafrios, com suor noturno excessivo. A elas associara-se cefaleia e linfadenopatia. A seguir perceberam dores musculares e extremo cansaço. A seguir a isso vieram as erupções cutâneas. No entanto, não há uma sequência de sintomas e nem todos os sintomas são identificados nos diferentes casos. Também em meu campo, os interlocutores identificaram que esses sintomas apareceram, em média, 10 dias após contatos sexuais desprotegidos com parceiros eventuais. Segundo eles, isso teria ocorrido quando eles estavam *fazendo vício* e não quando estavam trabalhando.

A primeira coisa que eu notei foi cansaço. Fiquei muito cansado quando voltei de Londres. Eu ia para a academia e não conseguia correr na esteira. Achei que era cansaço da viagem. Daí tive uma febre muito alta, 39 graus e suei muito durante a noite. Achei que estava com HIV, mas eu tomo PREP. Fui direito aos Capuchos falar com minha médica. Eu tinha uma feridinha no saco, a médica acertou na hora: monkeypox. Eu fui dos primeiros em Portugal, tenho certeza (Yuri).

Muita dor no corpo. Eu passei uns dias acordando como se eu não tivesse dormido. Acordava muito cansado. Só tinha vontade de ficar na cama. Comecei a suar demais, tive febre. Notei um inchaço na virilha. Tinha umas verrugas no saco. Fiquei apavorado. Isso foi questão de dois, três dias. Liguei na associação e fui lá. Me mandaram pro médico e aí eu fui diagnosticado com a varíola dos macacos (Nando).

Você lembra, eram muitas feridas. Que nojo daquilo. O que eu mais lembro é das feridas. Mas tive febre alta, suador, cansaço e calafrio. Isso foi muito estranho. Eu nunca tinha calafrio. O calafrio foi o que me alertou. As feridas eu achei que eram pelos encravados depois que eu depilei o saco. Mas aí foram aparecendo muitas. Eu fui o doente 23 aqui em Portugal. Fiquei marcado, mas podia ser pior. Podia ter ficado na cara. Lá no pinto é uma coisinha só (Dagoberto).

Os interlocutores experimentaram sintomas semelhantes, mas, não necessariamente, em uma mesma sequência. Ou assim não os perceberam. O ponto é que rapidamente notaram as alterações e também rapidamente procuraram algum tipo de ajuda especializada. Talvez o diagnóstico precoce os tenha ajudado no processo de recuperação, por meio do isolamento, e no tratamento dos sintomas. No contato com eles, eu notei que havia uma sequência em relação às feridas. Elas mudavam em poucos dias. Primeiro, elas apareceram em diferentes lugares do corpo, com uma ênfase próxima ao pênis e ao ânus. As feridas, que começavam como pintinhas vermelhas (máculas), depois cresciam um pouco como uma irritação de um pelo (pápulas), evoluíam rapidamente para bolhas (vesículas) maiores e com pus (pústulas). Depois de alguns dias, começam a escurecer, se transformando de bolha em ferida (umbilicatrização) até formar uma casca escura (crostas), que quando caía atestava que a doença tinha sido superada e formava-se uma nova e fina camada de pele. Só aí a pessoa estaria curada.

Essas feridas com cascas poderiam ser completamente absorvidas pelo corpo e não deixar qualquer marca, mas em muitos casos elas deixavam marcas. As marcas ficaram sobretudo na região genital dos interlocutores. Também houve casos de marcas no rosto, o que obrigara dois interlocutores a passar a usar barba porque eles não conseguiram conviver com as cicatrizes no começo, que eram bem pequenas no caso do rosto, mas causava-lhes imenso desconforto. Segundo eles, parecia como um atestado ou carimbo de que eles tiveram *monkeypox*, pelo menos no *mettier* mais específico pelo qual circulavam. Brasil *et. al.* (2022) percebem a *varíola*

dos macacos como uma doença que tende a ser autolimitada, portanto, ela se resolveria em um período de até 4 semanas em média.

Como disse acima, tratou-se de um surto. Como parecia ser uma doença erradicada na Europa e outros países fora de África, havia pouco ou nenhum estoque da vacina. A medida que os casos foram aparecendo, e preocupando as autoridades sanitárias, as vacinas foram compradas, e pessoas dessa população que estava sendo mais infectada, vacinadas. Em poucos meses os casos arrefeceram e, em meu campo, pelo menos, a imunização foi rápida e geral. Mesmo entre os interlocutores que voltaram ao Brasil, houve a preocupação de voltar imunizado.

Se a história da *variola dos macacos* em campo foi rápida, seus primeiros efeitos foram muito preocupantes. A cena que abre o capítulo dá conta disso. O medo produzido pela Covid-19 e seus efeitos ainda eram muito recentes. Nos primeiros momentos de uma tentativa de superação da pandemia, quando esperava-se voltar a um “novo normal” chegava uma nova enfermidade que parecia também devastadora. O que preocupava no *monkeypox* não era o cansaço, os calafrios, as febres, ou mesmo o inchaço dos gânglios, pois meus interlocutores estavam em contato direto com os médicos e sabiam que isso eles podiam controlar e que passaria.

A grande preocupação deles era com os feridas e com as marcas que elas poderiam deixar. Aliás, eu tenho falado aqui sobre três interlocutores que foram infectados. Mas esses foram os três que me autorizaram a falar a respeito. Eu estive em contato com sete interlocutores que me confirmaram a doença, mas quatro deles não quiseram conversar a respeito. Quem sabe, justamente pelos efeitos sociais que pareciam ser muito ruins naquele instante. Nessa dimensão mais social, parecia haver a preocupação moral de outra vez constituir-se uma artilharia direcionada a homens gays, ou HSH como possíveis vetores prioritários de uma outra doença contagiosa. Aqueles dois ou três meses em que o *monkeypox* foi pauta em meu campo, foram meses de susto e medo, porque ainda sem um conhecimento claro de onde ele vinha, de como ele era transmitido e de quais seriam, claramente os seus efeitos.

Em Portugal, os primeiros casos foram identificados em meados de maio de 2022. Embora as pessoas infectadas tenham procurado os serviços de saúde no dia 3 de maio, os diagnósticos só ocorreram depois. Os primeiros cinco casos do país, eram de Lisboa, no mesmo perfil dos outros lugares, com uma pequena variação etária mais próxima dos 33 anos. Esses homens relataram frequentar uma mesma sauna da cidade, bem como teriam realizado viagens recentes para Espanha, Reino Unido e Brasil. É muito possível que um de meus interlocutores, que pediu para não ser identificado, esteja entre os primeiros casos. Esses primeiros casos confirmaram

relações sexuais com múltiplos parceiros nos 21 dias antecedentes aos primeiros sintomas (Duque *et. al.* 2022).

João Caria *et. al.* (2022), nos estudos que realizaram em Portugal, identificaram, além do que foi documentado por Duque *et. al.*, a presença de um número substancial de homens brasileiros infectados e dentre esses homens brasileiros, pessoas que se identificavam como *escorts*. Esses sujeitos relataram especificamente a participação em cenas de *chemsex* no período que pode ter sido o da infecção¹⁰².

No que diz respeito à *variola dos macacos* no Brasil, Patrícia Brasil *et.al.* (2022) perceberam que o perfil dos infectados era muito semelhante ao identificado em outras regiões do mundo: homens com menos de quarenta anos, gays, bissexuais ou que faziam sexo com outros homens, com histórico de viagens internacionais pela Europa, que frequentavam espaços como saunas, clubes de sexo e que mantinham relações sexuais com múltiplos parceiros de forma desprotegida. Segundo Ana Roberta Pati Pascon *et.al.* (2022), desde o primeiro caso confirmado em 7 de junho de 2022, até o final de outubro do mesmo ano, o Brasil registrou 7992 casos. Em sua maioria os pacientes apresentaram sintomas leves e uma necessidade baixa de hospitalização. Até janeiro de 2023, Portugal tinha um óbito confirmado por *monkeypox* e o Brasil tinha 14 óbitos confirmados.

A *variola dos macacos* assustara o meu campo pela sua individualização, pela seletividade. Eram outra vez os homens gays, os bissexuais e os HSH que pareciam estar no foco de uma questão de saúde pública. Além disso, ela assustara especialmente pela forma de sequela que deixava: as marcas corporais, algo especialmente sensível para quem trabalha com corpo e imagem. No entanto, como me disse Dago, de forma bem humorada: *foi só um susto. Agora eu sou marcado, marcado como escolhido. É a marca da foda de qualidade.*

6.3. Eu tomo PREP: hiv/aids entre deslocamentos e permanências

Covid-19 e *variola dos macacos* foram doenças que atravessaram o trabalho de campo por um imponderável da vida real, o acaso histórico de fazer a pesquisa naquele exato momento da explosão da pandemia da primeira e do surto, primeiramente europeu, da segunda. No entanto, ainda que com muitos traumas, alguns coletivos deixados pela Covid-19, outros individuais e físicos, marcados pela *variola dos macacos*, fiquei com a nítida impressão de que as vacinas contra a primeira e a cura em relação à segunda contribuíram para que tais eventos fossem

¹⁰²Segundo o Serviço Nacional de Saúde, até novembro de 2022, Portugal confirmou 948 casos de *monkeypox*. Disponível em <https://www.sns.gov.pt/noticias/2022/11/18/resposta-ao-surto-monkeypox-em-portugal/>. Acesso em 15 de novembro de 2023.

percebidos como passageiros e exógenos aos interlocutores. Ainda que verdadeiramente atropelados, sobretudo pela pandemia, como todo o planeta. A seu turno, a *variola dos macacos*, presente em campo, foi um acontecimento isolado de alguns meses. Não me pareceu que tivera grandes desdobramentos, ainda que aquele período tenha sido um tanto caótico para vários interlocutores.

Há, pois, algo mais permanente, que parece constituidor daquelas existências (ora com maior afastamento, ora com maior aproximação), que é a relação com o hiv/aids. Não se trata mais, é bem verdade, dos receios de morte iminente como nos anos de 1980. Afinal, como bem informados que são, os interlocutores sabem que, mesmo infectados, podem ter uma vida saudável e ordinária, com carga viral indetectável, sendo intransmissíveis, desde que em tratamento.

Esse é um contexto muito diferente daquele percebido diante dos primeiros casos de aids, na França, no começo dos anos de 1980. Segundo Luiz Barp, Myriam Mitjavila, Diego Diz Ferreira (2020), na quela altura, já à partida e sem muitas comprovações, houve a associação aids = homossexualidade e essa população tornou-se, sanitária e midiaticamente, a mais representativa do chamado grupo de risco. Havia uma sentença de morte e a constituição dos doentes de aids ou das pessoas infectadas pelo hiv como culpados pela doença.

As ciências médicas que, paulatinamente, estavam perdendo algum controle sobre a patologização da homossexualidade, viram no fenômeno aids a “tempestade perfeita” para voltar a controlar as chamadas sexualidades dissidentes. São muito atuais as contribuições de Michel Foucault (2017; 2008a) em relação ao biopoder para pensar como o fenômeno aids foi encarado. Para tanto, uma lupa individualizadora foi posta sobre os corpos de homens com práticas homossexuais e suas vidas, relações e desejos foram minuciosamente examinados a fim de discipliná-los. Essa estratégia disciplinar do biopoder foi acompanhada de uma dimensão mais ampla. Era preciso mais que disciplinar sujeitos específicos, mas controlar e regular a população por meio de diagnósticos, estatísticas, grupos de risco, etc., nascia então a noção de biopolítica. E isso foi feito no sentido de mostrar que era preciso, outra vez, construir uma sexualidade limpa (Foucault, 2006, 2009a; Barp, Mitjavila, 2020).

Em meu trabalho de campo, notei, no entanto, a permanência do peso moral do hiv/aids, inclusive porque todos os meus interlocutores (Matheuzinho foi a exceção) que vivem com hiv (nenhum deles com aids), me pediram para não tornar pública essa informação, ainda que sob pseudônimos. Penso que aqui já há uma mostra de como os efeitos morais do vírus e da doença extrapolam os seus limites fisiológicos e transformam as pessoas com hiv e aids em sua própria doença e, assim, pessoas perigosas.

Transformar homens homossexuais em sujeitos perigosos e, potencialmente, disseminadores de uma doença sem cura foi uma estratégia muito eficaz para governar as sexualidades dissidentes. Eis uma eficiente gestão biopolítica da sexualidade em relação ao hiv/aids. Para Barp, Mitjavila e Ferreira (2020, p.225), o homossexual em si, no século XIX, como mais um anormal, era já um indivíduo perigoso. Se em alguns momentos do século XX, esse rótulo fora questionado, quem sabe, o hiv e a aids encarregaram-se de o atualizar. Afinal, como sustentava Michel Foucault (2010a), o indivíduo perigoso passa a ser um sujeito, com índole, essência, uma constituição que denote determinadas maneiras e comportamentos associados, inclusive por isso mesmo, compreendidos como desvios da legitimada normalidade social.

Dagoberto, por exemplo, dizia que tomava todos os cuidados em relação à vida sexual e ao acesso à saúde. Para Dago, o principal cuidado seria fazer uso da PREP, que conseguiu via uma associação comunitária. Assim, segundo ele, estaria “mais seguro” em relação ao hiv/aids. As outras infecções sexualmente transmissíveis pareciam “menos perigosas” que o hiv, afinal havia tratamentos acessíveis, medicamentos eficientes e baratos, além do mais importante: havia cura. Portanto, segundo o interlocutor, que já tivera algumas ISTs, a prática desprotegida da camisinha, mas protegida pela PREP, acabava *compensando o risco*.

A Profilaxia Pré-Exposição (PREP) ao hiv é um dos capítulos mais recentes em relação à prevenção ao vírus. Trata-se de uma combinação de medicamentos que visam impedir que alguém sem hiv infecte-se. Segundo Tim Dean (2015), o Truvada, nome do medicamento, foi fabricado inicialmente pela farmacêutica Gilead Sciences. Segundo Luiz Barp (2023), no Brasil ele também é vendido pelo nome de Binav, fabricado pela empresa Blanver. As drogas que compõem a PREP são Tenofovir (300mg) e Emtricitabina (200mg). Tais substâncias, segundo Barp, desde 2004 já são usadas no tratamento de pessoas infectadas pelo hiv.

Em linhas bem gerais, o princípio da PREP é o uso de um antirretroviral por pessoas que não vivem com hiv ou que não são doentes de aids. O uso da PREP é autorizado pela Organização Mundial da Saúde desde 2012 como parte de uma estratégia de prevenção combinada ao hiv, isto é, essa profilaxia deve ser acompanhada de exames de testagem, uso regular de preservativos, diagnóstico e tratamento de outras ISTs (Barp e Mitjavila, 2020). No caso da PREP, a ideia é o tratamento como prevenção. A PREP inaugura um novo capítulo do combate ao hiv, que é o de um tratamento a pessoas não infectadas como método preventivo. Isso muda sensivelmente a relação das pessoas com a doença (Fonseca, Bastos, 2017). A esse respeito, Barp reflete:

Além de sua atualidade enquanto estratégia preventiva do HIV/aids, há na PrEP singularidades que despertam a minha atenção. Primeiramente a paradoxal incorporação do conceito de tratamento como prevenção, pois é destinado para pessoas HIV negativas medicamentos que anteriormente apenas pessoas soropositivas tomavam. Além disso, temos o singular fato de que profilaxia foi inicialmente dirigida para segmentos populacionais considerados prioritários, sendo eles: gays e outros homens que fazem sexo com homens, pessoas transexuais, profissionais do sexo e parcerias sorodiscordantes para o HIV, o que a torna o único recurso preventivo para o HIV/aids cuja oferta é oficialmente destinada para populações específicas (Barp, 2023, p.23).

Por um lado, e isso é extremamente interessante, a PREP desempenha uma função muito relevante ao conter o crescimento de novas infecções, mas, por outro lado, acaba por concentrar-se em populações específicas, outrora grupos de risco. Outra vez, quem sabe, se tenta disciplinar, regular, controlar por meio de discursos específicos aquelas sexualidades, ou aquelas práticas sexuais que transbordam o que é concebido como norma e ordinário.

A esse respeito, Diogo, que hoje vive na Espanha, diz:

Há uma pressão dos clientes para fazer sexo sem camisinha. Ajo tranquilo. Eu não gosto nem da camisinha. Odeio camisinha. Não uso. Eu faço sem. Eu uso PREP. Aqui o governo da Espanha dá PREP. Para o resto tem a Azitromicina, tem Penicilina e tem outras drogas que te ajudam. Tem a vacina da Hepatite A, da Hepatite B, só não tem pra C. Eu creio que é o único problema que tem hoje em dia.

Como lembra Thiago Pinheiro (2015), a história da camisinha é longa e muito anterior ao hiv/aids. Aliás, proteger o pênis, evitar diferentes ISTs e, principalmente, atuar como um fator contraceptivo – como se vê – a camisinha apresenta-se inicialmente como uma estratégia fundamentalmente utilizada em práticas heterossexuais. É inegável, porém, sua eficácia como uma barreira à transmissão de diferentes ISTs. Inegável, também, no entanto, é o desconforto relatado por inúmeros interlocutores, bem como a opção pelo seu não uso e a opção por uma gestão consciente dos riscos a diferentes infecções.

Como apontava Diogo, a PREP – embora não criada para isso – acabou tornando-se um substituto da camisinha. Essa percepção foi recorrente em meu campo. A esse respeito, um cliente, que foi meu interlocutor, Gonçalo, lembra que há uma série de doenças que a PREP não protege. Os discursos generalizados seriam os de que *para elas tem cura*, tal como fizera Diogo. Na percepção de Gonçalo que, não obstante conhecer os supostos riscos do sexo sem

preservativo, é adepto da prática diz: *nós esquecemos que o organismo vai chegar um dia que não vai mais assimilar os antibióticos e o próprio antibiótico matará o organismo.*

Não me parece que seja uma atitude deliberada não usar camisinha. Isso se faz quando há uma convicção de que se está protegido pela PREP contra o hiv e que as outras ISTs seriam mais facilmente tratáveis. Essa é uma percepção corrente entre meus interlocutores. Nesse sentido, partir de pressupostos foucaultianos, pode-se perceber como o cuidado de si está intrinsecamente ligado às relações de poder. O caso da PREP é elucidativo disso. É perceptível como há uma gestão controlada dos supostos riscos à saúde do próprio *escort*, bem como de seus clientes e dos familiares dos clientes. Aliás, isso é interessante porque mostra como as preocupações não se limitam ao cuidado individual, elas se ocupam diretamente das pessoas com as quais eles estão em interação. Quer dizer, ainda que pareça que a PREP imploda normas e reestabeleça uma suposta libertinagem sexual sem limites, pelo contrário, os chamados “sujeitos PREParados” (Barp, 2023) são cuidadosamente regulados e controlados pelo aparato biomédico.

É possível que fosse efetivamente esse incremento protetivo que fazia com que as relações sexuais de Dagoberto, no trabalho ou no *vício*, fossem basicamente sem camisinha. Essa está longe de ser uma particularidade dele, ou mesmo do trabalho sexual, mas algo cada vez mais presente em segmentos de homens gays, homens bissexuais e homens que fazem sexo com outros homens, conforme mostrei no capítulo anterior. Ainda que alguns interlocutores tenham dito que propunham a utilização da camisinha nos atendimentos, havia uma demanda dos clientes por não a utilizar. Outros interlocutores, inclusive, preferiam o sexo sem camisinha. Dagoberto falava que

Faço sem camisinha porque eu tomo PREP. Pra proteger das outras doenças, é onde você faz as análises e se der alguma coisa é só decepção e choro. 'Nunca mais eu faço sem camisinha. Nunca mais eu como alguém sem camisinha. Acabou'. Entrou a cabecinha. Acabou.

O comentário de Dagoberto me parece exemplar de uma gestão do sexo no trabalho sexual que não é isolada. Penso que se trata mesmo de uma gestão meticulosa e muito consciente da saúde sexual. O preço do risco é contabilizado. Aliás, alguns deles cobram um valor mais elevado pelo atendimento para fazer sexo sem preservativo. O preço suplementar deveria ser capaz de pagar um possível tratamento contra uma hipotética IST adquirida na relação desprotegida, além de garantir um possível prejuízo pelo tempo exigido para a recuperação. Parece evidente que a conta não fecha. Não se consegue em um único atendimento sem camisinha o valor de 5, 8 ou 10 atendimentos que seriam feitos nos dias subsequentes em caso de alguma infecção que

os impossibilitassem de trabalhar. Digo isso, inclusive, porque o acréscimo de valor em um atendimento desprotegido, quando muito, chegaria a 50% do valor inicialmente cobrado, portanto, incapaz de gerir os possíveis prejuízos de uma semana sem trabalho. Tais custos, no entanto, seriam suficientes para cobrir os valores de um eventual tratamento.

Os discursos produzidos sobre o hiv/aids como uma doença mortal sem precedentes foram construídos sob forte estigma, medo e falta de conhecimento, além de configurarem como moralistas e punitivos. Pessoas doentes eram culpabilizadas e a doença era vista, por alguns segmentos sociais, como uma punição divina por comportamentos considerados socialmente inaceitáveis. A conscientização e a educação pública desempenharam um papel crucial na alteração das percepções, destacando a importância da prevenção, do tratamento e do apoio aos afetados. À medida que a pesquisa científica progrediu, houve avanços significativos no tratamento, transformando a doença de uma sentença de morte para uma condição gerenciável com o uso de terapias antirretrovirais, isto é, transformando a aids em uma doença crônica (Calazans, Pinheiro, Ayres, 2018).

A aids como uma doença mortal de homens homossexuais e disseminada por homens homossexuais foi uma informação muito eficiente e que permaneceu (Ayres *et. al.*, 2003; Barp, 2023). Há décadas já se sabe que não se trata de uma doença desse ou daquele segmento social. Permanecem os efeitos sociais do hiv, do estigma que não conseguiu ser superado não obstante os tantos avanços que já ocorrem em relação ao controle do vírus e da caracterização da aids como uma doença crônica¹⁰³.

Há uma centralidade da PREP em meu campo, mas fora dele também. A PREP não está em meu campo porque ela é comum no trabalho sexual, mas ela está em meu campo porque eu tenho dialogado com homens que fazem sexo preferencialmente com outros homens. O fato deles cobrarem por isso não é o central, é apenas uma variação possível de práticas homossexuais. A PREP está ali por conta do tipo de práticas mais comumente associadas a homens que fazem sexo com outros homens.

No caso brasileiro, o documento que institucionalizou a implantação do medicamento foi o Protocolo Clínico de Diretrizes Terapêuticas para PREP. O procedimento que regula o processo foi estabelecido a partir da Portaria n.21, de maio de 2017, do Ministério da Saúde.

¹⁰³ Segundo Luiz Barp (2023), o Brasil começou a distribuição gratuita de medicamentos antirretrovirais em 1996 por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). Esse movimento, que também ocorreu em diferentes países, fez com que houvesse uma ampliação da expectativa, bem como da qualidade de vida das pessoas doentes de aids ou que viviam com hiv. O avanço das pesquisas, o diagnóstico precoce, os bons efeitos do tratamento conseguiram diminuir a taxa de letalidade, superar a suposta sentença de morte representada pela aids e assim a situar como uma doença crônica e tratável.

Naquele momento falava-se em grupos prioritários e não mais em grupos de risco. Os grupos prioritários de recomendação da PREP eram: homens gays e homens que faziam sexo com outros homens; pessoas transexuais; profissionais do sexo e parceiros sorodiscordantes. Quer dizer, não se falava em grupos de risco, mas os grupos prioritários eram aqueles que, potencialmente, poderiam ter comportamentos ainda vistos como de risco (Barp e Mitjavila, 2020; Ayres *et. al.*, 2003).

A esse respeito, Xande (28 anos) contou que:

Gay em Portugal adora transar sem camisinha. Nem quer saber se é garoto de programa, quer transar sem camisinha. Já conhece em um date e já quer transar sem camisinha. Já fala 'não tenho nada, não' porque tem cara boa, tem bom aspecto. Como se a doença viesse escrita na cara: 'oi, HIV positivo'. Hoje tem PREP, mas antigamente não tinha essa coisa de PREP.

Corroborando o que dissera Xande, Raí (43 anos) completa:

Eu acho que você tem que se cuidar usando preservativo, mas isso é uma coisa muito genérica. Todo mundo sabe que precisa usar. Então, quando um gay vai procurar um outro gay, a tendência de você ter um sexo sem preservativo é grande. Isso vai de acordo com as duas pessoas. Mas isso não só no mundo da prostituição. Um gay hoje que conhece um outro gay, a probabilidade de sexo sem preservativo também é grande, mesmo fora da prostituição. No começo, muitos gay usavam preservativo. Mas ao decorrer do tempo tudo foi se modernizando, medicamentos melhorando e a tendência do gay hoje ter sexo sem preservativo é maior do que no passado. Mesmo porque tem muitos usando PREP.

A recorrência do sexo sem camisinha em Portugal, contexto no qual Xande está há alguns anos, pode ser o disparador dessa compreensão que talvez diga respeito a um contexto mais amplo. Não me parece, a partir do trabalho de campo que realizei em diferentes países europeus e em diferentes estados brasileiros, que a predileção pelo sexo sem preservativo seja algo próprio de homens gays em Portugal, ou algum gosto específico das pessoas portuguesas. No entanto, Marcos Torres, em acordo com Xande, também percebe que a *Europa é um vício. Ninguém quer foder com camisinha. E todo mundo já tem na alma de querer foder sem camisinha porque é gostoso o negócio na pele mesmo.*

Marcos Torres e Raí reconhecem a importância singular da PREP na prevenção ao hiv: *acho que todo mundo deve tomar mesmo.* Ao mesmo tempo, lembra que a prevenção é apenas ao hiv: *o resto das outras DST tá tudo aí, tudo cheia. A Europa tá aí, cheia de DST. Eu já peguei umas quantas vezes.* O meu desacordo com os interlocutores é que a questão não me

parece geográfica, mas que teria a ver com construção e gestão de desejo e prazer, algo que estaria para além de fronteiras e domínios geográficos.

Maria Filomena Gregori (2016), aborda temas relacionados ao prazer e perigo, explorando como esses elementos se entrelaçam no contexto da sexualidade. Prazer e erotismo são fenômenos complexos, tornados inteligíveis pelos contextos sociais e culturais. É assim que normas e expectativas sociais moldam uma noção de prazer “bem comportado”, ou “politicamente correto”. Não raros, limites são impostos e estigmatizando diferentes formas de satisfação sexual. O sexo sem camisinha, por exemplo, bem como exposição consciente à infecção de diferentes ISTs, podem ser vistos como prazeres perigosos.

As convenções de gênero e sexualidade, aliadas às percepções de saúde e doença podem limitar ou ampliar as estratégias de prazer em variados grupos sociais. percebe-se como são complexas as negociações no âmbito do sexual, a partir dos limites impostos às formas como se alcança o prazer e como esses limites acabam se relacionando com as ideias de perigo e risco. Isso é perceptível em práticas sexuais consideradas fora das normas, comportamentos que se tornam estigmatizados e associados a perigos. Nos casos trazidos por Marcos Torres e Raí, isso incluiria a transmissão de certas infecções sexuais.

Essas categorias são construídas socialmente e podem ser utilizadas para controlar certas expressões sexuais. Como falei antes, é importante não perder de vista que no começo da epidemia de hiv/aids, e durante algumas décadas, prevaleceu a noção de grupo de risco para se referir a grupos populacionais que seriam preferencialmente atingidos pela epidemia ou possíveis transmissores privilegiados. Naquela altura, ainda que uma categoria epidemiológica para se referir aos contingentes mais atingidos pela epidemia, o a noção de grupos de risco serviu para estigmatizar homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos e *hookers* (Barp e Mitjavila, 2022).

O risco acabou funcionando como um dispositivo central da gestão biopolítica do hiv/aids. Com os avanços ao longo das décadas, a noção de grupo de risco teria sido aparentemente superada e investiu-se em uma noção mais alargada, e quem sabe oxigenada, de vulnerabilidade (Ayres *et. al.*, 2003). No entanto, com o advento da PREP, os homossexuais estão outra vez nos consultórios. Para a Organização Mundial da Saúde não há a indicação a populações específicas, mas a OMS sugere que indicadores locais de incidência do hiv sejam tomados como parâmetro. Nesse sentido, no Brasil em 2022, um novo protocolo passou a recomendar a utilização da PREP para quaisquer adultos ou adolescentes sexualmente ativos e sob o risco aumentado da infecção pelo hiv (Barp, Mitjavila e Ferreira, 2022). O que se constata de tudo

isso? Parece que a noção de risco associada às práticas sexuais dissidentes nunca deixou de existir.

Manel (45 anos), um interlocutor que é cliente de *escorts*, conclui que há *muito descuido*. Segundo Manel, tal descuido e certa opção por descuidar-se teriam sido motivados pela utilização em larga escala, entre homens gays, dentro e fora do trabalho sexual, da PREP. *Eu tomo PREP* ou *Eu uso PREP*, na visão dele, eram expressões repetidas à exaustão e que passariam a imagem, mesmo tomando PREP, que *podes descuidar a nível geral. O PREP não é contra a sífilis, não é contra a gonorreia, não é contra a clamídia, não é contra HPV, hepatites, nem contra nada disso*. Manel chama a atenção para o não uso consciente do preservativo, quer dizer, ele representaria uma ação deliberada, tratar-se-ia de uma escolha. Faz-se uma opção. Não seria uma prática isolada, um descuido, um imprevisto. Nada disso.

A PREP foi recomendada pela *European Medicines Agency* (EMA) em julho de 2016 com as mesmas indicações da *Food and Drug Administration* (FDA) dos Estados Unidos e que já vigoravam desde 2012. Assim que a Comissão Européia aprovou a PREP, foi possível a implementação em cada Estado-Membro (Correia, 2021). Em Portugal, a Direção Geral de Saúde (DGS), por meio da Norma 025/2017 de 28 de novembro de 2017 passa a recomendar a PREP para adultos, dirigida a pessoas com risco acrescido. Segundo o Despacho n. 4835/2017, de 2 de junho de 2017, que mostrava a eficácia da PREP em reduzir em 90% a transmissão de hiv em grupos populacionais vulneráveis, pode-se perceber que esses “adultos com risco acrescido” ou “vulneráveis” eram: homens que fazem sexo com homens, homens e mulheres sorodiscordantes, e usuários de drogas injetáveis (Duarte *et.al.*, 2022). Segundo Francisco Duarte *et. al.*,

em Portugal, o acesso à PrEP é atribuído exclusivamente em consulta hospitalar, após referenciação. A esta consulta devem ser enviadas as pessoas que se encontram numa das seguintes categorias: relações sexuais sem recurso a preservativo nos últimos seis meses com pessoas com estado serológico para o VIH desconhecido ou com diagnóstico de IST; relações sexuais com parceiro infetado por VIH sem acompanhamento médico ou sem esquema terapêutico antirretroviral ou sem supressão virológica e sem utilização constante do preservativo; relações sexuais sob o efeito de substâncias psicoativas; UDI que partilhem agulhas, seringas ou material para preparar as mesmas; parceiros sorodiscordantes em fases de preconceção ou durante a gravidez; relações sexuais para obtenção de dinheiro, bens ou substâncias ilícitas sem o uso de preservativo; vulnerabilidade social com exposição a sexo desprotegido com indivíduos com risco elevado de infeção por VIH; recurso anterior à utilização de profilaxia pós-exposição (PPE) (Duarte, *et.al.*, 2022, p. 243).

Os autores apresentam os critérios e condições para acesso à PREP em Portugal, no sentido de regular para reduzir o risco de infecção pelo HIV em caso de exposição. Eles destacam que os critérios de elegibilidade em Portugal estariam em consonância com recomendações internacionais, com o intuito de direcionar a profilaxia para aqueles que mais se beneficiariam. Esse foco seria consoante estratégias de saúde pública que visam priorizar grupos com maior probabilidade de exposição ao vírus. A escolha de atribuir o acesso à PREP exclusivamente em consulta hospitalar após referência sugere uma abordagem médica mais abrangente. Isso pode garantir que os indivíduos recebam aconselhamento, façam exames regulares e haja um monitoramento a partir do início do tratamento.¹⁰⁴

No que diz respeito ao meu trabalho de campo, por exemplo, para Roy a PREP significou o começo da realização de sexo sem preservativo, prática que ele afirmava não ter antes dessa profilaxia. Roy parece uma exceção em campo no que diz respeito a esse tipo de prática. O interlocutor conta ainda que essa modalidade de prática sexual possibilitou o incremento em termos de valores recebidos, pois permitiu-lhe aceitar propostas muito vantajosas, do ponto de vista financeiro, que antes eram negadas, pois ele não abria essa via de negociação.

Eu faço PREP e ele me dá hoje a possibilidade de algumas propostas enormes que eu já tinha antes, que eu nunca ousei fazer porque eu não tinha noção do que era PREP. Depois do PREP, eu hoje faço alguns clientes que me pagam muita grana pra eu transar sem camisinha.

Roy conta que para alguns clientes, sobretudo casais, ele informa que usa PREP, geralmente são seus *clientes fixos*. Para outros clientes, no entanto, ele é estratégico e não faz tal revelação. A esses, mais eventuais, mas que insistem no sexo sem camisinha, ele diz *olha, eu tenho que cobrar mais caro porque eu tenho uma medicação que eu tenho que tomar depois do ato*. Ele sabe que não precisará tomar a profilaxia pós-exposição¹⁰⁵ por 28 dias, pois já estaria protegido

¹⁰⁴ A Portaria 402/2023 de 4 de dezembro de 2023 cria um regime excepcional de coparticipação para os medicamentos destinados à PPEP e altera as formas de prescrição e dispensa. Relativamente à prescrição. A partir da Portaria permite-se que a PREP seja prescrita por um conjunto de especialidades médicas, quer no âmbito dos cuidados de saúde primários do Serviço Nacional de Saúde (SNS), quer em consultórios, unidades de saúde e Organizações de Base Comunitária não integradas no SNS. Quanto à dispensa, ela poderá ser realizada por farmácias comunitárias, simplificando o acesso ao, com maior proximidade e comodidade de horários (DGS, 2023). Disponível em <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/402-2023-225125606>. Acesso em 28 de dezembro de 2023.

¹⁰⁵ A profilaxia pós-exposição (PEP) é uma intervenção médica realizada após a exposição a determinados agentes infecciosos, com o objetivo de prevenir o desenvolvimento da infecção. No contexto do HIV, por exemplo, a PEP envolve o uso de medicamentos antirretrovirais após uma possível exposição ao vírus para reduzir o risco de infecção. Segundo o Guia de Recomendações para Profilaxia Pós-Exposição ao HIV e ao Hepatite B do Ministério da Saúde do Brasil (2018): "Profilaxia Pós-Exposição (PEP) é um conjunto de ações que visam evitar a transmissão do HIV e do vírus da hepatite B após exposição ocupacional, sexual e/ou violência sexual. Consiste no uso de medicamentos antirretrovirais e/ou antivirais da hepatite B por um período determinado de 28 dias, com início o

pela PREP. Seus clientes é que não sabem, mas ele usa a negociação em torno do não uso da camisinha como forma de aumentar o valor cobrado pelo seu serviço, mesmo sabendo que já estaria, de antemão, protegido do HIV, ainda que vulnerável a outras ISTs. *Eu já sei que estou protegido completo. Eles não sabem.*

Há aqui um contexto de negociação, uma gestão das economias do desejo. O antropólogo Néstor Perlongher (1987) problematizou a noção de negociação em sua pesquisa sobre prostituição masculina em São Paulo e penso que há diálogos possíveis com esse contexto de uso/não uso de preservativo, esclarecer/não esclarecer sobre a utilização de PREP. Há, na visão de Perlongher, uma intensa negociação entre os michês e seus clientes. Essa negociação apenas aparentemente envolve a troca de sexo por dinheiro, mas ocupava-se de uma teia complexa que abarcaria um contexto sociocultural mais amplo, em que a negociação pode ser vista como uma resposta às limitações de escolhas disponíveis para esses indivíduos. Diante dessas limitações são necessárias estratégias para conseguir pequenas vantagens naquele contexto, *a priori*, desfavorável. No caso de minha pesquisa, arriscar-se sem camisinha, mas protegidos do hiv pela PREP, pode ser uma delas.

Essa negociação é presente na prática de diferentes *escorts*. Ocorre algo como a criação de um contexto de risco à infecção ao hiv que parte do desconhecimento do cliente de que o *escort* usa PREP. Essa negociação, para tal prática desprotegida, envolve o acréscimo de dinheiro para a realização do atendimento dessa forma. Além disso, revelar-se usuário de PREP, dependendo do grau de informação do cliente, poderia sinalizar que o *escort* já estaria infectado pelo HIV e fazendo o tratamento antirretroviral. Robinho, por exemplo, conta um pouco como procede em relação a isso:

Você sempre vai correr algum risco. Tem que cobrar mais. Eu não falo que uso PREP. Porque os clientes não sabem diferenciar. Às vezes falam que PREP é pra quem tem hiv. Tipo, se você fala que toma PREP, a pessoa já vai correr de você. As pessoas estão preocupadas com hiv. Eu já sei que hiv eu tenho muito pouca chance de pegar porque eu uso PREP. Quase nenhuma. Mas, então, eu não precisaria negociar com o cliente esse valor, porque eu sei que já não vou ter hiv, mas eu negocio porque é um dinheiro a mais.

Como contraponto a esse tipo de prática considerada como de maior risco, ele diz *faço exames de três em três meses. Pra minha segurança e pra segurança de quem me procura.* Além do

mais precocemente possível após a exposição." Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2015/guia-de-recomendacoes-para-profilaxia-pos-exposicao-pep>. Acesso em 27 de dezembro de 2023.

cuidado com a própria saúde, como comentei um pouco antes, há uma preocupação dos interlocutores com a saúde de sua clientela. No caso de Robinho, por exemplo, cerca de 90% dos seus clientes são homens casados com mulheres. Ele ainda argumenta: *quando eu e o cliente estamos em risco, a família também vai estar. Eu não quero isso pra mim. Eu não quero isso pra eles. Por isso eu me cuido*. Aqui há pistas de algumas razões pelas quais Robinho e outros interlocutores tivessem uma proximidade com os serviços de saúde, algo como uma parte do trabalho que desempenham.

Há uma rotina de testes, consultas, tratamento na vida dos interlocutores. Foram inúmeras as vezes que acompanhei alguns deles nesses espaços. Basicamente frequentávamos duas associações comunitárias e dois hospitais onde eles eram seguidos e dos quais eram utentes. Ir a esses espaços nem sempre era algo tranquilo, sobretudo quando havia algum sintoma de qualquer IST. Havia uma sensação incômoda que André classificava como *juízo de valor*: *parece que tá toda gente me julgando. Parece que sabem que eu fiz merda*. Esse *fazer merda* aventado por André em relação a olhares nos centros de saúde, hospitais e associações comunitárias também reverbera na vida ordinária. Talvez venha daí a potência da expressão *eu tomo PREP*. Ela é muito definidora. Ela se basta. Ela encerra a discussão, pois colocaria a baixo, pelo menos diante dos *entendidos*, dos *chegados*, dos *do meio*, qualquer tipo de dúvida em relação ao hiv.

Essa volta dos homossexuais aos centros de saúde, aos consultórios, aos hospitais, é produtiva para refletir sobre tecnologias disciplinares e biopolíticas a partir de uma individualização e responsabilização dos próprios sujeitos pelo cuidado de si. Afinal, o investimento na medicalização como prevenção tem um caráter opcional no caso da PREP. A pessoa pode optar por medicar-se. Nada é compulsório. Mas há contrapartidas. A medicina, como lembra Luiz Barp (2023) se apropria do conhecimento das biografias dos sujeitos homossexuais, no caso de minha pesquisa, para exercer certas ações de controle social da homossexualidade em prol da segurança biológica, sanitária e moral da população. Para poder fazer as *safadezas* desejadas ou necessárias, nos *atendimentos* ou no *vício*, torna-se imperioso deixar-se examinar e confessar as *merdas* no consultório, onde há tantos olhares à espreita.

Michel Foucault (2017) contara em uma passagem do primeiro livro da *História da Sexualidade* que o homem ocidental teria se convertido em um animal confidente. A confissão não é uma conversa entre dois interlocutores, porque há uma instância que avalia, julga, impõe, perdoa, consola, pune, reconcilia. É mais que dizer a verdade sobre si. Aliás, como pontua o autor, o sujeito que dizia a verdade na Antiguidade é diferente do sujeito da confissão. Porque o dizer a verdade seria um ritual instrumental sobre as coisas práticas da vida em sociedade. Já a confissão, apropriada pela moral cristã, constitui-se como uma economia de poder porque ela

é mais que instrumental, ela é estabelecida como um operador de salvação. A confissão, transformada em operador de salvação pela moral cristã, foi uma estratégia tão eficiente que acabou sendo incorporada por outros campos como a saúde, a psicologia, a educação. Houve, como mostra Foucault, uma extensão do domínio da confissão fazendo com que tudo ou quase tudo que dizia respeito à vida das pessoas passasse pelo seu crivo (Foucault, 2009a).

Essa me parece a expressão mais flagrante de que todos os avanços conseguidos em relação ao hiv ainda esbarram no estigma e no preconceito. Para tentar desviar deles, confessa-se. Diz-se mais que a verdade. Busca-se mais que a cura e uma vida saudável para o corpo. Espera-se, quem sabe, uma “salvação”. Ainda que a situação pareça mais normalizada, é permanente o medo da infecção porque a violência das imagens de pessoas associadas ao vírus e dos discursos de ódio construídos e difundidos durante os primeiros anos da epidemia, mostraram-se resistentes ao tempo e aos avanços científicos. São permanências impertinentes. Manel dá o seguinte exemplo:

Tu conheces uma pessoa na noite. E a pessoa ao fim de dois, três dias, começam a rolar uns beijos, umas carícias e a pessoa agarra-te e dizes: olha, eu sou HIV+. O teu mundo, depois de andares aos beijos, aos amassos, ao sexo oral, o teu mundo cai. Tu pensas logo, que fostes, que já tens uma doença. E, hoje em dia, o HIV, é uma doença crônica. Já tá diagnosticado como uma doença crônica. Ou seja, se tu tomares a medicação diária, tua carga viral tá muito baixa para poder contaminar alguém. Mas a outra pessoa pode não querer ter um namorado que seja HIV+. A razão é o estigma.

Comecei esse item falando sobre aquele que era considerado em campo o maior problema em relação ao hiv: o estigma. Encerro esse item, com essa conversa que tive com Manel voltando ao ponto inicial. Há medo em relação ao hiv. Um medo meticulosamente construído. Um medo que está para além dos efeitos do vírus e da doença no corpo da pessoa infectada. Trata-se de um medo que não é orgânico. É um medo moral. Um medo aprendido a ser conjugado como culpa. Em vista disso, talvez, seja muito difícil para alguns interlocutores tornar pública a sua sorologia. Algo que, inclusive, deva ser questionado é a necessidade de torna-la pública. Por quê? A quem interessaria a carga viral de hiv de uma pessoa senão a ela e a sua equipe médica? Não me parece que o medo da morte seja o definidor de alguns silêncios e de muitas estratégias. Das três pestes que tratei aqui nesse capítulo, parece que o hiv/aids é aquela a qual o preconceito tem insistido em ser o companheiro impertinente absolutamente presente, apesar dos promissores caminhos percorridos nos últimos quarenta anos.

Susan Sontag (1984) aborda a relação entre linguagem, metáfora e a percepção social da doença. Ela analisa como as metáforas associadas a certas doenças podem influenciar a maneira

como a sociedade enxerga e estigmatiza os doentes. Em relação à aids, Sontag critica a tendência de culpar os indivíduos afetados por essa doença, destacando como a linguagem e as metáforas contribuem para essa estigmatização. A aids, na época em que Sontag escreveu, era frequentemente associada a estigmas sociais e morais, quem sabe até hoje ainda o seja. Ela observa que as pessoas infectadas eram frequentemente culpabilizadas, sendo vistas como responsáveis por sua própria condição devido a julgamentos morais sobre sua sexualidade.

A autora argumenta contra essa tendência de vincular a doença a uma suposta culpa moral, destacando a complexidade dos fatores que levam à infecção pelo vírus hiv. Além disso, ela enfatiza a importância de separar a experiência da doença das metáforas carregadas de juízos morais, destacando que essa associação prejudica a compreensão da doença e perpetua estigmas. Sontag defende uma abordagem mais objetiva e livre de preconceitos, reconhecendo que atribuir culpas pode desviar a atenção de questões importantes relacionadas à pesquisa, ao tratamento e ao apoio às pessoas infectadas.

Diante das três pestes aqui tratadas, há risco, há estabelecimento de cuidados de si e dos outros, mas há também medo. Mais que isso, há potentes discursos sobre o medo. O escritor moçambicano Mia Couto, durante a Conferência de Estoril de 2011, apresentou uma reflexão seminal sobre o medo. Eis um pequeno extrato:

O medo foi um dos meus primeiros mestres. Antes de ganhar confiança em celestiais criaturas, aprendi a temer monstros, fantasmas e demônios. Os anjos, quando chegaram, já era para me guardarem. Os anjos atuavam como uma espécie de agentes de segurança privada das almas. [...] O medo foi, afinal, o mestre que mais me fez desaprender. [...] Nessa altura algo me sugeria o seguinte: que há, neste mundo, mais medo de coisas más do que coisas más propriamente ditas (Couto, 2011, p.1).

Couto retrata o medo como uma emoção (des)aprendida pela condição humana. Ele explora como o medo pode moldar as relações interpessoais, influenciar decisões e até mesmo se manifestar nas estruturas sociais. Essa abordagem reconhece o medo como uma força poderosa que afeta as experiências individuais e coletivas. Mia Couto explora como o medo pode estar intrinsecamente ligado à construção da identidade e à experiência das comunidades. Ele conta como o medo é alimentado por eventos traumáticos do passado, conflitos ou situações de instabilidade política, contribuindo para a formação da identidade de um grupo. Além disso, mostra como ele pode ser utilizado como uma ferramenta de controle social. Isso pode ocorrer

em contextos políticos, nos quais o medo é explorado para manter as pessoas submissas, ou em níveis mais pessoais, em que ele é empregado para restringir a liberdade e a expressão.

Contrariamente ao retrato negativo do medo, Couto também assevera as possibilidades de transformação que o medo oferece. Ele pode ser uma força motriz para a busca de soluções, para a tomada de decisões corajosas ou para a união de comunidades diante de desafios significativos. Essa perspectiva sugere que, apesar de suas implicações negativas, o medo pode ser um catalisador para a mudança. Essa abordagem poética pode fornecer uma noção mais ampla sobre o medo e suas manifestações. No caso da Covid-19, da *variola dos macacos* e do hiv/aids pode servir como uma alegoria feliz daqueles que conseguiram significar o medo como potência para superar o estigma do preconceito. (Re)existindo. Inclusive, porque como contara o próprio Mia Couto, “há quem tenha medo que o medo acabe” (Idem, p.1).

CAPÍTULO 7

O retorno do *sonho europeu*: conquistas, frustrações e novos projetos

Interlocutores do capítulo

André: 30 anos, mais de um 1,8m em um corpo magro, com músculos aparentes. Ele é de Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul. Define-se como moreno escuro. Tem curso superior completo, feito no Brasil, na área de Ciências Humanas. Considera-se gay. Do ponto de vista da documentação consular em Portugal, está regular. Possui título de residência. Em termos de classe social, André diz-se de classe média. Comunica-se em espanhol e precariamente em inglês.

Marcos Torres: 32 anos, é nascido no interior de Mato Grosso. Considera-se branco, tem 1,78m, 75kg e corpo definido como *normal*. Possui ensino médio completo. Curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, ainda é irregular, mas está organizando os documentos para a “manifestação de interesse”. Marcos Torres vive em Portugal desde 2020. Ele tem um emprego oficial *part time* em um café. O interlocutor considera-se gay. Ele comunica-se apenas em português.

Matheuzinho: 24 anos, é nascido na cidade de Ipatinga, interior das Minas Gerais. Considera-se pardo, tem 1,81m, 75kg e corpo definido como *magro*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é irregular, mas diz estar tentando regularizar-se: *já entreguei a papelada para a advogada*, contou. Matheuzinho chegou a Portugal com a pandemia de Covid-19, em março de 2020. Ele considera-se gay. Entende-se como *pobre, trabalhador* e só se comunica em português.

Robinho: 25 anos, e é baiano de Salvador. Considera-se negro, tem 1,80m, 78kg e corpo definido como *malhadinho*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele vive em Portugal desde 2017. Não costuma viajar pela Europa. Suas viagens são apenas por Portugal. Robinho se diz de classe média e identifica-se como gay. Ele se comunica apenas em português.

Roy: 39 anos, é nascido em uma cidade de Goiás. Considera-se moreno, tem 1,90m, 87kg e corpo definido como *normal*. Seu diferencial, segundo ele, não é beleza, mas é ter um pênis de *24cm e grosso. É o meu trunfo*. Possui ensino superior completo, na área de Engenharia, curso realizado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele possui título de residência há 4 anos. Roy vive em Portugal desde 2015. Ele mora em um apartamento alugado onde trabalha e também aluga um quarto para outra pessoa trabalhar. Roy considera-se bissexual. Ele não é fluente em nenhuma outra língua estrangeira, mas consegue se comunicar, *precariamente*, em inglês e *um pouco melhor* em espanhol.

Yuri: 27 anos, é nascido em Curitiba, Paraná. Considera-se moreno, tem 1,83m, 70kg e corpo definido como *magro, definido*. Possui ensino médio completo, cursado no Brasil. Sua situação em Portugal, do ponto de vista da documentação, é regular. Ele possui título de residência há três anos, embora viva em Portugal desde 2016. Ele já teve residência fixa em Lisboa, mas agora está investindo na carreira internacional, portanto vive de forma itinerante entre os diferentes países. Ele pretende estabelecer-se em 2023 na Alemanha. Yuri considera-se

homossexual. Ele é fluente em inglês e sabe comunicar-se em francês, espanhol, italiano e um *pouquinho* em alemão.

Otto: 31 anos, é nascido em Goiânia, Goiás, mas mudou-se para o interior muito jovem. Viveu em Anápolis, Pirenópolis, até regressar para Aparecida de Goiânia, cidade conturbada à capital. Considera-se *branco*. Ele tem 1,75m, 72kg e corpo definido como *barbie*, ou seja, muito musculoso. Possui ensino superior na área de Ciências Agrárias cursado no Brasil. Ele está na Europa há sete anos. Sua residência fixa é em Lisboa, mas ele passa boa parte do ano viajando a Europa a trabalho. Sua situação, do ponto de vista da documentação, é regular. Sua profissão é o trabalho sexual e considera-se de classe média-alta. Otto diz-se *gay*. Ele fala inglês.

Renato Araguaia: 35 anos, ele é do interior do estado do Tocantins. Considera-se branco e com um corpo dito como *normal*. Ele tem 1,75m, 78kg. Possui curso superior completo, realizado no Brasil na área de Publicidade e Propaganda. Sua documentação consular em Portugal está irregular. Sua mãe tem cidadania portuguesa e ele está em processo. Considera-se *gay*, de classe média e se comunica em inglês e espanhol.

7.1. O sonho europeu e o projeto brasileiro: perambulações etnográficas

Ao longo do trabalho de campo, pude perceber que, para a maior parte de meus interlocutores, havia uma espécie de “projeto Europa” que envolvia a expectativa de conseguir transitar pelo continente em um período imprecisamente qualificado como de curta ou média duração. Para a maioria deles, viver na Europa era algo para um tempo determinado. O projeto de vida, digamos assim, estava organizado, ou a organizar-se, para ser executado no Brasil. Trabalhar, por um período determinado, na Europa, teria se tornado parte estratégica para isso¹⁰⁶.

Em um primeiro momento, o retorno é um projeto futuro e pouco claro. Viver em Portugal é conseguir condições para realizar o projeto de vida que ficou no Brasil. Assim, espera-se juntar dinheiro na Europa para ajudar a família, quitar dívidas deixadas no país de origem e ainda poupar alguma quantia. Segundo Sandra Brito da Silva e Aline Schiltz (2007), no começo dos anos de 2000, a maior parte dos brasileiros que estava em Portugal, estaria por necessidades econômicas e em busca de trabalho que garantisse melhores condições de vida em relação àquelas que tinham no país de origem. Ainda que à partida não houvesse uma perspectiva de retorno imediato, havia uma perspectiva de retorno em algum momento.

Nos (des)caminhos da etnografia, comecei a prestar mais atenção às informações que anunciavam os retornos ao Brasil, bem como às remessas de dinheiro para que fossem efetivados investimentos por lá. Passava a ser comum em nossas conversas o fato de que o

¹⁰⁶ Havia algumas exceções, que eram os *escorts* que não pretendiam voltar ao país e organizaram a vida para permanência na Europa.

retorno ao país de origem era uma questão de tempo. Esse tempo é que não era muito bem determinado, pois ele envolvia *alcançar os objetivos, juntar todo o dinheiro, bater a meta*. Para alguns, esse tempo acabou se prolongando em vista dos efeitos da pandemia; para outros, justamente por isso, foi abreviado. Portanto, quero dizer que a jornada em Portugal e na Europa seria transitória, mas em um tempo não exatamente específico e que variava de acordo com os propósitos de cada um. Conforme Felipa Pinho (2012, p.269),

O retorno ou a permanência são projectos que vão sendo reconstruídos. Os factores a ter em conta nos diversos momentos condicionam qualquer das opções e, por isso, as decisões acerca do regresso obedecem a “uma estrutura ambígua, contraditória, polifónica e condicional”. E, por vezes, os imigrantes verbalizam mesmo essa transformação do projecto, a reavaliação da mudança migratória, a influência de uma diversidade de factores na concretização do cenário pensado. A reconstrução do projecto migratório e a justificação da permanência [...] obedecem, sempre que transparece essa reavaliação, ao critério financeiro e à percepção de que os objectivos não foram concretizados (ou vão sendo sucessivamente reprogramados).

Quando meus interlocutores falavam em seus retornos, eu mesmo pensava e contava os dias para o meu retorno. O retorno ao Brasil tornou-se uma questão que não poderia ser ignorada na pesquisa. Entendi que poderia ser rentável fazer uma parte do trabalho de campo no Brasil com alguns desses *escorts* retornados. Consegui estabelecer uma relação mais próxima com seis deles. A minha intenção era estar com eles nas cidades em que passaram a residir, quase sempre as cidades de origem, no interior dos estados, percebendo a aplicação dos ganhos com o trabalho sexual na Europa, bem como as novas estratégias de gestão da vida nos novos contextos.

Mesmo entre os *escorts* que não tinham intenção de voltar ao Brasil, os investimentos dos lucros do trabalho sexual são no país de origem. Nenhum de meus interlocutores tinha qualquer tipo de investimento em Portugal. Eles justificavam o investimento no Brasil como forma de multiplicar os lucros, uma vez que o câmbio estaria favorável. Em alguns momentos do trabalho de campo, 1€ chegou a valer quase 7R\$. Para Pedro Rossi (2007), essa não é uma particularidade dos brasileiros em Portugal, mas uma recorrência entre os brasileiros no exterior. Isso fez com que o Brasil estivesse entre os 20 países que mais recebiam remessas de dinheiro do exterior, segundo dados de 2003 do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Chama a atenção a vida modesta de quase todos os interlocutores em Portugal. Não notei nenhuma extravagância em termos de bens de consumo. Pude frequentar a casa de quase todos eles, geralmente divididas com colegas. Poucos moravam sozinhos e quando o faziam era em

apartamentos pequenos, T0 ou T1¹⁰⁷. Afinal, como ponderam Rossi (2007) e Weber Soares (1995), a ideia com os investimentos no Brasil e com a vida mais modesta em Portugal é impactar positivamente os contextos de origem, seja dinamizando o mercado imobiliário, a construção civil ou mesmo melhorando a vida dos parentes que lá permaneceram. Portanto, essa ideia de grandes gastos consigo mesmos era muito pontual, jamais uma recorrência. Otto (31 anos) conta:

Não gosto de gastar. Não gosto. Odeio sacar dinheiro. O que entra não sai. Eu fico super triste. E, pra você ter uma noção, não gosto mesmo, o sacar, retirar dinheiro não é comigo. O que é comigo, igual eu falo pros meus amigos, eu gosto de fazer transferência. Entende? Transferir daqui pro Brasil.

Esse também era o caso de Roy:

durante 5 anos eu não saía pra nada. Trabalhava de segunda a segunda. Eu só parava de trabalhar pra dormir e não fazia mais nada. Agora que eu comecei a beber um pouquinho, a dispor de tempo pra mim mesmo. Mas antes eu fiquei durante quase 5 anos sem tirar tempo pra nada. Sem tirar um dia de folga. E não gastava com nada. Eu nunca comprei nada. Eu não tenho investido nenhum centavo aqui em Portugal. Todo o meu dinheiro: Brasil.

Maria da Consolação Gomes de Castro, Paula Botelho e Silvana Andrade Pena Knup (2015), em pesquisa realizada sobre o famílias brasileiras retornadas de Portugal a partir da crise de 2008, enfatizam o não investimento em imóveis ou em quaisquer outros bem duráveis no país de residência e trabalho. Elas defendem que isso confirmaria a tese de que não haveria um projeto de vida estabelecido em Portugal, mas apenas trabalhar muito durante um tempo determinado, “melhorar de vida”, reunindo as condições financeiras para retornar ao Brasil com um *status* mais favorável. Nessa mesma direção, Pedro Rossi explica como os recursos poupados em Portugal, são, geralmente, enviados ao Brasil:

as remessas se caracterizam por pequenas quantias de dinheiro enviadas com regularidade, sem nenhum pretexto especulativo ou de expectativa de lucro. O somatório dessas pequenas quantias gera um fluxo financeiro de grande importância. As decisões individuais do imigrante relativas às formas de administrar o dinheiro determinam a dinâmica do fluxo de remessas (Rossi, 2007, p. 146).

¹⁰⁷ No Brasil são os chamados *kitnets*, uma corruptela de *kitchenett* em língua inglesa; e apartamentos de um dormitório, respectivamente.

Como dito, a poupança no país de origem é uma forma comum utilizada por meus interlocutores para preparar as condições mais favoráveis para seus retornos. Nesse sentido, Rossi percebe que o trabalho e os gastos dos imigrantes contribuem no PIB do país em que residem, mas aquilo que conseguem poupar é remetido ao país de origem, sendo lá investido. O *sonho europeu*, provisório em si, é parte de um projeto brasileiro de *vida melhor*. O *sonho europeu* deveria resultar, se bem sucedido, em condições mais favoráveis que aquelas que dispunham quando da decisão pela emigração. Aliás, tal processo migratório parece menos uma migração clássica, como eu já dissera antes, e acaba por aproximar-se mais de mobilidades transnacionais.

O transnacionalismo, enquanto processo que constitui campos sociais que conectam o país de origem ao país de residência (Schiller, Bach, Blanc, 1992), pode representar a experiência de meus interlocutores na Europa. A vida no continente europeu funciona, efetivamente, como um alavancador mais potente para conseguir chegar aos fins desejados no país de origem. Nesse sentido, os imigrantes transnacionais, ou transmigrantes, não rompem os vínculos com a origem, pelo contrário. Suas múltiplas relações envolvem conexões entre as fronteiras. Na gestão da vida cotidiana e dos projetos futuros, as decisões quase sempre envolvem duas ou mais sociedades a que eles “pertencem” (Solé, Parella, Cavalcanti, 2008).

Há, pois, exceções em termos de gastos em Portugal e na Europa. Yuri (27 anos), por exemplo, me contou que ficou deslumbrado no começo de sua carreira como *escort* e gastou *muita coisa*. Segundo ele, *comeu muita comida boa. Foi a muito restaurante. E viajou bastante. Ele diz: fiz tudo que eu tinha que fazer. Aproveitei muito. Fui ao Brasil duas vezes também.* Um pouco diferente de Yuri é Otto, o *escort* que *detesta gastar*, mas admite ter muitas despesas no investimento consigo mesmo e na vida que ele estabeleceu para si como estratégia de conquistar *bons clientes*:

Dos meus 4 mil euros mensais eu não guardo nada. Só de imóvel no Brasil, eu tenho que pagar 4 mil reais por mês. A minha despesa, a despesa de um escort de luxo, é alta. Moradia, estética. Eu tenho um personal trainer. De 5 em 5 meses eu faço botox. Às vezes eu preciso fazer um ciclo com anabolizantes. Eu invisto no corpo. Eu não gasto com roupa. Eu não tenho roupa de luxo. O meu vício mesmo é comprar boi no Brasil. Todo o mês eu compro alguns com o dinheiro que mando (Otto).

Otto admite uma despesa *alta* em Portugal e uma meta mensal de faturamento de 4000€. Há meses que já faturara bem mais. No entanto, trabalha com essa média. O dinheiro remetido mensalmente ao Brasil vai pra pagar seus investimentos em Goiás. De todo o valor restante, ele compra bois, já que sua família trabalha com pecuária na região. Otto costumava

contabilizar os seus *programas* em cabeças de gado que seriam possíveis de serem compradas. O pai e a irmã, que são as pessoas que gerenciam a fazenda, sabem da origem do dinheiro. Houve algum ruído no começo, mas assim que as remessas de dinheiro se avolumavam, foi havendo maior aceitação sobre a fonte financiadora.

Robinho (25 anos), outro dos interlocutores que investe no Brasil, disse que fica com uma pequena parte dos recursos que recebe e envia para o país de origem a maior parte. Ele me contava: *tiro um dinheiro pra mim, para eu poder viver aqui, com uma vida tranqüilinha, confortável.* O grosso dos investimentos de Robinho no Brasil é em ações da Petrobras, a maior empresa brasileira, uma empresa de petróleo e gás. Ele também é sócio de uma academia em Salvador.

Marcos Torres (32 anos), que teve a chegada na Europa recoberta por perrengues, me contava que *quando eu vim pra cá, pedi pra uma amiga, essa minha amiga que fez o empréstimo de 30 mil reais, e parcelou a passagem pra mim. No cartão dela.* O compromisso de Marcos Torres era chegar a Portugal, começar a trabalhar e ir pagando mensalmente a amiga. Com a pandemia, o emprego formal tornou-se insuficiente e o trabalho sexual foi a alternativa para cumprir os compromissos assumidos: *o meu compromisso maior era pagar o cartão dela. Já paguei. Foi bem uns 5 meses pra pagar.*

O fato de ter que pagar outras contas da viagem e dívidas variadas no Brasil, fez com que Marcos Torres não juntasse dinheiro até aquele momento: *posso te dizer que eu acabei não juntando, mas eu também não gastei à toa. Eu gastei com coisas necessárias pra mim.* Por exemplo, o *escort* conta que precisou comprar roupas, que era algo que ele não tinha e era necessário apresentar-se de *forma adequada* aos clientes nas diferentes situações sociais em que circulava. *Menino, até agora eu só comprei roupa, calçado e paguei contas no Brasil. Na verdade, a maioria do dinheiro que eu ganhei foi pra pagar conta no Brasil.*

Durante a etnografia eu pude perceber que esse parece ser o caminho percorrido pelo dinheiro recebido por meio do trabalho sexual. Ele demonstra que há alguns desdobramentos que complexificam esse ramo das economias sexuais. Essas diferentes encruzilhadas aguçaram a minha curiosidade. Não tenho a intenção de reproduzir um mundo de Poliana em torno do trabalho sexual, mas há histórias de sucesso, de pessoas que “se deram bem”, conquistaram bens materiais, conheceram diferentes países circulando pela Europa e aumentaram o seu repertório cultural. Alguns *escorts* que se enquadram nesse perfil acabaram retornando ao Brasil quando entenderam que haviam conquistado aquilo que se propunham e começaram novas vidas no país de origem. Entendi que o retorno ao Brasil funcionara como o fechamento do “projeto Europa” concretizando (ou não) o *sonho europeu.*

O retorno é algo que acompanha o sujeito migrante. Não parece mais possível relacionar o retorno apenas a condições econômicas desfavoráveis no país receptor. Há outros elementos que parecem estar em jogo e constituem esse processo. Segundo Castro, Botelho e Knup (2015), uma ideia de retorno, ainda que bastante vaga, já acompanha o sujeito migrante desde o planejamento do processo migratório.

Reencontrar André (31 anos) em Corumbá, no Pantanal, 10 anos depois de nos conhecermos, depois de termos compartilhado tantas histórias em Lisboa e outras cidades da Europa, seria um bonito fechamento dessa história toda. Na rodoviária, quando nos encontramos em um longo abraço, eu pedi que, antes de me levar para o meu alojamento, ele me levasse para conhecer o seu pub moderninho na Avenida mais famosa da cidade. Os planos mudaram e eu soube ali, naquela hora (Cadernos de campo, Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil, outubro de 2022).

Eu comecei os reencontros com os retornados ao Brasil pelo estado de Mato Grosso do Sul, estado onde resido. André, um de meus principais interlocutores, tinha voltado ao Brasil no começo de 2022 e tornou a residir na cidade de Corumbá, na fronteira do Brasil com a Bolívia. Ele circulou por diversos países da Europa, *fez dinheiro* e retornou ao Brasil (Passamani, Rosa, Alaman, 2022a; Passamani, Marques, Efreim Filho, 2022)¹⁰⁸.

Castro, Botelho e Knup (2015) lembram que muitos sujeitos retornados desejam “certos modos cotidianos de viver e de se ser que confortam e alimentam, como voltar a ter acesso a certas geografias, cheiros, comidas e pessoas que, constituem um certo universo afetivo” (p.162). Esse parecia ser o caso de André. Ele sentia falta de casa, sentia falta do Pantanal, não conseguia se sentir inserido em Lisboa e dava sinais de cansaço da rotina do trabalho sexual, seja em Portugal, seja nas viagens pela Europa. Sentir-se parte, uma noção de pertencimento, parecia estar sendo buscada pelo interlocutor, bem como a inegável saudade de tudo que havia ficado no Brasil, mesmo que isso pudesse ser fruto de uma visão romantizada do país, própria de quem está no estrangeiro, tal como lembram Abdelmalek Sayad (2000) e Sueli Siqueira (2009).

Depois de reencontrar André, saí de Corumbá e de Mato Grosso do Sul rumo ao Tocantins. Transitei da região centro-oeste do Brasil e fui para a região norte do país. Lá, eu reencontrei Renato Araguaia (35 anos). Palmas, a capital do estado, chama a atenção pelo calor e pelas longas distâncias entre quaisquer lugares. Os moradores locais dizem que Palmas tem um sol

¹⁰⁸ Ao completar 5 anos de Europa, ele deu entrada na cidadania portuguesa e seguiu vinculado à empresa de capoeira de seu amigo Jefferson, como funcionário. Está na expectativa de tornar-se cidadão europeu. Ainda assim, não pretende residir em Portugal, nem exercer o trabalho sexual outra vez.

para cada um dos pouco mais de 300 mil habitantes. Eu a percebi como uma cidade pouco amigável para andar a pé. Ainda há muitas áreas verdes e terrenos vazios pela cidade. Afinal, trata-se do estado e da capital mais jovens do Brasil¹⁰⁹.

Andando pela cidade em diferentes momentos dos dias que por ali passei, tive a sensação de que Palmas é uma capital com ares de cidade que, facilmente, eu associaria a uma “cidade de interior”. Lembrei muito de comentários que ouvia em Campo Grande, dizendo que a capital de Mato Grosso do Sul era assim também. A “vocação” econômica para o agronegócio estava em toda parte e o enorme número de caminhonetes confirmava isso de maneira indelével. Renato Araguaia me contou um pouco das histórias do lugar em nosso caminho do aeroporto à praia da Graciosa, uma praia de água doce no centro da cidade, que é um dos principais locais de lazer dos moradores da capital, com seus *quiosques moderninhos*. Antes mesmo de ir para seu apartamento, onde eu ficaria, ele fez uma parada na Graciosa.

Da região norte, eu voltei para a região centro-oeste e no estado de Goiás reencontrei com Roy. No interior do Goiás, na cidade de Anápolis, eu também encontrei com familiares de Otto, o interlocutor “viciado em comprar boi”. Em Goiânia, e nas cidades vizinhas, conheci os empreendimentos de Roy, que investiu o dinheiro do trabalho sexual na construção civil, sua área de formação. Roy, o *rei do camarote*¹¹⁰, estava *puto da cara* com a vitória de Lula. Ele era um dos fervorosos bolsonaristas de meu campo. Foi interessante ver, ao vivo, as histórias que ele contava nas *noitadas* em Lisboa.

Os dias com Roy em Goiânia passaram muito rápido e segui para Anápolis, uma cidade do interior, não muito distante e também pujante no agronegócio. Em Anápolis eu encontrei a irmã de Otto, que junto com o pai deles, tomam conta dos investimentos de Otto no Brasil, basicamente aqueles que dizem respeito aos bois. Otto tinha falado sobre a minha ida a Anápolis e quando cheguei à Rodoviária a irmã dele estava a minha espera. Luciana, irmã de Otto, é administradora de empresas. É solteira, branca e na casa dos 30 anos. Dirigia uma caminhonete grande, daquelas de produtores rurais e que são comuns por ali. Ela cuida de uma fazenda da família, que fica a 10 quilômetros da cidade. A outra fazenda, que é maior, fica no interior de

¹⁰⁹ Para saber mais sobre o Plano Diretor e a qualidade de vida em Palmas, ver: Adão Pinto dos Santos (2016); Faída Kran, Frederico Poley Martins Ferreira (2006).

¹¹⁰ “Rei do camarote” é uma expressão que se popularizou no Brasil em 2014 após a viralização de um vídeo que mostrava um empresário ostentando em uma casa noturna de luxo. Ele exibia seu estilo de vida extravagante, gastava grandes quantias de dinheiro em bebidas caras. Enfim, ostentava um comportamento de superioridade em relação aos outros frequentadores do local. Esse vídeo tornou-se popular nas redes sociais e acabou gerando uma série de memes e comentários sobre o comportamento do empresário, popularizando a expressão “rei do camarote” para descrever pessoas que ostentam de maneira exagerada e vaidosa em festas e eventos sociais. Resguardando as devidas proporções, ainda que Roy tivesse uma vida modesta no cotidiano de Lisboa, nos últimos períodos antes de retornar ao Brasil, quando ele frequentava casas noturnas, ele tinha um comportamento ligeiramente parecido com esse.

Palmeiras, outra cidade goiana, onde reside o pai deles com a nova esposa, com quem se casou depois da morte da mãe de Otto e Luciana¹¹¹.

Depois de Goiás, eu saí da região centro-oeste e fui para a região nordeste, em Salvador, no estado da Bahia. Lá eu reencontrei Robinho (25 anos), que tinha voltado da Europa há um ano. Robinho comprou uma casa, investia na bolsa de valores em ações da Petrobras e era sócio de uma academia de musculação no Bairro 2 de Julho, centro antigo de Salvador. Um bairro residencial e de comércio, com um feira pulsante. O 2 de Julho antigamente era reconhecido por sua vida boêmia. Atualmente, não é raro ser associado a um lugar “perigoso” durante a noite (Uzêda, 1999; Fernandes, 2017; Santos, 2020). Fiquei hospedado no bairro e treinei na academia de Robinho. Na academia, e em seu grupo de amigos, eu fui apresentado como um amigo que ele conheceu em Portugal.

Robinho crescera no bairro da Federação, um bairro pobre, central e populoso, que fica no alto de um dos tantos morros da cidade. Era um bairro visto como tranquilo por alguns e perigoso por outros, sobretudo depois que o *BDM (Bonde do Maluco)*, que comandaria o tráfico de drogas em Salvador e na Bahia, teria passado a atuar no bairro. Inclusive, ele era amigo de alguns garotos que agora estão no BDM.

Quase todos os amigos de Robinho que eu conheci na Federação eram pessoas não brancas que se identificavam como morenas, ou como negras ou como pretas. Robinho os identificava como pobres e com educação formal incompleta. Segundo ele, *batalhadores*. Eles percebem Robinho como *vencedor*. Em grande medida, Robinho é *vencedor* porque também teria sido um *batalhador* na Europa. Sobre o trabalho sexual, na Federação, só os amigos próximos sabem. A informação corrente é que Robinho foi ser *personal trainer* na Europa. No entanto, a mãe dele sabe sobre a origem do dinheiro, afinal ela mesma teria feito trabalho sexual quando jovem. Dona Veridiana é evangélica neopentecostal. Ambos, Dona Veridiana e Robinho, silenciam sobre o trabalho sexual diante dos *irmãos de fé*. Robinho acompanha Dona Veridiana em alguns rituais religiosos. Ela sugere que a ascensão do filho diz respeito a ele ser *um homem de bem, batalhador e abençoado por Deus*.

A categoria *batalhador* me chamou a atenção. Robinho também a usava e o fazia para justificar sua ascensão e a de outros amigos, mesmo que a ascensão fosse sustentada, por exemplo, pela venda de substâncias psicotrópicas. A sugestão que ele fazia é que *batalhador*

¹¹¹ O agronegócio já deixou de ser apenas uma forma de gestão econômica. Hoje pode-se falar de uma “sociedade do agronegócio” que, por certo, não se estrutura em um vazio cultural. Segundo Gustavo Meyer e Cleyton Gerhardt (2024), há sociabilidades, moralidades e hierarquias constituídas enquanto regularidades sociais que o estruturam. Os autores exploram os traços sociais que marcam quem habita tal sociedade.

seria aquele que conseguia algum tipo de ascensão social depois de muito sacrifício. Havia uma centralidade do trabalho nessa concepção. De qualquer tipo de trabalho. O sociólogo Jessé Souza (2010) problematiza a categoria “batalhadores” no contexto brasileiro contemporâneo.

Entendo que a concepção de Robinho sobre *batalhador* e a análise do sociólogo convergem. E, mais que isso, penso que essa categoria poderia ser aplicada a outros interlocutores dessa pesquisa que defendem o trabalho sexual como trabalho e que a *batalha* árdua é que poderia garantir algum tipo de *conquista de uma vida melhor*. Souza (2010), ao burilar essa categoria, problematiza privilégios, desigualdades sociais duráveis e dimensões simbólicas como fundamentais para entender a reprodução das classes sociais.

Os *batalhadores* podem ser empreendedores de diversos tipos, até assalariados da pequena e média indústria, do comércio, dos serviços. No entanto, a distância entre patrão e empregado, no caso dos *batalhadores*, é quase nula. Eles são constituídos pelas mesmas marcas de classe. Pertencem a um mesmo universo simbólico de relações sociais. Partilham visões de mundo que, quando não são as mesmas, são muito próximas, tal como é próximo o jeito de gestão de seus mundos.

Dona Veridiana, a mãe de Robinho, reconhece o filho como *batalhador* e *abençoado por Deus*, o que o faria um *vencedor*. Há aqui uma outra dimensão central apontada por Jessé Souza que caracterizaria os *batalhadores*. No mundo do batalhador, a religião – e se falarmos das periferias dos grandes centros urbanos do Brasil, essa religião é materializada pelas igrejas neopentecostais – é uma dimensão que não pode ser subjugada. O poder da religião influenciando a vida dos *batalhadores* é evocado por meio de trajetórias exemplares, que valorizam o trabalho árduo, solidariedade familiar, na busca da tal *vida melhor*. Esses elementos aparecem em Robinho. Esses elementos aparecem em alguns interlocutores. O que é preciso maquiagem é a modalidade de trabalho arduamente desempenhado pelo *batalhador* em questão: trabalho sexual e venda de drogas, por exemplo.

As histórias de sucesso de alguns *batalhadores* que, ao projetar o futuro, alcançaram os objetivos pode sinalizar pode dar pistas de que não há adversidades, insucessos, fracassos. E quem não consegue? E o *batalhador* que “deu errado”, mesmo *batalhando* muito? Havia um interlocutor que retornara e se enquadrava nesse perfil. Foi assim que saí do Nordeste e rumei para o Sudeste, onde finalizei o trabalho de campo no Brasil. Ali reencontrei Matheuzinho (23 anos). Nosso reencontro seria em Ipatinga e Governador Valadares, cidades do interior de Minas Gerais. No entanto, eu fui infectado pela Covid-19 em dezembro de 2022. Precisei ficar em isolamento em Belo Horizonte. Matheuzinho foi ao meu encontro na capital mineira. Depois de mais de dois anos de pandemia, lá estávamos nós com máscaras, luvas, distanciamento,

janelas abertas, nos reencontrando em um quarto de um velho hotel do centro da cidade. Assim que eu negativasse o vírus, eu iria ter com ele na sua cidade.

Dias depois, ao chegar a Ipatinga, recuperado da Covid, contatei Matheuzinho. Quando estivemos juntos em Belo Horizonte, eu já notara que Matheuzinho estava bem magro, parecia doente e triste. Além de ser cuidador de idosos, de fazer *programas* em condições precárias, ele me contou que voltou a consumir drogas e, para equilibrar as contas, também passou a vender algumas substâncias. Havia, portanto, uma semelhança de situações em relação ao tempo que ele vivera em Portugal. O contexto era muito diferente, mas os lugares ocupados por ele eram sensivelmente parecidos.

7.2. Economia moral: o processo de “lavagem” do dinheiro do trabalho sexual

Na expectativa de perceber quais percursos o dinheiro atravessava, busquei inspiração nos trabalhos de Gabriel Feltran (2019), no âmbito das economias (i)legais no Brasil, ao mostrar as complexidades e diferentes nuances dos caminhos estabelecidos pelo dinheiro e/ou dos bens roubados/furtados. Na esteira dessas reflexões, e de uma gama de outras pesquisas, como as de Alba Zaluar (1985), Michel Misse (2002), Fernando Rabossi (2011), Daniel Hirata (2018), é possível entender as intrincadas relações do dinheiro com as fronteiras do legal/ilegal/lícito/ilícito, da sujeira e da limpeza, da moralidade e da imoralidade.

Nesse sentido, o dinheiro do trabalho sexual, por exemplo, moralmente rejeitado, pode ser *lavado* e, em alguns acasos, até *santificado* na forma de ofertas em igrejas neopentecostais; ou pode se tornar mais valia em uma fazenda de um pecuarista bolsonarista; além de comprar ações da Petrobras na Bolsa de Valores. O dinheiro do trabalho sexual, quem sabe, pode aproximar famílias, realizar o sonho da casa própria, mudar destinos e ser agente determinante na construção de futuro e esperança onde isso pouco parecia possível.

Penso ser oportuno refletir sobre o que estou chamando de uma “lavagem moral do dinheiro do trabalho sexual”. Para tanto, preciso fazer uma rápida digressão sobre o conceito de “economia moral”. Esse conceito é atribuído ao historiador inglês Edward Palmer Thompson. Ele aparece pela primeira vez, muito rapidamente, em seu livro *A formação da classe operária inglesa* (1963). O conceito foi trabalhado com maior vagar no livro *A economia moral da multidão inglesa no século XVIII* (1971).

Em ambas as reflexões, Thompson buscava compreender os movimentos de rebelião de grupos sociais específicos dentro dos contextos em que surgiam. No século XVIII, os chamados “motins da fome” foram interpretados pelo historiador como expressões de uma economia

moral dos pobres. Estes movimentos eram entendidos como ações políticas e formas de protesto popular diretas, disciplinadas e com objetivos claros, ou seja, buscando o bem-estar comum (Melo Júnior, 2020). Assim como lembra Michel Merrill (2014), os “motins da fome” eram mais do que simples protestos por comida.

Thompson explica que a economia descreve confrontos que ocorrem nos mercados relacionados ao acesso a necessidades básicas, especialmente alimentos. Ele observa que não se trata apenas de um conjunto de crenças e práticas associadas à distribuição de alimentos em tempos de escassez que podem ser agrupadas sob esse termo, mas também das emoções intensas geradas pela fome, das exigências feitas pelo povo às autoridades durante crises desse tipo, da raiva provocada pela fome e da busca por lucro em situações emergenciais que envolvem salvar vidas. Todos esses componentes juntos conferem um caráter moral específico ao protesto durante esses eventos. Assim, ele propõe que esse conjunto de elementos seja chamado de economia moral.

Didier Fassin (2019) demonstra como Thompson almejava ir além da simples categorização da classe trabalhadora, interessando-se pelo seu processo de subjetivação. Para ele, as revoltas não eram apenas motivadas pela fome, mas também pela violação de padrões morais, como o desrespeito a direitos e obrigações. Mais claramente: quando compromissos combinados não foram cumpridos. Em outras palavras, não se tratava apenas dos contornos de uma economia política em que o mercado ditava as regras; havia também uma economia moral que estabelecia outras formas possíveis de interação. Essa economia moral, além de envolver bens e serviços, era também um sistema de normas e obrigações que promovia princípios de vida digna, justiça e respeito. Portanto, a economia seria considerada moral quando baseada em legitimidade tradicional.

Devido aos diversos desdobramentos pelos quais o conceito passou, Thompson revisitou-o nos anos 1990 e explicou, em *A economia moral revisitada* (1991), que as multidões reconheciam a importância dos mercados, porém exigiam que estes fossem éticos. Em outras palavras, conforme salientado por Merrill (2014), a economia moral postulava que os pobres, ao menos, fossem providos de alimento. Portanto, segundo a perspectiva de David Hesmondhalgh (2021), os valores morais moldam certos arranjos e instituições econômicas, oferecendo uma avaliação fundamentada sobre eles. Ou, como defende Celso Gestermeier do Nascimento (2013), a economia moral implica em padrões de comportamento.

O cientista político estadunidense James C. Scott (1976) fez interessantes reflexões a partir do conceito de economia moral. Ele o utilizou para pensar sobre formas de resistência e rebelião entre camponeses do então chamado terceiro mundo, atentando à situação no sudeste asiático.

Para Scott a economia moral é um sistema de valores subjacente à expressão das emoções. E as emoções não estão separadas de valores e normas. Nesse sentido, a economia moral diz respeito à sociedade e seus mundos sociais, com suas recorrentes instabilidades, tensões e contradições.

Como pondera Nascimento (2013), em Scott a economia moral está no campo da justiça social e da reciprocidade. Quer dizer, ela constitui-se de uma série de entendimentos mútuos no sentido de preservar a segurança, os direitos morais, o direito à subsistência. É assim que Samuel Bowles (2016) compreende que as economias morais se referem a formas que determinadas comunidades organizam, negociam e interpretam valores (éticos e morais) que se relacionam às práticas econômicas. De forma mais objetiva, poderia concluir que economia moral constituiria uma sistema de valores que orienta a gestão econômica em um dado grupo social.

Nos anos de 1990, o conceito ganha outros sentidos. A historiadora Lorraine Daston (1995) interpreta a economia moral como uma rede de valores e afetos incorporada no trabalho científico e em outros âmbitos da vida social. Ou seja, a rede de valores proposta por Daston estaria saturada de afetos que existem e funcionam em relação uns com os outros. A dimensão moral destacada pela historiadora constituiria uma economia na medida em que dissesse respeito ao ordenamento de regularidades e regras. Como pondera Didier Fassin (2019), à luz de Daston, a economia moral será considerada como a produção, distribuição, circulação e uso de sentimentos morais, emoções e valores, normas e obrigações no espaço social. E, segundo Fassin, “uma vez que parte das relações sociais, a moralidade também é um assunto político” (2019, p. 49).

Esse deslocamento analítico do conceito, proposto por Lorraine Daston, é o elo que articula o debate que aspiro fazer no sentido de uma “lavagem moral do dinheiro do trabalho sexual”. Esse processo de supostamente “limpar” o dinheiro “sujo” é parte, em minha ótica, de uma economia moral. Há um ordenamento de regularidades e regras para empreender esse movimento. Ele é pensado. Ele é articulado. Ele é minuciosamente operacionalizado. Os discursos são controlados. As ações são estrategicamente negociadas entre pessoas de confiança e levadas a cabo em setores distanciados do “negócio do desejo”. Há o suposto das brechas, por onde isso escapa e onde, em tese, alguma ponta desse novelo fugiria ao controle dos interlocutores. No entanto, as táticas e as estratégias, ainda que não intencionais por ventura, parecem ser estabelecidas a partir de uma economia moral que é também social e política ao mesmo tempo.

Desde as reflexões de Max Weber (1999), ainda que ele não tenha cunhado explicitamente a expressão economia moral, o debate já estava posto. Os valores influenciariam as atividades econômicas e conformariam as instituições que regulariam a burocracia. A economia moral configura valores como confiança, reciprocidade e cooperação que seriam essenciais para a estabilidade e desenvolvimento das comunidades. Aliás, Marcel Mauss (2003) explorara a relação entre trocas econômicas e obrigações sociais, algo completamente relacionado à economia moral.

Também é de se destacar que, embora Michel Foucault não tenha explorado explicitamente o conceito de economia moral, ele abordou temas relacionados à moralidade, ética e poder que são pertinentes para a compreensão das dinâmicas sociais e políticas que moldam as práticas de uma economia. Foucault (2008, 2008a) investigou como o poder opera por meio de técnicas de governo e dispositivos de controle que regulam as condutas individuais e coletivas.

Suas análises sobre biopolítica e governamentalidade sugerem que há uma economia que constitui sistemas de normas, disciplinas e valores que definem o que é considerado legítimo e desejável em uma sociedade. Penso que a economia moral opera nesse sentido. Por isso, me parece tão central aos interlocutores buscar limpar moralmente o dinheiro do trabalho sexual e que o façam, primeiramente, a partir da aquisição da casa própria. Além disso, Foucault (1999) investigou como as práticas discursivas constituem subjetividades, formando sensibilidades para perceber e se relacionar com o mundo ao redor. As análises foucaultianas sobre a produção de verdades e discursos morais me sugerem *insights* para refletir acerca da economia moral.

É interessante notar que Michel Foucault abordou a noção de economia em seus trabalhos de maneiras diversas, muitas vezes dentro do contexto mais amplo de suas análises sobre poder, saber e práticas sociais. Foucault não tratou especificamente da economia como um campo disciplinar convencional, mas sim explorou as formas como as relações de poder e as práticas de governança moldam as atividades econômicas e as configurações institucionais. Por exemplo, ele percebe a economia como um regime de verdade (Foucault, 2014a).

O autor argumentou que o poder opera por meio da produção de regimes de verdade, ou seja, sistemas de conhecimento e práticas discursivas que estabelecem o que é considerado verdadeiro e legítimo em uma determinada época e contexto. No caso das economias do corpo e do sexo (Foucault, 2017), ele examinou como elas são construídas e reguladas por instituições sociais e discursos de poder. Ele argumentou que o corpo é objeto de investimentos variados e que as práticas disciplinares buscam o controlar e normalizar em nome de certos objetivos. Eis uma economia que pode ser lida como moral.

Estou refletindo sobre economia moral para além de uma alocação de recursos, produção ou distribuição ora de bens, ora de serviços, ora de ambos. Interessa-me aqui pensar a economia moral como dimensões em que as relações de poder e de conhecimento se manifestam no intuito de ressignificar condutas, práticas, relações que seriam alvo de algum possível constrangimento. Assim, a estratégia de “lavagem moral do dinheiro do trabalho sexual”, metamorfoseado – por exemplo – na casa própria, configura-se como um elemento de economia moral no sentido que a parte da *batalha* no trabalho sexual é ressignificada, ocultada, ou apenas encoberta – em alguns casos – na forma de *bençãos de Deus* que fizeram determinado interlocutor um *vencedor*.

7.3. Quando há a frustração do *sonho europeu*

A minha apropriação da ideia de economia moral não reside apenas no processo de “lavagem moral do dinheiro do trabalho sexual”, mas em todas as venturas e desventuras que esse envolvimento exige. O processo de lavagem moral é uma parte dela. Portanto, é também parte da economia moral desses sujeitos as tragédias, os insucessos, as adversidades e as frustrações. Matheuzinho, por exemplo, volta ao Brasil e vive em condições de pobreza, com emprego precário, em situação muito complicada, de quase vulnerabilidade sócioeconômica. No entanto, o seu cenário de infortúnios se construiu na Europa. E aprofundar um pouco alguns pontos anteriormente tratados, pode ser relevante para ilustrar, com mais vagar, esse outro lado da economia moral envolvida no trabalho sexual.

Para Matheuzinho *deu tudo errado* na Europa. Era assim que ele costumava se referir aos anos que passou em Portugal. No projeto migratório há uma série de desafios e de dificuldades enfrentados por todos aqueles se aventuram nele. O périplo de Matheuzinho rumo a Portugal, não teria sido diferente. É comum aos brasileiros em Portugal, por exemplo, enfrentarem barreiras burocráticas (Oliveira, 2006). Ainda que o processo de regularização documental seja menos complexo para brasileiros, a obtenção do visto, as autorizações de residência, bem como todos os demais documentos ensejam um trâmite demorado e, ainda assim, complexo (Costa, 2006). O “tempo dos documentos” costuma causar frustração e dificulta que *o cara fique legal no país*. *É um medo atrás do outro*, dizia Matheuzinho.

Como dito antes, e esse era também o caso de Matheuzinho, as condições socioeconômicas são fatores significativos no âmbito dos processos migratórios. Ele *estava na pior* quando emigrou do Brasil. No entanto, o mercado de trabalho em Portugal, conforme lembram João Peixoto e Alexandra Figueiredo (2006), não são exatamente receptivos aos recém-chegados.

Se, por um lado, os brasileiros migram na expectativa de melhores oportunidades econômicas, as condições desejadas nem sempre se apresentam. Não são raras as vezes que os recém-chegados devem contentar-se com colocações no subemprego e com postos de trabalho muito abaixo de sua formação e/ou capacidades. Esse foi o caso de Matheuzinho. Vê-se um mercado de trabalho competitivo, com oportunidades de emprego limitadas e baixos salários.

O interlocutor ainda lembra da discriminação e da xenofobia. Aliás, Matheuzinho experimentou uma gama de estereótipos e o encarceramento simbólico associados aos brasileiros (Machado, 2006), o que lhe negava oportunidades de colocação que ele percebia como melhores, para além do trabalho sexual. A discriminação e a xenofobia com imigrantes não é uma particularidade de Portugal em relação aos brasileiros, essa é uma situação corrente em diversos países do mundo. No entanto, a relação secular entre Portugal e Brasil torna esse processo especialmente violento e, ao mesmo tempo, sutil, estrutural em todos os âmbitos da vida social. Isso impede/dificulta o processo de integração.

Matheuzinho reclamava constantemente do alto custo de vida em Lisboa frente aos ganhos que tinha. Isso se mostrava complicado especialmente no que diz respeito à habitação. O custo elevado das rendas (aluguéis) é uma recorrência nas reflexões sobre o processo migratório na cidade (Frangella, 2013) sobretudo na última década. Ainda que cidades “mais baratas” que muitas outras do continente, Lisboa e Porto observaram uma subida vertiginosa do custo de vida que pode representar um desafio para os migrantes que buscam estabilidade financeira e melhores condições de vida. Tal impacto é mais relevante, sem dúvidas, nos primeiros momentos, quando ainda se está em processo de adaptação ao novo país e se está, igualmente, refém de oportunidades de trabalho que estão longe de serem as melhores.

O processo de adaptação e integração cultural não deve ser negligenciado. José Carlos Marques e Pedro Góis (2015) contam como ele pode ser custoso para alguns imigrantes, ainda que partilhem a mesma língua (mesmo com variações) e/ou elementos culturais, como é o caso de Portugal e Brasil. Há, pois, a partir dessas “barreiras” desafios no processo de integração cultural. Há todo um estilo de vida que, nos primeiros momentos, é muito difícil de ser incorporado em sua completude, no tempo que as relações sociais exigem. Isso é mais desafiador ainda para pessoas que, como Matheuzinho, foram para a Europa sem qualquer pessoa de seu núcleo familiar e totalmente dependentes de um namorado, ou seja, sem qualquer rede de apoio social e familiar.

Esses desafios e dificuldades, em alguns casos, levam ao fracasso do processo migratório. Eles marcam essa travessia com frustração e insucesso. No caso de Matheuzinho, *tinha tudo para dar errado e deu*, repetia ele. Ainda assim, é preciso pontuar que as experiências das

peças migrantes são diferentes, os contextos são diversos, e os desdobramentos os mais possíveis. Dessa forma, nem todas as pessoas que migram passam pelo que meu interlocutor passou. Aliás, aqui mesmo na tese, estou empenhado em mostrar um pouco dessas diferentes faces do processo. Ainda assim, compreender e destacar tais infortúnios parece relevante no sentido de não romantizar as mobilidades transnacionais como processos exitosos em si.

A sequência de *rolés errados*, expressão que Matheuzinho repetia aos borbotões, teria começado antes mesmo da viagem para o país Europeu. O interlocutor considera ter sido traficado pelo namorado, abandonado durante a Covid-19 e explorado por uma família portuguesa, conforme apresentei rapidamente no Capítulo III. Penso que é importante destacar algumas questões sobre o crime de tráfico de pessoas. Tal crime é complexo e multifacetado. Ele pode ser caracterizado a partir de diferentes formas que envolvem recrutamento, transporte, transferência, alojamento ou recebimento de pessoas. Essa modalidade de tráfico se faz por meio de coerção, engano, abuso de poder e outras estratégias que levam à exploração das pessoas traficadas (Clemente e Varela, 2023; Lowenkron, 2023)¹¹².

O tráfico de pessoas nem sempre se faz para fins de exploração sexual. Pessoas são traficadas para diferentes fins, por exemplo: trabalho forçado, exploração sexual, servidão doméstica, entre outros. Portanto, é preciso diferenciar tráfico de pessoas, exploração sexual e trabalho sexual. Muitas vezes, especialmente entre a militância abolicionista em relação ao trabalho sexual, tomam-se essas três dimensões, muito diferentes entre si, como uma coisa só, no intuito de confundir a opinião pública e angariar apoio à abolição do trabalho sexual (Piscitelli, 2023; Sacramento, 2022).

Portanto, são diversos os fatores que podem vir a contribuir para o tráfico de pessoas. Tal diversidade de fatores pode incluir pobreza extrema, conflitos políticos, guerras, vulnerabilidade de gênero, migração forçada, empregos precários, defasagem educacional. Esses temas repetem-se em diferentes contextos nacionais, associados como causas e fatores de risco do tráfico de pessoas (Bales, 2007; Kara, 2010; Gallagher, 2010). Esses fatores podem resultar em diferentes tipos de exploração, tais como o trabalho forçado no âmbito doméstico, na construção civil, nos mercados sexuais, no ramo têxtil, na agricultura. É importante lembrar

¹¹² Conforme o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças, o chamado Protocolo de Palermo (2000), em seu Artigo 3º, as Nações Unidas definem o tráfico de pessoas como “o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coerção, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra, para fins de exploração”.

que o tráfico de pessoas pode alimentar as máfias da adoção ilegal internacional, da indústria de casamentos forçados e da venda de órgãos humanos. Tudo isso é muito diferente do trabalho sexual, guardando com ele pouca ou nenhuma relação (Shelley, 2010; Goodey, 2004; Parreñas, 2001).

Muito do que aqui fora apresentado, era recorrente na fala de Matheuzinho. Afinal, o tráfico impacta profundamente as pessoas tanto física, psicológica quanto socialmente. As vítimas relatam diferentes tipos de traumas, violências, estigmatizações (Padovani, 2023). Nesse sentido, Matheuzinho lembra que sua *desgraça* teria começado quando ele vivia no interior de Minas Gerais e conheceu um garoto da cidade vizinha. Juntos foram tentar a vida em Belo Horizonte. Na capital mineira descobriram o trabalho sexual nas ruas da cidade. Logo se aventuraram juntos em Vitória e no Rio de Janeiro. O garoto da cidade vizinha tornou-se namorado e logo começou a almejar voos maiores, como ir para a Europa, algo muito comum nas cidades de Ipatinga e Governador Valadares, origem dos dois.

É importante pontuar, a partir de Sueli Siqueira (2011), que os processos de migrações internacionais na região de Governador Valadares e Ipatinga tiveram início nos anos de 1960. Inicialmente a rota tinha como destino privilegiado os Estados Unidos. Segundo a autora, “17 jovens da cidade, entre 18 a 27 anos, emigraram para aquele país com visto de trabalho. Pertenciam às famílias da elite, falavam inglês e a principal motivação era o desejo de conhecer um país que consideravam desenvolvido e cheio de grandes oportunidades” (2011, p.435). Siqueira classifica esse movimento como aquele que teria desencadeado um fluxo migratório de pessoas da região para o exterior.

A mobilidade dos jovens da elite local foi classificada como bem sucedida. Os Estados Unidos, como a terra das oportunidades, era um elemento que mobilizava sonhos. Formou-se uma rede de informações sobre todos os meandros de um processo migratório que quisesse ser bem sucedido. O Brasil mergulhava na ditadura militar e em uma crise econômica, portanto, um cenário aterrador. Todos esses elementos criaram o contexto adequado para a constituição de um *boom* de emigrantes da região, sobretudo nos anos de 1980, quando os países de destino diversificam, colocando Canadá, Portugal, Espanha, Inglaterra e Itália como destinos privilegiados (Siqueira, 2011).

Portanto, os movimentos empreendidos por Matheuzinho e seu namorado foram capítulos mais recentes dessa história que começara na década de 1960. O namorado de Matheuzinho foi primeiro. Meu interlocutor seguiu trabalhando com sexo entre Belo Horizonte, Vitória e Rio de Janeiro. Não tardou muito, no entanto, e ele rumou para Portugal para encontrar o namorado. *Afinal, estava tudo acertado para eu trabalhar nos sites com ele e eu ia morar em uma praça*

no Porto, me contou Matheuzinho. No entanto, os caminhos não foram exatamente assim. Ao chegar a Portugal, ele passou a trabalhar *para* o namorado, que operou como uma espécie de *chulo* (cafetão), ficando com boa parte dos lucros do trabalho exercido por Matheuzinho. Além disso, a relação que era de parceria no Brasil, ficou cada vez mais abusiva em Portugal, inclusive envolvendo o confisco de sua documentação. No país, o namorado tinha uma rede de relações e meu interlocutor não conhecia ninguém.

Ainda que haja um esforço de apresentar os distanciamentos existentes entre o trabalho sexual e a exploração sexual, Adriana Piscitelli (2008), Alexandra Oliveira (2004), Bernardo Coelho (2009), entre outros, mostram como há recorrência de situações que configuram algum tipo de exploração sobre as pessoas que fazem trabalho em determinados contextos. Os *chulos*, as *donas dos pontos*, a *polícia corrupta*, as *máfias*. Em diferentes situações esses agentes se fazem presentes. Tal presença parece ser muito mais significativa no âmbito do trabalho sexual de mulheres cis e trans.

É preciso, no entanto, desafiar e problematizar as argumentações simplistas que associam automaticamente o trabalho sexual à exploração e ao controle por parte de máfias ou redes criminosas. Sem com isso ignorar a existência e atuação dessas organizações, por vez mais, por vez menos estruturadas (Agustín, 2007; Doezema, 2005). No caso que envolveu Matheuzinho a organização parecia mais precária, mas ainda assim traumatizante. A exploração, coerção, controle da atividade, tráfico humano, extorsão, exercício forçado do trabalho sexual e execução desse trabalho em condições precárias são formas utilizadas por máfias e outros grupos criminosos contra as pessoas que são por eles aliciadas (Anderson, Davidson, 2002; Bernstein, 2008).

No caso de Matheuzinho, o contexto de exploração e violência desdobrou-se no fim do namoro, na perda de trabalhos que estavam vinculados a contatos do namorado e na rápida queda dos rendimentos. Assim, ele foi procurar uma família amiga do namorado e passou a viver com eles. Lá também teria havido uma série de abusos e confisco de documentação outra vez, o que fez com que Matheuzinho ficasse na dependência dessa família, que funcionara como um arremedo de uma “máfia familiar”. É bom lembrar que, naquela altura, ele já estava irregular em termos de documentação consular, pois o período do visto de turista já havia vencido¹¹³.

O dono da casa em que ele vivia trabalhava com obras e levou Matheuzinho para trabalhar com ele. Parte dos valores semanais recebidos já ficava com o dono da casa, restando a Matheuzinho uma parte ínfima. Era nítida, segundo ele, a exploração que vivia. Com a

¹¹³ Sobre brasileiros indocumentados em Portugal, ver Sergio Oliveira (2006).

deflagração da pandemia, as obras pararam. O homem, dono da casa, ficou sem emprego, Matheuzinho também. O subsídio governamental recebido pela família era insuficiente para as despesas de todo mundo. Matheuzinho não era alguém da família e não tinha mais como pagar o aluguel.

Foi assim que ele voltou ao trabalho sexual, ainda que precário e arriscado, durante a pandemia. O trabalho sexual conseguiu garantir-lhe algum dinheiro. Esse dinheiro, outra vez, ia para a família com quem ele morava e que estava de posse de seus documentos brasileiros. Ele vivia sob a ameaça de ser denunciado às autoridades consulares portuguesas, caso não repassasse, quase integralmente, o dinheiro recebido. Essa situação persistiu até o dia que conseguiu recuperar seus documentos, depois de revirar a casa inteira quando nela ficou sozinho. Fugiu do Porto e foi para Lisboa praticamente com a roupa do corpo e sem qualquer dinheiro. Sem um teto para ficar. Recorreu a organizações não-governamentais e serviços de saúde. Foi ajudado. Sentia-se muito fraco, percebia-se emagrecendo. Julgava que estava exausto em vista da série de reveses pela qual estava passando. Era mais que isso. Descobriu-se com HIV.

O mundo de Matheuzinho parecia em desabamento. Foi ajudado pelas associações comunitárias. Iniciou o tratamento contra o vírus e tornou-se indetectável. Dividiu casa com outros três brasileiros na região do Cacém e arrumou um emprego cuidando de idosos em um lar¹¹⁴. Dividia-se entre o trabalho no lar e o trabalho sexual. Ele precisava pagar contas no Brasil, que estavam mais que vencidas, mas que ele não tinha qualquer condição de quitar. Seu empenho era para pagar as contas e conseguir comprar uma passagem de volta para Minas Gerais. Já eram quase três anos de agruras em Portugal e ele estava exausto. Queria voltar pra casa e esquecer tudo o que havia vivido ali.

Em maio de 2022 ele conseguiu reunir dinheiro para voltar ao Brasil. As contas no Brasil ainda não estavam totalmente pagas, mas ele pensava que estando no país poderia fazê-lo a medida que conseguisse trabalho. A prioridade era voltar. Voltou sem o namorado, voltou com HIV, voltou sem dinheiro, voltou com o *sonho europeu* completamente frustrado. *Voltei com uma mão na frente e a outra atrás, mas voltei vivo. O que interessa é que eu voltei.* A grande vitória de Matheuzinho foi conseguir voltar. Voltou para a casa dos pais. Boa parte dos perrengues sofridos foram suprimidos nas histórias contadas aos amigos, familiares e conhecidos. Ele tentava *dourar* um tempo completamente *nebuloso*.

¹¹⁴ Sobre os brasileiros vivendo na região do Cacém, na grande Lisboa, ver Paula Togni (2019).

7.4. O sonho da casa própria e outros investimentos

Há um elemento recorrente entre os diferentes interlocutores. Para além de pagar as despesas com a viagem para a Europa, pois alguns endividaram-se para isso, a compra de imóveis para si ou para os pais parece ser a principal forma de investimento. Conseguir adquirir imóveis representaria um primeiro passo na conquista do *sonho europeu* e configura-se como um elemento recorrente de “lavagem moral do dinheiro do trabalho sexual” e, dessa forma, elemento importante na configuração da economia moral. Não penso que seria exagero dizer que realizar o *sonho europeu* passaria, quase que obrigatoriamente, por adquirir um imóvel no Brasil. A compra desse imóvel seria uma afiança de que o trabalho na Europa *teria dado certo e teria valido a pena*. O imóvel funcionava como a prova material, além de *uma segurança para a vida toda*.

Havia mais que essa prova de sucesso. Como dito, a compra da casa própria era uma forma muito eficiente de limpar moralmente o dinheiro do trabalho sexual. Essa era uma estratégia amplamente utilizada por meus interlocutores. Os esforços empreendidos no sentido de investir em áreas completamente distintas do trabalho sexual eram recorrentemente acionados. Não se buscava qualquer associação entre os investimentos no Brasil e o trabalho sexual da Europa. Inclusive, o trabalho sexual exercido na Europa era de conhecimento restrito nas redes de relações por onde eles circulavam. Havia certo controle sobre essa informação, ou sobre essa parte da história que envolvia a conquista ou o fracasso do *sonho europeu*.

No Brasil a aquisição da casa própria é recoberta por muitas camadas. As desigualdades estruturais que edificaram o país e lhe são tão características emprestam uma importância singular a esse bem material que é “sonho de todos” e “realidade de poucos”. Adquirir a casa própria é mais que comprar um espaço físico, ou um lugar concreto. No país, essa aquisição é simbólica no que diz respeito a *status* e pertencimento social. Trata-se, sobretudo para as camadas populares e médias, um marco na trajetória individual e familiar. Fala sobre estabilidade, conquista coletiva, identidade do clã: *é a casa da família tal, a casa da família do fulano*. A casa própria torna-se um sujeito (Gripa, 2020).

Possuir uma casa informa que as pessoas podem estabelecer raízes e criar vínculos emocionais com a comunidade e o território ao seu redor. Em muitas culturas, a conquista da casa própria é vista como um símbolo de ascensão econômica, reforçando a autoestima e o prestígio social das pessoas. A posse de uma residência oferece uma sensação de segurança em relação ao futuro. Não por acaso, os primeiros dinheiros acumulados pelos interlocutores foram para realizar o sonho da casa própria. Casa própria para os pais, quando esses não tinham, e

depois para eles mesmos. Apesar de todos os contratempos na Europa, dos desafios enfrentados, das experiências por vezes negativas, se foi possível comprar a casa própria, a empreitada teria valido a pena. Talvez por isso eles tinham tanto entusiasmo em me mostrar a casa própria adquirida pós-trabalho sexual.

Acima, eu falei sobre os gastos de Yuri *aproveitando a vida*. Pois bem, depois de passada a fase da euforia e do deslumbramento com os ganhos rápidos oriundos do trabalho sexual, começara a enviar remessas de dinheiro ao Brasil para a reforma de uma casa, fruto de herança familiar. *Esta casa está vazia. Eu fui lá ver e estava com mofo. O mato estava alto, está muito zoadada. Então eu quero derrubar aquela casa e fazer uma outra coisa lá.* Para dar conta dessa empreitada, ele está juntando dinheiro a fim de conseguir efetivar a nova construção, que pensa em alugar pelo período que ainda permanecer na Europa. Sua ideia é dividir o terreno em Curitiba, onde fica a casa, e conseguir construir, pelo menos, dois imóveis: *agora eu to investindo no Brasil. Antes da pandemia, eu mandava 1000 euros ao Brasil, que me sobrava. Agora, depois da pandemia, voltei a mandar os 1000 euros.*

Quem também investiu em imóveis foi Renato Araguaia. O apartamento que ele me hospedou em Palmas fica próximo ao Shopping Capim Dourado, o mais antigo da cidade. O apartamento de Araguaia é para suas passagens por Palmas, já que ele não reside na cidade, mas no interior, na cidade em que nasceu. O apartamento fora comprado com dinheiro do trabalho sexual (programas com clientes e vídeos monetizados na internet). Quando Renato não está no apartamento, ele fica locado para *AirB&B*. Um apartamento muito bem decorado, no décimo segundo andar de um prédio novo. Ele me disse que o imóvel está quitado e tem pouco mais de 70m² e dois dormitórios¹¹⁵.

Renato Araguaia também tem imóveis no interior do estado. Em uma cidade chamada Lagoa da Confusão, a uns 160 quilômetros distante da capital, pude conhecer outros desses investimentos. Lagoa da Confusão é uma cidade muito pequena, contando com uma população de pouco mais de 15 mil habitantes, segundo o censo de 2022 (IBGE, 2024). Na cidade, que tem a lagoa homônima por centro, há duas casas de aluguel de Renato Araguaia. Uma estava recém reformada e ainda não alugada. Fomos para essa casa. Dois amigos de Renato Araguaia nos esperavam na casa. Eles eram de Palmas e tinham ido para a cidade dois dias antes. A casa

¹¹⁵ AirB&B é uma plataforma online que facilita a locação de acomodações de curto prazo entre particulares. Fundada em 2008, AirB&B permite que pessoas ao redor do mundo ofereçam suas residências, quartos extras, apartamentos ou outras propriedades para aluguel temporário para viajantes. A plataforma opera através de um site e de um aplicativo móvel, conectando proprietários de imóveis (anfitriões) com viajantes (hóspedes), fornecendo uma alternativa aos hotéis tradicionais. Os usuários podem pesquisar e reservar acomodações com base em diferentes critérios, como localização, preço e comodidades oferecidas. O modelo de negócios da AirB&B envolve uma taxa de serviço cobrada tanto dos anfitriões quanto dos hóspedes por cada reserva concluída.

de Araguaia é uma casa ampla, às margens da lagoa, em algo que poderia ser chamado de orla. A casa tinha piscina e três quartos, além de um quinta com churrasqueira.

A maior parte de meus interlocutores retornados ao Brasil, investiu em sua cidade de origem, ou em cidades próximas a sua cidade de origem, junto a uma rede de relações que os conhece desde tenra idade. Essas cidades, via de regra, não são as capitais dos estados, ainda que alguns deles tenham investimentos nas capitais. Ou tenham a intenção de tê-los. As cidades de origem, ou o bairro onde cresceram, junto a amigos e parentes, tem sido o local escolhido para investir. Do ponto de vista da economia moral, isso é bastante significativo. Aquele lugar onde *todo mundo se conhece, onde tem muita fofoca, onde todo mundo cuida da vida de todo mundo*, se, por um lado, facilmente pode espalhar o boato do dinheiro oriundo do trabalho sexual, pode espalhar a notória homossexualidade de alguns deles, também pode se espalhar a informação sobre as conquistas a partir do “périplo europeu”.

Outro ponto que chama a atenção é a opção de alguns deles em residir fora das capitais, nas cidades de origem. Opta-se por residir onde cresceram (os casos de André, Renato Araguaia, Matheuzinho), em alguma medida também é o caso de Roy e Otto, ou mesmo de Robinho e sua ligação com a Federação. Quer dizer, fortalece-se o vínculo com as origens, mas a partir de um outro lugar social. Afinal, eles não moram nas capitais ou nos grandes centros urbanos, mas conseguem, com facilidade (pois dispõem de dinheiro), se deslocar para lá e retornar *modernos, europeus, cosmopolitas* para as *cidadezinhas*, ou para os *bairros* de onde saíram.

Roy, meu interlocutor que é engenheiro civil e vive atualmente em Goiânia, transformou o investimento em imóveis em um grande negócio. Em um dos dias que estivemos juntos em Goiânia, ele me disse para encontrá-lo em Trindade¹¹⁶, uma cidade próxima que vive do turismo religioso. Lá há o santuário do Divino Pai Eterno, a quem os fiéis atribuem milagres¹¹⁷. Roy foi levar a mãe e uma tia para o santuário. Encontrei os três no local. Eu fui de ônibus interurbano.

Ele deixou seus familiares no santuário e me levou até uma casinha antiga, daquelas rústicas e típicas do sertão. Era uma casinha branca, tão baixa que ele, um homem de quase dois metros de altura, precisava se curvar para entrar. Ele me disse: *eis o meu refúgio, Belchior*. A tal

¹¹⁶ Trindade conta com uma população ao redor de 142 mil habitantes (IBGE, 2022) e fica a 16km de Goiânia.

¹¹⁷ O Divino Pai Eterno é uma figura religiosa venerada principalmente na tradição católica brasileira, sendo objeto de devoção e culto por milhões de fiéis. Ele é visto como uma manifestação da Santíssima Trindade na figura do Pai, representando o aspecto paternal de Deus. A devoção ao Divino Pai Eterno tem origens nas tradições do cristianismo, mas ganhou destaque particular no Brasil, especialmente na região Centro-Oeste. O Santuário Basílica do Divino Pai Eterno fica localizado na cidade de Trindade, Goiás. Trata-se de um importante centro de peregrinação e fé. Os devotos do Divino Pai Eterno atribuem a ele poderes de proteção, cura e providência divina, recorrendo em momentos de dificuldades e aflições, bem como expressando gratidão por graças recebidas. O culto ao Divino Pai Eterno é marcado por festividades, novenas, procissões e outros rituais religiosos que fortalecem a fé dos fiéis e reforçam a sua devoção. Para saber mais sobre o tema, ver Karine Monteiro da Silva (2020).

casinha pertencera aos avós dele, que a perderam por dívidas e ela foi a leilão. Roy a arrematou no leilão. Isso antes de ir à falência em 2015. Recentemente ele restaurou e modernizou completamente o seu interior. Quer dizer, por fora ela é completamente rústica. Por dentro, toda moderna. Ele me disse que a casinha tem imenso valor sentimental e serve de refúgio quando ele quer se isolar do mundo. Um dos três quartos é uma espécie de escritório e há fotos dos tempos de Europa, com viagens, festas, recordações dos diferentes lugares visitados¹¹⁸.

Já Robinho, meu interlocutor de Salvador, comprou uma casa que fica no bairro da Federação, onde mora sua mãe e onde ele volta com alguma frequência. Por enquanto, ele ainda mora de aluguel, próximo à academia que é sócio, no Largo 2 de Julho. O apartamento em que Robinho mora, que ele pretende comprar, fica em um prédio antigo, mas reformado. Há dois símbolos da vitória de Robinho aos olhos dos amigos e vizinhos: ele ter comprado a casa para a mãe (uma casa de alvenaria, com dois andares, bem melhor que a casa de um pavimento e não acabada que eles moravam); e o fato dele ter se tornado sócio de uma academia e se mudado da Federação (ainda que para o 2 de Julho), aparecendo ali como visitante. Isso informa aos amigos e vizinhos sobre ascensão social via *batalha* no trabalho, algo que *todos almejam, mas poucos conseguem*, naquele grupo social, como me disse Robinho.

A ideia de ascensão social também aparece no investimento de André ao usar parte do dinheiro do trabalho sexual para comprar uma casa de dois andares no centro de Corumbá, na Rua Dom Aquino. Uma casa ampla, com piscina e um jardim. A casa precisou ser reformada, pois estava em más condições. Depois de reformada, ele a alugou e seguiu residindo com os pais. O interlocutor repensou o investimento que faria em um *pub*, afinal, segundo me contou, o mercado do entretenimento noturno em Corumbá era muito flutuante e ele poderia, rapidamente, perder todo o seu dinheiro. Segundo André, *aqui o pub vai abrir, vai ter muito gente, ele é novidade, dois meses depois não tem mais ninguém. To fora*. André preferiu investir na compra da casa e em sua reforma.

Na trajetória dos interlocutores que tive a oportunidade de acompanhar no retorno ao Brasil, a compra da casa própria fora uma prioridade, pois associava-se à estabilidade, segurança e status social. Em certo imaginário popular brasileiro, a conquista da casa própria é vista como um marco de sucesso e independência, especialmente entre as camadas de renda mais baixa. Ela é percebida como um símbolo de pertencimento e realização pessoal, refletindo a aspiração pela estabilidade e pelo reconhecimento social.

¹¹⁸ Otto, o outro interlocutor de Goiás, de quem conheci a irmã, possui um apartamento em Anápolis e um apartamento em Goiânia.

No entanto, alguns interlocutores acabaram por diversificar os investimentos no retorno ao Brasil depois da aquisição da casa própria. Eu gostaria de apresentar algumas dessas outras dimensões que canalizaram os recursos do trabalho sexual. Tal como na realização do sonho da casa própria, penso que na diversificação dos investimentos, também opera a economia moral cujo intuito é o processo de ressignificação do dinheiro, na expectativa de uma lavagem moral.

André, por exemplo, movimentou o dinheiro que seria aplicado no *pub* e o aplicou no banco. Ele faz retiradas anuais para pagar a faculdade de medicina na cidade boliviana que faz fronteira com Corumbá. *Eu economizo quase 20% pagando todo o ano de uma vez só, compensa demais.* Com o dinheiro do aluguel de sua casa, ele vive, ajuda nas despesas e, por enquanto, não está trabalhando, afinal o curso de medicina ocupa quase todo o seu dia.

Voltar a viver com os pais durante os estudos na Bolívia não tem sido complicado, afinal ele está mais velho e hoje está em casa numa outra condição. Os pais estão orgulhosos do filho que viajou pelos países da Europa, que viveu em Portugal, *trabalhou duro e conseguiu dinheiro para comprar uma casa e ainda vai ser doutor. É muito diferente de quando eu saí daqui.* Em uma das visitas ao Brasil, ele assumiu-se gay para a família. Houve alguns estranhamentos, mas ele logo voltou a Portugal e no outro ano, estava tudo quase pacificado. Esse não era o assunto favorito em casa, mas não havia qualquer violência em relação a ele. Aliás, esses interditos em relação à homossexualidade notória e assumida eram recorrentes nas falas de interlocutores de Corumbá, conforme percebi em pesquisa anteriormente realizada na região (Passamani, 2018).

A ideia de André, caso não seja aprovado na prova do Revalida¹¹⁹, depois de formado em medicina, é prestar provas semelhantes e em diferentes países de língua espanhola da América ou mesmo na Espanha, onde os processos de reconhecimento do diploma seriam menos “complicados”. Ele vê a faculdade como a possibilidade de ter um bom emprego. Muita gente da cidade faz o mesmo. Eu tive a clara impressão que ele reconhece as deficiências da faculdade que cursa, o que poderia comprometer a qualidade de sua formação, mas ele foi pragmático. Era ali que ele conseguiria aprovação e foi ali que ele investiu. Tais deficiências, me contou, ele tentará suprir estudando e se dedicando ao curso. Em um momento do trabalho de campo,

¹¹⁹ Em linhas bem gerais, pode-se dizer que o Revalida, abreviação para Exame Nacional de Revalidação de Diplomas Médicos Expedidos por Instituições de Educação Superior Estrangeiras, é um exame aplicado no Brasil com o objetivo de validar diplomas de médicos formados em instituições estrangeiras, permitindo que possam exercer a medicina no país. O processo de revalidação é necessário para garantir que esses profissionais atendam aos padrões exigidos pelo sistema de saúde brasileiro. O Revalida é administrado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e é composto por duas etapas: uma prova teórica, que avalia os conhecimentos médicos dos candidatos, e uma prova prática, que avalia as habilidades clínicas.

acompanhei André à faculdade. Ela, de fato, é bastante menos estruturada que as universidades do Brasil. André estava terminando o primeiro ano de medicina em 2022¹²⁰.

Quando andamos juntos pela cidade, ele fez questão de me levar a lugares caros de Corumbá. Fomos a uma pizzaria recém inaugurada, a um bar de chopp artesanal, a um pub/cervejaria LGBTfriendly. Como dito em pesquisas anteriores (Passamani, 2018), Corumbá não tinha um mercado de entretenimento específico e pujante para pessoas LGBT. Ainda que os contextos parecessem um pouco diferentes, a oferta de equipamentos direcionado a esse público ainda não existia. André me levou a lugares que eu mesmo não frequentaria e ele sabia que não eram lugares que me agradavam muito. Eu costumo frequentar um mesmo boteco em Corumbá e um mesmo bar que tocava samba. Mas ele quis me levar a esses novos lugares para me apresentar aos donos, seus novos amigos, os *burguesinhos da cidade*, dizendo que eu era um *amigo dos tempos de Europa, que mora em Campo Grande e veio passear no Pantanal*. Dava a impressão que o “circuito” de entretenimento local de André tinha se alterado e que o seu “pedaço” parecia ser outro. Havia qualquer coisa de uma sensível ascensão social naquele “trajeto” (Magnani, 2002).

Quando estive no Tocantins, era curiosa a rotina de Renato Araguaia. Ainda que ele se *detonasse* nas *sex party* versão brasileira, Araguaia costumava estar acordado no final da próxima manhã para voltar ao trabalho. Ou seja: voltar ao telefone celular. Ele ficava no telefone muitas horas do dia, mesmo antes do trabalho remoto tornar-se uma tendência face a emergência sanitária da Covid-19 (Araújo e Lua, 2021). Ele sobe os vídeos nas plataformas, fica monitorando outros sites, tudo pelo telefone. Afinal, é dali que, atualmente, vem o grosso do seu faturamento, a partir da monetização de seus conteúdos em diferentes sites (Machado Neto, 2010). Boa parte do ano, ele tem ficado em sua cidade natal. Na cidade natal ele tem outras duas casas, uma em que vive, e outra que aluga. O trabalho sexual foi a fonte da compra de todos esses imóveis.

Em Goiás, eu conheci os investimentos de Otto que estão para além dos imóveis. Ele tem cerca de 100 bois. Esse gado está em uma das fazendas da família, a que é administrada pela irmã. Eu conheci a fazenda e os bois da raça Nelore. Os animais são comprados bem jovens, como bezerros, são engordados e vendidos. Os lucros permitem comprar mais animais¹²¹. Aliás, Luciana, a irmã de Otto, me chamou para andar a cavalo, algo que eu não fazia há quase 30

¹²⁰ Estima-se que do total de estudantes brasileiros de medicina, um terço esteja realizando o curso no exterior, sobretudo em países vizinhos como Bolívia, Paraguai e Argentina. Para saber mais sobre o tema, ver João Alfredo Xavier Freitas (2023).

¹²¹ Sobre a gestão de gados de raça e toda a sua “cultura”, ver Natasha Leal (2016); sobre mulheres na administração de propriedades rurais, ver Paulo Roberto Lucca (2019)

anos. Visitamos os bois e andamos pelo campo. Cada bezerro Nelore custa em torno de R\$2.000,00, algo como €400. Outra parte do dinheiro de Otto tem sido investida na compra de uma franquia da Natura, uma empresa brasileira do ramo de cosméticos. Ele pretende, ao retornar ao Brasil, abrir uma loja dessa empresa em um shopping de Goiânia e trabalhar com isso.

Eu percebi que Luciana é conformada com o irmão ser *escort*. Mas ela não é entusiasta da ideia. Pelo que entendi, nem o fato de Otto ser gay a agrada muito. No entanto, por ser irmã, aceita. Luciana e Otto saíram de Palmeiras para estudar. Ele, inclusive, queria sair, pois havia fofoca sobre sua indisfarçável homossexualidade. Ambos não gostam da madrasta. A fazenda de Anápolis já está nos nomes de Luciana e Otto. Não há uma briga com o pai, mas algum distanciamento em função do novo casamento.

Na cidade de Aparecida de Goiânia, cidade vizinha à capital, conurbada, estão alguns investimentos de Roy: apartamentos populares, uma casa de luxo e um motel, que ele tem em sociedade com um amigo. Todos estão em um bairro distante do centro, chamado Amazônia. A casa é grande e espaçosa, com mais de 200 metros quadrados construídos. Casa chique. Os apartamentos ficam em um mesmo prédio. O motel é elegante. Roy administra os imóveis alugados e participa da gestão do motel.

Quando ele me levou para conhecer seus empreendimentos, mais de uma vez, nos diferentes locais e nos canteiros de obras, não era raro que as pessoas o tratassem por *doutor Roy*. Ele parecia muito à vontade naquelas situações. Tão à vontade quanto quando era chamado de *o rei do camarote* na noite de Lisboa. Roy conseguiu reorganizar seus negócios e o seu faturamento mensal é bastante satisfatório, o que o faz não pensar em voltar ao trabalho sexual na Europa.

Penso que cabe um balanço sobre os investimentos dos interlocutores retornados: ainda que houvesse esforços reiterados para uma “lavagem moral do dinheiro do trabalho sexual”, transformando-o seja na casa própria ou como disparador de uma série de projetos variados, havia algumas recorrências em termos de certas práticas populares no cotidiano desses sujeitos em Portugal e transpostas para a vida nos diferentes “brasis” que passaram a habitar. Ironicamente, algumas dessas práticas – inclusive ilícitas – não pareciam moralmente tão reprovadas para eles quanto o trabalho sexual.

7.5. Permanências (im)pertinentes: coisas de gente grande

A vida no Brasil, ainda que bem diferente da vida em Portugal, no que diz respeito ao trabalho sexual, guardava algumas permanências. Entre alguns interlocutores retornados, a cocaína, por exemplo, foi uma substância bem presente durante o meu trabalho de campo. Em alguns momentos como parte de um uso recreativo combinado com outras drogas; em outros momentos como parte do trabalho, mesmo que extraoficial, desses sujeitos.

André é um desses interlocutores. Havia toda uma história oficial de que ele vivia do aluguel da casa que comprara. Mas há outros pormenores que ajudam a explicar a situação confortável que ele vive e que pareceu incompatível apenas a partir do aluguel da casa comprada com o dinheiro da Europa. André segue envolvido com cocaína, aparentemente, não mais como usuário, mas como revendedor. Seu livre trânsito à Bolívia como estudante, parece ter facilitado esse transporte da substância em pequenas quantidades. Boa parte da droga que ele traz da Bolívia vai direto para os turistas que contratam a empresa da tia. O restante, conta ele: *vai pros clientes fixos, uns filhinhos de papai da cidade que ficaram meus amigos porque eu virei europeu.*¹²²

Ao voltar da Europa, o *status* de relações de André se alterou. Ele passou a conviver com os *burguesinhos da cidade*. O fato de *ter virado europeu* lhe possibilitou isso, ele tinha consciência disso e essa possibilidade de trânsito por aqueles espaços parecia lhe agradar, ainda que como o sujeito que fornecesse a droga. Esse novo André me parecia algo como um “playboy pantaneiro”, havia qualquer coisa de uma sofisticação rude, uma mistura sinuosa e metafórica de Rio Tejo que desaguava no Rio Paraguai e produzia aquele sujeito complexo, com tantas camadas e protegido pelo jaleco de um futuro médico.

A cocaína também foi tema em meu reencontro com Renato Araguaia. No caso dele, ele era usuário da substância desde que o conheci, pelo menos. Quando ele me buscou no aeroporto, em Palmas, estava anoitecendo. Ele me disse que iríamos *atrás de pó* (cocaína). Ele me falou que estava sem e que na sua cidade, para onde iríamos dentro de dois dias, o *pó era péssimo, escasso e caro*. Além disso, como haveria uma *festinha* em Lagoa da Confusão, ele precisava fazer o *corre para os amigos*.

Fomos em busca da cocaína na zona norte da cidade, uma parte bem mais pobre e com muitos problemas de infraestrutura. Chegamos a uma casa modesta. Ele carregava uma sacola com brinquedos e já foi anunciado: *o tio Rê trouxe os presentes de dia das crianças. Tão*

¹²² É bom lembrar que o Brasil não é um país produtor de cocaína. Toda a cocaína consumida no país ou que passa pelo país e é exportada é proveniente da Bolívia, do Peru e da Colômbia. Na pesquisa anterior, que eu realizei na região de Corumbá (Passamani, 2018), que faz fronteira com a Bolívia, a cocaína já aparecia como uma substância muito presente no cotidiano de minha rede de interlocutores. Sua circulação era facilitada em função de ser uma região de fronteira com uma fiscalização classificada pelos locais como *frouxa*.

atrasados, mas tá valendo. Apareceram dois meninos que se abraçaram nele e logo sumiram com a sacola de brinquedos. Eu não entendi nada. Depois, soube que o traficante é um amigo de infância de Renato, ambos da mesma cidade. Por conta disso a familiaridade. Renato Araguaia também me contou que segue usando cocaína regularmente, pois, segundo ele, *Brasil só com cocaína.*

Também na Bahia a cocaína marcou presença no trabalho de campo. Em um dos dias que fui à praia, em Salvador, com Robinho e seus amigos, entre os amigos que estavam no carro, estava Fred, *um moreno quase preto*, nas palavras de Robinho, com 28 anos e mais de 1,80m distribuídos em um corpo impecavelmente malhado. Fred era o *ficante*¹²³ de Robinho. Ele tinha um cabelo cheio de tranças africanas, vestia um calção de jogador de basquete, uma regata e brincos nas duas orelhas. Fred é dono de um bar no bairro da Federação. Quando Fred estava no mar, Robinho me contou que *ele tem um bar muito fodido e ganha grana mesmo é vendendo cocaína pra playboy.*

Eu comecei a juntar algumas peças do quebra-cabeças de Robinho em Salvador. Ele teria voltado a se envolver mais proximamente com a cocaína na relação com Fred, que vendia drogas no bar e também distribuía entre jovens de camadas médias e altas do Corredor da Vitória¹²⁴, com quem Robinho tinha contato. Ainda que Robinho não tenha me dito, ficou um pouco evidente para mim que a droga que Robinho distribuía era fornecida por Fred. Eles se conheciam há muitos anos, pois viveram no mesmo bairro, agora tinham um caso e pareciam sócios naquelas transações.

A ideia de Robinho era levar Fred para trabalhar em sua academia e tentar afastá-lo um pouco da venda de drogas. Embora ele não considere Fred nem ele viciados, reconhece claramente que eles têm consumido a substância com uma frequência grande. Por outro lado, retirar Fred do *negócio* faria com que os rendimentos de ambos sofressem um impacto considerável. Eu entendi que o grosso do dinheiro de ambos vinha da cocaína, ainda que Robinho tenha investimento em ações e seja sócio da academia. Me parece que o dinheiro que circula mais rapidamente para ele, é o da venda de cocaína.

No âmbito da economia moral, percebo algumas contradições que são significativas para compreender a centralidade do trabalho sexual como um incômodo e da conseguinte necessidade de lavagem moral do dinheiro produzido a partir do exercício de tal ofício. Falo

¹²³ Ato de se relacionar afetivamente com alguém sem compromissos muito fixos. Uma companhia mais eventual.

¹²⁴ O Corredor da Vitória é considerado um dos bairros mais nobres e exclusivos da cidade. Situado próximo ao centro da cidade, é conhecido por sua bela paisagem à beira-mar, arquitetura elegante, casarões históricos, condomínios de luxo e pela presença de importantes instituições culturais e governamentais. Além disso, ele está muito próximo da praia da Barra e da praia do Porto da Barra.

sobre isso nesse momento porque as contradições ficam evidentes quando se contrapõe trabalho sexual à cocaína, por exemplo. Eu pouco percebi referências ao trabalho sexual como elemento decisivo para a ascensão social que alguns dos interlocutores experimentavam. Talvez porque aquele incômodo de que eu falei em relação ao sexo e seus usos possa também ter desdobramentos para eles. Algo imperceptível no contexto europeu, mas, a princípio, muito relevante nas cidades de origem e nas relações mais estreitas. Portanto, silenciava-se sobre o sexo comercial como fonte dos recursos ali aplicados em bens e setores diversos.

No contexto europeu as relações que eles estabeleciam pareciam ser muito mais efêmeras e, portanto, era expectável o trânsito por diferentes mundos e a constituição de inúmeras *personas*. Sem contar que *escort*, como discuti antes, era parte de um *fazer*, de um *estar*, mas não de um *ser*. *Escort* era a profissão não era o sujeito. É possível que nas cidades de origem, com as relações e os vínculos de afeto mais estreitos, voltava-se a perceber, com maior nitidez, os elementos que colam o sujeito a determinadas condutas, sobretudo no âmbito sexual. Talvez fosse mais complicado, nos contextos de origem, dadas as contínuas relações, separar a prática do ser do sujeito. Talvez fosse mais difícil separar categoricamente fazer trabalho sexual de ser prostituto e toda a carga de desprestígio social associado a essa categoria em alguns contextos.

Com a cocaína era um pouco diferente. O comércio de cocaína é crime no Brasil. Diferente do exercício do trabalho sexual, que não é. O consumo e venda de cocaína, em regra, necessita de estratégias clandestinas para sua existência e funcionamento. Há um submundo da droga. O trabalho sexual, certamente também tem seus (des)caminhos – especialmente quando relacionado com a exploração de terceiros – mas a oferta dessa modalidade de serviço povoa as mais diversas páginas da internet e isso não parece segredo. Aliás, na Europa, meus interlocutores se anunciavam em sites voltados ao trabalho sexual.

No entanto, a cocaína constrói uma rede de relações pública, ou semipública mais ampla que o trabalho sexual. Ainda que um crime, que uma transgressão, que um vício, a cocaína parece operar em outra categoria de reprovação moral que, numa espécie de gradiente, teria o trabalho sexual em uma posição de maior rejeição. Entendo que o problema esteja, mais uma vez, na forma pouco saudável com que se lida com o sexo e os lugares aos quais ele é alocado. O trabalho sexual envergonha. A cocaína, de certa forma em meu campo, agrega e dá prestígio. Funciona com um passe para circular em determinadas rodas que são desejadas.

É importante notar que a cocaína constrói uma economia moral nos contextos em que circulei. As pessoas usam drogas. As pessoas vendem drogas. As pessoas se relacionam com os traficantes. A cocaína cria vínculos mais visíveis, porque circula com maior visibilidade e com algum grau de aceitação. Ainda que com muitas ressalvas, estratégias e cuidados. Talvez

a homossexualidade e o trabalho sexual, nos mesmos contextos, circulem com menos visibilidade e mais dificuldade. É possível que, também por isso, se silencie mais sobre o trabalho sexual, que colaria com maior facilidade a prática ao ser do sujeito; do que a cocaína, que permitira um grau maior de agência e controle da possibilidade de descolamento.

Ainda assim, nem só de cocaína se constrói a sociabilidade de meus interlocutores no contexto de retorno ao Brasil. Há diversos outros eventos nos quais eles estão inseridos e onde podem mostrar as vantagens de *terem virado europeus*. Na véspera de eu ir embora de Corumbá, por exemplo, a família de André fez um jantar para mim. Conheci seus pais, irmãos, tias e primos. Havia muita comida. Eram as típicas junções familiares em Corumbá: muita comida pantaneira e boliviana, muita cerveja e samba. Era uma família bolsonarista. Havia um lamento geral por conta da derrota de Bolsonaro no primeiro turno das eleições. André ria, ele e a tia, a dona da empresa de turismo. Eram os únicos eleitores de Lula ali.

A tia de André, que já tinha feito trabalho sexual, dona da empresa de turismo que agencia mulheres e fornece drogas aos clientes sentou ao meu lado no jantar. Depois de muito conversarmos, depois de tomarmos algumas cervejas, ela falou, quase aos sussurros, para mim: *eu sei quem você é e sei o que você está fazendo aqui*. Eu fiquei constrangido e ruborizei imediatamente. Só consegui dizer, aos sussurros: *segredo nosso, então*. E brindamos.

Já em Goiás, nos dias que passei com Roy em Goiânia, notei que a vida dele no Brasil – já tinha notado isso em outros momentos com outros interlocutores – é mais pública. Roy está boa parte do dia na rua, interagindo com pessoas, o que contrasta com a vida mais privada em Lisboa, quase sempre perambulando de quarto em quarto. Nas perambulações públicas por Goiânia eu pedi para conhecer o “lado B” da cidade, ou seja, a “mancha” que talvez lembrasse mais algumas referências do meu “pedaço” (Magnani, 2002).

Ele me levou ao Bosque dos Buritis, um clássico da *pegação* na cidade; ao bar *Zé Latinha*, e outros do centro velho, com presença de *gente descolada*, *de humanas* e *LGBT*. Dali, conheci o *Beco*, uma região cheia de bares, não muito distante do *Zé Latinha*. Fomos à *Feira da Lua*, na Praça Tamandaré, no centro, e lá comemos o famoso Empadão Goiano. *Belchior, só venho a esses lugares por você. Meu rolê não é aqui. Aqui é tudo comunista e hiponga. Eu circulo na área mais nobre*, me disse ele na região do *Zé Latinha*, visivelmente deslocado. Achei aquilo curioso, afinal, ele era o *rei do camarote* e não deveria estar tão deslocado assim. Ou talvez ali, não fizesse qualquer sentido ele ostentar o seu título de distinção.

Em Salvador as noites foram perambulando por dois bares da Rua Carlos Gomes, o *Âncora do Marujo* (meu velho conhecido) e o *Carmen*. Esses bares são espaços históricos no centro de Salvador de *resistência LGBT*. São bares muito simples, quase decadentes, onde resistem os

shows de artistas transformistas locais. Eu já havia frequentado o *Âncora do Marujo* em viagens anteriores a Salvador. Mas agora tive condições de interagir mais com as pessoas do lugar, haja vista que estava com Robinho, conhecido ali e visto como *alguém de prestígio*. Os bares, como disse, são decadentes e frequentados por pessoas de classes populares. Eles parecem estar sendo apropriados por pessoas das camadas médias, que os frequentam como parte de um estilo de vida *cool, descolado, moderninho* em uma cidade tão desigual como Salvador.

Os amigos de Robinho que nos acompanharam em algumas dessas noites pelos bares eram um produtor cultural local, um ator e uma empresária do ramo de entretenimento. Eles não tinham conhecimento sobre o Robinho que fizera trabalho sexual na Europa. Esses amigos de Robinho foram feitos fora da Federação, em momentos que ele esteve em férias em Morro de São Paulo. Descobri, nos primeiros momentos de nosso encontro, que eles formavam o *quarteto mágico da vitamina C*. Ou seja, eram consumidores de cocaína. Aliás, em Morro de São Paulo, foi a cocaína que os aproximou. Segundo Cecília, a empresária, eles fazem isso *de forma recreativa, na balada, pra dar um up*. As noites com eles foram animadas, e, porque “vitaminadas,” longas.

Nas tardes de sábado e domingo, íamos para a praia. Robinho fez questão de me levar ao Porto da Barra, especialmente para *a parte mais LGBT*. Havia muitos gays. O calçadão do Porto da Barra ficava tomado pelas interações entre homens gays de todos os tipos. Era quase impossível não notar os contatos intergeracionais entre garotos, muito jovens, e não brancos, com homens mais velhos, quase sempre muito brancos. Robinho me disse que no passado já fora um daqueles garotos. Me disse ainda que aqueles homens mais velhos, brancos, quase sempre eram turistas europeus. Os garotos, não todos segundo ele, estavam acompanhando os homens na intenção de obter alguma vantagem, mediante favores sexuais. *Tem que tirar alguma vantagem*, dizia ele. Não se tratava apenas de um programa no sentido estrito do termo (sexo por dinheiro), afinal, podia-se obter um jantar, um passeio, bebidas, drogas e, claro, algum dinheiro e, quase sempre, algum sexo.

Esse contexto que aproxima o turismo do trabalho sexual não é uma particularidade do calçadão do Porto da Barra em Salvador. Ele é recorrente em diferentes regiões turísticas do mundo. No Brasil, os trabalhos de Adriana Piscitelli (2004), Ana Paula Luna Sales (2013), Ana Paula da Silva e Thaddeus Blanchette (2005), entre muitos outros, mostram a recorrência desse tipo de estratégias no âmbito do trabalho sexual de mulheres nas regiões sudeste e nordeste do país. O trabalho de Tiago Cantalice (2016) mostra algo muito parecido com o que fora relatado por Robinho em relação aos homens, só que no contexto da Praia de Pipa no Rio Grande do Norte. Na pesquisa de Cantalice o movimento era de homens locais insinuando-se para turistas

mulheres. Os homens que atuavam nesse circuito, quase nunca percebido como prostituição diretamente, eram os chamados “caça-gringos”.

Muitos anos atrás, em uma dessas perambulações pelo calçadão do Porto da Barra com um vizinho da Federação, que acabou assassinado em função de dívidas de drogas, Robinho conheceu um português enquanto estava na “caça aos gringos”. Eles se encontraram, passearam, jantaram, tiveram sexo e seguiram conversando quando o homem voltou para a Europa. O *gringo* convidou Robinho para ir para a Europa. Isso demorou alguns meses. Robinho *vivia uma vida fodida na Federação*. Fazia diferentes bicos e fornecia drogas. Queria outra vida. Ele decidiu ir para a Europa, aceitando o convite do homem que conhecera no Porto da Barra. Assim começara sua jornada no *velho mundo*.

Octávio Sacramento (2016) mostra como as relações estabelecidas entre os turistas europeus e as pessoas locais são complexas e extrapolam os limites reducionistas do chamado turismo sexual. O exemplo dado por Robinho mostra um pouco as tantas camadas que envolvem o processo e como as trocas estão para além do envolvimento linear de dinheiro com sexo. Sacramento (2019) chama essas aproximações de “intimidades euro-brasileiras” que se materializariam em metáforas térmicas de “representações, expectativas e experiências de turistas europeus envolvidos em relações passionais transatlânticas”.

O autor sugere que os discursos e práticas dos turistas revelam um desejo por alternativas às formas de intimidade vivenciadas na Europa, buscando uma (re)afirmação de identidades masculinas supostamente enfraquecidas pela emancipação feminina e pelas obrigações cotidianas. Os turistas europeus expressam uma percepção do Brasil como um lugar "quente" em diversos sentidos: clima, sociabilidade e sexualidade, em contraste com a "fria" Europa (Sacramento, 2019).

Essas metáforas térmicas binárias podem servir como índices simbólicos que fornecem *insights* sobre as subjetividades, expressões identitárias e experiências de intimidade masculina nos trópicos. Além disso, essas representações simbólicas também ajudam a entender os motivos subjacentes às mobilidades turísticas em questão, destacando a interação complexa entre fatores culturais, sociais e individuais na formação das relações íntimas transatlânticas entre turistas europeus e pessoas do Brasil, no caso dele mulheres. No meu, em que isso também se aplica, homens.

No dia em que estivemos no Porto da Barra, Robinho combinou de encontrar alguns amigos e me apresentaria a eles. Quando nos aproximamos, eram 7 homens, todos muito jovens. Todos de Salvador, amigos da Federação. Todos gays. Todos eram homens não brancos, alguns pretos, outros eu classificaria como morenos. Eu era o único branco do grupo. Eles eram, na minha

leitura, nada afeminados, e com corpos ora torneados, ora malhados. Esses amigos também consomem cocaína. A turma que Robinho frequenta a praia não é a mesma turma das noites pelos bares do centro. Há uma diferença bem marcada entre esses grupos. Na praia, Robinho se encontra com os amigos da Federação, ou com pessoas com alguma relação com aquele passado. Na noite, Robinho transita com amigos mais recentes, de camadas médias, conhecidos pós-Europa.

Quando estive no Tocantins com Renato Araguaia, pude perceber que uma estratégia de lazer que permanecia tal qual em Lisboa era a *pegação* de rua. Em Lagoa da Confusão, a *sex party* também era algo comum, percebi depois. *Belchior, você lembra da pegação no Parque em Lisboa? Aqui também tem, mas não é no parque é numa rua escura. Vamos lá?* Foi assim que Renato Araguaia começou a me contar sobre a *pegação* de rua em Palmas.

Fomos para a parte sul da cidade fazendo o caminho em direção ao aeroporto. Em determinadas quadras, havia uma região ainda pouco urbanizada. Estava sendo povoada, faltava iluminação pública. Eram, portanto, ruas escuras e com algum mato ao redor. É um lugar de difícil acesso. As pessoas se engatam a partir dos carros. Caso haja interesse, descem dos carros, conversam na rua escura mesmo e ali, ou dentro dos carros, têm sexo. Tais atividades podem ser em duplas ou em coletivos um pouco mais numerosos.

Já em Lagoa da Confusão, ao conversar com os amigos de Renato Araguaia, fui advertido por um deles: *aqui é preciso ser hetero e bolsonarista. Isso evita confusão.* Eu não aguentei tamanho desafio e perguntei: *mas como faz isso? Não consigo.* Rimos, quebramos o gelo. O interessante é que essa máxima valia apenas da porta da casa para a rua. Dentro de casa, os meninos *eram muito viados*, conforme disse um deles.

Não estaríamos apenas os quatro naquele fim de semana na Lagoa da Confusão. Havia outros convidados para frequentar a casa naqueles dias. Renato Araguaia tinha contato com *heteros e bolsonaristas de verdade* da cidade. Esses “heteros e bolsonaristas legítimos” eram seduzidos para encontros sexuais por meio da cocaína trazida de Palmas. Eu só pensava: *isso aqui é Lisboa pura. Tem Lisboa no interior do Tocantins.* Já nos primeiros momentos na cidade, conheci dois desses tipos locais, ao passearmos pela orla da lagoa. Eram dois garotos, muito jovens, com pouco mais de 20 anos e skatistas. Skatistas, bolsonaristas, heteros.

Tentei perceber, outra vez e em outro contexto, como se construía o possível fascínio que toma conta dos *gringos* quando se deparam com aqueles sujeitos. Eu procurava nos gestos, nas palavras sem plurais, nas roupas caídas e sendo jogadas pelos cantos, nos contornos corporais, no manejo com as drogas, com as bebidas, com o uso da piscina, algumas respostas. Logo, parecia evidente a mim, que sim, era aquela malemolência *malandra e safada* que se buscava.

Aquela linha tênue entre o atrevimento libidinal e a violência iminente, aquela fronteira entre o risco e prazer. Eu estava, outra vez, diante dos tipos ideais de brasileiros *sexotizados*.

Um dos amigos de Araguaia me chamou para buscarmos mais cerveja depois de algum tempo de festa. Meu interesse na ida ao bar buscar cerveja, era saber mais sobre os garotos heteros, skatistas e bolsonaristas. O amigo dele foi objetivo: *Renato dá dinheiro e drogas para eles. Aqui ele é discreto e, além disso, vive fora*. O fato de Araguaia não estar ali todos os dias talvez deixasse a negociação mais segura, afinal ele não representaria uma *ameaça* e não ensinaria um *fatalório*. O amigo de Araguaia me disse: *é um acordo de cavalheiros, é coisa de gente grande. É possível que as pessoas desconfiem, mas sempre vão pensar primeiro que é droga. E é bom que seja assim*. Como eu previa, a noite foi longa e com muitos eventos. Se transformou em uma *sex party*. Em um determinado momento, Araguaia me disse: *quem precisa de Europa? Isso aqui é Europa. A Europa tá na Lagoa da Confusão e tudo em Real, 5 vezes mais barato. 10 vezes mais gostoso*.

Fiquei pensando nisso e recordei de processos da negação da possibilidade de relações sexuais entre homens em contextos semelhantes. O sexo pode até surgir como uma possibilidade nos comentários de populares pela vizinhança, mas logo é negado, porque afinal seriam homens e heterossexuais. E entre homens heterossexuais isso seria compulsoriamente interdito. É como se todos soubessem, mas ninguém admitisse. Portanto, não acontece. Nada novo, um clássico, tal como observado no sertão do Cariri cearense por Paulo Rogers Ferreira (2008). Em um pequeno vilarejo da região, Ferreira mostrara as complexidades dos *afectos malditos* que tendem a desafiar os binarismos em termos de desejo e subvertem o indizível sobre as sexualidades camponesas. Faz-se muito mais do que se diz, ou se cochicha pela cidade. Faz-se, mas nega-se. O mesmo era exigido em Lagoa da Confusão.

Já em Salvador, em um domingo, fomos a uma praia mais distante, a Praia do Jardim de Alah. Passava das 14h quando Robinho me buscou onde eu estava hospedado. O carro estava cheio. Estavam ali alguns meninos que eu tinha conhecido no Porto da Barra. A praia ficava a uns 15 km de onde eu estava e era no sentido Itapuã e Aeroporto. O carro foi deixado em um estacionamento próximo. A ideia era voltar da praia já à noite. A caminho da praia, passamos por um paredão de rochas. No alto dele se via a praia lá embaixo e o mar a uma distância considerável. Quem estava no paredão não via nada da rua lá em cima. Quem estava na rua, não via o que se passava rente ao paredão.

Robinho me disse que ali no paredão e na “mata de espinhos”, assim que caía a noite, *virava a maior pegação da Bahia*. A tarde na praia transcorreu de forma muito agradável. Banho de mar, bebida, comida, conversa, alguns flertes. Percebi uma movimentação de drogas. A

maconha era de livre circulação. A noite chegou. Pagamos a conta no bar, recolhemos nossos petrechos e fomos em direção ao paredão. De uma hora para outra, alguns homens começavam a circular naquela região. Seja pelo em torno do paredão, seja entre os arbustos de espinhos.

Caminhavam lentamente, tiravam as camisetas, acariciavam demorada e lascivamente seus *pintos*. Perambulavam. Esse *trottoir* na areia tinha lugar até que as “últimas famílias”, pessoas estranhas ao novo território que estava por se constituir, fossem embora. Eu não sei precisar o número de homens presentes ali. Penso que eram, pelo menos, uns 50. Falo de um fluxo de sujeitos que iniciou por voltar das 18h30. Nós saímos do local pelas 21h. Nesse período de quase três horas, houve interações consideráveis.

Algumas páginas atrás, falei um pouco sobre a frustração do *sonho europeu* de Matheuzinho e de como os seus perrengues e infortúnios foram a marca de seu tempo em Portugal. Ainda que houvesse qualquer coisa de tristeza, uma magreza excessiva, também havia *safadeza*, afinal, se não houvesse *safadeza* não seria Matheuzinho. *Belchior, sábado tem um churrasquinho lá no bairro. Você vai gostar*. Esse foi um dos primeiros temas de nossa conversa. A festa com os amigos seria no estilo das *sex party* de Lisboa. Se por um lado, como repetia André que *faltava Europa em Corumbá*, eu estava começando a perceber que “tinha muita Europa” em algumas cidades que eu estava fazendo trabalho de campo. Ele me disse que estaria na festa um garoto que eu conheci em Portugal, mas que já voltara há um tempo. Era o Guga. Eu conhecia o Guga, mas tive pouco contato com ele. Quando estávamos na festa, o Guga me parecia mais bem sucedido que Matheuzinho. Ele chegou à festa de carro e diz trabalhar como *personal trainer* em uma academia da cidade.

A festa era em uma casa modesta, em um bairro popular de Ipatinga, onde Matheuzinho residia com amigos. Quando cheguei à casa, nada me remetia às festas de Lisboa. A casa era modesta, com móveis usados e castigados pelos anos de uso. As paredes que tinham reboco ostentavam uma pintura igualmente desgastada. Outras paredes sequer eram rebocadas e via-se tijolos e cimento. Não havia forro no teto, via-se as folhas de zinco, que deixavam a casa ainda mais quente. No quintal, chão batido e uma piscina de plástico já lotada com apenas quatro homens. Talvez a proposta fosse algo como uma “*poor sex party*”.

Percebi uma movimentação nada discreta de drogas e muito bebida. Outra *sex party*. Certamente haveria *chemsex*. Havia algo bem diferente em relação às festas na Europa: tocava samba. A trilha sonora – para além das instalações da festa – não guardava qualquer semelhança com as *sex party* de Lisboa, que, não raro, eram animadas por música pop ou eletrônica. Tinha carne assada circulando em algumas bandejas plásticas.

Com o avançar da noite, chegaram outros homens e o samba ficava cada vez mais animado. A “*poor sex party*” contava com 15 homens. Eu vi pessoas com maconha, cocaína, *poppers* e *Tina*. Não entendia como determinadas drogas estavam naquele contexto, afinal elas estavam muito mais associadas a outros círculos. Foi então que, ao conversar com Guga, ele me disse que alguns convidados eram *mauricinhos* da cidade, que eles conheciam da *balada* e gostavam daquela *patifaria* com *vileiros*.

Esses *vileiros* eram os homens do bairro que chegaram mais tarde: muito masculinos, negros e parecendo *mavambos*¹²⁵. Aqueles que Matheuzinho me disse serem seus *amigos de infância*. *Eles não são gays, mas comem gays*. Os homens que *não são gays, mas comem gays*, uma livre referência a homens que fazem sexo com outros homens, mas não assumem e/ou não reivindicam uma orientação sexual gay/homossexual, chamavam a atenção pela beleza do conjunto todo, mas em específico pelo corpo torneado e pela altura (tinham mais de 1,80m certamente). Eles eram cinco e tinham entre 20 e 30 anos, simpáticos com todo mundo. Quando os vi em ação do âmbito da “*poor sex party*”, foi algo surpreendente e de uma potência cênica singular. Aqueles homens eram o perfil que os clientes de *escorts* na Europa facilmente identificam como os “típicos brasileiros”, que eu tanto ouvi em campo, a partir de um olhar *sexotic*. Entre os meus interlocutores de pesquisa, que eram *escorts* em Lisboa, alguns inseriam-se exatamente naquele perfil.

A “*poor sex party*” foi surpreendente pois Ipatinga me pareceu uma cidade bem pacata. Guga e Matheuzinho me disseram que aquele evento tinha sido introduzido na rede de relações deles por eles. Eles tentavam reproduzir as *sex party* e *chemsex* da Europa ali no contexto local. Inclusive, um dos *mauricinhos* do centro está organizando um evento nos mesmos moldes em um bairro de classe média da cidade e outro em Governador Valadares. Há entre o *mauricinho*, Guga e Matheuzinho uma parceria na promoção dos dois eventos. Matheuzinho quer ganhar dinheiro profissionalizando esse tipo de evento. A parceria com o *mauricinho* do centro da cidade é fundamental para a efetivação do negócio, pois ele entraria com o grosso do capital. Guga e Matheuzinho fariam os *corres* de drogas e levariam os *vileiros* para a *patifaria gostosa*.

¹²⁵ “[...] mavambo evidencia um estereótipo empregado para definir perfis estéticos, comportamentais e corporais de homens jovens das classes populares e destacar neles um conteúdo sexual e erótico. [...] No léxico do pajubá [...] sinônimo de ‘marginal’, ‘bofe com pinta de ladrão’ e ‘traficante’. [...] o termo mavambo ocupa um espaço no imaginário popular, sobretudo quando o termo serve para classificar sujeitos a partir de sua idade, estética, performance de gênero, raça e classe social (Moreira, 2023, p.189-190).

O trabalho de campo que realizei no Brasil no segundo semestre de 2022, perambulando por diferentes cidades de cinco estados foi, talvez, o mais apropriado fechamento para a pesquisa. Eu tive a impressão, quando escrevia as últimas linhas sobre os eventos finais nas Minas Gerais e pegava o trem rumo a miniférias no Espírito Santo, que se tratava, efetivamente, do final do ciclo. Pelos menos entre esses interlocutores retornados, eu tive a possibilidade de acompanhar a jornada quase completa. A volta para casa, o retorno ao Brasil, a vida pós-trabalho sexual fora esse fechamento. Perceber as permanências, as rupturas, os afastamentos, as aproximações com as experiências europeias contaram sobre possibilidades não apenas para a vida deles, mas para caminhos de minha investigação que não estavam delineados na proposta da pesquisa.

Do convívio com André em Corumbá, ele pareceu feliz, ainda que vivendo algumas vidas, tal como há dez anos. Foi surpreendente para mim, a aparente naturalidade, com que ele encarava o fato de complementar sua renda traficando cocaína da Bolívia. Uma atividade arriscada (e criminosa) que, se descoberta, pode colocar *tudo a perder* de uma hora para outra. André diz que permanecerá em Corumbá até o final da faculdade. Depois que fizer a prova para revalidar seu diploma no Brasil, pretende ir para outra cidade, Campo Grande talvez. Caso não seja aprovado, não descarta voltar à Europa, pela Espanha, onde seu diploma pode passar por outro processo de reconhecimento. A volta a Europa não seria mais como *escort*, mas como médico. Uma mudança e tanto.

Do período que passei com Robinho em Salvador, me marcou ele fazer questão de me mostrar que conhecia muitas pessoas em todos os lugares. Eu entendi que ele fornece drogas para alguns frequentadores dos espaços que circula, inclusive para seus amigos do *quarteto*. É preciso destacar como a realização do *sonho europeu* parece ter autorizado o garoto negro e pobre da Federação a investir-se das credenciais para circular por outros espaços e com outras pessoas, como o valorizado Corredor da Vitória. É como se adentrar às camadas médias e circular entre seus filhos, depois de cumprido um tempo na Europa, teria projetado Robinho para outro lugar social, mesmo que ele siga transitando pelos mesmos lugares geográficos.

Agora, no entanto, tinha qualquer coisa de *glamour* ao circular por lá. Não era mais o “Robinho da Federação”, com os amigos do Porto da Barra que estavam a *caçar gringos*. Agora era o “Robinho da Europa”, acompanhado de gente do Corredor da Vitória. Ele, no entanto, ainda que envernizado pela Europa, quem sabe também um cadinho embranquecido por uma pequena ascensão social, ainda continuava sendo o mesmo rapaz que fornecia a droga para os *playboys* do lugar. Com a diferença de que agora *sentia-se* como um deles. Interessante que ele parece circular por diferente campos da economia moral. Primeiro em uma moralidade como *escort*, depois como vendedor de cocaína. Há sempre uma tensão. Como dito antes, talvez ali,

os custos morais de ser associado à droga valham mais a pena, ainda que mais arriscados, que ser reconhecido como alguém que conseguiu parte de sua ascensão social com o trabalho sexual.

Nas Minas Gerais, ainda que a vida em Ipatinga estivesse repleta de perrengues, com algumas poucas fagulhas de possibilidades no horizonte, Matheuzinho é categórico sobre não voltar para Portugal. Ele parece ter traumas de todas as ordens e considera uma grande vitória ter conseguido voltar para o Brasil. Ele reclamava da solidão, da xenofobia e de todas as explorações sofridas. O HIV não o assusta, mas ele parece debilitado. No entanto, me disse que está em tratamento e indetectável. Matheuzinho foi tácito: *a Europa não é nada disso que falam por aí. O sonho europeu vira pesadelo rapidinho.*

Já Renato Araguaia quando não está no Tocantins, está em São Paulo. Em São Paulo ele grava os filmes que depois vai subindo nas plataformas. Por enquanto, não há qualquer pensamento em relação a voltar para a Europa. Ele tem feito poucos programas, apenas quando a proposta seria muito tentadora. Sua vontade, no entanto, continua sendo voltar para os Estados Unidos e lá conseguir ganhar o dinheiro que sempre sonhou. *Meu sonho nunca foi europeu. Eu tenho sonho americano, eu quero Greencard.*

Sobre Roy, ele segue com *negócios* em Lisboa, ou seja, segue alugando apartamentos e subalugando quartos para as pessoas fazerem trabalho sexual. Em Goiânia, ele parece ter uma vida confortável. Em termos de planos futuros, divide-se entre dois projetos: ele está negociando um empreendimento em Caldas Novas, uma cidade do interior do estado que tem águas termais, algo como um *resort* do qual seria um dos sócios; por outro lado, ele apoiou um candidato de direita, que foi eleito deputado federal. Na altura do trabalho de campo, ele estava na expectativa de conseguir um cargo em Brasília, no Gabinete desse deputado, ou mesmo como assessor parlamentar local, sem precisar sair de Goiânia¹²⁶.

Otto voltou ao Brasil em 2023, voltou com Naim, seu então namorado palestino que eu conheci em Viena. Ele conseguiu abrir sua franquia de uma loja de perfumes em um shopping de Goiânia e Naim começou a trabalhar em uma multinacional do ramo de tecnologia. Otto precisou desfazer-se de seus bois, pois investiu todo o dinheiro na loja e no apartamento que estava reformando. Ele se casou com Naim para regularizar a situação consular do rapaz. Meu interlocutor ganha algum dinheiro com um site de conteúdo adulto, o *OnlyFans*. Quando nos falamos por mensagens de texto, depois de sua volta, ele me disse que não pretendia retornar

¹²⁶ Quando escrevo essas páginas, em contato com Roy, ele me contou que conseguiu o cargo local e viaja pelas cidades próximas representando o mandato do Deputado.

para a Europa, nem para a vida como *escort*. A fazenda administrada por sua irmã era dele também e de lá vinha algum dinheiro semestral. Portanto, a vida de Otto parecia, como a de boa parte dos retornados, confortável e tranquila.

Não é possível dizer que o trabalho sexual não está envolto em uma economia. Aliás, duas quem sabe. É parte da vasta gama das economias sexuais que, de tão vasta, Laura Agustín (2005) diz constituir-se como segmento de uma indústria do sexo. Por outro lado, o trabalho sexual parece não ter escapado, ainda, de ser um dos extremos de um paradoxo moral. Ele, parece, para uma fração digamos que conservadora da sociedade, ser o outro da moral e dos bons costumes. Ainda que mais do que uma dicotomia clássica, eu o perceba como parte de um gradiente moral, com muitas contradições, com muitas camadas, com muitas sensibilidades, inclusive, mantendo a ordem moral, parece inegável como o trabalho sexual é constituinte também de uma economia moral.

Esse capítulo, dessa forma, tentou mostrar isso a partir do complexo e multifacetado investimento de interlocutores retornados em lavar moralmente o dinheiro adquirido como *escorts* na Europa. A ideia foi aplicar tais recursos em contextos bastante distintos, não apenas geográficos, mas, sobretudo morais, a fim de ascender socialmente. Ascensão social aqui está além de conseguir mais dinheiro para aquisição de bens materiais, se bem que isso parece ter sido a razão disparadora para o périplo europeu. Mas há mais. Está, penso, relacionado a conseguir investir-se de algum prestígio e distinção dos quais se viam interditados antes da Europa ou como *escorts*.

Nesse sentido, os investimentos em segmentos variados acabam abrindo diferentes portas sociais, ou no mundo da cultura, ou do espírito, ou no âmbito simbólico. Ainda que com permanências subversivas, perigosas e sedutoras. Em uma espécie de pirâmide moral, por exemplo, mesmo que uma prática subversiva, a venda de cocaína, seria menos vexatória, se descoberta, que o famigerado “negócio do sexo”. Mas não só isso, nos diferentes segmentos da economia moral, a cocaína parece se mostrar menos aderente ao ser do sujeito que o trabalho sexual. Portanto, como tenho insistido aqui, desvencilhar-se da associação com a cocaína poderia ser mais fácil que desvencilhar-se da associação com o trabalho sexual. Digo desvencilhar-se moralmente, afinal a cocaína torna-se, nos contextos em que circulei, mais um elemento das relações, pois ela está no cotidiano, transitando entre uns e outros com certa facilidade e visibilidade.

Penso que havia, para os próprios interlocutores, camadas mais profundas que poderiam informar permanências incômodas não apenas no que diz respeito a certas práticas percebidas como ilícitas, mas com algum prestígio social, em determinados círculos, como a venda de

cocaína; mas também camadas mais profundas sobre compreensões de mundo balizadas por uma moral que ainda aloca o trabalho sexual como algo desprestigiante e desqualificador nos contextos locais para os quais retornaram. Não fosse assim, talvez a cuidadosa invisibilidade do trabalho sexual nos discursos e nas práticas cotidianas fosse manipulada de uma forma diferente.

Conclusões

As últimas páginas teimam em parecer as mais difíceis de escrever. A missão da escolha é ingrata. Tudo que não foi escolhido para constar na escrita, parece dizer-se mais interessante do que ora foi eleito para tal. Nesse dilema dos ritos finais, preferi a segurança do óbvio e encerro a tese rememorando o último dia do trabalho de campo. Depois de dois anos de pesquisa etnográfica na Europa, fiz seis meses de investigação no Brasil com alguns interlocutores retornados e voltei a Portugal para fechar de vez a pesquisa. A despedida de Lisboa, de Portugal, da Europa, do trabalho de campo foi intensa. No entanto, a classifico como uma bela despedida. Não tinha expectativa de menos emoção, depois de um período tão longo e de uma relação cotidiana tão intensa.

Dinho (23 anos) e Dagoberto (34 anos) foram os interlocutores de quem consegui me despedir apenas na véspera de meu embarque para o Brasil. Ambos estavam viajando, *fazendo praça*, e chegaram a Lisboa dois dias antes de meu embarque, marcado para o dia 31 de março de 2023. Programamos o que Dagoberto chamou de um *intensivo subversivo*. Dinho e Dagoberto se conheciam, mas não eram íntimos. No entanto, planeamos juntos os eventos da despedida. Começamos pelo *Dark*, o clube de sexo, em um fim de tarde. Depois de lá, jantamos em um restaurante em Arroios e comemos o meu prato preferido: bacalhau com natas. Subimos ao Bairro Alto e tomamos uns copos em uma bar popular entre *escorts* e clientes. Esse foi o *start* da noite que seguiu na discoteca clássica da “noite gay” de Lisboa. Finalizamos a madrugada em uma sauna onde encontrei outros interlocutores da pesquisa. Vimos o nascer do sol nas paragens de Santos.

Lembro de ter chegado ao AirB&B cedo na manhã seguinte. Dinho e Dagoberto continuavam comigo. Buscamos as minhas malas e seguimos para o aeroporto. Foi o tempo de tomar café em uma padaria e embarcar. Durante as despedidas, conversamos sobre Dinho ter sido meu primeiro interlocutor de Lisboa. Lembramos quando nos conhecemos através do *site viphomens.net*. Lembramos nossas caminhadas no frio da Alameda durante os períodos mais duros da pandemia. Comentamos sobre as noites longas no Cacém e na Amadora, das tardes de verão na Praia da Ursa. Lembrei como Dinho me tratava por *senhor* e depois por *professor* até incorporar o *Belchior*.

Aliás, *Belchior* foi como Dagoberto me tratou pela primeira vez quando nos conhecemos, já com bem pouca roupa, na área do vestiário do *Dark*. Naquele momento ele se apresentara a mim como “Cazuza”. Esse interlocutor tem uma importância umbilical no trabalho que realizei.

Sem Dagoberto, muito provavelmente, meu acesso às *chemsex* teria sido quase impossível. A circulação entre alguns clientes, também. Com Dagoberto vivi momentos inesquecíveis. Minha primeira vez na Praia 19, absolutamente nu, foi com ele. Facetas do ofício de antropólogo.

Essa pesquisa que começou no acaso de uma madrugada, acabara também em uma madrugada. A excitação que tive no seu primeiro dia é algo parecida com a que eu estava naquele momento. Havia entusiasmo, ironias e cansaços. Afinal, a pesquisa começara em Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, no Brasil, e desembocou em Lisboa, Portugal, transitando por cidades do país e cidades de outros países europeus, antes de retornar ao Brasil e ocorrer o mesmo em cidades de diferentes estados do país. Como dito nas primeiras linhas da tese, estive ao todo em 12 países de dois continentes e em 33 cidades. Houve um investimento na efetivação de uma pesquisa multissituada cujo campo restou desterritorializado. Ainda que Lisboa funcionasse como a base mais ou menos sólida de tudo isso.

Nas primeiras linhas também coloquei duas questões que teriam norteado e aguçado a minha curiosidade etnográfica: como se apresentam as particularidades e como operam as estratégias do trabalho sexual de homens brasileiros em Lisboa e/ou em seus trânsitos por Portugal e/ou por outros países europeus? E em que medida o trânsito, através das fronteiras, de sujeitos brasileiros envolvidos no trabalho sexual, amplia o conhecimento sobre gênero e sexualidade, mercados do sexo, fronteiras e mobilidades?

A primeira questão foi respondida ao longo da tese, que se ocupa, efetivamente, de mostrar como opera o trabalho sexual dos homens brasileiros de meu campo em Portugal e na Europa. Ratifico que se trata de um grupo muito específico, de um contexto muito particular e que, quem sabe, não deva ser generalizado nem para todos os homens brasileiros no trabalho sexual na Europa, nem para todas as modalidades de trabalho sexual. Eis aqui uma fotografia de um grupo de sujeitos em um dado momento.

Sobre a segunda questão, precisarei me debruçar com mais vagar, porque quero mostrar em cada uma das partes da pesquisa como se caminha um pouco mais a partir do que consegui produzir em termos de dados etnográficos.

Sobre as questões de gênero, ao investigar apenas homens (*escorts* e clientes) apresentou-se uma série de particularidades, como por exemplo, a presença tangencial de narrativas sobre violência, algo muito mais presente em outras modalidades de trabalho sexual, especialmente quando há assimetrias bem marcadas de gênero. Portanto, aqui, gênero interseccionado com outros marcadores, como classe e escolarização, pode ter criado um cenário menos hostil em termos de violência. A masculinidade, nesse sentido, pode ser um elemento a mais que garanta a agência e controle a exploração, por exemplo. Isso não quer dizer que no âmbito do trabalho

sexual de mulheres (cis e trans) e de pessoas travestis não haja agência. Há. Mas penso que as estratégias e as negociações exigidas e estabelecidas podem ocorrer a partir de outros termos.

Ainda sobre gênero, o que chamei de “masculinidades brasileiras legítimas e sexotizadas” pareceu ser a diferença positiva construída pelos brasileiros para auferirem vantagens no “negócio do desejo”. Esses homens devem ser lidos rapidamente como não-europeus, mas tão rapidamente também precisam ser capazes de surpreender os clientes europeus por apresentarem as credenciais da diferença envernizadas por traços culturais valorizados pelos europeus. Haveria, quem sabe, nesse contexto específico, quase que um movimento contra-colonial a partir do trabalho sexual dirigido pelos *escorts*.

No que diz respeito à sexualidade, sobretudo quando se olha a partir dos primeiros trabalhos sobre “prostituição masculina” no Brasil, em Portugal ou em outros países, minha rede de interlocutores *escorts* mostrou-se majoritariamente gay, algo pouco comum nos primeiros trabalhos do campo. O fato de já serem homens gays, ou bissexuais, tornaria o trabalho sexual desses homens menos “complicado”, uma vez que o sujeito de seu desejo, *a priori*, já seria um outro homem. Talvez não o seu cliente específico, mas genericamente o sujeito homem. Nesse sentido, *escorts* e clientes, que na literatura clássica, encarnavam assimetrias proeminentes em termos de orientação sexual, parece que em meu campo, em alguma medida, compartilham essa subalternidade social e por conta disso estabelecem pactos de cumplicidade que exigem estratégias variadas e complexas.

Em termos de mercados do sexo, o trabalho mostra como esse ramo das economias sexuais desloca-se, sobretudo na última década, para o *online*. É a partir de *sites* de anúncios, aplicativos e outras mídias digitais que se visibiliza e se efetiva o trabalho sexual. Em minha pesquisa, por exemplo, não há trabalho sexual na rua, algo impensado algumas décadas antes. Essa não é uma particularidade de minha tese, mas parece ser uma tônica das transformações por que passam as economias sexuais. Por outro lado, estratégias como *sex party*, *chemsex*, *slamming* e *casamentos por temporada* operam como variações nas estratégias de conquista de clientes, diversificação do mercado e atendimento a novas demandas que garantem não apenas o sustento mensal, mas a conquista de vultosas quantias em dinheiro. Em termos de mercados do sexo, o que me parece mais interessante são as negociações para conseguir permanecer tempos prolongados com um cliente, ganhar a maior quantia de dinheiro possível e fazer menos sexo tanto quanto possível.

Especificamente sobre os mercados do sexo, também foi fundamental ter tido interlocutores clientes. Os clientes possibilitam olhar para os *escorts* brasileiros em perspectiva e aí, as diferenças ficam muito bem estabelecidas. Muitas camadas, meticulosamente organizadas

pelos brasileiros, acabam por ser rapidamente desconstruídas pelos clientes e um caráter bem mais utilitário e bem menos extraordinário parece sobressair na relação. O “negócio do desejo” constitui-se a partir da cumplicidade entre, em tese, um homem europeu mais velho que tem dinheiro e um homem brasileiro que tem juventude, performance, um corpo atraente e quer dinheiro. Nesses meandros, as categorias *fácil* e *difícil* podem não ser referir exatamente aos sujeitos clientes, mas àquilo que eles demandam e ao tanto de esforço do *escort* que será investido para satisfazer os clientes.

Ainda no âmbito dos mercados do sexo, foi oportuno perceber as questões de saúde e doença, justamente porque meu campo foi atravessado pela Covid-19, depois pelo *monkeypox* e pela presença irremediável do hiv/aids. Como mostrado, as estratégias para lidar com essas diferentes *pestes* foram as mais variadas possíveis, mas o que chamou a atenção foi o uso racional das informações, ainda que matizadas por certo peso moral que insiste em recobrir o hiv/aids. Há avanços de muitas ordens. Em campo, a PREP, a PEP e o TARV aparecem centrais para uma melhor qualidade de vida dos *escorts* em termos de saúde sexual. No entanto, entre aqueles que vivem com hiv, persiste algum grau de vergonha em virtude da insistência do preconceito. Percebi uma cuidadosa gestão do risco, ao colocar preço/valor em determinados efeitos de algumas ISTs consideradas “mais inofensivas”, não em termos biológicos, mas sobretudo morais.

No que concerne a fronteiras e mobilidades, a pesquisa também apresenta alguns pontos que merecem destaque. Me parece que o primeiro ponto a ser destacado é o de que a vida desses sujeitos resta, pelo menos no período da investigação, como desterritorializada. Eles, mesmo sob uma pandemia, estavam em constante mobilidade. Os fluxos operavam desde o Brasil para Portugal; de Portugal para outros países da Europa; de Portugal para o Brasil. Havia um horizonte: a realização do projeto de vida no Brasil. Era preciso uma condição para isso. A condição era a concretização do *sonho europeu*, que seria capaz de produzir mais rapidamente o dinheiro necessário para efetivar o projeto brasileiro. Para tanto, precisava-se do dinheiro. A desterritorialização, a mobilidade, o *puxar mala* pela Europa, de *praça em praça*, tem por objetivo seguir o caminho do dinheiro. O dinheiro opera como o fio condutor das linhas que esses sujeitos traçam pela Europa e entre Brasil e Portugal. Ainda assim, entre a emigração brasileira e a “conquista da Europa” houve, nos diferentes casos, *perrengues* de todo tipo.

Ainda ao refletir sobre fronteiras e mobilidades, perceber os contextos de retorno foi decisivo para fechar o traçado empreendido por alguns interlocutores. Afinal, todo o *dinheiro feito* na Europa era investido no Brasil. Entre os principais investimentos, destacava-se a compra da casa própria para si ou para os pais. Havia investimentos de ordens variadas. Desde

a construção civil, a compra de gado, ou ações do mercado financeiro. A pretensão por *mudar de vida e ascender socialmente* parece ser a tônica do movimento que leva os sujeitos à Europa para, por meio do trabalho sexual, viabilizar tais demandas. No entanto, ao retornar ao Brasil, aos contextos de origem, há um esforço de “lavagem moral do dinheiro do trabalho sexual”.

Há um silêncio sobre o trabalho sexual na Europa nos contextos de origem. Inúmeras versões são criadas para justificar a ascensão e realização dos sonhos. Há tentativas, por meio dos investimentos variados, de afastamento de qualquer contato com o trabalho sexual, como se ele fosse uma fonte menos honesta, digna ou “limpa” para alcançar, ainda que por meio de muita *batalha*, os objetivos propostos. Os casos de sucesso entre os retornados foram os mais presentes na pesquisa, mas também apresentei um caso de fracasso do *sonho europeu*, que resultou em um enorme esforço do interlocutor para, pelo menos, conseguir adquirir a passagem de volta ao Brasil.

Notei algumas permanências em relação à vida em Portugal. Mesmo investindo em segmentos diferentes, circulando por novas redes de relações, destacando marcas de um outro *status*, há permanências. O envolvimento com uso e venda de substâncias ilícitas, nomeadamente a cocaína, foi um primeiro elemento impossível de ignorar dada a sua recorrência. Por outro lado, *sex party* com *chemsex* parece ter sido uma modalidade de *pegação* trazida por eles para os contextos de origem e adaptadas às realidades locais. Do ponto de vista de uma economia moral, ainda que um ato ilícito, o consumo e venda de cocaína era algo que se permitia ser mais visível nos contextos de pesquisa, por exemplo, em relação ao trabalho sexual. O trabalho sexual parecia que funcionava como algo inerente ao sujeito, colado, quase como uma identidade. Difícil desvencilhar-se, menos nobre, quem sabe “sujo”. Não porque trabalho, mas porque sexual. Moralmente comprometedor. Já a cocaína dava algum prestígio em determinados círculos, além de garantir acessos a redes almejadas. Fora isso, a cocaína não era percebida como um traço identitário de algum sujeito, senão um hábito, um vício, um *corre* para complementar renda. Naqueles contextos, a cocaína era muito mais *passável* que o trabalho sexual.

Também entendo que é preciso voltar às questões do trabalho de campo e aos dois *dates etnográficos* que tive. Busquei refletir sobre os possíveis impactos disso na minha pesquisa e o quanto/e se isso comprometeria ou não os rumos da investigação. Concluí que ainda há muitos elementos que encapsulam o sexo em nossa sociedade, a moralidade pode ser um deles. Por suposto, isso também encapsularia a Antropologia (quem sabe já tenha encapsulado mais). Um olhar sobre o sexo mais desprovido desses ranços, que são em sua generalidade cristãos, pode ajudar a deslocar e relativizar o lugar “sagrado”, “intocado”, “dogmático” dispensado ao sexo

e pode fazer com que desejo e prazer também possam ser elementos presentes nas reflexões científicas e problematizados à luz das nossas teorias.

Não acredito no celibato antropológico e, muito menos, corroboro o mito do antropólogo assexuado. Não penso que ter levado os meus desejos para o campo e não os ter recalcado nos momentos que se manifestaram de forma mais incisiva – como constam em alguns registros clássicos da disciplina – tenha comprometido o meu trabalho, porque eu estava atento aos métodos e às técnicas da disciplina que garantiram um fazer ético e que nunca colocaram quaisquer de meus interlocutores sob algum risco.

Quero, por fim, refletir sobre o trabalho sexual não parecer ter se apresentado como a única possibilidade disponível a maior parte dos interlocutores, mesmo considerando a excepcionalidade da pandemia. Por que chamo a atenção para isso? Porque ainda resta disseminado no senso comum que o trabalho sexual é lugar de exploração, violência, objetificação e mercantilização dos sujeitos. Um contexto de total falta de opção e de completa subjugação. Sem *dourar a pílula*, tais situações podem estar presentes nesse tipo de relação dada a sua complexidade. No entanto, apresentei elementos, ao longo da tese, que denotam não ser esse o caso desse grupo específico de sujeitos envolvidos com o trabalho sexual.

Portanto, penso que a tese apresenta elementos que permitem compreender rupturas e permanências, aproximações e distanciamentos, enfim, deslocamentos que ajudam a complexificar aquilo que outrora talvez tenha sido panoramicamente naturalizado como a troca de sexo por dinheiro. Ao percorrer essas veredas, nas brechas, a agência se manifesta. Não se trata de escolhas deliberadas, de uma eleição sobre algo diante de possibilidades infinitas. Antes, entendo a agência como estratégia ou ação tática consciente diante de um determinado e restrito contexto. Percebi agência, por suposto, entre *escorts* e clientes no estabelecimento das negociações, mas também antes e depois delas.

Conseguir efetivar a viagem para Portugal tem agência. Tornar-se um *escort* competitivo nos mercados do sexo, também. Estabelecer uma clientela fixa, sobretudo em tempos adversos como o de uma pandemia, nem se fala. Investir-se conscientemente de uma brasilidade *sexotizada* demandada pelo mercado, porque assim há ganhos mais significativos, é agência. Deixar-se “usar” até determinado ponto que não comprometa seu ser como sujeito, até o limite que separa prazer de perigo e violência, é agência. Não há sujeito desprovido de agência, portanto, mesmo aqueles que tiveram seus sonhos frustrados e que não conseguiram alcançar, ainda, os propósitos pretendidos, movimentam-se nas ramificações do mercado por meio da agência.

Os ganhos, a diversificação de estratégias, as viagens, os repertórios, tudo isso se faz por meio de agência. Aliás, conseguir efetivar um *programa* de muitas horas, dias, ou meses, transformando-o em um relação onde o sexo seja coadjuvante e não protagonista, exige habilidades de agencialidade. A venda de drogas, por exemplo, também tem agência. Sobretudo entre os retornados que, em sua maioria, voltaram bem sucedidos e, objetivamente falando, não teriam necessidade desse envolvimento, haja vista que já teriam voltado ao Brasil em processo de ascensão social e de concretização de outros projetos a partir de ganhos auferidos em Portugal. Tudo isso parece ser maior que apenas uma relação mercantil de exploração de alguém que tem dinheiro sobre alguém que tem sexo para ser comercializado. Tensionam-se outras fronteiras e outros limites que fazem do trabalho sexual um campo fértil para análises multifacetadas.

Nos (des)caminhos dessas facetas da agência, ao perambular com os interlocutores, há flagrantes de uma vida de homens jovens de classe média. Há corpos que são padronizados a partir da hipertrofização, dos esteróides anabolizantes, há roupas da moda, sofisticados restaurantes, viagens para destinos de cartões postais, cenários instagramáveis, constantes atualizações nos *feeds* das redes sociais, maços de dinheiro, remessas e mais remessas ao Brasil. Muitas festas, muitas drogas, muitas bebidas, muitos homens. Enfim, provas irrefutáveis de uma suposta “vida de sucesso”, de alguém que realizou o *sonho europeu* e de pessoas que conseguiram voltar ao Brasil, na sua esmagadora maioria, pelo menos em meu campo, *vitoriosas*. Gente que saiu das cidades de origem *por baixo* e voltou *por cima*. No entanto, bastavam alguns minutos de conversa mais profunda, que rompessem a bolha do espetáculo para o exterior e aparecia qualquer coisa de tristeza, certo banzo. Ironicamente eu percebia isso no meio de tanto prazer. Essa tristeza qualquer, essa melancolia suave repercutia as narrativas. Inclusive isso me soou presentemente impertinente mesmo nos casos de interlocutores retornados com sucesso, como se o retorno não fosse propriamente uma explosão de felicidade.

Talvez isso se explique de inúmeras formas. No entanto, em maior ou menor medida, não acredito que qualquer explicação possa estar completamente alheia da tensão provocada pelas contradições da economia moral e de um prazer que deseja subversão, clandestinidade, desvio, transgressão, perigo. Exige-se aqui uma habilidosa capacidade de agência. Seja por meio do sexo comercial que viabilizou a ascensão social, seja pelo comércio de substâncias ilícitas que garante credenciais um pouco mais duradouras para a estada no novo *status* social. A economia moral operaria como uma espécie de peso e contrapeso (des)compassando essas vidas que poderiam ser lidas como realizadas, afinal teriam *chegado lá*. Só que não. Não há o momento de desfrutar o que se conquistara. Parece que naquele presente etnográfico o desafio passava a

ser outro, ainda em vidas duplas e triplas, a todo momento tensionando com a moralidade. É como se deixar-se ser ordinário fosse mais do mesmo e o prazer pelo perigo fosse, mais que o dinheiro e o sucesso, a busca genuína, aquele *devoir* constante.

Não sei precisar quanto tempo vai ser necessário para que o sexo comercial, esse “negócio do desejo”, o trabalho sexual, seja deslocado do lugar abjeto em que ele fora aprisionado ao longo dos milênios. A outrora chamada “mais antiga profissão do mundo” sofisticou-se, diversificou-se, tornou-se um mercado, uma economia, uma indústria. Está em toda parte. Disponível a toda gente. Ainda assim, continua estereotipada, estigmatizada, discriminada, suja, feia, desbotada. Em algum momento do passado, as pessoas que trabalhavam com sexo eram o seu trabalho, marcadas e essas marcas é que facilitavam suas identificações.

Ainda que atualmente investido de signos de desidentificação, há muita fragilidade no trabalho sexual, pois a *fachada* pode ruir a qualquer momento e os sujeitos rapidamente podem voltar ao “mundo perverso” dos “homens infames”. Talvez, por isso, em meu campo, o cuidado meticuloso com as reservas em torno do trabalho sexual, sobretudo nos contextos de origem. É possível que as transformações pelas quais a profissionalização do trabalho sexual tenha passado, tenham resultado concretamente em muito pouco em termos de mudanças efetivas do lugar social reservado ao trabalho sexual. Mudou a roupagem. Não mudou o olhar. O trabalho sexual permanece obscurecido, invisibilizado, silenciado, ironicamente, porque permanece profundamente necessário para manter arcaicas estruturas de um sistema em putrefação, mas que insiste em firmar raízes em seus próprios escombros. Falo, claro, do cisheteropatriarcado.

Volto ao princípio para chegar ao fim. Sigo acreditando, inspirado por Néstor Perlongher, que o trabalho de campo é a expressão mais refinada da Antropologia. No começo dessa tese, disse a André que ele estava diferente e ele me disse que assim estava porque tinha *virado europeu*. Ali começaram esses longos anos que aqui chegam ao fim. Durante a pesquisa etnográfica, quando estive em Londres, fazendo campo com Nando, ele disse que eu *estava todo diferente. Você foi de Belchior a Freddie Mercury*. Naquela altura, eu vestia uma calça preta *skinny*, um coturno, uma camiseta branca, justa no corpo, e uma jaqueta preta de couro, ao estilo daquelas usadas por motoqueiros. Tinha o cabelo bem curto e penteado, estava sem barba e usava um fino bigode. Tinha as orelhas adornadas por brincos. Naquela noite, um amigo de Nando também *escort*, quando estávamos na fila do Masmorra, o clube de sexo que referi páginas atrás, olhou para mim e disse: *sério mesmo, de nós três, você é o típico escort. Sênior, mas escort*. Olhei para os dois e disse: *mas quem falou que eu não sou?* Se André *virou Europeu*, eu *virei um pouco escort* ao longo da pesquisa. Trago marcas indeléveis do campo. Histórias que não esquecerei. Risadas impagáveis. Lágrimas doídas. Descobertas incríveis. Momentos

memoráveis. Experiências que, muitas vezes, não tive a oportunidade de compartilhar com ninguém. Pois não havia ninguém naquele instante que percebi certa “piscadela marota”. Um pouco disso tudo ficou gravado nessas páginas. Um tanto a mais está nos meus rabiscos de cadernos e cadernetas. Parte considerável, por juízo, eu guardo apenas na memória.

Referências Bibliográficas

- ABA. (2012). *Código de Ética do Antropólogo e da Antropóloga*, Associação Brasileira de Antropologia. Disponível em <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>, acesso em 01/04/2023.
- Abramo, H. W. (1994). *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta.
- Aggleton, P., & Parker, R. (2015). *Men Who Sell Sex: Global Perspectives*. London: Routledge.
- Agustín, L. M. (2005). “The cultural study of commercial sex”. *Sexualities*, 8(5), 681-694.
- Agustín, L. M. (2007). *Sex at the Margins, migration, labour markets and the rescue industry*. New York: Zed Books.
- Alaman, J. S., & Passamani, G. R. (2021). “Marcas da ‘brasilidade’: negociações em torno de gênero, sexualidade e cor em Portugal”. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 37, 1-27.
- Alexandre, V. (1999). “O império e a ideia de raça”. In Jorge Vala (ed.). *Novos racismos: perspectivas comparativas*. Oeiras: Celta, pp. 133-144.
- Allgeier, E. R., & Allgeier, A. R. (1991). *Sexual Interactions*. Lexington, Mass: D.C. Heath.
- Altork, K. (1995). “Walking the fire line: the erotic dimension of the fieldwork experience”. In D. Kulick & M. Wilson (Eds.), *Taboo – Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork* (pp. 107-139). London and New York: Routledge.
- Alves, A. (2011). “Homens que se prostituem e as diferentes identidades”. In *III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: olhares diversos sobre a diferença*, 3. João Pessoa. Disponível em: <http://www.itaporanga.net/genero/3/03/05.pdf>. Acesso em 13 de setembro de 2023.
- Amaral, R. (1998). “As mediações culturais da festa”. *Rev. Mediações*, 3(3), 13-22, jan./jun.
- Amer, F. A., et al. (2022). “Growing shreds of evidence for monkeypox to be a sexually transmitted infection”. *Le infezioni in medicina*, 30(3), 323–327.
- Anderson, B., & O’Connell Davidson, J. (2002). *Trafficking, a demand-led problem? A multi-country pilot study. Part 1 “Review of evidence and debates”*. <https://doi.org/10.18356/7891ac1c-en>
- Antonelli-Ponti, M., et al. (2020). “Efeitos da pandemia de Covid-19 no Brasil e em Portugal: estresse peritraumático”. *Psicologia em Pesquisa*, 14(spe), 239-259.
- Appadurai, A. (1997). *Modernity at Large*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Araújo, T. M., Lua, I. (2021). “O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da

- pandemia de COVID-19”. *Revista Brasileira De Saúde Ocupacional*, 46, e27.
- Argento, E., et al. (2016). “The Loss of Boystown and Transition to Online Sex Work: Strategies and Barriers to Increase Safety Among Men Sex Workers and Clients of Men”. *American Journal of Men's Health*, 12(6), 1994–2005.
- Attianesi, D. (2019). ‘*Só quem sentiu o frio das grades, sabe o calor da liberdade*’: discursos de masculinidades e violência no Instituto Penal de Campo Grande (IPCG) (Dissertação de Mestrado). PPGAS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.
- Attianesi, D., & Passamani, G. R. (2018). “Um urbano pra lá de rural: as particularidades políticas, históricas e culturais que transformaram Campo Grande de arraial a capital”. *Cadernos do Lepaarq*, 15(30), 56-68, Jul-Dez.
- Augé, M. (1992). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: 90°.
- Ayres, J. R. C. M., et al. (2003). “O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios”. In D. Czeresnia & C. M. de Freitas (Eds.), *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências* (pp. 121-144). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Bales, K. (2007). “What Predicts Human Trafficking?” *International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice*, 31(2), 269-279.
- Barp, L. F. G., & Mitjavila, M. R. (2020). “O reaparecimento da homossexualidade masculina nas estratégias de prevenção da infecção por HIV: reflexões sobre a implementação da PrEP no Brasil”. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30, 1-20.
- Barp, L. F. G., Mitjavila, M. R., & Ferreira, D. D. (2022). “Gestão biopolítica da Aids: a homossexualidade como fonte de periculosidade social”. *Saúde Debate*, 46(7), 223-236.
- Barp, L. F. G. (2023). *(PrEP)arados: a construção técnico-científica da homossexualidade masculina a partir da implementação da Profilaxia Pré-Exposição ao HIV no Brasil*. (Tese de Doutorado, Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina).
- Barreman, G. (2011). “Ethics versus ‘Realism’ in Anthropology”. In A. Robben & J. Sluka (Eds.), *Ethnographic Fieldwork: An Anthropological Reader* (pp. 298-315). Malden: Blackwell Publishing.
- Barreto, V. H. (2011). “‘Às vezes eu me sinto uma puta da zona!’: a atividade da prostituição vista por garotos de programa”. In *XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Bahia.
- Barreto, V. H. S. (2016). *Festas de orgia para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina* (Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense).
- Barreto, V. H. S. (2017a). *Vamos fazer uma sacanagem gostosa? Uma etnografia da prostituição masculina carioca*. Niterói-RJ: EDUFF.

- Barreto, V. H. S. (2017b). “Quando a pesquisa é o problema: o tabu no estudo das práticas sexuais”. *Cadernos De Campo*, 26(1), 270-293.
- Barreto, V. H. S. (2017c). “‘Putaria’ enquanto conceito: desejo e sexualidade na prática orgiástica”. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 11(17).
- Beck, U. (2011). *Sociedade de risco. Rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34.
- Beasley, C. (2008). “Re-thinking Hegemonic Masculinity in a Globalizing World”. *Men and Masculinities*, 11(1), 86-103.
- Becker, H. (1966). *Outsiders: Studies in the sociology of deviance*. New York: Free Press of Glencoe.
- Becker, H. (1977). “Consciência, Poder e Efeito da Droga”. In *Uma Teoria da Ação Coletiva* (pp. 181-204). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Becker, H. (1996). “A Escola de Chicago”. *Mana*, 2(2), 177-188.
- Belchior, A. M., et al. (2022). “A democracia em tempos de pandemia: impacto da pandemia de COVID-19 no sistema político português”. In N. Monteiro & C. Jalali (Orgs.), *Um Novo Normal? Impactos e lições de dois anos de pandemia em Portugal* (pp. 222-282). Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Belizário, F. (2018). *Travestis Brasileiras no Sul da Europa: Subalternidade e Reconhecimento nas Fronteiras do Gênero e Sexualidade* (Tese de doutoramento). Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.
- Bennett, A. (1999). “Subcultures or neo-tribes? Rethinking the relationship between youth, style and musical taste”. *Sociology*, 33(3), 599-617.
- Bento, B. (1998). “Os herdeiros de Caim: excluídos do paraíso terrestre”. *Revista Múltipla (UPIS)*, (7), 55-74.
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Berlant, L., & Warner, M. (2002). “Sexo em Público”. In R. M. M. Jiménez (Ed.), *Sexualidades Transgressoras* (pp. 229-257). Barcelona: Içaria.
- Bernard, H. R. (1995). *Research Methods in Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches*. Walnut Creek: Altamira Press.
- Bernstein, P. (1998). *Against the Gods: The remarkable story of risk*. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Bernstein, E. (2007). “Sex work for the middle classes”. *Sexualities*, 10(4), 473-488.
- Bernstein, E. (2008). “The meaning of purchase: desire, demand and commerce of sex”. *Cadernos Pagu*, 315-362.

- Bessa, K. (1998). "Posições de sujeito, atuações de gênero". *Estudos Feministas*, 6(1), 1-12.
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Biehl, J. (2021). "Descolonizando a saúde planetária". *Horizontes Antropológicos*, 27(59), 337-359.
- Bigaran, L. T., et al. (2022). "A literature review on the clinical and epidemiological aspects of Monkeypox". *Research, Society and Development*, 11(9), e23411931612.
- Bimbi, D., & Parsons, J. (2005). "Barebacking among Internet-based male sex workers". *Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy*, 9(3-4), 85-105.
- Bimbi, D. (2007). "Male prostitution: pathology, paradigms and progress in research". *Journal of Homosexuality*, 53(1-2), 7-35.
- Blanchette, T. G., & Silva, A. P. da. (2012). "'A mistura clássica': miscigenação e o apelo do Rio de Janeiro como destino para o turismo sexual". *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades*, 4(5).
- Blackwood, E. (1995). "Falling in love with an-other lesbian: Reflections on identity in fieldwork". In D. Kulick & M. Willson (Eds.), *Taboo: Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork* (pp. 51-75). London and New York: Routledge.
- Blanco, L. F., & Sacramento, J. (2021). "Pós-pandemia ou a 'endemização do (extra)ordinário'? Uma análise comparativa entre as experiências com a fome, Zika vírus e Covid-19 no Brasil". *Horizontes Antropológicos*, 27(59), 183-206.
- Boas, M. (2006). "Tensões na experiência migratória de brasileiros em Portugal". In I. Machado (Org.), *Um mar de identidades: A imigração brasileira em Portugal* (pp. 275-298). São Carlos-SP: EdUFSCar.
- Bogus, L. (1995). "Migrantes brasileiros na Europa Ocidental: Uma abordagem preliminar". In N. Patarra (Org.), *Emigração e imigração no Brasil contemporâneo* (pp. 111-121). São Paulo: FNUAP.
- Bolton, R. (1995). "Tricks, friends, and lovers: Erotic encounters in the field". In D. Kulick & M. Willson (Eds.), *Taboo: Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork* (pp. 140-167). London and New York: Routledge.
- Bonet, O. (2021). "La sociedad del espanto: Mallas de vidas en cuarentena". *Horizontes Antropológicos*, 27(59), 147-163.
- Borba, R. (2014). "A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais". *Cadernos Pagu*, 43, 441-473.
- Bourdieu, P. (2001). *Poder, derecho y clases sociales*. Bilbao: Desclée de Brouwer.
- Bourne, A., Reid, D., Hickson, F., Torres-Rueda, S., Steinberg, P., & Weatherburn, P. (2015). "'Chemsex' and harm reduction need among gay men in South London". *The International*

- Journal on Drug Policy*, 26(12), 1171-1176.
- Boxer, C. (1967). *Relações raciais no Império Colonial Português, 1415-1825*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro.
- Bowles, S. (2016). *The moral economy: Why good incentives are no substitute for good citizens*. New Haven: Yale University Press.
- Bracchi, M., Stuart, D., Castles, R., Khoo, S., Back, D., & Boffito, M. (2015). "Increasing use of 'party drugs' in people living with HIV on antiretrovirals: A concern for patient safety". *AIDS*, 29(13), 1585-1592.
- Bradford, J., & Ryan, C. (1987). *Mental health implications: National Lesbian Health Care Survey*. Washington, DC: National Lesbian and Gay Health Foundation.
- Brah, A. (2006). "Diferença, diversidade, diferenciação". *Cadernos Pagu*, 26, 329-376.
- Brah, A. (2011). *Cartografias de la diáspora: Identidades en cuestión*. Madrid: Traficantes de Sueños.
- Braga, G. T. (2015). "Prazeres incômodos: Trajetórias de homens negros no universo do homoerotismo virtual". *Gênero na Amazônia*, 1, 147-163.
- Braga, G. T. (2018). *'O ferver e a luta': Políticas do corpo e do prazer em festas de São Paulo e Berlim* (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Branco-Pereira, A. (2021). "Alucinando uma pandemia: Ensaio sobre as disputas pela realidade da Covid-19". *Horizontes Antropológicos*, 27(59), 129-145.
- Brasil, P., et al. (2022). "O que precisamos saber sobre a infecção humana pelo vírus monkeypox?" *Cadernos de Saúde Pública*, 38(9), e00129222.
- Braz, C. A. de. (2007). "Corpo a corpo: Reflexões sobre uma etnografia imprópria". *Revista Ártemis*, 7, 128-144.
- Braz, C. A. de. (2010). *À meia-luz: Uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos* (Tese de Doutorado em Ciências Sociais). UNICAMP, Campinas.
- Brennan, D. J., Card, K. G., Collicot, D., Jollimore, J., & Lachowsky, N. J. (2020). "How might social distancing impact gay, bisexual, queer, trans and two-spirit men in Canada?" *AIDS Behavior*, 30, 1-3.
- Browne, J., & Minichiello, V. (1996). "Research directions in male sex work". *Journal of Homosexuality*, 31(4), 29-56.
- Browne, J., & Minichiello, V. (1996). "The social meanings behind male sex work: Implications for sexual interactions". *The British Journal of Sociology*, 46(4), 598-622.

- Bruckert, C., & Law, T. (2013). *Beyond pimps, procurers and parasites: Mapping third parties in the in-call/out-call sex industry*. Ottawa: Social Sciences and Humanities Research Council.
- Buffon, R. (2018). “Encontrando uma tribo masculina de camadas médias”. In M. P. Grossi (Org.), *Trabalho de campo e subjetividade* (pp. 53-70). Florianópolis: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Butler, J. (2001). “Corpos que pesam: Sobre os limites discursivos do sexo”. In G. L. Louro (Org.), *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade* (pp. 151-172). Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2002). “Críticamente subversiva”. In R. M. Jimenez (Org.), *Sexualidades transgresoras: Una antología de estudios queer* (pp. 55-80). Barcelona: Icària Editorial.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2015). *Notes toward a performative theory of assembly*. London: Harvard University Press.
- Butler, J. (2020). “El capitalismo tiene sus límites”. In P. Amadeo (Ed.), *Sopa de Wuhan: Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio) (pp. 59-65).
- Cabezas, A. (2009). *Economies of desire, sex and tourism in Cuba and the Dominican Republic*. Filadélfia: Temple University Press.
- Calazans, G. J., Pinheiro, T. F., & Ayres, J. R. C. M. (2018). “Vulnerabilidade programática e cuidado público: Panorama das políticas de prevenção do HIV e da Aids voltadas para gays e outros HSH no Brasil”. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, 29, 263-293.
- Caldeira, T. (2000). *Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: EDUSP.
- Camargo, W. (2017). “Entre corpos suados e excitados: Considerações sobre sexo e sexualidade no trabalho de campo”. *Revista AntHropológicas*, 27(2), 196-214.
- Cameron, D., & Kulick, D. (2003). *Language and sexuality*. Cambridge, New York, Melbourne, Madrid, & Cape Town: Cambridge University Press.
- Camus, A. (2019). *A peste*. Rio de Janeiro: Record.
- Cantalice, T. (2012). “Feminismo, mercado de sexo e turismo: Reflexões sobre as múltiplas faces e interpretações do sexo mercantil”. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades*, 2(3).
- Cantalice, T. (2016). *Dando um banho de carinho! Os caça gringas e as interações afetivo-sexuais em contexto de viagens turísticas, Pipa/RN*. Jundiá-SP: Paco Editorial.

- Caplan, P. (1993). "Introduction 2: The volume". In D. Bell, P. Caplan, & W. J. Karim (Eds.), *Gendered fields: Women, men and ethnography* (pp. 7-19). London and New York: Routledge.
- Caria, T. (2002). "Introdução". In T. Caria (Org.), *Experiência etnográfica em ciências sociais* (pp. 9-20). Porto: Afrontamento.
- Caria, J., et al. (2022). "Clinical and epidemiological features of hospitalized and ambulatory patients with human monkeypox infection: A retrospective observational study in Portugal". *Infectious Disease Reports*, 14(6), 810-823.
- Carmo, I., & Fráguas, F. (1982). *Putas de prisão*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- Carsten, J. (2012). "Fieldwork since the 1980s: Total immersion and its discontents". In R. Fardon et al. (Eds.), *The Sage handbook of social anthropology* (Vol. 2, pp. 7-19). Thousand Oaks: Sage.
- Casa do Brasil Lisboa. (2004). *A "segunda vaga" de imigração brasileira para Portugal (1998-2003)*. Lisboa: Casa do Brasil de Lisboa.
- Casale, R., & Femenías, M. L. (2009). "Breve recorrido por el pensamiento de Judith Butler". In R. Casale & C. Chiachío (Orgs.), *Máscaras del deseo: Una lectura del deseo en Judith Butler* (pp. 11-35). Buenos Aires: Catálogos.
- Castelo, C. (1999). *O modo português de estar no mundo: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa, 1933-1961*. Porto: Edições Afrontamento.
- Castelo, C. (2011). Uma incursão no luso-tropicalismo de Gilberto Freyre. *Blogue de História Lusófona*, Lisboa, ano 6,. Disponível em <http://www2.iict.pt/archive/doc/bHL_Ano_VI_16_Claudia_Castelo__Uma_incursao_no_lusotropicalismo.pdf>.
- Castro, M. C. G., Botelho, P., & Knup, S. A. P. (2015). "Contexto migratório de retorno". In J. Peixoto, B. Padilla, J. C. Marques, & P. Góis (Orgs.), *Vagas Atlânticas: Migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI* (pp. 159-176). Lisboa: Mundos Sociais.
- Caulkins, S., & Coombs, N. (1976). "The psychodynamics of male prostitution". *American Journal of Psychotherapy*, 30, 441-451.
- Certeau, M. de. (1998). *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.
- Cesara, M. (1982). *Reflections of a woman anthropologist: No hiding place*. London and New York: Academic Press.
- Cheng, L., Die, L., & Kroon, E. (2013). "Just business? The unknown world of male prostitution in the Netherlands". *Humanity in Action*, 1-10.

- Chone, J. S., Lima, S. V. M. A., Fronteira, I., Mendes, I. A. C., Shaaban, A. N., Martins, M. do R. O., & Sousa, Á. F. L. (2021). "Factors associated with chemsex in Portugal during the COVID-19 pandemic". *Revista Latino-americana De Enfermagem*, 29, e3474.
- Clemente, M., & Varela, C. (2023). "Tráfico de pessoas, antitráfico e perspectivas críticas: Nota introdutória". *Configurações*, 32, 7-16.
- Coelho, B. (2009). *Corpo adentro: Prostitutas acompanhantes em processo de invenção de si*. Lisboa: Difel.
- Coelho, B. (2019). *Figurações e transfigurações: Prostitutas acompanhantes e homens clientes em processo de construção de si* (Tese de doutoramento). Lisboa: Escola de Sociologia e Políticas Públicas, ISCTE-IUL.
- Cole, J. (2014). "Producing value among Malagasy marriage migrants in France: Managing horizons of expectation". *Current Anthropology*, 55(9), 85-94.
- Coleman, E. (1989). "The development of male prostitution activity among gay and bisexual adolescents". *Journal of Homosexuality*, 17(1-2), 131-150.
- Colling, L. (2021). "O que performances e seus estudos têm a ensinar para a teoria da performatividade de gênero?" *Urdimento*, 1(40), 1-19.
- Colling, L., Arruda, M. S., & Nonato, M. N. (2019). "Perfechatividades de gênero: A contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero". *Cadernos Pagu*, 57, e195702.
- Comte-Sponville, A. (2002). *Apresentações da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Connell, R. (1987). *Gender & power*. Cambridge: Polity Press.
- Connell, R. (1995). *Masculinities*. St. Leonards, NSW: Allen and Unwin.
- Connell, R. (2005). *Masculinities* (2nd ed.). Berkeley: University of California Press.
- Coombs, N. R. (1974). "Male prostitution: A psychosocial view of behavior". *American Journal of Orthopsychiatry*, 44(5), 782-789.
- Corrêa, M. (1996). "Sobre a invenção da mulata". *Cadernos Pagu*, 6(7), 35-50.
- Correia, M. C. B. (2021). *O impacto da Profilaxia Pré-Exposição (PREP) ao VIH na Europa* (Monografia de Mestrado). Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Costa, P. M. (2004). "A legislação de estrangeiros em Portugal: A situação dos cidadãos brasileiros". In I. J. R. Machado (Org.), *Um mar de identidades: A imigração brasileira em Portugal* (pp. 81-102). São Carlos-SP: EdUFSCar.
- Couto, M. (2011). *Murar o medo*. Cascais: Conferência de Estoril.

- Cremonese, D. (2019). “Ética e moral na contemporaneidade”. *Campos Neutrais – Revista Latino-Americana de Relações Internacionais*, 1(1), 8-28.
- Crenshaw, K. (1991). “Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color”. *Stanford Law Review*, 43(6), 1241-1299.
- Cruz, F. I. S. (1984). *Da prostituição na cidade de Lisboa (1841)*. Lisboa: Publicação Dom Quixote.
- DaMatta, R. (1984). *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.
- DaMatta, R. (1987). *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DaMatta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DaMatta, R. (2004). “El oficio del etnólogo o como tener ‘Anthropological Blues’”. In M. Boivin, A. Rosato, & V. Arribas (Eds.), *Constructores de otredad. Una introducción a la antropología social y cultural* (pp. 172-178). Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires.
- Das, V. (1995). *Critical events: An anthropological perspective on contemporary India*. Oxford: Oxford University Press.
- Daskalopoulou, M., Rodger, A., Phillips, A. N., Sherr, L., Speakman, A., Collins, S., Lampe, F. C. (2014). “Recreational drug use, polydrug use, and sexual behavior in HIV-diagnosed men who have sex with men in the UK: Results from the cross-sectional ASTRA study”. *The Lancet HIV*, 1(1), e22–e31.
- Daston, L. (1995). “The moral economy of science”. *Osiris*, 10, 2-24.
- Davies, P., & Simpson, P. (1990). “On male homosexual prostitution and HIV”. In P. Aggleton, P. Davies, & G. Hart (Eds.), *AIDS: Individual, cultural and policy dimension* (pp. 103-120). London: Falmer Press.
- Dean, T. (2015). “Mediated intimacies: Raw sex, Truvada, and the biopolitics of chemoprophylaxis”. *Sexualities*, 18, 224-246.
- Deleuze, G. (1992). “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”. In G. Deleuze, *Conversações: 1972-1990* (pp. 219-226). Rio de Janeiro: Editora 34.
- De Luca, G., Rocha-de-Oliveira, S., & Chiesa, C. D. (2016). “Projeto e metamorfose: Contribuições de Gilberto Velho para estudos sobre carreiras”. *Revista de Administração Contemporânea*, 20(4), 458-476.
- Doezema, J. (2005). “Now you see her, now you don't: Sex workers at the UN trafficking protocol negotiation”. *Social Legal Studies*, 14, 61-88.

- Dolabella, L. T. (2015). *Copos, corpos e afetos: Gênero, sexualidade e imigração no contexto das casas de alterne* (Tese de doutoramento). Escola de Ciências Sociais e Humanas, ISCTE-IUL, Lisboa.
- Douglas, M., & Wildavsky, A. (2012). *Risco e cultura. Um ensaio sobre a seleção de riscos tecnológicos e ambientais*. Rio de Janeiro: Campus.
- Duarte, A., & Clemente, H. (1982). *Prostituição masculina em Lisboa*. Lisboa: Contra-Regra.
- Duarte, F., et al. (2022). “Pre-exposure prophylaxis for human immunodeficiency virus in the medical curricula in Portugal: A cross-sectional analysis”. *Acta Médica Portuguesa*, 35 (4), 242-248.
- Dubish, J. (1995). “Lovers in the field: Sex, dominance, and the female anthropologist”. In D. Kulick & M. Willson (Eds.), *Taboo – Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork* (pp. 29-50). London and New York: Routledge.
- Duque, T. (2019). “Regimes de visibilidades/conhecimento nas experiências da ‘(des) montagem’ e do ‘(não) passar’ por homem e ou mulher”. *Aceno*, 12(12), 113-126.
- Duque, T. (2020). “Corpo de fala e pesquisa: autorreflexões sobre identidade e diferença”. In G. Nogueira (Org.), *Lugar de fala: conexões, aproximações e diferenças*. Salvador: Devires.
- Duque, M., et al. (2022). “Ongoing monkeypox virus outbreak, Portugal, 29 April to 23 May 2022”. *Euro Surveillance: Bulletin European sur les Maladies Transmissibles = European Communicable Disease Bulletin*, 27*(22), 2200424.
- Durkheim, E. (2003). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Earls, C. M., & David, H. (1989). “A psychosocial study of male prostitution”. *Archives of Sexual Behaviour*, 18, 401-419.
- Edmundson, C., Heinsbroek, E., Glass, R., Hope, V., Mohammed, H., White, M., & Desai, M. (2018). “Sexualised drug use in the United Kingdom (UK): A review of the literature”. *The International Journal on Drug Policy*, 55, 131-148.
- Ellison, G., & Weitzer, R. (2017a). “The dynamics of male and female street prostitution in Manchester, England”. *Men and Masculinities*, 20(2), 181-203.
- Ellison, G., & Weitzer, R. (2017b). “Young men doing business: Male bar prostitution in Berlin and Prague”. *Sexualities*, 21(8), 1389-1408.
- Evers, Y. J., Geraets, J. J. H., van Liere, G. A. F. S., Hoebe, C. J. P. A., & Dukers-Muijers, N. H. T. M. (2020). “Attitude and beliefs about the social environment associated with chemsex among MSM visiting STI clinics in the Netherlands: An observational study”. *PLOS ONE*, 15 (7), e0235467.
- Facchini, R. (2011). “‘Não faz mal pensar que não se está só’: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo”. *Cadernos Pagu*, 36, 117-153.

- Farias, F. R. (2013). “Atividades secretas em noites sombrias: Memórias do universo dos garotos de programa”. *Interthesis*, 10(1), 344-368.
- Farmer, P. (2004). *Pathologies of power. Health, human rights and the new war on the poor*. University of California Press.
- Fassin, D. (2014). “As economias morais revisitadas”. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 18 (53), 27-54.
- Feixa, C. (2004). “Los estudios sobre culturas juveniles en España – 1960-2004”. *Revista de Estudios de Juventud*, 64, 9-28.
- Feldman-Bianco, B. (2001). “Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: Constructions of sameness and difference”. *Identities: Studies in Politics and Culture*, 4(4), 607-650.
- Feltran, G. (2019). “Economias (i)lícitas no Brasil: uma perspectiva etnográfica”. *Journal of Illicit Economies and Development*, 1(2), 0-0.
- Féral, J. (2008). “Por uma poética da performatividade: o teatro performativo”. *Sala Preta*, 8, 197-210.
- Fernandes, A. (2017). *Relatório sobre a delimitação do 2 de Julho no Projeto do Plano de Bairro*. Salvador: Lugar Comum.
- Fernandez, O. (2007). *Coca light? Usos do corpo, rituais de consumo e carreiras de "cheiradores" de cocaína em São Paulo* (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Ferreira, P. R. (2008). *Os afectos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas*. São Paulo: Editora Hucitec/Anpocs.
- Fifeld, L., DeCrescenzo, T. A., & Lathan, J. D. (1975). *On My Way to Nowhere: Alienated, Isolated, Drunk: An Analysis of Gay Alcohol Abuse and an Evaluation of Alcoholism, Rehabilitation Services for the Los Angeles Gay Community*. Los Angeles, CA: Gay Community Services Center and Office of Alcohol Abuse and Alcoholism, Los Angeles County.
- Fonseca, E. M., & Bastos, F. I. (2017). “Evolution of HIV/AIDS response in Brazil: Policy innovations and challenges in the fourth decade of the epidemic”. *The International Journal of Health Planning and Management*, 33(1), e238-e250.
- Fontana, A., & Frey, J. (2005). “The interview: From neutral stance to political involvement”. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research* (pp. 695-727). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Foucault, M. (1984). “Des espaces autres”. *Archi Bref*, 48, 5-8.
- Foucault, M. (1994). *Dits et Écrits I – 1954-1969*. Paris: Gallimard.

- Foucault, M. (1995). “O sujeito e o poder”. In P. Rabinow & H. Dreyfus (Eds.), *Foucault: Uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica* (pp. 231-249). Rio de Janeiro: Forense.
- Foucault, M. (1999). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- Foucault, M. (2001). *Ditos e escritos 3: Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2004). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2005). *O governo de si e dos outros*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Foucault, M. (2008). *Segurança, território, população: Curso no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2008a). *Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2009). *Le Corps utopique, Les Hétérotopies*. Paris: Lignes.
- Foucault, M. (2009a). *Os Anormais: Curso do Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2010). *Ditos e escritos 5: Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2010a). *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir: História da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2014a). *Do governo dos vivos: Curso dado no Collège de France (1979-1980)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2016). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- Foucault, M. (2017). *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra.
- Freitas, J. A. X. (2023). “Analisando o retorno no fluxo às avessas: Brasileiros estudando medicina na Bolívia e Paraguai”. *Revista Perspectiva: Reflexões Sobre a Temática Internacional*, 15(28).
- Freixo, A. de. (2015). Ecos do luso-tropicalismo: a presença do pensamento de Gilberto Freyre no discurso da lusofonia. *Textos E Debates*, 2(27), 471-484.
- Freyre, G. [1933] (2002). *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record.
- Freyre, G. (1940). *O mundo que o português criou*. Rio de Janeiro: José Olympio.

- Freyre, G. (1953a). *Um brasileiro em terras portuguesas*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Freyre, G. (1953b). *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura de constantes portuguesas de caráter e ação*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- França, I. L. (2012). *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: Homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Frangella, S. (2013). “Fomos conhecer um tal de Arroios: construção de um lugar na imigração brasileira em Lisboa”. In N. Domingos & E. Peralta (Orgs.), *Cidade e império: Dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais* (pp. 463-502). Lisboa: Edições 70.
- Frúgoli Jr., H. (2020). “A casa e a rua em tempos de Covid-19: uma leitura antropológica de ‘Diário de confinamento’ (Susana Bragatto)”. *Horizontes Antropológicos*, 58, 481-507.
- Fry, P. (1982). *Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fry, P., & MacRae, E. (1985). *O que é homossexualidade?* São Paulo: Abril Cultural.
- Fuss, D. (1989). *Essentially speaking: Feminism, nature, and difference*. New York: Routledge.
- Gagnon, J. (2006). *Uma interpretação do desejo: Ensaio sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro, Brazil: Garamond Universitária.
- Gallagher, A. T. (2010). *The International Law of Human Trafficking*. New York, NY: Cambridge University Press.
- Gearing, J. (1995). “Fear and loving in the West Indies: research from the heart (as well as the head)”. In D. Kulick & M. Willson (Eds.), *Taboo – Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork* (pp. 186-218). London, UK; New York, NY: Routledge.
- Geertz, C. (1973). *Interpretation of Cultures*. New York, NY: Basic Books.
- Geertz, C. (2001). *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro, Brazil: Jorge Zahar.
- Gelder, K. (Ed.). (2005). *The subcultures reader*. New York, NY: Routledge.
- Giddens, A. (2002). *As consequências da modernidade*. São Paulo, Brazil: EDUNESP.
- Gluckman, M. (1987). “Análise de uma situação social na Zululândia moderna:.. In B. Feldman-Bianco (Ed.), *A Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos* (pp. 227-344). São Paulo, Brazil: Global.
- Gluckman, M. (1995). *Custom and Conflict in Africa*. Oxford, UK: Blackwell.
- Godinho, S., et al. (2022). “A COVID-19 e a sociedade portuguesa: avaliação, estratégias e políticas públicas baseadas na resiliência para responder ao risco sistémico da COVID-19”. In N. Monteiro & C. Jalali (Eds.), *Um Novo Normal? Impactos e lições de dois anos de*

- pandemia em Portugal* (pp. 111-173). Lisboa, Portugal: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Goldstein, D. (2003). *Laughter out of place: race, class, violence, and sexuality in a Rio shantytown*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Gomes, M. S. (2013). *O imaginário social 'Mulher Brasileira' em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação* [Doctoral dissertation, ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa]. Lisboa, Portugal.
- Goodey, J. (2004). "Sex Trafficking in Women from Central and East European Countries: Promoting a 'Victim-Centred' and 'Woman-Centred' Approach to Criminal Justice Intervention". *Feminist Review*, 6, 26–45.
- Gould, S., et al. (2022). "Air and surface sampling for monkeypox virus in a UK hospital: an observational study". *The Lancet. Microbe*, 3(12), e904–e911.
- Grassi, M. (2004). "De Cabo Verde para o Mundo: Informalidade e Comércio Transnacional a partir de um Estudo de Caso no Mercado 'Sucupira'". *Travessias*, Rio de Janeiro, Brazil.
- Green, J. N. (2000). *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo, Brazil: EDUNESP.
- Green, A. I. (2003). "'chem friendly': the institutional basis of 'club-drug' use in a sample of urban gay men". *Deviant Behavior*, 24(5), 427-447.
- Gregg, J. (2006). "He can be sad like that: Liberdade and the Absence of Romantic Love in a Brazilian Shantytown". In J. Hirsch & H. Warlow (Eds.), *Modern Loves, The Anthropology of Romantic Courtship and companionate marriage*. University of Michigan Press.
- Gregori, M. F. (2014). "Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes". *Cadernos Pagu*, (42), 47–74.
- Gregori, M. F. (2016). *Prazeres perigosos: erotismo, gêneros e limites da sexualidade*. São Paulo, Brazil: Companhia das Letras.
- Gripa, H. C. (2020). *Um olhar antropológico sobre comportamento e consumo de design através de um escritório itinerante de arquitetura*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Brasil.
- Grunvald, V. (2016). *Existências, insistências e travessias: sobre algumas políticas e poéticas de travestimento*. (Tese de Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Guimarães, C. D. (2004). *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Guimarães, A. S. A. (2011). "Raça, cor, cor da pele e etnia". *Cadernos de Campo*, 20(20), 265-271.
- Guiraldelli, R., & Souza, M. (2013). "Prostituição masculina em Belo Horizonte: Evidências da questão social". *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*, 24(2), 133-162.

- Halkitis, P. N., & Green, K. A. (2007). “Sildenafil (Viagra) and club drug use in gay and bisexual men: the role of drug combinations and context”. *American journal of men's health*, 1(2), 139–147.
- Hall, J. S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, J. S. (2016). *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Ed.PUC e Apicuri.
- Hamann, C., et al. (2020). “Marcadores de diferença e produção de si na prostituição entre homens”. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (34), 68-89.
- Han, B. C. (2015). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, Brazil: Vozes.
- Hannerz, U. (1980). *Exploring the City: Inquiries Toward an Urban Anthropology*. New York, NY: Columbia University Press.
- Haraway, D. (1988). “Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective”. *Feminist Studies*, 14(3), 575–599.
- Hesmondhalgh, D. (2021). “Capitalismo e a mídia: economia, moral, bem-estar e capacidades”. *Revista Extraprensa*, 14(2), 378-401.
- Hillman, R., et al. (1990). “Male Prostitution and Sexually Transmitted Disease”. *International Journal of STD & AIDS*, 1(4), 245-249.
- Hirata, D. V. (2018). *Sobreviver na adversidade: mercado e formas de vida*. São Carlos, SP: EdUFSCar.
- Hirschfeld, M. (2000). *The Homosexuality of Men and Women*. Amherst, NY: Prometheus Books. (Original work published 1913)
- Holleran, A. (1988). *Ground Zero*. New York, NY: New American Library.
- Horswill, A., & Weitzer, R. (2018). “Becoming a Client: The Socialization of Novice Buyers of Sexual Services”. *Deviant Behavior*, 39(2), 148-158.
- Hurley, M., & Prestage, G. (2009). “Intensive sex partying amongst gay men in Sydney”. *Culture, Health & Sexuality*, 11(6), 597-610.
- Hunter, M. (2002). “The materiality of Everyday Sex: thinking beyond ‘prostitution’”. *African Studies*, 61, 99-120.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2024). *Censo Brasileiro de 2022*. Brasília: IBGE.
- Idris, I., & Adesola, R. O. (2023). “Current efforts and challenges facing responses to Monkeypox in United Kingdom”. *Biomedical journal*, 46(3), 100553.

- Inda, J. X. (2011). "Borderzones of Enforcement: Criminalization, Workplace Raids, and Immigrant Counter-Conducts". In V. J. Squire (Ed.), *The Contested Politics of Mobility: Borderzones and Irregularity* (pp. 74-90). London, UK: Routledge.
- Instituto Nacional de Estatística. (2020). *Destaque: Informação à Comunicação Social. Atividade Turística Março de 2020 – Estimativa rápida*.
- Irwin, J. (1977). *Scenes*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Irwin, J. (2005). "Notes on the status of the concept subculture". In K. Gelder (Ed.), *The subcultures reader*. New York, NY: Routledge.
- Jaggard, A. M. (1989). "Love and Knowledge: Emotion in Feminist Epistemology". In A. M. Jaggard & S. R. Bordo (Eds.), *Gender/Body/Knowledge: Feminist Reconstructions of Being and Knowing*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- Johnson, N. B. (1984). "Sex, Color, and Rites of Passage in Ethnographic Research". *Human Organization*, 43(2), 108–120.
- Júnior, G. P. S. (2012). *O negócio do "Prazer Remunerado" nos discursos de garotos que fazem programa* (Tese de Doutorado). Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Júnior, D. L. B. (2018). *Amar é verbo, não pronome possessivo. Etnografia das relações não-monogâmicas no sul do Brasil*. (Tese de Doutorado). PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Kara, S. (2010). *Tráfico sexual: El negocio de la esclavitud moderna*. Madrid, Spain: Alianza Editorial.
- Kaye, K. (2003). "Male prostitution in the twentieth century: pseudohomosexuals, hoodlum homosexuals, and exploited teens". *Journal of Homosexuality*, 46(1-2), 1–77.
- Kaye, K. (2007). "Sex and the unspoken in male street prostitution". *Journal of Homosexuality*, 53(1), 37-73.
- Kempadoo, K. (2004). *Sexing the Caribbean: gender, race, and sexual labor*. New York, NY: Routledge.
- Keogh, P., Reid, D., Bourne, A., Weatherburn, P., Hickson, F., Jessup, K., & Hammond, G. (2009). *Wasted opportunities: problematic alcohol and drug use among gay men and bisexual men*. London, UK: Sigma Research.
- Killick, A. (1995). "The penetrating intellect: on being white, straight, and male in Korea". In D. Kulick & M. Willson (Eds.), *Taboo – Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork* (pp. 76-106). London, UK; New York, NY: Routledge.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro, Brazil: Editora Cobogó.

- Kimmel, M. S. (1998). “A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”. *Horizontes Antropológicos*, 4(9), 103-117.
- Koury, M. G. P. (2015). “Gilberto Velho e a antropologia das emoções no Brasil”. *Revista Brasileira de Sociologia das Emoções*, 14(41), 22-37.
- Kluge, H., & Ammon, A. (2022). “Monkeypox in Europe and beyond - tackling a neglected disease together”. *Euro Surveillance: Bulletin Europeen Sur Les Maladies Transmissibles = European Communicable Disease Bulletin*, 27(24), 2200482.
- Kran, F., & Ferreira, F. P. M. (2006). “Qualidade de vida na cidade de Palmas–TO: uma análise através de indicadores habitacionais e ambientais urbanos”. *Ambiente & Sociedade*, 1(2), 123-141.
- Kulick, D. (1995). “Introduction The sexual life of anthropologists: erotic subjectivity 1 and ethnographic work”. In D. Kulick & M. Willson (Eds.), *Taboo – Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork* (pp. 1-28). London, UK; New York, NY: Routledge.
- Kulick, D., & Willson, M. (Eds.). (1995). *Taboo – Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London, UK; New York, NY: Routledge.
- Kureda, V. E., Passamani, G. R., & Silva, M. E. R. da. (2021). “A ‘cracolândia’ de Campo Grande (MS) vista ‘da rua’: notas sobre fazer-cidade, biopolítica e territorialidade nas imediações da antiga rodoviária”. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8(16), 245-260.
- Kurtz, S. P. (2005). “Post-circuit blues: motivations and consequences of crystal meth use among gay men in Miami”. *AIDS & Behavior*, 9(1), 63-72.
- Kvale, S. (2006). “Dominance through Interviews and Dialogues”. *Qualitative Inquiry*, 12(3), 480-500.
- Lambevski, S. A. (1999). “Suck My Nation - Masculinity, Ethnicity and the Politics of (Homo)sex”. *Sexualities*, 2(4), 397–419.
- Laraia, R. de B. (1998). “Ética e antropologia: algumas questões”. In I. B. Leite (Org.), *Ética e estética na antropologia*. Florianópolis: PPGAS-UFSC/CNPq.
- Lash, S., Szerszynski, B., & Wynne, B. (1998). *Risk, Environment & Modernity - Towards a New Ecology*. London: SAGE Publications.
- Law, T. (2020). “A different kind of risky business: Men who manage men in the sex industry”. *Sexualities*, 24(7), 941–956.
- Leal, N. S. (2016). “Dos zebus e seus clones: valor e pedigree em um mercado de elite”. *Revista De Antropologia*, 59(2), 07-31.
- Leme, R. 2011. *Absurdos e Milagres: um estudo sobre política externa do luso-tropicalismo (1930-1960)*. Brasília: FUNAG.

- Lima, W. O. (2007). “Desejos à deriva: em cena, os michês e as masculinidades”. In A. P. D. da Silva (Org.), *Gênero em questão: ensaios de literatura e outros discursos*. Campina Grande: EDUEP.
- Lino e Silva, M. (2014). “Queer Sex Vignettes from a Brazilian Favela: An Ethnographic Striptease”. *Ethnography*, 1-17.
- Logan, T. D. (2017). *Economics, Sexuality, and Male Sex Work*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lohrenz, L. J., Connelly, J. C., Coyne, L., & Spare, K. E. (1978). “Alcohol Problems in Several Midwestern Homosexual Communities”. *Journal of Studies on Alcohol*, 39, 1959–1963.
- Lopes, N. (2022). “Fabulação auto etnográfica: experiência e posição numa pesquisa sobre “prostituição de luxo”. *Cadernos Pagu*, (65), e226506.
- Lopes, T. B. de O., Passamani, G. R., & Rosa, M. V. da. (2021). “Corpos, desejos e prazeres interditados: anúncios de prostituição masculina em um jornal impresso de Mato Grosso do Sul”. *Revista Ñanduty*, 9(14), 32–55.
- Lowenkron, L. (2023). “O tráfico de pessoas a partir do olhar policial: construção de uma categoria criminal e desconstrução de um problema social”. In A. G. Piscitelli & L. Lowenkron (Eds.), *Tráfico de pessoas e contrabando de migrantes: entre leis, políticas e experiências* (pp. 39-64). Campinas, SP: Núcleo de Estudos de Gênero PAGU.
- Lucca, P. R. (2019). *Cerca adentro, cerca afora: gênero, memória e gestão entre fazendeiras de Mato Grosso do Sul*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.
- Luckenbill, D. F. (1985). “Entering Male Prostitution”. *Urban Life*, 14(2), 131-156.
- Ludwig, F. J. (2019). “As políticas de fronteiras da União Europeia: Espaço Schengen e a Frontex”. *Revista Videre*, 11(21), 171–191.
- Lue, T. F. (2000). “Erectile dysfunction”. *New England Journal of Medicine*, 342(24), 1802-1813.
- Luís, F. (2015). *Travestis Brasileiras em Portugal: Percursos, Identidades e Ambiguidades*. (Tese de Doutorado). Universidade Nova de Lisboa, Lisbon.
- Lyons, A., & Lyons, H. (2004). *Irregular Connections: A History of Anthropology and Sexuality*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press.
- Machado, L. Z. (1998). “Matar e Morrer No Feminino e No Masculino”. *Série Antropologia*, 239(1), 1-19.
- Machado, I. (1999). “A invenção do Brasil exótico entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal”. Apresentação no GT Migrações Internacionais, *XXIII Anpocs*. Caxambu, Brazil.

- Machado, I. J. R. (2006). “Estereótipos e encarceramento simbólico no cotidiano de imigrantes brasileiros no Porto”. In I. J. R. Machado (Ed.), *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal* (pp. 229-250). São Carlos, SP: EdUFSCAR.
- Machado, F. E. (2006). *Hedonismo Competente. Antropologia de urbanos afetos*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Machado, I. J. R. (2008). “Sobre os processos de exotização na imigração internacional brasileira”. *Revista de Antropologia*, 51(2), 699-73.
- Machado, I. (2009). *Cárcere Público. Processos de exotização entre brasileiros no Porto*. Lisbon: ICS.
- Machado Neto, V. (2010). *Monetização de aplicações web: estratégias e modelos atuais*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça.
- Maffesoli, M. (1987). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Maggie, Y. (1998). “Aqueles a quem foi negada a cor do dia: as categorias de cor e raça na cultura brasileira”. In M. Maio & R. Santos (Eds.), *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Centro Cultural Banco do Brasil.
- Magnani, J. G. C. (2002). “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), 11-29.
- Magnani, J. G. C. (2005). “Os circuitos dos jovens urbanos”. *Tempo Social*, 17(2), 173-205.
- Mai, N. (2014). “Surfing liquid modernity: Albanian and Romanian male sex workers in Europe”. In P. Aggleton & R. Parker (Eds.), *Men Who Sell Sex, Global Perspectives* (pp. 27-41). New York: Routledge.
- Mai, N., & King, R. (2009). “Love, sexuality and migration: mapping the issues”. *Mobilities*, 4(3), 295-307.
- Maia, S. (2007). “Performing seduction and national identity: Brazilian erotic dancers in New York”. In S. Alvarez & C. L. Costa (Eds.), *Translocalities*. Duke: University Press.
- Malheiros, J. (2007). *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Observatório da Imigração.
- Malighetti, R. (2004). “Etnografia e Trabalho de Campo: autor, autoridade e autorização de discursos”. *Caderno Pós Ciências Sociais*, 1(1).
- Malinowski, B. (1967). *A Diary in the Strict Sense of the Term*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Malinowski, B. (1987). *The Sexual Life of Savages*. Boston, MA: Beacon Press.
- Manita, C., & Oliveira, A. (2002). *Estudo de caracterização da prostituição de rua no Porto e Matosinhos*. Porto: CIDM.

- Mann, J. (1996). “Saúde pública e direitos humanos”. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 6(1-2), 135–145.
- Mårdh, P., & Genç, M. (1995). “Migratory prostitution with Emphasis on Europe”. *Journal of Travel Medicine*, 2(1), 28-32.
- Margarido, A. (2000). *A Luso-fonia e os Lusófonos: Novos Mitos Portugueses*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Marques, J. C., & Góis, P. (2015). “Processos de integração dos imigrantes brasileiros na sociedade portuguesa”. In J. Peixoto, B. Padilla, J. C. Marques, & P. Góis (Eds.), *Vagas Atlânticas – migrações entre Brasil e Portugal no início do Século XXI* (pp. 109-134). Lisboa: Mundos Sociais.
- Marques, J. F., & Lança, M. (2016). “Para além da vida quotidiana. Amor e sexualidade em contexto turístico: resultados preliminares de uma pesquisa exploratória no Algarve (Portugal)”. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, 6(2), 9–19.
- Marshall, P. A. (1991). “Research Ethics in Applied Medical Anthropology”. In C. E. Hill (Ed.), *Training Manual in Applied Medical Anthropology*. Washington, D.C.: American Anthropological Association.
- Martínez, A. I. F. (2000). “Traçando a Batalha: breve perfil da prostituição em espaços privados de Porto Alegre”. In A. I. F. Martínez & M. R. Benedetti (Eds.), *Na Batalha: Identidade, Sexualidade e Poder no Universo da Prostituição*. Porto Alegre: Dacasa Editora.
- Martínez, J., et al. (2022). “Monkeypox outbreak predominantly affecting men who have sex with men, Madrid, Spain, 26 April to 16 June 2022”. *Euro surveillance: bulletin European sur les maladies transmissibles = European communicable disease bulletin*, 27(27), 2200471.
- Mathews, P. W. (1987). “Some Preliminary Observations of Male Prostitution in Manila”. *Philippine Sociological Review*, 35(3/4), 55–74.
- Mauss, M. (2003). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naif.
- Maxwell, S., Shahmanesh, M., & Gafos, M. (2019). “Chemsex behaviours among men who have sex with men: A systematic review of the literature”. *The International journal on drug policy*, 63, 74–89.
- Mayer, I. H. (1995). “Minority stress and mental health in gay men”. *Journal of Health & Social Behaviour*, 36(1), 38-49.
- McKirnan, D. J., & Peterson, P. L. (1989). “Alcohol and Drug Use Among Homosexual Men and Women”. *Addictive Behaviors*, 14, 545–553.
- McClintock, A. (2010). *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Ed. Unicamp.

- Mead, M. (1949) [1928]. *Coming of Age in Samoa: A Psychological Study of Primitive Youth for Western Civilization*. New York: Mentor Books.
- Medrado, B. (1997). *O masculino na mídia: repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira* (Dissertação de Mestrado). PUC, São Paulo.
- Medrado, B., & Lyra, J. (2014). “Princípios ou simplesmente pontos de partida fundamentais para uma leitura feminista de gênero sobre os homens e as masculinidades”. In E. B. Alterman (Ed.), *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher* (pp. 55-74). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Mello, M. M. (2022). “Apresentação à edição brasileira”. In P. Stoller (2022) [1989]. *O gosto das coisas etnográficas. Os sentidos na antropologia* (pp. 9-21). Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições.
- Melo, M. P. P. (2015). *Masculinizar o trabalho sexual: percepções e vivências de trabalhadores do sexo homens acerca do comércio de sexo entre homens*. Dissertação (Mestrado Integrado de Psicologia). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Melo Junior, J. A. C. de C. (2020). “Edward Palmer Thompson e a ação coletiva: primeiras interpretações”. *Lutas Sociais*, 24(45), 337–353
- Merleau-Ponty, M. (2013). *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac Naify.
- Merrill, M. (2014). “A transformação maior: E. P. Thompson, economia moral, capitalismo”. *Revista História & Perspectivas*, (1), 313-330.
- Messerschmidt, J. W. (1997). *Crime as structured action: Gender, race, class, and crime in the making*. Thousand Oaks: Sage.
- Meyer, G., & Gerhardt, C. (2024). “Dos Intrépidos Gaúchos aos Responsáveis Homens de Camisa Azul: Moralidade, Sociabilidade e Hierarquia na Sociedade do Agronegócio”. *Dados*, 67(4), e20220080.
- Mileto, D., et al. (2022). “New challenges in human monkeypox outside Africa: a review and case report from Italy”. *Travel medicine and infectious disease*, 49, 102386.
- Miller, D. (2013). *Trecos, troços e coisas. Estudos antropológicos sobre cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Minichiello, V., Mariño, R., Browne, J., Jamieson, M., Peterson, K., Reuter, B., & Robinson, K. (1999). “A profile of the clients of male sex workers in three Australian cities”. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 23, 511-518.
- Minichiello, V., Scott, J., & Callander, D. (2013). “New pleasures and old dangers: reinventing male sex work”. *Journal of sex research*, 50(3-4), 263–275.
- Minton, H. (2002). *Departing from Deviance: A History of Homosexual Rights and Emancipatory Science in America*. Chicago: University of Chicago Press.

- Miranda, M. (2010). *Classificação de raça, cor e etnia: conceitos, terminologia e métodos utilizados nas ciências da saúde no Brasil, no período de 2000 a 2009*. (Dissertação de Mestrado). Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – ENSP.
- Misse, M. (2002). “Rio como bazar: a conversão da ilegalidade em mercadoria política”. *Insight Inteligência*, 3(5), 12-16.
- Mohammed, H., Were, J., King, C., Furegato, M., Nardone, A., Hughes, G., & GUMCADv3 Steering Group (2016). “Sexualised drug use in people attending sexual health clinics in England”. *Sexually transmitted infections*, 92(6), 454.
- Monteiro, N., & Jalali, C. (Eds.). (2022). *Um Novo Normal? Impactos e lições de dois anos de pandemia em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Monto, M. (2000). “Why men seek out prostitutes”. In R. Weitzer (Ed.), *Sex for sale: Prostitution, pornography and the sex industry*. New York: Routledge.
- Morales, E. S., & Graves, M. A. (1983). *Substance Abuse: Patterns and Barriers to Treatment for Gay Men and Lesbians in San Francisco*. San Francisco: Department of Public Health.
- Moreira, L. (2023). “Mavambo”. In M. L. Silva & G. V. Sanabria (Eds.), *Glossário de (des)identidades sexuais*. Salvador: EdUFBA.
- Munanga, K. (2003). “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”. *Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ*.
- Muñoz, J. E. (1999). *Disidentifications: Queers of Color and the Performance of Politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Mutti, M. (1978). *Maculelê*. Salvador: SMEC Salvador.
- Nardi, P. M. (1982). “Alcoholism and Homosexuality: A Theoretical Perspective”. *Journal of Homosexuality*, 7(4), 9–25.
- Nascimento, M. (2014). “Masculinidade, juventude e violência contra a mulher: articulando saberes, práticas e políticas”. In E. B. Alterman (Org.), *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher* (pp. 211–224). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Nascimento, C. G. do. (2014). “Trajetórias de um conceito: a economia moral dos pobres”. *Raízes: Revista De Ciências Sociais E Econômicas*, 33(2), 10–28.
- Navarro, P. P. (2012). “Parodias de la parodia en Martha Nussbaum y Celia Amorós”. In P. Soley-Beltran & L. Sabsay (Eds.), *Judith Butler en disputa – lecturas sobre la performatividade* (pp. 27–58). Barcelona, Madrid: Egaes.
- Neto, V. V. G. (2008). *Na pegação: encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói.

- Neto, E. N. S. (2009). *Entre boys e frangos: uma análise das performances de gênero dos homens que se prostituem no Recife*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife..
- Newton, E. (1993). “My Best Informant’s Dress: The Erotic Equation in Fieldwork”. *Cultural Anthropology*, 8(1), 3–23.
- Noell, J., & Ochs, L. (2001). “Relationship of Sexual Orientation to Substance Use, Suicidal Ideation, Suicide Attempts, and Other Factors in a Population of Homosexual Adolescents”. *Journal of Adolescent Health*, July, 29(1), 31–6.
- Oliveira, A. (2004). *As Vendedoras de Ilusões: Estudo sobre prostituição, alterne e strip-tease*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Oliveira, S. P. (2004). “Sem lenço, sem documento: brasileiros não-documentados em Portugal”. In I. J. R. Machado (Ed.), *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal* (pp. 131–168). São Carlos-SP: EdUFSCAR.
- Oliveira, A. (2011). *Andar na Vida: Prostituição de Rua e Reacção Social*. Coimbra: Almedina.
- Oliveira, A. (2013). *Da prostituição de apartamento na cidade de Lisboa: Características e significados*. Porto: GAT.
- Oliveira, E. A. (2023). “O lugar do corpo (e para além dele) na trajetória de um antropólogo na(s) fronteira(s)”. In M. F. L. Farias & C. N. Sathler (Eds.), *Sob a proteção das Deusas Clio, Gaia, Atena e Psiquê: a Faculdade de Ciências Humanas da UFGD em narrativas*. São Carlos-SP: Pedro&João Editores.
- Organização Mundial do Turismo. (2020). *World Tourism Barometer*, 18(1). Madrid, UNWTO.
- Ortner, S. (2007). “Poder e projetos: reflexões sobre a agência”. In M. P. Grossi, C. Eckert, & P. H. Fry (Eds.), *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Blumenau: Editora Nova Letra.
- Padilla, B. (2007a). “A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise”. In J. M. Malheiros (Ed.), *Imigração brasileira em Portugal* (pp. 113–134). Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI).
- Padilla, B. (2007b). “Acordos bilaterais e legalização: o impacte na integração dos imigrantes brasileiros em Portugal”. In J. M. Malheiros (Ed.), *Imigração brasileira em Portugal* (pp. 217–226). Lisboa: Observatório da Imigração.
- Padovani, N. C. (2023). “Entre mulas e vítimas de máfias do crime organizado: uma genealogia de discursos e de leis no Brasil”. In A. G. Piscitelli & L. Lowenkron (Eds.), *Tráfico de pessoas e contrabando de migrantes: entre leis, políticas e experiências* (pp. 409–442). Campinas-SP: Núcleo de Estudos de Gênero PAGU.

- Pais, J. M. (1985). *A prostituição e a Lisboa boémia do século XIX aos inícios do século XX*. Lisboa: Quercó.
- Park, R. (1967). “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In O. Velho (Ed.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Parker, R. (1991). *Bodies, pleasures and passions: sexual culture in contemporary Brazil*. Boston: Beacon Press.
- Parreñas, R. S. (2001). *Servants of Globalization: Women, Migration, and Domestic Work*. Stanford: Stanford University Press.
- Pascom, A. R. P., et al. (2022). “Características epidemiológicas e clínicas dos casos de monkeypox no Brasil em 2022: estudo transversal”. *Epidemiologia E Serviços De Saúde*, 31(3), e2022851.
- Passamani, G. R. (2015). “O casamento como ‘armário’: histórias de um homem com conduta homossexual no Pantanal de Mato Grosso do Sul”. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 0(21), 111–135.
- Passamani, G. R. (2018). *Batalha de Confete: envelhecimento, condutas homossexuais e regimes de visibilidade no Pantanal-MS*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.
- Passamani, G. R., Lopes, T. B. de O., & Rosa, M. V. da. (2019). “Prostituição masculina no Brasil: o panorama da produção teórica”. *Revista De Antropologia*, 62(2), 432–458.
- Passamani, G., Rosa, M. V., & Lopes, T. B. O. (2020). “Sutilezas e ‘escadas da moralidade’ nas saunas de Campo Grande-MS”. *Estudos Feministas*, 28(1), 1–28.
- Passamani, G. R., Rosa, M. V. da, & Lopes, T. B. de O. (2020a). “Prostituição masculina e intersecções desejantes nas ruas de Campo Grande (MS)”. *Revista Brasileira De Ciências Sociais*, 35(103), e3510303.
- Passamani, G. R., Marques, R., & Efrem Filho, R. (2022). “A itinerância do desejo: modos de subjetivação e territorialidades em diálogo com Néstor Perlongher”. *Cadernos Pagu*, (66), e226606.
- Passamani, G. R., Rosa, M. V., & Alaman, J. S. (2022a). “Escorts brasileiros em Lisboa: trânsitos, desejos e negociações nas economias sexuais em contextos transnacionais”. *Análise Social*, 57(243), 256–279.
- Peixoto, J., & Figueiredo, A. (2006). “Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal”. In I. Machado (Org.), *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal* (pp. 43–80). São Carlos-SP: EdUFSCar.
- Pelúcio, L. (2009). *Abjeção e desejo. Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume.

- Pereira, H. (2008). “Homens que vendem sexo em Portugal”. *Comunicação apresentada no VI Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, Portugal. Recuperado de <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/795.pdf>
- Pereira, G. G. (2015). *Entre o partir e o chegar: Os trabalhadores rurais migrantes em Matão/SP*. (Dissertação de Mestrado em Demografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: UNICAMP.
- Pereira, F. (2021). “Esperança de vida em Portugal segundo o nível de escolaridade”. *Configurações*, 27, 57–73.
- Perkins, R., & Bennett, G. (1985). *Being a Prostitute: Prostitute Women and Prostitute Men*. Sidney: Allen & Unwin.
- Perlongher, N. (1985). *O contrato da prostituição viril*. Arquivo Brasileiro de Psicologia: Rio de Janeiro.
- Perlongher, N. (1987). *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense.
- Pessoa, A. A. (1887). *Os bons e velhos tempos da prostituição em Portugal*. Lisboa: Arcádia.
- Pessoa, E. (2020). *Encarnando a Europeia: Biografias Corporais, (i)Mobilidades e Subjetividades de Trabalhadoras do Sexo Trans e Travestis em Lisboa*. Tese de Doutorado. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais: Universidade de Lisboa.
- Pieper, R. (1979). “Identity Management in Adolescent Male Prostitution in West Germany”. *International Review of Modern Sociology*, 9(2), 239–259.
- Pilão, A. C. (2012). *Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Pinel, H. (2003). *Educadores da Noite: Educação especial de rua, prostituição masculina e prevenção às DST/AIDS*. Belo Horizonte: Nuex-PSI Editorial.
- Pinheiro, T. F. (2015). *Camisinha, homoerotismo e os discursos da prevenção de HIV/AIDS*. (Tese de doutorado). Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pinho, O. (2004). “Qual é a identidade do homem negro?” *Democracia viva*, 22, 64–69.
- Pinho, F. (2007). “A imprensa na construção do processo migratório: a constituição de Portugal como destino plausível da emigração brasileira”. In J. Malheiros (Org.), *Imigração brasileira em Portugal* (pp. 59–86). Lisboa: Observatório da Imigração.
- Pinho, A. F. A. (2012). *Transformações na Emigração Brasileira para Portugal - De Profissionais a Trabalhadores*. (Tese de doutoramento). ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.
- Piscitelli, A. (2001). “Intercâmbios econômicos, sexuais e afetivos transnacionais: brasileiras nos mercados globais do sexo”. *Paper presented at the IV Congreso de la Rede Internacional de Migración y Desarrollo, Ecuador*.

- Piscitelli, A. (2004). “O tráfico do desejo: interseccionalidades no marco do turismo sexual no Nordeste do Brasil”. *Quaderns-e de l'Institut Català d'Antropologia*, (04/b).
- Piscitelli, A. (2007). “Corporalidades em confronto: gênero e nacionalidade no marco da indústria transnacional do sexo”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22(64), 17–33.
- Piscitelli, A. (2008). “Entre as máfias e a ajuda, a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas”. *Cadernos Pagu*, (31), 29–63.
- Piscitelli, A. (2011). “Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais”. In A. Piscitelli, G. Assis, & J. M. Olivar (Eds.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp. 537–582). Campinas: Coleção Encontros.
- Piscitelli, A. (2013). *Trânsitos: Brasileiras nos Mercados Transnacionais do Sexo*. Rio de Janeiro: EDUERJ/CLAM.
- Piscitelli, A. (2016). “Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas – novas questões conceituais”. *Cadernos Pagu*, 47, e16475.
- Piscitelli, A. (2023). “Conflitos sociais, tráfico de pessoas e economias sexuais no contexto da construção da hidrelétrica de Belo Monte, na Amazônia brasileira”. In A. G. Piscitelli & L. Lowenkron (Eds.), *Tráfico de pessoas e contrabando de migrantes: entre leis, políticas e experiências* (pp. 195–212). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero PAGU.
- Pocahy, F. (2012). “‘Vem meu menino, deixa eu causar inveja’: ressignificações de si nas transas do sexo tarifado”. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, (11), 122-154.
- Pontes, L. (2004). “Mulheres brasileiras na mídia portuguesa”. *Cadernos Pagu*, 23, 229-257.
- Pratt, M. L. (1986). “Fieldwork in Common Places”. In James Clifford and George E. Marcus (eds) *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley, Calif.: University of California Press.
- Preciado, P. B. (2010a). *Pornotopía. Arquitectura y sexualidad en “Playboy” durante la guerra fría*. Barcelona: Anagrama.
- Preciado, P. B. (2010b). “La sexualidad es como las lenguas. Todos podemos aprender varias. Entrevista [concedida a Luz Sánchez-Mellado]”, *EL País*. Madrid, 13 jun. 2010. Recuperado de https://elpais.com/diario/2010/06/13/eps/1276410414_850215.html
- Preciado, P. (2018). *Texto junkie. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 Edições.
- Preciado, P. (2020). “Aprendiendo del vírus”. In P. Amadeo (Ed.), *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 163-185.

- Prestage, G., et al. (2014). “Sex workers and their clients among Australian gay and bisexual men”. *AIDS and behavior*, 18(7), 1293–1301.
- Queiroz, A. A. F. L. N., Sousa, A. F. L., Brignol, S., Araújo, T. M. E., & Reis, R. K. (2019). “Vulnerability to HIV among older men who have sex with men users of dating apps in Brazil”. *The Brazilian journal of infectious diseases: an official publication of the Brazilian Society of Infectious Diseases*, 23(5), 298–306.
- Quijano, A. (1992). “Colonialidad y Modernidad/Racionalidad”. *Perú Indígena*, 13(29), 11-20.
- Rabinow, P. (1977). *Reflections on Fieldwork in Morocco*. Berkeley, Calif: University of California Press.
- Rabossi, F. (2011). “Negociações, associações e monopólios: a política da rua em Ciudad del Este (Paraguai)”. *Etnográfica* (Lisboa), 15: 83–107.
- Rachels, J., & Rachels, S. (2013). *Os elementos da filosofia moral*. Porto Alegre: AMGH.
- Radde, A. (2014). *Entre prazer e necessidade, o discurso do corpo na prostituição masculina*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Ramalho, N. (2019). “*Virar Travesti*”: trajetórias de vida, prostituição e vulnerabilidade Social. (Tese de doutorado). Escola de Sociologia e Políticas Públicas, ISCTE-IUL.
- Remafedi, G. (1987). “Adolescent Homosexuality: Psychosocial and Medical Implications”. *Pediatrics*, 79, 331–337.
- Rémy, J., & Voyé, L. (1994). *A cidade: rumo a uma nova definição*. Lisboa: Afrontamento.
- Ribeiro, M. A. (1997). “Prostituição de rua e turismo: a procura do prazer na cidade do Rio de Janeiro”. In A. A. B. Rodrigues (Org.), *Turismo. Modernidade. Globalização*. São Paulo: Hucitec.
- Ribeiro, M., et al. (2008). *Vidas na Raia: Prostituição Feminina em Regiões de Fronteira*. Porto: Afrontamento.
- Ribeiro, A. A. M. (2010). “No meio e misturado: o moreno como identificação de cor entre estudantes de uma escola pública”. *Conjectura: Filosofia e Educação*, 15(1), 67-77.
- Ridder-Wiskerke, M., & Aggleton, P. (2015). “Lifestyle, work or easy Money? Male sex work in the Netherlands today”. In P. Aggleton & R. Parker (Eds.), *Men Who Sell Sex: Global Perspectives* (pp. 15-26). London: Routledge.
- Rojo, L. F. (2005). “Rompendo tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo”. *Cadernos De Campo* (São Paulo - 1991), 12(12), 41-56.
- Romani, O. (1999). *Las drogas: sueños y razones*. Barcelona: Ed. Airel.
- Rossi, P. (2007). “Remessas de imigrantes: estudo de caso de brasileiros em Portugal”. In J. M. Malheiros (Ed.), *Imigração brasileira em Portugal* (pp. 135-154). Lisboa: ACIDI.

- Rotheram-Borus, M. J., Rosario, M., & Koopman, C. (1991). "Minority Youths at High Risk: Gay Males and Runaways". In M. E. Colten & S. Gore (Eds.), *Adolescent Stress: Causes and Consequences* (pp. 181-200). New York: Aldine.
- Rui, T., et al. (2021). "Antropologia e pandemia: escalas e conceitos". *Horizontes Antropológicos*, 27(59), 27-47.
- Sacramento, O., & Ribeiro, F. (2014). "Trópicos sensuais: a construção do Brasil como geografia desejada". *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 7(10).
- Sacramento, O. (2016). "Turismo e Transnacionalização da Intimidade nos Trópicos Globais". *Revista Turismo Em Análise*, 27(2), 256-273.
- Sacramento, O. (2019). "Metáforas térmicas: turistas europeus no Nordeste brasileiro narrando a intimidade". *Etnográfica*, 23(2).
- Sacramento, O. (2022). "Do Protocolo de Palermo à compaixão-repressão: indefinições, vieses e idealizações da hegemonia antitráfico". *Revista Criminalidad*, 64(2), 9-22.
- Saldanha, R. (2010). *Classificados e o sexo: Anúncios de prostituição masculina em SC (1986 - 2005)*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Sales, A. P. L. (2013). "Amor à venda? Ritualizações do programa entre as prostitutas do restaurante Granada". *Etnográfica*, 17(1).
- Sanders, T. (2005). "'It's just acting: Sex workers' strategies for capitalizing on sexuality". *Gender, Work and Organization*, 12(4), 319-342.
- Sanders, T. (2008). *Paying for pleasure: Men who buy sex*. London: Willan.
- Sansone, L. (2003). *Negritude sem etnicidade. O local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Pallas: Edufba.
- Santos, M. A. dos. (2011). "Prostituição masculina e vulnerabilidade às dsts/aids". *Texto & Contexto - Enfermagem*, 20(1), 76-84.
- Santos, É. (2012). *Amores, vapores e dinheiro- masculinidades, homossexualidades nas saunas de michês em São Paulo* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Santos, M. L. (2013). *Da batalha na calçada ao circuito do prazer: um estudo sobre prostituição masculina no centro de Fortaleza* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Santos, D. K. (2016). *Homens no mercado do sexo: fluxos, territórios e subjetivações*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Santos, A. P. (2016). *Análise da mobilidade urbana da cidade de Palmas (TO)*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Taubaté.

- Santos, V. S. (2020). *O Bairro 2 de Julho, centro antigo de Salvador-BA: a dinâmica dos conflitos em torno do espaço urbano*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Santos, É. N., & Pereira, P. P. G.. (2016). “Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo”. *Revista Estudos Feministas*, 24(1), 133–154.
- Santos, F. G. V. dos. (2019). *Uniformizados pela pele, travestidos pelo desejo: a criação de um “novo mundo” a partir das orgias barebacking do “Rei Sol”*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Santos, R. C. S. (2021). *Segredos de corpos nus. Masculinidades, corpolatria e significados da prostituição entre garotos de programa de luxo*. Salvador: Devires.
- Sayad, A. (2000). “O retorno: Elemento constitutivo da condição do imigrante”. *Travessia - Revista Do Migrante*, (Especial), 7–10.
- Schaper, U., Beljan, M., Eitler, P., et al. (2018). “Sexotic: the interplay between sexualization and exoticization”. *Sexualities*, 23(1-2), 114-126.
- Schiller, N., Basch, L., & Blanc, C. (1995). “From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration”. *Anthropological Quarterly*, 68(1), 48-63.
- Schucman, L. V. (2014). ““Sim, nós somos racistas”: estudo psicossocial da branquitude em São Paulo”. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 83-94.
- Schwarcz, L. M. (2012). “Do preto, do branco e do amarelo: sobre o mito nacional de um Brasil (bem) mestiçado”. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 48-55.
- Scott, J. C. (1976). *The Moral Economy of the Peasant. Rebellion and subsistence in southeast Asia*. New Haven: Yale University Press.
- Scott, J. (2003). “A Prostitute’s progress: male prostitution in scientific discourse”. *Social Semiotics*, 13(2), 179–199.
- Scott, J., et al. (2005). “Understanding the New Context of the Male Sex Work Industry”. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(3), 320–342.
- Scott, J. (2020). “Masculinities and sex workers”. In T. Shefer (Ed.), *Routledge international handbook of masculinity studies* (pp. 272-280). Routledge.
- Segata, J. (2020). “Covid-19, biossegurança e antropologia”. *Horizontes Antropológicos*, 26(57), 275–313.
- Segata, J., et al. (2021). “A Covid-19 e suas múltiplas pandemias”. *Horizontes Antropológicos*, 27(59), 7–25.
- Sewell, J., Cambiano, V., Miltz, A., Speakman, A., Lampe, F. C., Phillips, A., Stuart, D., Gilson, R., Asboe, D., Nwokolo, N., Clarke, A., Hart, G., & Rodger, A. (2018). “Changes in recreational drug use, drug use associated with chemsex, and HIV-related behaviours,

- among HIV-negative men who have sex with men in London and Brighton, 2013-2016”. *Sexually transmitted infections*, 94(7), 494–501.
- Sewell, J., Cambiano, V., Speakman, A., Lampe, F. C., Phillips, A., Stuart, D., Gilson, R., Asboe, D., Nwokolo, N., Clarke, A., & Rodger, A. J. (2019). “Changes in chemsex and sexual behaviour over time, among a cohort of MSM in London and Brighton: Findings from the AURAH2 study”. *The International journal on drug policy*, 68, 54–61.
- Shelley, L. (2010). *Human Trafficking: A Global Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sillitoe, P. (2012). “From Participant-Observation to Participant-Collaboration: Some Observations on Participant-cum-Collaboration Approaches”. In R. Fardon et al. (eds.), *The Sage Handbook of Social Anthropology* (Vol. 2, pp. 183-200). Thousand Oaks: Sage.
- Silva, J. F. B. da (2005). “Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário”. In J. N. Green & R. Trindade (Orgs.), *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos* (pp. xx-xx). São Paulo: EDUNESP.
- Silva, L. A. C. (2011). *Prostituição e (des) construção da imagem dos espaços turísticos da orla de Atalaia – SE*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE.
- Silva, J. M. (2011). “Prostituição masculina: um destino pulsional?” *Polêm!ca– Revista Eletrônica*, 10(1), 161-181.
- Silva, K. M. (2020). “Interpretando o Divino Pai Eterno em Trindade”. *Revista Mosaico - Revista De História*, 13(1), 67–75.
- Silva, A. P., & Blanchette, T. (2005). “‘Nossa Senhora da Help’: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana”. *Cadernos Pagu*, (25), 249–280.
- Silva, S., & Schiltz, A. (2007). “A relação entre os imigrantes brasileiros e os Portugueses – a construção de imagens recíprocas”. In J. M. Malheiros (Ed.), *Imigração brasileira em Portugal* (pp. 155-170). Lisboa: ACIDI.
- Silvano, F. (2017). *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Documenta.
- Simmel, G. (1990). “Digressions sur l’etrange”r. In Y. Grafmeyer & I. Joseph (Orgs.), *L’école de Chicago* (pp. 53-59). Paris: Aubier.
- Simmel, G. (2001). *Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes.
- Simões, J. A. (2016). “O Brasil é um paraíso sexual - para quem?” *Cadernos Pagu*, (47).
- Siqueira, S. (2009). *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno. Brasil/ Estados Unidos*. Belo Horizonte: Argvmentvm.

- Siqueira, S. (2011). “Imigração de retorno na perspectiva de gênero”. In A. G. Piscitelli, G. O. Assis, & J. M. N. Olivar (Orgs.), *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp. 435-460). Campinas, SP: UNICAMP/PAGU.
- Smith, M. D., & Seal, D. W. (2007). “Sexual Behavior, Mental Health, Substance Use, and HIV Risk Among Agency-Based Male Escorts in a Small U.S. City.” *International Journal of Sexual Health*, 19(4), 26-39.
- Soares, W. (1995). *Emigrantes e Investidores: Redefinindo a Dinâmica Imobiliária na Economia Valadarense*. (Dissertação de mestrado). IPPUR/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Solé, C., Parella, S., & Cavalcanti, L. (Coords.). (2008). “Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones”. *Documentos del Observatorio Permanente de la inmigración n. 19*. Madrid: MTI.
- Sontag, S. (1984). *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Graal.
- Sousa, A. F. L. de, Queiroz, A. A. F. L. N., Lima, S. V. M. A., Almeida, P. D., Oliveira, L. B. de, Chone, J. S., ... & Fronteira, I. (2020). “Prática de chemsex entre homens que fazem sexo com homens (HSH) durante período de isolamento social por COVID-19: pesquisa online multicêntrica”. *Cadernos De Saúde Pública*, 36(12), e00202420.
- Sousa, A. F. L., Camargo, E. L. S., & Mendes, I. A. C. (2023). “Chemsex and its repercussions on the health of men who have sex with men (MSM): a global health perspective”. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 76(3), e20230004.
- Souza, J. (2010). *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Souza Neto, E. N. de. (2009). *Entre Boys e Frangos: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós Graduação em Psicologia, UFPE, Recife.
- Spivak, G. (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Stall, R., & Wiley, J. (1988). “A Comparison of Alcohol and Drug Use Patterns of Homosexual and Heterosexual Men”. *Drug and Alcohol Dependence*, 33, 63–73.
- Stoller, P. (2022) [1989]. *O gosto das coisas etnográficas. Os sentidos na antropologia*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições.
- Straw, W. (1991). “Systems of articulation, logics of change: communities and scenes in popular music”. *Cultural Studies*, 5(3), 368-388.
- Stuart, D. (2013). “Sexualised drug use by MSM: background, current status, and response”. *HIV Nursing*, 13, 6–10.
- Stuart, D. (2015). “Cultural competency for clinicians: ChemSex and coinfection”. *Future Virology*, 10(4), 347–349.

- Stuart, D., & Weymann, J. (2015). "Chemsex and care planning: one year in practice". *HIV Nursing*, 15, 24–28.
- Tan, R. K. J., Wong, C. M., Chen, M. I., Chan, Y. Y., Bin Ibrahim, M. A., Lim, O. Z., & Choong, B. C. H. (2018). "Chemsex among gay, bisexual, and other men who have sex with men in Singapore and the challenges ahead: A qualitative study". *The International journal on drug policy*, 61, 31–37.
- Tedlock, B. (1991). "From Participant Observation to the Observation of Participation: The Emergence of Narrative Ethnography". *Journal of Anthropological Research*, 47(1), 69–93.
- Teixeira, A. E. (2011). "Representação sobre a atividade de garotos de programa em Belo Horizonte (MG): emprego, trabalho ou profissão?" In *XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, 11. Bahia.
- Tesksbury, R., & Lapsey, D. (2016). "It's More than Just a Big Dick: Desires, Experiences, and How Male Escorts Satisfy Their Customers". *Deviant Behavior*, 1-10.
- Tesksbury, R., & Lapsey, D. (2017). "Male Escorts Construction of the Boyfriend Experience: How Escorts Please Their Clients". *International Journal of Sexual Health*, 1-11.
- Thompson, E. P. (1963). *The making of the English working class*. New York: Vintage.
- Thompson, E. P. (1971). "The moral economy of the English crowd in the eighteenth century". *Past & Present*, 50, 76-136.
- Thompson, E. P. (1991). *The moral economy reviewed*. In: *Customs in common*. London: The Merlin Press, 259-351.
- Togni, P. C. (2011). "Que 'brasileiras/os' Portugal produz? Representações sobre gênero, amor e sexo". In A. Piscitelli, G. Assis, & J. M. N. Olivar (Eds.), *Gênero Sexo e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Unicamp/Pagu, 385-434.
- Togni, P. (2019). *A Europa é o Cacém: Mobilidades, Género e Sexualidade nos Deslocamentos de Jovens Brasileiros para Portugal*. Lisboa: Etnográfica Press.
- Torres, T. S., Bastos, L. S., Kamel, L., Bezerra, D. R. B., Fernandes, N. M., Moreira, R. I., Garner, A., Veloso, V. G., Grinsztejn, B., & De Boni, R. B. (2020). "Do men who have sex with men who report alcohol and illicit drug use before/during sex (chemsex) present moderate/high risk for substance use disorders?" *Drug and alcohol dependence*, 209, 107908.
- Trevisan, J. S. (2000). *Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record.
- Uzêda, E. (1999, August 28). "Largo 2 de Julho guarda a história". *A TARDE. Caderno local*, [não paginado].

- Vainfas, R. (1988). *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus.
- Vainfas, R. (1997). “Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista”. In F. Novais & L. Souza (Orgs.), *História da vida privada no Brasil 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 221-273.
- Vale de Almeida, M. (1995). *Senhores de si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Etnográfica Books.
- Vale de Almeida, M. (1996). ‘Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso no sul de Portugal’. *Anuário Antropológico/95*, 161-189.
- Vale de Almeida, M. (2000). *Um Mar da Cor da Terra: Raça, Cultura e Política da Identidade*. Oeiras: Celta.
- Vale de Almeida, M. (2002). “O Atlântico Pardo: antropologia, pós colonialism e o caso ‘lusófono’”. In C. Bastos, M. Vale de Almeida, & B. Feldman-Bianco (Orgs.), *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: ICS.
- Vale de Almeida, M. (2004). *Outros destinos. Ensaios de Antropologia e Cidadania*. Porto, Portugal: Campo das Letras.
- Valls, A. L. M. (2008). *O que é ética*. São Paulo: Brasiliense.
- Van der Poel, S. (1992). “Professional male prostitution: A neglected phenomenon”. *Crime Law Soc Change*, 18, 259–275.
- Vargas, E. V. (2001). *Entre a extensão e a intensidade: corporalidade, subjetivação e uso de “drogas”*. (Tese de doutorado). Ciências Humanas: Sociologia e Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Velho, G. (1989). *A utopia urbana: um estudo de Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Velho, G. (1994). *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Velho, G. (1998). *Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: FGV.
- Viana, N. J. (2010). “É tudo psicológico dinheiro... pruuu! fica logo duro”: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Wade, P. (1993). “Sexuality and Masculinity among Columbian Blacks”. In D. Bell, P. Caplan, & W. J. Karim (Eds.), *Gendered Fields: Women, Men and Ethnography*. London and New York: Routledge.

- Waldorf, D., et al. (1990). "Needle sharing among male prostitutes: Preliminary findings of the Prospero Project". *Journal of Drug Issues*, 20(2), 309-34.
- Ward, T., et al. (2022). "Transmission dynamics of monkeypox in the United Kingdom: contact tracing study". *BMJ*, 2022, e073153.
- Weatherburn, P., Hickson, F., Reid, D., Torres-Rueda, S., & Bourne, A. (2017). "Motivations and values associated with combining sex and illicit drugs ('chemsex') among gay men in South London: findings from a qualitative study". *Sexually Transmitted Infections*, 93(3), 203–206.
- Weber, M. (1999). *Economia e Sociedade*. Brasília: EdUnB.
- Weitzer, R. (2000). "Why we need more research on sex work". In R. Weitzer (Ed.), *Sex for sale: Prostitution, pornography and the sex industry*. New York: Routledge, 1-16.
- Weitzer, R. (2011). *Male Prostitution*. London: The Routledge.
- Wengle, J. L. (1988). *Ethnographers in the Field: The Psychology of Research*. Tuscaloosa, AL: University of Alabama Press.
- Whitehead, T. L., & Conaway, M. E. (Eds.). (1986). *Self, Sex and Gender in Cross Cultural Fieldwork*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press.
- Whovell, M. (2010). "Male Sex Work: Exploring Regulation in England and Wales". *Journal of Law and Society*, 37(1), 125-144.
- Wilcox, A., & Christmann, K. (2006). *Sex for sale: qualitative study of male sex workers. Project Report*. University of Huddersfield, Huddersfield, UK (Unpublished).
- Wirth, L. (1973). "O urbanismo como modo de vida". In O. Velho (Org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Willson, M. (1995). "Afterword Perspective and difference: sexualization, the field, and the ethnographer". In D. Kulick & M. Willson (Eds.), *Taboo – Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London and New York: Routledge, 251-275.
- Zago, L. F. (2015). "Convites e tocaias: considerações ético-metodológicas sobre pesquisas em sites de relacionamento". In L. Pelúcio, H. Pait, & T. Sabatine (Eds.), *No emaranhado da rede. Gênero, sexualidade e mídia: desafios teóricos e metodológicos do presente*. São Paulo: Annablume, 149-173.
- Zaluar, A. (1985). *A máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense.